



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

de coimbra
universidade
alta e sofia
textos gerais

of coimbra
university
alta and sofia
general texts

Coordenação geral
General Editors

Fernando Seabra Santos (2003 – 2011)
João Gabriel Silva (2011 – actualidade)
Reitores da Universidade de Coimbra
Rectors of the University of Coimbra

Clara Almeida Santos (2011 – actualidade)
Vice-reitora da Universidade de Coimbra
Vice Rector of the University of Coimbra

Henrique Madeira (2011 – actualidade)
Vice-reitor da Universidade de Coimbra
Vice Rector of the University of Coimbra

José António Raimundo Mendes da Silva (2003 – 2011)
Pró-reitor da Universidade de Coimbra
Assistant Rector of the University of Coimbra

António Filipe Pimentel (2007 – 2009)
Pró-reitor da Universidade de Coimbra
Assistant Rector of the University of Coimbra

João Gouveia Monteiro (2003 – 2007)
Pró-reitor da Universidade de Coimbra
Assistant Rector of the University of Coimbra

Coordenação executiva e coordenação da candidatura
Executive Editor and Coordinator of Nomination

Nuno Ribeiro Lopes

Comissão científica
Scientific Committee

Alexandre Alves Costa | **Aníbal Pinto de Castro** |
António Filipe Pimentel | **António Rosmaninho Rolo** |
Arsélio Pato de Carvalho | **Boaventura de Sousa Santos** |
Carlos Fortuna | **Carlos Fiolhais** | **Clarinda Maia** |
Cláudio Torres | **Fernando Rebelo** |
Fernando Taveira da Fonseca | **Gonçalo Byrne** |
Helena Catarino | **Helena Freitas** |
Joaquim Gomes Canotilho | **Jorge Alarcão** | **Jorge Cravo** |
Jorge Custódio | **José António Bandeirinha** |
José Manuel Pureza | **José Nascimento da Costa** |
Luís Reis Torgal | **Maria José Azevedo Santos** |
Matilde Sousa Franco | **Paulo da Gama Mota** |
Paulo Pereira | **Rui de Alarcão** | **Teresa Veloso** |
Vítor Abrantes | **Walter Rossa**

Índice

Table of Contents

Enquadramento Context	5
História da Universidade de Coimbra History of the University of Coimbra	7
A Cidade da Universidade de Coimbra The City of the University of Coimbra	151
Tradições Académicas Academic Traditions	175
Produção e expansão científica, cultural e da língua Production and Expansion in Science, Culture and Language	235
Ficha Técnica Copyright Information	340





Enquadramento

Context

A quantidade de informação disponível sobre a Universidade de Coimbra é naturalmente grande, assume diferentes formas e cobre quase a totalidade das áreas que interessam a um dossiê de candidatura. Durante o período de trabalho do Gabinete de Candidatura à Unesco, o mesmo foi assessorado por uma Comissão Científica de diferentes especialistas e de diferentes áreas, que produziram textos de conhecimento e informação e onde procuraram transmitir de forma sucinta e sistematizada a história da Universidade de Coimbra nos seus múltiplos registos.

Para coordenar esta produção de conhecimento e a sua interligação com aquele Gabinete, foi convidado um grupo restrito de personalidades na área da História e História de Arte que coligiram aquela informação, supriram lacunas e, adaptando-a aos quesitos da candidatura, procuraram sintetizá-la em textos de dimensão compaginável com o prescrito nas *guidelines*.

A complexidade e a dimensão alargada do período abrangido pela história da Universidade de Coimbra transformaram numa tarefa difícil e eventualmente redutora este desafio. Para suprir essa dificuldade e permitir uma maior compreensão da contextualização dos factos e da sobreposição cronológica da informação, foram coligidos neste volume, textos mais desenvolvidos e que permitirão, cremos, uma melhor percepção sobre o Bem.

The amount of information available about the University of Coimbra is naturally large and varied, and covers nearly all the areas that are relevant for a nomination file. During the period of its preparation, the Unesco Nomination Office was assisted by a Scientific Commission composed of experts from different fields, who produced texts that seek to convey the history of the University of Coimbra in its multiple aspects in a concise and systematic manner.

In order to coordinate this work of knowledge production and ensure its link to the Nomination Office, a small group of experts in History and Art History was invited to gather together the above-mentioned information, to fill existing gaps and to adapt it to the requirements of the nomination by condensing it into texts of an adequate length, according to the guidelines provided.

The extensive period of time involved and the complexity of the history of the University of Coimbra constituted a challenge that made this task difficult and possibly reductive. In order to overcome this difficulty and to make the contextualization of facts and the chronological overlapping of information clearer, this volume presents more extensive texts that we believe will enable a better understanding of the Property.

história da universidade
de coimbra

history of the university
of coimbra





Das Origens a 1527: o Tempo Matricial From Earliest Times to 1527: the Origins

A Universidade de Coimbra é, em todo o mundo, a única universidade que habita num palácio: o antigo Paço Real da Alcáçova (hoje Paço das Escolas), onde se alojaria definitivamente em 1537 e que persiste albergando os seus órgãos de governo central, uma das faculdades escolares e a sua vida simbólica e representativa. Assim, no momento de começar a traçar a sua história e a do património em que, no decurso dos séculos, se materializaria — no centro do qual precisamente avulta o Paço das Escolas —, impõe-se elucidar o complexo conjunto de razões que justificariam a construção e sucessiva modelação desse edifício. Justamente por com elas se prenderem as coordenadas de uma centralidade estratégica que a cidade, pouco a pouco, adquiriria e na qual radica, por seu turno, uma centralidade cultural que haveria de afirmar-se em solidariedade com a própria formação de Portugal, como estado e nação. E que, a prazo, justificaria a vocação universitária da urbe.

O tempo remoto da colina universitária – de *Aeminium* a Emínio

Coimbra é uma cidade antiga e tudo o que lhe diz respeito parece ter tendência a inscrever-se na dimensão do tempo longo. Aqui e além, com efeito,

The University of Coimbra is the only university in the world that is housed in a palace – the former Royal Palace of the Alcáçova [fortress] (now the *Paço das Escolas* or Palace of the Schools), where it finally settled in 1537. It is still the seat of the University's governing bodies and of one of its faculties, and its representative and symbolic centre. Thus, when setting out to trace the history of the University and of the material heritage which it has built up over the centuries – with the *Paço das Escolas* at its heart – we need to explain the complex motives for the construction and successive rebuilding of the Palace. For it is exactly because of these motives that the city gradually gained strategic centrality, and this became, in turn, a cultural centrality which developed with the formation of Portugal itself, as a state and nation. This, in time, justified the vocation of Coimbra as a university city.

The University Hill in Earliest Time: From *Aeminium* to Emínio

Coimbra is an ancient city, and it seems that everything about it tends to fit into a long-time scale. In various places, archaeological excavation has revealed signs of Neolithic occupation of the hill where the University was later sited. But we can





Vista de Coimbra, 1599, publicada por Georg Braun, Civitates Orbis Terrarum, Colónia, 1598, MNMC

View of Coimbra, 1599, published by Georg Braun, Civitates Orbis Terrarum, Cologne, 1598



a arqueologia vai desvendando as referências que documentarão uma primeira ocupação neolítica da colina onde, com o tempo, haveria de estabelecer-se a Universidade; mas é com a fundação romana da *civitas* de *Aeminium*, em articulação com a vizinha Conímbriga (cabeça do *Conventus Scallabitanus*), dominando o Mondego no único ponto vadeável entre a nascente e a foz — assim garantindo a segurança do eixo viário *Ulissipo* (Lisboa) / *Bracara Augusta* (Braga) — e de que tantos vestígios quedariam (desde logo no local hoje ocupado pelo Paço das Escolas), que se pode dizer que a cidade do Mondego emerge para a História. É esta a cidade que, no século V, os Visigodos conquistam, integrando-a no senhorio feudal dos condes de Conímbriga, situação, aliás, que se mantém, mesmo quando cai em domínio muçulmano, no quadro da fulminante ocupação islâmica da Península Ibérica que se segue à invasão de 714.

O ponto de viragem em relação à Coimbra moderna e, por conseguinte, a raiz remota da questão que nos ocupa, radicar-se-á, porém, na 1ª *Reconquista* da velha Emínia visigótica (agora árabe), levada a cabo em 878, às ordens de Afonso III de Leão, no contexto do progressivo avanço cristão sobre o Sul *infel*. À conquista, protagonizada por Hermenegildo Guterres, descendente dos condes visigóticos de Conímbriga, cuja tutela administrativa sobre o território que a antiga cidade romana protagonizava havia sobrevivido ainda sob o domínio militar árabe, não terá sido alheia a destruição desta pelas razias berberes, entretanto ocorrida. E é a partir de então e no período relativamente estável que se estende

say that Coimbra really emerges into History with the foundation of the Roman *civitas* of Aeminium, of which so many traces remain (especially in the area now occupied by the *Paço das Escolas*), linked as it was to the neighbouring Conímbriga (head of the *Conventus Scallabitanus*), dominating the River Mondego at the only fordable place between the source and the estuary, and thus safeguarding the road axis Ulissipo (Lisbon) / Bracara Augusta (Braga). It was this city that was conquered in the 5th century by the Visigoths, forming part of the feudal domain of the counts of Conímbriga, a status which continued even under the Moors, during their overwhelming occupation of the Iberian Peninsula after the invasion of 714.

The turning point with relation to modern Coimbra, and therefore the root of the question which concerns us, lies, however, in the 1st Reconquest of the old Visigothic, now Arab, Emínia, which took place in 878 on the orders of Alfonso III of Leon in the context of the Christian advance on the 'infidel' South. The leader, Hermenegildo Guterres, was a descendant of the Visigothic counts of Conímbriga who controlled the territory of the ancient Roman city even under Arab military rule, and this Reconquest was surely connected to the city's destruction by Berber raids. It was from this point on, and in the relatively stable period up to 987, that the city, now the capital of a county more or less independent of the Kingdom of Leon and benefiting from its rich hinterland, developed decisively in economic, cultural and even political terms — from this crucible, a new and significant identity was forged. This situation was helped by the fact that this region of Al-Andalus was practically forgotten by the administration of the Cordoban Caliphate, which was increasingly confined to the south, leaving a long, wide belt (the *tagr*) of varying loyalty as a buffer zone between it and the Christian kingdoms to the north. At the symbolic centre of this zone stood Toledo, the former Visigothic royal capital, perpetually in revolt. And at its western end, the future city of Coimbra would thus become increasingly important.

Coimbra and its Acropolis Emerge into History

One effect of the destruction of Conímbriga, and of the Christian conquest of Arab Emínia, was the establishment of the former episcopal see of Conímbriga in the city. As the ecclesiastical administration were almost the only people who could write, they soon altered the place-name itself in their favour. At the same time, the town acquired the necessary appurtenances of a Christian city — cathedral, parish churches — whose traces are now seen more in written texts than in the



Pedra visigótica localizada no interior da porta-forte islâmica da Alcáçova
Visigothic stone inside the Islamic gate of the Alcazaba



até 987, que, convertida em sede de um condado mais ou menos autónomo em relação ao Reino de Leão, a cidade, beneficiando do seu rico alfoz, se desenvolve decisivamente, seja no plano económico, seja no cultural e mesmo no político, nesse cadinho se forjando uma nova e relevante identidade. E esta situação não deixaria de beneficiar de um objectivo esquecimento desta zona do Al-Andaluz por parte da estrutura administrativa do Califado cordovês, cada vez mais confinado à região Sul e deixando, como *zona-tampão* em relação aos reinos cristãos do Norte, uma extensa e larga faixa, de fidelidade flutuante (o *tagr*), em cujo centro, simbolicamente, avultava Toledo, a velha capital real dos Visigodos, em perpétuo estado de rebelião. E em cujo extremo ocidental a futura Coimbra adquiriria, por essa via, um crescente protagonismo

Coimbra e a sua acrópole emergem para a História

Efectivamente, à destruição de Conímbriga e à conquista cristã da Emínia árabe sucederia a fixação na cidade do antigo bispado *conimbrigensis*, a qual, com o poder da escrita quase solitariamente detido pela administração eclesiástica, provocaria, a breve trecho, a própria alteração, em seu benefício, do topónimo original, ao mesmo tempo que a cidade se provê dos necessários equipamentos físicos que

archaeological record. It was then too that a new and brilliant Mozarabic culture developed around the ecclesiastical structures, making the town “the greatest focus of Mozarabism in the western Peninsula” according to researchers. The city’s fame reached Cordoba itself, at a time when Islamic geography was first taking a direct interest in it – as seen in Al-Razi’s text from the early 10th century. This new cultural reputation, and the new interest on the part of official Cordoban culture for a city which until then had been peripheral and was now reborn as the new Conímbriga, were the origin of the city’s inclusion in the geostrategic plans then being drawn up in the headquarters of the Caliphate. These included the whole of the Gharb-al-Andaluz (the far west of the Peninsula, long neglected) and would soon have a powerful effect on the city. This was the context that produced the embryo of the extraordinary structure that five centuries later was to house the University.

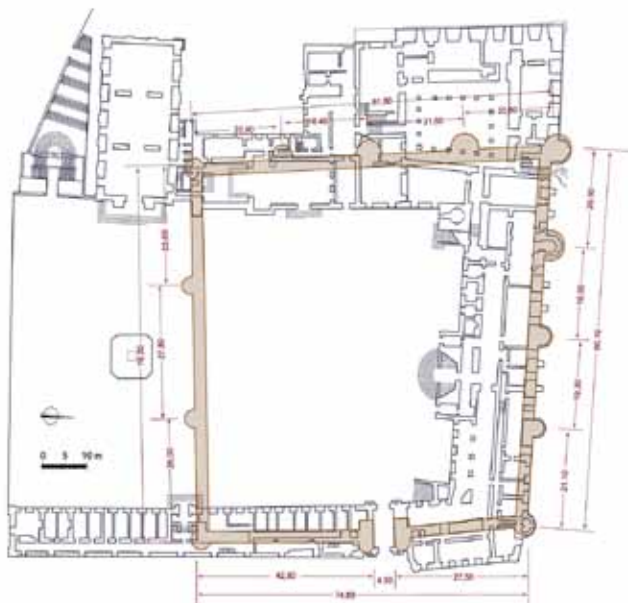
The Extraordinary Origin of the University Palace

The meteoric rise of Almanzor within the structures of the government of Islamic Iberia was related to fundamental changes in ideology, with the implementation of a system of power based on the revitalisation of proselytising ideas of *jihad* or holy war, which obviously required the power system

irão marcar a cidade cristã: a catedral e as igrejas paroquiais, que deixariam rasto, mais que na arqueologia, na própria documentação. E é também então que se assiste ao desenvolvimento, em redor das estruturas eclesiais, de uma nova e brilhante cultura moçárabe (consagrando a urbe como o “maior foco de moçarabismo do ocidente peninsular”, como testemunham os investigadores), cuja fama atingiria a própria Córdova, ao mesmo tempo que, pela primeira vez, a geografia islâmica (como testemunha o texto de Al-Razi, redigido na 1ª metade do século X) por ela directamente se interessa. Nessa nova nomeada cultural e nesse renovado interesse da própria cultura oficial cordovesa por uma cidade até então periférica e agora renascida como nova *Conímbriga*, se originaria a sua inclusão nos desígnios geo-estratégicos que então se delineavam na sede do poder califal, desígnios que abrangeriam todo o Gharb-al-Andaluz (o extremo ocidental da Península, longamente negligenciado) e que haveriam de projectar-se, com extraordinária força, sobre o seu futuro próximo: e desse contexto brotaria o embrião do próprio extraordinário edifício onde, cinco séculos mais tarde, haveria de abrigar-se a Universidade.

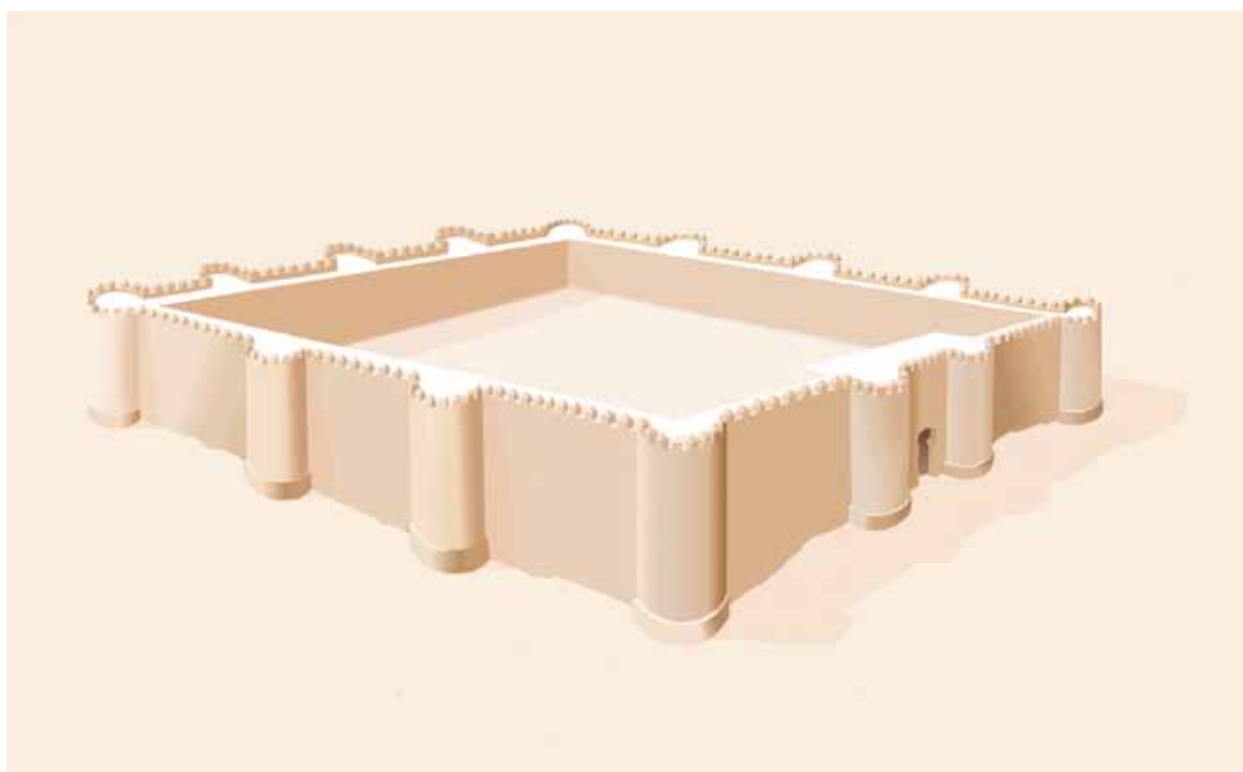
A extraordinária origem do palácio universitário

Com efeito, à ascensão meteórica de Almançor nas estruturas governativas do islamismo ibérico, corresponderiam alterações ideológicas de fundo, com a implementação de um sistema de poder



Reconstituição do perímetro original da Alcáçova islâmica sobre a planta actual do Paço das Escolas
Reconstruction of the original perimeter of the Islamic Alcazaba over the current plan of the University Palace

Reconstituição ideal da Alcáçova islâmica (orientação E/W)
Model reconstruction of the Islamic Alcazaba (E/W orientation)



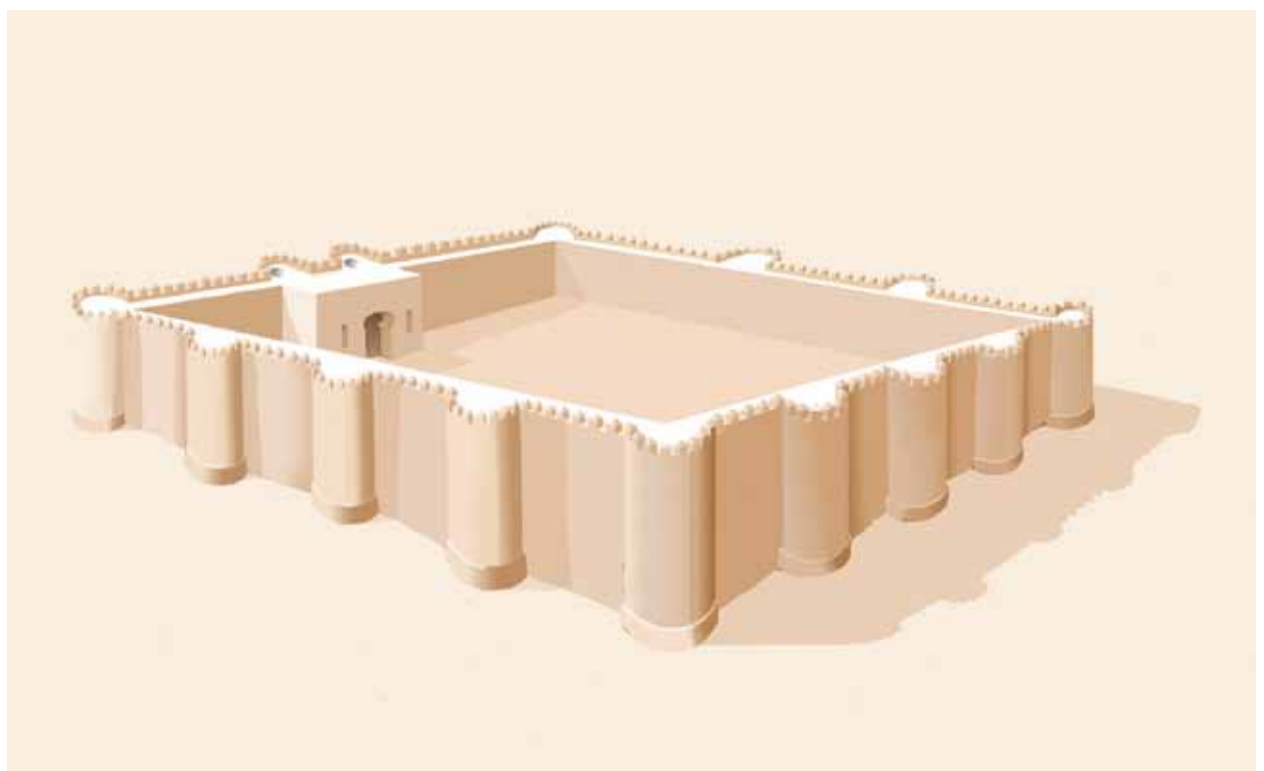
baseado na revitalização dos ideais proselitistas da *djihad* ou guerra santa, o qual, necessariamente, redundaria numa clara militarização do próprio sistema de poder. Este estado de coisas teria por consequência o decidido alargamento da linha de fronteira — que alcançaria fazer avançar até ao rio Minho —, complementado por um efectivo controlo administrativo e militar dessa região, aparentemente esquecida, do Al-Andaluz. Nessa nova estratégia se estribariam as contínuas *algaradas* que pratica e a edificação de bases militares — como Alcácer do Sal — idealizadas como rectaguarda em relação ao desígnio central que concebe, de destruição do poder cristão através dos seus centros simbólicos: a *cidade santa* de Santiago de Compostela e a cidade real de Leão.

Apenas o primeiro dos objectivos seria efectivamente alcançado, em 997 (Almanzor morre em 1002 e o seu sucessor, Abd-al-Malik, em 1008, após o que a emergência da guerra civil ditaria a fragmentação, a partir de 1022, do Califado de Córdoba, no extenso e complexo *puzzle* dos reinos *taifas*), mas é neste contexto que se inscreve a presúria de Coimbra, pelo caudilho, em 987. Como é nele que se inscreve também a completa destruição da urbe, que as fontes documentam e a arqueologia parece comprovar, o seu *ermamento* de sete anos, o seu repovoamento, com recurso a moçárabes e muladis e, sobretudo, a sua refortificação, aparentemente total e que outorgaria à cidade, com a sua poderosa cintura de muralhas, a forma redonda que, já no século XII, os geógrafos árabes, de novo, testemunhariam (al-

itself to be militarised. This state of affairs resulted in considerable widening of the frontier — which reached as far as the River Minho — complemented by effective administrative and military control of the hitherto seemingly forgotten region of Al-Andaluz. This new strategy justified the many subsequent raids and the building of military bases, such as at Alcácer do Sal, which Almanzor envisaged as the rearguard in relation to his central plan, which was the destruction of Christian power in its symbolic centres, the holy city of Santiago de Compostela and the royal city of Leon.

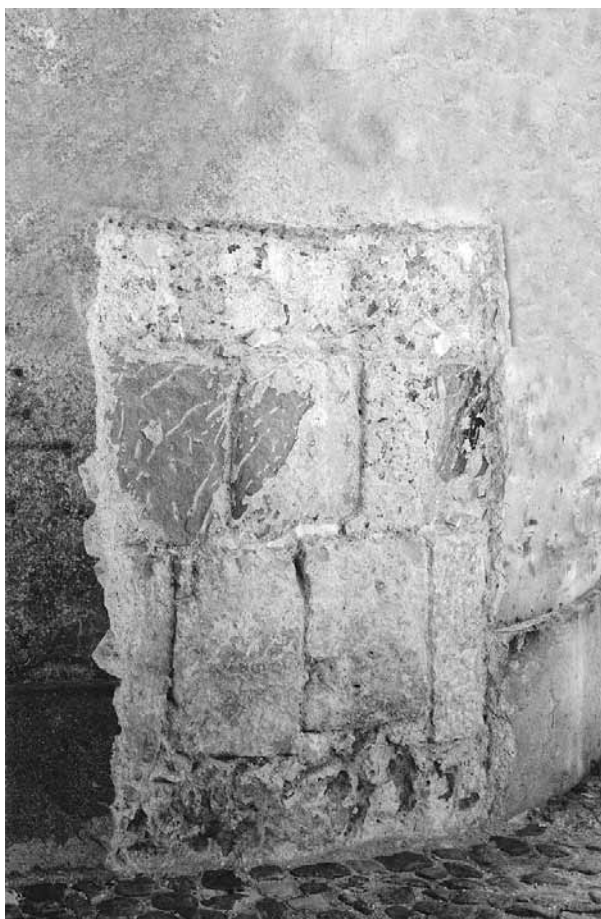
Only the first of these objectives was effectively reached in 997 — Almanzor died in 1002 and his successor, Abd-al-Malik, in 1008, and after this the demands of civil war would lead, in 1022, to the breakdown of the Cordoban Caliphate into an extensive and complex puzzle of warring kingdoms — but this is the context of the occupation of Coimbra by the military leader in 987. This context also explains the complete destruction of the town, as written and archaeological records indicate. It remained depopulated for seven years until it was repopulated by Mozarabs and converts to Islam, as well as totally refortified, its mighty ring of walls giving it the circular form which the Arab geographers al-Hihmari and Idrisi noted in the 12th century. But above all it was at this time that its extraordinary *alcazaba* or fortress was built (the embryo of what is now the University palace), the greatest achievement in Umayyad military architecture in the Iberian Peninsula — that is to say, in Europe.

☒
Reconstituição ideal da Alcáçova islâmica (orientação W/E)
Model reconstruction of the Islamic Alcazaba (W/E orientation)






Sondagem mural no cubelo angular N/E
 Wall drillings in the N/E cubic turret




Sondagem mural no 2º cubelo da fachada Norte
 Wall drillings in the 2nd cubic turret of the North façade

Hihmari e Idrisi). Mas, sobretudo, a sua extraordinária alcáçova (embrião do que é hoje o palácio universitário), prodigiosa construção que configura o maior investimento da arquitectura militar omíada em toda a Península Ibérica: que o mesmo é dizer no espaço europeu.

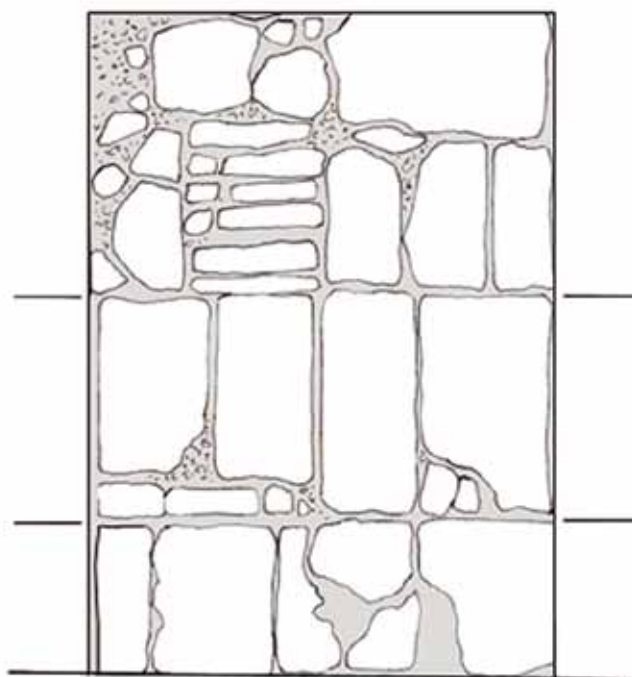
O mais ambicioso empreendimento da arquitectura militar omíada

De facto, edificada a partir de 994 e num contexto cronológico que não poderá ultrapassar a desagregação do Califado cordovês em 1008 (no curto lapso de pouco mais de dez anos), a monumental e impressionante alcáçova, erguida como refúgio em caso de assédio e residência da guarnição militar e do *qa'id* e edificada, em objectivo desafio às leis da estática, sobre um esporão rochoso suspenso sobre o coração da urbe e o rio que a bordeja, ostenta uma planta aproximadamente quadrangular (75m x 79m x 82m x 80m), orlada de cubelos circulares, definida por uma muralha de que subsistem amplos trechos, além de parte substancial das estruturas da poderosa porta-forte. Seria realizada num aparelho luxuoso de *soga e tição*, em paramento duplo, provido de soco ressaltado (tanto externa como internamente), apresentando os muros uma espessura regular de 2.50m. A sua edificação, só

The Most Ambitious Project in Umayyad Military Architecture

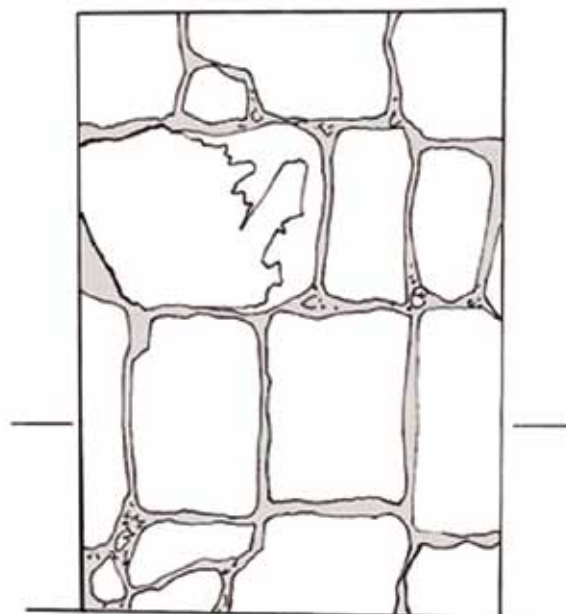
Built sometime after 994, but before the collapse of the Cordoban Caliphate in 1008, within the short space of little more than ten years, the monumental and impressive *alcazaba* was a refuge in case of attack as well as housing the military garrison and its leader. It stood, in defiance of the laws of statics, on a rocky spur hanging over the heart of the town and the river which borders it, approximately square in outline (75m x 79m x 82m x 80m), with semi-circular turrets around the perimeter of its ramparts, large stretches of which still remain standing, besides a substantial part of the imposing gateway.

It was a lavish structure in stone and burnt lime, with double revetments, and jutting socles both internally and externally, the walls 2.5 metres thick. It can only have been built by a construction company specially brought from Cordoba (through the appropriate department, in the care of the Chief of Works, the *Sahib al-bunyan*), and directed, according to indications, by a master called Zacharias, probably of Jewish origin, whose presence is shown by contemporary documents. Its objectives were representative and semiotic in nature, within the context of the offensive against the Christian North. At the same time, however, it used a design of late



Sondagem C1

0 20 40cm



Sondagem C2

explicável no quadro de uma companhia construtiva expressamente deslocada de Córdoba (por meio da respectiva repartição: a cargo do *Sahib al-bunyan*), dirigida, tudo leva a crer, por um mestre de nome Zacarias, de provável origem judia e cuja presença seria atestada pela documentação coeva, apela para objectivos de natureza representativa e semiótica, no âmbito da ofensiva delineada contra o Norte cristão, ao mesmo tempo que testemunha — pelo recurso a um plano de origem tardo-romana, amplamente divulgado no Próximo-Oriente (Síria, Jordânia, Iraque) pelo Califado omíada de Damasco e pelo próprio Califado abássida de Bagdad, que lhe sucedeu, no decurso dos séculos VI a VIII — o processo de orientalização sofrido pelo Califado cordovês no seu último período.

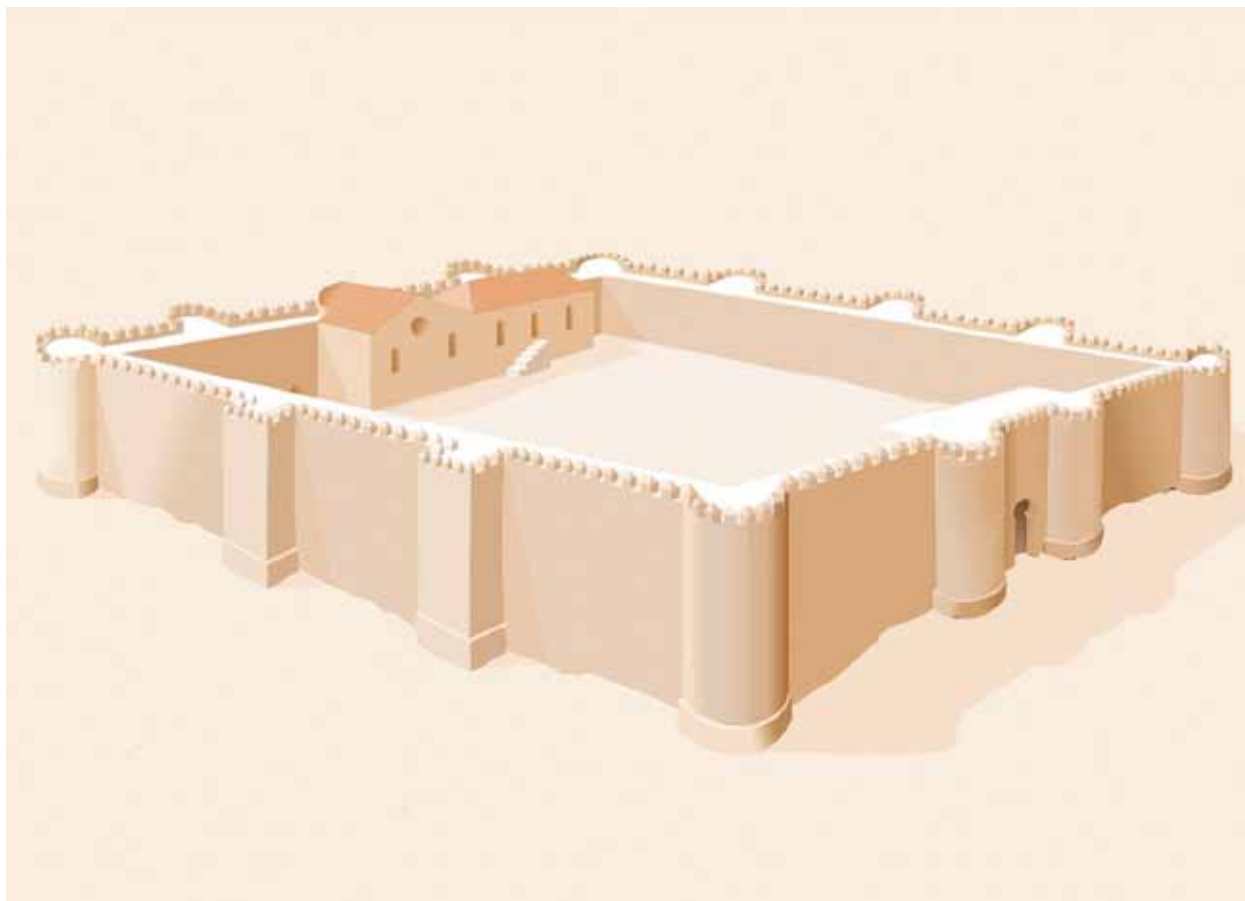
Do prestígio do arquétipo construtivo materializado em *Madinat Qulumriyya* (o novo topónimo que os cronistas islâmicos haveriam de consagrar) testemunha, de modo eloquente, a sua passagem às iluminuras dos *beatos* cristãos contemporâneos, como figuração da *Jerusalém Celeste*, bem como o facto de dele não existir mais que uma aplicação, no território peninsular, no palácio de La Aljafería de Saragoça, edificado por al-Muqtadir, entre 1065 e 1081: porém em contexto do respectivo reino *taifa*, realizado maioritariamente em taipa, em menor escala e com maior deformação de plano (a

Roman origin, widely used in the Near East (Syria, Jordan, Iraq) between the 6th and the 8th centuries by the Umayyad Caliphate of Damascus and by the succeeding Abbasid Caliphate of Baghdad itself, and so bore witness to the process of orientalisation of the Cordoban Caliphate in its final years.

The prestige of the design seen in *Madinat Qulumriyya* (the name coined by Islamic chroniclers) is eloquently expressed in its appearance in the *Beatus*, contemporary Christian illuminated manuscripts, as an image of the Heavenly Jerusalem. In fact it was only used in one other place in the Peninsula – the palace of La Aljafería in Saragossa, built by al-Muqtadir between 1065 and 1081; there, however, it was in the context of a Taifa kingdom, it was built mostly in lath and plaster, and, despite being sited on a plain, it was smaller and more irregular. The construction of the fortress and its protecting ramparts gave the city its reputation among generations of Islamic geographers as “totally impregnable”, while the shelter of its fortified structures and the stability of the Umayyad administration (and its deliberate cultural pluralism) led to an extended period of development – justifying the mention to the city in Christian sources as *illarum partium maxima civitas*. All of this would explain the envy towards the city which grew at the court of Fernando the Great, Emperor of Leon, as well as



Reconstituição ideal do palatium de D. Sesnando (aula, capela e albacar)
Model reconstruction of *Dom Sesnando's* palatium (classroom, chapel and albacar)



despeito da implantação em quadro de planície). E é, seguramente, a construção da alcáçova (e da cintura muralhada que a protegeria), outorgando à cidade o apodo de *absolutamente inexpugnável* registado pelos geógrafos islâmicos sucessivos, bem como o desenvolvimento que, ao abrigo das suas estruturas fortificadas e da estabilidade da administração omíada (e do seu deliberado pluralismo cultural), uma vez mais iria ressentir nos anos que se seguem — e justificam, por seu turno, a menção deixada pelas fontes cristãs à *illarum partium maxima civitas* —, que explicarão a cobiça que, a seu respeito, iria desenvolver-se na corte do Imperador de Leão, Fernando Magno: bem como a consciência de poder funcionar a sua presúria como teste de viabilidade em relação à ambicionada conquista da velha Toledo visigótica, assumida como marco simbólico na re-cristianização de toda a Península. Estratégia essa cuja defesa na corte imperial parece ser protagonizada por Sesnando Davides, moçárabe originário da região de Tentúgal, nas imediações de Montemor-o-Velho (e, por conseguinte, escassas léguas a sudoeste da opulenta *Madinat Qulumriyya*) onde possuiria interesses fundiários.

O palatium de Sesnando e a Proto-História de Portugal

Com efeito, o *alvazir* Sesnando, como ficaria conhecido — cuja fulgurante carreira tivera por

the idea that its occupation could function as a test of viability of the planned conquest of the ancient Visigothic Toledo, the symbolic mark in re-Christianising the whole Peninsula. This strategy seems to have been advocated at the imperial court by Sesnando Davides, a Mozarab landowner from Tentugal, near Montemor-o-Velho, only a short distance from the opulence of *Madinat Qulumriyya*.

Sesnando's Palatium and the Proto-History of Portugal

The brilliant career of Sesnando was set in the court of the *taifa* king of Seville, where he gained the title of *alvazir* or Vizier, which he never abandoned; typical of the varying loyalties of those times, however, he also served the Christian Emperor. Through his intimate knowledge of the geopolitics of the Islamic Peninsula, he became a key figure in the process of the Reconquest, and in 1085 he was chosen as the first governor of Christian Toledo.

In 1064, after the surrender of Lamego in 1057 and Viseu in 1058, Coimbra endured a six-month siege, carried out with unusual display in military equipment and setting, and won only through hunger and betrayal by the leader. It left echoes



Arcos góticos de sustentação da Sala Grande (Faculdade de Direito)
Gothic arches supporting the Great Hall (Faculty of Law)



cenário a corte do Rei *taifa* de Sevilha (onde adquiriria o título, de que nunca abdicaria, de *vizir*), mas passado, entretanto, ao serviço do Imperador cristão (no quadro da característica oscilação de lealdades que prevalece nestes anos) — estaria destinado a converter-se em figura-chave do processo da Reconquista, justamente pelo domínio que possuía da realidade geopolítica da Península islâmica: justificando a sua nomeação, em 1085, como primeiro governador da Toledo cristã.

Assim, em 1064 (e precedido, respectivamente em 1057 e 1058, das submissões de Lamego e Viseu), teria lugar, com inusitado aparato militar e cenográfico, o prolongado assédio a Coimbra, vencida (pela fome e pela traição do *qu'aid*) após seis meses de investidas, que deixariam eco na documentação e na lenda e fortemente maltratadas as estruturas militares de defesa da urbe: em particular o troço sul da muralha da alcáçova, onde a população se havia refugiado, quase integralmente destruído no decurso do assalto final. Nos anos que se seguem e ao mesmo tempo que a velha circunscrição administrativa do *condado de Coimbra* se renovava sob a jurisdição do *alvazir* Sesnando, que ficaria por seu governador, e que a cidade penosamente se reconstituía, tanto no plano humano (com recurso, uma vez mais, à população moçárabe), como no administrativo e no eclesiástico (como atesta a restauração da diocese

in documents and legends, and in the damage done to the city's defences, especially the southern section of the fortress's ramparts, where the inhabitants had taken refuge, which was almost totally destroyed in the final assault. In the next few years the old administrative framework of the county of Coimbra was set up again under the vizier Sesnando, who became governor, and the city was slowly rebuilt, both in terms of population (once again with recourse to Mozarabs) and of administration and the Church (the diocese was restored in 1080). At the same time, work began on rebuilding, priority being given to military structures: beginning with the outer walls, by the 1080s work had started on the damaged ramparts on the south side of the *alcazaba* itself, now roughly rebuilt, with the former turrets more square in shape.

A new military structure was now added to the original Islamic fortress — an *albacar* or gateway, unfortified by towers and facing west. At the same time, temporary structures housing the Cordoban garrison were replaced by stone buildings, revealed by recent archaeological excavations: a chapel dedicated to St Michael (still the patron of the University chapel) and an adjoining hall, the centre of a *palatium* which was the nucleus of the complex of buildings surviving today. A sign of the conversion of the fortress — itself a symbol, facing the Christian North, of active Umayyad power and the irresistible



apenas em 1080), tinham início os trabalhos de recuperação das estruturas edificadas, em particular e prioritariamente das militares. As quais, iniciadas naturalmente pela cintura exterior, atingiriam nessa década a alcáçova, com a reconstituição do maltratado flanco sul da respectiva muralha, reconstruído agora num aparelho rude e com edificação dos antigos cubelos segundo planta para-quadrangular.

À primitiva alcáçova islâmica seria, todavia, acrescentada uma nova estrutura militar, sob a forma de um *albacar*, destituído de torres e projectado a poente, ao mesmo tempo que, no seu interior, as estruturas precárias destinadas a dar guarida ao corpo militar cordovês davam lugar às primeiras edificações de pedra e cal, que as recentes sondagens arqueológicas puderam desvendar: uma capela, dedicada a S. Miguel (orago, ainda hoje, da capela escolar) e uma *aula* anexa, núcleo de um *palatium* que haveria de constituir-se no pólo gerador do complexo edificado que chegaria aos nossos dias. Como marca da cristianização da alcáçova — ela mesma erigida como símbolo, face ao Norte cristão, da capacidade realizadora do poder omíada e da marcha irresistível da *djihad* —, o templo seria erguido sobre o troço poente da muralha, suspenso sobre o rio e a entrada da urbe, desenvolvendo-se a partir de um cubelo transfigurado em ábside, delineando uma basílica de três naves. Esta, simbolicamente, reproduzia, em

force of *jihad* — to Christianity, this temple was built on the west side of the ramparts, above the river and the entrance to the town. It was based on a square tower made into an apse, and formed a basilica with three naves. This was a symbolic reproduction, in miniature, of the old cathedral of Santiago de Compostela (which had been vandalised by Almanzor's troops) as based on the model supplied by the chapel of Santa Maria da Corticeira; Dom Sesnando himself had witnessed this chapel's rebuilding and inclusion in the present cathedral — emblematic of the deliverance of the city that had also in its time been profaned by Islamic domination and the destruction of churches.

The Alcazaba of Coimbra and the Formation of Portugal

In the years following the death of the *alvazir* in 1091, when, little by little, the elements were assembled which would lead to the formation of Portugal, the fortress of Coimbra would witness the principal figures of this historic time in the Peninsula: Martim Moniz; his son-in-law, who he tried to have succeed him as Count of Coimbra; the Emperor Alfonso VI of Leon; Urraca and Raimundo of Burgundy, Count and Countess of Galicia, under whose administration the county of Coimbra was temporarily dissolved; and finally, Teresa and Henry of Burgundy, again made



miniatura, a velha sé compostelana, vandalizada pelas tropas de Almançor, de acordo com o modelo fornecido pela Capela de Santa Maria da Corticela, cuja reforma e incorporação na catedral hoje existente o próprio D. Sesnando acompanhou: numa emblemática remissão da urbe, também ela em seu tempo profanada pelo domínio islâmico e pela destruição dos templos cristãos.

A alcáçova de Coimbra e a formação de Portugal

Nos anos que se seguem à morte do *alvazir*, em 1091 — anos em que, pouco a pouco, se vai tecendo o quadro que levaria à formação de Portugal — a alcáçova de Coimbra veria desfilar os principais protagonistas peninsulares deste tempo histórico: Martim Moniz, seu genro, em quem tenta operar a transmissão do condado de Coimbra; o Imperador Afonso VI de Leão; Urraca e Raimundo de Borgonha, condes da Galiza, em cuja administração momentaneamente se dissolve o domínio coimbrão; Teresa e Henrique de Borgonha, finalmente, de novo condes de Coimbra e *Portucale*, sob cujo governo se desenvolve paulatinamente a autonomia da zona ocidental do Reino leonês, definida a Sul pela região de Coimbra e a norte pelo *Entre-Douro-e-Minho*. É provável que, em 1109, aqui viesse à luz o filho que haveria de ser o primeiro Rei de Portugal: Afonso Henriques.

Count and Countess of Coimbra and *Portucale*, under whose rule the western region of the kingdom of Leon, defined to the south by the region of Coimbra and to the north by the region *Entre-Douro-e-Minho*, gradually became autonomous. And it was probably here, in 1109, that their son, Afonso Henriques, who was to be the first King of Portugal, was born.

However this may be, the young prince's determination to achieve independence was shown in his strategy of moving his power base from Guimarães to Coimbra. This was a far-reaching decision, and one clearly based on the city's proximity to the southern frontier and to the enemy, but it was also in keeping with Coimbra's impregnable reputation and perhaps with the chance of enjoying a court setting unrivalled among Christian kingdoms in the Peninsula. It was a decision which was to dictate the fortune of his cherished political project, and with the formation of the Portuguese kingdom it resulted in a new name and role for the Moorish fortress — the Royal Palace of the Alcáçova, first among Portuguese royal residences.

The *Alcazaba* at the Centre of the Royal City

With the establishment of Portugal as an independent kingdom (sanctioned in 1143 by the King of Leon, Alfonso VII), Coimbra's position of leadership grew



Como quer que seja, é a determinação de independência do jovem infante e, com ela, a decisão estratégica de deslocar a base do seu poder, em 1130, de Guimarães para Coimbra — decisão de longo alcance, alicerçada, obviamente, na maior proximidade da fronteira Sul e do inimigo islâmico, mas a que não terá sido estranho o carácter inexpugnável da cidade e mesmo, porventura, a possibilidade de dispor de um cenário áulico sem rival entre os reinos cristãos peninsulares — que ditarão a fortuna do projecto político que acalentava e, com a formação do Reino português, outorgarão à imponente edificação islâmica a designação de Paço Real da Alcáçova e o estatuto de decana das moradias régias portuguesas.

A alcáçova no centro da cidade real

Com a formação de Portugal como Reino independente (sancionada pelo Rei de Leão, Afonso VII, em 1143), cimenta-se o protagonismo de Coimbra. E, com ele, desenvolve-se e monumentaliza-se a cidade e reata-se, em novos e reajustados moldes, a sua tradição cultural, à qual cabe agora uma missão particular, ao serviço da sedimentação de uma memória identitária que busca, justamente,

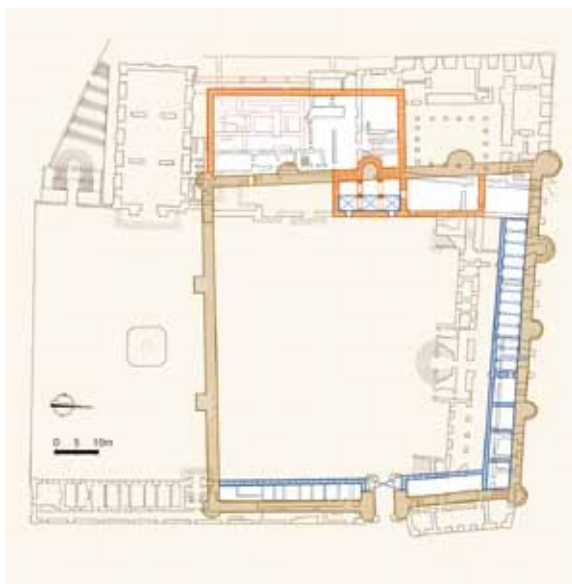
stronger. At the same time, the city was enriched with buildings and its cultural tradition was reinvigorated in new ways. The particular role of culture was now to consolidate a unique identity which found its public expression in the monuments of the royal city. The structures left by Sesnando in the old fortress now converted into a royal palace — perhaps with temporary additions in fragile materials, leaving no trace in the successive rebuildings — were apparently maintained basically unaltered. Meanwhile, however, the town itself expanded due to a growth in population. Between local Mozarab cultural traditions and the recruitment of French masters whose work would form a link between the early Romanesque (the so-called *condal*) and the high Romanesque (*afonsino*), new structures arose. There was the bridge, replacing the original Roman one; the castle, on the hill just above the spur of the fortress; the parish churches; and the Cathedral, which evidence suggests was used for the coronation and anointing of Portuguese kings from the time of Sancho I (before housing the degree ceremonies of the University in its earliest days). Finally there was the Monastery of Santa Cruz, whose foundation stone was laid in 1131, followed shortly after by a narthex-tower designed as a pantheon for the new dynasty, thus placing it explicitly within the logic of the new image of power. The Monastery was

na monumentalidade da *cidade real* a sua projecção semiótica. Assim e enquanto, aparentemente, se mantêm sem alterações de fundo as estruturas legadas por Sesnando na velha alcáçova convertida agora em moradia régia — porventura acrescidas de edificações em materiais precários, cujo rasto se remodelações sofridas no decurso do tempo se encarregariam de apagar —, crescia a malha urbana, por imposição do aumento da população. E, moldados entre a cultura local de tradição moçárabe e o recrutamento de mestres franceses cujo labor iria operar a transição entre o primeiro românico (dito *condal*) e o românico pleno (*afonsino*), surgiam novos equipamentos: a ponte, substituindo a antiga de origem romana; o castelo, no morro sobranceiro ao esporão onde se alojava a alcáçova; as igrejas paroquiais; a Sé, que, tudo indica, tenha chegado a servir, com D. Sancho I, de cenário à coroação e unção litúrgicas dos Reis de Portugal (antes de abrigar a colação dos graus da jovem Universidade); enfim o Mosteiro de Santa Cruz, cuja primeira pedra seria lançada logo em 1131, a breve trecho acrescido de uma torre-nártex destinada a panteão da nova dinastia (por essa via o integrando explicitamente na lógica da nova imagem de poder) e ao qual seria confiada uma missão complexa, simultaneamente no plano espiritual, social e cultural: como centro de formação de um clero novo e *português*, mas também como pólo de aglutinação da *sociedade nova*, de que o jovem Reino carecia como base social de apoio, ao mesmo tempo que como cadinho de uma memória

to have a complex mission, simultaneously spiritual, social and cultural: as the training centre for new and specifically Portuguese clergy, as a meeting point for the *new society*, which the new kingdom needed as a social support base, and as the crucible of an urgently-needed identity, the cornerstone of which would be the work of its chroniclers. These circumstances explain the attraction which the Monastery would soon hold for the young Fernando de Bulhões, known to history as Saint Anthony (of Lisbon and Padua).

Destinies Meet: The Royal Palace and the University

In the following period, the kingdom stretched its frontiers southwards, and administrative and military demands meant that the Court also moved south, to Santarém or Lisbon, for longer periods of time. Despite this, however, Coimbra and the Royal Palace of the Alcáçova maintained their prominent position in the itinerary of the Court — in part through the city's symbolic role in the memory of a monarchy which was now settled. This is eloquently illustrated by the birth in the city (and with the single exception of King Pedro I, in the Royal Palace) of all the monarchs of the House of Burgundy, up to the extinction of the dynasty in the crisis of 1383/85. Other examples include the building of the new cloister for the Cathedral (the first Gothic cloister in Portugal), ordered by Afonso III at the end of the 13th century; the convent of Santa Clara-a-Velha, built in early 14th century by the Holy Queen,



Implantação da campanha de D. Afonso IV
Site of King Afonso IV's campaign of works



Reconstituição ideal do Paço Real da Alcáçova ao tempo de D. Afonso IV
Model reconstruction of the Royal Palace of Alcazaba in King Afonso IV's time



Escada original exterior do cárcere real
Original external staircase of the royal prison



Capitel gótico (fin. séc. XIV)
Gothic capital (late 14th century)



identitária que urgia construir e teria por pedra angular o labor dos seus cronistas. Circunstâncias essas que explicam a atracção que exerceria, a breve trecho, sobre o jovem Fernando de Bulhões, que a História consagraria como Santo António (de Lisboa e Pádua).

Cruzam-se os destinos do Paço Real e da Universidade

No período que se segue, com a progressiva ampliação para Sul das fronteiras do Reino e por imposições da lógica administrativa e militar, as estruturas áulicas tendem a espaçar a presença na cidade, em benefício de posições mais meridionais, como Santarém ou Lisboa. Apesar disso, porém, Coimbra e o Paço Real da Alcáçova conservam a sua posição de relevo no itinerário cortês — até pelo papel simbólico detido pela urbe na memória da Monarquia entretanto sedimentada — eloquentemente ilustrado pelo nascimento na cidade (e, com a única excepção de D. Pedro I, no Paço Real) de todos os monarcas da Casa de Borgonha, até à extinção da dinastia, com a crise de 1383/85. São disso exemplo a edificação, por D. Afonso III, em finais do século XIII, do novo claustro da Sé (o primeiro claustro gótico português), do mosteiro clarissa de Santa Clara-a-Velha, por D. Isabel de Aragão, esposa de D. Dinis (a Rainha Santa) e, muito particularmente, a grande campanha dinamizada no Paço Real por seu filho D. Afonso IV, na década de 30

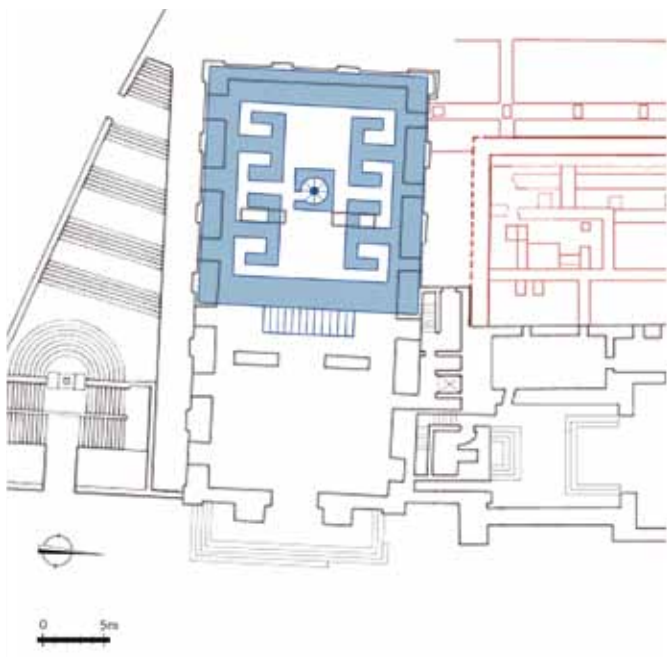
Isabel of Aragon, wife of King Dinis; and particularly the extensive work on the Royal Palace in the 1330s under Dinis's son Afonso IV, which profoundly shaped the building which we see today. From this campaign, directed by Domingos and Estevão Domingues, many traces and archaeological finds survive. It extended from the original pre-Romanesque centre, dating from the time of Sesnando, along the whole north and east sides of the Moorish ramparts beyond the rebuilt main gate, and gave the Palace an imposing Great Hall (the origin of the present Manueline hall), and a pulpit and new windows in St Michael's Chapel.

The semiotic force of this enormous structure in relation to the city which it dominated, together with the availability of a area between the castle and the Palace where the Crown owned many buildings, as well as the explicit protection which royal authority offered to the new institution, must have been the reasons why the University had its first building sited next to the walls of the palace itself. Founded in 1290 by King Dinis in Lisbon, the University was soon transferred to Coimbra in 1308 by order of the King himself. Early on (in European terms), this royal protection was extended by giving the University its own building. Archaeological evidence of this has survived over the centuries, despite successive occupations of the area, which is now the site of the University's General Library.

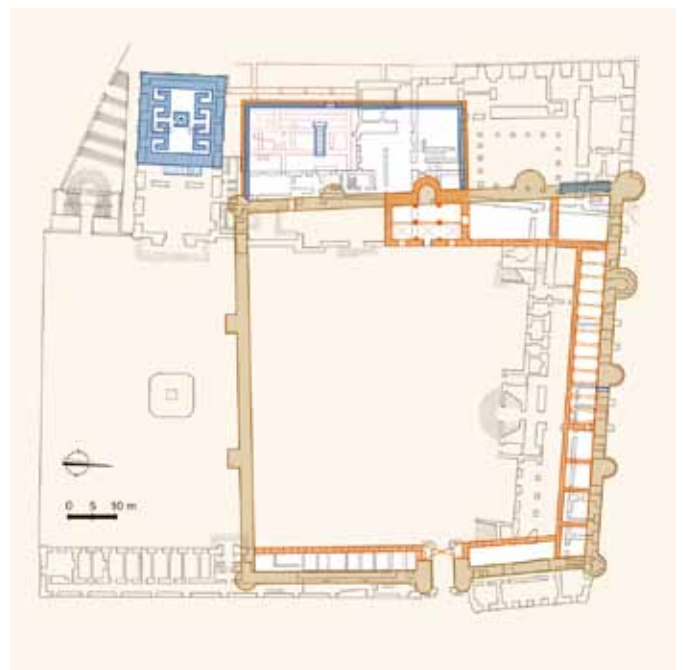
It was at this time that the first threads were spun of the dense web which over the centuries would




Escada original interior do cárcere real, MR, 2009
 Original internal staircase of the royal prison, MR, 2009




Reconstituição da planta do cárcere real
 Reconstruction of the plan of the royal prison




Implantação das intervenções de D. João I
 Site of King João I's works



Ala residencial do Infante D. Pedro (séc. XV)
Prince Pedro's residential wing (15th century)

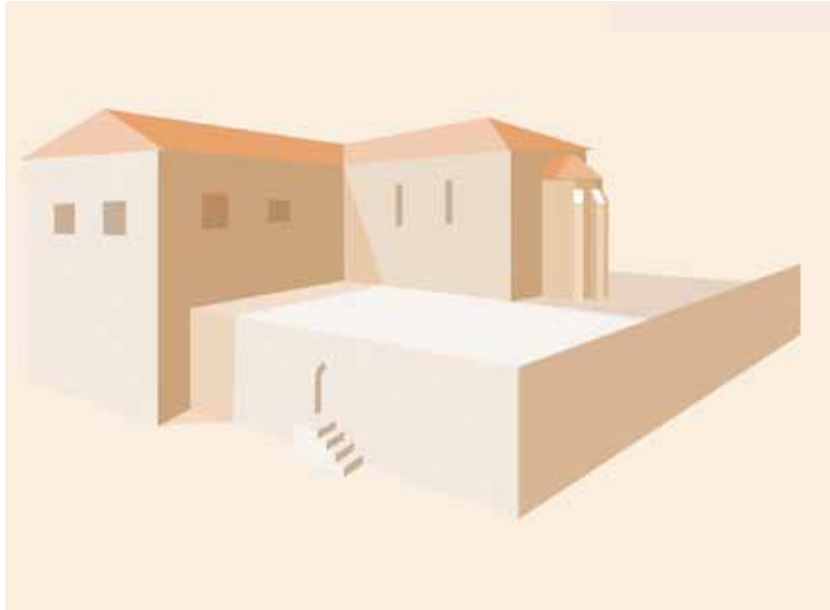


do século XIV, em consonância directiva com as obras do cenóbio isabelino e que modelaria poderosamente a estrutura edificada que chegaria aos dias de hoje. De facto, deve-se a essa campanha, seguramente dirigida por Domingos Domingues e Estevão Domingues e de que subsistem numerosos vestígios e espólio arqueológico, a extensão das construções, a partir do núcleo inicial pré-românico sesnandino, por todo o lanço norte e nascente da muralha islâmica, para além da porta-forte entretanto reformada e que, particularmente, dotaria o Paço de uma imponente *sala grande* (embrião da actual, manuelina) e de uma tribuna e novas fenestraçãoes na Capela de S. Miguel. E será, decerto, a força semiótica do enorme edifício em relação à cidade que dominava, a que acresceria a disponibilidade fornecida por uma área da cidade (a que mediava entre o castelo e o Paço Real) onde a Coroa detinha fortes interesses imobiliários — bem como a protecção explícita, desde sempre delineada pelo poder real, à jovem instituição —, a razão do estabelecimento, adjacente aos seus próprios muros, do edifício da Universidade, fundada em Lisboa em 1290, por D. Dinis, mas logo transferida para Coimbra em 1308, pelo próprio Rei: numa tutela que iria traduzir-se na precoce dotação (em termos europeus) de edifício próprio. Edifício esse de que subsistem materiais arqueológicos, a despeito da sucessiva ocupação desse espaço, pelo decurso dos séculos, até aos dias de hoje, em que alberga a Biblioteca Geral da Universidade.

Com efeito, cerziam-se por então as primeiras malhas da densa tessitura que, pelos séculos fora, haveria de unir, até à síntese final, Coimbra e a sua Universidade e esta e o Paço Real, onde terminaria por fixar residência. Assim, transferida de novo para Lisboa, em 1338, por D. Afonso IV, justamente a pretexto de pretender fixar residência na cidade pela maior parte



Reconstituição ideal da ala residencial e da nova Capela de S. Miguel
Model reconstruction of the residential wing and the new Chapel of St. Michael



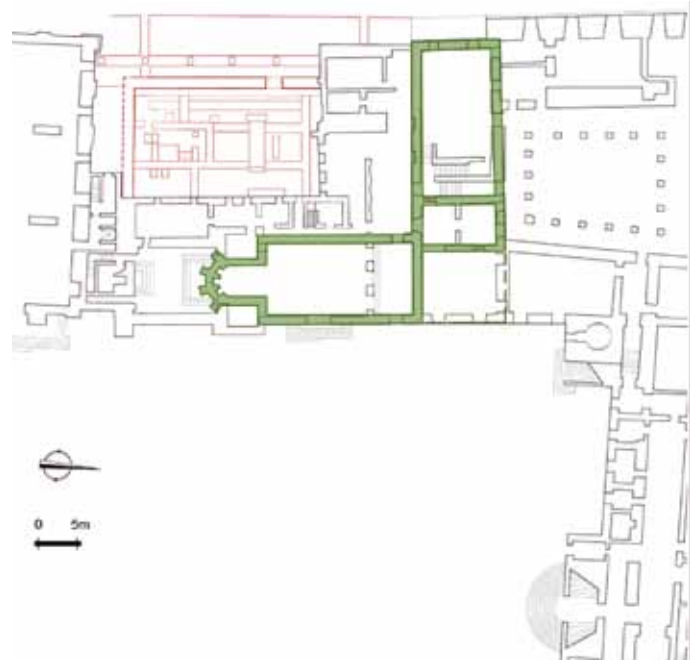
unite Coimbra and its University, and the University and the Royal Palace where it finally found its home. Transferred again to Lisbon by Afonso IV in 1338, since he intended to live in Coimbra for most of the year (hence the extensive work on the Palace at the time) and the Court needed the University building for accommodation, it was re-established in Coimbra in 1354, and stayed there until 1377, when King Fernando I once again moved it to the capital for the last time. Over all this period it was in the Cathedral, where degrees were awarded and by whose bells the life of the College was regulated, that the University's corporate power was being constructed. In the nearby fortress, access to the spacious *Terreiro do Paço* or Palace Courtyard was easy — there were no gates, and there was a tradition of social and commercial use of the space since the 13th century, when Afonso III had set up a weekly market, confirmed a hundred years later by Fernando I. It was here, then, that students relaxed and carried on their daily lives. Here too was held the dramatic national council (the Cortes) of 1385 — a great moment in Portugal's history, when, faced with the threat of incorporation into the Kingdom of Castile, the delicate question of the Portuguese nation's right to select its own king was decided. And it was in this context that the University clearly affirmed itself, through the voice of João das Regras and by means of a renewed Civil Law, as a fundamental instrument in the construction of the state: directly, with the historic speech of the jurist, in the same Great Hall built half a century earlier by Afonso IV, and indirectly, at the beginning of this *revolution*, with the role of the jurists in outlining the strategy which consolidated the rise to power of Prince João, the Master of Avis. He was enthroned immediately on his ratification by the *Cortes* as João I, in the fortress's ancient chapel of St Michael.



do ano (origem das grandes obras empreendidas no Paço Real) e de necessitar do edifício escolar para alojar a aparato áulico, seria, pelo mesmo monarca, restabelecida na urbe em 1334, onde, desta vez, haveria de demorar-se até 1377, quando D. Fernando I de novo promove a sua deslocação para a capital: que, todavia, haveria de ser a última. E, por todo esse tempo, é na Sé, onde se leva a cabo a colação dos graus e por cujos sinos a vida da Escola se regula, que esta vai construindo o seu cenário de poder corporativo; e é, decerto, no interior da alcáçova adjacente — no amplo *Terreiro do Paço*, cujo uso franco facilitava a ausência de portas e a própria tradição de utilização social e mercantil desse recinto, empreendida desde o século XIII por D. Afonso III, ao estabelecer nele a realização da feira semanal, e que D. Fernando I, cem anos mais tarde, reafirmaria — que se projecta, em práticas recreativas cujos testemunhos chegariam ao século XVI, a vida quotidiana dos seus escolares. Como é nesse Paço, mas agora no quadro dramático das Cortes de 1385 (hora magna da História de Portugal onde, face ao risco de integração na Monarquia de Castela, havia que dirimir a melindrosa questão do direito à eleição de Rei próprio por parte da Nação portuguesa), que a Universidade se afirma definitivamente — pela voz de João das Regras e por intermédio do Direito Civil renascente — como instrumento fundamental na construção do Estado: de modo imediato, na histórica arenga do jurisconsulto, na mesma *sala grande* edificada, meio século antes, por D. Afonso IV e, de modo mediato, no papel que, nos preliminares da *revolução*, desempenham os legistas na delimitação da estratégia que consubstanciará a tomada do poder pelo Infante D. João, *Mestre de Avis*. Aliás de imediato entronizado, como D. João I, na velha capela palatina de S. Miguel, na sequência da ratificação da sua realza pelas Cortes.

Da alcáçova-palácio ao palácio-alcáçova e a universidade coimbrã

A eleição do *Mestre*, em 1385, no Paço Real da Alcáçova de Coimbra e a subida ao poder da dinastia de Avis, marcam, de resto, o arranque do processo de construção do Estado Moderno em Portugal e, com ele, a breve trecho, também o das Descobertas marítimas, no seu longo reinado empreendidas, ambos requerendo da Universidade uma nova centralidade que se repercutirá fortemente no futuro da instituição. Entretanto, contudo, o declinar do século XIV e, provavelmente, a decisão de realizar novas Cortes na cidade — que se sucedem em 1387, 1390, 1394/95, 1397 e 1400 — ditarão um novo investimento por parte da Coroa no Paço Real de Coimbra, essencialmente com o fito de proceder à sua modernização, amenizando o carácter fortificado que lhe impunha a cintura mural da alcáçova: novas fenestranças, em particular na *sala grande*;



From Palace-Fortress to Fortress-Palace and the Universidade Coimbrã

The election of the Master of Avis in the Palace of the Alcáçova in 1385, and the rise to power of the Avis dynasty, signalled the start of the construction of the Modern State in Portugal, soon to be followed by the maritime Discoveries, also begun in his long reign. Both of these required of the University a new centrality which would have strong repercussions on the future of the institution. Meanwhile, however, the close of the 14th century and the decision to hold new *Cortes* in the city (in 1387, 1390, 1394/95, 1397 and 1400) may have led the Crown to further expenditure on Coimbra's Royal Palace. In essence the aim was to modernise it, softening the fortified appearance of its surrounding ramparts: new windows and doors, especially in the Great Hall; improvements in the Queen's quarters (in the west wing, next to the chapel), with the construction of a panoramic veranda (traces of which remain); conversion of the old *albacar* gateway of Dom Sesnando into a residential block (which again led to constrictions in the present building); and finally, the construction, just outside the fortified perimeter, of a small prison, which over three centuries later would serve as a foundation for the University library, and which also survives in part today.

Shortly after the turn of the century, in 1415, the Dukedom of Coimbra was set up, and granted to Prince Dom Pedro. Much-travelled (the Prince of the Seven Parts [of the World], as he came to be known), he was a highly significant figure in Portuguese history, of crucial importance in the process of implementing the Modern State, in the penetration of humanist ideas and in the project of Portugal's



beneficiação dos aposentos da Rainha (na ala ocidental, adjacente à capela), com a construção de uma varanda panorâmica (de que restam vestígios); reconversão do velho *albacar* de D. Sesnando num corpo residencial (que uma vez mais deixaria trechos construtivos no edifício actual); enfim, a construção, já no exterior do perímetro fortificado, de um pequeno cárcere, que mais de três séculos volvidos serviria de base à biblioteca universitária e de igual modo parcialmente subsistente nas suas actuais infra-estruturas.

Com o virar do século, porém, e a formação, em 1415, do Ducado de Coimbra, em benefício do Infante D. Pedro — príncipe viajadíssimo (o “Infante das Sete Partidas”, como ficaria conhecido), figura do maior relevo na História de Portugal e de crucial importância nos processos de implementação do Estado Moderno, de penetração das ideias humanistas e do próprio desenvolvimento da Expansão, morto tragicamente, em 1449, na batalha de Alfarrobeira —, que implicava a posse do antigo Paço Real, novas e amplas reformas se sucedem, por ele dinamizadas: em particular a destruição da antiga Capela Real e do corpo do *albacar*, substituídos por um novo templo, que configura a nave do que actualmente subsiste (mas que conservaria o primitivo orago), no flanco ocidental do recinto islâmico, sobreposto à respectiva muralha e por um corpo residencial com ele articulado, projectado de nascente a poente, igualmente subsistente no flanco sul dos actuais *Gerais* seiscentistas. Corpo esse cujas dependências terão abrigado alguns dos episódios dramáticos que marcaram esses anos controversos e que, seguramente, terão assistido à redacção da sua obra literária, em especial o *Livro*

overseas expansion; he died tragically in 1449 at the Battle of Alfarrobeira. The new Duke was granted the old Royal Palace, and soon began extensive new work on it, in particular the demolition of the old Royal Chapel and the main body of the *albacar* gateway, replaced by a new church (still dedicated to St Michael), the nave of which still exists, on the western side of the Moorish enclosure, built over the ramparts and linked to the enclosure by a residential block oriented east-west, which still survives on the south side of the present 17th-century *Gerais* building. This building was the scene of some of the dramatic episodes of these controversial years and here, certainly, some of the Prince's literary works would have been produced, particularly the *Livro da Vertuosa Benfeitoria*, which would immortalise him. Prince Pedro also worked towards setting up a seat of higher learning in his ducal city (at a time when the University had moved to Lisbon), which the next king, Pedro's nephew Afonso V, completed by restoring the *Estudos Velhos*, the old building next to the fortress dating from the time of King Dinis, as we know from documents and archaeological evidence. This *Universidade de Coimbra* (in the strict sense), which could only have been at the level of a *studium artium*, was still in existence in the third decade of the 16th century, when King João III definitively transferred from Lisbon to Coimbra – and particularly to the Royal Palace itself – what had been essentially and from its origin the *Portuguese University*, and, logically, merged it with this small local college.

With the accession of Afonso V, the Crown took over the city, and hence the Royal Palace, once more, with the Dukedom of Coimbra becoming a mere honorific

da *Vertuosa Benfeitoria*, que haveria de imortalizá-lo. Ao Infante D. Pedro de Avis se devem igualmente as diligências com vista ao estabelecimento de estudos superiores na sua urbe ducal (num período em que a Universidade se encontrava deslocada em Lisboa), diligências que o monarca imediato, D. Afonso V, seu sobrinho, culminaria, com esse fito, recuperando o antigo edifício dionisino dos *Estudos Velhos*, adjacente à alcáçova, como atestam as informações documentais e os respectivos vestígios arqueológicos. E sabe-se que essa Universidade de Coimbra (em sentido estrito), que não deverá ter ultrapassado o nível de um *studium artium*, subsistia ainda na terceira década do século XVI, quando D. João III para aqui (e, particularmente, para o próprio Paço Real) transfere definitivamente, a partir de Lisboa, aquela que fora, desde a origem e essencialmente a *Universidade Portuguesa*, nela logicamente se dissolvendo o pequeno estudo local.

Com a ascensão de D. Afonso V, de resto, a Coroa recupera a posse da cidade e, consequentemente, do próprio Paço Real da Alcáçova, subsistindo o Ducado coimbrão, doravante, entre os títulos da família régia, como mera dignidade honorífica. E sabe-se que o monarca chegaria a ocupar o Paço nos anos que se seguem à sua tomada do poder. No decorrer, porém, do terceiro quartel do século XV, essa presença tenderia a espaçar-se, sendo a moradia régia de todo abandonada durante o reinado do seu sucessor, D. João II (1481-1495), nesse abandono radicando a razão (provavelmente essencialmente simbólica) da grande campanha de obras dinamizada por D. Manuel I a partir de 1513, que haveria de prolongar-se mesmo após a sua morte (1521) até cerca de 1533 e que, em boa medida, se reconhece ainda na morfologia presentemente ostentada pelo edifício.

O programa mítico de D. Manuel I

De facto, projectada inicialmente por Boitaca — que, para o mesmo monarca, riscaria o mosteiro lisboeta de Santa Maria de Belém (Jerónimos) — e dirigida, após o seu afastamento, por Marcos Pires e, na sequência da morte deste, por Diogo de Castilho, a campanha manuelina, que iria outorgar ao edifício, simultaneamente, um carácter de castelo feudal, na tradição gótica, e de palácio mudéjar (com implícita reabilitação da sua origem islâmica), não pode desligar-se do quadro ideológico em que se movia a própria governação manuelina (entre a definitiva implementação dos mecanismos jurídicos e administrativos do Estado Moderno e uma refundação simbólica do próprio Reino, no quadro da nova luta contra o *infiel* que a Expansão marítima configurava e que outorgava uma importância crucial aos lugares fundacionais da Monarquia: onde

title among the many others of the royal family. In the early years of his reign, the king lived for some time in the Palace, but during the third quarter of the 15th century his stays there became more infrequent, until the royal accommodation was totally abandoned in the reign of his successor, João II (1481-1495). This neglect was the excuse (probably largely symbolic) for the great campaign of work begun by King Manuel I in 1513, which lasted after his death (in 1521) until around 1533. It is mostly this work that is still recognisable in the present shape of the building.

King Manuel's Mythical Programme

Planned initially by Boitaca — who was also commissioned by Manuel I to design the Jerónimos Monastery at Belém in Lisbon — and directed, after his dismissal, first by Marcos Pires and then, after the latter's death, by Diogo de Castilho, the Manueline works made the building simultaneously a Gothic feudal castle and a Moorish palace (implying rehabilitation of its Islamic origin). They cannot however be detached from the ideological framework of Manueline rule: definitive implementation of the legal and administrative mechanisms of the Modern State together with a symbolic re-founding of the kingdom itself, in the context of the new struggle against the infidel (implicit in sea-borne expansion). In this framework, the fundamental structures of the monarchy acquired crucial importance, and in these structures Coimbra had a central position, justifying its inclusion in a triptych of particular semiotic importance. It stood together with the Jerónimos (founded with the first gold from the tributes of Quiloa, and thus acting as the mystical model of returning the profits of the Discoveries to the Divinity), and the new Royal Palace of Ribeira, beside the Tagus in Lisbon, built above the warehouses of the merchants of the Casa da Índia and so representing the new epoch evoked in the newly created royal titles: *Rei de Portugal e dos Algarves, Daquém e Dalém Mar em África e Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comercio da Índia, Arábia, Pérsia e Etiópia*, etc. [King of Portugal and the Algarves, of Overseas Lands in Africa, and Lord of Guinea and of Conquest, Navigation and Commerce in India, Arabia, Persia and Ethiopia, etc.]

First of the Portuguese royal residences, from which, it may be said, Portugal was born; built in the royal city in whose Cathedral the early kings were crowned and in whose Santa Cruz Monastery they were buried, and which it dominated from its particularly striking site, high up on its rocky spur, Coimbra's Royal Palace was thus destined to symbolise and legitimise the integration of the new monarchy (imperial and global)



Coimbra ocupava uma posição central), justificativo da sua inclusão num tríptico de particular relevância semiótica: com os Jerónimos (fundados com o primeiro ouro das *páreas* de Quíloa e, por conseguinte, como padrão místico de retorno ao divino dos réditos das Descobertas) e o novo Paço Real da Ribeira, em Lisboa, erguido sobre os armazéns da Casa da Índia e, por conseguinte, representante do *tempo novo* que se evocava na própria titulação régia, então criada, de *Rei de Portugal e dos Algarves Daquém e Dalém Mar em África e Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comercio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, etc.*

Primeiro entre as moradias régias portuguesas, a partir do qual, a bem dizer, Portugal nascera; erguido na *cidade real* por antonomásia (em cuja Sé os antigos reis se coroavam e em cujo Mosteiro de Santa Cruz os primeiros jaziam sepultados), a qual dominava, do alto do seu esporão rochoso, em situação particularmente feliz do ponto de vista plástico, o Paço Real da Alcáçova de Coimbra estaria assim destinado a materializar simbolicamente a integração legitimadora da Monarquia Nova (imperial e *global*) nessa Monarquia primigénia que nele se consubstanciava. Donde essa mescla de feudalidade e exotismo e a apetência acrescida de monumentalidade que presidiria a essa campanha de obras. A qual, com efeito, conservando o perímetro quadrangular da primitiva alcáçova muçulmana e mesmo a sua orla de cubelos, promoveria o seu alteamento em mais um piso, orlado em todo o perímetro (externo e interno) de uma coroa simbólica de merlões, rodeando os novos coruchéus, cintilantes e pontiagudos, que rematam os terreões e os telhados (góticos) de forte e nórdica inclinação (ainda essencialmente subsistentes), também eles simbolicamente escalonados em função da área residencial que configuram (aposentos do Rei, da Rainha e dos Infantes; Capela; aposentos das damas e oficiais; cavalaria). Dessa campanha de obras, minuciosamente conhecida e ilustrando um dos paços medievais melhor



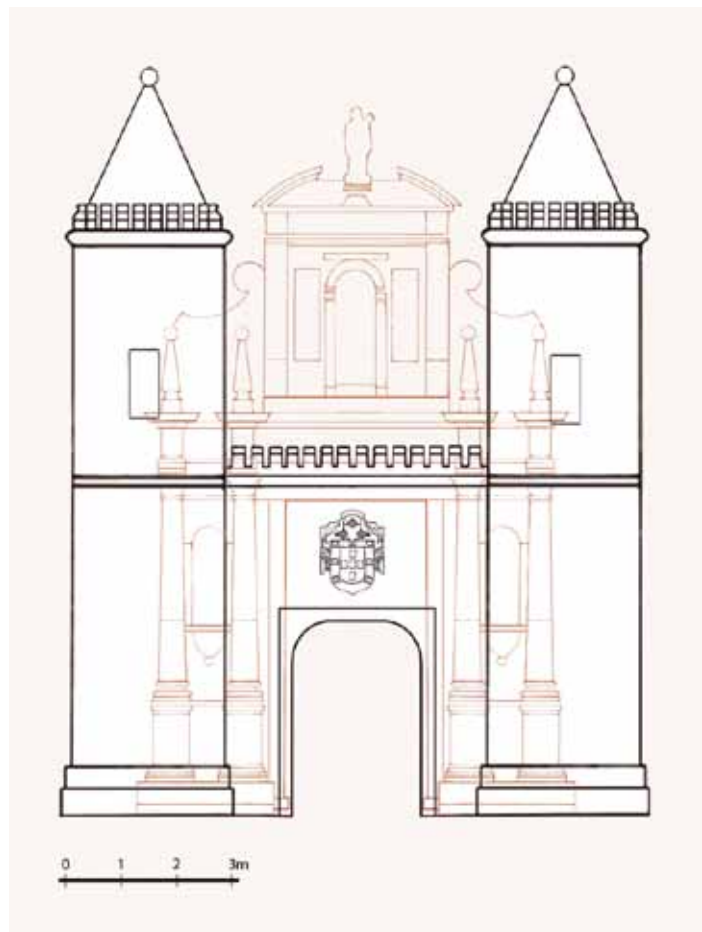
into the ancient monarchy which formed part of it. Hence the mixture of feudalism and the exotic, the growing appetite for monumentality of this building programme. While preserving the square perimeter of the original Moorish fortress and even its border of turrets, its height was raised by one storey, and edged around the entire perimeter (external and internal) with a symbolic crown of battlements, the new pinnacles of the towers sharp and glistening, the Gothic roofs (still largely surviving) steeply-pitched in the Nordic manner and scaled according to the accommodation below (apartments of the king, the queen, the princes and princesses; the Chapel; apartments for ladies-in-waiting and courtiers; the royal stables). This campaign, so many details of which are known, created one of the medieval palaces which has been studied in the greatest depth in the whole of Europe. Among many other parts, there still survive today the basic outline of the north front (facing the town) and the façade of the Chapel (then enlarged with a new and expanded chancel), with its figurative door, where the iconography is an eloquent witness of the representative and allegorical scope seen in the entire programme.

In 1521, on the death of both the king and the master in charge of the work since Boitaca's dismissal, Marcos Pires, the Manueline programme was still in large part unfinished. It was restarted a few years

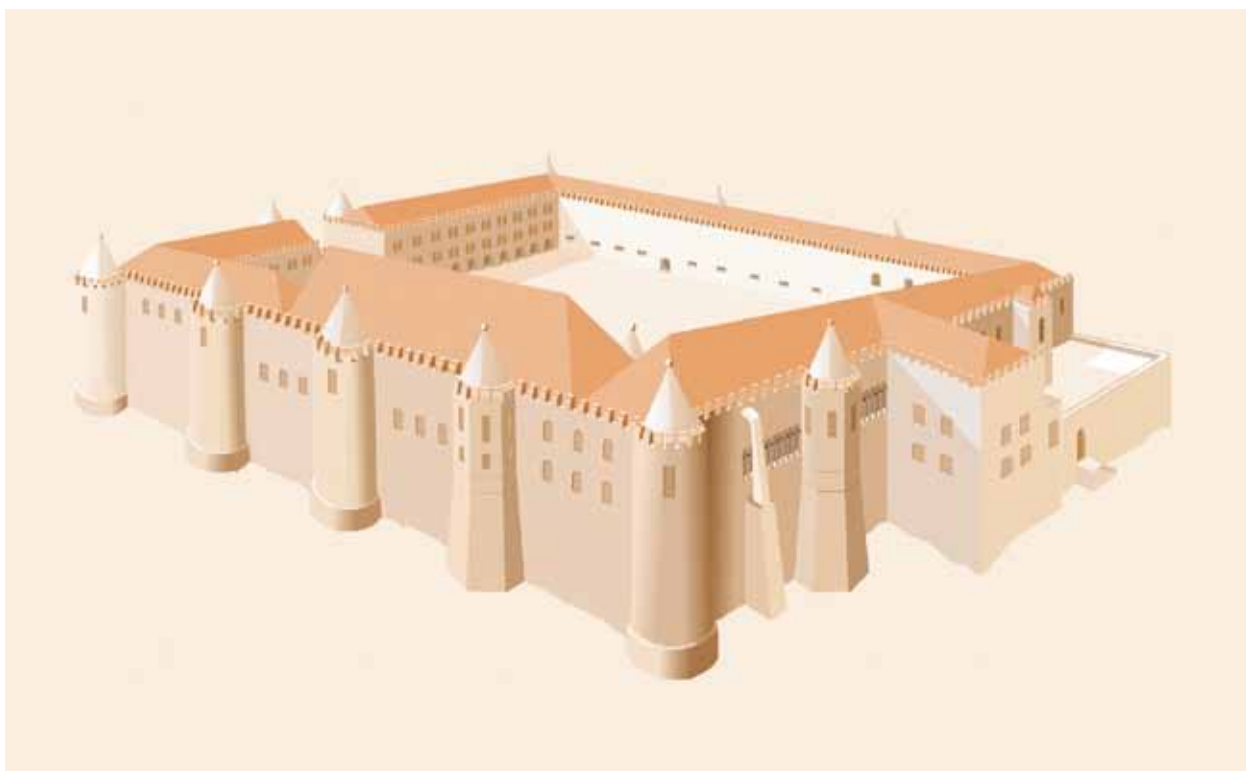
☑
Fachada Norte
North façade



☑
Reconstituição da Porta-Forte
Reconstruction of the gate



☑
Reconstituição ideal do programa de D. Manuel I
Model reconstruction of King Manuel I's programme





Implantação da campanha de D. Manuel I
Site of King Manuel I's campaign of works



estudados em território europeu, subsiste ainda, entre numerosos outros traços, o perfil essencial da fachada norte (virada à urbe) e o alçado da Capela (então ampliada com nova e mais dilatada cabeceira), com o seu emblemático portal, cuja iconografia testemunha eloquentemente o escopo representativo e alegórico que presidiu a toda a intervenção.

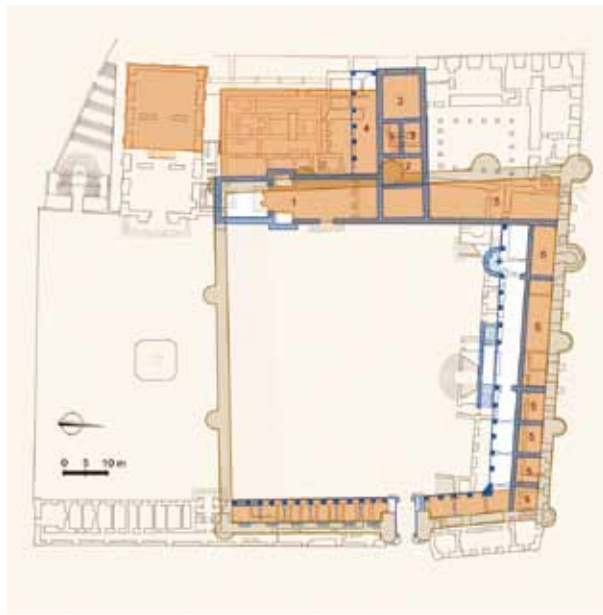
Ainda em boa parte inconcluso o programa manuelino em 1521, data da morte (quase simultânea) do Rei e do mestre de obras que, desde o afastamento de Boitaca, dirigia a sua execução (Marcos Pires), seria este retomado, poucos anos volvidos, pelo seu sucessor, D. João III, agora sob a direcção de Diogo de Castilho: não sem que os novos ventos da cultura humanista e da estética renascentista produzissem alterações. As quais muito especialmente incidiriam na supressão da projectada ala sul (que deveria unir a cabeceira da Capela à ala das damas e oficiais, albergando o vasto corpo da cavalaria e respectivos serviços), bem como da muralha islâmico-sesnandina em que se apoiava, convertendo o pátio interno (o *Terreiro do Paço*) num sumptuoso belvedere sobre o rio e a paisagem rural que envolvia a cidade, promovendo assim uma relação humanizada com a natureza (em oposição à que a fachada norte, manuelina e *feudal*, propunha com a urbe sobre a qual imperava) que marcaria o edifício até aos dias de hoje.

A Universidade no Paço Real

E será neste Paço Real — mergulhado ainda em plena faina construtiva — que D. João III estabelece a sua Corte entre Julho e Dezembro de 1527: histórica visita em que as paredes da moradia régia (então já velhas de mais de cinco séculos) assistirão a episódios memoráveis, como a sumptuosa entrada



Implantação da campanha de D. João III
Site of King João III's campaign of works



later, under the direction of Diogo de Castilho, by Manuel's successor, João III — now, however, new winds of humanist culture and Renaissance aesthetics led to changes. Among these were the abandonment of the projected south wing, which would have linked the chancel of the chapel with the wing reserved for ladies-in-waiting and court officials, and was planned to house a large stables and other services, and the demolition of the southern section of the Moorish ramparts dating from the time of Dom Sesnando. This converted the internal courtyard (the *Terreiro do Paço*) into a splendid esplanade with panoramic views of the river and the surrounding countryside, thus creating a humanised relationship with nature which persists today (in contrast to the north façade, which, Manueline and feudal, reigns imperiously over the town).

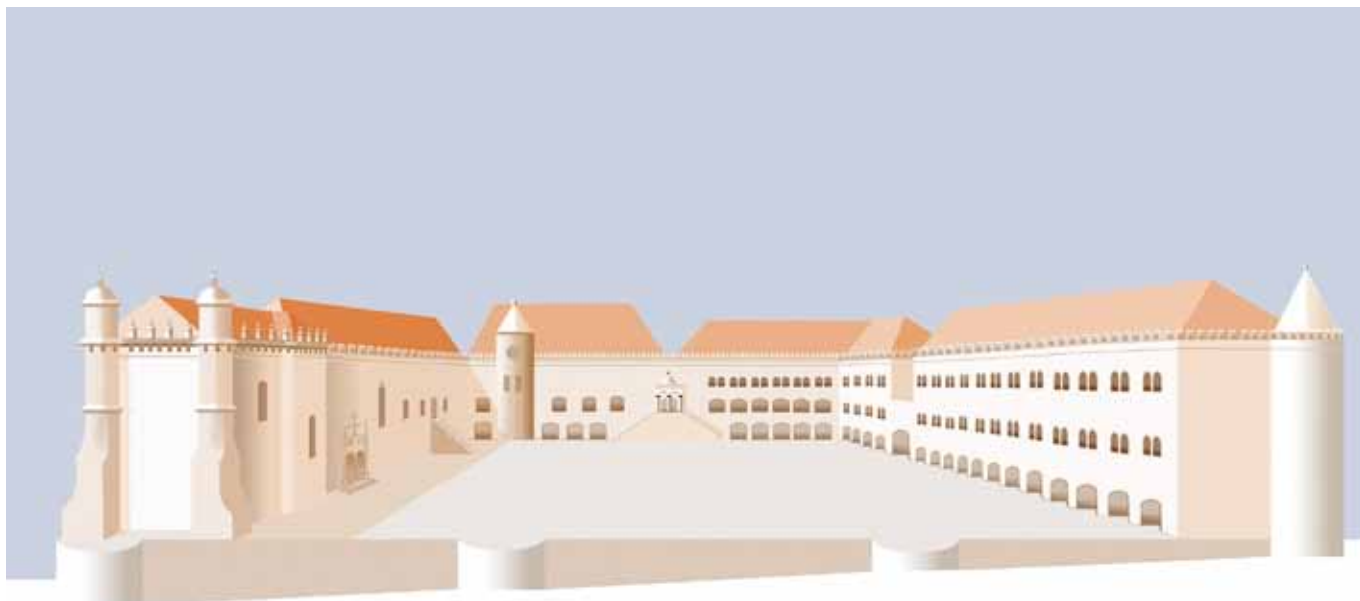
The University in the Royal Palace

It was in this palace — still in the throes of extensive building work — that João III set up his court from July to December 1527. In this historic visit, the king's residence (already more than five centuries old) witnessed some memorable events, such as the sumptuous entry of the ambassador of the Ethiopian emperor (the supposed Prester John) in early September, and, on the 15th of October, the birth of the Princess Dona Maria (the second child of the king and of Queen Catherine of Austria, and the future wife of Phillip II of Castile), on the occasion of which Gil Vicente, the father of Portuguese theatre, presented (in a hall which still exists) the *Comédia Pastoril da Serra da Estrela*. But above all, the visit was to change the history of this prestigious building forever. Ten years later, a process that started in those days, and which constituted the hidden



Reconstituição ideal do Pátio

Model reconstruction of the courtyard



do embaixador do Imperador etíope (o *Prestes João*), em inícios de Setembro, ou, em 15 de Outubro, o nascimento da Infanta D. Maria (secundogénita do monarca e de D. Catarina de Áustria e futura esposa de Filipe II de Castela), por ocasião do qual Gil Vicente, o *pai do teatro português*, faria representar (em sala que ainda existe) a *Comédia Pastoril da Serra da Estrela*. Mas que, sobretudo, iria mudar para sempre a história do prestigioso edifício, culminando, dez anos depois, um processo que por esses dias se encetava e que constituiria o móbil oculto dessa prolongada deslocação da Corte a Coimbra: a reforma do velho e não menos prestigioso Mosteiro de Santa Cruz, motor da própria reforma da instituição universitária e da sua transferência (última e definitiva) para a *cidade real*: em virtude da qual o mesmo Rei haveria de alojá-la (em Outubro de 1537) na própria moradia régia onde, por esses dias, redesenhava o seu destino.

purpose of this lengthy stay of the court in Coimbra, would reach its culmination: the reform of the old and no less prestigious Monastery of Santa Cruz, the motor of the reform of the University institution itself and of its final and definitive transfer to the royal city. It was for this reason that the King, in October 1537, gave to the University the royal palace itself, and thus rewrote its destiny.



Reconstituição ideal do

programa de D. João III

Model reconstruction of
King João III's programme



De 1527 a 1555: A Universidade em Coimbra (entre Humanismo e Utopia)

From 1527 to 1555: the University in Coimbra (Between Humanism and Utopia)

Ao fixar-se definitivamente em Coimbra, em 1537, a Universidade contava já uma história longa e complexa, cujas vicissitudes conduziram ao renascimento que, no seu próprio devir, esse facto realmente configura — não por acaso enquadrado pelo próprio processo conjuntural do Renascimento europeu em que se inscreve. Importa, por isso, que nos detenhamos um pouco sobre essa etapa mais remota da sua história, antes de analisar o contexto do seu estabelecimento definitivo na cidade, com o qual directamente se inter-relaciona. E tal obriga ainda a que se preste alguma atenção ao fenómeno global da emergência das universidades, em cuja primeira vaga justamente se integra.

O contexto europeu da Universidade

Enquanto nova criação do espírito europeu, a Universidade emergira, gradualmente, no decurso do século XII, inicialmente a partir das escolas monásticas, depois das catedrais e municipais, de acesso mais *livre*: é um fenómeno urbano e uma consequência da (re)emergência da própria *cidade*, no seio da qual brota também um novo tipo de homem de cultura. Gerada a partir da fama de alguns mestres, do brilho dos estudos desenvolvidos em certas escolas e da importância dessas ciências para a Igreja, para a administração dos Estados nascentes e para a sociedade em geral, a Universidade

By the time the University was permanently established in Coimbra, in 1537, it already had a long and complex history. Unexpected developments would lead to its rebirth, and it is not by chance that this happened in the context of the European Renaissance. Therefore, it is important that we focus briefly on this phase of its history before we proceed to analyse the context of its final establishment in the city, as both are directly related. This also requires that we address the global phenomenon of the emergence of universities, the first stage of which saw the establishment of the University of Coimbra.

The European Context of the University

As a new creation of the European spirit, the University gradually emerged during the 12th century, initially from monastic schools, and then from cathedral and municipal schools, which were more open in terms of access. This was an urban phenomenon and a consequence of the (re)emergence of the *city* itself, which also gave rise to a new type of man of culture. The university was created on the basis of the reputation of some masters, the distinction of the studies that were carried out in certain schools and their importance to the Church, to the administration of the fledgling States and to society in general. Ultimately, it emerged from the corporate interest of masters and



nasceria, em fim de contas, do interesse corporativo de mestres e escolares e da noção de *diferença* que progressivamente desenvolvem, estimulados pelo espírito associativo que caracteriza o declinar da Idade Média. E esse selo corporativo perduraria pelo tempo fora: é a *universitas magistrorum et scholarium*. Laborando, não em função de um quadro territorial ou administrativo circunscrito, mas da Comunidade Cristã no seu conjunto e frequentada por uma multidão crescente de alunos, das mais diversas proveniências, a *schola* (que, com o alvorecer do século XIII, adquire a designação de *studium* e, rapidamente, de *studium generale*) vinca por essa via a dimensão *universal* do ensino que ministra, protegido por *liberdades* sucessivamente acumuladas: donde a tendência a subtrair-se à tutela das autoridades locais (assumindo-se como corporação, dotada de personalidade, atestada pelo selo próprio, completa independência administrativa e, muito particularmente, absoluta liberdade intelectual), acolhendo-se à protecção do Papa, a um tempo poder transnacional e suprema autoridade espiritual, de quem recebe protecção (às suas imunidades) e a confirmação — *auctoritate apostolica* — da sua própria autoridade científica e dos graus que ministra: muito particularmente a *licentia ubique docendi*. É verdadeiramente então, aliás, que nasce a Universidade, e a sua libertação das *servidões* feudais (desde logo a reivindicação da *libertas scholastica*) exprime-se juridicamente

students as well as from the notion of *difference* that they progressively developed in the context of the process of association-building that characterised the decline of the Middle Ages. This corporate imprint would last throughout the ages: it is the *universitas magistrorum et scholarium*. The *scola* (which became known as *studium* at the turn of the 13th century and, thereafter, as *studium generale*) did not operate according to a specific territorial or administrative framework, but rather to serve the Christian Community as a whole, and it was attended by a growing number of students from diverse backgrounds. Thus, the *universal* dimension of its teaching was stressed and, being protected by the *freedoms* that it had gradually achieved, it tended to evade the control of local authorities. It envisaged itself as a corporation, endowed with a legal personality, with its own seal, full administrative independence and, particularly, total intellectual freedom. It was under the protection of the Pope, both as transnational power and supreme spiritual authority, who defended its immunities and sanctioned (by *auctoritate apostolica*) its scientific authority and the academic degrees that it conferred, especially the *licentia ubique docendi*. It was then, in fact, that the *University* was created. Its emancipation from mediaeval serfdoms (starting with the demand for *libertas scholastica*) was legally expressed in the adoption of the *academic forum* or jurisdiction (with origins in the *ecclesiastical forum*).



na adopção do *foro académico* (originado no *foro eclesiástico*).

Esse carácter gradativo da gestação da instituição universitária, formando-se *ex consuetudine* a partir da autonomização e corporatização progressivas de escolas já existentes — e que explica que os mais antigos Estudos (Bolonha, Paris, Oxford) não disponham realmente de uma certidão de nascimento —, acabaria por consagrar dois grandes modelos, por via de regra adoptados, alternativamente, nas novas fundações que se lhe seguiriam: o *parisino*, instituição de eclesiásticos e para eclesiásticos, nascida do desenvolvimento da respectiva escola episcopal e da nomeada alcançada pelos estudos filosóficos e teológicos aí professados (que configuraria o tipo clássico da *universitas magistrorum*, cujo governo competia, naturalmente, aos mestres) e o *bolonhês*, originado na afluência massiva de escolares em busca, sobretudo, do saber jurídico e que, a um tempo pela natureza laica da ciência jurídica, pelo carácter, geralmente laico, da população discente, organizada por *nações* e pelo ambiente peculiar que, em Itália, se vivia em torno das cidades comunais, revestia a forma de *universitas scholarium*, onde os alunos, que livremente escolhiam os mestres (e os sustentavam), mantinham a escola e elegiam, de entre eles mesmos, todos os funcionários, incluindo o reitor.

Paris consagraria, assim, a fórmula hierárquica, Bolonha a *democrática*. É esse carácter gremial, *utilitário* e não lucrativo das primeiras universidades, reflectido na gratuidade do ensino ministrado e dos graus concedidos, que explica também a ausência

Thus, the University was created *ex consuetudine* from the gradual autonomisation and corporatisation of schools already in existence. This explains why the most ancient Studies (Bologna, Paris, Oxford) do not possess an actual birth certificate. The gradual engendering of the University led to the establishment of two major models that, as a rule, were alternatively adopted by the new establishments that followed them. On the one hand, there was the Parisian model, an institution made of and for clergymen, which developed from the respective Episcopal school and the reputation achieved by the philosophical and theological studies that were ministered there. This corresponded to the conventional model of the *universitas magistrorum* whose administration was naturally incumbent on the masters. On the other hand, there was the Bolognese model, which originated from the massive number of students that sought primarily to acquire legal knowledge. This model took the shape of a *universitas scholarium*, given the secular nature of legal science, the fact that most students were laymen and grouped according to nationality, and the unique environment experienced in the communal cities of Italy. The students, who freely chose their masters (and supported them), kept the school running and elected all the officials, including the rector.

Therefore, Paris established the hierarchical formula whilst Bologna established the democratic one. The associative, utilitarian and non-profit nature of the earliest universities (where education was free of charge, as were the academic degrees granted) also explains the lack of technical resources and the



técnica de meios e a pobreza que as caracteriza: sem edifícios próprios (vivendo em casas de aluguer e albergando actos e colações de graus nas igrejas ou mosteiros a cuja sombra haviam nascido), sem biblioteca, sem arquivo, numa penúria que se compensa com a liberdade. Liberdade que lhe permite mesmo mudar, se necessário, de local (na íntegra ou em parte). São as universidades formadas *ex secessione*, como Cambridge e Pádua, originadas, respectivamente, a partir das de Oxford e Bolonha.

Contudo, não tardaria muito que a nova instituição despertasse as atenções, expectativas e interesses dos diversos poderes, lobrigando na ciência um poderoso meio de reforço das suas ambições ou a fundamentação do(s) seu(s) domínio(s) — mesmo que igualmente movidos do desejo (que sempre expressam) de pouparem aos súbditos canseiras e despesas —, enquanto municípios e populações locais especulam sobretudo com as vantagens económicas decorrentes do aumento da população e da satisfação das necessidades de quantos giravam na órbita da escola. Assim, ao longo do século XIII — e com maior intensidade ainda nos séculos imediatos —, um pouco por toda a Europa (em especial no Sul) e, muito particularmente, na Península Ibérica, soberanos e potentados empenham-se na criação de *estudos* (senão mesmo na *protecção* dos existentes), que cumulam de privilégios, com vista a garantir a sua sustentação e na solicitação ao Papa da sua *confirmação*, da outorga do estatuto de *geral* e da concomitante faculdade de atribuir graus e licenças *ubique docendi*. São as criações *ex privilegio*, que levarão à perda progressiva da agilidade inicial (convertida a instituição em *corporação privilegiada*)

poverty that characterized them. They did not have their own buildings, libraries or archives. Students and masters lived in rented houses, and academic activities took place in the churches or monasteries from which they had emerged. This extreme poverty was only compensated by the freedom they enjoyed, which allowed them to change location, wholly or partially, if required. This was the case of the universities that were created *ex secessione*, such as Cambridge and Padua, which originated from Oxford and Bologna respectively.

However, the new institution would soon draw the attention and raise the expectations and interests of different authorities, which sensed that science could be a powerful means to strengthen their ambitions or justify their rule — although their avowed intent was to spare their subjects hard work and expenses. In turn, local municipalities and populations were primarily interested in the economic advantages brought about by the increase in population and the satisfaction of the needs of those who were involved with the schools. Thus, throughout the 13th century, and even more intensely in the centuries that followed, sovereigns and rulers across Europe, especially in the South and in the Iberian Peninsula, committed themselves to developing *studies* (or protecting the ones that were already in existence), to which they granted countless privileges in order to ensure their subsistence. They also committed themselves to obtaining the Pope's confirmation, his approval of their status as *general studies* and their concomitant entitlement to grant academic degrees and *ubique docendi* licences. These *ex privilegio* creations would lead to the progressive loss of the



e que fará com que a *universitas* se transforme, pouco a pouco, no decurso dos séculos XIV e XV, num instrumento do poder real — e, a prazo, igualmente num dos seus mais significativos reflexos, fornecendo-lhe, com o direito romano, as armas que haveriam de limitar a sua autonomia jurídica e administrativa.

Ao terminar o terceiro quartel do século XIII, na verdade, pode dizer-se que a Escola encerrara a fase inovadora e inconformista que havia caracterizado o seu primeiro século de existência, ao mesmo tempo que, nos reinos peninsulares, o fenómeno universitário dava os primeiros passos, estimulado pelos diversos soberanos, com a criação de pequenos *estudos*, como o de Palência (c. 1212-1214) ou o de Salamanca (1218). Quando, porém, pelos meados do século, Alfonso X (*o Sábio*) alcança *confirmar* este último e lançar as bases da que seria, nos séculos seguintes, a grande universidade da Península — e, sobretudo, leva a efeito, nas *Siete Partidas*, a primeira reflexão de ordem política sobre a importância, para o *Estado*, da nova instituição —, pode dizer-se que uma outra etapa começava realmente. E é nesta que se inscreve o nascimento da Universidade Portuguesa.

A Universidade Portuguesa

No que a esta respeita, a sua história documental começaria em 12 de Novembro de 1288 com a *súplica* dirigida ao Papa por vinte e sete dignitários eclesiásticos reunidos em Montemor-o-Novo sobre a conveniência de haver em Portugal “hum estudo

university’s early flexibility (when the institution was turned into a *privileged corporation*). Gradually, throughout the 14th and 15th centuries, the *universitas* became an instrument of royal power and, in the long term, also one of its most significant reflections, supplying it with the weapons (Roman Law) that would come to restrict its legal and administrative autonomy.

In fact, the innovative and non-conformist phase that characterised the first century of the University may be said to have come to a close by the end of the third quarter of the 13th century. At the same time, the university phenomenon was taking its initial steps in the Iberian kingdoms. Here, it was promoted by different sovereigns through the creation of small studies, such as at Palencia (c. 1212-1214) and Salamanca (1218). However, a new phase may be said to have truly begun when, in the middle of this century, King Alfonso X (the Wise) managed to confirm the Salamanca studies and lay the foundation stone of that which would become the greatest university of the Peninsula in the following centuries. Especially relevant is the fact that, in *Siete Partidas*, he carried out the first political reflection on the importance of the new institution for the State. The Portuguese University was born precisely during this new phase.

The Portuguese University

The documented history the Portuguese University begins on 12 November 1288, with a petition made by twenty-seven church dignitaries who gathered

geral de sciencias”, tendo, nesse sentido, dirigido uma petição a D. Dinis para “fazer, & ordenar hum geral estudo na sua nobilíssima cidade de Lisboa”, o que El-Rei acolhera benignamente, autorizando, em conformidade, a afectação de diversas rendas dos seus mosteiros e igrejas à sustentação de *Mestres & Doutores*, pelo que rogavam agora ao Papa se dignasse confirmar uma “obra tão pia, & louuauel, intentada para serviço de Deus, honra da patria, & proueito geral, & particular de todos”.

Assim, dezasseis meses mais tarde, em 1 de Março de 1290, a chancelaria régia emitia aquele que ficaria conhecido como *documento precioso*, em função do qual seria esta data tradicionalmente assumida como marco fundacional da Universidade. Nele, o Rei faz saber ter havido por bem ordenar um estudo geral na cidade de Lisboa, que munira com cópia de doutores em todas as artes e roborara com inúmeros privilégios. Enfim, em conformidade, a 9 de Agosto desse ano, Eugénio IV expedia a bula *De statu regni Portugaliae*, dirigida à *Vniversidade dos Mestres, e estudantes de Lisboa*, confirmando a nova instituição e garantindo-lhe, dentro de certos limites, o foro eclesiástico. Simultaneamente enumerava o conjunto das faculdades (Artes, Cânones, Leis e Medicina), com aparente exclusão da Teologia, reservando para o prelado diocesano a colação dos graus (*auctoritate apostolica*) e a atribuição das respectivas licenças *ubique docendi*.

Pouco se sabe sobre a vida — certamente não muito brilhante — da instituição nos dezoito anos que se seguem e, no ano lectivo de 1308/09 já a escola se encontra estabelecida em Coimbra, por decisão real, aparentemente com o fito de furtá-la (assim o afirmam as bulas de Clemente V que, em 26 de Fevereiro de 1308, autorizam a transferência) aos conflitos com a população da capital, nascidos das regalias usufruídas pelo Estudo. E é já à Universidade sediada em Coimbra que, em 15 de Fevereiro de 1309, D. Dinis concede a *Charta Magna Privilegiorum*, a que tradicionalmente se tem atribuído o valor de 1.^{as} *Estatutos*, moldada pela *Magna Charta* que seu avô Afonso X outorgara, meio século atrás, à Universidade de Salamanca e que constitui, na essência, uma provisão régia, que recolhe (ampliando-o) o que era já o património jurídico do Estudo, fixando a sua orgânica administrativa e pedagógica.

E é por ela que se sabe que a escola segue o modelo bolonhês, elegendo os alunos os seus reitores (dois, anuais) e oficiais e concedendo o Rei que os estudantes possam elaborar os seus próprios estatutos: o que efectivamente fazem, por meio de umas *constituições*, confirmadas pelo monarca em 27 Janeiro de 1317. Com a transferência da escola para Coimbra, contudo — quase uma refundação, como chegaria a ser afirmado por alguns historiadores —

at Montemor-o-Novo. They addressed the Pope on the importance of a “general study of sciences” in Portugal. Previously, they had also sent a petition to King Dinis asking him to “create and authorise a general study in his most noble city of Lisbon”. The King had accepted the request and authorised that the revenues of several of his monasteries and churches be allocated to the support of *Masters and Doctors*. They now pleaded for the patronage of the Pope and his confirmation of “so pious and commendable a work, intended for the service of God, the honour of the nation and the general and particular benefit of all”.

Thus, sixteen months later, on 1 March 1290, the royal chancery issued the *precious document*, as it became known, and that date has been traditionally adopted as the foundational milestone of the University. In this document, the King announced that he had decided to create a general study in the city of Lisbon, which he had staffed with a large number of professors in every field and strengthened with countless privileges. On 9 August of the same year, Eugene IV issued the bull *De statu regni Portugaliae*, which was addressed to the *University of the Masters and Students of Lisbon*, confirming the new institution and granting it ecclesiastical jurisdiction within certain bounds. It also enumerated the faculties of the University (Arts, Canon Law, Law and Medicine), apparently excluding Theology, but reserved to the diocesan prelate the granting of academic degrees (*auctoritate apostolica*) and the respective *ubique docendi* licences.

Little is known about the life of the institution during the eighteen years that followed. It was certainly not bright, as by the academic year of 1308-09 the school had already changed its location to Coimbra following a royal decision. According to the bulls of Clement V, which authorised the transfer on 26 February 1308, this was to spare it from further conflicts with the inhabitants of the capital. These conflicts were related to the privileges enjoyed by the Study. On 15 February 1309, King Dinis granted the University, now located in Coimbra, the *Charta Magna Privilegiorum*, which has traditionally been considered as its *First Bylaw*. This charter was based upon the *Magna Charta* that his grandfather, King Alfonso X, had granted half a century earlier to the University of Salamanca. In essence, it was a royal decree that integrated (and increased) the legal patrimony of the Study and established its administrative and pedagogic structure.

The *Charta Magna Privilegiorum* shows that the school was to follow the Bolognese model, according to which the students elected the rectors (two with annual mandates) and officials. They were allowed by the King to establish their own bylaws, which they did effectively through *constitutions* that were confirmed by the monarch on 27 January 1317.



Vista da zona da Pedreira, em Lisboa, com as Escolas Gerais, desenho de Alberto Sousa

View of the Pedreira area in Lisbon with the *Studium Generale* (General Schools), drawing by Alberto Sousa



tinha início o longo e sinuoso processo de superação do seu carácter *democrático* e de conversão daquela que, por mais de cinco séculos, haveria de assumir-se como a *Universidade Portuguesa* por antonomásia, num instrumento do poder central.

A Universidade e a Coroa, uma complexa relação

Com o patrocínio régio, na verdade, o Estudo começara a experimentar os benefícios da real munificência. Desde logo e para além das regalias exaradas no *documento precioso*, o soberano ofertava-lhes, em 1291, uma sede: duas casas, decerto modestas, no lugar ou campo da Pedreira (actual Chiado, Lisboa), mas um verdadeiro luxo num tempo em que, pela Europa inteira, não começara ainda o surto das construções universitárias. E, transferido para Coimbra dezassete anos mais tarde, receberia também, a par de um número crescente de privilégios, um edifício para uso exclusivo, a que o tempo outorgaria a designação de *Estudos Velhos*, adjacente ao Paço Real, onde sobreviveria até à construção, nos meados do século XVI, do Real Colégio de S. Paulo. Dele sobrevive um conjunto de capitéis, que atestam ter sido programado com algum primor arquitectónico.

However, upon the transfer of the school to Coimbra – which practically meant a re-foundation, according to some historians – a long and winding process of suppression of its democratic nature began to take place, leading to the conversion of the institution that for five centuries would be antonomastically known as the *Portuguese University* into an instrument of central government.

The University and the Crown: A Complex Relationship

The King's patronage allowed the Study to begin to enjoy the benefits of royal munificence. Apart from the privileges laid out in the *precious document*, the monarch offered them headquarters in 1291, comprised of two houses in the area of Pedreira (presently Chiado, Lisbon). They were certainly modest buildings but a real luxury at a time when, across Europe, the university construction boom had not yet begun. Upon its relocation to Coimbra seventeen years later, and in addition to a growing number of privileges, the Study also received a building for its exclusive use, which would later be named *Old Studies*. It was contiguous to the Royal Palace and was in use until the construction of the

Apesar disso e pelo que se sabe da sua dimensão — seis professores ordinários para meia centena de alunos —, dificilmente poderia a jovem Universidade almejar confrontar-se com as suas congêneres de Bolonha, Paris, Oxford ou mesmo Salamanca, que continuavam a afirmar-se como rotas consolidadas da emigração escolar portuguesa: na compreensão desta realidade — e num plano mais conjuntural — não devendo negligenciar-se o impacto nocivo da grave crise a um tempo social, económica e da consciência religiosa que afectaria a Europa nos séculos XIV e XV e que teria graves repercussões no ambiente intelectual.

Em todo o caso, a estadia coimbrã não seria demorada e, em 1338, por carta de 17 de Agosto, D. Afonso IV transferia de novo o Estudo para Lisboa por tencionar “fazer morada gram parte do ano na cidade de Coimbra” e necessitar para os seus oficiais das casas que utilizavam os estudantes: decisão por certo relacionada com as grandes obras que, por esses anos, empreende no Paço Real da Alcáçova. Tão pouco seria longa, todavia, a vilegiatura lisboeta e em Dezembro de 1354 já o Estudo se encontrava de regresso a Coimbra, sem que se conheçam as razões que moveram o monarca: talvez as mesmas que haviam ditado a decisão idêntica de seu pai, em 1308, ou outras relacionadas com as dificuldades de fazer sustentar aí a escola.

Uma tal agilidade por parte da corporação escolar — sedimentando uma tradição de itinerância que se configura como uma das suas maiores singularidades —, todavia, não deixa de fazer prova da parcimónia das suas estruturas. Porém, com o regresso a Coimbra, tem início um processo consolidado de intervenção no Estudo, por parte da Coroa: D. Pedro I, a par da continuidade da protecção real, legisla decisivamente em matéria disciplinar (proibindo os bacharéis de *lerem* fora das aulas) e seu filho, D. Fernando I, pressionado pela crescente animosidade entre a corporação e a população local (nascida, a um tempo, da defesa, por parte daquela, das suas prerrogativas e da reiterada denúncia, por parte destas, do não cumprimento das suas obrigações e da necessidade de estancar o contínuo êxodo de estudantes), leva a cabo a primeira reforma com que a Escola se confronta na sua longa vida.

Em conformidade e certamente em virtude da exiguidade dos *Estudos Velhos* para os projectos que acalentava, determina, em 1370, ao conservador da Universidade, que organize novas e mais amplas escolas nas casas do arrabalde, medida que parece enquadrar-se na ambição de contratação de novos mestres, recrutados no estrangeiro: sendo, aparentemente, a sua relutância em residir fora da capital a razão de fundo da falência de semelhante projecto e a origem de nova transferência para Lisboa, que o Rei determina em 3 de Julho de 1377, datando

Royal College of St Paul (Real Colégio de S. Paulo) in the mid-16th century. A set of capitals from the original building is still standing today, testifying to its meticulous architectural planning.

Nevertheless, from what is known, the young University consisted only of six regular teachers and about fifty students. It could, therefore, hardly aim at matching up to the universities of Bologna, Paris, Oxford or even Salamanca, which continued to be solid destinations for Portuguese students and scholars. To understand this issue on a more conjunctural level, it is important to mention the detrimental impact of the severe social, economic and religious crisis that affected Europe during the 14th and 15th centuries, which had strong repercussions on intellectual circles.

In any case, the university did not remain in Coimbra for long. In 1338, in a letter dated August 17, King Afonso IV transferred the Study back to Lisbon. He intended “to live most part of the year in the city of Coimbra” and required the buildings occupied by the students for his staff. This decision was certainly related to the important construction works carried out at the Royal Palace during those years. However, the stay in Lisbon would not be long either. In December 1354, the Study returned to Coimbra, though the reasons behind the monarch’s decision are not known. Perhaps the same reasons that had motivated a similar decision made by his father back in 1308 now also motivated King Afonso IV, but there may have been other reasons related to the difficulties inherent to the support of the school in Lisbon.

Such flexibility on the part of the school corporation not only stresses its itinerant tradition — which is one of its most distinctive characteristics — but also points to the sparseness of its structures. However, upon its return to Coimbra, the Study became the object of consistent intervention by the Crown. Apart from maintaining royal protection, King Pedro I passed crucial laws on disciplinary matters (forbidding bachelors to teach outside the school), and his son, King Fernando I, carried out the first of the reforms that the School would experience throughout its many years of existence. The growing hostility between the corporation and the local population, which pressured Fernando I to undertake this reform, was a result of the corporation’s defence of its prerogatives against reiterated accusations by the population that it was not fulfilling its obligations and that there was a need to stop the steady flight of students from the city.

In accordance with King Fernando I’s reform plans, and certainly because of the limitations of the *Old Studies* for the projects that he envisaged, in 1370 he ordered the administrator of the University to



Edifício onde funcionaram as Escolas Gerais em Lisboa até à transferência definitiva para Coimbra, desenho de Alberto Sousa
Building occupied by the *Studium Generale* (General Schools) in Lisbon until its final transfer to Coimbra, drawing by Alberto Sousa



ainda da etapa coimbrã a solicitação ao Papa (deferida em 1376 e endereçada já ao Estudo *em Lisboa*) da autorização para o uso das respectivas insígnias por parte de doutores, mestres, licenciados e bacharéis.

A Universidade e a formação do Estado Moderno

A nova transferência para Lisboa seria, aliás, revestida do aparato de uma quase refundação e acompanhada da respectiva bula, emanada por Clemente VII (de Avignon) em 1380. Com a mudança, de resto, a Coroa aproveitava para fazer sentir o seu poder — confirmando e mesmo ampliando a sua malha de privilégios, mas harmonizando-os com a sua própria supremacia —, ao mesmo tempo que demonstrava uma consciência crítica da utilidade da escola no reforço e sedimentação do seu próprio poder. Como se escrevia na própria carta régia de 1377, “a majestade do rei ou príncipe não solamente deve ser afremoseada per armas mas ainda deve ser per leys e dereitos armada per aquelles que dos dereitos som sabedores”.

Com a trasladação, contudo, inaugurava-se a primeira fase de real estabilidade na vida da escola (a estadia iria durar 160 anos). Mas é o papel desempenhado pelos juristas ligados à Universidade (João das Regras, Martim Afonso e Gil do Sem) na crise dinástica e nacional que se segue à morte de D. Fernando I (1383-85) e o facto de os estrategos que rodeavam o Infante D. João, Mestre de Avis e futuro Rei, tomarem a peito a captação da Universidade para o seu partido, que melhor documenta a consolidação da instituição no período imediatamente antecedente. De facto, com a ascensão do novo soberano, sob o nome de D. João I, na sequência das notáveis Cortes de 1385, reunidas na sala grande do Paço Real da Alcáçova de Coimbra (e onde caberia a João das Regras e, de um modo

organise new and larger schools in houses located in the outskirts of the city. This order seems to be in line with the intent to hire new masters of foreign nationality. But apparently, the King's reluctance to live outside the capital led to the failure of the project, and he decreed the school's transfer to Lisbon on 3 July 1377. While still in Coimbra, a request addressed to the Pope was made asking for permission for doctors, masters, graduates and bachelors to use the respective insignia. This was granted in 1376, but to the Study *in Lisbon*.

The University and the Emergence of the Modern State

The return to Lisbon had, in fact, almost the same grandeur as a re-foundation would have. The school was presented with the respective bull, which was issued by Avignon Pope Clement VII in 1380. Furthermore, the Crown took advantage of the transfer to demonstrate its power by confirming and even increasing the school's privileges, though reconciling them with the Crown's own supremacy. Simultaneously, the Crown revealed a critical awareness of the school's utility for strengthening and solidifying its own power. As the 1377 royal letter read, “the sovereignty of the king or prince should not only be adorned with weapons but also with laws and rights and fortified by those who have knowledge of them”.

The first period of true stability began after the school's return to Lisbon. It would be a stay that would last for one hundred and sixty years. However, the strongest evidence of the strengthening of the institution in the period that immediately preceded the dynastic and national crisis following the death of King Fernando I (1383-85) is provided by the role that the jurists connected to the University (João das

geral, aos legistas do seu conselho, um papel central) e da sua entronização na própria capela palatina, a Universidade via reforçados e ampliados os seus privilégios e o seu prestígio, não sendo porventura descabida a afirmação de Moreira de Sá de que “bem pode afirmar-se que foi a Universidade que colocou no trono o Mestre de Avis”.

É então que emerge (documentada gradualmente desde o início do século XV) uma figura nova na orgânica escolar: o *Encarregado do Estudo* ou *Protector*, personagem destinada a propiciar uma ligação mais íntima aos centros decisórios do poder real e justamente corporizada (pela sua proximidade ao novo Rei) em João das Regras. Com tudo isso, o novo século iniciaria também uma actuação mais sistemática, por parte da Coroa, de ingerência na vida escolar, suscitando, da parte da corporação, as mais vivas reacções. E um primeiro assalto — mesmo que o poder real se tenha ainda visto constrangido ainda a recuar — seria materializado logo em 1415, com a nomeação de Lourenço Martins como provedor e recebedor das rendas da Universidade, o que lhe garantia acesso directo à administração financeira da escola, sendo ainda no gozo da antiga autonomia que esta organiza, em 1431, uns *Estatutos*, solenemente jurados na Sé de Lisboa, a 16 de Julho e onde, significativamente, ocupam amplo espaço as questões de ritos e cerimonial (v.g., neles se prescreve, pela primeira vez, o traje académico): testemunho eloquente do cuidado posto pela corporação na construção de uma imagem de poder.

O século XV é, porém, de algum modo, a *época das universidades* — ou, pelo menos, a sua segunda época — e, se a ruptura produzida pelo *Grande Cisma* tornara obsoleto o sentido universalista dos antigos *studia*, a emergência do Estado Moderno e dos nacionalismos reservava-lhes uma nova vocação, ao serviço do prestígio dos soberanos ou dos municípios e da formação das elites locais, em particular de teólogos e juristas, pelo que se assiste, por toda a Europa, entre os inícios e os finais do século, a um surto de novas fundações. Tal justifica o redobrar de interesse por parte da Coroa portuguesa em torno do estudo nacional, particularmente expresso na acção de dois dos filhos de D. João I: o herdeiro, D. Duarte, e o Infante D. Pedro, que dela se ocupa na sua obra *A Virtuosa Benfeitoria* e, particularmente, na *Carta de Bruges*, alimentada pelas observações que desenvolve no seu demorado périplo europeu.

A crise da consciência religiosa e a *emenda* da Universidade

Na verdade, é centralmente a questão da crise cultural e moral do clero português — repercussão local de uma crise mais vasta, de contornos europeus — e da gravidade das suas repercussões sociais que verdadeiramente constitui o eixo das preocupações

Regras, Martim Afonso and Gil do Sem) played during this crisis, and by the fact that the strategists who surrounded Prince João, Master of Avis and future King, worked hard at enlisting the University in their cause. Indeed, the privileges of the University and its prestige were strengthened and increased with the ascension of the new sovereign, King João I, to the throne, in a ceremony that took place in the royal chapel of the Coimbra Palace. This was the outcome of the famous council of the kingdom (*cortes*) held in the Royal Palace of Coimbra in 1385, where João das Regras and his jurists played a central role. Thus, Moreira de Sá is probably right when he writes “it may well be stated that the University placed the Grand Master of Avis on the throne”.

A new position of *Head of Studies* or *Protector* (documented from the beginning of the 15th century) was then introduced to the school structure, with the aim of providing a closer connection to the decision-making bodies of royal power. João das Regras was chosen for this position due to his closeness to the new King. As a result, the new century began with a more systematic involvement by the Crown in the school's management, which aroused the strongest reactions from the corporation. Even though the royal power was compelled to step back, a first attack materialised in 1415 with the appointment of Lourenço Martins as purveyor and collector of revenues, a position which gave him direct access to the financial administration of the University. While still enjoying its former autonomy, the University drafted new bylaws, which were confirmed by solemn oath at the Lisbon Cathedral on 16 July 1431. They focused largely on matters of rites and ceremonies (for instance, the issue of academic attire was specified for the first time), a fact that eloquently attests to the corporation's concern about constructing an image of power.

However, it can be said that the 15th century was the *age of the universities*, or at least their second most important period. If the *Great Schism* had rendered the universal meaning of the old *studia* obsolete, then the emergence of the Modern State and nationalism conferred upon them a new vocation: to serve the prestige of sovereigns and municipalities and to contribute to the formation of local elites, particularly theologians and jurists. Therefore, throughout the century, Europe witnessed a boom in new establishments, which explains the increased interest of the Portuguese Crown in the national university. This was particularly visible in the actions of two of the sons of King João I: Crown Prince Duarte and Prince Pedro. The latter addressed the subject in his work *A Virtuosa Benfeitoria*, and particularly in *Carta de Bruges*, which was based on what he had observed during his long tour across Europe.



do Infante D. Pedro nos textos aludidos e é nesse escopo que recomenda a reforma (*emenda*) da Universidade e a criação de uma extensa rede de colégios “*por maneyra dos de vxonia e de paris*”, a dinamizar por prelados e ordens religiosas, em regime de internato e sob a autoridade de um superior formado nas referidas universidades.

À implementação do programa delineado pelo infante — configurando um modelo colegial e hierárquico de matriz parisina e oxfordiana — se opunha, porém, o carácter basista e corporativo do Estudo português, *universitas scholarium* decalcada pelo molde de Bolonha e Salamanca e dele apenas constituirá eco o colégio instituído em 1447 por testamento do seu amigo, o lente de Leis Diogo Afonso de Mangancha, que, apesar de extinto em 59, viria a estar na origem do futuro Colégio de S. Domingos.

Neste contexto, a reforma deveria realizar-se *por dentro*, sem ferir as tradicionais imunidades da corporação e em tal radicar-se, decerto, a razão da entrega do *Protectorado* a outro filho de D. João I, o Infante D. Henrique, Duque de Viseu, que a História celebrizaria como *O Navegador* e cujo rasto é possível seguir a partir de 1431, data da doação

The Crisis of Religious Conscience and the *Amendment* of the University

The essence of Prince Pedro’s concerns in the above-mentioned writings was mainly the cultural and moral crisis of the Portuguese clergy – a local consequence of a broader crisis at European level – and the seriousness of its social repercussions. With this in mind, he recommended the reform (*amendment*) of the University and the establishment of a vast network of colleges *based upon those of Vxonia [Oxford] and Paris*. They were to be administered by prelates and religious orders, according to a residential system, and under the authority of a graduate from those universities.

However, the grassroots and corporate nature of the Portuguese Study, a *universitas scholarium* that followed the model of Bologna and Salamanca, opposed the implementation of the programme defined by the Prince, which was based on a collegiate and hierarchical framework inspired by the Paris and Oxford model. Only the college founded in 1447 by the last will and testament of his friend, the professor of Law Diogo Afonso de Mangancha, echoed his programme. Though this college was

de uma importante quantia em dinheiro e de “huuns paaços e assentamentos de casas”, situados na zona da Pedreira (Chiado) com que visava colmatar a carência de estruturas da instituição: benesse que em 1443 acrescentaria com a cedência de outras casas no mesmo bairro, com obrigação de a memorar, por meio de um préstito anual, em 25 de Março, à igreja de Nossa Senhora da Graça.

A coberto da dádiva, porém, o Infante levava a cabo uma verdadeira reforma, com instituição de novas cadeiras (inclusão do *quadrivium* e da filosofia natural e moral) e completo controlo do sistema de estudos, num quadro a que não deverá ser alheio o interesse pelo desenvolvimento de áreas do conhecimento estruturais para o empreendimento das Descobertas. Do mesmo modo se lhe deve o financiamento da cadeira de *prima* de Teologia e, bem assim, o estabelecimento da obrigação de proferir todos os anos uma oração na abertura dos estudos, origem da *oração de sapiência* que continua a vigorar na cerimónia da abertura solene das aulas da Universidade.

De resto, era o ensino da Teologia que realmente garantia ao Estudo português a dignidade de *universidade completa*, e o Infante, além do mais *Mestre de Cristo*, não poderia ser imune à preocupação que a seus irmãos e, essencialmente, à Coroa, merecia a formação intelectual e moral dos homens do clero. E o próprio D. Pedro, com efeito, procuraria promover, na sua cidade ducal de Coimbra, a instalação paralela de outra universidade, a qual, instituída no decurso da sua regência, em 31 de Outubro de 1443, conheceria vida obscura, sendo reinstituída por D. Afonso V, após a sua morte, a 22 de Setembro de 1450, cedendo-lhe por morada os *Estudos Velhos* dionisinos, adjacentes ao Paço Real: onde sobreviveria, mesmo que sem ultrapassar o nível de *studium artium*, até 1537, quando a transferência final daquela que era, por antonomásia, a *Universidade Portuguesa*, torna despicienda a sua subsistência. E dela, de igual modo, subsiste ainda a lápide fundacional.

Morto D. Henrique, em 1460, seria o cargo de *Protector* da Escola herdado pelo Infante D. Fernando, seu sobrinho e filho adoptivo, enquanto o pai, D. Afonso V, do mesmo passo que se esforça por solucionar os seus atávicos problemas económicos, insiste no caminho encetado por seu avô, D. João I, quando da nomeação do *recedor*: agora, porém, apetrechado do novo instrumento que resultava da aproximação do estudo, por via daquele cargo, à órbita do poder real. Os violentos protestos universitários iriam confrontar a Coroa, por uma vez ainda, com a falência dos seus intuitos de controlo, mas em 1471 o monarca leva avante a promulgação de um novo *Regimento*, onde se regulamentam em detalhe múltiplos aspectos da actividade docente,

closed in 1459, it would provide the foundation for the future College of S. Domingos.

In this context, the reform had to be carried out *from within*, without affecting the traditional immunities of the corporation. This might be the reason why the Protectorate was handed over to a third son of King João I, Prince Henrique, Duke of Viseu, who would become known as *The Navigator*. It is possible to keep track of his activities from 1431, when he donated a large amount of money and “some palaces and plots for houses” in the area of Pedreira (Chiado) to the university with the aim of providing it with the buildings that it so sorely needed. In 1443, the Prince donated some more houses in the same neighbourhood, with the proviso that this gift was celebrated on March 25 of every year in a procession to the church of Nossa Senhora da Graça.

The Prince’s gifts were merely the façade of the actual reform that he carried out, which involved the introduction of new disciplines (the *quadrivium* and natural and moral Philosophy) and the full reorganisation of the system of studies. The growing interest in the development of areas of knowledge that were crucial to the Discoveries certainly contributed to this change. Also, the financing of the *prima* discipline of Theology as well as the obligation to pray at the beginning of each academic year can be credited to him. This was in fact the origin of the *sapience speech* that is made to this day at the ceremony of inauguration of classes at the University.

As a matter of fact, it was the teaching of Theology that truly conferred on the Portuguese Study the status of a *complete university*, and the Prince, who was also the Master of the Order of Christ, could not have been immune to his brothers’ concerns – and especially the Crown’s – about the intellectual and moral education of the clergy. In fact, Prince Pedro himself attempted to promote the parallel establishment of another university in his ducal city, Coimbra. This was established during his regency, on 31 October 1443, but had an obscure existence. After the Prince’s death, it was re-established on 22 September 1450, by King Afonso V, who based it in the buildings of the *Old Studies* founded by King Dinis, next to the Royal Palace. Though it never went beyond the level of a *studium artium*, it survived until 1537, when the final transfer of the University to Coimbra rendered it superfluous. Its foundation stone remains there to this day.

When Prince Henry died in 1460, the position of Protector of the School was inherited by his nephew and adopted son, Prince Fernando. At the same time, King Afonso V was attempting to solve the School’s chronic economic problems and insisted on following the same path that his grandfather, King João I, had taken when he had appointed a collector.

bem como a forma de eleição do reitor, agora também com o voto dos lentes: início da reversão do carácter basista que a instituição lograra até então fazer vingar.

Por esse tempo, aliás, o monarca assumia já directamente (ou livremente delegava) as funções de *Protector* que, doravante, não mais saíam da órbita real, prosseguindo seu filho, D. João II, sem desfalecimento, essa dupla política de controlo amparado em benesses — que a própria escola, na verdade, procurava, como forma de afirmação corporativa da comunidade — sem, todavia, lograr com isso ultrapassar um patamar de obscuridade que confirma o contínuo êxodo escolar rumo a Paris, Bolonha e Salamanca, encetando o monarca, por seu turno, a política definida pelo Infante D. Pedro, seu tio-avô, de formação internacional dos futuros dirigentes, protagonizada pelo envio a Paris, a cursar Teologia, de Diogo de Gouveia, que tão grande papel viria a ter, a breve trecho, na reforma da instituição.

A intervenção de D. Manuel I e o cerco à instituição universitária

Em conformidade e já nos alvares do século XVI, D. Manuel I, seu sucessor, dará continuidade à política de ingerência régia nos assuntos da Escola, intervindo desde logo no plano disciplinar, ao mesmo tempo que negoceia com a Santa Sé a antiga pendência (que remontava a D. Afonso V) da contribuição dos cabidos para o sustento do Estudo, de que resultaria a instituição das coneshias *magistrais* e *doutorais*, providenciando, do mesmo passo, o sustento dos lentes e a elevação intelectual das cúrias metropolitanas. Simultaneamente, implementava, em Paris, um amplo sistema de bolsas de estudo, pagas pela feitoria de Antuérpia e, em 1498, instituiu igualmente, no Colégio de Montaigu, um generoso fundo de 1300 libras, com o qual se garantiam duas vagas perpétuas para escolares pobres portugueses.

Mais que uma revolução pedagógica (como também seria, com a criação de novas cátedras, nomeadamente de Teologia e Filosofia natural e moral), económica ou, sequer, administrativa, é da reforma jurídica da própria base sobre a qual se erguera a Universidade medieval — última entre as universidades medievais, livres e corporativas, porém longa e espontaneamente encostada à Coroa, em busca do sustento e *protecção* de que necessitava para poder vingar (Estudo periférico como era) — que o Rei verdadeiramente cuida, a partir da hipertrofia e do desenvolvimento carismático da figura tutelar do *Protector*, doravante indissociável da pessoa do monarca, num tempo (o do Estado Moderno que nascia) em que este era o *princípio* em redor do qual, cada vez mais, se estruturavam os *poderes*. É

But Afonso V now sought to take advantage of the fact that the new Protector provided a close link between the university and the royal power. Although violent academic protests confronted the Crown once again and led to the failure of his intention to control the university, in 1471 he went ahead with the promulgation of new ordinances, which established detailed rules concerning several aspects of teaching as well as the rector's election. The fact that the rector was now elected by the professors indicated that the grassroots character of the institution, which had prevailed up to this moment, had begun to change.

In actual fact, by that time Afonso V had already taken on the role of Protector (or delegated it at will), and thereafter this office would never leave the royal sphere. His son, King João II, steadfastly persisted with the same policy of dual control supported by donations and benefits — which were, in fact, sought out by the school itself as a means of corporate affirmation. Still, the school was unable to rise above obscurity, as confirmed by the continuous exodus of students to Paris, Bologna and Salamanca. To offset this, King João II put into practice Prince Pedro's policy of educating future leaders abroad. It was under this policy that Diogo de Gouveia, who would shortly come to play an extremely important role in the reform of the institution, was sent to Paris to study Theology.

The Intervention of King Manuel I and the Siege of the University

In the early 16th century, King Manuel I, heir to King João II, continued to pursue a policy of royal involvement in the matters of the School, notably in issues of discipline. At the same time, he negotiated with the Holy See an old claim that dated back to the time of King Afonso V concerning the contribution of the chapters to the upkeep of the school. This resulted in the establishment of magistral and doctoral canonries, which provided support for the professors and contributed to the intellectual development of the metropolitan curiae. At the same time, in Paris, he implemented a broad system of scholarships (which were paid for by the *feitoria* [trading post] at Antwerp), and in 1498, he also established a generous fund of 1,300 pounds at the College of Montaigu which was used to pay for two permanent places for poor Portuguese students.

More than the pedagogic revolution (which would also take place with the creation of new chairs, namely in Theology and natural and moral Philosophy) and the economic or even administrative revolution, the King was truly concerned with the legal reform of the foundations upon which the mediaeval University had been built. It was the last among the mediaeval, free and corporate universities,



Pormenor do portal manuelino da Capela de São Miguel, MR, 2009
Detail of Manueline portal in St. Michael's Chapel, MR, 2009



esse o quadro de que emergem os novos *Estatutos*, outorgados por D. Manuel I, ao que se crê em 1503 e onde, justamente, se afirma logo de entrada ser vedado à Escola “fazer statutos sem ellRey ou protector”, do mesmo passo que, na sistematização e reorganização do seu corpus jurídico, se leva a cabo uma meticulosa purga dos últimos resquícios da sua antiga autonomia.

Em boa verdade, com efeito, é realmente *outra* a instituição que emerge da reforma manuelina: não já a *universitas scholarium* dionisina, assente no modelo *basista* bolonhês, mas uma escola *nova*, hierarquizada e funcionalizada, ligada estreitamente ao seu *governador*, dotada de uma complexa estrutura administrativa (conselheiros, deputados, conservador, síndico, recebedor, bedel, escrivães, taxadores, etc.), que se manterá praticamente inalterada até à reforma pombalina de 1772. E sobre ela impende, doravante, a magna figura do *reitor*, nova e grave personagem, que nada deve ao *primus inter pares* da tradição medieval, mas a um perfil novo de funcionário áulico, que se desenha a partir da *eleição*, já em 1500, do bispo de Fez, D. Francisco Fernandes. E também o monarca compreendia (como, antes dele, D. Henrique) a estreita relação

though it found itself continuously dependent on the Crown for the support and protection it needed to thrive (given its peripheral location). The legal reform conducted by the king centred on the increased relevance of the role of the Protector, who, henceforth, would be inseparable from the monarch, in a period (that of the emerging Modern State) when power became increasingly concentrated in the hands of the ruler. It was in this context that the new *Bylaw*, approved by King Manuel I in 1503, stated precisely at the beginning that the School was forbidden from drawing up “bylaws without the King or the protector’s approval”. The new bylaw also carried out a meticulous purging of the last remnants of the university’s ancient autonomy in the systematisation and reorganisation of its legal corpus.

In truth, a *different* institution emerged from the reform that took place during the reign of King Manuel I. It was no longer the *universitas scholarium* from the reign of King Dinis, based on the Bolognese model, but rather a *new* school, with a hierarchical and functional structure. It was closely connected to its governor and endowed with a complex administrative apparatus (counsellors, representatives, administrator, trustee, collector,

existente entre qualidade de ensino e qualidade das respectivas instalações: a outorga dos novos Estatutos far-se-ia, assim, acompanhar da doação de novas *casas*, edificadas em lugar mais conveniente e “em forma e disposição descollas geraes”.

À reforma de D. Manuel I, aliás, se deve o primeiro ensaio de valorização e autonomização do ciclo preparatório, renunciando aquela que será uma das traves mestras da grande reforma protagonizada por seu filho. Uma vez mais, porém, era ainda a valorização do clero e a importância que esta revestia na *emenda dos súbditos*, que se configuravam por detrás da própria *emenda* da Universidade: donde a atenção prestada às faculdades de Teologia e Cânones, mas também o envio de bolseiros para Paris e Lovaina, capitais do ensino teológico desde os finais do século XV, no que constitui uma significativa reorientação da tendência bolonhesa da emigração escolar medieval. Ou ainda a fundação, em 1517, anexo ao mosteiro de S. Domingos de Lisboa, do Colégio de S. Tomás.

Com tudo isso porém, a renovação projectada ver-se-ia tolhida nos seus objectivos pela inércia da própria máquina universitária, pelo laxismo atávico das práticas escolares e pela própria instabilidade do corpo docente. Faltar-lhe-ia uma verdadeira renovação dos conteúdos do ensino, bem como uma organização sólida — os *colégios* do Infante D. Pedro — que corporizasse a separação ambicionada dos preparatórios e permitisse ao sistema escolar português, nesse primeiro quartel do século XVI, ostentar mais que a tímida aproximação ao horizonte cultural e processual do Humanismo em que, efectivamente, se saldou.

De facto, atestam-no o êxodo contínuo de escolares em direcção a Salamanca, Alcalá, Paris e Florença, ou mesmo as vozes críticas dos próprios bolseiros régios em Paris, denunciando, por esses anos, a obscuridade da vida intelectual e pedagógica do Estudo nacional. Mas a reforma operada na hierarquia de poderes seria suficiente para franquear a entrada à *modernidade*, não descurando o novo monarca, D. João III, a oportunidade de intervenção que lhe forneceria a estranha displicência revelada pela Escola no tratamento do assunto da *eleição* do Protector, somente regularizado decorrido um ano sobre a morte de D. Manuel I, em Dezembro de 1522 e após formal intimação do novo Rei. A questão não era, de facto, meramente protocolar, nela residindo a base jurídica indispensável a qualquer intervenção e é provável que o confronto implícito na atitude da corporação não tivesse pesado pouco na consciencialização do monarca da necessidade de levar a cabo uma reforma mais profunda do que a implementada pelo seu progenitor.

beadle, scribes, tax collectors, etc.) that would remain basically unchanged until the Marquis of Pombal's reform in 1772. The school would be ruled, from then on, by the *rector*, a new and powerful figure that had nothing to do with the *primus inter pares* of the mediaeval tradition, but was rather related to a new profile of royal court official. This started to take shape after the election of the Bishop of Fez, D. Francisco Fernandes, in 1500. The monarch was also aware (as Prince Henry had been in the past) of the close connection between the quality of education and the quality of the school's facilities. Therefore, the approval of the new bylaw was followed by the donation of new houses, which were built in a more appropriate location and “in the form and layout of general schools”.

In effect, the first attempt to enhance the preparatory cycle and to make it autonomous was due to the reform carried out by King Manuel I, prefiguring one of the main pillars of the important reform that his son would later conduct. Once again, it was the valorisation of the clergy and the recognition of their importance for the *amendment of the subjects* that were behind the *amendment* of the University itself. This explains not only the attention paid to the faculties of Theology and Canon Law, but also the fact that scholarship students were sent to Paris and Louvain, both capitals of theological education since the end of the 15th century. This implied a significant reorientation of the predominant migratory flows of students to Bologna in the mediaeval period. It also explains the foundation of the College of S. Tomás, in 1517, which was connected to the monastery of S. Domingos in Lisbon.

Nonetheless, the intended renovation found its aims disabled as a result of the inertia of the university apparatus itself, the chronic laxity of school practices and the instability of the faculty. A true renovation of the curriculum was missing as well as a solid organisation, similar to the colleges of Prince Pedro, that could materialise the desired separation of the preparatory cycle and allow the Portuguese school system, in the first quarter of the 16th century, to show more than a shy approximation to the cultural and methodological horizon of Humanism.

The continuous exodus of students to Salamanca, Alcalá, Paris and Florence corroborated that idea, as did the critical voices of the royal scholarship students in Paris, who, at the time, deprecated the obscurity of the intellectual and pedagogic life of the national university. However, the reform introduced in the hierarchy of powers was sufficient to usher in *modernity*. The new monarch, King João III, did not pass up the opportunity to intervene that was presented by the strange indifference that the School revealed in matters of the election of the Protector. It was a situation that was solved only in



A reforma do clero, a reforma da universidade e a *docta pietas*

Nesse sentido, com efeito, logo em 1523, procede o monarca a um aumento significativo dos vencimentos dos docentes, enquanto, em 1525, um novo *Regimento* procura introduzir ordem na administração escolar, esforçando-se por modernizar o ensino das Humanidades. Mas não terá tardado a capacitar-se da inviabilidade de reformar *por dentro* a instituição, pelo que se furta sempre a confirmar-lhe os privilégios, enquanto negocia com Diogo de Gouveia-o-Velho (o ilustre português, director do Colégio de Santa Bárbara), a partir de 1526, a formação em Paris do famoso contingente dos *bolseiros d'El-Rei*, que, sob a sua direcção, deveria, dentro de alguns anos, fornecer o Reino de uma plêiade eminente de mestres e teólogos. E, desde 1525, estabelece negociações com o Papa, a pretexto da falta de salubridade de Lisboa, para a transferência da Escola, aparentemente para Évora. Finalmente e por esses mesmos anos, ocupa-se em prover-se das necessárias licenças pontifícias que haveriam de permitir-lhe reformar os Agostinhos de Coimbra e restaurar, em novos moldes, a prestigiosa tradição escolar do Mosteiro de Santa Cruz. E em função disso se dirige a essa cidade, numa longa estância que ocupa os meses de Julho a Dezembro de 1527 e que se revelaria determinante na história ulterior da Universidade.

December 1522, one year after the death of King Manuel I, and after a formal summons from the new King. In effect, this was not a mere issue of protocol, involving rather the legal foundation that was vital to any intervention. It is likely that the confrontation that was implicit in the behaviour of the corporation contributed considerably to raise the monarch's awareness of the need to carry out a deeper reform than the one introduced by his progenitor.

The Clergy Reform, the University Reform and *Docta Pietas*

Taking this into consideration, in 1523 the monarch proceeded without delay to increase the professors' remuneration considerably. In 1525, new ordinances were introduced in an effort to organise the school administration as well as modernise the teaching of the Humanities. However, it did not take him long to realise that reforming the institution *from within* was simply not feasible, and this is the reason why he always avoided confirming its privileges. Therefore, in 1526, he established negotiations with Diogo de Gouveia, Senior (the illustrious Portuguese director of the College of St Barbara in Paris) concerning the education of the famous group of *scholarship students of the King*. These would be under Diogo de Gouveia's supervision, and provide the Kingdom with a distinguished group of masters and theologians

Com efeito, uma das mais graves preocupações de D. João III nesses seus primeiros anos de reinado era ainda a que resultava da gravíssima crise moral e intelectual que afectava o clero, tanto regular como hierárquico. O fenómeno não era novo e muito menos especificamente português, caracterizando o declinar da Idade Média europeia, do século XIV em diante e definindo-se com particular clareza ao longo do século XV e nas décadas iniciais do XVI. Mas a intimidade da ligação do clero à vida comunitária, no plano espiritual e assistencial como no do ensino, fazia com que a sua crise interna adquirisse o recorte e a monumentalidade de uma verdadeira crise social, de tanto maior gravidade quanto o próprio processo de construção do Estado Moderno dependia em absoluto da qualidade do funcionalismo (laico e eclesiástico) de que pudesse dispor.

Por isso esse conjunto de questões e, particularmente, a resolução da crise cultural e moral do clero português, constituirá o escopo central das preocupações do Infante D. Pedro, seja na *Virtuosa Benfeitoria*, seja, particularmente, na *Carta de Bruges*, e o motor central da *emenda* proposta para a Universidade e da correlativa ideia da criação de uma extensa rede de colégios “*por maneyra dos de vxonia e de paris*”. E pela documentação coeva perpassa a recorrente noção de que a reforma do clero passava pela generalização, neste, de uma prática exigente de observância e de cultura, capaz de formar *varões devotos mas sábios*, susceptíveis, por seu turno, de reproduzir esse modelo de vida e, mais que tudo, essa atitude, mesmo entre a comunidade secular. Passava, pois, pela reforma dos costumes e da própria piedade. E, se a crise dos costumes e da consciência religiosa mergulhava fundo as suas raízes, há muito já também que, progressivamente, por toda a Europa, se vinha esboçando a reacção, estimulada, não pela hierarquia, mas por intelectuais e agentes dispersos, actuando no seio da comunidade laica e atentos aos seus problemas.

Radica aqui a origem de uma corrente de sensibilidade religiosa, formada progressivamente ao longo do século XV, juntando num mesmo movimento congregações e grupos de leigos, como os cónegos regantes de Windesheim ou os *Irmãos da Vida em Comum*, apostada na dignificação da vida activa e no valor salvífico da oração e do trabalho, ao mesmo tempo que na reforma dos costumes, tanto no plano eclesiástico como no civil e valorizando a leitura directa da Bíblia e dos textos dos Padres da Igreja (no que se opunha à Teologia escolástica e à sua tradição dialéctica e sofista), dedicando-se também os *Irmãos* ao ensino da juventude nas escolas. Nascia assim a *devotio moderna*, por seu turno raiz da *docta pietas* de Erasmo, Marsílio Ficino e Lefèvre d'Étaples, com a sua aposta na formulação de uma *teologia piedosa* dobrada de uma *piedade esclarecida*. Esta última, com efeito, não constitui já uma corrente

within a few years time. After 1525, the monarch also established negotiations with the Pope with a view to transferring the School, this time apparently to Évora, under the pretext of the unhealthy Lisbon climate. Finally, in the same period, he sought the necessary pontifical licences that would allow him to reform the Augustinian community in Coimbra and restore the prestigious scholarly tradition of the Monastery of Santa Cruz. With this in mind, he travelled to Coimbra, where he stayed from July to December 1527, a long stay that would be decisive for the future history of the University.

One of the strongest concerns of King João III during the early years of his reign was still, indeed, the extremely serious moral and intellectual crisis that affected both high and low clergy. The phenomenon was not new and certainly not limited to Portugal. It characterised the end of the European Middle Ages, from the 14th century onwards, and became particularly visible in the 15th century and in the early decades of the 16th century. However, the intimate relationship between the clergy and the community in matters of the spirit, assistance or instruction, caused the internal crisis to assume the dimension of a real social crisis. The problem was indeed very serious, given that the construction of the Modern State itself depended entirely on the quality of both secular and ecclesiastic officials.

All these issues, and particularly the solving of the cultural and moral crisis of the Portuguese clergy, had been at the heart of Prince Pedro's concerns when he wrote the *Virtuosa Benfeitoria* and, especially, *Carta de Bruges*, and they were also the main reason behind the “amendment” he had proposed for the University and the correlated idea of creating a broad network of colleges based upon the model of Oxford and Paris. Documents from that period convey the persistent idea that the reform of the clergy implied the generalised adoption of a demanding practice of religious observance as well as the diffusion of culture. This would lead to the fashioning of *devout yet wise men*, who would, in turn, be able to reproduce a similar lifestyle and, especially, a similar mindset, even among the lay community. This entailed, then, a reform of customs and of devotion itself. But a response to this deep-rooted crisis in customs and religious conscience had been progressively taking shape for a long time across Europe. It was not stimulated by the hierarchy but rather by intellectuals and others in different places who played an active role in the secular community and were sensitive to its problems.

It is here that we find the origins of a religious movement that gradually developed during the 15th century, bringing together both religious congregations and groups of lay people, such as the canons regular of Windesheim and the Brethren



Frei Brás de Braga lendo as Constituições aos cônegos regrantes, *Livro das constituições e costvmes q se guardã em os Moesteyros da cõgregaçam de sancta Cruz de Coimbra*, 1544, UCBG

Friar Brás de Braga reading the Book of Constitutions of Santa Cruz to the canons regular, *Livro das constituições e costvmes q se guardã em os Moesteyros da cõgregaçam de sancta Cruz de Coimbra*, 1544, BGUC



de sensibilidade espiritual e prática devota, mas um amplo movimento cultural de base humanista, apostado em produzir a harmonização do legado antigo com a tradição cristã, como plataforma para a redenção e a genuína *Imitação de Cristo*, onde a tradição filológica humanista, nomeadamente o cultivo das línguas antigas (latim, grego e hebraico) lhes serve para promover um regresso às fontes (a Bíblia e a Patrística), com o objectivo de depurar a mensagem evangélica da deformação operada, durante séculos, pelo Perípato. Coincidem com os reformistas do século XV na inquietação, como na valorização da vida interior e na crítica à Teologia escolástica, mas, munidos do aparato intelectual que faltava aos outros, ferem mais fundo, assestando as suas armas à própria cidadela dos teólogos tradicionais (as universidades) e, em geral, à velha rotina do sistema de ensino.

Erasmus, particularmente, na sua pretensão de articulação da cultura clássica com as fontes primordiais do Cristianismo, aposta numa verdadeira *pedagogia*, propedêutica do estudo e da compreensão dos textos sagrados, justificando

of the Common Life. In addition to the reform of both ecclesiastic and lay morals, this movement was committed to dignifying the active life. It defended the redemptive value of prayer and work, as well as the importance of reading the Bible and the manuscripts of the Church Fathers directly (as opposed to the dialectical and sophist tradition of scholastic Theology). Moreover, the Brothers equally dedicated themselves to teaching the youth at school. This was then the beginning of the *devotio moderna*, which was at the root of the *docta pietas* of Erasmus, Marcilio Ficino and Lefèvre d'Étaples, which involved the development of a *devout theology* coupled with an *enlightened devotion*.

The latter, in effect, was not so much a spiritual trend or a movement of devout practice but a broad humanist-based cultural movement. It was committed to harmonising the legacy of the ancients with the Christian tradition in order to achieve redemption and a genuine *Imitation of Christ*. The humanist philological tradition, namely the cultivation of ancient languages such as Latin, Greek and Hebrew, helped promote a return to the sources (the Bible



que a *reforma* assente, a um tempo, na reconversão da prática piedosa e na reformulação do ensino teológico que a estruturava — postulado pragmático justificativo da força revolucionária que adquiririam as ideias do seu mentor, a um tempo no plano ético e no pedagógico, e da repercussão universal que viriam a ter. O tempo novo e o homem novo teriam de assentar numa piedade exigente, conduzida por uma nova Teologia: uma *piedade esclarecida*, que o mesmo é dizer uma *douta piedade*.

Se não pode comprovar-se, nos anos que precedem imediatamente a derradeira transferência da Universidade para Coimbra, a penetração do erasmismo enquanto sistema coerentemente aplicado, contudo não restam dúvidas de que este conjunto de ideias (e, sobretudo, a noção de que urgia operar uma reforma drástica da observância religiosa, a qual passava, em grande medida, pela reforma das bases do ensino) fazia já caminho entre o conjunto de homens que rodeiam D. João III, muitos deles formados na Europa, onde, com frequência, haviam assumido posições de destaque em diversas universidades.

São nomes como os de Pedro Margalho, Francisco de Melo (matemático e amigo de Luís Vives), ambos doutorados em Paris; Luís Teixeira e Aires Barbosa, o introdutor do estudo do grego na Universidade de Salamanca (formados em Florença, com Ângelo Poliziano); o poeta Sá de Miranda; o humanista Damião de Góis (amigo pessoal de Erasmo); D. Lopo de Almeida; o historiador João de Barros; D.

and the Church Fathers), with the aim of purging the evangelical message from the distortions that the Peripatetics had caused for centuries. The movement concurred with the 15th century reformists in their concerns, in their valorisation of the inner life and in their criticism of scholastic Theology. However, its members had intellectual assets that the earlier reformers lacked, and hence their attacks penetrated more deeply and aimed directly at the citadel of traditional theologians themselves (the universities), and in general at the old routine of the educational system.

Erasmus, in particular, seeking to combine classical culture with the primal sources of Christianity, invested in a true *pedagogy* that would introduce students to the study and understanding of the holy texts. He defended that *reform* implied the simultaneous transformation of devout practice and theological instruction, since the latter structured the former. This pragmatic postulate explains the revolutionary power that Erasmus's ideas would gain, both on the ethical and pedagogic planes, and the universal repercussion that they would have. The new age and the new man would have to be based upon a demanding devotion, influenced by a new kind of Theology: an *enlightened devotion*, which is the same as to say a *learned devotion*.

We have no direct evidence of the diffusion of Erasmus's ideas as a coherently implemented system in the years that immediately preceded the last

João de Castro, futuro vice-rei da Índia; o humanista André de Resende; o matemático e astrónomo Pedro Nunes; António Luís, médico e helenista; o cronista Fernão de Pina; os prelados D. Miguel da Silva e D. Jerónimo Osório; ou os artistas Francisco de Holanda e Nicolau Chanterene. Muitos ocupando já posições de destaque nos anos que precedem a visita real a Coimbra, em 1527; outros, mais novos, integrando aquela a que já se chamou a *geração de Quinhentos* e serão eles, na década de 30, os homens da mudança. Mas o facto de Erasmo dedicar a D. João III as suas *Chrysostomi Lucubrationes*, saídas dos prelos nesse mesmo ano de 1527, não atesta apenas que na Corte portuguesa circulavam já as modernas ideias — mas que tal era conhecido do próprio mentor da *douta piedade*.

Um novo paradigma de ensino

Ora, a trave mestra da formação académica humanista assentava numa exigente escolaridade de preparatórios, ministrada por um sistema colegial à maneira de Paris, Oxford ou Salamanca e que o cardeal Cisneros, desde 1509, levava a cabo em Alcalá de Henares. Os cinquenta bolseiros parisienses do monarca constituíam, assim, a garantia de uma nova geração de mestres, formados numa das mais prestigiadas universidades europeias e, desse modo, penhor de que a implementação do moderno sistema pedagógico, que o soberano idealizava, dispusesse, como preconizara um século atrás o Infante D. Pedro, de “*bons hordenadores*” e, sobretudo, “*que já estiueram em as ditas unjuersidades*”. Em Santa Cruz, opulentíssimo cenóbio de antiga tradição intelectual, buscava, pois, o Rei, sob a férrea batuta de Frei Brás de Braga, recém-chegado, ele mesmo, de Paris e Lovaina e introduzido em Outubro de 1527, como *governador* e *reformador* do mosteiro, a um tempo o material humano, espiritual e financeiro para a inoculação, em terreno adequado, do modelo escolar europeu.

Assim, pois, ratificado o plano dos bolseiros com Diogo de Gouveia, em finais de Junho de 1527, dava D. João III, em Coimbra, início à magna empresa da *reforma* de Santa Cruz, da qual, aliás, um ano volvido, em Outubro de 28, já podiam colher-se os primeiros frutos, com a abertura da respectiva escola monástica: *studium particulare* dirigido à formação intelectual dos cônegos regantes, submetido, porém, a um plano renovado, onde, finalmente, avultava a trilogia das línguas antigas: o latim, o grego e o hebraico.

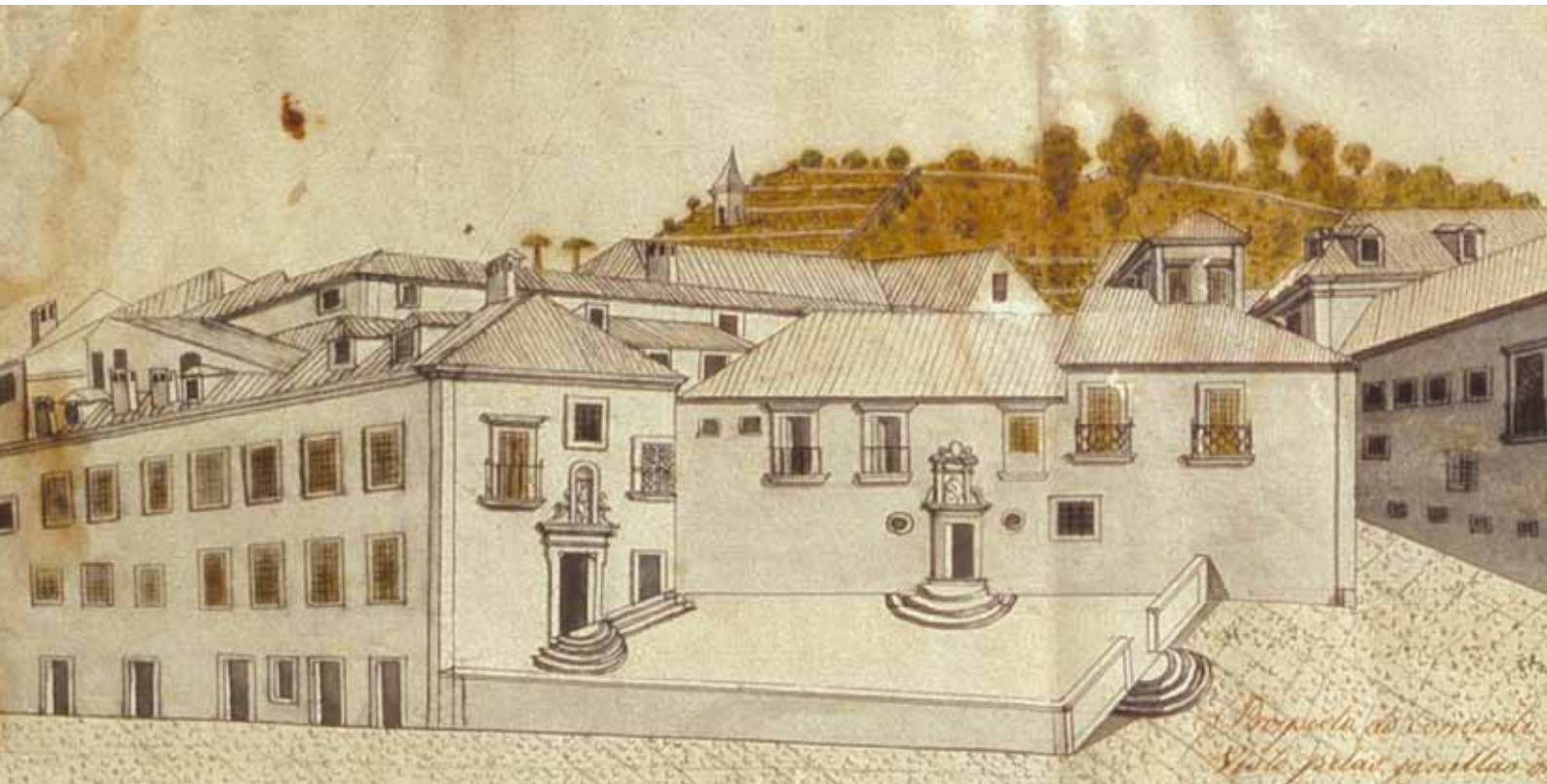
Esta, porém, assentava igualmente na reforma da piedade, com redução da comunidade à clausura e a uma observância estrita — cujas bases Frei Brás de Braga resumiria no *Livro das Constituições e Costumes*, publicado em 32, tendo por pedras angulares o recolhimento, o silêncio e a clausura — onde, tanto no que respeita à regra de vida, como aos

transfer of the University to Coimbra. However, it is undeniable that those ideas (especially the need of a drastic reform of religious observance, which to a large extent entailed a reform of the foundations of education) had already invigorated the men that surrounded King João III. Many of them had been educated in Europe and had frequently held important positions in different universities.

Among them were men like Pedro Margalho and Francisco de Melo (a mathematician and friend of Luís Vivés), both with doctorates from Paris; Luís Teixeira and Aires Barbosa (the latter introduced the study of Greek at the University of Salamanca), both educated at Florence with Angelo Policiano; the poet Sá de Miranda; the humanist Damião de Góis (a personal friend of Erasmus); D. Lopo de Almeida; the historian João de Barros; the future Viceroy of Portuguese India, D. João de Castro; the humanist André de Resende; the mathematician and astronomer Pedro Nunes; the physician and Hellenist António Luís; the chronicler Fernão de Pina; the prelates D. Miguel da Silva and D. Jerónimo Osório; and the artists Francisco de Holanda and Nicolau Chanterene. Many of them already occupied prominent positions in the years that preceded the king's visit to Coimbra in 1527. The younger men, who represented the so-called *Generation of the Fifteen Hundreds*, would usher in change in the 1530s. But the fact that Erasmus dedicated his *Chrysostomi lucubrationes* (published in that same year of 1527) to King João III demonstrates not only that the modern ideas circulated in the Portuguese Court at the time, but also that the mentor of *learned devotion* was aware of this fact.

A New Education Paradigm

The main pillar of humanist academic education was a demanding programme of preparatory studies ministered by a college system similar to those of Paris, Oxford and Salamanca. The fifty Parisian scholarship students of the king who would receive their education at one of the most prestigious universities in Europe represented a future generation of masters that would ensure that the modern pedagogic system designed by the sovereign was to be put into practice by *good administrators* who, above all, *had already been in the mentioned universities*, as Prince Pedro had stated a century before. At the Santa Cruz Monastery, an extremely imposing coenobium of the old intellectual tradition, the King sought to find the simultaneously human, spiritual and financial means required for the introduction of the European school model in an appropriate field. He did so through the firm direction of Friar Brás de Braga who, having himself just arrived from Paris and Louvain, was appointed governor and reformer of the monastery in October 1527.



aspectos patrimoniais e mesmo organizativos, chama a atenção e afinidade com as doutrinas pedagógico-espirituais desenvolvidas pelos *Irmãos da Vida em Comum* e pelos cônegos regrantes de Windesheim, passadas pelo crivo humanista, tal como haviam sido desenvolvidas, anos atrás, no regulamento do mosteiro parisiense de Livry.

Contudo, se a Santa Cruz estava reservado um papel central nos projectos régios — tanto pelos seus antigos pergaminhos culturais, como, muito particularmente, pelo potentado económico que representava —, o principal alfofre de teólogos, como, naturalmente, de médicos, artistas e juristas (*in utroque jure*) era, evidentemente, a Universidade. Pelo que será esta a concentrar as atenções do monarca, no seguimento da vilegiatura coimbrã de 1527.

A reforma e transferência da Universidade

Com efeito, face à recusa dos prelados do Reino em contribuir para o sustento dos bolseiros e em colaborar na construção da rede de colégios que o Rei tinha em mente implementar, a amplificação do projecto ensaiado em Santa Cruz (cujo controlo financeiro, justamente, o soberano adquiriria enfim em Setembro de 1527) afigurava-se como a saída plausível, em função da qual o cerco à instituição universitária se aprofundaria ainda mais.

Assim e ao mesmo tempo que os Estudos crúzios empreendiam os primeiros passos, intervinha o

As soon as the plan for the scholarship students was confirmed with Diogo de Gouveia at the end of June 1527, King João III began the great mission of reforming Santa Cruz in Coimbra. One year later, in October 1528, the first results could already be seen in the opening of the respective monastic school, a *studium particulare* for the intellectual education of the canons regular, with a renewed curriculum where, at last, the trilogy of ancient languages (Latin, Greek and Hebraic) enjoyed pride of place.

But this renewal was also based on the reform of devotion, involving the seclusion of the monastic community and strict religious observance. Its bases were summarised by Friar Brás de Braga in his *Livro das Constituições e Costumes*, published in 1532: meditation, silence and seclusion were the cornerstones of devotion. In matters of rules for living, patrimony or even organisation, its precepts were similar to the pedagogic and spiritual doctrines developed by the Brethren of the Common Life and the canons regular of Windesheim, though now filtered by the humanist perspective which had already inspired the rules of the Parisian monastery of Livry years before.

Although Santa Cruz played a central role in the royal projects because of its ancient cultural traditions and, specifically, because of the economic power it represented, the University was evidently the key source of theologians as well as of physicians, artists and jurists (*in utroque juri*). Thus, following his stay in Coimbra in 1527, the University became the centre of the king's attention.

monarca directamente, no contexto universitário, no provimento de algumas cadeiras, em aberto confronto com a orientação escolástica, não sem provocar um enquistamento ainda maior da faculdade de Teologia. Mas é então que emergem os magistérios de Pedro Nunes e de Garcia da Orta, tal como é então que se acumulam dados atinentes à transferência da Universidade de Lisboa: essencialmente a ideia de mudá-la, em 1531, para Torres Vedras, por efeito dos estragos ocasionados no bairro dos escolares pelo terramoto de Lisboa, ou a menção enigmática que o monarca passa a inscrever, a partir de 1532, no provimento de professores: “enquanto o Studo non mudar”.

Ainda no sentido da ingerência da Coroa nos negócios da Escola, registam-se as devassas de 1532 e 1534, geradas por denúncias de subornos no provimento das cadeiras, das quais emergiria uma nova personagem nas suas relações com o poder real (o *visitador*), ao mesmo tempo que, em 1534, um novo *regimento* limitaria drasticamente o direito de voto de lentes e alunos nos concursos de docentes, particularmente em Artes e Teologia. Por esse tempo, de resto, saía dos prelos em Antuérpia, dedicada ao soberano português e por ele regamente gratificada, a obra *De disciplinis*, do erudito castelhano Luís Vives (companheiro de Erasmo no Colégio Trilingue de Lovaina), que constituiria a crítica mais sistemática da cultura universitária pré-existente e o manifesto mais completo do humanismo no campo pedagógico até ali publicado.

The Reform and Transfer of the University

Given the refusal of the kingdom’s prelates to help support the scholarship students and cooperate in the establishment of the network of colleges envisaged by the King, the expansion of the project attempted at Santa Cruz (over which the King managed to get financial control in September 1527) seemed the only plausible alternative. As a result, the University now found itself under an even greater siege.

While the studies at Santa Cruz took their first steps, the monarch intervened directly in the academic milieu by appointing teachers to a number of courses. This openly challenged the scholastic orientation and led to even greater tension in the Faculty of Theology. However, it was also at that time that the teachings of Pedro Nunes and Garcia da Orta began to assert their influence. But there were increasing signs that the University was about to be transferred from Lisbon, this time to Torres Vedras (in 1531), due to the damages caused by an earthquake to the students’ quarter. One sign that seems to confirm plans for the transfer is the enigmatic phrase “until the Study transfers”, which the monarch began to use from 1532 onwards when appointing teachers. The official inquiries conducted in 1532 and 1534 also showed the Crown’s interference in matters of the School. The inquiries resulted from accusations of bribery in the assignment of courses, and led to the emergence of a new figure, the *visitant*, which further deepened the connection between the School

A obra (até pelas prescrições de índole pragmática que continha) revestia a maior utilidade do ponto de vista da reformulação dos problemas ressentidos pelo Estudo lisboeta e a maior oportunidade do ponto de vista do projecto régio de transferir o Estudo para fora da capital, articulando-se claramente com a edição, no ano angular de 1527, da obra de Erasmo *Chrysostomi Lucubrationes*, de igual modo dedicada ao soberano português. Por esses anos, aliás, Vives e D. João III discutiam epistolarmente as reformas a introduzir na universidade portuguesa, num processo que mediava Damião de Góis, amigo de Erasmo e feitor português em Antuérpia e intermediário do convite pessoal do monarca ao sábio de Roterdão, endereçado em 1533, para vir ensinar em Coimbra (primeiro testemunho directo do efectivo destino da transferência), onde o Rei teria entendido já “de fazer os Estudos que fez”.

E desse ano igualmente datam as instruções reais a Frei Brás de Braga de organizar “em forma de universidade” o ensino das Artes e da Teologia em Santa Cruz, que, na verdade, no ano lectivo de 34/35 se convertiam em estudos públicos, com ampla renovação do corpo docente, com mestres castelhanos e “franceses” (as primícias dos *bolseiros d’El-Rei*), trazidos de Alcalá e de Paris, tanto para as Humanidades, como para a Teologia. Simultaneamente, renovava-se a livraria conventual, com livros pedagógicos e de espiritualidade, com boa representação dos Padres da Igreja e das obras de Erasmo.

Sobretudo, porém, esta renovação dos Estudos no velho e prestigioso mosteiro — jazigo de reis e berço da historiografia nacional — redundava também na renovação das suas estruturas físicas, na continuidade dos grandes trabalhos empreendidos, a partir de 1513, por D. Manuel I, com novas salas de aula (adaptadas à dupla frequência da comunidade e dos alunos externos, leigos e eclesiásticos), abrindo sobre o largo fronteiro, a um e outro lado da igreja monástica: os colégios de Santo Agostinho e São João Baptista. Ao mesmo tempo, na Primavera de 1535, desenhava-se, entre o Rei e Frei Brás, o programa de uma rua inteira de colégios — mais tarde chamada de Santa Sofia — onde a *escola maior* e outras cinco *menores* deveriam surgir em correnteza.

Parece claro, com efeito, que já então os projectos do monarca passavam por ampliar, em Coimbra, a oferta dos *estudos menores*, promovendo pessoalmente, nesse mesmo ano, a instalação de um colégio da Ordem de S. Jerónimo, cuja estrutura arquitectónica acertara com Diogo de Castilho, ao mesmo tempo que a implementação das cátedras artísticas no mosteiro crúzio sublinha a vocação da urbe como principal centro de estudos preparatórios do país. Porém, a presença de Afonso do Prado no cenóbio, logo na Páscoa de 1535, parece reforçar a tese de já

and the royal power. Simultaneously, in 1534, new regulations drastically limited the rights of faculty and students to select teachers, particularly in Arts and Theology. At about that time, *De disciplinis* by Luís Vivès, a Castilian scholar and colleague of Erasmus at Louvain’s Trilingual College, was published in Antwerp. The work was dedicated to the Portuguese monarch, who paid royal tribute to it. It presented the most systematic critique of the existing university culture and the most complete manifesto of humanism, in terms of pedagogy, ever published.

Equally significant for its pragmatic precepts, Vivès’s work was of extreme importance for solving the problems of the Lisbon Study, and presented the perfect opportunity for the royal project of transferring it to another location outside the capital. Its ideas were clearly interrelated to those presented by Erasmus in his *Chrysostomi lucubrationes*, published in 1527 and also dedicated to the Portuguese monarch. In fact, at that time, Vivès and King João III exchanged letters about the reforms to be introduced in the Portuguese university. This exchange was mediated by Damião de Góis (the administrator of the Portuguese trading post at Antwerp and a friend of Erasmus), who also served as intermediary between the monarch and the savant of Rotterdam when, in 1533, the former invited the latter to teach at Coimbra, where the King had decided “to develop the Studies that he [Erasmus] had created”. (This is the first direct reference to the actual destination of the transfer.)

In the same year, the King also instructed Friar Brás de Braga to organise the teaching of Arts and Theology at Santa Cruz “in the form of a university”. In fact, the school became public in the academic year of 1534-35, and new Castilian and “French” masters (the first generation of the King’s scholarship students) were brought in from Alcalá and Paris to teach Humanities and Theology courses. Concurrently, the convent library was renovated with the addition of pedagogical and religious books, among which the works of the Church Fathers and Erasmus stood out.

This renovation of the studies at the old and prestigious monastery of Santa Cruz – the burial site of kings and the cradle of national historiography – also resulted in the renovation of its facilities. The great construction works carried out by King Manuel I from 1513 onwards continued, now with the addition of new classrooms (adapted to the needs of the community as well as the secular and ecclesiastic external students) that faced a courtyard and were located on both sides of the monastic church. These were the Colleges of Santo Agostinho and São João Baptista. At the same time, in the Spring of 1535, the King and Friar Brás drew up a plan that included an entire street of colleges (later known as Santa Sofia),



Mosteiro de Santa Cruz, em primeiro plano e, ao fundo, Colégio de Santo Agostinho, CM, 2010
Santa Cruz Monastery in the foreground and Santo Agostinho College in the background, CM, 2010





se curar então, igualmente, do ensino da Teologia, ao mesmo tempo que, desde o início do ano, nos círculos melhor informados, circula já a ideia de ser Coimbra o enigmático destino da Universidade, aparentemente absorvida no *Estudo Geral* que se desenhava em Santa Cruz.

De facto, logo em Março de 1536, o monarca desvendava, em correspondência a Frei Brás, o seu plano de suspender o ensino das artes em Lisboa e de ordenar o regresso dos bolseiros de Paris (antes que passassem à Teologia) tão cedo o ensino artístico estivesse organizado no mosteiro (o que significava, desde logo, a transferência da Faculdade de Artes e, com isso, a solução do problema da autonomização dos preparatórios). Simultaneamente, as novas *constituições* dos colégios crúzios, nesse ano promulgadas e decalçadas sobre as próprias constituições de Paris e Alcalá, designavam-nos

where the so-called *major school* and five *minor schools* were to be set in a straight row.

It seems clear that even then the monarch intended to expand the minor studies at Coimbra. In the same year, he personally promoted the establishment of a college connected to the Order of St Jerome and discussed its architectural design with Diogo de Castilho. At the same time, the introduction of chairs in Arts at the monastery of Santa Cruz reinforced the role of the city as the main centre for preparatory studies in the country. Nonetheless, the presence of Afonso do Prado at Santa Cruz at Easter in 1535 seems to support the idea that the focus was also on the teaching of Theology. From the beginning of that year, rumours among informed circles indicated that Coimbra would be the mysterious destination for the University, which would apparently be absorbed into the General Study that was taking shape at Santa Cruz.

In fact, in March 1536, in his letters to Friar Brás, the monarch revealed that he intended to suspend the teaching of Arts in Lisbon and instruct the scholarship students in Paris to return (before they began their studies in Theology) as soon as the teaching of Arts was organised at the monastery. This implied the transfer of the Faculty of Arts, and thus solved the issue of the autonomisation of preparatory studies. Concurrently, the new constitutions of the Santa Cruz colleges, which were promulgated that year and were based on the constitutions of Paris and Alcalá, named them a *university* and stated that Arts as well as Theology were to be taught there. Furthermore, printing reached a peak at the monastery that year, with the publication of many works in the fields of Religion and the Humanities, and especially books on erudite languages. The construction of the first colleges in Rua da Sofia – the colleges of São Miguel and Todos-os-Santos – also began in 1536, and its costs were borne by the University of Lisbon. Both colleges were residential, the former being for canonists or canonists and theologians, and the latter for theologians and artists.

At the end of 1536, panic set in at the University, which was still located in Lisbon. In early January 1537, the King chose the masters that were to accompany the school to Coimbra (a total of three), and the remaining ones were granted honourable retirement. It was these actions that officially informed the Study of the transfer. On February 9, the King told Friar Brás that the professors of Theology, Canon Law, Law and Medicine would arrive in the city until the end of that month so that classes could start on March 1 (the professors of Arts were already teaching at Santa Cruz). The King also notified the prelate of his choice of rector, D. Garcia de Almeida, who would be the only layman appointed to this position until the 19th century. The major schools were

de *universidade* onde, além das Artes, se iria ler também a Teologia. Ao mesmo tempo que esse ano marca também o zênite da actividade impressora no mosteiro, na edição de obras espirituais, mas igualmente de Humanidades, em particular nas que diziam respeito às *línguas sábias*. E em 36 arranca também (a expensas da própria Universidade lisboeta) a construção dos primeiros colégios da Rua da Sofia: os de São Miguel e de Todos-os-Santos, agora com regime de internato, este para teólogos e artistas, o outro para canonistas ou canonistas e teólogos.

Assim, ao virar do ano de 36 para 37 e do mesmo passo que o pânico se instala na Universidade ainda em Lisboa, indicava o Rei, logo em inícios de Janeiro, os mestres que deveriam acompanhar a escola para Coimbra (três, por junto), aos restantes providenciando honrosas jubilações: acto que dará conhecimento oficial ao Estudo do processo da transferência. E em 9 de Fevereiro comunica a Frei Brás que os lentes de Teologia, Cânones, Leis e Medicina (os de Artes ensinavam já em Santa Cruz) chegariam à cidade por todo esse mês, de forma a iniciarem as lições a 1 de Março, do mesmo passo que notificava o prelado da escolha do reitor: D. Garcia de Almeida, o último civil até ao século XIX. Em sua casa, um opulento palácio junto à Porta de Belcouce, se estabeleceriam as *escolas maiores*, ficando no Mosteiro, como até então, as Artes e as Humanidades. Porém, advertia que o poder do reitor abrangia somente as escolas gerais e não os colégios crúzios, que continuariam sob a superintendência de Frei Brás.

De facto, a abertura ao exterior do antigo *studium particulare* do cenóbio, em 1535, traduzira-se na construção dos dois colégios de Santo Agostinho e São João Baptista, os quais, porém, compostos de um restrito número de *gerais* e organizados, essencialmente, em função do estabelecimento da Faculdade de Artes, jamais poderiam albergar a totalidade das faculdades que compunham o *studium generale*. Entretanto, em inícios de Abril, chegava a bula *Ut respublica christiana*, emitida por Paulo III em 25 de Março de 1537 que concedia correspondência aos graus académicos da formação escolar ministrada no cenóbio crúzio, outorgando aos seus *colégios* e *universidade* equiparação com as outras instituições congêneres, como as universidades de Paris, Salamanca ou Alcalá.

A Universidade em Coimbra, entre utopia e realidade

De facto, a questão da *reforma por transferência* da Universidade era, em boa parte, uma questão jurídica, atento o facto de que fora o selo da autoridade pontifícia que, em 1290, a conformara como *studium generale*. Desapoiado dos prelados do Reino no seu esforço de constituição da ambicionada rede de colégios e a braços com o espectro crescente

established at his residence, which was an imposing palace near the Belcouce Gate, and Arts and Humanities continued at the Monastery. However, the King cautioned that the rector had power only over the general schools and not the Santa Cruz colleges, which would remain under the supervision of Friar Brás.

The opening of the monastery's former *studium particulare* to the outside world in 1535 led to the building of two colleges, Santo Agostinho and São João Baptista. However, they comprised a limited number of general studies and were organised essentially with a view to the establishment of the Faculty of Arts. This is the reason why they could never house all the faculties that composed the *studium generale*. Meanwhile, the bull *Ut respublica christiana*, issued by Pope Paul III on 25 March 1537, and received in early April, granted the courses taught at Santa Cruz the status of academic degrees and also determined that its colleges and university had the same status as similar institutions, such as the Universities of Paris, Salamanca and Alcalá.

The University in Coimbra: Between Utopia and Reality

The University's reform through transfer was, to a great extent, a legal issue, given that it had been established as a *studium generale* by the Pope in 1290. The King lacked the support of the prelates in his effort to implement his ambitious network of colleges, and he was also struggling with the growing threat of the economic crisis. He was thus totally dependent on the wealthy patrimony of Santa Cruz for the execution of his work, but the fact that the monastery's Grand Priorate was composed of members of the Royal Court allowed him to mobilise its resources for this purpose.

However, the only university existing in Portugal ran the risk of dissolving were it to be integrated into the monastery. Even the jurists of the King's council were of the opinion that it was preferable for the Lisbon General Study to be closed down rather than transferred under such conditions. Furthermore, in their view, the Coimbra General Study required a number of pontifical licenses in order to operate properly, namely validation of the academic degrees of Theology and Canon Law, which were granted by *auctoritate apostolica*. This may have been the reason why the construction work planned for the Rua da Sofia had not yet begun. It also explains why, at the end of November 1537, the new rector, D. Agostinho Ribeiro, was appointed chancellor, since this allowed the granting of first degrees and doctorates by *auctoritate regia* in the faculties of Law and Medicine. Degrees in Canon Law and Theology had to be suspended until the Pope's permission arrived, which it finally did in February 1539. Only then could

da crise económica, o monarca dependia em absoluto, para a sua obra, do opulento património crúzio, que a vinculação do seu Priorado-Mor em membros da Casa Real lhe permitia mobilizar.

Mas era demasiado elevado o risco de dissolução no quadro do mosteiro da única universidade portuguesa, não faltando pareceres, mesmo entre os juristas do seu próprio conselho, de que, a ser transferido nessas condições, o Estudo Geral lisboeta deveria ser considerado extinto e o de Coimbra, para funcionar devidamente, dependeria, pelo menos, das necessárias licenças pontifícias que validassem os graus de Teologia e Cânones, atribuídos *authoritate apostolica*. Essa a razão, decerto, de não haverem arrancado ainda então as obras projectadas da Rua da Sofia e de, do mesmo passo que, em fins de Novembro de 1537, o novo reitor, D. Agostinho Ribeiro, era nomeado cancelário, a fim de que pudessem ser atribuídos *authoritate regia* os graus de licenciado e doutor nas faculdades de Leis e Medicina, se suspendessem os de Cânones e Teologia até chegar de Roma a autorização papal, o que sucederia apenas em Fevereiro de 1539. E é só então, de facto, que, juridicamente, a *Universidade de Coimbra* se pode considerar (re)constituída.

Contudo, a necessidade de indemnizar o Mosteiro de Santa Cruz da perda que lhe resultava de vir a acolher a Universidade, levaria a transferir para o cenóbio, logo em Abril, as três cátedras de Teologia, a despeito da firme oposição da corporação universitária. E, na verdade, pode dizer-se que, por esta forma, a Universidade se cindia em duas: uma parte em casa do reitor e sob sua jurisdição, outra em Santa Cruz, sobre a qual impendia a autoridade de Frei Brás de Braga.

Sobre ambas, todavia, dominava o próprio Rei, nomeando agora a seu arbítrio os reitores e os lentes e a todos remunerando com generosidade realmente régia, de forma a promover a ambicionada renovação da escola, mas também a ligá-la a si e a obter, enfim, a sua almejada funcionalização. Com efeito, por força do carácter inopinado da transferência, mas igualmente da ampla reformulação a que se vira obrigado o seu projecto, face ao risco de absorção da Universidade por Santa Cruz, a mudança para Coimbra não se faria acompanhar da elaboração de nova lei fundamental, conservando-se em vigor os Estatutos manuelinos, pontualmente rectificadas ao ritmo dos acontecimentos e ampliados, a partir de Novembro, de um novo *Regimento*, enquanto os colégios agostinianos e as faculdades neles incorporadas se regiam pelas *constituições* redigidas por Frei Brás.

Como quer que fosse, a 2 de Maio, iniciavam-se formalmente as aulas da *Universidade de Coimbra*, em Santa Cruz, com a lição de pompa, proferida pelo lente de véspera de Teologia, Francisco de Monçon,

the University of Coimbra be considered (re)established in legal terms.

Meanwhile, the need to compensate the Monastery of Santa Cruz for the costs of housing the University led to the transfer of the three Theology chairs to the coenobium in April, despite the strong opposition of the university corporation. As a result, it can be said that the University was split into two: one part at the rector's residence under his jurisdiction, and the other at Santa Cruz under the supervision of Friar Brás de Braga.

However, both of them were ruled over by the King himself, who freely appointed both rectors and professors. He showed true royal generosity in their remuneration so as to promote not only the desired renovation of the school but also to keep it under his wing. On account of the sudden transfer to Coimbra and the broad changes that had to be made to the King's project, no changes were made to the existing bylaw, which had been drawn under King Manuel I. It remained in force and was only occasionally amended as the situation required it, and supplemented with new ordinances after November. On the other hand, the colleges and faculties at Santa Cruz abided by the constitutions drawn by Friar Brás.

Nonetheless, classes at the University of Coimbra, Santa Cruz, began officially on 2 May 1537. The inaugural lesson was given by the professor of Theology Francisco de Monçon, who was one of the new masters that had been hired by the King at an exorbitant cost. However, the conflicts resulting from the separation of the Study, exacerbated by the fact that the university community feared incorporation into Santa Cruz, led the King to make a decision that would be of extreme importance in the future.

Thus it was that, on 24 September 1537, King João III announced that he had ordered the construction of the new general schools in the upper part of town (the *Alta*) by the Church of S. Pedro (he also remodelled the building of the Old Studies, which in the meantime had been vacated by the few students that remained of the old *studium* set up by King Afonso V). He also ordered the transfer of the faculties housed in the residence of D. Garcia de Almeida to the Royal Palace uptown. This decision was certainly relevant to the programme of (re)appropriation of the old and *royal* university institution by the Crown.

In fact, the project of the schools to be built by the Church of S. Pedro might have been merely a means to break off the School's functional connection with Santa Cruz. However, offsetting this decision, Medicine was transferred to the Monastery on 26 January 1538, under the pretext of its correlation to Arts and Philosophy. Also, one month later, the



Pátio do Colégio das Artes na Rua da Sofia, SP, 2007
Courtyard of the College of Arts in Sofia Street, SP, 2007



um dos novos mestres contratados a peso de ouro pelo Rei, seguindo-se-lhes, nos dias imediatos, as restantes cadeiras. Porém, a conflitualidade que resultava da repartição do Estudo, alimentada pela pressão do próprio corpo universitário receoso da incorporação em Santa Cruz, ditariam, sobre esta matéria, uma resolução régia que o tempo revelaria ser da maior monta.

Assim é que, em 24 de Setembro desse ano de 1537 e do mesmo passo que anuncia ter determinado edificar as novas *escolas geraes* na cidade Alta, junto da Igreja de S. Pedro (remodelando, em sua intenção, o edifício dos *Estudos Velhos* dionisinos, entretanto despovoado dos alunos remanescentes no antigo *studium* implementado por D. Afonso V), D. João III ordenava a transferência para o Paço Real das faculdades alojadas em casa de D. Garcia de Almeida: e este facto não seria irrelevante no quadro do programa régio de (re)apropriação, por parte da Coroa, da velha e *regia* instituição universitária.

Efectivamente, o projecto das escolas junto a S. Pedro mais não seria que um expediente para cortar inexoravelmente, *autoritate regia*, a ligação funcional da Escola a Santa Cruz, decisão contrabalançada pela cedência ao Mosteiro, em 26 de Janeiro de 1538, das cátedras de Medicina, a pretexto da sua conexão com as Artes e a Filosofia, a que acrescia a concessão

Santa Cruz colleges were granted exclusive rights to the public teaching of Humanities. Most significant of all, the title of *chancellor* was given to the Santa Cruz prior, which implied that the monastery would have a central role in the life of the institution, both in symbolic and legal terms. However, this situation had the potential to generate new conflicts, given that the General Study included only the faculties of Law and Canon Law and the chairs of Mathematics, Rhetoric and Music, whereas Theology, Medicine, Arts, Grammar and Greek were taught at the Monastery.

Nevertheless, the reform of the University seemed to be an indisputable success. Immediately after the opening of the *public studies* at Santa Cruz, the establishment of the Faculty of Arts in the *general studies* also at Santa Cruz and, more importantly, the beginning of the rest of the courses in May 1537, the number of students who attended the different faculties added up to several hundreds. This was testified by Nicolas Cleynaerts, who gave a lively description of “the new miracle” that “awed” him, and of the spectacle offered by Vicente Fabrício discussing Homer in Greek with his students “as if indeed he were in Athens”.

In truth, the quality of the teaching and the number of students were a consequence of the modern orientation of the school – in accordance with the



Aspecto da Rua da Sofia, PM, 2006
View of Sofia Street, PM, 2006



aos colégios crúzios do exclusivo do ensino público das Humanidades, decretada um mês mais tarde. Mas, sobretudo, pela atribuição ao prior crúzio da dignidade de *cancelário*, que verdadeiramente outorgaria ao cenóbio um papel estrutural, a um tempo no plano simbólico e jurídico, na vida da instituição, mesmo que tal redundasse em novo foco de conflitos, potenciado pela redução do Estudo Geral ao ensino das faculdades de Leis e Cânones e das cátedras de matemática, retórica e música, enquanto no Mosteiro se liam a Teologia, a Medicina, as Artes, a gramática e o grego.

Com tudo isso, porém, a *reforma* da Universidade parecia saldar-se num êxito inequívoco e, com a abertura, no cenóbio crúzio, dos *estudos públicos* e o estabelecimento, nos seus *gerais*, da Faculdade de Artes e, mais ainda, com a inauguração das restantes classes em Maio de 1537, contava-se em centenas o volume de alunos que frequentavam as várias faculdades, visão que testemunha a viva descrição de Clenardo, “assombrado”, como ele mesmo dizia, “com o novo milagre” e o espectáculo fornecido por Vicente Fabrício comentando Homero em grego com os seus alunos, “como se o fizesse na própria Atenas”.

Com efeito, a orientação claramente moderna e em consonância com a *docta pietas* imposta por Frei Brás ao ensino crúzio, conjugada com a generosidade régia, empenhada em atrair a Coimbra um escol de professores, disputados a prestigiadas universidades estrangeiras, como Paris, Salamanca ou Alcalá, havia-se reflectido, tanto na qualidade do ensino, como na própria afluência de estudantes. Contudo, a situação verdadeiramente paradoxal que resultava da cisão administrativa operada sobre o velho Estudo multiplicava os conflitos de jurisdição, ao mesmo tempo que, apesar de tudo, o esquema pedagógico imposto em Santa Cruz pecava por uma aproximação incompleta ao modelo propalado: desde

docta pietas that Friar Brás had introduced at Santa Cruz – and the royal generosity of the King, who was committed to hiring the finest teachers, competing with prestigious foreign universities such as the universities of Paris, Salamanca or Alcalá to attract them to Coimbra. However, the paradoxical situation generated by the administrative division of the school led to an increasing number of conflicts of jurisdiction. At the same time, and despite all the changes, the pedagogic system implemented at Santa Cruz failed to live up to the expected model, mostly because it was applied to what was basically a *school* system rather than a *collegial* one. Lacking a residential system, it did not succeed in blending *teaching* and *learning*, and this was the basis of the pedagogic principles of Humanism that had been tested at the French minor colleges and the Trilingual College at Louvain. This situation was aggravated by difficulties in hiring foreign masters, a problem which the rector, Friar Bernardo da Cruz, repeatedly brought to the King’s attention throughout 1541.

Therefore, following the initial impact, a decrease in the number of students and a concomitant increase in emigration were observed, particularly in favour of the large Castilian and French university centres. The correspondence exchanged between the King and Santa Cruz throughout 1541 shows that he was fully aware of the signs of the crisis that hung over the reform that he longed for, and because of this, at the end of 1542, he even entertained the idea of going personally to Coimbra.

From Crisis to Success in Reform

By July 1538, the project of the Old Studies advanced towards a more consistent solution. It would be constructed in a partially vacant area, over the bulwark, between the castle and the New Gate. Here, the monarch would also have residences built for



logo pela aplicação de um sistema basicamente *escolar* e não *colegial*, não logrando, desse modo, por ausência do regime de internato, obter a síntese entre *ensino* e *educação* que constituía a base do ideário pedagógico humanista, tal como vinha sendo experimentado nos *colégios menores* franceses ou no Colégio Trilingue de Lovaina. Situação agravada ainda por alguma dificuldade ressentida na contratação do mestres estrangeiros e que o próprio reitor, Frei Bernardo da Cruz, denuncia insistentemente ao Rei por todo o ano de 1541.

Nesse sentido e passado o primeiro impacto, assistir-se-ia a um decréscimo na frequência dos alunos e a um recrudescimento da emigração escolar, especialmente em direcção aos grandes centros universitários castelhanos e franceses. A correspondência trocada entre o Rei e o cenóbio por todo o ano de 1541 prova que este tinha plena consciência dos sinais de crise que se divisavam no horizonte do projecto de *reforma* que almejava e é assim que, em finais de 42, chega a pensar deslocar-se pessoalmente a Coimbra.

Da crise da reforma à plena realização

Desse modo e do mesmo passo que, desde Julho de 1538, o *projecto* dos Estudos Velhos evoluía para uma solução mais consistente (a erguer em zona parcialmente livre, sobre a *couraça*, entre o castelo e a Porta Nova e onde o próprio monarca faria erguer casas destinadas a estudantes), empenha-se o Rei em encontrar o *homem certo* que, à semelhança de Frei Brás em Santa Cruz, fosse capaz de dirigir, com pulso firme, o complexo xadrez em que se convertera o processo da transferência. Figura essa que se materializaria na forma de outro monge Jerónimo: Frei Diogo de Murça, colega de Frei Brás de Barros desde o Mosteiro da Penha Longa (Sintra), onde professara em 1513, seguindo ambos para Paris, por

students. At the same time, he also sought to find the right man for the job of supervising the complex puzzle that the transfer process had turned into. What he needed was a man that could take firm action, like Friar Brás at Santa Cruz. He found that man in the person of another Hieronymite monk, Friar Diogo de Murça, a colleague of Friar Brás de Barros in the Monastery of Penha Longa (Sintra), where he had taught in 1513.

In 1517, with scholarships granted by the programme that King Manuel I had established in 1498, both men had left for Paris to study Arts and Theology, probably at Montaigu College. Friar Diogo then moved from Paris to the Trilingual College at Louvain. The college, under the management of Erasmus and Luís Vivès, stood out as the Renaissance model of a *College of Arts*, and its Faculty of Theology was at the forefront of the anti-Lutheran controversy. Whilst Friar Brás returned to the country in 1525, Friar Diogo proceeded with his studies at Louvain, completing his doctorate in 1533. Here, he met other distinguished Portuguese scholars, such as André de Resende and Damião de Góis, and made the acquaintance of renowned humanists like Nicolas Cleynaerts. Upon his return to his homeland in 1533 or 1534, he was entrusted with the priorate of Penha Longa, and afterwards with the intellectual education of two illegitimate children of royal blood, Lord Duarte and Lord António, who were the sons of King João III and his brother Prince Luís, respectively. In 1537, he organised a small *university* for their benefit at the Costa Monastery in Guimarães. This university was limited to the teaching of Theology, Arts and Humanities, Theology being its most important faculty. According to Cleynaerts, who visited the school in the autumn of 1537, this was an open-minded academy. Nonetheless, it lost its purpose after the unexpected death of Lord Duarte, in August 1543, an event that coincided with the crisis of the royal programme of reform at Coimbra. This situation



Pormenor da colonata do pátio do Colégio das Artes na Rua da Sofia, SP, 2007

Detail of the colonnade in the courtyard of the College of Arts in Sofia Street, SP, 2007

1517, a cursar Artes e Teologia, tudo indica que no Colégio de Montaigne, a coberto das bolsas aí criadas por D. Manuel I, em 1498.

De Paris partira entretanto Frei Diogo para Lovaina, onde, sob a direcção de Erasmo e Luís Vives, o Colégio Trilingue se afirmara como modelo de *colégio de Artes* do Renascimento e cuja Faculdade de Teologia se colocara na vanguarda da controvérsia antiluterana. Após o regresso ao Reino de Frei Brás, em 1525, prosseguiria aí os seus estudos, até ao doutoramento, em 1533, cruzando-se com outros portugueses ilustres, como André de Resende e Damião de Góis e relacionando-se com humanistas de renome, como Nicolau Clenardo. E, no regresso à pátria, por 1533 ou já em 1534, veria serem-lhe confiados, sucessivamente, o priorado da Penha Longa e a formação intelectual de dois bastardos de sangue real: os *senhores* D. Duarte e D. António, respectivamente filhos de D. João III e de seu irmão o Infante D. Luís, em benefício dos quais organizará, em 1537, no Mosteiro da Costa, em Guimarães, uma pequena *universidade*, reduzida ao ensino das Artes e das Humanidades e tendo como faculdade maior a Teologia: academia *desempoeirada*, como testemunharia Clenardo, que a visitou no Outono desse ano de 37. Mas que perderia sentido com a morte inopinada de D. Duarte, em Agosto de 1543, em coincidência com a crise ressentida em Coimbra pelo programa régio, situação que permitiria a sua nomeação como reitor universitário, em 5 de Novembro de 43.

Com a chegada de Diogo de Murça, com efeito e, em grande parte, por obra da sua cultura e do seu tacto, entrariam em processo de resolução sucessiva os principais problemas universitários, de ordem financeira, jurídica, administrativa e pedagógica. Essencialmente, a extinção do opulentíssimo Priorado-Mor de Santa Cruz, cujo património seria dividido entre a Universidade e dois bispados novos, a criar em Leiria e Portalegre, concluída em 1545; a outorga de novos estatutos, revogando o velho *corpus* manuelino e a legislação acumulada desde 1537, consumada em Setembro de 44; enfim, em 22 de Outubro desse ano, produzia-se a reunificação da Escola (com o beneplácito de Frei Brás), pondo termo a sete anos de separação forçada, ao decretar o monarca a transferência para o Paço Real das faculdades estabelecidas no mosteiro crúzio, onde só as Artes agora se quedavam.

Porém, a mera concentração das faculdades maiores na moradia régia, constituindo embora uma passo importante na pacificação da instituição, não resolvia por si mesma o problema do ensino das artes, nem as insuficiências que o anterior reitor, Frei Bernardo da Cruz, denunciava com insistência desde 1541.



opened the way for Friar Diogo's appointment as rector of the university, on 5 November 1543.

After the arrival of Diogo de Murça, the major financial, legal, administrative and pedagogic problems of the University were successively solved, to a great extent due to his refinement and tact. To accomplish this, the following measures were essential: the extinction of the wealthy Grand Priorate of Santa Cruz (completed in 1545), whose estate would be divided between the University and two new dioceses, one to be created in Leiria and the other in Portalegre; the approval of a new bylaw in September 1544, which made void the old one dating back to King Manuel I as well as the legislation accumulated since 1537; and finally, the reunification of the School (with the consent of Friar Brás), on October 22 of the same year, when the King ordered the transfer of the faculties established at Santa Cruz to the Royal Palace, thus putting an end to a period of seven years of forced separation. Now, only the faculty of Arts remained at the monastery.

Though this represented an important step towards the pacification of the institution, simply concentrating the most important faculties in the royal residence neither solved the problems with the teaching of Arts nor the deficiencies that had



Nesse sentido e confirmando os rumores que, desde finais de 1543 ou inícios de 44, chegariam a Paris e ao Colégio de Santa Bárbara, aos ouvidos do seu *principal*, Diogo de Gouveia-o-Velho, sobre a intenção de D. João III de chamar ao Reino o seu sobrinho André, com o objectivo de aqui fundar um colégio, decretando, em conformidade, a revogação dos *bolseiros d’El-Rei*, que havia instituído em 1526, iniciam-se, nesse escopo, os contactos régios com esta personagem.

De facto, André de Gouveia havia consolidado, desde 1534, enquanto *principal* do prestigioso Colégio da Guiana, em Bordéus, a fama de brilhante pedagogo que haveria de justificar o clássico dito de Montaigne a seu respeito: “sans comparaison le plus grand principal de France”. E seriam numerosos, ao longo desses anos, os portugueses a contactar com a sua obra e a testemunhar a justeza da sua nomeada — que Diogo de Murça conhecia desde o seu estágio parísino, quando o (então futuro) *principal* bordelês exercia o seu magistério no Colégio de Santa Bárbara, dirigido pelo seu tio Diogo. Desse modo, chamado ao Reino pelo monarca em finais de 1542 ou inícios do ano seguinte, assentar-se-iam, no decurso do segundo semestre de 43 e primeiros meses de 44 (em coincidência, pois, com a assunção por Frei Diogo de Murça, da reitoria da Universidade)

been repeatedly pointed out by the previous rector, Friar Bernardo da Cruz, since 1541. In line with these concerns, King João III contacted André de Gouveia and summoned him to the Kingdom. André was the nephew of Diogo de Gouveia, Senior, the principal of the College of St Barbara in Paris. The King’s contact confirmed the rumours that had been circulating in Paris since late 1543 or early 1544 to the effect that he intended to establish a college in Portugal and that, accordingly, the programme of royal scholarships was going to be cancelled.

Since 1534, André de Gouveia had, indeed, consolidated his reputation as a brilliant pedagogue as the principal of the prestigious College of Guyenne in Bordeaux. According to Montaigne, André de Gouveia was “sans comparaison le plus grand principal de France” (“beyond comparison, the best principal in France”). Many Portuguese scholars who were aware of his work also agreed that his reputation was well deserved. Diogo de Murça, for instance, knew him from the time he had been in Paris, when André de Gouveia was still a teacher at the College of St Barbara, run by his uncle Diogo. He was summoned to the Kingdom by the monarch either at the end of 1542 or the beginning of the following year. The foundation was laid during the second semester of 1543 and early months of 1544 (coinciding with the appointment of Friar Diogo de Murça as rector of the University) for the establishment of a college of Arts in Coimbra which would be run by André de Gouveia. The college would have a team of professors that Gouveia himself would recruit from French colleges. This mission was expected to be completed within two years, at the end of which the institution was expected to be fully operational.

The Royal College of Arts

The planning of the new establishment compelled André de Gouveia to return for a second time to Portugal in the spring of 1546 (this time accompanied by Diogo de Teive). The new college involved delicate negotiations with both Santa Cruz (which would lose its pre-eminence in the teaching of the arts) and the University, since the college would be entirely autonomous. Upon his return to France, André de Gouveia immediately began making travelling arrangements for the Bordeaux teachers who were headed for Portugal. This meant a severe loss for the College of Guyenne, which saw most of its illustrious masters leave at Lent in 1547. The first group to leave consisted of Guillaume Guérante, Nicolas de Grouchy, Arnaud Fabrice and George Buchanan, while the second included Elias Vinet, Diogo de Teive, João da Costa and António Mendes. Gouveia himself

as bases para o estabelecimento, em Coimbra, de um colégio de Artes, dirigido por André de Gouveia e provido de uma equipa de docentes por ele recrutada nos colégios franceses: *missão* com duração prevista para dois anos, findos os quais a nova instituição deveria estar em condições de caminhar pelo seu pé.

O Real Colégio das Artes

O novo estabelecimento, cujo delineamento obrigaria ainda a segunda deslocação de André de Gouveia a Portugal, na primavera de 1546 (agora na companhia de Diogo de Teive), não seria levado a cabo sem delicadas negociações, seja em relação a Santa Cruz (que perdia, por essa via, a sua preeminência no ensino artístico), seja mesmo em relação à Universidade, da qual o novo colégio ficaria independente. De regresso a França, André de Gouveia dedicar-se-ia seguidamente à organização da expedição dos *bordaleses*, que despovoaria o Colégio da Guiana da maior parte dos seus insígnies mestres e rumaria a Portugal na Quaresma de 1547, dividida em dois grupos: o primeiro composto de Guilherme de Guereute, Nicolau Grouchy, Arnaldo Fabrício e Jorge Buchanan e o segundo de Elias Vinet, Diogo de Teive, João da Costa e António Mendes, abalando o próprio Gouveia algum tempo mais tarde, talvez em companhia de Patrício Buchanan, irmão de Jorge, todos se encontrando já antes da Páscoa em Almeirim, onde então o monarca estanciava. Depois de pedir à comunidade crúzia — com os bons ofícios de Frei Brás de Braga, entretanto elevado a bispo de Leiria, mas conservando os poderes de *reformador* e *governador* do antigo mosteiro — o empréstimo dos colégios de S. Miguel e de Todos-os-Santos, enquanto não providenciava instalações definitivas, o monarca outorgava ao novo instituto, em 16 de Novembro, um *Regimento*, do qual emergiria, com efeito, uma escola singular: o *Real Colégio das Artes* ou, simplesmente, o *Colégio Real*.

Na verdade, esvaziados os colégios crúzios das suas competências na esfera do ensino oficial, o novo instituto como que absorvia a antiga Faculdade de Artes, afirmando--se, contudo, em absoluta autonomia a respeito da Universidade e do seu reitor, que não detinham sobre ele qualquer poder ou jurisdição, mais do que o de receberem, nas *escolas maiores*, os actos e exames de recepção dos graus e colocando-se sob a directa autoridade de uma nova personagem — o principal — apenas responsável perante o Rei. Era o *sistema francês*, que vigorava, desde Francisco I, no Colégio de França, ao mesmo tempo que também o de Lovaina, sobre cujo Colégio Trilingue o coimbrão se decalcara, facto que se considerava ser condição imprescindível para levar a cabo a tarefa de renovação a que o monarca e os seus agentes se propunham.

departed a little later, probably in the company of Patrick Buchanan, George's brother. They all arrived in Portugal before Easter, and met with the King at Almeirim where he was vacationing. Since the new college had no permanent facilities yet, the King borrowed the colleges of S. Miguel and Todos-os-Santos from the community of Santa Cruz. These were graciously lent by Friar Brás de Braga, who in the meantime had become the bishop of Leiria, though he kept his position as reformer and governor at the old monastery. On November 16, the monarch approved the *Ordinances* of the new institution, thus creating the *Real Colégio das Artes* or simply the *Colégio Real* [Royal College].

In truth, the new establishment absorbed the old Faculty of Arts for all intents and purposes, given that the Santa Cruz colleges found themselves deprived of their prerogatives in the sphere of official education. Nevertheless, the college remained totally autonomous from the University and its rector, who did not have any power or jurisdiction over it, although the examinations and graduation ceremonies took place in the *major schools*. The college was under the direct authority of a new figure — the principal — who was accountable to the King alone. This was based upon the French system, which had been in force at the College of France since the time of King Francis I, as well as at the Trilingual College at Louvain, which inspired the system at Coimbra and was regarded as essential for carrying out the renovation intended by the monarch and his agents.

Beyond finally achieving the full autonomisation of preparatory studies, the royal college led to the emergence of the concept of *state education*, which was free from the corporate restraints of the mediaeval school system given its strict financial dependence on the Crown, which freely appointed or dismissed teachers, provided direct protection and approved its *Regulations*. Simultaneously, the concept of *free public education* also emerged. This was no longer understood in the old sense of the *hospitia*, which received poor students, but essentially as an educational centre for the elites.

The remaining positions in the faculty were filled by some of the professors of the general studies at Santa Cruz, most of whom had been educated in Paris, and by others who were invited for the purpose, such as the principal's brother, Marçal de Gouveia. As a result, the college finally opened its doors on 21 February 1548, when the academic year was already in progress. The Inaugural Address was given by Arnaud Fabrice and classes started the following day.

And it opened with an ambitious programme. It intended to provide students, regardless of whether their background was religious or secular, with an



Claustro do Silêncio, Mosteiro de Santa Cruz, SP, 2007
Cloister of Silence, Santa Cruz Monastery, SP, 2007



Com o novo instituto, porém, não era apenas a completa autonomização do ensino preparatório que, enfim, se consagrava: *colégio real*, emergiam com ele as noções de *ensino estatal*, livre dos constrangimentos corporativos do sistema escolar medieval pela estrita dependência financeira em relação à Coroa, que livremente contratava ou dispensava os lentes, lhe providenciava directa *protecção* e lhe outorgava o *regimento*, e de *ensino público gratuito*, entendido não já no antigo sentido dos *hospitia*, vocacionados para o alojamento de estudantes pobres, mas, essencialmente, como centro de formação de elites.

Desse modo, completado o corpo docente com recurso a alguns dos lentes já existentes nos *gerais* dos Crúzios e pela maior parte formados em Paris, ou mesmo com outros adrede convidados, como o próprio irmão do *principal*, Marçal de Gouveia, abria o colégio as suas portas, finalmente, adiantado já o ano lectivo, em 21 de Fevereiro de 1548, para o *Discurso inaugural*, a cargo de Arnaldo Fabrício, começando as lições no dia imediato.

E abria com um ambicioso programa pedagógico, no qual se buscava ministrar aos alunos, independentemente da sua origem social — religiosa ou secular —, uma formação assente na harmonização dos valores cristãos com os valores

education based on the harmonious combination of Christian and secular values. This was accomplished by interconnecting *learning and teaching*, *devotion and study*, *letters and science*, with a view to achieving the Renaissance ideal as well as to fashioning the *wise and devout men* who were to lead not only an ecclesiastic life but also a fulfilling life in the *world*. This spelled the difference between the Royal College and the colleges of the religious orders, where seclusion and obedience were paramount, whereas at the Royal College there was a family-like environment and the emphasis was on self-control. This explained the importance of the tutorial system, which was seen as a decisive element in linking *learning and teaching* for it gave the *pedagogue* the possibility of following closely all the academic, religious and recreational activities of the students. In this manner, it aimed to succeed where the Santa Cruz system had faltered.

But it was the devotion-study combination that truly characterised the essence of the pedagogic scheme implemented at the Royal College. It embodied a perfect synthesis of Humanism and Christianity aimed at fashioning the ideal man pictured by Erasmus — the *Christian gentleman* — on completion of a thoroughly structured education plan. Indeed, the launch of the college turned out to be an outstanding success. According to the sources, more than 800 students



Claustro do Silêncio, Mosteiro de Santa Cruz, SP, 2007
Cloister of Silence, Santa Cruz Monastery, SP, 2007



laicos, alcançada por meio da tríplice aliança de *educação e ensino, piedade e estudo, letras e ciências*, como forma de realização do ideal renascentista e de criação de *varões sábios e piedosos*, não já somente vocacionados para a vida eclesíastica, mas para uma completa realização no *mundo*. Donde a sua diferença em relação aos colégios das ordens religiosas, com a sua vivência centrada em função da regra privativa e do primado da obediência, a que o Colégio Real opunha um sistema familiar, baseado no autodomínio. Donde, pois, a importância da estrutura tutorial, que a exiguidade das instalações, aliás, gravemente dificultaria, mas que se afigurava determinante na complementaridade de *educação e ensino*, pela possibilidade que conferia ao *pedagogo* de acompanhar o conjunto das actividades lectivas, religiosas e recreativas de alunos que, sobretudo, se queria ver como *pupilos*. E por essa via se buscava triunfar onde o sistema crúzio havia claudicado.

Mas era, de facto, o binómio *piedade-estudo* que verdadeiramente distinguia a medula do esquema pedagógico implantado no Colégio Real: uma síntese perfeita de Humanismo e Cristianismo dirigida, ao termo de um plano de ensino meticulosamente estruturado, à realização do ideal humano formulado por Erasmo — o *cavalheiro cristão*. E, na verdade, a inauguração do colégio redundaria num êxito retumbante, contabilizando-se, segundo as fontes, mais de 800 alunos, logo em Março, ultrapassando

were registered by March, over 1,000 in April, 1,200 by the end of the year, and 1,500 in mid-1550.

It seemed that the purpose of the reform was finally being accomplished. In effect, an exceptional faculty attracted from the Universities of Paris, Salamanca, Alcalá and other prestigious European institutions transformed the Portuguese Study into a cosmopolitan school, as attested by professors and students alike. This was true not only of the College but also of the faculties as a whole, where the curriculum was equally restructured. This cosmopolitan school was, at last, capable of being on a par with the foreign schools that represented its most important points of reference. Meanwhile, following the failure of the King's plans to establish a college of the Order of St. Jerome in Coimbra in 1535, the rector, Murça, placed in the rooms of the Royal Palace a group of friar-students that were to be taught in accordance with the *Louvain method*. It was also thanks to this rector that the first secular institute for graduates, the Royal College of S. Paulo, was established in 1548-49, with the same goal as the College of Arts, which was to promote the education of *wise and devout men* or *Christian gentlemen*. It was constructed on the site of the Old Studies of King Dinis, which were contiguous to the royal palace where the University was located.

Fulfilling his promise, by the end of April King

os 1000 em Abril imediato, atingindo os 1200 em finais do ano e os 1500 em meados de 1550.

Tudo indicava, pois, que se cumpria, finalmente, o objectivo da *Reforma*: efectivamente, não apenas no Colégio, mas no conjunto das faculdades (onde se assiste, paralelamente, a uma renovação curricular), um corpo docente de excepção, disputado a Paris, Salamanca, Alcalá e outras reputadas instituições europeias, convertera o Estudo português numa escola cujo cosmopolitismo era atestado por docentes e discentes, capaz, finalmente, de ombrear com aquelas que, além-fronteiras, constituíam os seus principais pontos de referência. Enquanto isso, o próprio reitor Murça (malgrado o projecto do monarca, formulado em 1535, de estabelecer em Coimbra um colégio da Ordem de S. Jerónimo) instalaria, em dependências do Paço Real, um grupo de frades-estudantes, que regularia pelo *método lovaniense*, devendo-se-lhe ainda a fundação, em 1548-49 e com o mesmo objectivo de prover à formação de *varões sábios e piedosos*, ou *cavaleiros cristãos*, que animava o Colégio das Artes, do primeiro instituto de carácter leigo destinado a graduados: o Real Colégio de S. Paulo, erguido no próprio local dos *Estudos Velhos* dionisinos, adjacentes ao palácio régio onde habitava a Universidade.

Em conformidade e dando cumprimento à sua promessa, iniciava o monarca, em finais de Abril, as formalidades para a construção do novo edifício das *escolas gerais*, uma vez mais a expensas suas (mesmo que à custa dos colégios crúzios que se comprometera a devolver), cujas obras, a cargo de Diogo de Castilho, arrancariam em finais do ano lectivo. Em paralelo e finalmente, coroando os esforços tenazes do monarca, assistiria Coimbra, a partir de 1539, mas especialmente ao longo da década de 40 e ainda na de 50, ao estabelecimento de uma ampla rede de colégios — “*por maneyra dos de uxonia e de paris*”, como recomendara, cem anos antes, o Infante D. Pedro — que iria atingir uma vintena e dos quais catorze se haveriam de erguer em sua vida, apropriando-se, aliás, do frustrado projecto arquitectónico-urbanístico da *universidade crúzia* da Rua da Sofia.

Por via de regra de iniciativa das ordens monásticas ou militares, funcionariam como instituições de ensino privativas dos respectivos institutos, ainda que, não raro, frequentadas também por alunos externos e onde se procurava ministrar uma formação de escol, a um tempo no plano da devoção e da cultura. E seria, afinal, essa concentração do ensino congreganista em torno da Universidade que, mais do que o mero estabelecimento do Colégio das Artes, lograria cumprir o desígnio real de fazer de Coimbra o *cérebro do país*, garantindo a uniformidade da mentalidade e da formação intelectual da elite dirigente e, do mesmo passo, a auto-sustentação do sistema de ensino.

João III initiated the formalities required for the construction of the new building for the general schools. The construction work began towards the end of the academic year under the supervision of Diogo de Castilho, and once more the costs were borne by the monarch. Consequently, as a result of his tenacious efforts, after 1539, but especially throughout the 1540s and 1550s, Coimbra finally saw the establishment of a broad network of colleges modelled on Oxford and Paris, just as Prince Pedro had recommended a hundred years earlier. This network of colleges would reach a total of twenty (including those that were part of the failed urban-architectural project of the Santa Cruz University located at Rua da Sofia), fourteen of which were established in his lifetime.

As a rule, the colleges operated as private education centres under the auspices of monastic or military orders (although they were also usually attended by outside students) and sought to provide a prime education at the level of both devotion and culture. More than simply the establishment of the College of Arts, it was this concentration of congregationalist education around the University that helped accomplish the royal goal of turning Coimbra into the *brain of the country*. It ensured the uniformity in mental outlook and intellectual education of the ruling elite and, at the same time, the self-support of the education system. However, the sudden death of André de Gouveia on 9 June 1549, after he refused to receive the last sacrament, had a strong (and fateful) impact on the development of the king's project.

The Drama of the College of Arts

In many ways, the death of André de Gouveia seemed to put an end to the project, given that the King had made the establishment of the College of Arts totally dependent on him. When Gouveia died, the institution was still taking its first steps and order was far from prevalent in many areas: facilities for classes and for the steadily growing number of students; food and lodging for the whole academic community; staff payments; and even the (pressing) expansion work of construction at the Santa Cruz colleges so as to adapt them to the minor schools. João da Costa, who had been the vice-principal under André de Gouveia, was appointed as acting principal until Diogo Gouveia (Junior) was officially chosen for the post, on July 2. Like the late André, he too was a nephew of Diogo de Gouveia, Senior, and one of his favourite students. He was professor of Theology and a royal chaplain, and his experience as principal at St Barbara and rector at the University of Paris, although brief, was seen as an asset for the new job.

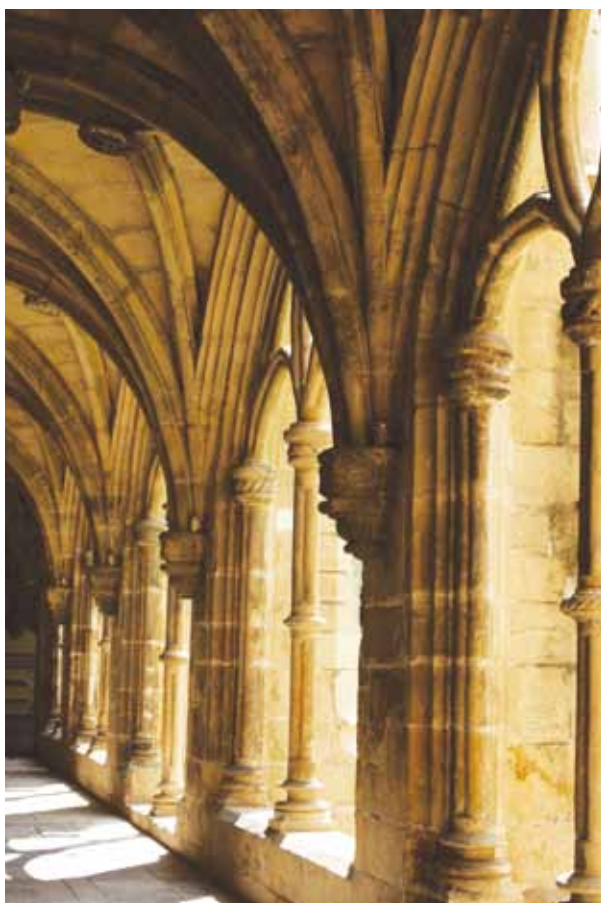
However, soon after the new principal's arrival at the college, at the beginning of the school year,

É neste quadro que a súbita morte de André de Gouveia, em 9 de Junho de 1549, recusando receber os sacramentos, provocaria um notável (e funesto) impacte.

O drama do Colégio das Artes

Com efeito, atenta a personalização que o monarca nele havia feito do projecto do Colégio das Artes e num momento em que a instituição ensaiava ainda os seus primeiros passos e estava longe de reinar a ordem, tanto em matéria de acomodação das lições e da chusma de alunos em contínuo crescimento, como de alojamento e alimentação da imensa mole dos escolares, lentes e respectivos servidores, de pagamentos aos docentes ou, mesmo, no que respeitava às obras (urgentes) de ampliação dos colégios crúzios para adaptação às *escolas menores*, a morte de André de Gouveia como que decapitava à nascença a obra real. Nomeado interinamente João da Costa, que exercera até então as funções de subprincipal junto de André de Gouveia, a substituição definitiva seria conhecida logo em 2 de Julho e recaía em Diogo de Gouveia-o-Moço, sobrinho, como André, do velho Diogo de Gouveia, de quem se tornaria o discípulo dilecto, igualmente mestre teólogo, capelão real e valorizado pela experiência de haver exercido, ainda que temporariamente, as funções de *principal* de Santa Bárbara e mesmo de reitor da Universidade de Paris.

Com o novo ano lectivo, porém, e a chegada de Diogo de Gouveia-o-Moço ao colégio que João da Costa vinha dirigindo, não tardaria a produzir-se entre ambos um violento antagonismo, originado em conflitos de autoridade, agravados pelo ambiente de mútua desconfiança que, quase desde o início, vinha lavrando entre o corpo docente (um consórcio problemático, composto, pelas necessidades decorrentes do exorbitante volume de inscrições, de *bordaleses* e *parisienses*: isto é, de uma amálgama produzida entre o grupo original, trazido pelo falecido *principal* e parte dos docentes já empregues nos *gerais* de Santa Cruz e que, tendo embora formação francesa, a tinham adquirido em Paris, no Colégio de Santa Bárbara, sob a férrea disciplina intelectual de Diogo de Gouveia-o-Velho e que não tardaria a descambar em pública desordem, alicerçada no antagonismo que minava as duas facções. Antagonismo originado em múltiplas razões de ordem pessoal, que opunham o tio Diogo ao sobrinho André, dobradas de violentas divergências teológicas, que eram, em fim de contas, as que opunham a escola teológica parisiense (de que Diogo e o seu Colégio de Santa Bárbara eram, justamente, brilhantes expoentes) à reacção humanista, liderada por Erasmo e na qual (com igual brilho) André de Gouveia enfileirara. Conflito esse onde, de modo pertinaz, Diogo acumulará sobre o sobrinho e a obra pedagógica que protagonizava (primeiro em Bordéus,



violent hostility broke out between him and João da Costa, who had been running the college until then. This resulted from conflicts of authority, and was aggravated by an environment of mutual suspicion that had developed among the faculty members practically from the college's inception. Due to the excessive number of students, there had been the need to combine two groups of teachers: those that had been originally hired by the late principal at the Bourdeaux college, and some that were already teaching in the general studies at Santa Cruz, who had received their education at the College of St Barbara, in Paris, under the firm intellectual discipline of Diogo de Gouveia, Senior. This proved to be a problematic mix, and the climate of suspicion between both groups soon turned into public disorder. The antagonism between the two factions had several underlying reasons. On the one hand, there were personal conflicts between Diogo and his nephew André, which were, on the other hand, intensified by strong theological divergences. Fundamentally, these were the same divergences that opposed the Parisian theological school, of which Diogo and his College of St Barbara were leading exponents, to the humanist school, led by Erasmus and adopted by André de Gouveia with equal distinction. As a result of such a conflict, Diogo cast persistent accusations of heresy on his nephew and his pedagogic work, first at Bordeaux and then at Coimbra.



Capela-mor da Sé Nova, Colégio de Jesus, MR, 2009
Chancel of the New Cathedral, Jesus College, MR, 2009



depois em Coimbra) suspeitas insistentes de heresia.

Não desconhecera o Rei, decerto, a personalidade de André de Gouveia, a quem, com o projecto do Colégio das Artes, confiara a educação do escol da juventude portuguesa, nem sequer os aspectos menos *conformistas* da sua ideologia, bem como da dos lentes que no Colégio da Guiana o rodeavam. Com efeito, as reservas sobre a sua ortodoxia lavravam já entre as próprias autoridades francesas nos inícios da década de quarenta, quando se empreendem as diligências para o estabelecimento do colégio português, mais não fazendo que avolumar-se nos anos que antecederam a sua implementação. Contudo, a *modernidade* das suas ideias era condição da própria *modernidade* dos métodos pedagógicos que protagonizavam e que o monarca sabia serem a medula do seu próprio projecto reformista.

Porém, despoletado pelo cisma luterano, iniciara entretanto a sua marcha o amplo movimento da *restauração católica* dinamizado pelo Concílio de Trento e cujos trabalhos preliminares, iniciados em finais de 1545, se concluíam precisamente em 1547, no momento em que o instituto coimbrão enfim se estabelecia, assistindo-se em consequência, ainda nesse ano, à confirmação e constituição orgânica do Tribunal do Santo Ofício (instituído em 1536). E, no seu esforço ingente de reorganização teológica, não

The King was certainly familiar with the personality of André de Gouveia, to whom he had entrusted the education of the cream of the Portuguese youth along with his project of the College of Arts. He was certainly conversant with the nonconformist aspects of his ideology as well as that of his colleagues at the College of Guyenne. In fact, the French authorities themselves had already expressed reservations about André de Gouveia's orthodoxy in the early 1540s, when he was contacted to establish the Portuguese college, and the reservations only increased in the years preceding its implementation. However, the *modernity* of his ideas was the necessary basis of the *modernity* of the pedagogic methods that the monarch understood to be the essence of his reformist project.

Instigated by the Lutheran schism, the wide movement of Catholic Reformation began its march under the leadership of the Council of Trent. Its first sessions began at the end of 1545 and ended in 1547, precisely when the Coimbra college was finally established. The Council confirmed the Court of the Holy Office, which had been established in 1536, and approved its constitution, and in its enormous efforts to reorganise theological doctrine, it soon set off a campaign against doctrinal Humanism. This naturally echoed in Portugal, and in this context Erasmianism was quickly conflated with Lutheranism.

Times were not in favour of progressive Humanism, but rather of counter-reformist integrism, which soon settled in. The Royal College was the culmination of a long process that had begun in a different time and context, more than twenty years earlier. In a way, the moment that was chosen for its implementation was already at odds with the winds of change that had begun to blow.

Throughout the academic year of 1548-49, the climate of suspicion that had taken over the city intensified. Simultaneously, within the College, the relations between the faculty members and, particularly, between Diogo de Gouveia and João da Costa worsened considerably. The first effects of this situation were felt in the middle of the academic year, when Patrick Buchanan, Arnaud Fabrice and Elias Vinet returned to France. They were then replaced by three other Parisians, and thus began the disbanding of the group from Bordeaux.

It was in this context that the King decided to exonerate Diogo de Gouveia and appoint João da Costa as principal at the beginning of the academic year of 1549-50. However, the college was now incorporated into the University and subjected to its authority and control, thereby bringing to an end the period of independence that it had so proudly enjoyed. Still, this did not put a stop to the conflicts between the faculty members, indiscipline at school,



Fachada da Sé Nova, Colégio de Jesus, RF, 2006
Façade of the New Cathedral, Jesus College, RF, 2006



demoraria o concílio a pôr em marcha uma campanha contra o Humanismo doutrinário, cujos primeiros ecos chegariam, naturalmente, a Portugal e no âmbito da qual rapidamente iria assimilar erasmismo a luteranismo.

O espírito do tempo encaminhava-se, assim, não no sentido do Humanismo progressista, mas no do integrista contra-reformista, que não tardaria a instalar-se. O Colégio Real constituía o remate de um longo processo, posto em marcha havia mais de vinte anos, em outro *tempo* e em outra *conjuntura*, pelo que, em certo sentido, o momento escolhido para a sua implementação se encontrava já em contradição com os ventos novos que sopravam.

Ao longo do ano lectivo de 1548/49 avoluma-se ainda mais o ambiente de intriga que se havia apoderado da cidade, ao mesmo tempo que, no interior do Colégio, se assiste ao escândalo provocado pela degradação das relações entre o corpo docente e, particularmente, entre Diogo de Gouveia e João da Costa, mal-estar esse que não tardaria a produzir os primeiros frutos, com a retirada para França, a meio do ano escolar, de Patrício Buchanan, Arnaldo Fabrício e Elias Vinet — e sua subsequente substituição por outros tantos *parisienses* — com o que tem início a dispersão do grupo *bordalês*.

or rumours about the doctrinal orthodoxy of the professors from Bordeaux and the new principal, who had already been denounced (along with Diogo de Teive and George Buchanan) to the Inquisition by Diogo de Gouveia (as rumour had it).

The investigation was conducted with particular caution and discretion given the high status of the individuals concerned and the involvement of the monarch himself in their appointments. Carried out in France and concluded in late December 1549, it only confirmed, in the worst possible terms, the rumours circulating in Coimbra concerning the theological and moral stance of the group from Bordeaux. The upshot of this situation was the arrest of João da Costa, Diogo de Teive and George Buchanan, ordered by Cardinal Prince Henrique in his capacity as Grand Inquisitor, on 1 August 1550.

Given the arrest of these professors — against which the distinguished jurist Martín de Azpilcueta, also known as *Doctor Navarrus*, raised his voice at the University — and the official inquiries carried out against the remaining members of the French scholarly community (Nicolas de Grouchy, Guillaume Guérante and Jacques Tapie managed to flee the country, and only Tapie was persuaded to return for a few months), the College of Arts and the pedagogic project that King João III had dreamt of for so long ran the risk of

É neste contexto que, por decisão real, João da Costa assume as funções de *principal* no início do ano lectivo de 1549/50, com a exoneração correspondente de Diogo de Gouveia, mas num quadro de mais apertado controlo do instituto, que põe termo à sua orgulhosa independência, incorporando-o na Universidade, submetido à sua autoridade e inspecção. Nem por isso, todavia, cessariam os conflitos entre o corpo docente, a indisciplina na vida da escola ou os rumores sobre a ortodoxia doutrinária dos lentes *bordaleses* e do novo *principal*, entretanto, aliás, com Diogo de Teive e Jorge Buchanan, já denunciados (a crer na voz pública, por Diogo de Gouveia) perante a Inquisição.

Conduzida com particular cuidado e discrição, face à elevada hierarquia das personalidades em questão e ao próprio envolvimento da pessoa do monarca na sua contratação, a investigação conduzida em França e concluída em finais de Dezembro de 1549, mais não fazia, todavia, que confirmar, nos mais graves termos, as atoardas que, em Coimbra, circulavam em redor da idoneidade teológica e moral dos *bordaleses*. Situação que conduziria, finalmente (ainda assim com atenções particulares) à detenção de João da Costa, Diogo de Teive e Jorge Buchanan, decretada a 1 de Agosto de 1550 pelo cardeal-infante D. Henrique, na sua qualidade de inquisidor-mor.

Com a prisão dos lentes do colégio — contra a qual, na Universidade, se insurgiria a voz autorizada do eminente Martim de Azpilcueta, o Doutor Navarro — e as devassas entretanto realizadas em torno dos restantes membros da colónia escolar francesa (Nicolau de Grouchy, Guilherme de Guereute e Jacques Tapie, os quais, tomados de pânico, empreendem por seu turno a fuga, apenas o último sendo persuadido a regressar, por alguns meses, às suas funções), corria-se claramente o risco de vibrar um golpe fatal sobre o Colégio das Artes e o projecto pedagógico que D. João III por tanto tempo acalentara. Nesse contexto, o monarca entenderia ser chegada a hora de aceitar o repto que, em tempos, o próprio João da Costa lhe lançara, deslocando-se a Coimbra, a fim de ver com os próprios olhos a sua *obra viva*. Desse modo, em Novembro de 1550, vinte e três anos volvidos sobre a histórica visita de 1527, empreendia nova estada na cidade, no âmbito da qual, como da primeira vez, a sua intervenção pessoal haveria de configurar-se como ponto de viragem, forçando o destino, no longo curso da instituição.

D. João III em Coimbra e o saldo da reforma

Da visita régia emergiria, com efeito, a nomeação de novo director para o Colégio Real, na pessoa de Paio Rodrigues Vilarinho, um dos *parisienses* da Faculdade de Teologia, discípulo de Santa Bárbara e de Diogo de Gouveia-o-Velho, mas cuja escolha representaria uma

collapsing. In this context, the monarch considered that the time was right for him to finally accept the invitation that João da Costa had once made to him to come personally to Coimbra to see his *living work* with his own eyes. In November 1550, twenty-three years after his historical visit of 1527, the King journeyed once more to the city. As happened with his first visit, his personal intervention this time represented a turning point in the long life of the institution.

King João III in Coimbra and the Balance of the Reform

Following the royal visit, Paio Rodrigues Vilarinho was appointed as new director of the Royal College. He was one of the Parisians of the Faculty of Theology, a St Barbara graduate and a pupil of Diogo de Gouveia, Senior. Nevertheless, he proved to be a wise solution of compromise between the orthodox and the Bordeaux factions, since he was connected to the leading members of the latter by old ties of personal friendship. He ran the college for five years, but was unable to overcome the many problems that beset it, and thus, on 10 September 1555, the King ordered Diogo de Teive, then acting as principal, to hand over the college to Father Diogo Mirão. This priest was a provincial of the Society of Jesus in Portugal, a modern ecclesiastic institution which had already inaugurated the College of Jesus in 1542 in Coimbra and would run it for the following two hundred years.

However, that is a different story altogether. When King João III left Coimbra on 23 November 1550, he could rejoice in the fact that the most important goals he had set over two decades ago had been accomplished. He had consolidated the autonomy of preparatory studies, renovated university education according to the humanist model, and apparently brought peace to the institution. At least for the time being, he had managed to preserve the fundamental part of his pedagogic programme. On account of his tenacity and the general environment of spiritual purification that would eventually prepare the ground for the Catholic Reformation, the King was able to overcome the serious crisis of religious conscience and experience he had inherited from the previous reigns. Gradually, the Portuguese Church had, indeed, been filled with *wise and devout men*, the offspring of the new education system. However, the Catholic Reformation would soon come into conflict with the King's reform and its underlying project of fashioning *Christian gentlemen*. Still, no matter what the future would bring, *his* University would always have an important role to play in it.

Effectively, at this point in time, the *college of the French* was not the only one to which the qualifier *royal* could be applied. The University itself had been transformed from a *privileged corporation* into an *ex privilegio* institution, thus turning Coimbra into

hábil solução de compromisso entre a corrente dos *ortodoxos* e a dos *bordaleses*, a cujos protagonistas o ligavam laços antigos de amizade pessoal. A ele caberia conduzir os destinos do colégio no lustro que haveria de seguir-se; sem, todavia, conseguir deter a sua derrapagem ou superar o complexo de dificuldades em que haveria de debater-se até que, em 10 de Setembro de 1555, o Rei ordena a Diogo de Teive, que servia então de *principal*, a entrega do instituto ao padre Diogo Mirão, provincial da Companhia de Jesus em Portugal, uma *moderna* instituição eclesiástica, que em Coimbra inaugurara já o Colégio de Jesus em 1542 e que haveria de conduzir os seus destinos nos duzentos anos que iriam seguir-se.

Mas essa será já uma outra história. Ao partir de Coimbra, a 23 de Novembro desse ano de 1550, D. João III podia ufanar-se ainda de haver cumprido o essencial dos objectivos definidos mais de duas décadas atrás. Sedimentara a autonomização do ensino preparatório, renovara, em moldes humanistas, a escolaridade universitária e deixava, aparentemente, pacificada a instituição, salvando, ao menos por ora, a parte fundamental do seu programa pedagógico. Por obra da sua tenacidade e do ambiente geral de acrisolamento espiritual que prepararia a *reforma católica*, fora possível debelar a grave crise das consciências e da vivência religiosa que herdara dos reinados anteriores e a Igreja portuguesa povoara-se, de facto, pouco a pouco, como fruto do novo sistema de ensino, de *varões sábios e homens piedosos* — mesmo que as contingências dessa outra *reforma* viessem a breve trecho colidir com a sua e com o projecto que lhe subjazia de criação de *cavalheiros cristãos*. Porém e como quer que fosse o futuro que agora começava, a sua Universidade desempenharia sempre nele um papel fundamental.

De facto, não era agora apenas o *colégio dos franceses* a merecer o epíteto de *real*: era também a própria Universidade que havia convertido de *corporação privilegiada* em criação *ex privilegio*, fazendo de Coimbra o *cérebro do País*, a *Lusa Atenas*, como ficaria conhecida. Mas tal não equivalia apenas a implantar nela a *capital do ensino* de todo o Império Português: representava, sobretudo, dotar o Império de uma *capital do ensino*, que o mesmo era garantir a unicidade ideológica dos seus domínios pluricontinentais. E Coimbra tornava-se, entretanto, a mais *visível* beneficiária desse esforço.

Na verdade, com a *mudança* da Universidade, alterara-se a face da cidade, rasgavam-se ruas, erguiam-se colégios. Singularmente, contudo, em toda a azáfama construtiva que caracterizaria as décadas posteriores à transferência, apenas o antigo Estudo não fora contemplado. De facto, abandonado, no próprio acto da trasladação, o

the *brain of the country*, the *Lusitanian Athens*, as it became known. Establishing the *education capital* of the entire Portuguese Empire at Coimbra also implied endowing the Empire with an *education capital*, and this meant ensuring the ideological unity of its multi-continental dominions. And Coimbra had, indeed, become the most visible beneficiary of that effort.

Upon the transfer of the University, the city had been transformed with the opening of new streets and the building of colleges. Strangely enough, only the old Study remained untouched by all the construction frenzy that characterised the decades that followed the transfer. The original project to establish the *Santa Cruz University* at Rua da Sofia had been abandoned during the transfer, and the faculties that had been housed in the rector's residence in May 1537 were moved to the Royal Palace in October of the same year. Seven years later, in October 1544, the faculties that had remained at Santa Cruz were also transferred to the Palace. This meant that the original plan to set up the *general schools* near the Church of S. Pedro, in the upper part of the town (the so-called *Alta*), making use of the building of King Dinis's *Old Studies*, was revised as early as July 1538, and a more comprehensive solution was conceived for the vacant area of Almedina, above the bulwark, between the New Gate and the Castle.

Properties were bought there and houses built, and students quickly moved in. However, in April 1545, six months after the reunification of the University, that project was also abandoned as the property was donated to the rector of the College of Jesus, Simão Rodrigues, who used it to lay the foundations of that which, in a few years time, would become the most important educational institution in the city after the University. It operated jointly with the Royal College of Arts from 1555 onwards, and the monarch finally entrusted its administration to Simão Rodrigues.

Given that fact, the University continued to occupy the Royal Palace with the generous permission of the King. There, perched on a prominent hill, it towered over the city of scholars, and this certainly would not have entirely displeased the old *universitas*. Thereafter, the historical residence of the Kings of Portugal would be the imposing setting of the daily life of the respectable institution, which indeed would soon assume the grandeur of its new position.

Rua da Sofia and University Architecture

In 1534-35, the inauguration of the Colleges of Santo Agostinho and São João Baptista, which flanked the respective churches, gave visible substance to the reform carried out by Friar Brás de Braga at the Monastery of Santa Cruz from 1527 onwards. When public classes opened at the Monastery of Santa Cruz



Detalhe da fachada da Sé Nova, Colégio de Jesus, RF, 2006
Detail of New Cathedral façade, Jesus College, RF, 2006



Colégio dos Lóios, Eduardo Knopfly, c. 1860 (coleção particular de Alexandre Ramires)
Lóios College, Eduardo Knopfly, c. 1860 (Alexandre Ramires's private collection)



primitivo projecto da *universidade crúzia* da Rua da Sofia e estabelecidas no Paço Real, em Outubro de 37, as faculdades albergadas desde Maio em casa do Reitor, às quais, sete anos mais tarde, em Outubro de 44, se iriam juntar as que haviam ficado em Santa Cruz, reformulara-se, logo em Julho de 38, o *plano* inicial de organizar as *escolas gerais* junto à Igreja de S. Pedro, na cidade Alta, a partir do edifício dionísio dos *Estudos Velhos*, em função de uma solução de fundo, pensada para a zona livre da Almedina, sobranceira à couraça, entre a Porta Nova e o Castelo.

Aí se levava a cabo, com efeito, a aquisição de terrenos e, mesmo, a construção de casas, logo ocupadas por estudantes. Em Abril de 45, porém, seis meses volvidos sobre a reunificação da Universidade, também esse projecto seria abandonado, com a doação do respectivo terreno ao reitor do Colégio de Jesus, Simão Rodrigues, que neles iria alicerçar aquela que, em escassos anos, haverá de configurar-se como a mais importante instituição de ensino da cidade, depois da Universidade, em articulação, a partir de 55, com o próprio Colégio Real das Artes, que o monarca confia, finalmente, à sua direcção.

Quanto a esta última, prolongaria, por virtude disso, o seu alojamento no Paço Real, que a generosidade do seu régio mecenas lhe cedera. E nele alcançava, pelo menos, alcandorada na íncita colina, uma

in 1527, the imminent transfer of the University to Coimbra and its connection to the monastery led to the planning of a new street that was to be located in the lands of the monastery. The intention was to establish the main campus of the *studies* on this street, which was dedicated to Saint Sophia. Cutting across the old mediaeval town from north to south, it was laid out in meticulous straight lines and had unusual width and length, thus showing a marked contrast to the traditional focal points of the city – the upper part of town, which was the royal and ecclesiastic acropolis organised around the Cathedral and crowned with the Royal Palace, and the *Baixa*, the downtown area where commerce and trade were concentrated, stretching from the city wall to the river. It was one of the most remarkable projects of European humanist urban planning, which may have been influenced by the French *rue de Sorbonne*, given the Parisian education of Friar Brás.

The school was to be located there in a set of new buildings probably laid out in an arrangement similar to that of Alcalá: a larger college (at the entrance) followed in a straight line by smaller ones (based upon the model of Oxford and Paris, as Prince Pedro had pictured it a hundred years earlier). They would stand on the east side of the street, opposite a row of residential buildings on the west. However, in October 1537, the King's decision to house at the

posição de domínio sobre a urbe escolar que, decerto, à velha *universitas* não desagradaria por completo. Doravante, pois, a histórica morada dos Reis de Portugal iria converter-se, para o bem e para o mal, no imponente cenário da vida quotidiana da venerável instituição: que não tardaria a incorporar as marcas dessa nova vocação.

A Rua da Sofia e a arquitectura universitária

Na verdade, após a abertura de aulas públicas no Mosteiro de Santa Cruz, no seguimento da implementação da respectiva reforma, por Frei Brás de Braga, a partir de 1527 — consubstanciada na inauguração, em 1534/35, dos colégios de Santo Agostinho e São João Baptista, flanqueando a respectiva igreja —, a iminência da transferência da Universidade para Coimbra e a sua articulação com o próprio cenóbio, materializar-se-iam na projecção, nos terrenos do mosteiro e na continuidade das suas próprias edificações, de uma nova rua, dedicada a Santa Sofia, com o fito, justamente, de aí estabelecer a sede dos *estudos*. Lancetando, de norte a sul, a velha urbe medieval, em relação a cujos pólos aglutinadores tradicionais (a *Alta*, a acrópole régia e eclesiástica, organizada em torno à Sé e coroada do Palácio Real e a *Baixa* comercial, derramada da muralha até ao rio) se afirmava em aberta ruptura, seria programada em termos de escrupulosa rectilinearidade e dotada de insólitas largura e extensão, configurando um dos mais notáveis projectos do urbanismo humanista europeu, onde, de algum modo, poderá repercutir-se a influência da francesa *rue de Sorbonne*, veiculada pela própria formação parisina de Frei Brás.

Aí deveria acolher-se doravante a instituição, num conjunto de novos edifícios, possivelmente estruturados ao modo de Alcalá, num colégio maior (à entrada), articulado, em correnteza, com outras menores — os colégios “*por maneyra dos de uxonia e de paris*”, que o Infante D. Pedro idealizara cem anos antes —, que definiriam o lado nascente, aos quais, no poente, se contrapunha um alinhamento de casas de morada. Contudo, a decisão régia, comunicada em Outubro de 1537, de acolher no Paço Real as faculdades que, desde a transferência de Lisboa, em Março anterior, funcionavam em casa do reitor, ferindo à nasença o propósito, que se afigurava desenhar, desde 1527, de integração mais ou menos explícita da Universidade na administração crúzia, comprometeria de igual modo o programa arquitectónico da Rua da Sofia. Apesar disso, este revelar-se-ia sempre estrutural na materialização do estabelecimento da Universidade em Coimbra, que, no decurso do tempo, sempre alimentaria no domínio utópico. Assim e no local onde, à entrada da rua, teria sido idealizada a sede dos *Estudos*, viriam a erguer-se, na dependência do mosteiro, os colégios *menores* de S. Miguel (1536) e de Todos-os-Santos (1541), os

Royal Palace the faculties that had been at the rector's residence since their transfer from Lisbon in March, compromised not only the goal anticipated since 1527 of integrating more or less explicitly the university into the Santa Cruz administration, but also the architectural programme envisaged for Rua da Sofia. Nevertheless, this programme proved to be crucial to the establishment of the University in Coimbra.

Thus, the *minor* colleges of S. Miguel (1536) and Todos-os-Santos (1541) were built at the entrance of the street, on the site where the main building of the *studies* was supposed to stand. However, in 1547, as a result of the reunification of the University at the Royal Palace, these colleges underwent profound remodelling and expansion with a view to their adaptation (although temporary) to the College of Arts, which opened its doors one year later. Detailed information of this remodelling is hard to get, given that the building was handed over to the Jesuits in 1555, and thereafter occupied by the Inquisition (in 1556 the Jesuits transferred the college to premises in the upper part of town and began the construction of their own facilities two years later). But it resulted in a building of original typology which was freer than that which would be adopted in most colleges in Coimbra. In effect, this was a secular institution intended for secular men, based on a residential system (though only partially run as such) and on the combination of learning and teaching. The college consisted of a system of spaces that surrounded a private church, laid out underneath the dormitories and the library, and that were interconnected by Serlian-type overlaid galleries.

This so-called *palatial* structure obeyed the rules of civil architecture, though it did not use a standard design, but rather an ensemble of forms that were combined according to programmatic goals of regularity. The private chapel was usually set in the interior, in the residential area of the building. This design had already been applied to the Santa Cruz colleges of S. Miguel and Todos-os-Santos, and was essentially reproduced in the colleges for university graduates, such as the Royal College of S. Paulo and the Sacred, Royal and Pontifical College of S. Pedro. These were constructed in the upper part of town following the transfer of the studies to the Royal Palace. The first one, founded by the rector Friar Diogo de Murça in 1550, was built next to the Palace over the foundations of King Dinis's Old Studies. The second was built in 1574, at the expense of the east wing of the Royal Palace, which had housed the chambers of the ladies and officers. Other colleges were later built according to the same model in the acropolis, including those connected to religious communities such as the Military Orders (1615) and Saint John the Evangelist (1631).

However, following the appeal made by King João



Claustro do Colégio do Carmo, RF, 2006
Cloister of Carmo College, RF, 2006



quais, porém, em 1547 e na sequência da reunificação da Universidade no Paço Real, sofreriam profunda reforma e ampliação, com vista à sua adaptação (ainda que provisória) ao Colégio das Artes, que abriria as portas um ano mais tarde. Dessa operação — cujo cabal conhecimento, todavia, dificulta a ocupação do espaço pela Inquisição após a entrega do colégio, em 1555, aos Jesuítas (que, em 1556, o transfeririam para as suas instalações na *Alta*, iniciando, dois anos depois, a construção de instalações próprias) —, resultaria um edifício com uma tipologia original e mais *livre* do que a que, por razões óbvias, se adoptaria na maioria dos colégios universitários coimbrões. Com efeito, instituição laica e para leigos, assente no regime de internato (apenas parcialmente experimentado) e no binómio educação-ensino, articulava-se através de um sistema de corpos que dissolviam, sob os dormitórios e biblioteca, a igreja particular, servidos por um sistema de galerias sobrepostas de matriz serliana.

Este esquema, dito *palaciano*, submetido às coordenadas da arquitectura civil — ainda que não um plano-tipo, mas um conjunto de variantes articuladas em obediência a objectivos de regularidade programática, dissolvendo na área residencial (por regra com implantação interna) a capela privativa —, e que havia alimentado já os colégios crúzios de S. Miguel e de Todos-os-Santos, repercutir-se-ia essencialmente nos institutos vocacionados para albergar os graduados da

III to the Portuguese bishops, the majority of the colleges came to be organised and run by religious orders, which thus guaranteed that their members' university education would follow their own rules. Therefore, the colleges that were successively established along Rua da Sofia (and, soon after, also in the old mediaeval area around the Palace) adopted for the most part a different structure, in keeping with the tradition of urban monastic architecture: they included a residential area that surrounded the cloister, and an attached public church that opened onto the street. It was in this manner that the city was systematically introduced to the postulates of Renaissance architecture.

This model, which was adopted for the building of the College of Graça, founded in 1534 (though the construction of its church, designed by Diogo de Castilho, was only begun in 1555), had a long-lasting influence on collegiate architecture in Coimbra, both in Sofia and in the upper town, and even on the evolution of the Renaissance cloister in Portugal. Examples in Sofia include the Colleges of Espírito Santo (or S. Bernardo) and Nossa Senhora da Conceição (the latter intended for poor students and later handed over to the Calced Carmelites), which began to be built in 1541, at about the same time as the Colleges of S. Miguel and Todos-os-Santos; the College of S. Tomás (with a cloister that remains to this day), which began to be built in 1547; and the College of Carmo, which opened to novices in

Universidade, como os colégios Real de S. Paulo e Sacro, Real e Pontifício de S. Pedro, edificadas na cidade *Alta*, na sequência da transferência dos Estudos para o Paço Real (o primeiro em 1550, fundado pelo reitor Frei Diogo de Murça, adjacente à Alcáçova e assente sobre as infra-estruturas dos *Estudos Velhos* dionisinos; o segundo em 1574, à custa da ala nascente, *das damas e oficiais*, do próprio palácio régio, integrada na Universidade somente após a sua extinção, em 1834), outros se lhes seguindo, mesmo afectos a congregações religiosas, como seriam, também na acrópole, os das Ordens Militares (1615) ou da congregação de S. João Evangelista ou Lóios (1631).

Contudo, ao ser a generalidade dos colégios promovida pelas ordens religiosas, no quadro do apelo nesse sentido emitido por D. João III aos bispos portugueses — as quais, por esse modo, garantiriam, por parte dos seus membros, a frequência dos estudos universitários em observância da respectiva regra — os colégios que, sucessivamente, se estabelecem ao longo da Rua da Sofia (e logo também no velho casco medieval, em redor do Paço), adoptariam, pela maior parte, um partido diverso, em estreita articulação com a tradição da arquitectura monástica urbana: área residencial, organizada em torno ao claustro, flanqueando a igreja pública aberta sobre a rua. E por sua via se testaria sistematicamente a reconversão da urbe aos postulados da arquitectura renascentista.

Nesse contexto, o Colégio da Graça, fundado em 1534 e cuja igreja, segundo traça de Diogo de Castilho, começaria a erguer-se em 1555, configuraria um modelo, ainda na própria tipologia claustral, que longamente se repercutiria na arquitectura colegial coimbrã, tanto aqui como nos seus congéneres da *Alta*, influenciando mesmo a evolução nacional do claustro renascentista. Seguir-se-lhe-iam, ainda na *Sofia*, os do Espírito Santo ou S. Bernardo e Nossa Senhora da Conceição (este para estudantes pobres, mais tarde entregue aos Carmelitas calçados) — erguidos a partir de 1541, em sintonia com os de S. Miguel e de Todos-os-Santos —, o de S. Tomás, de que sobrevive o claustro, iniciado em 1547 e o do Carmo, cujo noviciado se empreende em 1548, sendo a igreja, todavia, datada de 1597. É, aliás, essa maleabilidade da arquitectura colegial coimbrã, imposta pelas especificidades das respectivas congregações ou, mesmo, pelo carácter peculiar da topografia urbana, configurando um ar de família sem, todavia, se submeter a um plano-tipo aplicado sistematicamente, que testemunha o rápido alastramento da rede colegial pela cidade *Alta*, em torno da acrópole régia e agora escolar: nos colégios da Trindade (1562), S. Jerónimo (c. 1570), S. Bento (1576), Santo Agostinho (1593), Santo António da Pedreira (in. séc. XVII) ou ainda S. José dos Marianos (1608).

1548 (though its church dates from 1597). Collegiate architecture in Coimbra followed the requirements of each religious community, and also had to be adapted to the peculiar nature of the urban topography. Thus, although buildings displayed similarities, they did not conform to a standardised design. Such architectural flexibility was evident in the rapid growth of the collegiate network in the upper part of town: the Colleges of Trindade (1562), S. Jerónimo (c. 1570), S. Bento (1576), Santo Agostinho (1593), Santo António da Pedreira (early 17th century) and S. José dos Marianos (1608).

In quick succession, the design tested by João de Castilho in Rua da Sofia was freely adapted in all of these colleges. In contrast, the College of the Society of Jesus, which began to be built in 1548, followed a different model of residential college, which included a monumental public church (begun in 1598) and large courtyard in front. This college must have largely benefited from the project that had been drawn for the site following King João III's decision to permanently establish the University in the upper part of town (including student housing, which actually began to be built as previously seen). However, when this project was abandoned and the property handed to the Jesuit institution in 1547, the school extended its occupancy of the Royal Palace and took over most of its premises, adapting them to its functional needs.

Evidence of this first stage of occupancy (centred around the west wing, the Queen's Chambers, which housed the classes of the reunited faculties from 1544) can be found in the records as well as in the built heritage. One such example is the clock tower that was designed by Jean de Rouen in 1561. It was erected on the northwest corner of the palatial courtyard and represented a rare and original work of university architecture. It is, still today, not only the symbol par excellence of the University but also of the city of Coimbra. When it was demolished and replaced by the current clock tower, in 1728, it was eulogised by contemporaries as “the best work in the city”. It was also in this period that the work that became the most expressive icon of the reform was carried out: the reinforcement of the main chapel. This was done during the rectorship of Friar Diogo de Murça, to whom Coimbra owes the full accomplishment of the goals of the reform during the short years of instability. It represented a watchful alliance between *devotion and wisdom*, with its central purpose of fashioning *wise and devout men, Christian gentlemen*. The massive work of reinforcement of the chapel, following the collapse of the Manueline vault built by Marcos Pires according to a design by Boitaca, involved the buttresses, which were crowned with turrets and a modillioned cornice that had battlements shaped as small temples. It

Neles, com efeito, se adapta sucessivamente, mas com ampla liberdade compositiva, o esquema castilhano experimentado da Rua da Sofia enquanto, por seu turno, um modelo particular de colégio-residência com igreja pública monumental (edificada a partir de 1598) dotado de ampla praça fronteiria, seria adoptado pela Companhia de Jesus na edificação, a partir de 1548, do seu colégio do mesmo nome, que deverá ter amplamente beneficiado dos projectos entretanto delineados para esse local, em virtude da decisão de D. João III de estabelecer na cidade alta, em definitivo, a Universidade, em articulação com um bairro escolar que, como se viu, chegou a ter início. Com o abandono desses planos, porém, materializado na cedência dos terrenos respectivos ao instituto jesuíta em 1547, alongar-se-ia a estadia da escola no Palácio Real, que esta, por via disso, sucessivamente ocupa na quase totalidade e subtilmente adapta às suas necessidades funcionais.

E dessa primeira fase da ocupação escolar (organicamente centrada na ala poente — os *aposentos da Rainha* — abrigo, a partir de 1544, em complexa funcionalidade, as classes do conjunto das faculdades escolares, agora finalmente reunidas) quedariam vestígios, a um tempo no património edificado e na documentação. A essa intervenção, pertence, com efeito, a projecção, em 1561, segundo traça de João de Ruão, da nova torre horária, edificada no ângulo noroeste do terreiro palatino, raro e original dispositivo da arquitectura universitária, que ainda hoje constitui, por excelência, o ícone da escola conimbricense (e mesmo da cidade que a acolhe) e que, no acto da sua demolição, em benefício da que hoje existe, edificada em 1728, os contemporâneos homenageariam ainda como a “milhor obra que tinha aquela ci^{de}” [cidade]. Mas, muito particularmente, remonta a esse período e, justamente, ao reitorado de Frei Diogo de Murça — o homem a quem Coimbra ficaria a dever, no instável equilíbrio de curtos anos, o cumprimento cabal dos objectivos da *reforma* — a obra que ficaria como o seu mais eloquente ícone, na sua aliança vigilante entre *piedade e sabedoria* e no seu desígnio central de criação de *varões sábios e devotos*, de *cavalheiros cristãos*: a vultuosa empresa de reforço da capela-mor (os gigantes, rematados por guaritas e cornija modilhonada, provida de ameias em forma de pequenos templos de planta centralizada), na sequência da ruína da abóbada manuelina edificada por Marcos Pires segundo planos de Boitaca. Realizada entre 1543 e 1545, seria projectada, de igual modo, por João de Ruão: o homem a quem, em primeira mão, seriam dentro em pouco cometidos os planos do Colégio das Artes — ou, como então se dizia, do *colégio francês de mestre André*.



was carried out between 1543 and 1545 and was also planned by Jean de Rouen, who would soon be entrusted with the plan of the College of Arts – or, as it was then called, the *French College of Master André*.

O Tempo do Pragmatismo (1555-1717)

The Era of Pragmatism (1555-1717)

A entrega do Colégio das Artes aos jesuítas em 1555 e a morte de D. João III, em 1557, são marcos cronológicos geralmente aceites como indicadores de uma nova fase na vida da Universidade de Coimbra. Importa, contudo, sem descuidar a inegável inflexão que estes acontecimentos provocaram, situá-los numa dinâmica de continuidade, definida por um conjunto de linhas de desenvolvimento com raízes anteriores.

De facto, a acção dos jesuítas, se, por um lado, deve ser encarada autonomamente na sua peculiaridade institucional e cultural, necessitará também de ser enquadrada no movimento de aproximação à universidade protagonizado por diversas ordens religiosas, cujos colégios, dando progressivamente à feição urbana novos traços – como já ficou assinalado – se constituem não apenas como residência dos seus membros mas, em muitos casos, como unidades de ensino e, sobretudo, como alfobre de candidatos à docência universitária, mormente na faculdade de Teologia; e ainda menos pode ser dissociada do papel preponderante que os colégios seculares de S. Pedro e de S. Paulo desempenharam relativamente ao ensino do Direito – a faculdade dominante em termos de matrículas, de graduações e, conseqüentemente, a mais importante fornecedora de quadros para a administração régia aos mais diversos níveis (desde os Tribunais Superiores à função diplomática).

Além disso, a preocupação pela fixação normativa, modeladora da realidade institucional e pedagógica, tendo sido um dos parâmetros centrais do tempo joanino, irá estar presente durante toda a segunda metade do século XVI, prolongando-se pelo seguinte: o paradigma educativo, depois de várias remodelações e ajustamentos sistematiza-se e estabiliza. Simultaneamente, este tempo de pragmatismo é tempo de consolidação institucional aos níveis administrativo e económico.

E não deixa de ganhar relevo a projecção internacional do Estudo de Coimbra: para além da circulação de professores e estudantes, tendo agora, sobretudo, como pólos de referência as diversas universidades ibéricas – entre 1580 e 1640 a união do Reino de Portugal à Monarquia Hispânica criou também uma rede universitária comum – há que ter em conta a produção científica que projecta o nome conimbricense por todo o espaço europeu e mesmo ibero-americano.

The handing over of the College of Arts to the Jesuits in 1555, and the death of King João III in 1557 are the chronological landmarks generally accepted as the indicators of a new stage in the life of the University of Coimbra. Notwithstanding the undeniable change caused by these events, it is important to see them as part of an ongoing process, defined by a series of lines of development whose roots stretch back to earlier times.

Indeed, while the Jesuits' action should be regarded separately in its institutional and cultural singularity, yet it also needs to be framed within the movement of gravitation of several religious orders towards the university. As previously noted, the colleges they established gradually gave a new look to the urban space; they were not only the residence of their members, but in many cases educational units, too, as well as seedbeds of candidates for university teaching posts, namely in the Faculty of Theology. Nor should the predominant role of the secular colleges of S. Pedro and S. Paulo be ignored with respect to the teaching of Law – the leading faculty in terms of enrolments and graduations, and consequently the most important supplier of legislators and senior officials for the royal administration at every level (from the Superior Courts to diplomatic service).

Furthermore, the concern with establishing institutional and pedagogic standards, which had been one of the central parameters of the Joanine period, continued throughout the second half of the 16th century and into the 17th century. Thus, after several revisions and adjustments, the education paradigm was systematized and stabilized. Simultaneously, this era of pragmatism is a period of institutional consolidation at the administrative and economic levels.

The University of Coimbra also gained greater international projection: in addition to the circulation of teachers and students, now mostly among the various Iberian universities – the union of the Kingdom of Portugal with the Spanish Monarchy between 1580 and 1640 also created a common university network – the scientific production that projected the name of Coimbra throughout Europe, and even into Iberian-American space, should be taken into account.

It is also during this period that the Palace finally




 Colégio de São Pedro no Paço das Escolas, MR, 2009
 São Pedro College, University Palace, MR, 2009

É ainda neste período que o Palácio passa definitivamente para a propriedade da Universidade – mantendo sempre, contudo, as suas prerrogativas de morada régia – e é objecto de algumas intervenções que o vão configurando, cada vez mais, como Casa da Sabedoria.

A plurifuncionalidade dos Colégios

O colégio era primordialmente uma comunidade de vocação académica, submetida a uma regra de vida comum e formalmente incorporada no grémio universitário. Mas o termo designava também o edifício-morada dessa comunidade dotado de características específicas para a servir.

Considerados na primeira acepção, os colégios apresentam um conjunto de elementos comuns que coexistiam com modalidades diversas de realizar a sua vocação académica: comum era o facto de estarem implantados na universidade e em função dos estudos universitários; o de proporcionarem alojamento e alimentação e obviarem a outras despesas dos estudantes que deles faziam parte (o que implicava a existência de uma base económica); e o de, inicialmente, cada um deles constituir uma *societas* autónoma de membros co-responsáveis na gestão, ligados por fortes laços de solidariedade, vivendo uma vida comunitária em que os deveres religiosos assumiam particular importância e uma disciplina rigorosa pautava os comportamentos. As variantes tiveram origem no objectivo imediato da

became the property of the University – though it always retained its privileges as a royal residence – and underwent some interventions that increasingly shaped it as a House of Learning.

The Multifunctionality of the Colleges

The college was primarily a community with an academic vocation, subject to a common living rule and formally incorporated into the university organization. But the term also designated the building where this community resided, which had specific characteristics.

Considered in the first sense, the colleges exhibited a group of common elements that coexisted with different modes for carrying out their academic vocation: they were set in the university and in a context of university studies; they provided accommodation and food and spared students from other expenses (which implied the existence of an economic base); and initially, each college was an autonomous *societas* of members who were jointly responsible for its management, living a communal life where religious duties assumed particular importance and rigorous discipline ruled conduct. Variations stemmed from the immediate purpose of their foundation (defining the amount and quality of the beneficiaries, the admission criteria, the allocation of a given number of scholarships to each faculty, favouring certain studies, the demands of



Claustro do Colégio de Santo Agostinho, FF, 2008
Cloister of Santo Agostinho College, FF, 2008

sua fundação (definindo o número e a qualidade dos beneficiários, os critérios de admissão, a afectação de determinado número de bolsas a cada uma das faculdades, o privilegiar determinado tipo de estudos, as exigências relativamente à preparação académica...) ou na dinâmica da sua evolução, gerando respostas diversas, ao longo do tempo, à sua finalidade ampla que era a de conceber e dar vida a um instrumento e a um lugar quase ideal orientado para a formação das futuras elites cultas da Igreja e do Estado.

Essa dinâmica evolutiva tem uma influência directa nas edificações colegiais: a natureza de algumas comunidades – e a complexificação de outras com o desenvolvimento das actividades intelectuais e pedagógicas no próprio espaço colegial – reflectem-se na disposição orgânica e na monumentalidade de algumas construções.

Em Coimbra, a progressiva implantação dos colégios universitários – com um forte dinamismo, já assinalado, nas décadas imediatas à fixação definitiva da Universidade, o qual, contudo, não esgotou o movimento fundacional – seguiu também estas linhas gerais. Deixando de lado algumas realizações efémeras, a tipologia conimbricense incluía uma maioria de colégios pertencentes às ordens religiosas e às ordens militares. Este conjunto pode considerar-se como a extensão natural da faculdade de Teologia. Em muitos deles se ministrava o ensino das disciplinas preparatórias e o da própria Teologia até níveis de graduação que ultrapassavam a formatura: as numerosas incorporações de religiosos na Universidade, ultrapassada já essa etapa – e na fase preparatória da obtenção dos graus de licenciado e doutor – é disso prova. Na ponta final do período que nos ocupa (1717), quando a Faculdade de Teologia prestou a sua adesão formal e solene à bula *Unigenitus*, quis associar aos seus lentes todos os professores dos colégios incorporados. Apuseram a sua assinatura ao documento, elaborado em Claustro Pleno, 75 religiosos de diversas Ordens, todos eles se intitulando lentes de Teologia: 5 dominicanos do Colégio de S. Tomás; 10 carmelitas dos Colégios do Carmo e de S. José dos Marianos; 4 Eremitas de S. Agostinho, do Colégio da Graça; 14 franciscanos, dos Colégios de S. Boaventura, S. Pedro, S. António da Pedreira e do Convento de S. Francisco; 13 jesuítas, do Colégio de Jesus; 3 jerónimos, do Colégio de S. Jerónimo; 4 lóios, do Colégio de S. João Evangelista; 6 cistercienses, do Colégio de S. Bernardo; 5 beneditinos, do Colégio de S. Bento; 4 membros do Colégio dos Militares; 3 cônegos regantes crúzios; 4 religiosos do Colégio da Santíssima Trindade.

Neste contexto, é compreensível a extraordinária preponderância monástica no professorado da Faculdade de Teologia: e se, num primeiro momento,



academic training, etc.) or from the dynamics of their development, generating over time different responses to their broad purpose of giving life to an instrument and to a nearly ideal location oriented towards the education of the future cultured elites of the Church and the State.

This development dynamics had a direct influence on the college buildings: the nature of some communities – and the complexification of others as intellectual and pedagogic activities expanded within the actual college space – is reflected in the organic arrangement and the monumentality of some of the buildings.

In Coimbra, the steady establishment of university colleges – highly dynamic in the decades that followed the final transfer of the university to the city, as observed before, but which continued afterwards – also followed these general lines. Putting aside some transitory undertakings, Coimbra's typology mostly included colleges belonging to the religious and military orders. This group may be considered the natural extension of the Faculty of Theology. Many of these colleges taught preparatory courses and Theology itself, up to degree levels beyond graduate training. The inclusion of numerous clerics in the university after that stage – and in the preparatory phase for obtaining licentiate and doctorate degrees



foi mais notória a presença de eclesiásticos seculares, com figuras de primeiro plano como Afonso do Prado, Francisco Monçon, Paio Rodrigues de Vilarinho ou Diogo de Gouveia, ela torna-se depois excepcional. Eremitas de Santo Agostinho, Cistercienses, Beneditinos e Jerónimos fornecem os contingentes mais significativos num conjunto onde se devem incluir também Trinitários, Lóios, Carmelitas, religiosos da Ordem de Cristo e Dominicanos. Estes últimos, gozando de uma situação excepcional que os fazia transitar directamente dos seus estudos domésticos para o topo da carreira docente (uma prerrogativa que os fazia quase proprietários das cadeiras de Prima e Véspera), viram-se afastados da docência universitária – por intervenção directa do monarca D. João IV – devido a uma divergência doutrinal que os levou a não obedecer à ordem régia de jurar a Imaculada Conceição, então apenas considerada como *pia opinio*.

Na tipologia dos edifícios colegiais de Coimbra considera-se que o modelo conventual se caracteriza principalmente pela igreja externa adjacente a um claustro, em contraste com o modelo palaciano ou civil, este com capela interna inserida na volumetria regular do edifício, organizado, por regra, à volta de um pátio. Se bem que o terreno de implantação

– proves this. At the end of the period we are focusing on (1717), when the Faculty of Theology formally and solemnly accepted the *Unigenitus* bull, it wanted to add all the professors of the incorporated colleges to its teaching staff. The document produced in *Claustro Pleno* (“full cloister”) received the signature of 75 clerics from several orders, all of them claiming to be Theology professors: 5 Dominicans from S. Tomás College; 10 Carmelites from Carmo College and S. José dos Marianos College; 4 St Augustinian Eremites from Graça College; 14 Franciscans from the S. Boaventura, S. Pedro and S. António da Pedreira Colleges and from S. Francisco Convent; 13 Jesuits from Jesus College; 13 Hieronymites from S. Jerónimo College; 4 *Lóios* (followers of St John the Evangelist) from S. João Evangelista College; 6 Cistercians from S. Bernardo College; 5 Benedictines from S. Bento College; 4 members from the Military College; 3 canons regular from Santa Cruz Monastery; 4 clerics from the Santíssima Trindade College.

Within this context, it is possible to understand the extraordinary monastic preponderance of the Faculty of Theology’s teaching corps, and if initially the presence of secular ecclesiastics was more noticeable, with high profile figures such as Afonso do Prado, Francisco Monçon, Paio Rodrigues de Vilarinho or Diogo de Gouveia, this later became an exception. Augustinian Eremites, Cistercians, Benedictines and Hieronymites supplied the most significant quotas, in a group that also included Trinitarians, *Lóios*, Carmelites, clerics from the Order of Christ and Dominicans. The last, who benefited from an exceptional situation that led them directly from their domestic studies to the top of the teaching career (a prerogative which practically made them the owners of the Prima and Vespera courses), were removed from university teaching by the direct intervention of King João IV. This was due to a doctrinal difference that led them to disobey the royal order to swear to assert the Immaculate Conception, at that time only considered to be a *pia opinio*.

In Coimbra’s style of college building the convent model is considered to be mainly characterised by the external church adjoining a cloister, as opposed to the palace or civil model which had an internal chapel within the body of the building, usually laid out around a courtyard. Although the terrain of the site affected the decision to opt for one model or the other (the higher part of the city would have favoured the civil/palace model, while the alignment along a street like Santa Sofia would be better for the convent model), the convent layout could be related to the church’s functional character. It could be accessed directly from the street, also serving a pastoral and preaching purpose, directed at the outside community, which shows that study was not the only function of these intellectual centres. The size and the monumentality of the church (evident in

condicione a adopção de um ou outro destes modelos (a retícula urbana da parte alta da cidade seria favorável ao modelo civil/palaciano, ao passo que o alinhamento ao longo de uma rua, como a de Santa Sofia, seria propício ao modelo conventual), não será estranha à disposição conventual o carácter funcional da igreja, com acesso directo a partir da rua, servindo também uma finalidade pastoral de culto e doutrinação/pregação dirigida à comunidade externa, o que indicia que o estudo não esgotaria a função destes centros intelectuais. O dimensionamento e monumentalidade da igreja (presente nas colégios da Rua da Sofia, mas de que são exemplos mais notórios a do Colégio de Jesus e a do Colégio de S. Bento na parte alta da cidade) é sinal de um uso que ultrapassa as necessidades da comunidade colegial que dispunha de capelas internas de menores dimensões (pensemos no Colégio das Artes, no Colégio da Sapiência ou no Colégio Real de S. Paulo) para serviço dos seus membros.

O segundo tipo colegial conimbricense era constituído pelos colégios reais de S. Pedro e de S. Paulo. Destinados a graduados (preferencialmente doutores), cada um deles tinha efectivamente doze lugares – ou becas – distribuídas pelas diversas faculdades, embora, na realidade, o tempo tivesse levado a que apenas as duas faculdades jurídicas – Cânones e Leis – ficassem com o exclusivo do seu provimento. Designando-se, em oposição ao tipo anterior, por seculares – uma das condições de admissão era a de o candidato não ter feito voto de entrar em religião – eram comunidades de celibatários (não poderiam mesmo ser desposados por palavras de futuro), reguladas autonomamente por estatutos próprios, governadas pelos colegiais em assembleia geral ou “capela” que elegia anualmente os órgãos directivos, soberanas nos processos de admissão dos novos membros que era marcada por rigorosos processos de selecção.

Ocupando um terreno académico e institucional idêntico, rivalizavam entre si: nos concursos para as cátedras universitárias, nos jogos de influência para a eleição do Reitor da universidade, nos equilíbrios de poder dentro da mesma universidade. Mas eram, acima de tudo – e porque a condição de colegial era, por natureza, transitória – um poderoso elemento impulsionador da carreira futura dos seus membros, passando por eles uma etapa decisiva, tanto para a docência universitária (coube aos colegiais pedristas e paulistas o quase exclusivo da propriedade das cátedras de Cânones e Leis), como para o acesso aos mais elevados cargos na hierarquia eclesiástica e na administração régia. Ligados por fortes laços de solidariedade forjados no tempo do colégio, os colegiais – e, com eles, os porcionistas, oriundos das famílias da grande nobreza – mantinham essa comunhão afectiva ao longo da sua vida, tornando o

the colleges on Sofia Street but whose best examples are the uptown Jesus College and S. Bento College) demonstrate a use that surpasses the needs of the college community, which had smaller interior chapels to serve its members (such as those of the College of Arts, the College of Wisdom and the Royal College of S. Paulo).

The second type of Coimbra college comprised the royal colleges of S. Pedro and S. Paulo. Intended for graduates (preferably doctors), each of these colleges had effectively 12 chairs, or *becas*, distributed among the several faculties, although after a while the faculties of Canon Law and Law became their exclusive providers. Called secular, as distinct from the previous type, since one of the conditions for admission was that candidates had not taken religious vows, they were communities of celibates (who could not even be promised in marriage in the future), regulated independently by their own bylaws, governed by a general assembly (or “chapel”) of college members which elected the management bodies every year, and had sovereignty in the admission of new members, a process characterized by rigorous selection procedures.

The fact that the colleges shared the same academic and institutional ground made them rivals. They competed for university chairs and to influence the election of the Rector and the power balance in the university. But above all – and since college membership was by nature transitory – they were a powerful lever for their members’ future careers. There they went through a decisive stage, both in terms of university teaching (Canon Law and Law chairs were held almost exclusively by members of the S. Pedro and S. Paulo colleges), and in terms of access to the highest positions in the ecclesiastical hierarchy and royal administration. Connected by strong bonds that were forged during their college days, the college members as well as the portionists, who came from the upper echelons of the aristocracy, maintained that sense of community throughout their life, so that the college became the centre of a game of influence and exchange of mutual favours.

There is another college, the College of Arts, that is different from the previous types and belongs to a specific category that is similar to the *collège de plein exercice* found at the University of Paris, essentially made up of a pedagogic community and primarily focused on the study of the Humanities and Philosophy. Its foundation, purposes and vicissitudes have already been mentioned. Being handed over to the Jesuits in 1555 did not modify its institutional nature, and the statutes produced by André de Gouveia, following the *modus parisiensis*, stayed in force. It kept its links with the University, where it remained as the seat of the Faculty of Arts for granting and registering degrees. The College of



Detalhe do portal da Biblioteca Joanina, BGUC
Detail of Joanine Library portal, BGUC



colégio o centro de um jogo de influências e de troca de favores mútuos.

Um outro colégio escapa às modalidades anteriores e forma uma categoria específica que se poderia assemelhar ao ‘collège de plein exercice’ da universidade parisiense, constituído essencialmente por uma comunidade pedagógica e vocacionado prioritariamente para o estudo das Humanidades e da Filosofia: trata-se do Colégio das Artes de cuja fundação – finalidades e vicissitudes – já atrás se falou. A sua entrega aos jesuítas, em 1555, não lhe modificou a natureza institucional, continuando em vigor os estatutos elaborados por André de Gouveia, segundo o *modus parisiensis*, e prosseguindo a sua ligação à Universidade, que permaneceu como sede da Faculdade de Artes, para a colação e o registo dos graus. Os estatutos do colégio conimbricense terão desempenhado um papel importante na longa elaboração da *ratio studiorum* jesuítica (cuja redacção definitiva é de 1599), desse modo contribuindo para a sistematização de um modelo educativo de raiz humanística, cuja aplicação a uma extensa rede escolar o terá feito responsável pela instauração de uma nova hierarquia dos saberes, conferindo à Retórica e à Literatura a plena cidadania intelectual. Não foi este o único contributo do Colégio das Artes de Coimbra para a cultura europeia, como adiante teremos ocasião de mostrar.

Consolidação institucional e do paradigma educativo

A preocupação normativa percorreu todo o reinado de D. João III, traduzida em modificações pontuais aos estatutos manuelinos, em inúmeras disposições avulsas – algumas com interferência directa no regime dos estudos – e mesmo na promulgação de uns estatutos (1544) cujo texto se perdeu e que também sofreram modificações em alguns dos seus capítulos. Tal preocupação normativa irá continuar, e mesmo acentuar-se, e disso é testemunho a promulgação dos estatutos de 1559, elaborados na

Arts statutes had an important role in the lengthy preparation of the Jesuit *ratio studiorum* (whose final wording is dated 1599), thus helping to systemise an education model with humanistic roots that was applied to an extensive school network, thereby making it responsible for installing a new hierarchy of knowledge that granted full intellectual standing to Rhetoric and Literature.

This was not the sole contribution of Coimbra’s College of Arts to European culture, as we will show.

Consolidation of the Institution and of the Educational Paradigm

Rules and regulations were a concern throughout the reign of King João III, as expressed in specific modifications to the Manueline bylaws, in numerous separate dispositions – some of them directly interfering with the system of courses – and in the promulgation of bylaws (1544) whose original text has been lost and some chapters of which also suffered modifications. This concern was to continue and even intensify, as borne out by the promulgation of the 1559 bylaws, produced in the wake of Baltazar de Faria’s official visit to the university. This procedure was adopted for subsequent normative reforms, a sign of the crown’s watchfulness over the institution whose orthodoxy and political loyalty it was important to secure. This is how *visitador* (inspector) António Pinheiro produced a statutory text – also lost – aimed at making university life comply with the provisions of the Council of Trent; and this is how, in 1583, at the beginning of the dynastic union period, Manuel de Quadros was put in charge of reforming the university, giving it new bylaws. Due to the vicissitudes of the period, they were only ratified in 1591 (and printed in 1593). Then in 1597 other bylaws were drafted that kept the same structure; and the visitation of D. Francisco de Bragança resulted in 162 ‘Reformation articles’, which were attached to the text of the bylaws in 1612. These were a series of one-off modifications that did



sequência da visitação de Baltazar de Faria. Será este o procedimento adoptado para futuras remodelações normativas, sinal do cuidado vigilante do poder régio sobre a instituição cuja ortodoxia e fidelidade política importava assegurar: assim é que o visitador D. António Pinheiro está na origem de um texto estatutário – que também se perdeu - destinado a conformar a vida universitária com as disposições do Concílio de Trento; e que logo em 1583, no início do período da união dinástica, Manuel de Quadros é encarregado de reformar a universidade dando-lhe novos estatutos. As vicissitudes do tempo não permitirão que eles sejam homologados senão em 1591 (e impressos em 1593); logo em 1597 se formulam outros que mantêm a mesma estrutura; e da visitação de D. Francisco de Bragança irão resultar os 162 ‘artigos da Reforma’, anexados em 1612 ao texto estatutário, uma série de modificações pontuais que não mudam nem a estrutura nem o sentido geral desses que se chamariam os “Estatutos Velhos” que ficarão em vigor até à Reforma Pombalina de 1772.

Não, porém, sem que, nesse longo lapso temporal, fosse derogada uma parcela das suas determinações – essa, sim, substancial –, sinal da cada vez maior interferência do poder régio num dos domínios fundamentais da vida universitária: em 1654 (e depois de anteriores determinações pontuais no mesmo sentido), a pretexto das parcialidades e desordens que se verificavam nos concursos para as cátedras, foi retirada aos estudantes a prerrogativa que os Estatutos lhes conferiam de intervirem – com votos ponderados segundo as pessoas, os cursos e



not change either the structure or the general sense of the so-called “Old Bylaws”, which were in force until the 1722 Pombaline Reform.

However, some of the provisions of these bylaws were annulled during that long period of time, a sign of the crown’s increasing interference in one of the fundamental domains of university life. In 1654 (and after previous isolated decisions to the same effect), on the pretext of the partialities and conflicts that took place when professors were being selected, students were deprived of the privilege granted by the bylaws of being involved in the appointment of their teachers. As a result, the university was deprived of the right to install the chosen candidate immediately after the election; the decision became the responsibility of a central government body, the Board of Conscience and Orders, which received individual advisory votes from a restricted jury.

Statutory stability led to the consolidation of the educational paradigm. In fact, the curriculum – defining the essential content of the courses – was based on texts considered to be treasures of topics, problems, solutions and authorities – from compilations of ecclesiastical and imperial law and their commentaries, to the Bible and theological summations (Pedro Lombardo, Tomás de Aquino), in addition to the commentaries of some venerable authors (Duns Scotus, Durand de Saint Pourçain, Gabriel Biel) and the writings of classical physicians such as Galen, Hippocrates, Avicenna and Razi. Themes and issues expanded with the interest raised

as qualidades – no provimento dos seus professores; como consequência, à Universidade foi retirado o direito de, imediatamente após o escrutínio, dar posse ao candidato escolhido: a decisão ficou a caber a um organismo do governo central, a Mesa da Consciência e Ordens, ao qual eram enviados votos consultivos, individuais, de um júri restrito.

A fixação estatutária traz consigo a consolidação do paradigma educativo. De facto, o cânon dos estudos – definindo-lhes os conteúdos essenciais – baseia-se em textos que se consideram tesouros de temas, problemas, soluções e autoridades (desde as compilações dos direitos eclesiástico e imperial e respectivas glosas, à Bíblia e às sumas de teologia (Pedro Lombardo, Tomás de Aquino), a que se juntam os comentários de alguns autores consagrados (Duns Escoto, Durand de Saint Pourçain, Gabriel Biel), aos escritos dos clássicos médicos como Galeno, Hipócrates, Avicena ou Razi. A temática e a problemática ampliam-se com a atenção às questões suscitadas pela evolução histórica, nomeadamente as decorrentes da expansão europeia e da cisão religiosa, iluminadas, contudo pelos mesmos princípios doutrinários. Os textos são explorados analiticamente, por via do comentário, transmitidos oralmente, nalguns casos sob a forma de ditado (apostila), numa cadência cíclica que colocava o aluno perante matérias diversas ao longo dos seus anos de estudo. O carácter cumulativo desta aprendizagem – para cada faculdade uma única sala de aula reunia todos os estudantes fosse qual fosse o seu tempo de frequência – tinha como consequência que a avaliação dos seus conhecimentos se fizesse apenas na etapa final e privilegiasse a capacidade de memorização e de expressão oral; a pedra de toque, porém, quer da comunicação dos conhecimentos, quer da sua avaliação, parece ter sido o carácter dialéctico – formalmente dubitativo, mas desaguando necessariamente numa resolução – típico de uma ortodoxia militante.

Ao tempo em que a fixação normativa se definia – abrangendo, para além dos aspectos já referidos, a organização e o exercício do poder interno assim como a administração económica – a frequência universitária atingia um dos seus pontos altos: as cinco décadas de 1580 a 1630 – com uma inflexão negativa de que a peste da viragem do século é a principal responsável – correspondem também em Portugal ao que se convencionou chamar, a nível europeu, a “revolução educativa”, caracterizada, por um incremento quantitativo da procura dos graus universitários que implicou uma mutação qualitativa no nível da educação letrada das gerações jovens e nos parâmetros da qualificação necessária para o exercício de funções públicas.

Esta ideia ganha mais consistência se considerarmos que, ao mesmo tempo que em Coimbra aumentavam

by questions of historical evolution, especially those stemming from European expansion and religious schism, although viewed in the light of the same doctrinal principles. Texts were analytically explored, through comments, and transmitted orally, in some cases by dictation (apostille), in a cyclic rhythm that confronted students with various subjects throughout their studies. As a consequence of the cumulative character of this type of learning – for each faculty, a single classroom held all students regardless of their level – assessment of knowledge was only carried out at the final stage, and it focused on ability to memorise and oral expression. The touchstone, however, for both the communication of knowledge and its evaluation, seems to have been the dialectic character – formally based on doubt but necessarily reaching a resolution – typical of a militant orthodoxy.

While the normative setting was being defined – regarding the organisation and exercise of internal power as well as economic management, in addition to the aspects mentioned earlier – university attendance reached a peak. The five decades between 1580 and 1630 – with a dip mainly caused by the plague at the turn of the century – also correspond in Portugal to the so-called “education revolution” in Europe, characterised by an increase in the demand for university degrees that implied a qualitative change at the level of the younger generations’ academic education and in the parameters of the qualifications needed to exercise public functions.

This idea is reinforced if we consider that at the same time as Coimbra increased its student contingents, an increasing number of Portuguese students enrolled in universities in Castile, with Salamanca showing clear predominance. Thanks to the dynastic union that politically joined the kingdom of Portugal to the Spanish monarchy, with Phillip II on the throne, Coimbra – whose only counterpart until then had been the University of Évora, in the south of the country – became part of a wider university network. And if the circulation of teachers had been particularly intense in the previous period, there was now an intense circulation of students, and above all, a broad cultural radiation with a European resonance.

Coimbra and its Scholars in the European Cultural Panorama

The dynastic union did not take place without some impact on the university. During the period of discussion and definition of the legitimacy of the succession (1578-1580), a group of professors from Coimbra backed the procurators of the claimant D. Catarina de Bragança, writing *Alegações de Direito* (Allegations in Law) in her defence. Following the council of the kingdom (*cortes*) held at Almeirim,

os contingentes estudantis, um número crescente de estudantes portugueses demandava as universidades de Castela, com a clara predominância de Salamanca: mercê da união dinástica, que anexou politicamente o reino de Portugal à Monarquia Hispânica, sob o ceptro de Filipe II, Coimbra – que tivera até aí como contraponto apenas a universidade de Évora, no Sul do país – passou a fazer parte de uma rede universitária mais ampla. E se a circulação de professores fora intensa sobretudo no período imediatamente anterior, verifica-se agora uma frequente circulação de estudantes e, mais do que isso, uma ampla irradiação cultural de ressonância europeia.

Coimbra e os “conimbricenses” no panorama cultural europeu

A União Dinástica não se processara sem algum sobressalto para a Universidade. No período de discussão e definição da legitimidade sucessória (1578-1580), um grupo de professores de Coimbra secundara os procuradores da pretendente D. Catarina de Bragança, escrevendo, em sua defesa, as *Alegações de Direito*; na sequência das cortes de Almeirim, o procurador de Braga, portador de uma provisão dos Governadores do Reino, viu contraditada a pretensão destes de que os juristas universitários redigissem pareceres corroborando a tendência favorável a Filipe II (o Doutor Luís Correia, canonista, alegou mesmo que todos sabiam que ele era procurador de D. Catarina); por sua vez, D. António, Prior do Crato, no dia seguinte à sua aclamação em Santarém, escreve à Universidade dando conta do sucedido, e o Claustro universitário organiza uma procissão de acção de graças e manda uma delegação “dar obediência ao novo rei, reconhecê-lo e fazer-lhe entrega da Protectoria da universidade”.

Alguns dos professores “que seguiram com maior paixão as partes do Sr. D. António” pagaram cara – com a privação das cadeiras ou mesmo com a vida – esta sua adesão ao candidato vencido; e os que prestaram obediência a Filipe II, em nome da Universidade, foram o presidente e um dos deputados da Mesa da Consciência e Ordens (o organismo do governo central de quem ela dependia) e não o seu Reitor ou os seus professores. Esta atenção e participação no momento político terá o seu contraponto em 1640, quando o reitor Manuel de Saldanha manda editar uma colectânea de *Aplausos da Universidade a el Rei Dom João o IV*, o monarca restaurador.

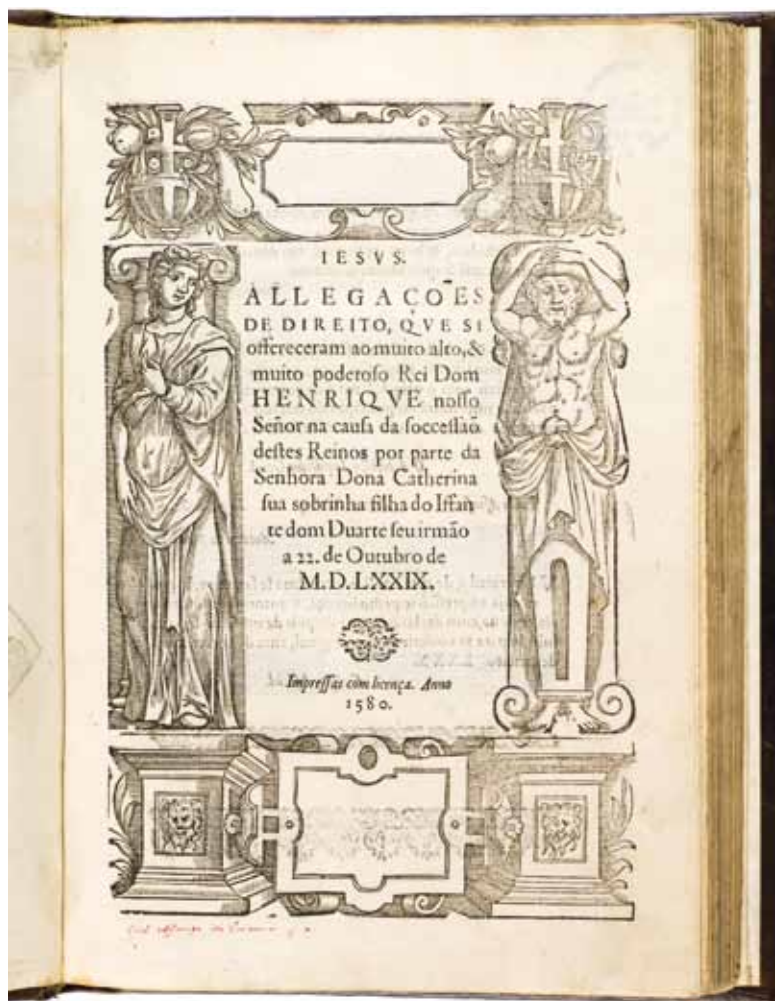
Para lá, porém, das vicissitudes políticas, a viragem do século XVI para o XVII testemunhou um dos momentos mais importantes da projecção cultural de Coimbra: nele coincidiram a publicação do *Curso Conimbricense* e o magistério universitário de

the Braga procurator, holding a provision from the Governors of the Kingdom, saw their intentions to have the university jurists write opinions in support of Phillip II opposed (Doctor Luís Correia, a canonist, even alleged that everyone knew he was D. Catarina’s procurator). D. António, Prior of Crato, in turn, the day after he was acclaimed king in Santarém, wrote to the university to inform it about the event, and the university Cloister organised a thanksgiving procession and sent a delegation “to pay obedience the new king, recognise him and deliver to him the university’s Protectorship”.

Some professors “who took the side of D. António with greater passion” paid dearly for this, being stripped of their chairs or even losing their lives; those who gave their allegiance to Phillip II, on behalf of the university, were the chairman and one of the deputies of the Board of Conscience and Orders (the central government body on which it depended), rather than the Rector or the teachers. This attention to and participation in the political moment was to have its turnaround in 1640, when Rector Manuel de Saldanha ordered the publication of a book entitled *Aplausos da Universidade a el Rei Dom João o IV* (University Applauses to King João IV), the restored monarch.

However, despite the political vicissitudes, the turn of the 17th century saw one of the most important moments in Coimbra’s cultural projection with the publication of the collection entitled *Curso Conimbricense* and the university teaching of Francisco Suárez.

The *Curso Conimbricense* was written by Jesuit professors from the College of Arts, namely Manuel de Góis, the most prolific, Baltasar Álvares, Cosme de Magalhães and Sebastião do Couto, whose treatises were published between 1592 and 1606 (the dates refer to the first editions in Portugal). The development of these treatises (the *Commentarii*), in line with the movement to restore Aristotelian Scholastic Philosophy in Portugal (which also included the notable earlier work of Pedro da Fonseca), normally utilised the handwritten lessons that were the main body of the College’s philosophical doctrine, which these writers modified and ordered by means of cuttings, additions and variants. The eight *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu* embrace almost the whole range of philosophical topics, basing themselves on Aristotle’s works: *Physics*, *On the Heavens*, *Meteorology*, the *Parva Naturalia*, *Ethics*, *On Generation and Corruption*, *On the Soul* and *Logic (Universa dialectica)*. A commentary on *Metaphysics* is missing but this absence is explained by the publication of Pedro da Fonseca’s work on the same subject.



Francisco Suárez.

O *Curso Conimbricense* teve por redactores alguns professores jesuítas do Colégio das Artes (Manuel de Góis, o mais prolífico, Baltasar Álvares, Cosme de Magalhães e Sebastião do Couto), cujos tratados, quanto às primeiras edições no nosso país, vieram a lume entre 1592 e 1606. A realização destes tratados (os *Commentarii*), na linha do movimento de restauração da filosofia aristotélico-escolástica em Portugal (de que faz parte igualmente a obra notável e anterior de Pedro da Fonseca) baseou-se, em regra, no aproveitamento das lições manuscritas que constituíam o corpo substancial da doutrina filosófica do Colégio, que aqueles redactores alteraram e ordenaram com o recurso a cortes, aditamentos e variantes. Os oito *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu* abrangem quase todo o leque dos tópicos filosóficos, tendo por base as diferentes obras de Aristóteles: a *Física*, o tratado sobre *O Céu*, os *Meteoros*, os *Pequenos Naturais*, a *Ética*, o tratado *A Geração e a Corrupção*, o tratado *A Alma* e a *Lógica* (*Universa dialectica*). Falta o comentário à *Metafísica*, mas esta lacuna explica-se pela publicação, que já tinha sido iniciada, da obra de Pedro da Fonseca sobre o mesmo assunto.

Altogether, these commentaries reached over one hundred editions (112, according to António Alberto de Andrade), most of them abroad. Fonseca's *Instituições Dialécticas* (Dialectic Institutions), published in Lisbon in 1564, had at least 53 editions, and the *Comentários à Metafísica de Aristóteles* (Commentaries on Aristotle's Metaphysics) (Rome, 1577), by the same author, had over 20 editions, mainly outside Portugal.

Such a wide dissemination – Etienne Gilson found eighty textual parallels in Descartes' work, mainly concerning natural philosophy – was due to several factors: the excellence of the method by which the Course was organised, according to a concept that favoured the order and the unitary and systematic integration of the different branches of philosophical knowledge, thus being in harmony with the pedagogic and didactic precepts of the Renaissance; the clarity and often the elegance present in the explanation of the doctrines; the rigorous philological and hermeneutical analysis of Aristotle's text; the fact that the Course met the intellectual demands of an era that aspired to recover peace and stability after the Reformation; and maybe especially because of the multiplicity and disparity of doctrines alternative

No seu conjunto, estes comentários obtiveram mais de uma centena de edições (112, segundo afirma António Alberto de Andrade), a maior parte no estrangeiro: já as *Instituições Dialécticas* de Fonseca, publicadas em Lisboa em 1564, viriam a ter pelo menos 53 edições e os *Comentários à Metafísica de Aristóteles* (Roma 1577), do mesmo autor, mais de vinte, sobretudo fora de Portugal.

Tão ampla divulgação – Etienne Gilson encontrou oitenta paralelos textuais na obra de Descartes, no que respeita sobretudo à filosofia natural – ficou a dever-se a diversos factores: à excelência do método com que o Curso está organizado, segundo um ideal que privilegia a ordem e a integração unitária e sistemática dos diferentes ramos do saber filosófico, estando por este motivo em consonância com o espírito renascentista no aspecto pedagógico-didáctico; à clareza e muitas vezes à elegância da exposição das doutrinas; à rigorosa análise filológica e hermenêutica do texto aristotélico; ao facto de o Curso ir ao encontro de certas exigências intelectuais de uma época que aspirava a recuperar a serenidade do espírito após a Reforma; e talvez sobretudo devido à multiplicidade e à discrepância de doutrinas alternativas à Escolástica medieval, nascidas no seio do Humanismo.

O magistério conimbricense de Francisco Suárez estende-se de 1597 a 1616: natural de Granada (daí o epíteto de “granatense” pelo qual é conhecido), fez-se jesuíta, estudou no colégio da Companhia em Salamanca e percorreu um périplo magistral que incluiu a mesma Salamanca, Valladolid, Ávila, Segóvia, Roma – onde ocupou a cátedra de Prima de Teologia no Colégio Romano durante oito anos – Alcalá e, finalmente, Coimbra. Os cerca de vinte anos em que foi, aqui também, professor de prima de Teologia terão sido o período mais fecundo da sua vida; o conjunto da sua obra (*Opera Omnia*) foi publicado pelo editor parisiense Luis Vives (de 1856 a 1861) em 28 volumes e reparte-se por matérias que abrangem a Teologia, a Metafísica e o Direito.

Do tempo de Coimbra são duas obras capitais para a compreensão do seu pensamento em termos de teoria política, com ramificações tão importantes como a origem do poder e direito internacional (*De legibus et legislatore Deo*, 1612; *Defensio Fidei*, 1613): a sociabilidade natural do homem, cuja expressão fundamental é a família, só se realiza plenamente na sociedade civil que ultrapassa o mero conglomerado das famílias e se funda num pacto pelo qual se promete o auxílio mútuo. *Corpus politicum mysticum*, cuja unidade é moral, a sociedade civil pressupõe a subordinação das pessoas e das famílias a alguém que dirige a comunidade: o poder, contudo, não reside originalmente em quem o exerce, mas na totalidade da comunidade (*in hominum collectione*) que o transfere, mas que pode reavê-lo em casos extraordinários de anarquia social ou tirania; tirano

to mediaeval Scholasticism that had emerged within Humanism.

The teaching career of Francisco Suárez at Coimbra lasted from 1597 a 1616. A native of Granada (hence the nickname ‘granatense’ by which he is known), he became a Jesuit and studied at the Company’s college in Salamanca before following a teaching career that included Salamanca, Valladolid, Ávila, Segovia, Rome – where he held the chair of Prime Theology (*Cátedra de Prima de Teologia*) at the Roman College for eight years – Alcalá, and finally Coimbra. The twenty years or so he spent here, also as Prime Theology Professor, were the most prolific period in his life. The collection of his works (*Opera Omnia*) on Theology, Metaphysics and Law, among other subjects, was published by Parisian publisher Louis Vivès in 28 volumes from 1856 to 1861.

From the Coimbra period, two works are fundamental for the understanding of his thought on political theory, with such important ramifications in terms of the origin of power and international law: *De legibus et legislatore Deo* (1612) and *Defensio Fidei* (1613). According to Suárez, man’s natural sociability, whose fundamental expression is the family, is only truly accomplished in civil society, which goes beyond the mere agglomeration of families and is founded on a pact of mutual help. As a *corpus politicum mysticum* based on moral unity, civil society presupposes the subordination of people and families to the head of the community. However, power does not originally reside in whoever exerts it but rather in the entire community (*in hominum collectione*), which transfers it but can reclaim it in exceptional cases of social anarchy or tyranny; a tyrant is someone who usurps power illegitimately or who uses it contrary to its final purpose, which is to pursue the *commune bonum civitatis* and the *felicitas publica*.

The exercise of power is therefore limited by its final goal, by moral reasons that may lead to the intervention of the spiritual authority, but also by the coexistence of nations, whose solidarity was stressed by Suárez. As a group, they formed a *unitas quasi politica et moralis*, giving rise to a specific law, the *ius gentium*, a set of moral and legal rules which were introduced (by tradition and custom rather than by a constitution, since there was no supranational power at that time) into an open society of nations to allow them to live in peace and to develop. War is only admitted as a means of preventing or repressing injustice; and one can infer the possibility of international arbitration when Suárez acknowledges that, in relation to the Christian princes, the Pope has the authority to intercede in and settle disputes of war, or when he advises the prince who doubts the justice of his reasoning to submit his doubts to the counsel of prudent men.

This broad view, set within the wider area of




Paço das Escolas, MR, 2009
 University Palace, MR, 2009

será aquele que ilegitimamente usurpa o poder ou o exerce em contradição com a sua finalidade última, que é a consecução do *commune bonum civitatis* e da *felicitas publica*.

O exercício do poder é, deste modo, limitado pelo seu objectivo último, por considerações de ordem moral que podem levar à intervenção da autoridade espiritual, mas também pela coexistência das nações. Suárez põe o acento na solidariedade que existe entre elas. O seu conjunto seria uma *unitas quasi politica et moralis*, originando um direito específico, o *ius gentium*, conjunto de regras morais e juriídicas que, mais por tradição e costume do que por uma constituição positiva (não existia então um poder supra-estatal) foram introduzidas na sociedade aberta das nações para lhe permitir viver em paz e progredir. Se a guerra é possível, ela é apenas permitida para impedir ou reprimir as injustiças; e vislumbra-se a possibilidade de uma arbitragem internacional quando reconhece ao papa, relativamente aos príncipes cristãos, a capacidade de avocar a si a causa da guerra e proferir sentença, ou quando recomenda ao príncipe que duvida da justeza da sua razão que submeta a sua dúvida ao conselho de homens prudentes. Esta visão ampla, integrada no conjunto mais vasto da teologia moral, teve forte repercussão e difusão e teve uma inegável influência na formação e desenvolvimento do direito internacional moderno.

O “Paço das Escolas”, *fábrica do saber*

No processo de consolidação institucional e patrimonial, que teve, como vimos, outras vertentes, poderemos

moral theology, had a strong repercussion and dissemination, and an undeniable influence on the establishment and development of modern international law.

The “Palace of Schools” as *Knowledge Factory*

Within the process of institutional and asset consolidation, which as we have seen had other facets, we can further draw attention to two events. One was the ending of the long dispute between the University and the Santa Cruz Monastery (where a royal intervention was necessary) concerning the rights claimed by both institutions over the assets of the Grand Priorate in the 1540s, thus defining the university’s assets until the incorporation of the property that had belonged to the Jesuits in 1774. Asset protection had also led to a similar dispute with D. Lopo de Almeida, and in both cases, by settlement contract, the University managed to keep the real estate in exchange for the payment of an annual pension in cash. Later, between 1710 and 1727, a similar dispute with the counts of Ericeira concerning the rents from Lourical was to have a different conclusion, with the university retaining the right to receive a rent (*foro*) while the other party kept possession of the income source.

The other relevant fact has to do with the final acquisition of the Royal Palace. As Francisco Carneiro de Figueiroa tells us in the *Memories of the University of Coimbra*, “even though King



ainda salientar dois momentos. Um deles, o termo da longa demanda que envolvia a Universidade e o Mosteiro de Santa Cruz (em que foi necessária a intervenção régia), a propósito de direitos reivindicados por uma e outra destas instituições relativamente aos bens que haviam transitado do Priorado-Mor, na década de 1540, ficando, deste modo definido o património universitário até à nova incorporação de 1774 (dos bens que haviam sido dos Jesuítas).

A defesa do património levava já a uma outra demanda de contornos semelhantes, com D. Lopo de Almeida: em ambos os casos, por contrato de composição, a Universidade conseguira ficar com os bens de raiz a troco do pagamento de uma pensão anual em dinheiro. Mais tarde, entre 1710 e 1727, idêntico litígio, com os condes da Ericeira, a propósito das rendas do Lourçal, terá desfecho contrário, ficando à Universidade o direito a receber um foro, mas com a outra parte litigante a permanecer na posse da fonte de rendimentos.

O outro facto relevante tem a ver com a aquisição definitiva do Paço Real: “ainda que el Rei D. Filipe [II] não quis fazer à Universidade a mercê que lhe tinha pedido de dar os seus Paços para as Escolas, lhe fez agora a de lhos vender por trinta mil cruzados”, diz-nos Francisco Carneiro de Figueiroa nas *Memórias da Universidade de Coimbra*. Esta venda, contudo, foi acompanhada de duas cláusulas “muito favoráveis”: que não poderia ser denunciada, caso se verificasse exiguidade no preço, porque do excesso, se o houvesse, fazia o monarca “pura e irrevogável doação à Universidade”; que os paços, agora das escolas, ficariam conservando “as prerrogativas, preeminências e imunidades dos Paços Reais”.

Progressivamente, e depois de uma primeira intervenção que serviu para a acomodação dos colegiais de S. Pedro (a quem, em 1574, tinha sido doada a antiga ala dos aposentos dos infantes, a nascente), o paço vai sendo objecto de intervenções que o configuram cada vez mais como “alcácer do saber”, sem perder a sua imagem majestática. A primeira consubstancia-se na construção da Porta Férrea, iniciada em 1633, uma entrada nobre que se assume como arco do triunfo e entronca num programa de monumentalização (havia, já em 1619 a preocupação de a construir, por estar indecente a porta primeira do Terreiro da Universidade), como evidência o seu carácter de dupla porta com face para a rua e para o pátio – uma passagem longa como espaço de transição entre dois mundos – e a figuração alegórica das estátuas em que se conjugam a representação das ciências, dos reis fundadores (D. Dinis e D. João III) e, pela primeira vez, a figura emblemática da Sapiência.

Na mesma linha, a renovação da Sala Grande (agora Sala Grande dos Actos, cenário magnífico das solenidades académicas) levada a cabo entre 1654 e 1656, tendo então recebido o tecto que ainda hoje ostenta, o revestimento de azulejos de tapete e a galeria de retratos régios de D. Afonso I a D.

Phillip [II] did not want to grant the University its request to give his Palaces to the Schools, he now agreed to sell them for thirty thousand *cruzados*”. However, this sale was accompanied by two “very favourable” clauses: that it could not be cancelled, should the price be meagre, since if there were any excess the monarch would make a “pure and irrevocable donation to the University”; and that the palaces, now the schools, would keep the “privileges, distinctions and immunities of the Royal Palaces”.

After a first intervention that served to accommodate the students and scholars of S. Pedro College (which had been donated the former princes’ quarters, in the east wing, in 1574), the palace underwent successive renovations that increasingly shaped it as a “fortress of knowledge”, without depriving it of its majestic appearance. The first of these was the construction of the Iron Gate (Porta Férrea), which started in 1633, although by 1619 there was already an interest in replacing the inadequate main door to the University courtyard. This noble entrance in the form of a triumphal arch has an imposing character, as shown by its double door feature, facing the street and the courtyard, with a long passage in between – a transition space between two worlds – and the allegorical figuration of the statues that combine the representation of the sciences, the founding kings (Dinis and João III) and, for the first time, the emblematic figure of Wisdom.

Along the same lines, the renovation of the Great Hall (now the *Sala Grande dos Actos*, a magnificent setting for academic ceremonies) was carried out between 1654 and 1656. This was when it received the ceiling it still has today, the covering of carpet tiles and the gallery of royal portraits from King Afonso I to King João IV (today completed with those of the subsequent monarchs, until the end of the monarchy in Portugal).

Deeper and more ambitious was the intervention carried out between 1698 and 1702 by Rector Nuno da Silva Teles. It focused on the so-called *Gerais*, a typically academic space that contained the classrooms. The intervention included two new halls, a profusion of sculptures by Claude Laprade, which can be seen on the transoms of the halls’ doorways – allegorically representing the several branches of knowledge, like the statues carved for the classrooms – a majestic bust of King Pedro II (the reigning monarch), the renovation of the Private Examination Room and the building of a suspended gallery between the extant Manueline turrets. The other renovated space is located near the Iron Gate, to the north, and forms the façade of a “small but refined *palace of science*”: “a section of palace-block flanked by two towers with a polygon base and a pointed spire”, in a clear importation of the model of the Corte Real palace in Lisbon, King Pedro’s residence at that time.



Ala Norte do Paço das Escolas, MR, 2009
North wing of the University Palace, MR, 2009



João IV (hoje complementada com os dos monarcas posteriores, até ao fim do regime monárquico em Portugal).

Mais profunda e ambiciosa foi a intervenção efectuada entre 1698 e 1702 pelo reitor Nuno da Silva Teles. Incidiu, por um lado, num espaço tipicamente académico que continha em si as salas de aula – os Gerais: duas novas salas, a profusão escultórica, da autoria de Claude Laprade, que se observa nas sobreportas das salas – figurando alegoricamente os diversos ramos do saber tal como as estátuas esculpidas para as salas de aula – a figuração majestática, em busto, de D. Pedro II (o monarca reinante) juntam-se à remodelação da Sala do Exame Privado e à construção de uma galeria suspensa entre os últimos cubelos manuelinos. O outro espaço reformulado situa-se junto à porta férrea, para o norte e constitui-se como fachada do “pequeno mas requintado *palácio da ciência*”: “uma secção de palácio-bloco flanqueada por duas torres de base poligonal e coruchêu pontiagudo” numa clara importação do modelo do Palácio Corte Real, de Lisboa, então residência de D. Pedro.

Percorre, de facto, todo este longo programa de afeiçoamento do palácio régio a “fábrica do saber”, uma “íntima ligação ao poder real [que] emerge como um tema recorrente no seio de um discurso de prestígio”. O período subsequente e as obras que nele foram levadas a cabo irão confirmar esta linha de actuação.

This entire, extended programme of adaptation of the royal palace to ‘knowledge factory’ points, indeed, to an “intimate connection to royal power [which] emerges as a recurring theme within a discourse of prestige”. The next period and the works that were carried out during it will confirm this line of action.

O Tempo da Ilustração

The Time of the Enlightenment

As “luzes joaninas”

O ano de 1717 testemunha o início da construção da Casa da Livraria, concluída em 1728. Estrutura arquitectónica de sofisticada e hábil simplicidade – um quadrilátero amplo que se organiza internamente em três secções de dimensões semelhantes divididas por arcos monumentais e magnificamente decorada – insere-se harmoniosamente no conjunto que rodeia o terreiro do palácio, fechando a ala poente, como complemento quase natural. Na sua origem interligam-se preocupações de revigoração da antiga biblioteca escolar (cujo espólio sobrevivia em “a pouca estimação”) expressas pelo reitor Nuno da Silva Teles – afirmando agir em nome de todos os Conselhos da Universidade quando propõe a compra de um acervo bibliográfico notável pela sua quantidade e qualidade e, depois, a construção de um edifício de raiz para o albergar – e o programa régio de actualização dos horizontes culturais e científicos de Reino, que levaria D. João V a promover ou patrocinar um conjunto de importantes núcleos bibliográficos. Desta interacção entre a Escola e a Coroa — que envolveria, aquém e além-fronteiras, a colaboração de uma rede de personagens onde se destacam o ministro cardeal da Mota, o diplomata D. Luís da Cunha ou os médicos exilados Jacob de Castro Sarmiento e António Nunes Ribeiro Sanches — se originaria aquela que é unanimemente considerada como a mais rica e sumptuosa biblioteca universitária do mundo, cuja edificação e apetrechamento constituem etapa fundamental no processo de abertura da Universidade ao ideário do Iluminismo.

A respeito da Biblioteca Joanina veja-se a descrição de Cesare Brandi:

O fascínio de Coimbra, mais ainda que a fama da sua vetusta Universidade (e dos sobreviventes focos de liberdade que ainda alimenta) devia-se para mim a uma descrição da Biblioteca que me tinha feito Emilio Cecchi. Uma espécie de santuário silencioso com minúsculas capelas, onde estudiosos privilegiados se isolam como numa cabina espacial. [...] Quando se chega a Coimbra dá-se o agradável caso de a Universidade ser a acrópole da cidade, está onde era o palácio real, coroando, com o seu saber, o aglomerado. Foi posta mesmo no antigo palácio real e a aula magna ainda é uma espécie de grande salão do trono, com aquele ar um pouco campónio que têm

The Joanine Period

The year 1717 saw the beginning of the construction of the Library, which was concluded in 1728. The sophisticated and intelligent simplicity of its architectural structure was in harmony with the buildings around the palace courtyard, and the building offered a fairly natural complement to the end of the west wing. It has a large quadrilateral shape and the interior is magnificently decorated and divided into three different sections of similar dimensions which are separated by monumental arches. Its origins were motivated by concerns voiced by the Rector Nuno da Silva Teles about revitalising the old library, whose collections were kept in poor conditions. He claimed to act on behalf of all the Councils of the University when he proposed first to purchase a remarkable bibliographical collection both in terms of quantity and quality, and later to construct a new building to house it. Furthermore, it was also motivated by João V's programme to renew the cultural and intellectual horizons of the kingdom, which led him to promote and sponsor a group of important bibliographical centres. This interaction between the School and the Crown involved the cooperation of a network of individuals from Portugal and abroad, notably the Minister Cardinal da Mota, the diplomat Luís da Cunha, and the expatriate physicians Jacob de Castro Sarmiento and António Nunes Ribeiro Sanches. This gave birth to that which is unanimously considered the richest and most magnificent university library in the world. The way it was constructed and equipped represented a crucial step in the opening of the University to the ideas of the Enlightenment.

For this purpose, see the full description made by Cesare Brandi:

The fascination of Coimbra, more than the fame of its ancient university and the remaining focus of liberty that it still nurtures results, in my opinion, from the description of the Library made by Emilio Cecchi. A kind of silence sanctuary with tinny chapels, where privileged scholars isolated themselves in space cabins.

When one arrives in Coimbra, there is this pleasant view of having the University as the city acropolis, since it is situated where the Royal Palace used to be, crowning the city with its knowledge. It was installed

os interiores em Portugal, até do rei, dado que não existia nem uma grande tradição pictórica, nem uma plástica a apoiar um artesanato de fundo quase rural.

Fizeram, certamente, móveis lindíssimos, à chinesa, talvez até antes da onda de influência inglesa, que durante um século encheu Portugal de cadeiras Chippendale; e tinham madeiras belíssimas, com tantas colónias americanas e africanas. Contudo, os interiores são todos um pouco rústicos, os tectos pintados fazem lembrar os móveis tirolezes, e com tanta profusão de azulejos, os pavimentos de tijolos conservam um encanto de casa de campo cómoda, ampla e fresca.

A Universidade, no seu antigo bloco central, está cercada agora por edifícios novos, entre os quais a nova Biblioteca. Mas não tenham medo: a antiga que tanto agrada a Emilio Cecchi, está lá, brilhante, intacta, intangível: mais adequada ao Parnaso que a uma Universidade. Para aí chegar atravessa-se um grande pátio aberto sobre o lado do fundo, com ampla vista sobre a cidade e o campo. Lá em baixo corre o Mondego, um rio do género dos nossos, com uma modesta capacidade de água de um azul quase estagnado, e com lindíssimos meandros orlados por árvores, etéreas como sílfides ou inchadas como galinhas chocas. É belo e sereno, o Mondego, e o seu serpentejar é um pouco semelhante ao Arno: mas tem mais água que o Arno e o campo fala com um sotaque diferente, aquele verde, como já disse, como um baixo contínuo e dum mesmo timbre.

A biblioteca está em cima de três arcadas, tantas quantas eram as faculdades, quando foi feita. Três arcadas a que dão acesso arcos espaçosos e no intradorso alojam-se os pequenos pórticos para subir ao patamar. Este corre dum lado ao outro e, para permitir chegar aos camarotes mais altos, contém escadas lindíssimas com degraus escondidos entre cada prateleira. Mas para que sejam de fácil utilização e não se vejam e para que, com o seu utilitarismo, não perturbem a ordem desinteressada, são essas também lacadas e douradas, de modo a que, quando voltam a ordenar-se no seu alvéolo, não se distingam do resto. Um ferro batido e também ele lacado sai do ponto justo para apoiar a escada e servir todo o sector: mas se não fosse a escada, de baixo não se via nada. Os livros são para os anjos, que têm asas.

Estendem-se no rés-do-chão, como pistas de aterragem, grandes e maravilhosas mesas de mogno e pau-santo, do primeiro mogno e pau-santo vindos para a Europa; brilhantes como pianos de cauda, cada uma tendo no meio um tinteiro de prata grande como uma fonte pequena.

Mas é lá, no lado virado para o Mondego, que estão as minúsculas celas, com a janela que dá para o rio, uma exígua secretária, a portinha que, quando está fechada, dá continuidade às estantes como se nada existisse. Como se não existisse, lá dentro - dentro

in the ancient Royal Palace and the Great Hall is still a kind of Throne Hall. They all share a rustic look that all the Portuguese interior decoration shares, including the royal one, since there wasn't any particular pictorial or plastic tradition to support the rural handicraft.

A lot of beautiful Chinoiserie furniture was made, even before the great English influence that for about one century filled Portugal with Chippendale chairs, using wonderful woods that proceeded from the American and the African colonies. However, the interiors are all a little rustic with excessively painted ceilings that remind the Tyrolese furniture, and the exuberant tiles, and the brick pavements that maintain the touch of an ample, fresh and comfortable country-house.

The university, in its central building, is now surrounded by new buildings; one of them is the new Library. But do not fear, the old one, the one that pleases Emilio Cecchi so much is there, brilliant, intact, intangible: more adequate to Parnaso than to a university. To get there one has to cross a large open patio over the bottom side that holds a wide sight over the city and the fields. Down below the Mondego flows. It is a river similar to ours with a small capacity of quiet blue water and wonderful banks bordered with trees, ethereal like sylphides, or inflated as brooding hens. The Mondego is beautiful and calm and its wound is very similar to that of Arno: though it has more water than it, and the field uses a different accent, that green as a low continuum of the same mark.

The library stands on top of three arcades, as many as the faculties that existed at the time of its construction.

Three arcades make way to spacious arcades, and, inside, small porches to climb to the baseline are lodged. The floor allows the access to the top cabins; it has wonderful stairs with small steps hidden between each shelf. However, to make them accessible without being seen, and avoid disturbing the order because of their utilitarianism, the steps are golden so that, when they are back in their original order, they become invisible, and cannot be distinguished from the rest. A wrought iron with lacquer finishing stands out from the right place to support the stairs and to serve the whole section: but, if it weren't a ladder, it would not be visible from underneath.

The books are for winged-angels. In the ground floor, as landing tracks, are huge and marvellous tables, made of the first mahogany and sourwood that ever came to Europe; shining like pianos, each one has in the middle a silver inkstand, like a small fountain. But it is there, facing the Mondego (river) that are the tinny cells, with a small window facing the river, an exiguous desk, and a small door, which,



desta espécie de gaveta secreta - o estudioso que trabalha e sonha, que trabalha esquecido, destilando palavras. Emilio Cecchi, ao abrir uma daquelas pequenas portas, quase pensei que o via.

A mesma combinação de busca de esplendor e de pragmatismo presidiu também à erecção, entre 1728 e 1733, da nova torre, demolindo a que antes existia e edificara, no séc. XVI, João de Ruão: projectada localmente, foi o plano reformulado, mantendo a mesma volumetria, por António Canevari, recém-chegado à Corte de D. João V com o renome que lhe davam alguns trabalhos realizados em Roma e considerado, entre os arquitectos que então estavam em Lisboa, “o mais perito”. Mas na decisão de prosseguir uma obra que gerara alguma polémica terá pesado a necessidade de proporcionar um lugar adequado para as observações astronómicas, elemento importante dos estudos matemáticos que o monarca favorecia: a posição elevada do relógio – inusitada em torres construídas com a mesma

when it is closed, hides in the shelves as if it did not exist. Inside, almost invisible, is the scholar, hidden in a kind of secret drawer, working and dreaming, forgotten, distilling the words. Emilio Cecchi, as I opened one of those doors, I almost thought that I was seeing him.

The same combination of splendour and pragmatism presided over the construction of the new tower between 1728 and 1733, after demolition of the one that had been constructed by Jean de Rouen in the 16th century. The new tower, which maintained the same dimensions, was designed locally and its plan was redesigned by Antonio Canevari, newly arrived at the Court of King João V and renowned for some of the works he had done in Rome. Among the architects who were in Lisbon at the time, he was considered “the most qualified” for the job. Although the project caused some controversy, the decision to carry it out was probably based on the need to provide an appropriate place for astronomical observations,

finalidade – facilitava a sua visibilidade mesmo para lá do terreiro universitário, proporcionando aos estudantes a referência do tempo; o remate em terraço quadrangular rodeado por uma grade metálica oferecia uma plataforma para a colocação de instrumentos de observação – o sítio mais capaz na opinião de Domingos Capacci. A torre transformar-se-á num dos elementos mais emblemáticos da Universidade: regulando, através dos sinos e do relógio, o quotidiano estudantil, será o epicentro da memória e da saudade, ao mesmo tempo que imagem e símbolo da instituição e da sua posição relativamente à cidade.

A empresa da construção da biblioteca e da torre envolve assim uma clara intenção de renovação científica que não se limita ao momento da sua realização: para a biblioteca vem grande quantidade de livros de Teologia, Filosofia, História, Direito e Medicina moderna, enviados pelo diplomata D. Luís da Cunha, por ordem do rei, entre 1729 e 1734; uma remessa anterior incluía também instrumentos matemáticos que o P. Carbone encomendara para a Universidade. O ponto sensível, no quadro de um debate que opunha conservadorismo e modernidade, era a actualização dos estudos de Medicina: consultou-se um exilado ilustre, Jacob de Castro Sarmiento, membro da Royal Society de Londres, propôs-se o regresso de António Nunes Ribeiro Sanches, médico dos exércitos imperiais da Rússia; Isaac Samuda foi durante anos activo intermediário entre a mesma Royal Society e a corte portuguesa; e o monarca pensou mesmo em trazer para Portugal Boerhaave, notável pelo seu magistério inovador em Leida. É ainda Jacob de Castro Sarmiento que, em 1731, envia o plano para um jardim botânico destinado a plantas medicinais, dedicando-o aos professores da Universidade de Coimbra.

O auge deste debate situar-se-á, dentro e fora da Universidade, nos anos finais do reinado do Rei Magnânimo: o concurso para a cadeira de Anatomia, em 1739, põe em confronto concepções opostas, com uma forte corrente apologista da ‘medicina moderna’, de que fazem parte o Reitor e alguns professores da Universidade secundados pelo organismo que superintendia no ensino superior, a Mesa da Consciência e Ordens; Luís António de Verney traça, no *Verdadeiro Método de Estudar* um quadro crítico das concepções filosóficas e pedagógicas vigentes, verberando o tradicionalismo e a autoridade em matéria de ciência. É um tempo em que parece ser mais evidente o que é necessário destruir, sem que os caminhos a percorrer sejam ainda muito claros: alguns anos mais tarde, António Nunes Ribeiro Sanches, médico do Corpo Imperial de Cadetes de S. Petersburgo e sócio correspondente da Academia das Ciências de Paris, irá já desenhar com nitidez um quadro programático para o ensino da Medicina e para a criação de um Colégio Médico. Mesmo porém aqueles que mais duramente foram criticados pelo seu imobilismo estão envolvidos nesta dialéctica entre tradição e modernidade. O

which were an important element of the mathematical studies favoured by the monarch. The high location of the clock, uncommon for towers constructed for the same purpose, allowed it to be seen even beyond the university courtyard and gave students the reference of time. The quadrangular terrace at the top, enclosed by a metal grille, offered a platform for placing observation instruments. Domenico Capacci opined that this was, in fact, the best site for the tower. In time, the tower became one of the most emblematic icons of the University. Through its bells and clock, it regulated the students’ everyday life and became the epicentre of memory and longing. Simultaneously, it became the image and symbol of the institution and of its position in relation to the city.

Thus, the building of the library and the tower revealed a clear intention of renewal that was not confined to the period of their construction. A large number of books on Theology, Philosophy, History, Law and modern Medicine were sent to the library by the diplomat D. Luís da Cunha, as requested by the king, between 1729 and 1734. A prior consignment also included mathematical instruments that Priest Carbone had ordered for the University. The modernisation of medical studies was the sensitive area within the framework of the debate between conservatism and modernity. Jacob de Castro Sarmiento, a distinguished expatriate and member of the Royal Society of London, was asked for advice; it was proposed that António Nunes Ribeiro Sanches, a doctor in the Russian imperial army, return home; Isaac Samuda was for many years an active intermediary between the Royal Society of London and the Portuguese Court; and, in addition, the monarch also thought of bringing to Portugal Herman Boerhaave, who was renowned for his innovative teaching at Leiden. It was also Jacob de Castro Sarmiento who sent a plan for a botanical garden of medicinal plants in 1731, and dedicated it to the professors of the University of Coimbra.

The high point of the debate, both within and outside the University, took place towards the end of the reign of King João V, in 1739, when the appointment for the chair in Anatomy brought into confrontation opposing ideas. The Rector and some of the University professors strongly defended “modern Medicine” and were supported by the body that supervised university education, the Board of Conscience and Orders (*Mesa da Consciência e Ordens*); and in *Verdadeiro Método de Estudar* (The Proper Method of Study), Luís António de Verney made a critique of established philosophical and pedagogical ideas, condemning traditionalism and authority in matters of science. It was a period when what needed to be destroyed seemed obvious, whereas the road to be taken was not yet very clear. A few years later, António Nunes Ribeiro Sanches, doctor in the Imperial Cadet Corps of St. Petersburg and corresponding member of the Paris Academy of Sciences, drew up a thorough programme for the teaching of Medicine and for the establishment of a



Depósito da Biblioteca Joanina, MR, 2009
Joanine Library depository, MR, 2009

edital do reitor do Colégio das Artes de 1746, tantas vezes invocado como emblema da posição retrógrada dos Jesuítas – uma vez que nele se proíbe aderir às doutrinas de Descartes, Gassendo ou Newton – terá de entender-se como advertência disciplinadora interna porque, na realidade, os temas da Filosofia Moderna, e particularmente da Filosofia newtoniana, já constituíam objecto de análise nas aulas daquele Colégio, embora não oficialmente.

A “forja dos homens”

Sacudida pelo contraste das ideias, financeiramente desafogada, a Universidade dos anos vinte do século XVIII experimenta a sua maior expansão em termos de matrículas e das consequentes graduações, consolidando-se como a ‘forja dos homens’ que vão assumir as responsabilidades administrativas, governativas, de direcção ideológica, de reprodução de modelos e de produção normativa: mais do que nunca – culminando um processo que enraizara nos séculos anteriores mas se torna mais evidente neste tempo – Coimbra irá ser uma placa giratória, centro fulcral de uma activa circulação de elites num espaço pluricontinental que incluía o Continente e os domínios ultramarinos. Uma

Medical College. However, even those who received the strongest criticism for their conservatism were involved in this dialectic between tradition and modernity. The 1746 edict of the Dean of the College of Arts – often invoked as a symbol of the regressive position of the Jesuits since it forbade adherence to the doctrines of Descartes, Gassendi and Newton – should be understood as an internal disciplinarian warning, given that, in fact, the subjects of Modern Philosophy, particularly Newtonian Philosophy, were already studied at the College, though not in official terms.

The “Shaping of Men”

Shaken by opposing ideas, but financially unencumbered, during the 1720s, the University experienced its greatest ever expansion in terms of enrolments and resulting graduations, thereby consolidating its role as the “shaper of men” who would go on to shoulder administrative, government and ideological responsibilities, reproducing models and producing laws. More than ever before, Coimbra was now becoming pivotal, a nerve centre in a vast multi-continental space, attracting the elites from the Continent and the overseas territories. This was the culmination of a process that had begun in the

perspectiva secular que se projecte a partir deste momento para captar o papel social e cultural da Universidade de Coimbra terá de ter em conta uma dupla perspectiva: a da exclusividade de que gozou na formação e na concessão de graus em áreas como o Direito (Canónico e Civil) e a Medicina; a das mudanças estruturais que se operaram no currículo dos saberes, fundamentalmente na Reforma de 1772, acrescentando novidades essenciais que se reflectiram na formação final dos graduados e na sua capacidade de intervenção no corpo social.

No período que precede a reforma de 1772, o acento terá de ser colocado na formação jurídica, não só a mais procurada – com cerca de 87% do total das matrículas – como a que proporcionava as melhores oportunidades de carreira.

É bem conhecida a ambivalência da formação em Direito Canónico, como qualificação necessária ou preferencial para as administrações eclesiástica e régia. A primeira, fortemente apoiada no sistema de remunerações constituído pelo regime benéficial – a um cargo estava anexada uma dotação cujo rendimento, não sendo fixo, era normalmente apreciável – incluía não apenas os benefícios paroquiais (que faziam dos seus detentores líderes das comunidades locais e elos privilegiados de ligação com as autoridades superiores, tanto eclesiásticas como civis), mas igualmente as posições mais eminentes da hierarquia do clero: um sem número de funções ligadas ao aparelho judicial eclesiástico (cúrias e tribunais diocesanos e metropolitanos, o tribunal da Legacia, os tribunais da Inquisição), os canonicatos e as cátedras episcopais. A Universidade, como instituição, dispunha mesmo da prerrogativa de apresentação nos canonicatos magistrais (destinados a teólogos) e doutorais (para canonistas) na quase totalidade das dioceses do país, assim como em cerca de duas dezenas e meia de benefícios paroquiais: de uns e outros destes benefícios eclesiásticos usufruíram largamente muitos dos que ela própria graduava ou que a serviam como professores.

A administração e a magistratura régias bebiam largamente no contingente dos graduados por Coimbra, dando naturalmente preferência aos leigos (mas não excluindo, como dissemos, os canonistas). Um primeiro nível, constituído pela magistratura periférica ao serviço da Coroa (juizes de fora, corregedores, provedores) tinha como limiar obrigatório um exame de estado (a “leitura”), realizada sob a alçada do Desembargo do Paço. Mas a admissão a este exame dependia do juízo formulado pelo corpo de professores das faculdades jurídicas de Coimbra que classificavam o contingente anual de graduados juristas – do medíocre ao muito bom, passando pelo suficiente e bom (informações da Universidade, transmitidas ao Desembargo do

preceding centuries and became clearer at this time. In order to understand the social and cultural role played by the University of Coimbra in this period, two facts must be considered: first, it was the only university that offered training and granted academic degrees in areas such as Law (Canon Law and Civil Law) and Medicine; and, second, the structural changes that the 1772 Reform, in particular, introduced in the curriculum of the different fields of knowledge, adding new and fundamental elements that had an impact on the training of its graduates and their capacity for social intervention.

In the period preceding the 1772 Reform, emphasis was given to legal education, which was not only in great demand (with about 87% of total enrolments), but also offered the best career opportunities. There was, however, a certain ambivalence about Canon Law as a necessary or preferential qualification for ecclesiastical and royal administrations. The first, supported by a remuneration system based on endowments (meaning that positions were attached to endowments, and the income derived from them, although variable, was usually considerable), included not only parochial benefices (making their holders the leaders of local communities and key links to both ecclesiastical and civil higher authorities), but also the most important positions in the church hierarchy – countless offices related to the ecclesiastical judicial apparatus (*curiae*, diocesan and metropolitan tribunals, the Apostolic Nunciature and the Inquisition tribunals), the canonries and the bishoprics. As an institution, the University even had the prerogative of granting magistral canonries (intended for theologians) and doctoral canonries (intended for canonists) in nearly all the dioceses of the country as well as in a group of about twenty-five parochial benefices, and many of its graduates and teachers enjoyed these privileges.

The royal administration and magistracy were largely dependent on the contingent of students who graduated from Coimbra, and naturally preferred leigists, though canonists were not excluded. A first level was constituted by the peripheral magistracy in the Crown's service (judges, corregidores, ombudsmen) and implied a compulsory entrance examination (the “reading”) taken under the supervision of the *Desembargo do Paço* (roughly corresponding to a supreme court). However, admittance to this exam was dependent on the evaluation of the Law professors at Coimbra, who classified the annual contingent of graduating jurists as mediocre, satisfactory, good or very good, and the University conveyed the information to the court. Only the students classified as good or very good were allowed to sit for the “reading”.

The higher level of the *cursus honorum*, which in simple terms could be called the career of

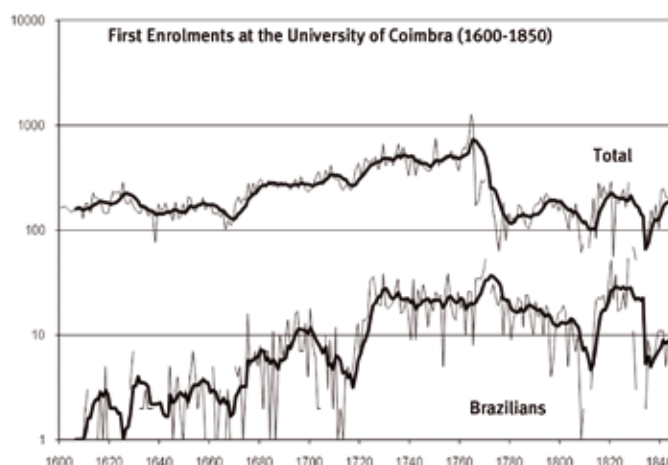
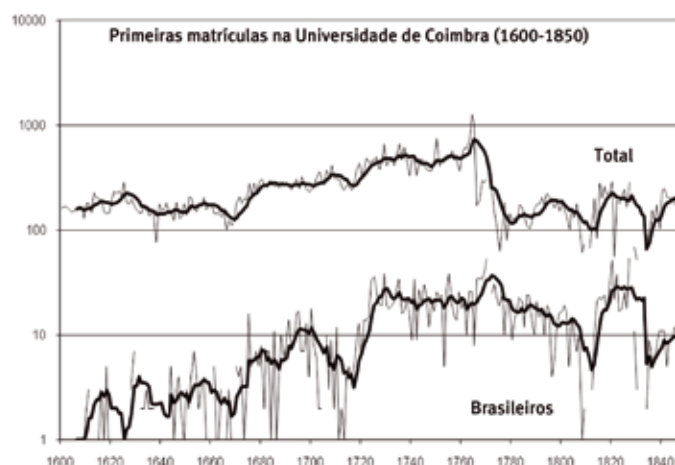


Paço). Só eram admitidos à “leitura” os bons ou muito bons.

O nível superior do *cursus honorum* – que, simplificando, poderíamos designar como a carreira dos desembargadores, a elite dos funcionários régios – tinha vias de acesso distintas: só uma minoria era constituída por magistrados que haviam percorrido os graus inferiores da carreira; um número maior acedia à posição por via do parentesco com os anteriores detentores dos cargos (a sua nomeação remunerava os serviços prestados pelos seus familiares); mais frequentemente, contudo (em quase metade dos casos), através de uma faculdade inerente aos direitos de doutor ou lente, com exercício de magistério, da Universidade de Coimbra, nas faculdades de Leis e Cânones. O percurso iniciava-se normalmente no tribunal da Relação do Porto – muitas vezes concomitantemente com o exercício da docência universitária – subindo até ao cargo de desembargador dos agravos da Casa da Suplicação. A carreira docente universitária, já de si prestigiante, era então também a via de acesso a outras carreiras e honras, etapas de percursos sociais ascendentes que muitas vezes conduziam à entrada formal na elite nobiliárquica.

desembargadores (judges in appellate courts), the elite of the royal officials, could be accessed in several ways. The magistrates who had risen to this rank from the lower levels were in the minority. A larger number ascended to the position by reasons of consanguinity with prior holders of the office (their appointment served as remuneration for the services rendered by their relatives). More frequently, however, in almost half of the cases, access to the position was part of the inherent rights of doctors or professors who taught at the faculties of Civil Law and Canon Law of the University of Coimbra. Their trajectory usually began at the Court of Appeals of Porto (often while still teaching at the University), and then they rose to the position of *desembargador* of the Crown Court (*Casa da Suplicação*). The career of a university professor not only conferred prestige by itself, but also opened the door to other offices and honours, in an ascending social trajectory that very often led to formal entrance into the aristocracy.

Moreover, the technical skills of jurists were not confined to the magistracy and teaching. They were also required in government (in the Crown Court, the Board of Conscience, and different councils and



A competência técnica dos juristas ultrapassava, contudo, a judicatura e a docência para se exercer em tarefas tipicamente governativas – no Desembargo do Paço, na Mesa da Consciência, em Conselhos e Juntas – ou diplomáticas, onde se conjugavam o estatuto nobre dos chefes de missão (a quem cabiam sobretudo funções de representação) e a formação universitária jurídica de grande parte dos secretários e negociadores.

Neste contexto, importa pôr em destaque o papel dos colégios seculares de S. Pedro e de S. Paulo, elementos fundamentais de um “complexo protector” destinado a acolher e promover uma elite intelectual, enquadrando-a e conformando-a normativamente: deles saiu a quase totalidade dos professores das faculdades jurídicas (no período que aqui consideramos); mas os percursos biográficos dos colegiais conjugam maioritariamente a universidade e os cargos públicos, a universidade e a carreira eclesiástica, ou as três componentes em conjunto. Os porcionistas, por seu lado, poderão fornecer-nos um exemplo de ‘consolidação das elites’, uma vez que, sendo oriundos da alta nobreza, vêm à universidade adquirir uma qualificação que potencia o seu estatuto originário no acesso aos cargos públicos e sobretudo aos benefícios eclesiásticos.

A compreensão da dimensão efectiva desta capacidade criadora e transformadora da formação universitária exige a elaboração de uma prosopografia ampla, apenas em parte elaborada. Uma aproximação, contudo, pode ser tentada precisamente tendo em conta a origem geográfica dos graduados por Coimbra (aceitando o pressuposto de que a formação universitária terá representado para eles uma aquisição qualitativa que modificou ou, pelo menos, consolidou o seu estatuto social). Neste aspecto, podemos afirmar que a exclusividade de Coimbra se traduziu em captação generalizada em todo o espaço continental – atingindo os centros urbanos e o mundo rural em proporções semelhantes – e tocando significativamente também os espaços insulares e ultramarinos, nomeadamente o Brasil.

boards) and diplomacy, where the high status of mission chiefs (who acted mainly as government representatives) was combined with the legal training of the majority of secretaries and negotiators.

Within this context, it is important to stress the role played by the secular colleges of S. Pedro and S. Paulo, which were essential elements in a “protective complex” intended to receive and promote an intellectual elite, giving it frames of reference and shaping it in normative terms. Almost all the professors of the legal faculties in this period received their education there. But the trajectories of the college graduates usually involved the university and public offices, the university and the ecclesiastical career, or all three components. The portionists, in turn, provide an example of “consolidation of the elites”, since they were from the high nobility and took a university degree to enhance their access to public office, and especially to ecclesiastical benefices.

The full understanding of the effective dimension of the creative and transforming power of university education requires a broad prosopography that has only partially been made. Nevertheless, we can draw some inferences from the geographical origins of the students who graduated from Coimbra (admitting that their university education represented a qualitative achievement that changed, or at least consolidated, their social status). In this respect, it may be said that, because Coimbra was the only university in the country, it recruited students from every part of the continental territory, as well as a significant number from the islands and the overseas territories, especially from Brazil. The intimate correlation between the contingents of graduates and the population density of the different continental areas as well as the gradual expansion of the recruiting area in Brazil as the progressive occupation of the territory took place, with particular emphasis on the region of Minas Gerais, may be mentioned as indicators of the growth of demand for a university education.

Como indicadores da generalização da procura universitária poderemos mencionar a estreita correlação que se verificava entre os contingentes de graduados e a densidade populacional das diferentes regiões do continente, assim como o progressivo alargamento da área de captação, no Brasil, à medida da progressiva ocupação do espaço, com particular destaque para a região de Minas Gerais.

A corrente originária da colónia americana, ténue nos inícios de seiscentos, engrossa notavelmente depois da descoberta do ouro. Se tivermos em conta as primeiras entradas nas faculdades jurídicas, o contingente brasileiro atinge uma proporção considerável (7,52% em 1760-1770; 16,5% em 1772-1788). Entre as duas margens do Atlântico gerou-se então uma activa circulação de quadros (graduados brasileiros que se notabilizam na metrópole, reinícolas que iniciavam a sua carreira de letrados – em alguns casos para ‘limpar’ uma origem social menos honrada – nos espaços ultramarinos), circulação que se intensificou após a reforma pombalina de 1772.

A “nova fundação” em 1772

A reforma de 1772 é o exemplo mais evidente de simbiose entre uma ideia de universidade e da sua missão específica – vazada num quadro normativo que renova estruturalmente as dimensões científica e pedagógica – e a criação de infra-estruturas e equipamentos susceptíveis de tornarem possível a sua concretização. O momento fulcral da sua implantação foi a solene outorga, em 29 de Setembro de 1772, dos novos *Estatutos*, elaborados pela Junta de Providência Literária, um organismo comissionado expressamente para os elaborar e cujos elementos eram, na sua quase totalidade, graduados pela universidade que se pretendia reformar: momento charneira no qual culminou um processo longo, de que atrás referimos alguns passos e que não pode ser dissociado da reforma dos estudos médios realizada a partir de 1759 (depois de terem sido expulsos de Portugal os Jesuítas), à qual preside a mesma intenção de reabilitar as Letras Humanas, fundamento essencial sobre que repousa a reabilitação das Ciências, para, desse modo, tornar feliz a Monarquia; mas também momento incoativo da campanha de traduzir em realidades práticas um texto normativo que se entende como regenerador.

Com a Reforma, de facto, implicando uma intervenção directa e exclusiva do poder régio – transferido para um ministro, o Marquês de Pombal, “plenipotenciário e lugar-tenente” do monarca – atinge o seu auge um longo processo de instrumentalização da Universidade, bem expresso na formulação de D. Francisco de Lemos – “não se deve olhar para a Universidade como um Corpo isolado, e concentrado em si mesmo, como ordinariamente se faz; mas sim como hum corpo formado no seio

The number of students from Brazil was quite small in the 1600s but increased considerably after the discovery of gold in the colony. If we take into account the first entrants to the law faculties, the Brazilian contingent represented a significant percentage (7.52% in 1760-1770; 16.5% in 1772-1788). An active exchange of professionals was then established between both sides of the Atlantic (Brazilian graduates became prominent in the metropolis, Portuguese graduates began their careers in the overseas territories, in some cases to ‘wash out’ a less honoured social origin). This movement increased following the reform of the university carried out by the Marquis of Pombal in 1772.

The “New Foundation” in 1772

The 1772 Reform was the most obvious example of symbiosis between the idea of a university and its specific mission (translated into a normative framework that structurally renewed the scientific and educational dimensions), and the creation of infrastructures and equipments that made its achievement possible. The formal presentation of the new *Bylaws*, on 29 September 1772, represented the crucial moment of its establishment. The Board of Literary Affairs (Junta de Providência Literária), which had been expressly commissioned to draw the bylaws, was composed mostly of graduates from the University of Coimbra. This was the culmination of a long process that cannot be dissociated from the restructuring of the intermediate studies, which had begun in 1759, following the expulsion of the Jesuits from Portugal. The intention was to revitalise the humanities as an essential foundation for the renewal of science, thus meeting the monarch’s wishes. It was also this moment that gave birth to a campaign to put into practice a normative text that was understood as a regeneration.

Indeed, the Reform was the culmination of a long process of instrumentalization of the University, since it implied a direct and exclusive intervention of royal power, which was transferred to the monarch’s plenipotentiary minister and “lieutenant”, the Marquis of Pombal. This was clearly stated in D. Francisco de Lemos’s words: “the University should not be considered as an isolated Body, closed in on itself, as is usually the case, but as a body formed within the State [...] intended to vivify and stimulate every Branch of Public Administration and promote men’s happiness”. This was also clear in the 1772 *Bylaws*, in which it is stated that the social importance of academic degrees lies in the fact that they provide the basis for “both Supreme Powers, Spiritual and Temporal, for their governance in assigning Honours, Benefits, Offices and Employment [...] this being truly the only reason why the Supreme Powers granted the Universities the faculty to confer the said Degrees”. This strong awareness of service to the State was reflected in

do Estado [...] para animar, e vivificar todos os Ramos da Administração Publica; e para promover a felicidade dos homens”; ou na doutrina expressa nos *Estatutos* de 1772, acerca da importância social dos graus académicos, os quais, afirmam os mesmos *Estatutos*, servem de “regra a ambos os Supremos Poderes, Espiritual e Temporal, para se governarem e regerem por elles no provimento de Dignidades, Benefícios, Ministerios e Empregos [...] sendo esse verdadeiramente o único fim, pelo qual os mesmos Supremos Poderes concederam ás Universidades a faculdade de conferir os dittos Grãos”. Esta alta consciência do serviço do Estado reflecte-se no maior rigor dos requisitos de admissão, tendente a seleccionar um escol intelectual, na linha do que chamou o “malthusianismo ilustrado” que reservava a aprendizagem universitária a um número reduzido de indivíduos a quem deveria ser assegurado o pleno emprego.

Em termos científicos, a grande novidade foi a criação das duas novas faculdades de Matemática e Filosofia, assim introduzindo no elenco dos estudos superiores as ciências exactas e as ciências da natureza: conjuntamente com a Medicina, agora também remodelada nos seus fundamentos, passaram a constituir as chamadas faculdades naturais. Tanto como – ou talvez mais do que – esta inclusão de novos conteúdos, é crucial o carácter propedêutico de que estes saberes se irão revestir também para as faculdades de Direito e de Teologia. Aos estudantes que pretendessem ingressar nestas últimas era exigido que estudassem “privativamente o Primeiro Anno do Curso Mathematico”, no qual eram leccionados os Elementos de Geometria (que “são a Lógica, praticada com a maior perfeição que he possível ao entendimento humano”) “como subsidio importante ao aproveitamento que devem ter nas respectivas faculdades”; para os que pretendessem seguir Direito, era-lhes necessária também a frequência da cadeira de História Natural. Saberes propedêuticos e, como tais, dimensionadores da *forma mentis* que se queria implantar na universidade recriada.

A par dos conteúdos, uma profunda revolução no método e no que respeita às funções dos professores. Quanto ao método, os termos com que explicitamente ele é definido sintetizam-se na expressão “sintético--compendiário-demonstrativo”. Assim se opunha ao praticado anteriormente, que era textual, analítico, cíclico e cumulativo. Pretendia-se agora introduzir a progressão gradativa do mais simples ao mais complexo (nas matérias e nas cadeiras, rigorosamente escalonadas ao longo dos anos do curso); substituir os antigos textos – repositórios de temas, problemas, soluções e autoridades (tais como as compilações legislativas, as sumas, os escritos galénicos, os comentários) – por compêndios nos quais se expusessem os

more demanding entrance requirements, which were meant to select an intellectual elite, in keeping with the so-called “enlightened Malthusianism” which reserved university education to a limited number of individuals who would be given full time employment.

In scientific terms, the creation of the two new faculties of Mathematics and Philosophy constituted a major innovation, introducing the exact sciences and natural sciences into higher education. Together with Medicine, which was also restructured at the time, they now represented the so-called natural faculties. The propaedeutic role that these sciences assumed also in the faculties of Law and Theology was just as important as – or even more so than – the inclusion of new contents. Entrance requirements for these two faculties included taking on a private basis the first-year course in Mathematics, in which Elements of Geometry were taught (that is, “Logic, put into practice with the strongest sense of perfection that is possible to human reasoning”). This was considered “an important contribution to their success in their respective subjects”. Those who intended to do Law were also required to attend Natural History classes. These were propaedeutical sciences and, as such, they shaped the *forma mentis* that the restructuring of the university aimed to create.

In addition to the contents, the reform implied a profound revolution in the methods and roles of teachers. The new methods were explicitly described in terms that can be encapsulated in the expression summary-compendium-demonstration, thus contrasting with the textual, analytical, cyclical and cumulative method that had been used until then. The aim was now to introduce a gradation from simple to complex in the subjects and courses; to replace previous textbooks, which included lists of topics, problems, solutions and authorities (such as legislative compilations, synopses, Galenic writings, commentaries, etc.), by compendia which expounded the bases of a science as they were progressively being revealed and developed; to abolish the traditional way of teaching (involving the *lectio* and dictation – which gave rise to the apostil – about assorted topics gleaned from texts for a period of four years) and replace it with a continuous system that constantly tested the knowledge acquired by students (this implied special attention to class attendance and, for the first time in the university’s history, the possibility of being held back in the same year if a student’s level of learning was not satisfactory); and to replace disputation with questions formulated according to the Socratic method in the assessment of students.

As for the teachers, they were organised into “associations” in each of the Faculties, forming a kind of internal academy that was responsible for the



Retrato do Marquês de Pombal, MR, 2009
Portrait of the Marquis of Pombal, MR, 2009

fundamentos de uma ciência que progressivamente se iam desvendando e desenvolvendo; abolir a forma tradicional de leccionação (a *lectio* e o ditado – dando origem à apostila – acerca de temas soltos colhidos nos textos, durante um ciclo de quatro anos) por um sistema contínuo e constantemente exploratório dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes, de onde derivava um particular cuidado em verificar a sua assiduidade, implicando, pela primeira vez na história da universidade, a possibilidade de retenção no mesmo ano se o nível de aprendizagem não fosse satisfatório; substituir, na avaliação, as disputas, por interrogatórios conduzidos pelo método socrático.

Aos professores, organizados em “congregações” em cada uma das Faculdades, espécies de academias internas às quais competia não apenas a organização formal das tarefas docentes e de avaliação mas sobretudo a superintendência em tudo o que dizia respeito ao domínio científico, é incumbida a responsabilidade de serem igualmente “inventores” e, mormente no âmbito das faculdades naturais, irem incorporando nas suas lições os avanços da ciência, próprios ou alheios, e de organizarem para a disciplina de que fossem responsáveis o respectivo compêndio.

O carácter demonstrativo do novo método e o perfil definido para os professores tiveram uma dupla consequência prática. Primeiro, na reformulação do corpo docente: para além dos lentes – os titulares e os substitutos permanentes, na sua grande maioria recrutados propositadamente depois de afastados quase todos os que haviam servido antes da Reforma – vamos encontrar preparadores e demonstradores, os primeiros executando tarefas laboratoriais ou de manipulação e elaboração de peças museológicas, os segundos prestando um auxílio directo nas aulas pela ilustração prática das prelecções dos lentes, muitas vezes como primeiro patamar de uma futura carreira docente. Mas, fundamentalmente, as componentes de observação e de experimentação, postulavam a existência de estabelecimentos específicos onde elas pudessem ser eficazmente postas em prática. Assim é que, para os estudos médicos, se determinou a construção do Hospital, do Teatro Anatômico e do Dispensatório Farmacêutico; para a Faculdade de Matemática, a do Observatório Astronómico; para a de Filosofia, a dos Gabinetes de História Natural e de Física Experimental, do Laboratório Químico e do Jardim Botânico.

A renovação científica e pedagógica, alicerçada numa vontade política que proporciona o financiamento e a criação das condições materiais de possibilidade, traduz-se num modelo novo de formação: a do jurista – além da ênfase colocada na racionalidade do direito e nas leis nacionais – adquire tonalidades que lhe orientam a atenção para as realidades da natureza; o médico terá necessariamente que atender a



formal organisation of the teachers’ tasks, student assessment, and especially the supervision of all academic matters. The teachers were responsible for being “inventors” as well, and particularly in the case of the natural sciences, for including scientific advances in their lessons and organising the compendium of the courses they taught.

The new method of demonstration and the profile that was defined for the teachers had two practical outcomes. The first was the overhaul of the teaching staff: in addition to the full professors and permanent substitutes (most of whom were expressly recruited following the dismissal of almost all the professors that had served before the Reform), there were now also the preparers and the demonstrators. While the former performed laboratorial tasks, and handled and arranged museum pieces, the latter provided the professors with direct assistance in classes through practical illustrations of their lectures, which was often the first stage of a future career in teaching. The second outcome was related to the observation and experimentation components, which entailed the existence of appropriate facilities where they could effectively be put into practice. Hence, the Hospital, the Anatomical Theatre and the Pharmaceutical Dispensary were built for medical studies; the Astronomical Observatory for the Faculty of Mathematics; and the units of Natural History and Experimental Physics, the Chemical Laboratory and

estas mas também aceitar que a cirurgia é parte fundamental da sua bagagem e do seu múnus; o matemático e o naturalista aparecem como vocações autônomas, justificando-se por si próprias. Um novo modelo que terá forte impacto na sociedade, com consequências políticas inegáveis.

A “cidade do saber”

Este programa deu origem a uma vasta campanha de obras – tendentes à criação, de raiz, de alguns equipamentos ou à remodelação de espaços já existentes para a implantação de outros – rigorosamente planificadas, orientada a sua execução por um pormenorizado *Regimento* elaborado pelo reitor D. Francisco de Lemos, com data de 10 de Janeiro de 1773 e aprovado pelo Marquês de Pombal a 18 do mesmo mês. O *Regimento* não apenas subordinava todos os procedimentos a uma rígida organização, definindo níveis de responsabilidade, como também promovia a celeridade e rigor da sua execução, estipulando que as remunerações a operários e mestres tivessem em conta os seus níveis de competência e diligência, verificados e anotados semanalmente em três escalões de bom, suficiente e mau, de cujas combinatórias resultaria o estipêndio efectivo a ser pago, ou, em casos de má prestação reiterada, a exclusão.

Quando, em 1777, D. Francisco de Lemos envia à rainha, em defesa da Reforma cujos inimigos ganhavam novo fôlego agora que o Marquês de Pombal caíra em desgraça, a sua *Relação Geral do Estado da Universidade*, anexa-lhe um outro volume no qual dá conta do estado em que se encontravam as obras, juntando as respectivas plantas.

Haviam sido gastos já 126 contos de réis; o aproveitamento do antigo complexo jesuítico – incluindo o próprio colégio, a sua igreja agora transformada em catedral, e o Colégio das Artes – tinha permitido instalar o edifício das Ciências Naturais e o Hospital; em terreno adjacente erguera-se de raiz o Laboratório Químico; e os claustros da antiga Sé haviam sido adaptados para instalar a imprensa académica, importante equipamento de apoio, agora que era preciso imprimir novos compêndios e tratados. Todas estas obras estavam já concluídas naquela data. Em curso estavam ainda as obras do observatório astronómico e a remodelação do Paço das Escolas, servindo simultaneamente um projecto de maior dignificação e objectivos pedagógicos de que é exemplo o corredor interno pelo qual o Reitor poderia circular para vigiar o andamento das aulas, sem as perturbar. Muito no início estava a construção do jardim botânico, implantado em terreno inclinado que foi preciso regularizar e cujas obras se prolongaram, entrecortadas pelas invasões francesas de 1807-

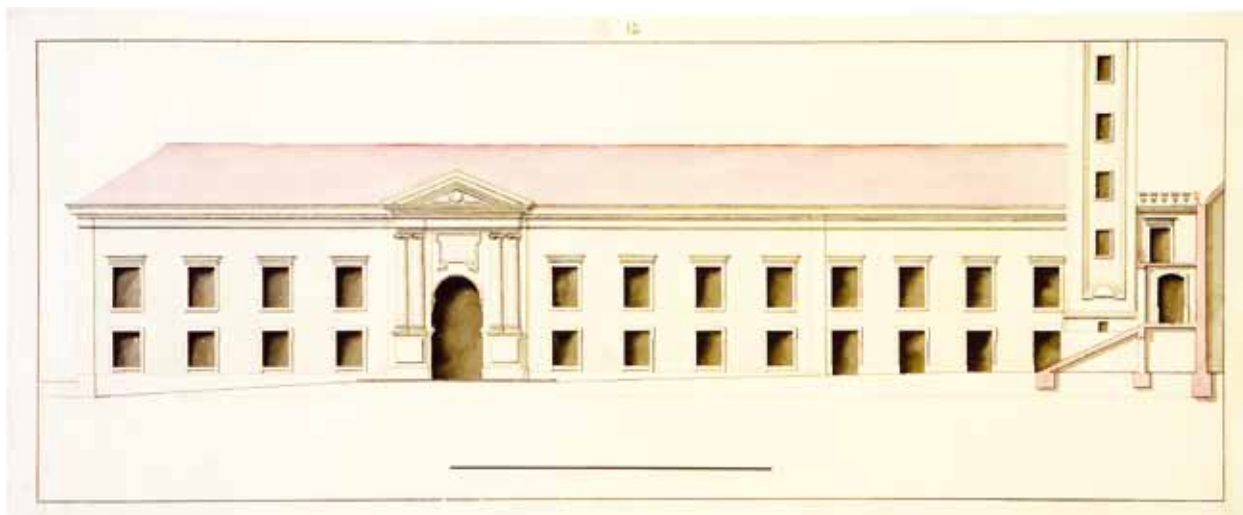
the Botanical Garden for the Faculty of Philosophy.

This scientific and pedagogical renovation was supported by a political will that ensured proper funding and enabled the creation of the necessary material conditions, thus resulting in a new model of education and training. In Law, this involved a greater attention to the realities of nature, apart from the emphasis given to the rational nature of law and to national laws; in Medicine, the same attention was required, but training in surgery became fundamental; Mathematics and Natural History, in turn, appeared as autonomous, and thus self-justified, fields. This new model would have a strong impact on society and bear undeniable political consequences.

The “City of Knowledge”

This programme was the basis of a vast campaign of construction works which were planned with extreme care, involving the creation of new infrastructures and the remodelling of existing spaces for the establishment of new structures. The execution of the works followed the detailed *Rules of Procedure* drawn up by the Rector Francisco de Lemos and dated 10 January 1773, having been approved by the Marquis of Pombal on the 18th of the same month. The *Rules of Procedure* not only submitted all proceedings to a strict organisation through the definition of levels of accountability, but also stimulated celerity and thoroughness in their execution. It stipulated that workers and masters were to be paid in accordance with their levels of skill and diligence, and these were weekly checked and noted down in three different ranks – good, satisfactory or bad. The combination of these resulted in the final salary to be paid or, in cases of repeated bad performance, the dismissal of workers.

In 1777, when Francisco de Lemos sent to the Queen his *General Report on the State of the University* in defence of the Reform (since its opponents had gained ground after the Marquis of Pombal had fallen into disgrace), he also enclosed a second volume on the state of the construction works and included the respective plans. Until that moment, 126 million *réis* (the Portuguese currency at the time) had been expended on the remodelling of the former Jesuit complex (including the college itself, its church, which was transformed into a cathedral, and the College of Arts), which now housed the Natural Sciences building and the Hospital; the construction of the new Chemical Laboratory in a contiguous plot of land; and the adaptation of the cloisters of the old Cathedral to accommodate the university press, which was an important support structure now that new compendia and treatises needed to be printed. Work was still in progress at the astronomical



1810: mesmo antes de concluídas estas, porém, já o jardim – cujo núcleo central se concluiu em 1790 – desempenhava o seu papel de apoio às demonstrações de História Natural.

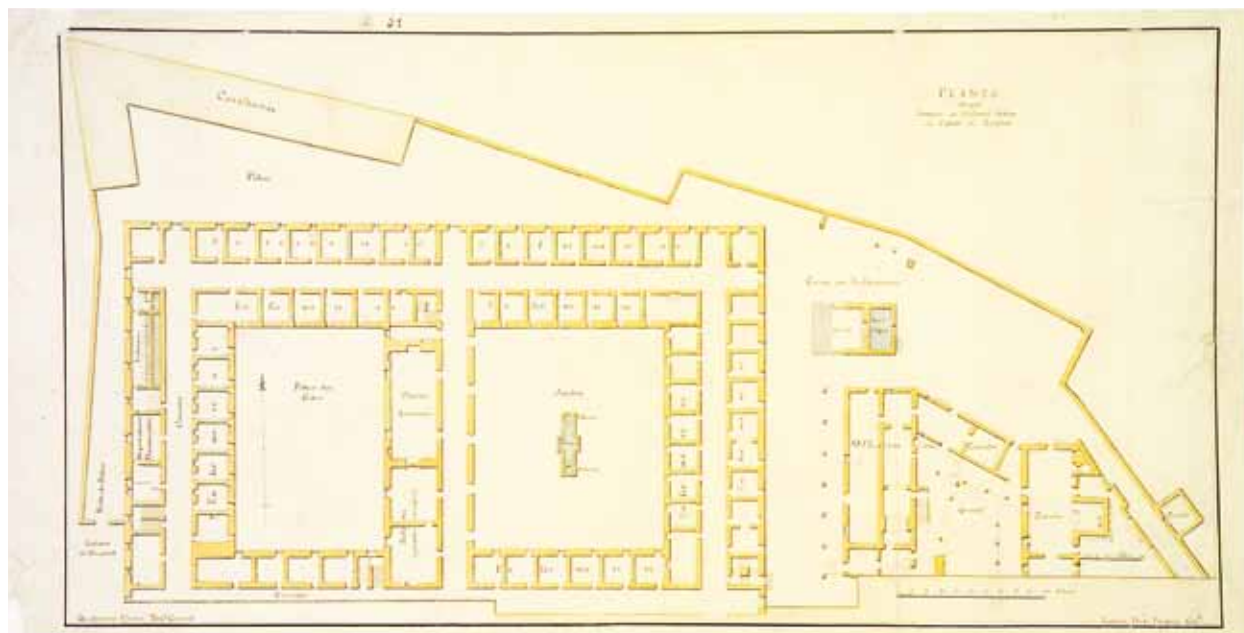
Na verdade, a *arquitectura da reforma*, com o que consubstanciava de abertura da instituição aos caminhos da Ilustração e de submissão ao quadro normativo do poder real, havia já começado — com esse mesmo processo — com as próprias edificações da biblioteca e da torre/observatório, no reinado de D. João V. E no prospecto arquitectónico daquela tivera mesmo início uma subtil alteração simbólica: a substituição da imagem da *Sabedoria*, cunho tradicional das empresas escolares, pelo escudo régio que, pletórico, avulta no opulento portal. Esta, com efeito, teria a derradeira aparição (porém ainda a par do escudo), em finais da década de 50 — sintomaticamente em coincidência cronológica com a expulsão da Companhia e com o desmoronamento do respectivo edifício pedagógico, que moldara a vida do ensino português nos últimos duzentos anos —, no excelente arranjo cenográfico da *Via Latina* (no qual se reaproveitariam algumas esculturas elaboradas em 1700/02 por Claude de Laprade para o pórtico dos *Gerais*), concebido como monumento a D. José I e que remata o prospecto norte do palácio universitário: por essa via submetendo, em antecipação, a configuração do cenário escolar aos objectivos imagéticos da *Reforma*.

A Reforma, aliás e além da galeria de vigilância do reitor Lemos, sobre os *Gerais*, já referida, deixaria abundantes traços no vetusto Paço das Escolas, que então seria amplamente beneficiado nas suas circulações e mesmo desafrontado, externamente, de edificações que o correr do tempo lhe fora adossando. Entre eles avulta um projecto — não realizado, mas de real interesse, pelos aspectos teóricos e ideológicos que consubstancia — de duplicação da biblioteca joanina, que implicaria

observatory and the University Palace, which was being remodelled in order to enhance the space and adapt it to educational uses. One example of this was the creation of an internal corridor that allowed the Rector to oversee classes without disrupting them. The construction of the botanical garden was still at a very early stage. It was built on a sloped site which needed to be levelled, and so the works lasted longer than expected and were interrupted between 1807 and 1810 by the French invasions. Nevertheless, even before they were concluded, the garden, whose central part was completed in 1790, already played a role in Natural History demonstrations.

Indeed, the *architecture of Reform* — involving the opening up of the institution to the methods of the Enlightenment and its submission to the normative framework of the royal power — had already commenced with the construction of the library and the tower/observatory during the reign of King João V. The architectural plan of the library introduced a subtle symbolic change: the image of *Wisdom*, a traditional seal of educational institutions, was replaced by the royal coat of arms which is quite prominent on its magnificent portal. In effect, the figure of *Wisdom* appeared for the last time (alongside the coat of arms) at the end of the 1750s — symptomatically coinciding with the expulsion of the Jesuits and the end of their educational programme, which had shaped education in Portugal over the previous two hundred years — in the exceptional design of the *Via Latina*, where some sculptures by Claude de Laprade that dated back to 1700/02 were reused for the portico of the *Gerais* building. Built in honour of King José I, the *Via Latina* adorned the northern façade of the University Palace, and thus anticipated the fashioning of the school setting to the figurative goals of the *Reform*.

In addition to the already mentioned surveillance corridor used by the rector, the Reform led to




Planta do Hospital Público da Cidade, instalado no Colégio de Jesus, BGUC, NF
 Plan of the City's Public Hospital installed at Jesus College, BGUC, NF

a demolição e substituição da antiga capela régia manuelina, dissolvendo-se a sua sucessora no quadro de um novo complexo biblioteconómico, normalizado exteriormente num classicismo seco e depurado, de clara afirmação laica.

Sobretudo, porém, a *universidade nova*, implementada pela reforma, não cabia já no apertado perímetro da *universidade velha*: nem se pretendia que coubesse, seja por imposição dos novos institutos emergentes da *Reforma*, seja pelas ambições do discurso retórico em que se apoiava. Nesse contexto, toda a zona alta da cidade, converter-se-ia, em boa parte à custa do património jesuíta ou da reconversão possibilitada pela expulsão da Companhia, e particularmente nos anos que medeiam entre 1773/77, num enorme estaleiro construtivo, centrado na *Casa das Obras* e onde pontificava Guilherme Elsdén, engenheiro militar deslocado da reconstrução pós-terramoto de Lisboa, assessorado, a partir de certa altura, pelo português Manuel Alves Macomboia, que, com a partida daquele, em 1777, asseguraria a continuidade da empresa. E, sob o impacto dos novos institutos — o Museu de História Natural e o Laboratório Químico (edificados à custa do Colégio de Jesus e do das Artes), o Observatório Astronómico (para cuja construção se demoliria o castelo), o Jardim Botânico (que incorporava parte das cercas dos colégios de S. Bento e S. José dos Marianos) e a Imprensa (que anexava o claustro medieval da antiga Sé) — a acrópole escolar transfigurava-se, repensando as suas relações tradicionais.

De facto, ao invés do que sucedera no período renascentista, onde a nova malha colegial se disseminara pela urbe inteira, não somente na Rua

numerous changes in the ancient University Palace. Circulation space was greatly improved, and the external buildings that had been added to it over time were demolished. One project that was never carried out, although it was of interest because of the theoretical and ideological aspects that it implied, was the expansion of the Joanine library. This entailed the demolition and replacement of the old royal chapel of King Manuel I by a new one that was planned to be a part of a new library complex, which was designed in plain classical lines of secular inspiration.

Above all, the narrow confines of the *old university* could no longer hold the *new university* that had been established by the Reform, both because of the new institutes that had emerged from the Reform and because of the ambitions of the rhetorical discourse on which it was based. In this a context, the entire upper part of town was converted into a huge construction site, particularly between 1773 and 1777. New construction and renovation were mostly carried out on former Jesuit property. The centre of the construction site was located at the *Casa das Obras*, and the overseer was William Elsdén, a military engineer who was transferred from Lisbon, where he was supervising the reconstruction that followed the 1755 earthquake. After a certain point, he was assisted by the Portuguese architect Manuel Alves Macomboia, who took over after Elsdén's departure in 1777. The university acropolis was completely transformed and its traditional relations were reorganised under the impact of the new establishments that were created — the Natural History Museum and the Chemical Laboratory (established in the College of Jesus and the College of Arts), the Astronomical Observatory (which led to the demolition of the castle), the Botanical

da Sofia mas na própria Almedina, contida pelas muralhas — reconfigurando-a, sem a perturbar — a nova *cidade do saber*, modelada pelos seus edifícios, riscados num neopalladianismo inteligente, inovador no panorama nacional e onde a unidade conceptual saberia, não obstante, evitar a monotonia das soluções, impunha-se agora, fechando-se sobre si, olímpicamente, entre os muros da acrópole. Mais, todavia, do que em exercícios de verdadeiro urbanismo — também registados, como a nova praça, entre o Laboratório e o Museu, a libertação do entorno do Paço das Escolas, a regularização do Largo da Feira, face à ex-igreja jesuíta, convertida agora em catedral, ou a monumentalização da couraça sul, principal acesso ao recinto universitário e que chegaria a incluir *frentes de rua* — é numa genuína apropriação e *reforma* da própria imagem da cidade que centralmente parece apostar-se.

Desse modo, longe de configurarem um genuíno *campus*, a exemplo do que noutras cidades universitárias sucedia e, mesmo, de certo modo, se realizara na Coimbra renascentista (na experiência pioneira da Rua da Sofia), os novos edifícios disseminam-se estrategicamente pela malha urbana, apropriando-se do velho casco de configuração medieval, numa recorrente ilustração da generosidade *esclarecida* do poder de que constituíam directa emanção, opção sustentada num evidente *ritmo plástico*, definidor de uma escala de valores deliberadamente assumida e de incontornável significado. Desse modo, a um *tempo forte*, que representaria o inacabado mas ostentoso Observatório (substituído, em 1790, por razões de natureza técnica, por um outro, denominado *interino*, edificado por Macomboia no próprio terreiro do palácio escolar, onde subsistiria até meados do séc. XX) —, ponto estratégico de intersecção no percurso entre a *couraça* e o Paço das Escolas e, inquestionavelmente, *pièce d'honneur* de todo o conjunto —, seguir-se-iam os *tempos médios*, irradiantes, ilustrados pelo Jardim Botânico (cuja completa execução, a partir do plano de Mattiazzi, se prolongaria pelo séc. XIX) e pelo complexo, majestoso mas sóbrio, do Museu e

Garden (which included part of the enclosures of the colleges of S. Bento and S. José dos Marianos) and the Printing Press (occupying the medieval cloister of the old Cathedral).

Indeed, the new *city of knowledge* now asserted its majesty within the walls of the acropolis. The Neo-Palladian style of its buildings was an innovation in the national scenario, and conceptual unity succeeded in avoiding the monotony of solutions. The new design was quite different from the collegiate network that had been created during the Renaissance period, when the buildings had been integrated into the urban fabric, both in Sofia Street and in the area of Almedina, within the city walls. However, the focus now seemed to be more on the appropriation and *reform* of the image of the city itself than on actual urban planning, although some examples indicate such an attempt — the new square between the Laboratory and the Museum, the clearance of the surroundings of the University Palace, the levelling of the Feira Square in front of the former Jesuit church that had now been converted into a cathedral, and the monumentalising of the south bulwark which provided the main access to the university complex.

Far from configuring a genuine *campus*, as was the case with other college towns, the new buildings were strategically located throughout the urban network, taking over the old medieval castle, in an illustration of the *enlightened* generosity of royal power. This choice was supported by a clear *aesthetics* that defined a scale of values that had been deliberately assumed and had undeniable significance. Thus, the unfinished yet grandiose Observatory (replaced in 1790, due to technical reasons, by a provisional structure that was constructed by Macomboia in the courtyard of the University Palace, where it remained until the middle of the 20th century), which stood at a strategic point of intersection between the bulwark and the University Palace, was clearly the *pièce d'honneur* of the ensemble and represented the *site of power*. Representing the *intermediate* spaces that radiated from it were the Botanical Garden (based on




 Laboratório Químico, EB, MCUC
 Chemistry Laboratory, EB, MCUC



Pormenor do frontão da Via Latina, MR, 2009
Detail of Via Latina pediment, MR, 2009



Laboratório, para terminar, já em clima de evidente contenção formal, no edifício da Imprensa.

Ao recusar o partido do *campus*, fechado sobre si, a *cidade do saber* apostava, contudo (como na sua própria organização administrativa), na *funcionalidade*. De facto, a eficácia dessa *segunda reconstrução* que, à semelhança da lisboeta contemporânea, se pretendia levar a efeito sobre as ruínas do que se entendia ter sido o império pedagógico jesuíta, pulverizado pelo terramoto legislativo pombalino, dependia verdadeiramente desse processo de apropriação da malha urbana pela Universidade *refundada*. Por isso os edifícios da Reforma *contaminam* a urbe e dela tomam posse, numa relação explícita de poder que se ostenta a cada encruzilhada. Nesse sentido, os *estabelecimentos* universitários não constituíam somente emanações do poder real que havia promovido a sua construção — eram antes metáforas desse mesmo poder, como eles laico, racional e, sobretudo, onnipresente. Donde o carácter civil escrupulosamente observado no seu tratamento plástico; donde, por fim, o código simbólico que deliberadamente ostentam, na universal submissão icónica da instituição e do seu domínio material à heráldica régia, com definitivo banimento do emblema corporativo da *Sapiência*.

E assim seria, com efeito e muito particularmente, na prevista monumentalização da Couraça de Lisboa — só parcialmente realizada — mas que deveria assinalar o ingresso na cidade universitária, pela erecção, em substituição da velha porta romana de Belcouce,

Mattiazzi's plan and only completed during the 19th century) and the imposing yet sober complex of the Museum and Laboratory. Finally, the building of the Printing Press displayed a clear formal restraint.

Although it rejected the campus design, closed in on itself, the *city of knowledge* invested in *functionality* (as it did in its administrative system). Indeed, similarly to contemporary Lisbon, the efficacy of the *second reconstruction* — which was to take place on the ruins of the former Jesuit educational empire that had been annihilated by the legislative upheaval carried out by the Marquis of Pombal — truly depended on the appropriation of the urban network by the *re-founded* University. Therefore, the buildings of the Reform *contaminated* and took over the city, in a clear demonstration of power that was visible at every corner. In that sense, the university establishments were not merely displays of the royal power that had promoted their construction, but essentially metaphors for that same power — secular, rational and, most of all, omnipresent. Hence, a civic aesthetics was thoroughly observed, and the symbolic code that they displayed everywhere showed the submission of the institution and its property to the royal power represented by the coat of arms, permanently abolishing the corporate symbol of *Wisdom*.

This was also the case with the planned enhancement of the Lisbon Bulwark — only partially executed — which was to mark the entrance to the university grounds through the building of two imposing

de dois imponentes pilões apilastrados, de silharia de junta fendida, rematados por escudos coroados, ostentando um o escudo régio e outro a esfera armilar, ícone de significado ambíguo, a um tempo real e científico: num claro e eloquente reatamento das soluções iconográficas que, pela primeira vez, se haviam testado meio século atrás, na edificação da Biblioteca Joanina, por cujas portas se insinuara no *alcácer do saber* a investida da Ilustração.

Ajudando a construir uma nação: viagens filosóficas e consciência política

A Reforma de 1772 inaugura, assim, um período novo de projecção externa da Universidade: intensifica-se a ‘circulação das elites’, organizam-se viagens de exploração natural – ‘viagens filosóficas’ – no espaço continental e no Ultramar e implantam-se instituições de ensino e de cultura que se inspiram no modelo e na lição de Coimbra. Por virtude do contacto mais intenso com o Brasil – vista a sua importância económica, o fluxo estudantil intenso a que já fizemos referência e em virtude das vicissitudes políticas que levaram a que, a partir de 1808, a cabeça do império fosse a cidade do Rio de Janeiro – a grande colónia além-Atlântico ganhou um protagonismo ainda maior e lançou as bases da sua independência política. A Reforma Pombalina consolidou um espaço cultural comum, polarizado pela Universidade de Coimbra – e também, a partir de 1779, pela Academia Real das Ciências (que pode considerar-se como *spin-off* da Universidade) – no qual a elite culta da metrópole e da colónia circulava, fazendo na prática as mesmas leituras e recebendo a mesma formação.

A implantação de estruturas de ensino e investigação pode exemplificar-se com a criação da Escola de Anatomia e de Cirurgia da Baía (18 de Fevereiro de 1808), o primeiro marco do ensino superior no Brasil, por iniciativa do que já fora professor em Coimbra, José Correia Picanço, e a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (5 de Novembro de 1808), as quais se transformaram em Academias Médico-Cirúrgicas pela reforma de 1813. E como apoio à aprendizagem médica, a organização de jardins botânicos, segundo um modelo que teve como principal mentor Domingos Vandelli – o professor italiano convidado a leccionar no Colégio dos Nobres e depois na Universidade reformada – que punha o acento na utilidade comercial e agrícola das espécies vegetais, para além do gosto de ver juntas as plantas de toda a parte do mundo. O jardim de Belém do Pará (1796), pioneiro, teve como organizador Manuel Joaquim de Sousa Ferraz, médico formado em Montpellier, mas que invocava em seu favor a autoridade de Vandelli e Avelar Brotero – este último, o mais destacado professor de Coimbra no domínio da Botânica; depois, em moldes idênticos, o do Rio de Janeiro (1810), Pernambuco (1811), aos quais se pode juntar o de Caiena (ocupada entre 1809 e 1817)

pilasters in place of the old Roman gate of Belcouce. The pilasters were made of broached ashlar and topped with escutcheons, one displaying the royal coat of arms and the other the armillary sphere. The latter presented an ambiguous meaning, both in historic and academic terms: it took up again, in a clear and eloquent manner, the iconographic solutions that had been tested for the first time half a century before in the building of the Joanine Library, through whose doors the Enlightenment had been subtly introduced into the *fortress of knowledge*.

Helping to Build a Nation: Philosophical Voyages and Political Consciousness

The 1772 Reform introduced, therefore, a new period of projection of the university in the outside world. The ‘circulation of the elites’ intensified, voyages of natural exploration – ‘philosophical voyages’ – were organised to the continental territory and overseas possessions, and educational and cultural institutions that were based upon the Coimbra model were established. On account of Brazil’s economic importance, the above-mentioned intense flow of students, and as a result of the political events that led Rio de Janeiro to be the head of the empire from 1808 onwards, Portugal was more in contact with Brazil at that point in time, and this colony gained an even greater prominence that eventually led to its political independence. The Pombaline Reform consolidated a common cultural space that was centred on the University of Coimbra and, after 1779, on the Royal Academy of Sciences (which could be considered a spin-off of the University). The educated elites of both the mother country and the colony circulated in that cultural space and, in practice, read the same publications and received the same education.

The establishment of education and research institutions in Brazil began with the creation of the Anatomy and Surgery School of Bahia (on 18 February 1808), an initiative of José Correia Picanço, a former teacher at Coimbra, and the Anatomical, Surgical and Medical School of Rio de Janeiro (on 5 November 1808). Both became Medical-Surgical Academies following the 1813 reform. Botanical gardens were also created to support medical training. The gardens followed the model promoted by Domenico Vandelli (an Italian professor who had been invited to teach, first, at the College of Nobles and, later, at the reformed University of Coimbra), giving emphasis to the commercial and agricultural purposes of vegetable species, and also gathering plants from around the world. The pioneering garden of Belém do Pará (1796) was organised by Manuel Joaquim de Sousa Ferraz, who had a medical degree from Montpellier, but based himself on the authoritative work of Vandelli and Avelar Brotero (the most distinguished professor in the field of Botany at Coimbra). Subsequently, the gardens of Rio de

do qual vieram para os outros numerosas espécies.

Ainda no domínio da implantação dos saberes, não pode deixar de ser mencionada a criação da Academia Militar na corte do Rio de Janeiro assim como a Academia dos Guardas Marinhas, ambas em 1810. A finalidade da sua criação, expressa nos *currícula* de uma e outra, ultrapassava os objectivos puramente militares, pois, destinando-se à formação de “hábéis oficiais de Artilharia, Engenharia, e ainda mesmo de oficiais da classe de engenheiros, geógrafos e topógrafos”, pressupunha que eles se encarregassem também de tarefas respeitantes a minas, caminhos, portos, canais, pontes, fontes e calçadas. Dos sete anos do curso da Academia Militar, quatro eram ocupados com o estudo das ciências exactas (Matemáticas) e das ciências de observação (Física, Química, Mineralogia, Metalurgia e História Natural) – um programa declaradamente universitário. A rica biblioteca da Academia dos Guardas Marinhas – que servia ambas as instituições – continha títulos que englobavam Ciências Naturais, Ciências Matemáticas puras e mistas, Ciências e Artes Navais (o núcleo mais numeroso com 200 obras), Ciências e Artes Militares da Terra; e finalmente 138 obras sobre assuntos diversos (obras gerais, histórias navais, relatos de viagens...) constituindo um apartado que o catálogo denomina Polimatia. No seu conjunto, uma bibliografia com uma razoável actualização para a sua época, maioritariamente constituída por obras estrangeiras, sobretudo em língua francesa.

Lugar de implantação dos saberes, o ultramar português é também, neste período, objecto de estudo ou de conhecimento exótico, lugar físico da “viagem filosófica” que era, antes de mais, uma atitude mental, uma curiosidade, tornada agora sistemática e científica, acerca das realidades da Natureza e, ao mesmo tempo, um meio de implantação ou de afirmação de posse e de domínio. Esta empresa – paralela, em muitos aspectos, com o reconhecimento e a reorganização administrativa do espaço continental – teve como protagonistas um grupo de indivíduos que se foi formando paulatinamente, fruto das transformações relacionadas com as reformas educacionais e pedagógicas deste final de século: a institucionalização da orgânica militar e a reforma da Universidade de Coimbra. Poder-se-á dizer que, seguindo depois vias diversas, eles tinham feito a primeira educação do seu olhar nas aulas coimbrãs. É, a este respeito, eloquente o testemunho do pernambucano Manuel Arruda da Câmara, na dedicatória da sua *Memória sobre a cultura dos algodoeiros*: “Tendo ouvido na Universidade de Coimbra os Mestres comuns da Nação, e na de Montpellier os dois Sabios assaz conhecidos na Republica Litteraria [...] me recolhi ao meu lar, ardendo nos desejos de ser útil à minha Nação pelos conhecimentos que havia adquirido nas Ciências Naturais”.

É, com efeito, o já mencionado Domingos Vandelli, que, ao elaborar o “Rol dos instrumentos, Drogas,

Janeiro (1810) and Pernambuco (1811) were created on similar models. The garden of Cayenne in Guiana (a city occupied by the Portuguese between 1809 and 1817), from where several species were sent to the other gardens, also deserves mention.

The establishment of the Military Academy and the Naval Academy at Rio de Janeiro in 1810 should also be mentioned. As their curricula show, the purpose behind their creation went beyond a strictly military programme, and aimed at training “skilled officers in Artillery, Engineering and also officers in the category of engineers, geographers and topographers”, who would be responsible for the tasks that concerned mines, roads, harbours, canals, bridges, fountains and pavements. Four of the seven years that were required for the completion of the degree at the Military Academy involved the study of the exact sciences (Mathematics) and observation sciences (Physics, Chemistry, Mineralogy, Metallurgy and Natural History) – clearly a university programme. The rich library of the Naval Academy, which served both institutions, had works on the natural sciences, pure and applied mathematics, naval arts and sciences (the largest collection, with two hundred works), military arts and sciences and, finally, in a section entitled Polymathy, one hundred and thirty-eight works on assorted topics (general works, naval histories and travel narratives, among others). On the whole, it contained reasonably up-to-date bibliographical collections composed mostly of foreign books, particularly in French.

During this period, the Portuguese colonies were not only places where knowledge production structures were established, but also objects of study and exotic learning, the physical terrain for the “philosophical voyages”, which began as an intellectual approach, spurred by curiosity, but now became a systematic and scientific endeavour to discover the truths of Nature. At the same time, they were also a means of claiming possession and control of the territory. The protagonists of this enterprise – which, in many aspects, was parallel to the administrative reorganisation of the continental territory – were a group of individuals who gradually came together as a result of the transformations effected by the educational and pedagogical reforms that marked the end of the 18th century – specifically, the institutionalisation of military organisation and the reform of the University of Coimbra. Though they later followed different paths, it may be said that the first stage of their education had taken place at Coimbra. The testimony of Manuel Arruda da Câmara, from Pernambuco, is quite eloquent in this respect. In the dedication of his work, *Memória sobre a cultura dos algodoeiros*, he stated: “Having heard the common Masters of the Nation at the University of Coimbra, and two well-known Savants from the Republic of Literature at the University of Montpellier [...], I returned home burning with the desire to be useful to my Nation by using the knowledge I had acquired in the Natural Sciences”.



e mais utensílios pertencentes a Historia Natural, Physica, e Chimica que são indispensáveis a hum naturalista que viaja” (1778) nos entreabre a dimensão das incumbências que eram atribuídas a estes cientistas viajantes, de observação, colecção, acondicionamento e conservação, etiquetagem, registo memorial e gráfico; impedido “pelo continuo trabalho da Universidade” de redigir, no mesmo ano, as instruções para os viajantes naturalistas, fê-lo-á no ano seguinte, aprontando um texto que intitulou *Viagens filosóficas, ou Dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar*. É, portanto, sob a orientação científica directa deste professor que estas expedições se farão.

É notável a galeria destes viajantes naturalistas, comissionados oficialmente ou agindo por iniciativa própria, como o Doutor Joaquim Veloso de Miranda, professor substituto de Química e História Natural, o qual, ao solicitar licença para se deslocar a Minas Gerais, sua terra natal, declara querer mostrar-se útil à sua Faculdade de Filosofia, “remetendo várias e escolhidas mostras de produtos naturais até agora pouco conhecidos [...] e fazendo todas as averiguações possíveis [...] para o progresso destes conhecimentos”.

Alexandre Rodrigues Ferreira, natural da Baía, doutor em Filosofia por Coimbra, explora a bacia amazónica de 1783 a 1793, numa viagem que coincide, no tempo e no espaço, com a expedição de

In the text entitled “List of instruments, Drugs and other tools related to Natural History, Physics and Chemistry which are essential to a travelling naturalist” (1778), Domenico Vandelli gives us an indication of the wide-ranging tasks that these travelling scientists carried out, involving observation, collection, accommodation and conservation, labelling and keeping written and graphic records. Prevented from writing down the instructions for the benefit of the travelling naturalists in the same year “due to the continuous work at the University”, Vandelli did so in the following year, in a text entitled *Philosophical voyages or Dissertation on the important rules that a naturalist philosopher should mainly observe in his journeys*. From then on, such expeditions took place under the direct scientific guidance of this professor.

There was a remarkable group of travelling naturalists who were either officially commissioned or acted on their own initiative, such as Joaquim Veloso de Miranda, a Chemistry and Natural History substitute professor. In his request for permission to travel to his homeland, Minas Gerais, he declared his intention to be of service to the Faculty of Philosophy by “dispatching several select samples of natural products little known until now [...] and making all possible inquiries [...] to advance such knowledge”.

Alexandre Rodrigues Ferreira, born in Bahia and with a doctorate in Philosophy from Coimbra, explored the Amazon basin from 1783 to 1793. His voyage coincided, both in time and space, with the

demarcação da capitania do Rio Negro; ao mesmo tempo, Manuel Galvão da Silva – também baiano e tendo frequentado Filosofia – viaja, com o mesmo intento, para Moçambique, depois de ter passado por Goa; a José da Silva Feijó e Joaquim José da Silva, ambos cariocas, foi confiado o encargo de conduzir expedições com idênticas finalidades em Cabo Verde e Angola, respectivamente. O exemplo mais abrangente será, talvez, o de Francisco José de Lacerda e Almeida, doutorado em Matemática por Coimbra, em 1777: membro da comissão de demarcações de limites das fronteiras do Norte do Brasil e, nessa qualidade (em companhia de Antônio Pires da Silva Pontes, natural de Mariana – e também doutor em Matemática por Coimbra – 1777), procedendo a cuidadosas observações geodésicas, fez numerosas explorações na colônia; veio para a metrópole para exercer o magistério na Real Academia das Guardas Marinhas; terminou o seu percurso em África, na tentativa da travessia do continente, de Moçambique à contracosta de Angola. Morreu nessa expedição, iniciada em Tete, a 30 de Junho de 1798 – a 870 quilómetros (em linha recta) do ponto de partida – vítima de impaludismo.

Um dos mais importantes retornos desta empresa de exploração é um assinalável conjunto de relatos escritos – diários, memórias, notícias esparsas – que não só aproveitavam ao imediato conhecimento dos territórios e às finalidades políticas das expedições, mas que, sobretudo, constituíam um acervo científico desde então disponível. E abria-se um amplo espaço para a aquisição de espécimes de que viriam a beneficiar principalmente o Jardim Botânico e o Museu de História Natural de Coimbra.

O impulso inicial destas viagens é retomado no início do século seguinte: em 1 de Abril de 1801 uma carta régia encarrega o Conselho da Faculdade de Filosofia de estabelecer os “planos de viagens e expedições philosophicas pelas diversas provincias do reino [...] e nas possessões ultramarinas”, determinação reiterada em 1806, instando para que, “sem demora”, se lhes desse início. Chegou mesmo a ser designado o Doutor Luís Antônio da Costa Barradas “para se dirigir ao Brazil, à provincia de Pernambuco, com o fim de colligir productos e plantas com as competentes descrições, e fazer remessas dessas collecções para a Universidade”; e em Congregação de 14 de Janeiro de 1807 tomou-se a resolução de, “sem perda de tempo” se “fazer uma collecção de todos os productos do reino e colonias”. O período de turbulência que se seguiu (invasões napoleónicas, instabilidade política, revolução liberal e guerra civil) impediu a concretização deste projecto, que, contudo, será retomado em 1840.

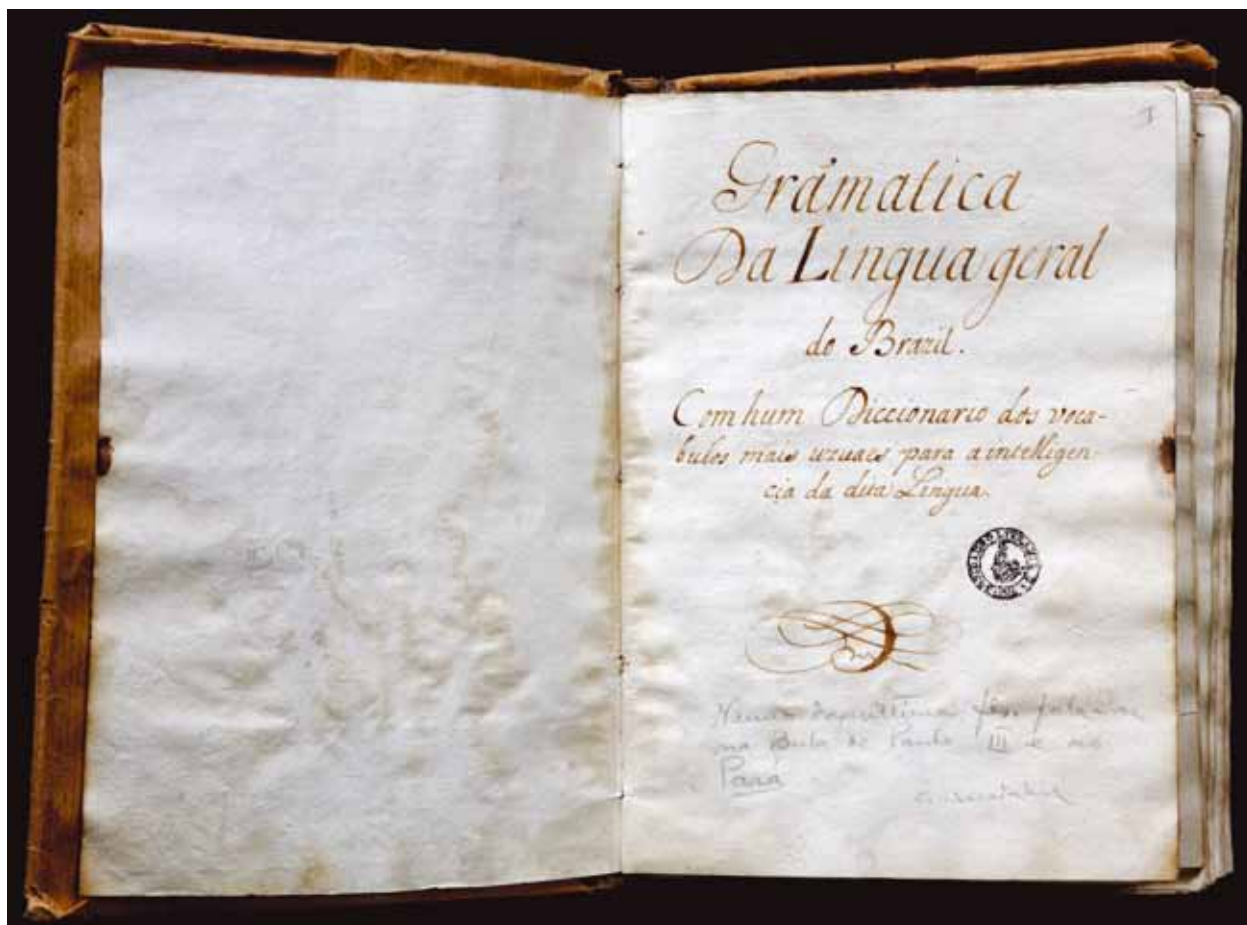
Será precisamente a instalação da corte e do governo no Brasil – porventura o único meio eficaz para obstar à intenção dominadora de Napoleão – o factor que irá dar uma maior força à ideia de uma única elite luso-brasileira e, simultaneamente,

expedition of demarcation of the captaincy of Rio Negro. Simultaneously, Manuel Galvão da Silva, who was also born in Bahia and had studied Philosophy, travelled to Mozambique, after a stay in Goa, with the same purpose in mind. José da Silva Feijó and Joaquim José da Silva, both from Rio de Janeiro, were entrusted with similar expeditions to Cape Verde and Angola, respectively. The most remarkable example is perhaps that of Francisco José de Lacerda e Almeida, who received a doctorate in Mathematics from Coimbra in 1777. He was a member of the commission for the demarcation of boundaries in the north of Brazil, and in this capacity he conducted numerous explorations and thorough geodesic observations in the colony in the company of Antônio Pires da Silva Pontes, a native of Mariana (Brazil) and also a doctor in Mathematics from Coimbra (1777). Almeida then came to Portugal to teach at the Royal Naval Academy, and died in Africa while attempting to cross the continent from Mozambique to Angola. He started his expedition in Tete, on 30 June 1798, and died of malaria at 870 kilometres (in a straight line) from the point of departure.

One of the most important outcomes of such missions of exploration was a remarkable collection of written documents (diaries, memoirs and scattered news), which were not only immediately useful for a better knowledge of the territories and the political purposes of the expeditions, but particularly because they constituted a scientific collection that was made available from then on. They opened the way for the acquisition of specimens that enriched in particular the Botanical Garden and the Museum of Natural History at Coimbra.

The initial impetus behind these voyages was taken up again at the beginning of the following century. On 1 April 1801, a royal letter entrusted the Council of the Faculty of Philosophy with establishing the “plans for the philosophical travels and expeditions across the different regions of the kingdom [...] and the overseas colonies”. This decision was reinforced in 1806, when instructions were given to speed things up “without further ado”. Doctor Luís Antônio da Costa Barradas was even designated “to go to Brazil, to the province of Pernambuco, with the purpose of collecting products and plants bearing the appropriate descriptions and provide for shipments of the same collections to the University”. On 14 January 1807, a resolution was made at a meeting to “collect all the products of the kingdom and colonies” “without wasting time”. The turbulent period that followed (Napoleonic invasions, political instability, liberal revolution and civil war) prevented this project from being accomplished, and it was only taken up again in 1840.

The establishment of the Portuguese court and government in Brazil – perhaps the only effectual means of thwarting Napoleon’s intents to control



agudizar ambiguidade de uma colônia dependente dos interesses da metrópole – e a obrigatoriedade de aqui vir buscar a qualificação proporcionada pelos estudos superiores era um dos sinais mais evidentes dessa dependência – que era, a partir de então, sede do poder e cabeça do império. Essa ambiguidade originara já descontentamento e revolta: a Inconfidência Mineira (1789) – malograda conspiração autonomista de intelectuais que tinha como um dos elementos catalisadores a instalação de uma universidade em Minas Gerais, é interpretada pelo governador, Visconde de Barbacena (ele próprio formado em Filosofia por Coimbra) como inspirada por antigos estudantes de Coimbra: “seja certo ou não o ajuste dos estudantes [...], sempre nesta matéria achei muito arriscados os sentimentos, opiniões e influências dos bacharéis brasileiros que têm voltado à sua pátria, especialmente depois que se julgam instruídos nos direitos públicos e das gentes, nos interesses da Europa e no conhecimento das produções da natureza”.

A ambiguidade tornou-se contradição quando as Cortes – o parlamento constituinte resultante da Revolução Liberal de 1820 – exigiram que o príncipe herdeiro abandonasse o Brasil e que na colônia se desmantelasse o aparelho governativo que aí se instalara, replicando o de Lisboa: deixaria de

the country –strengthened the idea of a single Luso-Brazilian elite. Simultaneously, it sharpened the sense of ambiguity of a colony that was dependent on the interests of the mother country, though it had become the seat of power and head of the empire. One of the clearest signs of such dependence was the fact that university degrees could only be granted in Portugal. This ambiguity had already raised discontent and led to an uprising, the Minas Conspiracy (1789). This was an unsuccessful independence movement led by a group of intellectuals who, among other plans, wanted to establish a university in Minas Gerais. According to the governor, Viscount of Barbacena (himself a Philosophy graduate from Coimbra), the movement had been inspired by former Coimbra students: “regardless of whether the students are right [...], in such matters I have always found the feelings, opinions and influence of the Brazilian bachelors who have returned to their homeland dangerous, especially when they think of themselves as educated in terms of public rights and the rights of the people, the interests of Europe and knowledge of nature and its workings”.

The ambiguity became a contradiction when the Courts – the constituent parliament that resulted from the 1820 Liberal Revolution – demanded that the

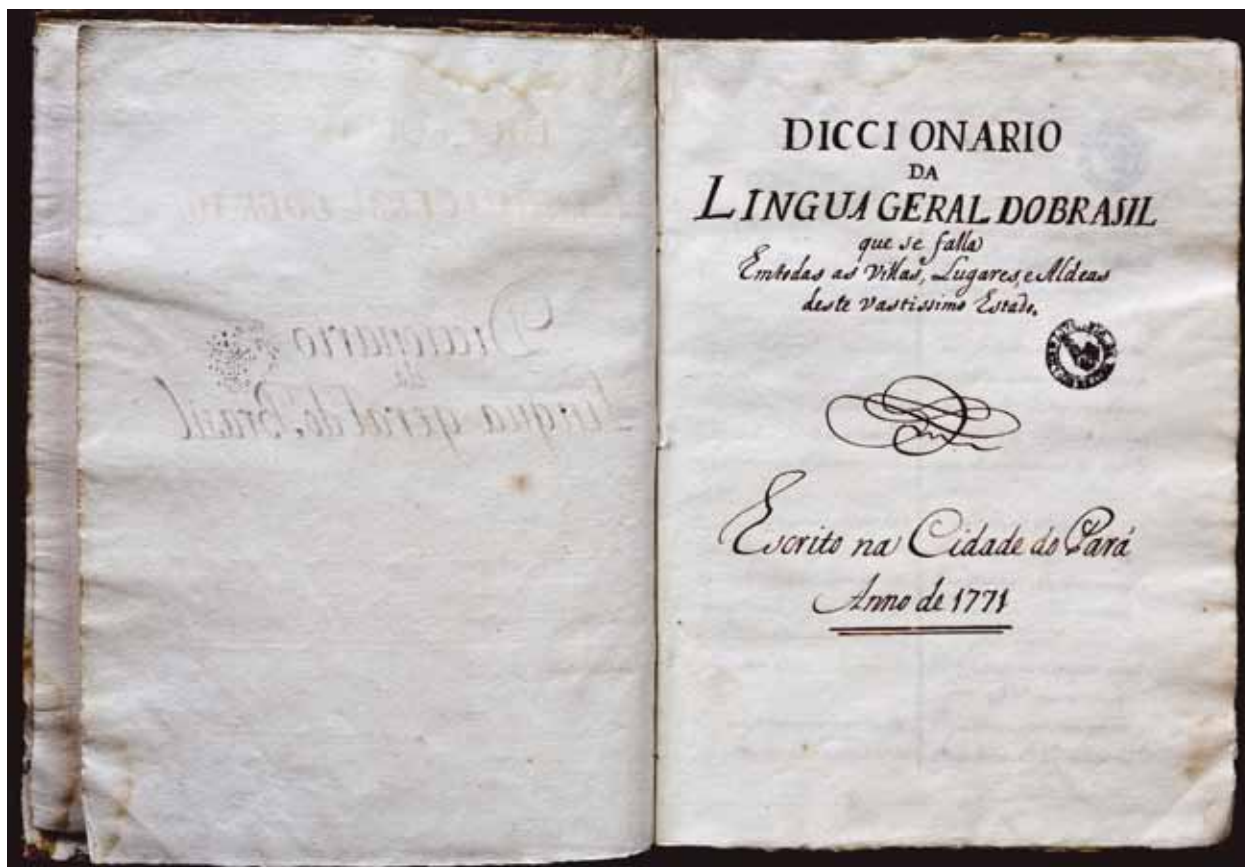
existir o reino unido de Portugal e do Brasil (que vigorava desde 1815) para se voltar à política de dependência colonial. A oposição principal a este intento – expressa em vigoroso manifesto – vem de um homem que em si sintetizava uma pluralidade exemplar de matrizes científicas e culturais e uma variada experiência de vida, José Bonifácio de Andrada e Silva: natural de S. Paulo, formase em Coimbra em Leis, obtendo também o grau de bacharel em Filosofia (1787), candidata-se à magistratura e é sócio da Academia das Ciências de Lisboa, faz um largo périplo científico pela Europa (França, Alemanha, Itália, Suécia, Bélgica, Holanda, Hungria, Boémia, Turquia) sob patrocínio régio e com a finalidade de adquirir “os conhecimentos mais perfeitos da Mineralogia e mais partes da Filosofia e da História Natural”, privando com mestres, escrevendo memórias, visitando sítios naturais e minas, relacionando-se com sociedades científicas; no regresso cria, em Coimbra, a cadeira de Metalurgia e exerce um sem-número de cargos (chegou a exercer simultaneamente onze, dos quais apenas três remunerados), onde conjugava as duas vertentes – jurídica e naturalística – da sua formação; foi tenente-coronel do primeiro batalhão acadêmico, em 1809; regressa ao Brasil em 1819, onde irá desempenhar uma missão política de primordial importância no processo de independência.

Exemplo ímpar do papel que uma elite letrada, naturalmente vocacionada para o exercício de funções administrativas e judiciais, a diversos níveis da escala do poder, assume em momentos cruciais, José Bonifácio não é o único. Outras trajetórias individuais – tais como a dos irmãos de José Bonifácio, Antônio Carlos e Martim Francisco, a do seu sobrinho José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, as de José Feliciano Fernandes Pinheiro e de José Correia Pacheco e Silva ou a dos também irmãos José e Baltazar da Silva Lisboa, a de Hipólito José da Costa Pereira, para apenas citar algumas das mais importantes – apresentam traços comuns, que não apenas a sua formação universitária em Coimbra. Mas esta existe sempre e terá constituído a base e o alicerce de desenvolvimentos culturais posteriores, com influência inegável nos destinos individuais destes e doutros estudantes e na sua acção política que se exerce, no que toca a estes nascidos no Brasil, tanto nas Cortes constituintes, em Lisboa (1820-1822), como no processo de independência da sua pátria natal. Perante a acção dos brasileiros graduados por Coimbra, alguns deles marcando decisivamente o período e o processo que conduzem à emancipação do Brasil, poder-se-ia afirmar que eles terão contribuído, pela sua competência científica específica nos domínios das ciências naturais, para a tomada de consciência do corpo físico da grande colónia, dos seus contornos e das suas potencialidades, ponto de partida e alicerce de uma consciência social e moral que progressivamente se vai alargando a todo esse vasto corpo. Dessa consciência social e moral fazia parte integrante

crown prince leave Brazil and that the governmental apparatus that had been established in the colony, as a replica of the one in Lisbon, be dismantled. The United Kingdom of Portugal and Brazil (created in 1815) ceased to exist, and the policy of colonial dependence was re-established. The strongest opposition to such a plan was expressed in the powerful manifesto written by José Bonifácio de Andrada e Silva, a man shaped by a plurality of scientific and cultural influences and a broad life experience. He was born in S. Paulo, graduated in Law from Coimbra and also completed a bachelor's degree in Philosophy (1787); he took the examination for the magistracy and was a member of the Science Academy of Lisbon; he made a long tour of Europe (France, Germany, Italy, Sweden, Belgium, the Netherlands, Hungary, Bohemia and Turkey), which was sponsored by the king, to acquire “the most advanced knowledge in Mineralogy and learn more of Philosophy and Natural History”. This allowed him to become acquainted with many scholars, visit natural sites and mines and interact with different scientific societies. Upon his return, he established the subject of Metallurgy at Coimbra, and held many official positions (at one point, eleven at the same time, only three of which were paid), which allowed him to combine the two sides of his training, in Law and Natural Philosophy. In 1809, he was also the lieutenant colonel of the first academic battalion. He returned to Brazil in 1819, where he took part in a political mission of extreme importance for the independence of the Portuguese colony.

Though José Bonifácio is an unparalleled example of the role played at crucial moments by a learned elite with a natural calling for administrative and legal work at different levels in the hierarchy of power, he is not the only one. Similar traits appear in the trajectories of a number of individuals, such as his brothers Antônio Carlos and Martim Francisco, his nephew José Ricardo da Costa Aguiar de Andrada, José Feliciano Fernandes Pinheiro, José Correia Pacheco e Silva, the brothers José and Baltazar da Silva Lisboa, and Hipólito José da Costa Pereira. Among the aspects that they share, their university education at Coimbra laid the basis for subsequent cultural and political developments – namely the role they played in the constituent Courts in Lisbon (1820-1822) and in the process of independence of their homeland – and had an undeniable influence on their individual destinies as well as on the destinies of others.

Some of the Brazilians who graduated from Coimbra played a decisive role in the process that led to the emancipation of Brazil, and thus left a mark on that period. In fact, it may be said that, due to their specific training in the natural sciences, their work contributed to the awareness of the immensity of the great colony, its contours and potentialities. This was the starting point and the foundation for a social and moral awareness that progressively spread to the entire territory. The project of establishing higher education institutions was an integral part of such a social



o projecto de instauração do ensino superior. Em 1821, José Bonifácio, o seu irmão Martim Francisco e outro graduado de Coimbra, João Ferreira de Oliveira Bueno, assinam as “Instruções do Governo Provisório de S. Paulo aos deputados da Província às Cortes Portuguesas”. Nelas se estabelece um plano de implantação do ensino no Brasil: escolas para as primeiras letras em todas as cidades, vilas e freguesias consideráveis; “um gymnasio ou collegio em que se ensinem as sciencias úteis”, em cada província; uma universidade (pelo menos) com uma faculdade filosófica (“composta de três collegios: 1º - de sciencias naturaes, 2º - de mathematicas puras e applicadas, 3º - de philosophia especulativa e boas artes), assim como faculdades de medicina, de jurisprudência e “de economia, fazenda e governo”.

Após a independência manteve-se, a par da continuidade da afluência de estudantes brasileiros em níveis elevados, o dinamismo dos graduados de Coimbra. Apenas dois exemplos: na organização do primeiro curso jurídico em S. Paulo, criado segundo o modelo coimbrão, tal como o de Olinda, pela lei de 11 de Agosto de 1827, quando a Secretaria de Negócios do Império era ocupada pelo já mencionado José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, teve papel preponderante um outro graduado em Direito por Coimbra, José Arouche de Toledo Rendon, o primeiro que o dirigiu, um advogado que se dedicou depois à carreira das

and moral awareness. In 1821, José Bonifácio, his brother Martim Francisco, and João Ferreira de Oliveira Bueno (also a graduate from Coimbra) signed the “Instructions of the Provisional Government of S. Paulo to the deputies of the Province at the Portuguese Courts”, which laid out a plan for the establishment of a system of education in Brazil: elementary schools in all significant cities, villages and parishes; “a gymnasium or college where all useful sciences are taught” in each province; (at least) a university with a faculty of Philosophy (“comprising three colleges: 1. Natural Sciences; 2. Pure and Applied Mathematics; 3. Speculative Philosophy and Fine Arts”), as well as faculties of Medicine, Jurisprudence and “Economics, Finance and Government”.

After independence, Coimbra graduates continued to play a dynamic role in the new country. For example, José Arouche de Toledo Rendon, a Law graduate from Coimbra, played a crucial role in the establishment of the first Law degree in S. Paulo, which was officially created on 11 August 1827, in a period when the above-mentioned José Feliciano Fernandes Pinheiro, Viscount of S. Leopoldo, was the Secretary of Affairs of the Empire. Like the degree created at Olinda by the same law, the S. Paulo degree was based upon the Coimbra model. The first to ever direct the legal course, Rendon was a lawyer but later entered a military career and participated actively in politics. Another example is provided by the creation of the Brazilian Historical

armas e participou activamente na vida política; mais tarde, em 1838, o elenco dos 27 fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro conta com cerca de um terço de nascidos em Portugal (tendo-se deslocado, eles ou os seus parentes, para o Brasil com a família real): 16 haviam feito a sua formação académica na antiga metrópole, 12 deles na Universidade de Coimbra.

Era, assim, notória a continuidade da matriz formativa da Universidade reformada a par de outras instituições de ensino que bebiam da mesma inspiração. Deste modo se explica que a primeira grande leitura da história do Brasil, a *História Geral do Brasil* (1854-1857) de Francisco Adolfo Varnhagen – um engenheiro que passara pelo Colégio da Luz, pela Academia Real da Marinha e a Academia Real de Fortificação, depois pela Academia das Ciências, e que privara com românticos portugueses como Herculano e Garrett – transmitisse a imagem de uma nação civilizada do Novo Mundo, moldada pela colonização portuguesa, esta consequentemente encarada como “tarefa civilizadora”. Não é inocente esta perspectiva, que contradizia uma outra enraizando no nativismo, mas ela dá conta da força de que então ainda gozava uma liderança intelectual e política que bebera em fontes do outro lado do Atlântico, com um claro predomínio da metrópole portuguesa e da Universidade de Coimbra.

A força da liberdade

Atentos à trajectória do Brasil colónia para o Brasil nação independente que se esboçou a traços largos, não podemos esquecer que na Universidade se reflectiu a conjuntura turbulenta das três primeiras décadas do século XIX. Desde logo as invasões francesas (1807-1811) que obrigaram à interrupção das aulas (1810-1811). Na resistência à primeira invasão teve o corpo universitário papel de relevo: organizou-se um batalhão académico – formado por lentes, opositores e estudantes – que obteve importantes sucessos contra as tropas francesas de Junot; o vice-reitor Manuel Pais de Aragão Trigoso foi governador de Coimbra, incentivando os seus cidadãos à luta contra o invasor; o lente de Química, Tomé Rodrigues Sobral, coadjuvado por outros colegas e por estudantes, fabricava pólvora no Laboratório Químico. Mais tarde (1826), e em apoio ao ideário liberal, são os estudantes que espontaneamente se organizam em novo batalhão, atitude que repetem em 1828, tempo de revolta malograda contra o absolutismo de D. Miguel e prenúncio da guerra civil.

Terá sido este período em que se estreitava a oposição entre facções – absolutistas e liberais – aquele em que, com mais nitidez, o corpo estudantil assume consciência política. Estudantes como Almeida Garrett, o poeta romântico que cursava ainda em Coimbra quando se deu a Revolução Liberal (1820) – de que foi paladino e depois colaborador activo – ou graduados com um contributo incontornável para a nova ordem finalmente

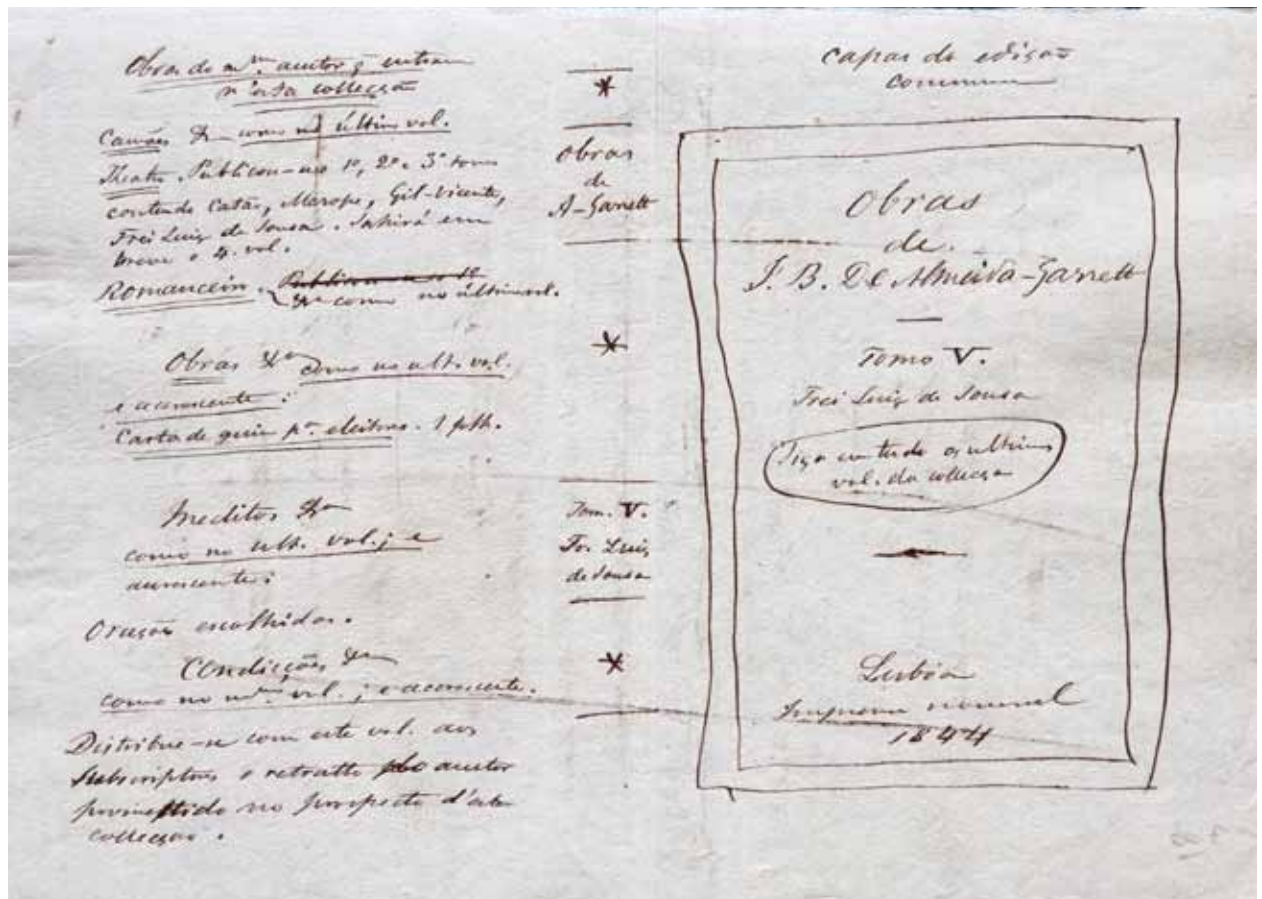
and Geographical Institute in 1838. Approximately a third of its twenty-seven founding members had been born in Portugal (they or their parents had moved to Brazil with the royal family), and of the sixteen that had completed their academic education there, twelve had done so at the University of Coimbra.

Therefore, the continuity of the educational model of the reformed university, as that of other institutions that had the same source of inspiration, was visible. This explains why the first major history of Brazil, the *História Geral do Brasil* (1854-1857) by Francisco Adolfo Varnhagen, conveyed the image of a civilised nation in the New World, shaped by Portuguese colonisation, which was seen as a “civilising mission”. Francisco Adolfo Varnhagen was an engineer that had attended the Military College of Luz, the Royal Navy Academy and the Royal Academy of Artillery, Fortification and Design. He was a member of the Academy of Sciences, and was acquainted with Portuguese Romantic writers such as Herculano de Carvalho and Almeida Garrett. His point of view on the civilising mission of colonisation was not naïve, and it contradicted a different perspective which had its roots in nativism. However, it showed the strength of an intellectual and political leadership that was influenced by European sources, and particularly by Portugal and the University of Coimbra.

The Power of Freedom

Bearing in mind the trajectory that led the colony of Brazil to become an independent nation – briefly described above – it cannot be overlooked that the University was also affected by the tumultuous conjuncture of the first three decades of the 19th century. To begin with, there were the French invasions (1807-1811), which led to the interruption of classes (1810-1811). The university body played an important role in resisting the first invasion: an academic battalion comprising professors, opponents and students was organised and achieved significant victories against Junot’s French troops; the vice-rector, Manuel Pais de Aragão Trigoso, became governor of Coimbra and encouraged the citizens to fight against the invaders; and Tomé Rodrigues Sobral, a professor of Chemistry, produced gunpowder in the Chemistry Laboratory with the help of other colleagues and students. Later on (1826), it was the students’ turn to spontaneously organise themselves into a new battalion in support of liberalism. They did the same in 1828, a date that marked an unsuccessful uprising against the absolutism of King Miguel and foretold the coming of the civil war.

It was probably in this period of more intense opposition between absolutists and liberals that the students assumed a political conscience. Among those who asked the legislative Courts in 1823 for “permission to take up arms against the enemies of freedom”, were students who would become prominent, such as Almeida Garrett. A romantic poet, he was still doing his studies at Coimbra



vitoriosa em 1834, como Joaquim António de Aguiar, que fora colegial de S. Pedro e lente de Direito Pátrio, e José Xavier Mouzinho da Silveira (este segundo, depois de formado em Leis, uma carreira na advocacia e depois na administração), serão apenas os exemplos mais notáveis daqueles que em 1823 pediam às Cortes legislativas “licença para se armarem contra os inimigos da liberdade”.

A Universidade não deixou de sentir a crítica que lhe advinha de ser uma instituição secular, instrumento de um poder absoluto que agora era contestado e sendo financiada por um regime senhorial que se desmantelava nos seus principais fundamentos. Fora, além disso, nos últimos anos (a partir de 1794), o organismo que superintendia nos níveis inferiores do ensino: a Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino tinha a sua sede em Coimbra, sendo o seu presidente o Reitor e os seus deputados e secretário membros do corpo docente, o que, num contexto em que proliferavam as propostas de reforma educativa, a tornava alvo de contestação. Em causa estavam sobretudo as faculdades chamadas positivas – Direito e Teologia, cujos professores efectivamente seguiam em geral posições mais conservadoras – e opiniões mais radicais propunham não apenas a sua remodelação mas a sua extinção. A Universidade de Coimbra, porém, irá subsistir e os estudos de Direito continuarão a ser maioritários: o modelo da reforma de 1772 criara um alicerce sólido que permanecerá até ao século XX.

when the Liberal Revolution took place (1820), and became a supporter and later an active collaborator of the liberal cause. Other examples include graduates such as Joaquim António de Aguiar –who had studied at the College of S. Pedro and had been professor of Law – and José Xavier Mouzinho da Silveira, a Law graduate who became a lawyer and later worked in administration. Both made an undeniable contribution to the new order that finally became victorious in 1834.

The University did not escape criticism, for it was a secular institution and an instrument of an absolute power that was being contested at that time. Moreover, it was financed by a seigniorial regime whose main foundations were being dismantled. In addition, from 1794 onwards, it was the body that supervised the lower levels of education: the Board of the Directorate General of Studies and Schools of the Realm had its headquarters located in Coimbra, and its president was the rector and the deputies and secretary were members of the faculty. In a context of turmoil about educational reform, this made it a target for criticism. The so-called positive faculties – Law and Theology, whose professors generally adopted more conservative positions – were particularly at stake, and more radical opinions defended not just their remodelling but their extinction. Nevertheless, the University of Coimbra held out, and the study of Law preserved its supremacy, since the model of the 1772 reform had established a solid foundation that remained in place until the 20th century.

Das Repúblicas à República (1834-1926)

From Repúblicas to the Republic (1834-1926)

A Universidade no período liberal

O nascimento do Portugal contemporâneo processa-se com a gradual agonia do absolutismo – acelerada, nomeadamente, com a irradiação europeia da ideologia revolucionária francesa, com as invasões francesas (1807-10) e com a progressiva independência do Brasil (1808-22) –, substituído, de forma irreversível, em 1834, por um liberalismo conservador. A Universidade de Coimbra situou-se, não sem resistências, a montante e a jusante do esforço de erradicação dos traços característicos da sociedade de Antigo Regime. A transformação do ordenamento jurídico do país foi obra de juristas formados em Coimbra (José Mouzinho da Silveira e Joaquim António de Aguiar). Por outro lado, pese embora a conservação de boa parte da estrutura pombalina, o quadro legal liberal não deixou de se repercutir nesta instituição, a qual urgia mobilizar para a edificação de um novo Estado e de uma nova ordem social, económica e cultural.

A extinção dos colégios no seguimento da abolição das ordens religiosas (1834), a supressão das prerrogativas universitárias (eliminação do foro académico, em 1834; incorporação da Fazenda da Universidade no Estado, em 1835), a criação da Faculdade de Direito (1836) como resultado da fusão das Faculdades de Leis e de Cânones, bem como a nomeação, em 1840, do primeiro reitor leigo desde 1537 constituíram reflexos do sistema político vitorioso.

Por outro lado, a Universidade actuou como motor da consolidação doutrinária do projecto liberal e participou na formação dos agentes para a sua concretização. Na filosofia jurídica do liberalismo português sobressai a influência do professor Vicente Ferrer de Neto Paiva, principal impulsor do movimento kantiano-krausista português que arranca na novel Faculdade de Direito em 1843, substituindo o jusnaturalismo wolffiano e escolástico. Nesta mesma faculdade cresceram as disciplinas direccionadas para a formação política e, principalmente, para a preparação jurídica requerida pela sociedade que se estava a estruturar. A sùmula jurídica que legitimou a nova ordem burguesa e se manteve válida durante um século – o primeiro Código Civil português, aprovado em 1867 e cujo original se conserva no Arquivo da Universidade – foi

The University in the Liberal Period

Contemporary Portugal emerged as the gradual agony of absolutism – hastened by the spreading of the French revolutionary ideology throughout Europe, by the Napoleonic wars (1807-10) and the gradual independence of Brazil (1808-22) – was irreversibly replaced by a conservative liberalism in 1834.

The University of Coimbra played a part (though not without resistance) in efforts to eradicate the features of the *ancien régime*, both upstream and downstream. The transformation of the Portuguese legal system was the work of jurists educated at Coimbra (José Mouzinho da Silveira e Joaquim António de Aguiar). Moreover, although preserving the major part of the Pombaline structure, the new liberal legal framework had an impact on this institution, which it was urgent to mobilise for the construction of a new State and a new social, economic and cultural order.

The extinction of the colleges following the dissolution of the religious orders (1834), the suppression of university privileges (such as the elimination of academic jurisdiction in 1834, and the incorporation of the University Treasury into the State in 1835), the foundation of the new Faculty of Law (1836) as a result of the merging of the Faculties of Civil Law and Canon Law, as well as the appointment, in 1840, of the first lay rector since 1537, were consequences of the victorious political system.

On the other hand, the University acted as motor for the doctrinal consolidation of the liberal project and participated in the training of the agents who were to be involved in its implementation. Professor Vicente Ferrer de Neto Paiva's influence stands out in what concerns the legal philosophy of Portuguese liberalism. He was the main promoter of the Portuguese Kantian-Krausist movement that began in the new Law Faculty in 1843, substituting Wolffian and Scholastic jusnaturalism. The same faculty introduced courses aimed at political education, and especially at the legal training needed in the new society that was then taking shape. The legal framework that legitimised the new bourgeois order and that stayed in force for a century – the first Portuguese Civil Code, approved in 1867, whose original text is in the Archive of the University – was written by the rector at the



redigida pelo então reitor António Luís de Seabra e nela se acolheram as ideias filosófico-jurídicas dominantes nos primórdios da Faculdade de Direito.

A legislação liberal acarretou também consequências ao nível do património universitário. Destaca-se, neste âmbito, a refuncionalização dos edifícios dos recém-extintos colégios localizados na Rua da Sofia e na Alta da cidade, tornando-se propriedade da Universidade uma percentagem significativa destes últimos. Apesar das consideráveis perdas de espólio móvel e da descaracterização e mutilação, por vezes irreversível, dos imóveis, a Universidade não apenas passou a dispor de novas infra-estruturas que aplicaria na extensão e modernização do seu ensino, como também se tornou depositária de um valioso legado.

Entre o património móvel incorporado, sobressaem os fundos bibliográficos dos referidos colégios, então desmembrados e distribuídos pelas diferentes Faculdades, salvo a Biblioteca do Real Colégio de São Pedro [imagem 1], conservada como núcleo indivisível e ainda hoje passível de visita na Biblioteca Geral da Universidade. No que diz respeito ao património imóvel integrado na Universidade, salienta-se o modo como parte deste foi aplicado se não no cumprimento explícito da reforma pombalina, pelo menos no prolongamento do espírito iluminista que a animava.

time, António Luis de Seabra, and it contains the philosophical-legal ideas that were dominant in the early stages of the Law Faculty.

The liberal legislation also had consequences as far as the University's estate was concerned. We should highlight in this respect the adaptation to new uses of the newly extinct college buildings located at Sofia Street and uptown, a large part of which became property of the University. Despite the considerable losses in movable property and the sometimes irreversible disfigurement and destruction of its immovable property, the University not only acquired new infrastructures that would be used to extend and modernise its teaching, but also became the trustee of a valuable legacy.

Among the movable assets incorporated by the University are the bibliographic collections belonging to the aforementioned colleges. These collections were dismembered and distributed among the several Faculties, with the exception of the Library of the Royal College of St Peter, which was kept intact and can still be visited in the University General Library. In what concerns the immovable property, it should be pointed out that a part of it was put to uses that, although not explicitly fulfilling the Pombaline reform, at least extended the spirit of the Enlightenment that had inspired it.



Inscribe-se neste contexto a transferência de secções do Hospital da Universidade para os Colégios de S. Jerónimo, das Artes e das Ordens Militares, aí permanecendo (com excepção do Colégio dos Militares, demolido em 1961) até 1987, ano em que todo o complexo hospitalar se desloca para um equipamento construído de raiz, fora da Alta universitária. De modo idêntico, o Jardim Botânico (criado pela reforma pombalina), ao absorver parte do contíguo Colégio de S. Bento, foi complementado com dispositivos que potenciaram a especialização do ensino e o crescimento das componentes experimentais. A par da delimitação das suas fronteiras externas (gradeamento envolvente e portais de acesso) [imagem n.º 2] e internas (terraplanagens, lanços de escadas, gradeamento dos vários planos, construção da estufa), assistiu-se à definitiva inclusão no Jardim da cerca dos Beneditinos. No edifício colegial instalaram-se herbários, um museu botânico e uma biblioteca especializada. Nele passou também a ter lugar, desde 1873, a aula de Botânica, antes leccionada no Museu de História Natural.

A extinção dos colégios reflectiu-se, contudo, também na diminuição do alojamento proporcionado aos estudantes. Aumentou, então, quer o número de comunidades de escolares a residir em casas arrendadas, quer o de elementos que compunham cada uma. O funcionamento interno de cada

It is in this context that some units of the University Hospital were moved to S. Jerónimo College, the College of Arts and the College of the Military Orders, where they remained until 1987 (except for the College of the Military Orders, demolished in 1961), when the entire hospital was moved to a new building outside the uptown area of the university. In a similar way, the Botanical Garden (which had been created by the Pombaline reform) absorbed a part of the adjoining S. Bento College, and was thus provided with means that led to a more specialised instruction and to the development of experimentation. Together with the delimitation of its boundaries – both external (surrounding railing and gateways) and internal (ground-levelling, stairways, railing in the several levels, building of the greenhouse) – the Benedictine enclosure was definitively included in the Botanical Garden. Herbaria, a botanical museum and a specialised library were set up in the college building. Botany classes, which had been previously taught at Museum of Natural History, started being taught there in 1873.

The extinction of the colleges led to a reduction in the accommodation available to students, and as a result there was an increase in the number of student communities living in rented lodgings as well as in the number of members who made up each community. The internal functioning of each of these groups was also influenced by the new models of

agrupamento habitacional sofreu, por sua vez, a influência dos novos modelos de organização da sociedade que, pela via revolucionária ou reformista, iam transformando o panorama político da Europa. Assim, embora a existência de residências comunitárias remonte em Coimbra ao «Estudo Geral» medieval, é no século XIX que estas adoptam uma configuração próxima da actual e recebem a designação de «repúblicas» que ainda mantêm.

Casas comunitárias de estudantes ligados por laços económicos e afectivos, as repúblicas de Coimbra – de que há notícia de aproximadamente 200 fundações no decurso do tempo e de que subsistem no presente cerca de 30 – são autónomas e auto-administradas com gestão rotativa. Distingue-as uma singular forma de vida colectiva, o sentido de pertença partilhado pelos seus membros, a unidade intra e intergeracional entre repúblicos, um espírito de fraternidade que convive com uma hierarquização estatutária. Esta foi-se atenuando a partir de 1960, encurtando-se a distância simbólica e prática que separa o «caloiro», último estudante integrado, do «mor», o mais antigo e respeitado da casa.

Na sua maioria implantadas no perímetro urbano da Alta citadina, em torno da Universidade, as repúblicas – mistas há menos de 25 anos e habitadas, aproximadamente, por 6 a 12 pessoas, número a que acrescem 2 a 5 comensais (elementos que participam na vida da casa e partilham as refeições, sem pernoitar) – comportam, para além dos quartos e casas-de-banho, uma sala comum para receber visitas e passar os serões, uma biblioteca e uma cozinha onde, numa grande mesa, se fazem as refeições em comum. Ontem como hoje as casas são arrendadas a entidades particulares por um montante muito baixo e recebem um apoio da Universidade no sentido de minorar as despesas, nomeadamente as relativas à alimentação.

Não obstante a existência destes denominadores comuns e da ligação de amizade entre as várias repúblicas, formalizada em 1948 com a criação do Conselho de Repúblicas, cada uma possui os seus próprios costumes e identidade: nome, bandeira, hino, grito, rituais, sociabilidades, decoração (murais artísticos e composições *naïves*), método de repartição de tarefas, regras de adesão, definição dos estatutos dos residentes, festividades cíclicas de reunião de antigos e actuais repúblicos (anualmente, uma casa organiza um “centenário” – ou, de dez em dez anos, um «milionário» – para comemorar o dia da fundação da república). O modelo de residência subjacente a todas elas foi, porém, suficientemente estruturado e coerente para ser tomado como referência no Brasil do século XIX, aquando do retorno de estudantes daí oriundos. Embora naturalmente adaptado à realidade brasileira, é o sistema da república coimbrã que se mimetiza, em primeiro lugar em São Paulo e, depois, no decurso do século XX, em Ouro Preto.

social organisation that, either by revolutionary or reformist means, were transforming Europe’s political panorama. Thus, though the existence of community housing in Coimbra goes back to the mediaeval “General Study”, it was only in the 19th century that they took on the form that most closely resembles their present-day configuration and were named “Repúblicas”, a name that is still in use.

Coimbra’s *repúblicas*, community houses inhabited by students united by economic and affective bonds, are independent and self-run units where students take turns in management. According to the records, approximately 200 were founded over time, of which about 30 still exist. What makes them different from other forms of student housing is a distinctive way of living collectively, the sense of belonging shared by its members, the intra- and inter-generational unity among the “repúblicos” and a spirit of fraternity that coexists with statutory hierarchy. The latter has softened since 1960, thus shortening the practical and symbolic distance that separates the “caloiro”, the last student to be accepted in the house, from the “mor”, the oldest and most respected of them.

Most of the *repúblicas* are located within the urban perimeter of the uptown area, near the University. They became gender integrated less than 25 years ago, and approximately 6 to 12 people live in each of them. The *repúblicas* also usually have 2 to 5 boarders, who participate in the life of the household and share meals but don’t stay overnight. Besides the bedrooms and bathrooms, a *república* has a living room to entertain visitors and to spend the evening, a library and a kitchen with a large table where meals are eaten in common. In the past as in the present, the houses are rented from private owners for a very small amount of money, and students get financial support from the University to ease their expenses, namely with food.

Notwithstanding these common features and the ties of friendship among the different *repúblicas* (which were made official in 1948 with the creation of the Board of the Repúblicas), each house has its own identity and customs, as expressed in its name, flag, anthem, rituals, forms of conviviality, decoration (artistic murals and *naïve* compositions), chore division, admission rules, definition of the members’ status, and cyclical festivities, when former and current “repúblicos” meet (there is a “centenary” every year – or a “millenary” every 10 years – to commemorate the day the “república” was founded). However, the model underlying the *repúblicas* was sufficiently stable and coherent to be adopted in Brazil in the 19th century, when Coimbra-educated students returned to their homeland. Even though it was adapted to Brazilian circumstances, it was Coimbra’s model that was reproduced, first in São Paulo, and later, in the 20th century, in Ouro Preto (Minas Gerais).

A progressiva transformação do liberalismo conservador num demo-liberalismo de feição autoritária caracteriza o período que decorre entre 1890 e 1926. Para a mutação da cartilha liberal, a década de setenta constituiu um momento-chave e Coimbra um palco privilegiado dessa metamorfose. Com efeito, é a partir do final dos anos sessenta do século XIX – quando o desenvolvimento urbano e o crescimento da instabilidade social abrem caminho para o equacionar de sistemas político-sociais fora da esfera monárquica – que, dentro e em torno da Universidade, se afirma uma renovação intelectual, na qual conviviram o socialismo francês, os positivismos francês e inglês, o idealismo e o materialismo alemães. O aumento do ritmo da circulação das pessoas facilitava a difusão de ideias. A conjuntura externa, marcada pela revolução espanhola de 1868 e pela Comuna de Paris de 1871, ecoava no país e teve, pela mão do lente José Falcão, uma defesa imediata, editada pela Imprensa da Universidade. Hegel, Feuerbach, Comte, Michelet, Proudhon, Littré, Taine, Spencer e Büchner eram lidos, discutidos e divulgados. Assiste-se, então, ao estruturar da matriz teórica do republicanismo português, um positivismo heterodoxo que caldeou o ideário comtiano com outros movimentos filosóficos europeus. Novamente, uma das figuras axiais desta corrente encontrava-se no corpo universitário: Manuel Emídio Garcia, professor da Faculdade de Direito.

A massa estudantil não se manteve alheia ao fervilhar ideológico e filosófico que caracterizou a antecâmara do nosso republicanismo. Este pretendeu constituir, desde o começo, tanto uma alternativa de regime, como um projecto que visava modificar a ordem cultural vigente. Deste modo, as críticas ao estado da ilustração do país e ao conservadorismo da Universidade em particular, dirigidas pelos grupos discentes mais actualizados, não deixaram de assumir contornos políticos.

A significativamente designada “Questão Coimbrã” insere-se neste cenário. A controvérsia, despoletada em 1865, colocou em confronto duas posturas literárias – tradicionalismo/academismo vs literatura de actualidade/interventiva –, respectivamente agrupadas em torno de António Feliciano de Castilho e de Antero de Quental. Este, retratado por Eça de Queirós como o “príncipe da mocidade”, reunia a dissidência estudantil de Coimbra, na qual se incluía Teófilo Braga, futuro presidente do Governo Provisório constituído após a proclamação da República.

No entanto, os intentos da nova geração extravasavam em muito a perspectiva estética. A pretendida deposição do “ultra-romantismo” por um romantismo social (anunciador do realismo), correspondia, no plano político, ao minar, em nome de um ideal mítico de uma revolução prioritariamente

The years between 1890 and 1926 were characterised by the progressive transformation of conservative liberalism into an authoritarian demo-liberalism. The 1870s were a key moment for the changing of liberalism, and Coimbra played a key role in this change. Indeed, from the late 1860s onwards, there was a movement of intellectual renewal within and around the University in which French socialism, French and English positivism and German idealism and materialism coexisted. This renewal coincided with the development of cities and the growth of social instability, which paved the way for the envisioning of socio-political systems other than monarchies. The increased flow of people made the dissemination of ideas easier. Events abroad, notably the Spanish revolution of 1868 and the Paris Commune of 1871, echoed throughout the country, and Professor José Falcão immediately supported them in a work published by the University Press. Authors such as Hegel, Feuerbach, Comte, Michelet, Proudhon, Littré, Taine, Spencer and Büchner were read, debated and made widely known. The theoretical foundations of Portuguese republicanism were then laid out, and what emerged was an unorthodox positivism that mixed Comte's ideas with other European philosophical movements. Once more, one of the people who were central to this movement was among the school faculty. It was Manuel Emídio Garcia, a Law professor.

The student body also took part in the ideological and philosophical effervescence that characterised the early days of republicanism in Portugal. From the beginning, it intended to be both an alternative regime as well as a project aiming to change the established cultural order. Consequently, criticism of the country's cultural condition and in particular of the University's conservatism, made by more informed groups of students, also assumed political dimensions.

The so-called “Questão Coimbrã” (Coimbra Question) emerged in this context. Arising in 1865, the controversy brought into confrontation two literary schools – traditionalism/academism v. literature of today/engaged literature – whose central figures were, respectively, António Feliciano de Castilho and Antero de Quental. The latter, described by Eça de Queirós as the “prince of youth”, gathered Coimbra's dissident students, among whom was Teófilo Braga, future president of the Provisional Government formed after the proclamation of the Portuguese Republic.

Nevertheless, the purposes of the new generation went far beyond the aesthetic realm. The wished-for replacement of the “ultra-romantic” literary movement by a social romanticism (precursor to realism) corresponded, in the political field, to the undermining of the foundations of the monarchical-constitutional order (in the name of a mythical idea of



cultural, os alicerces da ordem monárquico-constitucional e, no plano social, ao combate, em prol da razão e da ciência, da influência do catolicismo e da Igreja, apresentados como os principais responsáveis da decadência da sociedade portuguesa. A profundidade da crítica explica o alastramento da “Questão Coimbrã”, a qual terá a sua expressão política mais empenhada na realização, já em Lisboa, das “Conferências Democráticas do Casino”, em 1871. Estas, palco de discussão das vias de “regeneração” do país, teriam consequências determinantes na dissolução do regime político vigente.

As ciências exactas, naturais e experimentais: evolução e legado patrimonial

Na Universidade, as ciências exactas, naturais e experimentais não se mantiveram à margem do ambicionado “progresso” do país. Bem pelo contrário, as Faculdades de Filosofia Natural (no futuro integrada na Faculdade de Ciências), de Medicina e de Matemática e respectivos estabelecimentos anexos manifestaram um notável desenvolvimento a partir da segunda metade do século XIX, procurando-se alinhar Coimbra pela bitola de conceituados centros científicos europeus. Deste impulso de actualização resultaram percursos científicos com impacto além-fronteiras e um legado material de instrumentos de investigação e ensino com relevância mundial.

a primarily cultural revolution), and, in the social field, to the struggle for science and reason and against the influence of Catholicism and the Catholic Church, which were blamed for the decadence of Portuguese society. The depth of this critique explains why the “Questão Coimbrã” spread to wider circles, finding its most committed political expression in the “Democratic Lectures of the Casino”, held in Lisbon in 1871. As a forum for the discussion of the paths for the country’s “regeneration”, these lectures would have decisive consequences on the dissolution of the established political regime.

The Exact, Natural and Experimental Sciences: Development and Legacy

At the University, the exact, natural and experimental sciences followed the path of “progress” that was sought after for the country. The Faculties of Natural Philosophy (which was to become part of the Faculty of Science), Medicine and Mathematics and their adjoining departments showed a remarkable development from the second half of the 19th century onwards, in an effort to make Coimbra measure up to the most respected European scientific centres. This effort resulted in scientific advances with an impact beyond Portuguese borders and a material legacy of research and teaching instruments of worldwide relevance.



No Laboratório Químico – hoje modernamente reconvertido no quadro da 1ª fase de instalação do novo Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (que englobará, a breve trecho, o edifício fronteiro do velho Museu de História Natural) – ocorreram, na segunda metade do século XIX, obras de modernização em resposta ao crescente número de estudantes e de docentes, nas quais se inscreve a construção, em 1856, na ala norte, de uma bancada em anfiteatro, de madeira, restaurada recentemente no âmbito do projecto museológico em curso. A transição da «química do fogo», própria do século XVIII, para a «química de bancada», característica do século XIX, deixou testemunhos, ainda visíveis na actualidade. Todos os laboratórios foram dotados de mobiliário adequado, bancadas de química com lavatório no topo e estantes para reagentes. As chaminés com baterias de fornos tornaram-se obsoletas e em 1877 foram substituídas por *hottes* ou nichos de evaporação para proteger os utilizadores dos vapores tóxicos.

Por seu turno, o Gabinete de História Natural pombalino (formalmente instituído como Museu dependente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade em 1991) registou um alargamento das instalações, e do seu espólio, dividido, em 1885, em quatro secções – Botânica; Mineralogia e Geologia; Zoologia e Antropologia – que ainda se mantêm. Salienta-se, no âmbito das várias colecções, o

In the second half of the 19th century, the Chemistry Laboratory was refurbished to accommodate the growing numbers of students and teachers. These works included the building, in 1856, in the north wing, of an amphitheatre with wooden stalls which has recently been restored as part of the ongoing project of the new Science Museum of the university. Evidence of the transition from 18th century “fire chemistry” to 19th century “bench chemistry” can still be seen today. All the laboratories were provided with appropriate furniture, including chemistry benches equipped with a sink and stands for reagents. Chimneys with batteries of ovens became obsolete and were replaced in 1877 by *hottes* or evaporation niches to protect users from toxic fumes.

In the same period, the premises and collections of the Natural History Unit created by Pombal’s reform (which officially became a museum of the Faculty of Science and Technology in 1991) were enlarged, and in 1885 its collections were divided into four sections which still exist today: Botany, Mineralogy and Geology, Zoology and Anthropology. Within the several collections, the volume and importance of the specimens brought from the Portuguese colonies are unparalleled in other museums, both national and international. There are priceless pieces which bear witness to what was then called “scientific colonisation”, an agenda that was of interest to the academic community.

volume e a importância dos espécimes trazidos das possessões portuguesas, sem paralelo museológico aos níveis nacional e internacional. Peças de valor inestimável testemunham a então designada (e defendida) “colonização científica”, agenda de acção que contaria com as atenções dos universitários.

A crença no evolucionismo social – que, na metrópole, alimentava em princípio a estratégia pacifista do nosso movimento republicano, levando-o a afastar-se da via revolucionária – condicionou, igualmente, a relação com as colónias e, em última análise, a responsabilidade da Universidade perante estas. Assim se compreende a autonomização da Antropologia enquanto área do saber (incluída de forma inédita nos currículos da Faculdade de Filosofia Natural, em 1885) e a criação, na Faculdade de Direito, da disciplina de Administração Colonial, consignada na reforma universitária de 1901. De modo idêntico, o Jardim Botânico dedicar-se-á, pela mão de Júlio Henriques (nomeado director em 1873), ao ensaio e envio de várias espécies botânicas para a África ocidental, bem como à recolha de exemplares botânicos aí existentes.

Será, aliás, este professor a referir-se, pela primeira vez em Portugal, aos trabalhos de Charles Darwin. As questões que colocou e tratou na década de setenta do século XIX não eram apenas absolutamente pioneiras no panorama da cultura universitária portuguesa, mas também inovadoras no quadro europeu e mundial. Numa altura em que a maioria dos naturalistas europeus subscrevia ainda o criacionismo, Júlio Henriques afirmava-se como defensor do paradigma darwinista. O seu sucessor na chefia do Jardim Botânico, Luiz Wittnich Carrisso, levou ao auge o programa da “exploração científica” das colónias, dirigindo, rumo a Angola, a partir de 1927, três “missões botânicas”. A Universidade de Coimbra distinguiu-se, então, como pioneira privilegiada no estudo e na divulgação da fitodiversidade angolana. Além das espécies hoje passíveis de serem observadas no museu, herbário e Jardim, as expedições de Carrisso legaram-nos documentos audiovisuais, escritos e fotográficos de enorme valor.

No Gabinete de Física Experimental – dependente, à semelhança do Laboratório Químico, do Gabinete de História Natural e do Jardim Botânico, da Faculdade de Filosofia Natural –, o final da década de 1850 ficou marcado pelo crescente interesse pela geofísica. Em 1853 instauram-se formalmente as observações meteorológicas neste Gabinete. Entre 1862 e 1864, constrói-se, afastado da Alta, o Observatório Meteorológico e Magnético da Universidade, integrado, desde a sua fundação, numa extensa rede europeia de observatórios que pretendia estudar o magnetismo terrestre.

Dedicando-se mais de meio século ao ensino da Física em Coimbra, António dos Santos Viegas teve um

The belief in social evolutionism, which fed the pacifist strategy of the Portuguese republican movement and kept it away from the revolutionary path, also influenced the country’s relationship with its colonies and, ultimately, the University’s responsibility towards them. This explains the establishment of Anthropology as an autonomous field of knowledge (included in an unprecedented fashion in the curricula of the Faculty of Natural Philosophy in 1885) and the creation in the Faculty of Law of the discipline of Colonial Administration, which was endorsed by the university reform of 1901. In a similar way, under Júlio Henriques, appointed director in 1873, the Botanical Garden began testing and shipping several botanical species to West Africa as well as collecting specimens there.

This professor was the first in Portugal to refer to Charles Darwin’s work. The questions he raised and addressed in the 1870s weren’t just groundbreaking within the context of Portuguese university culture, they were innovative at European and worldwide level as well. At a time when most European naturalists still sanctioned creationism, Júlio Henriques stood out as supporter of the Darwinian paradigm. His successor as head of the Botanical Garden took the programme of “scientific exploration” of the colonies even further, leading three “botanical missions” to Angola from 1927 onwards. The University of Coimbra distinguished itself at the time as a pioneer in the study and diffusion of Angolan phytodiversity. In addition to the species that can be seen at the museum today, Carrisso’s expeditions have left a legacy of valuable audiovisual, written and photographic documents.

As for the Unit of Experimental Physics, which was part of the Faculty of Natural Philosophy, just like the Chemistry Laboratory, the Natural History Unit and the Botanical Garden, the end of the 1850s was characterised by a growing interest in geophysics. Meteorological observations began formally in 1853, and between 1862 and 1864 the University Meteorological and Magnetic Observatory was built, outside the university uptown area. From its foundation, it was integrated into a vast European network of observatories whose aim was to study Earth’s magnetism.

Devoted for over fifty years to the teaching of Physics at Coimbra, António dos Santos Viegas played a major role in the development of the Physics Unit. His lectures were very much influenced by the observations he made during his scientific travels to several European capitals, from 1866 and 1867 onwards, in order to get to know the best meteorological and magnetic observatories and to study the development of Experimental Physics and its teaching methods. He acquired a great number of scientific instruments, made by the most famous European manufacturers, for teaching and research. This extensive and inclusive collection, together with

papel fundamental no desenvolvimento do Gabinete de Física. Os seus cursos foram muito influenciados pelas observações realizadas durante as viagens científicas que empreendeu a várias capitais da Europa, a partir dos anos de 1866 e 1867, a fim de conhecer os melhores observatórios meteorológicos e magnéticos, bem como estudar o desenvolvimento da Física Experimental e respectivas metodologias de ensino. É longo o rol de instrumentos científicos feitos pelos mais famosos fabricantes europeus que adquiriu para o ensino e pesquisa. Esta numerosa e completa coleção íntegra, a par com as valiosas peças do século XVIII, o espólio do Museu de Física da Universidade de Coimbra, testemunhando o desenvolvimento científico até ao advento da Física Quântica.

A rápida repercussão que em Coimbra tiveram algumas das maiores conquistas científicas do século XIX comprova o sucesso do esforço de actualização da Universidade. A invenção da fotografia foi, por exemplo, acompanhada por diversas lentes. No início da década de quarenta, o Gabinete de Física recebe a câmara com que se obtinham daguerreótipos e poucos anos depois Joaquim Augusto Simões de Carvalho passou a ensinar o daguerreótipo nas suas Lições de Filosofia Química. Em Março de 1878, Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, doutorado em Filosofia pela Universidade de Coimbra, publicou n.º *O Instituto* (revista da homónima academia científica, literária e artística, fundada em Coimbra em 1852) um artigo onde propôs, pela primeira vez no mundo, a utilização do selénio para transmitir imagens à distância, princípio que estaria na base da origem da televisão. Em Fevereiro de 1896, pouco mais de um mês após o anúncio da descoberta dos raios X, Henrique Teixeira Bastos (professor de Física na Faculdade de Filosofia Natural) replicou a experiência em Coimbra e, no mesmo mês, Daniel de Matos (professor na Faculdade de Medicina) realizou os primeiros ensaios para aplicação dos raios X no diagnóstico clínico. Reforçava-se, assim, o estreitamento das relações científicas e pedagógicas entre as duas Faculdades e o progressivo peso conferido à química e à física na compreensão do corpo humano.

À semelhança do ocorrido na Faculdade de Filosofia Natural, também na Faculdade de Medicina os contactos internacionais desenvolvidos pelos docentes na segunda metade do século XIX, com destaque para as “viagens científicas” de António Augusto da Costa Simões entre 1864 e 1865, geraram uma renovação ao nível dos conteúdos e métodos. Em 1863, foram criadas as disciplinas de Histologia e Fisiologia Geral, de Anatomia Patológica e de Medicina Legal e Higiene Pública.

O desenvolvimento do ensino e da investigação nas áreas da dermatologia, da microbiologia, da oftalmologia e da ginecologia, bem como a criação do Gabinete de Radioscopia e Radiografia em 1901

valuable pieces from the 18th century, is part of the estate of the Museum of Physics of the University of Coimbra, bearing witness to the development of science up to the beginnings of quantum physics.

The rapid repercussion that some of the most important scientific achievements of the 19th century had in Coimbra is evidence of the success of the effort to modernise the University. The invention of photography, for instance, was followed by several professors. In the early 1840s the Physics Unit obtained the daguerreotype camera and, a few years later, Joaquim Augusto Simões de Carvalho started teaching the daguerreotype in his classes on Chemical Philosophy. In March 1878, Adriano de Paiva de Faria Leite Brandão, doctor in Philosophy by the University of Coimbra, published an article in the journal *O Instituto* (which had the same name as the scientific, literary and art academy founded in Coimbra in 1852) where, for the first time ever, he proposed the use of selenium to broadcast images, a principle that would be fundamental for the origins of television. In February 1896, a little over a month after the discovery of the X-ray, Henrique Teixeira Bastos (professor of Physics at the Faculty of Natural Philosophy) repeated the experiment in Coimbra and, in the same month, Daniel de Matos (professor at the Faculty of Medicine) conducted the first tests for the application of X-rays to clinical diagnosis. The pedagogic and scientific relationship between these two faculties became closer, and both chemistry and physics gained increasing relevance in the study of the human body.

Similarly to what happened at the Faculty of Natural Philosophy, the international contacts made by Faculty of Medicine teachers, especially the “scientific travels” of António Augusto da Costa Simões in 1864 and 1865, led to a renewal of teaching contents and methods. In 1863, new disciplines were created: General Histology and Physiology, Pathologic Anatomy, Forensic Medicine and Public Hygiene.

The late 19th and early 20th centuries saw the development of teaching and research in the fields of dermatology, microbiology, ophthalmology and gynaecology, as well as the foundation of the Radioscopy and Radiography Unit in 1901, at the Faculty of Medicine. In this transitional period, specifically in the school year of 1891-92, António Caetano de Abreu Egas Moniz, future winner of the Nobel Prize in Medicine, entered this Faculty. In the same year, Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho, the first woman to ever attend university, enrolled in the Faculty of Mathematics.

The Astronomical Observatory, connected to the Faculty of Mathematics, developed significantly in the early 20th century. Francisco Miranda da Costa Lobo, a pioneer in Astrophysics in Portugal, began regular classes of Solar Physics, and in 1907 he visited the main observatories in Europe with the aim of establishing the study of the sun at



Conjunto para o estudo da porosidade do ouro e do ferro para o mercúrio, figuras aladas em bronze dourado seguram os respectivos crivos, Lisboa, séc. XVIII. Museu da Ciência, Universidade de Coimbra, FIS.0188, NF, MCUC
Set for the study of the permeability of gold and iron to mercury, gilded bronze winged figures hold the respective sieves, Lisbon, 18th century. Science Museum, University of Coimbra, FIS.0188, NF, MCUC



marcam o fim do século XIX e a viragem para a centúria seguinte na Faculdade de Medicina. Neste período de transição, concretamente no ano lectivo de 1891-1892, ingressava nesta Faculdade António Caetano de Abreu Egas Moniz, futuro laureado com o Prémio Nobel da Medicina. No mesmo ano, Domitila Hormizinda Miranda de Carvalho, a primeira mulher a frequentar a Universidade, matriculava-se na Faculdade de Matemática.

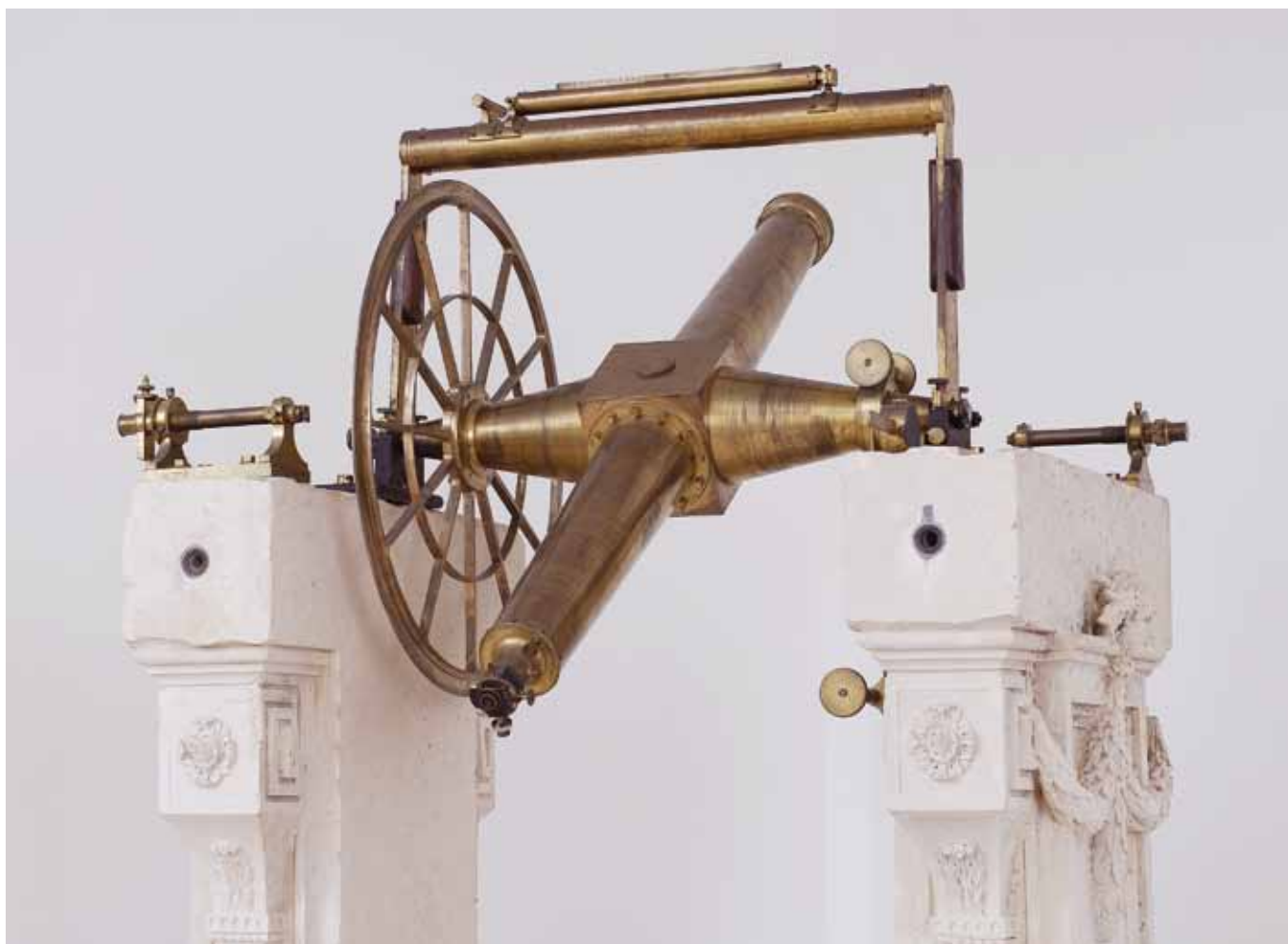
O Observatório Astronómico, dependente da Faculdade de Matemática, conheceu um significativo incremento no início do século XX. Francisco Miranda da Costa Lobo, um dos pioneiros da Astrofísica em Portugal, introduz o estudo regular da Física Solar. Em 1907 visitou os principais observatórios da Europa com o propósito de estabelecer no Observatório Astronómico de Coimbra o estudo do Sol. A instalação de um espectroheliógrafo neste Observatório, com características análogas às do existente no Observatório de Astronomia Física de Paris, arrancou em 1912 e, a partir do início do ano de 1926, a obtenção de imagens monocromáticas do Sol começou a ser realizada sistematicamente. Trata-se hoje de uma colecção de imagens muito valiosa que contribui para engrandecer o património da Universidade de Coimbra.

Coimbra's Astronomical Observatory. The works to house a spectroheliograph in this Observatory, with characteristics similar to the one at the Observatory of Physical Astronomy in Paris, started in 1912 and, from early 1926 onwards, monochromatic images of the Sun began to be obtained systematically. This collection of images is today a very valuable part of the heritage of University of Coimbra.

The University and the Republic

The Portuguese Republic was proclaimed on the 5th of October of 1910. In the preceding period, characterised by a growing disillusion towards the Monarchy, the University of Coimbra had played a role in the academic republican movements of the 1890s and early 1900s (such as the so-called academic strike of 1907). As a corporation, it had also voiced its desire for renewal. The famous “Orações de Sapiência” (speeches delivered since the Middle Ages at the Solemn Inauguration of the school year by professors invited for this purpose) given by professors such as Bernardino Machado, Sidónio Pais e José de Matos Sobral Cid, criticised the influence of

❏
Círculo meridiano para observações astronómicas, construtor Troughton & Simms, Londres, Inglaterra, 1851. Museu da Ciência, Universidade de Coimbra, AST.I.070, JM, MCUC
Meridian circle for astronomical observations, manufactured by Troughton & Simms, London, England, 1851. Science Museum, University of Coimbra, AST.I.070, JM, MCUC



A Universidade e a República

A República é proclamada em Portugal no dia 5 de Outubro de 1910. No seu prólogo, marcado por um crescente descontentamento face à Monarquia, a Universidade de Coimbra marcou presença com as movimentações académicas republicanas da década de 1890 e início do século XX (entre as quais, a greve académica de 1907) e verbalizara, enquanto corporação, os anseios de renovação – crítica à sobrevivência eclesiástica; defesa de uma maior autonomia – em célebres «Orações de Sapiência» (discurso proferido, desde a Idade Média, na sessão solene de abertura do ano lectivo, por um docente convidado para o efeito) de professores como Bernardino Machado, Sidónio Pais e José de Matos Sobral Cid.

O advento do novo regime acarretou, por um lado, o fim do monopólio coimbrão, com a criação das Universidades de Lisboa e Porto. Por outro lado, pautou-se por uma transformação profunda da estrutura da Universidade de Coimbra. Nela se havia, aliás, formado a maioria dos membros do Governo

the Church and demanded greater autonomy.

On the one hand, the dawn of the new regime entailed the end of Coimbra's monopoly in higher education, with the creation of the Universities of Lisbon and Porto. On the other hand, it brought about a major transformation in the structure of the University of Coimbra. The majority of the members of the Provisional Government established in October 1910 had been educated there (Joaquim Teófilo Braga, António José de Almeida, Afonso Costa, Bernardino Machado, António Luís Gomes), and the first President of the Republic, Manuel de Arriaga, had also been rector of the University.

As early as October 1910, a law was passed abolishing the remaining traces of academic jurisdiction, notably the University's "police regulation". The academic prison, which was practically non-active, was closed for good. In 1911, when the Separation of Church and State Act was published, worship at the Chapel of the University was suspended and the chapel was converted into a Museum of Sacred Art (this would actually happen

Provisório constituído em Outubro de 1910 (Joaquim Teófilo Braga, António José de Almeida, Afonso Costa, Bernardino Machado, António Luís Gomes), bem como o primeiro presidente da República, Manuel de Arriaga, que em Coimbra fora estudante e reitor. Logo em Outubro de 1910, são abolidos, por Decreto-Lei, os remanescentes resquícios do foro académico, designadamente o “regulamento policial” da Universidade. A prisão académica, de actividade já precária, é então encerrada de forma definitiva. Em 1911, ano em que se promulga a Lei da Separação do Estado das Igrejas, é suspenso o culto na Capela da Universidade e esta é afectada a Museu de Arte Sacra, objectivo que apenas se concretizaria em 1972, em dependências anexas, já depois de restabelecido o culto. É extinta, nesse ano de 1911, a Faculdade de Teologia (já paulatinamente em extinção, nas últimas décadas do século XIX, devido à diminuição das matrículas) e criada a Faculdade de Letras, para onde foi transferida uma parte significativa do corpo docente da primeira. O Governo autorizou a cedência do terreno onde se andava a construir o edifício destinado ao Teatro Académico e que ocupava o espaço do antigo Colégio Real S. Paulo (grosso modo, a zona onde hoje se encontram a Biblioteca Geral e o Arquivo da Universidade). O projecto do arquitecto Augusto Silva Pinto aproveitou a quase totalidade do que já se encontrava erguido. As obras, iniciadas em 1913, prolongaram-se por duas dezenas de anos. Na recém-nascida Faculdade estabeleceram-se, em 1912, os primeiros Laboratórios de Fonética Experimental e de Psicologia Experimental do país. Este último veio a constituir o gérmen histórico da actual Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra.

only in 1972, when the museum was established in rooms adjoining the chapel, since worship had been restored in the meantime). Also in 1911, the Faculty of Theology was closed down (it had gradually lost relevance in the late 19th century due to dwindling enrolments) and the Faculty of Letters was founded, and a large part of the former’s teaching staff was transferred to the latter. The Government authorized the transfer of the land where the building destined to house the Academic Theatre was being erected, on the site where the former Royal College of St. Paul had been (approximately the area where the General Library and the University Archive stand today). The project, by architect Augusto Silva Pinto, made use of nearly all the existing buildings. Construction work, which began in 1913, lasted for 20 years. In the newly founded Faculty, the country’s first Laboratories of Experimental Phonetics and of Experimental Psychology were set up, in 1912. The latter came to be the historic origin of the present Faculty of Psychology and Educational Sciences.

In 1911, the Faculties of Mathematics and Natural Philosophy merged to form the Faculty of Sciences, and a Teacher Training College (Escola Normal Superior), connected to the Faculties of Letters and of Sciences, was established with the aim of providing adequate training to future teachers. The reform undertaken that year at the Faculty of Law confirmed and stressed the secularisation of the object of legal knowledge, as well as the orientation towards science and sociology that had gained ground in the second half of the 19th century. Finally, the School of Pharmacy was restructured (it had been founded in 1836 as a unit of the Faculty of Medicine) and established at the




 Casa dos Melos, MR, 2009
 Melos House, MR, 2009

As Faculdades de Matemática e de Filosofia Natural foram fundidas, em 1911, na Faculdade de Ciências. Instituiu-se ainda a Escola Normal Superior, anexa às Faculdades de Letras e de Ciências, com o objectivo de dar formação pedagógico-didáctica adequada aos futuros professores. Na Faculdade de Direito, a reforma decretada nesse ano confirmou e acentuou a secularização do objecto do saber jurídico e a orientação cientista e sociologista que se afirmara desde a segunda metade do século XIX. Finalmente, reestruturou-se a Escola de Farmácia – fundada em 1836 como estabelecimento anexo à Faculdade de Medicina – e cedeu-se a Casa dos Melos para a sua instalação própria. O edifício, remodelado pelo arquitecto Augusto Silva Pinto para acolher as novas funções, foi inaugurado em 1915. Em 1919, a Escola passou a conceder o grau de licenciado, última etapa antes da constituição da Faculdade de Farmácia em 1921, estatuto que manteve até 1928, vindo somente a ser retomado em 1968.

Depois do embate da República, a Universidade de Coimbra viria apenas a registar uma viragem institucional de peso com o advento do “Estado Novo”, regime ditatorial que se implanta após a Ditadura Militar saída do golpe militar de 28 de Maio de 1926. Uma vez mais, o novo capítulo político-social do país encontrou nesta instituição o espaço da sua maturação teórica. O Integralismo Lusitano, o corporativismo e a democracia cristã – correntes que tiveram na “Lusa Atenas” os seus principais proponentes e divulgadores nacionais – engrossaram a matriz ideológica do regime chefiado por António de Oliveira Salazar, antigo aluno e professor na Faculdade de Direito coimbrã.

Cultura institucional, associativismo e património imaterial

Longe de se reduzir a uma instituição de produção e transmissão de conhecimento, a Universidade de Coimbra encerrou em si mesma e dinamizou em seu redor um mundo cultural composto por interacções complexas, e por isso ricas, de valores e de usos, de saberes, saberes-fazer e saberes-ser, de crenças e de sinais de reconhecimento, de solidariedades, de hierarquias e conflitos. Mantendo com o passado uma relação contínua e dinâmica, as tradições universitárias garantem, na sua perenidade relativa, a sustentabilidade cultural desta comunidade singular. O espaço urbano, suporte de transmissão da memória colectiva, reveste-se, assim, de uma dimensão imaterial que lhe confere sentido em cada presente.

As principais cerimónias académicas – a tomada de posse do Reitor, os doutoramentos solenes e a abertura das aulas – radicam, com as necessárias adaptações, no “Estudo Geral” da Idade Média ou dos inícios da Época Moderna. O cortejo universitário que acompanha as grandes ocasiões é, por excelência, a demonstração do poder e da

Melos House. This building, which was remodelled and adapted to its new purposes by architect Augusto Silva Pinto, was inaugurated in 1915. In 1919, the School began granting bachelor's degrees, which was the last step leading to the establishment of the Faculty of Pharmacy in 1921, a status that it maintained until 1928 and only regained in 1968.

After the impact caused by the Republic, the University of Coimbra would only experience a major institutional turnabout with the establishment of the “Estado Novo” (New State), a dictatorial regime that emerged after the period of Military Dictatorship that followed the military coup of 28 May 1926. Once again, the country's new socio-political chapter found in the university the ideal space for its theoretical coming of age. Lusitanian integralism, corporativism and Christian democracy – currents that had in Coimbra its main proponents and promoters – enriched the ideological foundations of the regime headed by António de Oliveira Salazar, who had been a student and teacher at the Coimbra Law Faculty.

Institutional Culture, Associations and Immaterial Heritage

Far from being limited to producing and transmitting knowledge, the University of Coimbra has encompassed and engendered a whole cultural world made up of rich and complex interactions involving values and usages, different areas of knowledge and know-how, ways of being, beliefs and signs of recognition, solidarity, hierarchy and conflict. By maintaining a continuous and dynamic relationship with the past, academic traditions ensure the cultural sustainability of this unique community. The urban space, as basis of the transmission of collective memory, assumes an immaterial dimension that grants it meaning in the present.

The main academic ceremonies – the investiture of the Rector, the solemn doctorates and the inauguration of classes – date back (with the necessary adaptations) to the *Studium Generale* of the Middle Ages and Early Modern period. The procession that takes place during major events is, first and foremost, a demonstration of the power and internal order of the corporation. The professors, who are integrated into the procession according to the hierarchy of the Faculties and the dates in which they obtained their doctorate, wear the doctoral gown and insignia. They leave the Joane Library (before 1910, they used to leave the Chapel) to the sound of the “chamarela” (a small orchestra of brass and wind instruments) and head in a solemn and slow pace towards the Grand Hall, a “hallowed space”, a microcosm where everything has its own place and order – beings, seats, gestures, words and signs. These rituals strengthen the sense of belonging, the communion with and the assimilation of the university's immaterial heritage.



Cerimónia de Imposição de Insígnias, na Sala dos Capelos, GCI, 2009
Conferring of insignia at the Great Hall, GCI, 2009



ordem interna da corporação. Os docentes, situados no cortejo segundo a hierarquia das Faculdades e, dentro destas, por ordem de obtenção do grau de doutor, usam a sua veste doutoral e respectivas insígnias. Saem, ao som da charamela (pequena orquestra de instrumentos metálicos e de sopro), da Biblioteca Joanina (da Capela, antes de 1910) e dirigem-se, em passo lento e solene, para a Sala dos Capelos, esse “espaço sagrado”, microcosmo onde se ordenam os seres, os lugares, os gestos, as palavras, os sinais. Estes rituais reforçam os laços de pertença, a comunhão e a apropriação de uma herança imaterial.

Interagindo com este universo institucional e participando na definição social da Universidade de Coimbra, a comunidade estudantil (designada localmente por Academia) dinamiza um conjunto riquíssimo de tradições próprias, que ultrapassam os ritos estudantis iniciáticos (“praxes de curso”) que encontramos na maioria das restantes universidades nacionais e europeias. Com efeito, além dos rituais de passagem que assinalam as etapas do percurso do estudante até à conclusão do seu curso (festejada com o “rasganço” do seu traje académico), as tradições estudantis abrangem outras dimensões

Interacting with this institutional universe and taking part in the social definition of the University of Coimbra, the student community (locally called the “Academy”) brings to life a whole set of specific traditions that go much beyond the initiation rituals (“praxes de curso”) that can be found in most Portuguese and European universities. Indeed, in addition to the rites of passage that mark the stages of the student’s trajectory until the end of the degree (which is commemorated with the “tearing” of the academic attire), student traditions at Coimbra involve other dimensions and forms of sociability, whose material testimonies are preserved in the University Academic Museum.

Keeping, in some respects, the influence of mediaeval customs, Coimbra student traditions gained shape especially after the 19th century, when they acquired the features they have today. It was also in the 19th century that the physical violence attached to them was lessened. Mockery, ridicule and satire gained the foreground and became powerful rhetorical weapons used by the “Academy” to express its public position in relation to national affairs. The Academy became increasingly politicised after the liberal period, as attested by the appearance of numerous,

✕
A Sala das Armas, que alberga a panóplia das armas (alabardas) da Guarda Real Académica, que ainda hoje são utilizadas pelos Archeiros nas cerimónias académicas solenes, MR, 2009
The Arms Room, containing the full array of arms (halberds) of the Royal Academic Guard, still used today by the Halberdiers on ceremonial occasions, MR, 2009



e formas de sociabilidade, cujos testemunhos materiais se preservam no Museu Académico da Universidade.

Conservando, em alguns aspectos, a influência dos procedimentos medievais, as tradições dos estudantes de Coimbra estruturam-se, sobretudo, a partir do século XIX, ganhando a fisionomia que ainda hoje mantêm. É também no decurso de oitocentos que se atenua a carga de violência física associada à “praxe”. O escárnio, a ridicularização e a sátira passam, então, para primeiro plano, e constituem, ao nível externo da relação da Academia com o país, poderosas retóricas do posicionamento cívico de uma Academia que se politiza crescentemente a partir da época liberal. O aparecimento de inúmeras publicações periódicas ligadas ao sector estudantil, geralmente de vida efêmera, atesta o assumido comprometimento social da Academia e espelha a sua dupla condição: um corpo bastante plural e heterogêneo que afirma (e progressivamente constrói) uma identidade colectiva.

Floresce, na mesma altura, o associativismo que caracteriza o ambiente coimbrão. No campo docente, merece destaque a fundação, em 1852, do Instituto, academia científica e artística de Coimbra que procurava acolher, na larga maioria, mas não de forma exclusiva, os docentes mais destacados ao nível científico desta Universidade. Funcionando

although generally short-lived, periodical student publications. These not only show the Academy’s social commitment, but also point to the fact that it was a fairly plural and heterogeneous group asserting and gradually constructing a collective identity.

The associations that characterise Coimbra’s atmosphere flourished at that time. Among the teachers, it is worth mentioning the creation, in 1852, of the Instituto, a scientific and artistic academy that sought to attract the most reputed teachers, although it admitted others as well. Working as a true parallel university, it was renowned for its progressive stand in both the scientific and the civic fields. Among the students, the Drama Academy (1837), the Academic Theatre (1838), the Academic and Philanthropic Society (1849), the Academic Choir (1880), the Academic Musical Troupe (1888) and the Christian Democratic Academic Centre (1901) were founded. The latter was a pioneer in “Catholic action” and the place where many students who would later gain national prestige completed their cultural education and became key figures in the public and religious spheres. A special mention is due to the foundation of the Coimbra Student Union (known as the Academic Association of Coimbra) in 1887, a very large organisation that includes the whole Academy, and has been a source of vitality in many fields since then, congregating a great number of different societies.

como uma autêntica universidade paralela, notabilizou-se pelas suas posturas progressistas, quer no campo científico, quer cívico. No panorama discente, surgem a Academia Dramática (1837), o Teatro Académico (1838), a Sociedade Filantrópico-Académica (1849), o Orfeon Académico (1880), a Tuna Académica (1888) e o Centro Académico de Democracia Cristã (1901), pioneiro organismo da «acção católica» onde, enquanto estudantes, numerosas futuras figuras de renome da vida nacional complementaram a sua formação cultural e se impuseram como referenciais no espaço público e religioso. Realce especial merece a criação da Associação Académica de Coimbra (1887), estrutura de grande dimensão que abarca e dinamiza desde então toda a Academia, agregando inúmeras entidades das mais variadas índoles.

Entre as festas e desfiles cíclicos dos estudantes, destacam-se: a “latada”, na origem espécie de “ruidoso” anúncio do fim do ano lectivo, instaurada entre 1870-80 (hoje, inversamente, marca o início do ano escolar); o “centenário” da “sebenta” (compilação litografada de apontamentos das aulas), cortejo humorístico instituído em 1899 como forma de crítica às numerosas comemorações oficiais da época; o “enterro do grau”, paródia estudantil estabelecida em 1905, em referência à decisão governamental de abolir o diploma de bacharel; a “queima das fitas”, desfile com carros alegóricos, distinguidos pela cor de cada Faculdade, realizado em 1901 e repetido desde então, no fim do ano lectivo, com um número crescente de veículos que chega a atingir os 100, pertencendo o protagonismo do evento aos que iniciarão o último ano do seu curso.

Além dos rituais lúdicos e de caricatura à ordem estabelecida, a Academia dinamiza ainda ocasiões solenes, como a missa de bênção das pastas dos finalistas e a serenata monumental. São momentos de saudade antecipada que reforçam a ligação afectiva a Coimbra, ligação que subsistirá ao longo da vida dos que aqui se formam e se espelha na manutenção da maior e mais dinâmica rede de antigos estudantes — ou no eterno retorno que consubstancia as reuniões de curso, igualmente seguindo rituais próprios (apresentação de cumprimentos ao reitor, missa na Capela da Universidade por intenção dos mestres e colegas falecidos, almoço de confraternização, descerramento de lápide alusiva no “Penedo da Saudade”). Por outro lado, as tradições estudantis abrangem também uma linguagem própria (gíria académica), um traje académico (obrigatório até 1910) e expressões musicais. Destas sobressai a *Canção de Coimbra*, género musical com um duplo filão (o popular e o académico), impulsionado no século XIX, e assente na aplicação de fórmulas de digitação da guitarra e de interpretação vocal profundamente enraizadas na transmissão oral. Dado que os principais executantes são estudantes e antigos estudantes desta Universidade, a *Canção de Coimbra* constitui

Among the students’ cyclical festivities and parades, the following should be highlighted: the “latada”, which was originally a “noisy” celebration of the end of the school year, was established in the 1870s (today it marks the beginning of the school year); the “centenary” of the “sebenta” (a lithographed compilation of classes notes), which was a humouristic procession established in 1899 as a way of criticising the countless official commemorations of the time; the “burial of the degree”, a parody established in 1905 referring to the governmental decision to abolish the bachelor diploma; and the “queima das fitas”, a parade with floats in which each float has the colour of the Faculty it represents. It began in 1901 and has taken place ever since at the end of the school year. The number of floats has grown from year to year, and has come to reach a hundred. Leading this event are the students who are beginning the last year of their degree.

In addition to the playful rituals and the caricature of the status quo, the Academy organises solemn events such as the mass for the blessing of the senior students’ leather briefcases and the monumental serenade. These are moments of anticipated longing that strengthen the students’ emotional ties to Coimbra and that will last throughout their lives. This allegiance to Coimbra is manifested in the country’s largest and most dynamic alumni network, as well as in class reunions, which also have their own rituals. First, there is the paying of respects to the rector, followed by a mass at the University Chapel for the repose of the souls of the deceased teachers and colleagues, then a luncheon, and finally the unveiling of an engraved stone alluding to the class at the “Penedo da Saudade”.

Student traditions also include a specific language (academic jargon), academic attire (which was compulsory until 1910) and different musical manifestations. The most relevant is the *Canção de Coimbra* (Song of Coimbra), a musical genre that has a double source (popular and academic) and that developed in the 19th century. It is based upon methods of guitar fingering and vocal rendition which are deeply rooted in oral transmission. Since the main performers are Coimbra students and former students, the *Canção de Coimbra* is another example of a quite unique and specific living culture.

This intangible heritage is grounded on a particular territory: the University Uptown. In contrast to the University Courtyard, the symbolic stronghold of teacher authority, the Largo da Feira, which fronts the Sé Nova, became in the 19th century the students’ main forum, the place where they discussed pressing issues, conducted their rituals and conspired, talked and flirted. The transformation of urban morphology that occurred in the 20th century caused a spatial displacement and redefinition of student conviviality, but the “hill of knowledge” has been kept as its centre.



Tuna académica, GCI

Tuna académica (student musical group), GCI



mais um exemplo de cultura viva, com uma grande singularidade e especificidade.

Este património intangível tem como âncora uma dimensão territorial: a Alta universitária. Em contraposição ao Pátio das Escolas, bastião simbólico da autoridade docente, o Largo da Feira, frente à Sé Nova, constituiu, no século XIX, o principal fórum dos estudantes, o sítio de discussão das questões prementes, de realização de praxes, o lugar onde se conspirava, conversava e namorava. A transformação da morfologia urbana da Alta, operada no século XX, acarretou uma deslocação e redefinição espacial das sociabilidades estudantis, mantendo, todavia, a “colina do saber” como epicentro.

A verdadeira “viagem” da herança imaterial da Universidade de Coimbra residu não apenas no facto de ela ser reconhecida, pelas demais, como a verdadeira *Alma Mater*, mas também no facto de ter funcionado como arquétipo na configuração de outras, mormente no Brasil e, mais recentemente, nos países africanos de língua oficial portuguesa. Aí se encontram, a par das influências de cariz mais institucional, realidades específicas do seu capital simbólico: as insígnias doutorais, as repúblicas, o traje académico, os rituais praxísticos, a canção, em suma, recortes e trechos desse particular modo de ser e estar que se diz “de Coimbra”.

The true “journey” of the intangible legacy of the University of Coimbra lies not only in having been recognised by other universities as their true *Alma Mater*, but also in having served as archetype for the shaping of other universities, notably in Brazil and more recently in the Portuguese-speaking countries of Africa. In them we can find influences of an institutional nature as well as specific elements of its symbolic capital: the doctoral insignias, the fraternities, the academic attire, the song – in short, parts and pieces of this particular way of being and experiencing called “Coimbra”.

A Universidade de Coimbra e o Estado Novo (1934-1969)

The University of Coimbra and the *Estado Novo* (1934-1969)

A instituição e o regime

É no quadro da reacção antidemocrática e anti-socialista (ditatorial e corporativista, centralista e colonialista) que atravessa a Europa entre as duas Guerras Mundiais que se situa a institucionalização do Estado Novo português. O processo em causa arranca em 1930, com o início da efectiva preponderância de António de Oliveira Salazar nos Governos da Ditadura Militar. Formaliza-se em 1933, com a plebiscitação de uma nova Constituição. Desde o início da década de trinta, o esforço de edificação das estruturas vitais do regime e de criação de aparelhos repressivos e de enquadramento eficazes integrou um conjunto de medidas tendente a garantir a plena subordinação orgânica da Universidade ao poder político. Em Junho de 1934 era extinta, por decreto-lei, a Imprensa da Universidade de Coimbra. Joaquim de Carvalho, professor de Filosofia da Faculdade de Letras foi o último administrador até à sua reactivação em 1998. O acto fora político e não viera isolado. A supressão de uma estrutura com oficinas gráficas e grande produção editorial, espaço de contestação científica e cultural em potência, inscrevia-se num programa mais vasto, destinado quer a reduzir as despesas públicas,

The Institution and the Regime

The establishment of the so-called *Estado Novo* (New State) took place within the framework of the anti-demoliberal and anti-socialist reaction (dictatorial and corporatist, centralist and colonialist) that swept across Europe between the two World Wars. This process started in 1930, when António de Oliveira Salazar began to gain ascendancy in the governments of the Military Dictatorship, and was formalised in 1933, when a new constitution was ratified by referendum. From the beginning of the 1930s, the effort to set up the essential structures of the regime and to create effective systems of repression and regulation included a number of measures designed to ensure the full subordination of the University to the political power.

In June 1934, the Press of the University of Coimbra was closed down by executive order. Joaquim de Carvalho, Philosophy professor at the Faculty of Letters, was its last dean until it was reactivated in 1998. This had been a political measure and it wasn't the only one. The suppression of a structure that possessed printing shops and produced a large number of publications, which was a site of potential dissent in intellectual and cultural terms, was part of a wider

quer a controlar e/ou a neutralizar as entidades e as pessoas com possibilidades de quebrar a lógica unitária do regime.

A ingerência do Governo no funcionamento da Universidade de Coimbra não era inédita. No entanto, os dispositivos de condicionamento, discriminação e repressão que influenciaram a realidade do sistema educativo, das universidades e da escola coimbrã em particular adquiriram, com o Estado Novo, um carácter sistemático e um estatuto de “normalidade”. À semelhança do ocorrido em Lisboa e no Porto, a gestão da Universidade de Coimbra foi colocada sob a alçada do Governo e a sua autonomia reduzida ao mínimo.

Em 1930, ainda no decurso da Ditadura Militar, a extinção da Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra, anexa às Faculdades de Letras e de Ciências, prenunciou tanto a quase total governamentalização da formação inicial e contínua de professores, como o definhecimento das didácticas específicas. A partir de 1935, docentes e funcionários foram demitidos e/ou discriminados em termos de ingresso e progressão na carreira, pelas opiniões que expressaram ou pelas actividades políticas e/ou associativas em que se envolveram. O afastamento dos professores Aurélio Quintanilha e Sílvia Lima em 1935, bem como a do professor Mário Silva em 1947 constituem exemplos marcantes. O mesmo se verificou no corpo docente, o qual, além de expulsões (temporárias ou definitivas) determinadas por motivos ideológicos, viu eliminada a representação nos órgãos da Universidade e a possibilidade de chefiar a Associação Académica, cuja gestão foi entregue, desde 1936, a Comissões Administrativas da confiança política do Governo e por ele nomeadas.

Em 1936, o Ministério da Instrução Pública, criado em 1913, dá lugar ao significativamente renomeado Ministério da Educação Nacional (designação vigente até 1974). Sob a liderança inicial de António Carneiro Pacheco, antigo colega de António Oliveira Salazar na Faculdade de Direito, o Ministério da Educação Nacional tornou evidente a nova postura adoptada pelo Estado Novo face aos fenómenos da investigação científica e do ensino: a sua natureza obrigatoriamente «nacional e patriótica»; a defesa de uma formação não apenas cognitiva, mas também moral e política. Inscrita nesta moldura ideológica, a Universidade de Coimbra acompanhou a evolução do Estado Novo.

Deste modo, entre 1936 e 1945 intensificou-se a direcção política seguida no período anterior, assistindo-se ao crescimento da instrumentalização do sistema educativo em prol das necessidades ideológicas e políticas do salazarismo. Durante esta fase, à semelhança do ocorrido em outros segmentos profissionais e em outras organizações públicas ou da “sociedade civil”, a generalidade dos professores

programme designed to reduce public expenses and to control and/or neutralise the organisations and the individuals who could challenge the regime’s centralizing logic.

The Government’s interference in the functioning of the University of Coimbra was not unheard-of. Nevertheless, the restrictive, discriminatory and repressive mechanisms that influenced the reality of the whole educational system, including the universities and the University of Coimbra in particular, became systematic and “normal” during the *Estado Novo*. Similarly to what happened in Lisbon and Oporto, the administration of the University of Coimbra was put under government jurisdiction and its autonomy was reduced to a minimum.

In 1930, still under the Military Dictatorship, the extinction of the Teacher Training College, connected to the Faculties of Letters and of Science, heralded the almost complete governmentalisation of initial and advanced teacher training as well as the weakening of specific didactics. From 1935 onwards, the teachers and the rest of the staff were dismissed and/or discriminated against in admission and career progression, either for their opinions or for the political and/or organisational activities they were involved in. The cases of the dismissal of Professors Aurélio Quintanilha and Sílvia Lima in 1935 and of Professor Mário Silva in 1947 were striking examples of this. The same thing happened among the students, some of whom were expelled (temporarily or for good) for ideological reasons. Their representatives were removed from university bodies, as well as from the directorship of the Student Union, whose management was entrusted to Administrative Committees appointed by the Government after 1936.

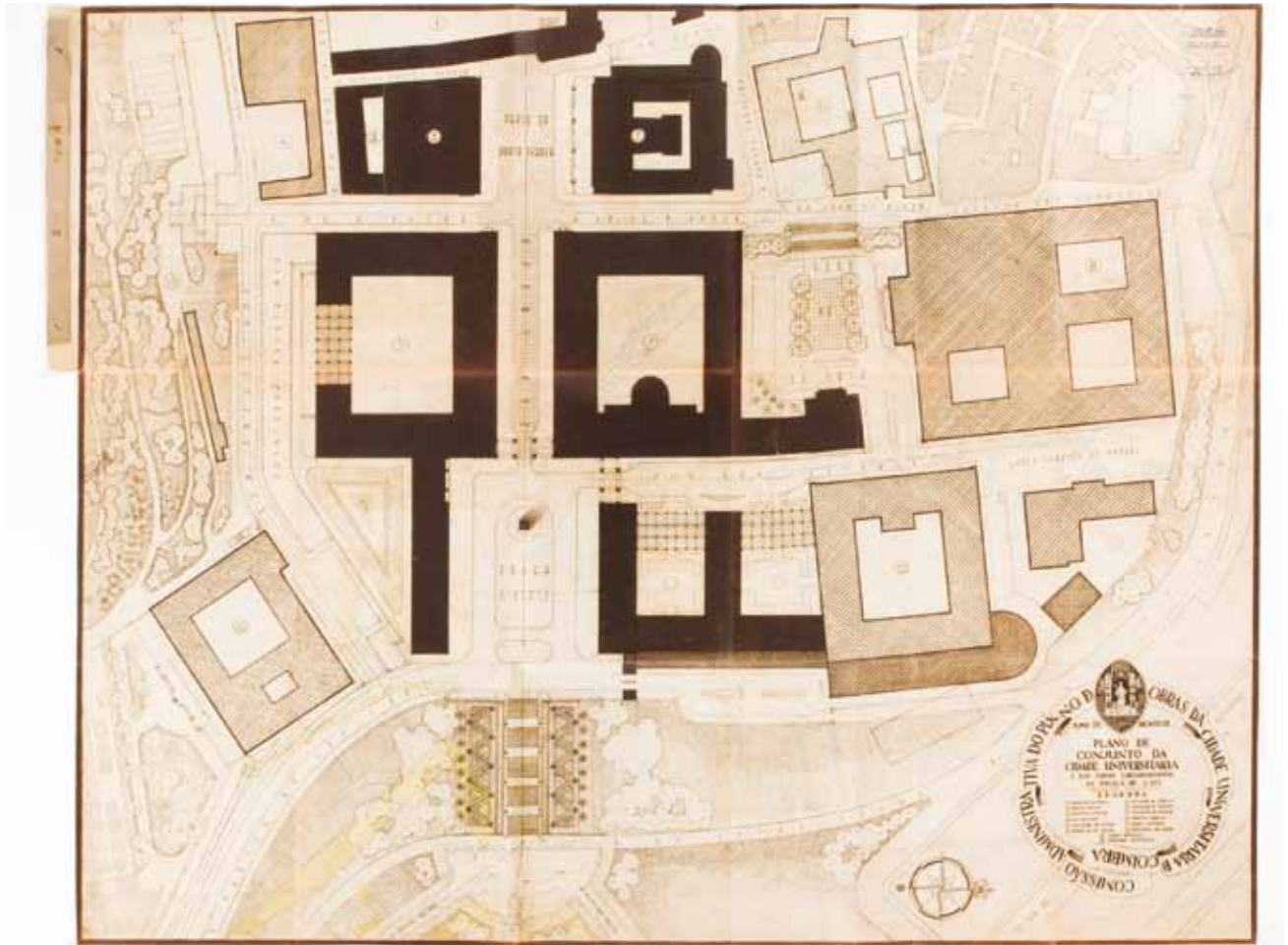
In 1936, the Ministry of Public Instruction, founded in 1913, took the meaningful name of Ministry of National Education, which was in force until 1974. Under the initial leadership of António Carneiro Pacheco, a former colleague of António de Oliveira Salazar, the Ministry of National Education made the new position adopted by the *Estado Novo* towards academic research and teaching quite clear: they were to be necessarily “national and patriotic”, and training was to be not only cognitive but also moral and political. Set within this ideological framework, the University of Coimbra kept up with the evolution of the *Estado Novo*.

Thus, between 1936 and 1945, the political course followed earlier intensified and there was a growing instrumentalisation of the educational system in order to meet the ideological and political needs of the Salazar regime. During this stage, as happened in other professional sectors and other public or civil society organisations, most of the teachers of the University of Coimbra either collaborated with or did not challenge the regime.



Plano de conjunto para a Alta Universitária e zonas circunvizinhas apresentado em 1949, AUC, MR, 2009

Overall plan for the university uptown area and surrounding areas, presented in 1949, AUC, MR, 2009



da Universidade de Coimbra manteve uma atitude de colaboração ou de não contestação do Estado Novo.

Tal como em outras conjunturas de mudança política, saíram do corpo docente da Universidade de Coimbra alguns dos mais destacados dirigentes da ditadura até 1974, com realce para o próprio António de Oliveira Salazar, mas, também, para Manuel Rodrigues, Mário de Figueiredo, Domingos Fêzas Vital, António Carneiro Pacheco, João Costa Leite Lumbrals, Manuel Lopes de Almeida, Henrique Veiga de Macedo, entre outros. São ainda de sublinhar percursos como o de Afonso Queiró, o de Guilherme Braga da Cruz ou o de José Veiga Simão, os quais se demarcaram, em algumas matérias, da postura do regime ou procuraram contribuir para a sua abertura, nomeadamente no campo da educação. Desempenhou, ainda, a Universidade de Coimbra um papel fundamental na redefinição da estrutura jurídica da sociedade da época: o Código de Processo Civil (sob a coordenação de José Alberto dos Reis); o Código Civil (Adriano Vaz Serra, Fernando Pires de Lima e João de Matos Antunes Varela); a legislação fiscal (José Teixeira Ribeiro) e o Código Penal (Eduardo Correia). No plano religioso, Manuel Gonçalves Cerejeira, aluno e professor da

As in other periods of political change, some of the most prominent leaders of the dictatorship that lasted until 1974 came from the teaching staff of the University of Coimbra. First and foremost is António de Oliveira Salazar himself, but there were many others, such as Manuel Rodrigues, Mário de Figueiredo, Domingos Fêzas Vital, António Carneiro Pacheco, João Costa Leite Lumbrals, Manuel Lopes de Almeida, Henrique Veiga de Macedo. It should also be pointed out that individuals such as Afonso Queiró, Guilherme Braga da Cruz and José Veiga Simão diverged in some issues from the regime's official position, and sought to contribute to its opening up, notably in the field of education. Still, the University of Coimbra played a fundamental role in redefining the legal structure of the society of the time. Its professors were responsible for drafting the Code of Civil Procedure (coordinated by José Alberto dos Reis); the Civil Code (Adriano Vaz Serra, Fernando Pires de Lima and João de Matos Antunes Varela); tax legislation (José Teixeira Ribeiro); and the Penal Code (Eduardo Correia). In the ecclesiastical sphere, Manuel Gonçalves Cerejeira, a student and teacher at the University of Coimbra in the early 20th century, served as the Cardinal Patriarch of Lisbon, the highest representative of the Catholic Church in Portugal, between 1929 and 1971.

Universidade de Coimbra no início do século XX, exerceu, entre 1929 e 1971, as funções de cardeal-patriarca de Lisboa, máximo representante da Igreja Católica em Portugal.

Após a Segunda Guerra Mundial, no ensino como em outras áreas, o regime procurou adaptar a sua cenografia formal e, em alguns casos, a sua prática, tanto à nova situação internacional, como ao sentido de um maior crescimento económico, desenvolvimento social e abertura cultural. O equilíbrio entre a preservação da ortodoxia salazarista e a introdução de pontuais “ajustamentos modernizadores”, fragilizado de modo progressivo ao longo da década de sessenta, atingiu um ponto de ruptura no início dos anos setenta. No decurso desta etapa, a Universidade de Coimbra converteu-se, como se demonstrará, em palco e agente privilegiado de resistência e de oposição, gradualmente radicalizada, ao Estado Novo. A par do significativo activismo de inúmeros estudantes, destaca-se a postura crítica de vários professores, entre os quais Paulo Quintela e Orlando Carvalho.

O intensificar do ritmo de modernização da Universidade de Coimbra, ocorrido na recta final da ditadura – com a reestruturação da Faculdade de Ciências (designada, a partir de 1972, Faculdade de Ciências e Tecnologia) e a criação da Faculdade de Economia, em 1972 –, prolongar-se-ia após a Revolução de 25 de Abril de 1974, a qual pôs termo ao Estado Novo. A partir de então, a escola coimbrã não apenas acompanhou o processo de democratização português, como também participou na sua construção, quer fornecendo uma parcela significativa dos quadros intermédios e superiores da nova ordem social, quer participando, uma vez mais, na modelação do seu enquadramento jurídico.

A cidade universitária de Coimbra

A par de um controlo exercido nos domínios administrativo, científico e pedagógico, o Estado Novo pôs em marcha um outro tipo de domínio, conquanto igualmente eficaz, através da reconfiguração dos espaços onde a aprendizagem se desenrolava. É nessa perspectiva que se inscreve o conceito, então vulgarizado entre nós, de “cidade universitária” enquanto zona impermeável às outras funções urbanas, congregadora de toda a comunidade estudantil e, por conseguinte, meio privilegiado para uma formação integral e homogeneizada.

A cidade universitária de Coimbra constitui uma das intervenções urbanísticas e arquitectónicas mais significativas do Estado Novo. Devido à importância simbólica do Paço das Escolas, sublinhada unanimemente, optou-se por um projecto de

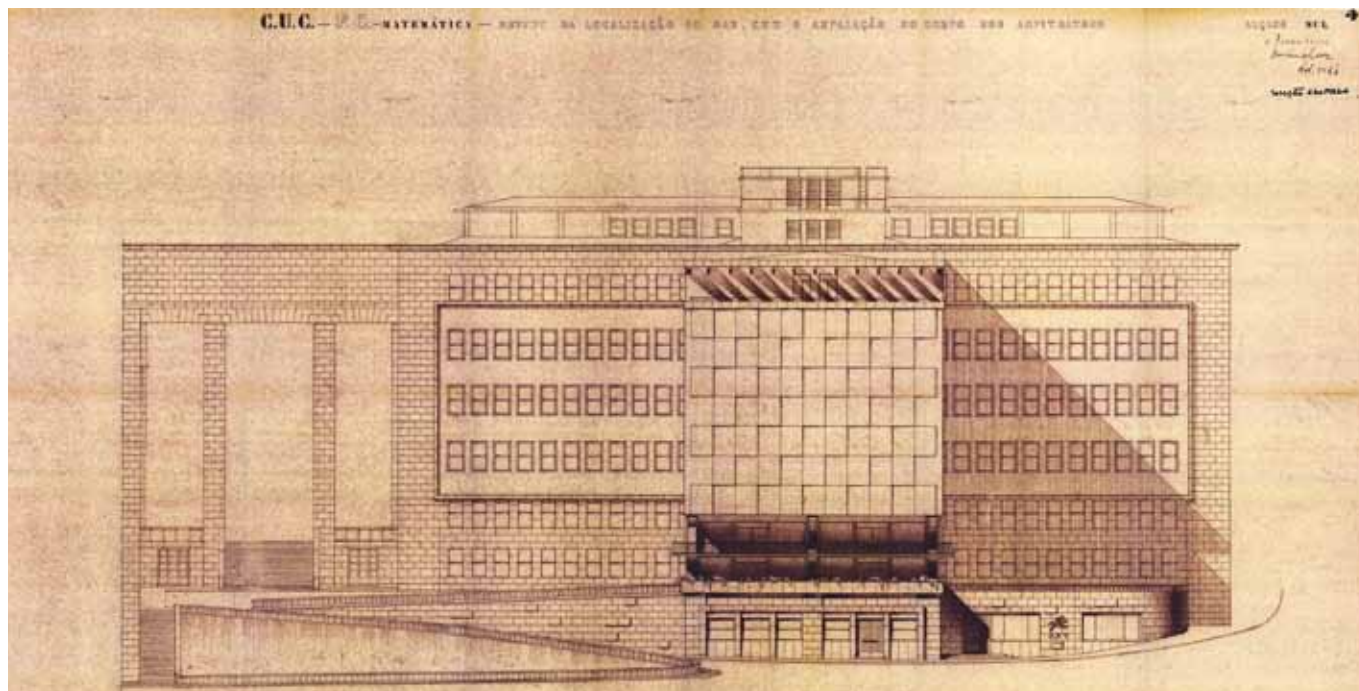
After World War II, in education as in other fields, the regime sought to change its image and, in some cases, its practice, partly as a response to the new international situation, but also to stimulate economic growth, social development and cultural openness. The balance between the preservation of Salazar’s orthodoxy and the introduction of occasional “modernizing adjustments” became increasingly precarious during the 1960s and reached breaking point in the early 1970s. During this phase, the University of Coimbra, as we will see, served as both stage and agent for the resistance and opposition to the New State, gradually becoming more radical over time. Alongside the activism of countless students, several professors, such as Paulo Quintela and Orlando de Carvalho, distinguished themselves by their critical stance.

The increased pace of modernisation of the University of Coimbra, which occurred towards the end of the dictatorship (with the restructuring of the Faculty of Science in 1972, which became the Faculty of Science and Technology, and the creation of the Faculty of Economics, also in 1972), continued even after the Revolution of 25th April 1974, which put an end to the *Estado Novo*. From then on, the University of Coimbra not only accompanied the process of democratization in Portugal but also participated in its construction, supplying the middle and upper echelons of the new social order and participating once more in the reform of the legal framework.

The University City of Coimbra

As well as exerting control in the administrative, academic and pedagogical domains, the *Estado Novo* also launched another kind of domination that was just as effective – redesigning the spaces where learning took place. It was within this context that the concept of “university city” emerged and became widespread in Portugal. As an area set apart from the surrounding city, the “university city” congregated a whole student community and could thus provide the ideal environment for a comprehensive and homogeneous education.

Coimbra’s university city was one of the most significant urban and architectural interventions of the *Estado Novo*. Due to the unanimously recognised symbolic relevance of the University Palace, the choice was for an urban renovation project instead of new construction in the outskirts of the city, as might be expected. The University itself was the first to ask for a renovation of its buildings, on 23 May 1934, at a Senate meeting, as a reaction of protest against the beginning of construction work on Lisbon’s university city, while in Coimbra similar investments had not been made. Although António de Oliveira Salazar accepted the request, very little was done over the next six years



☐
 Projecto para a Faculdade de Ciências (Departamento de Matemática), 1966, AUC
 Project for the Faculty of Science (Department of Mathematics), 1966, AUC

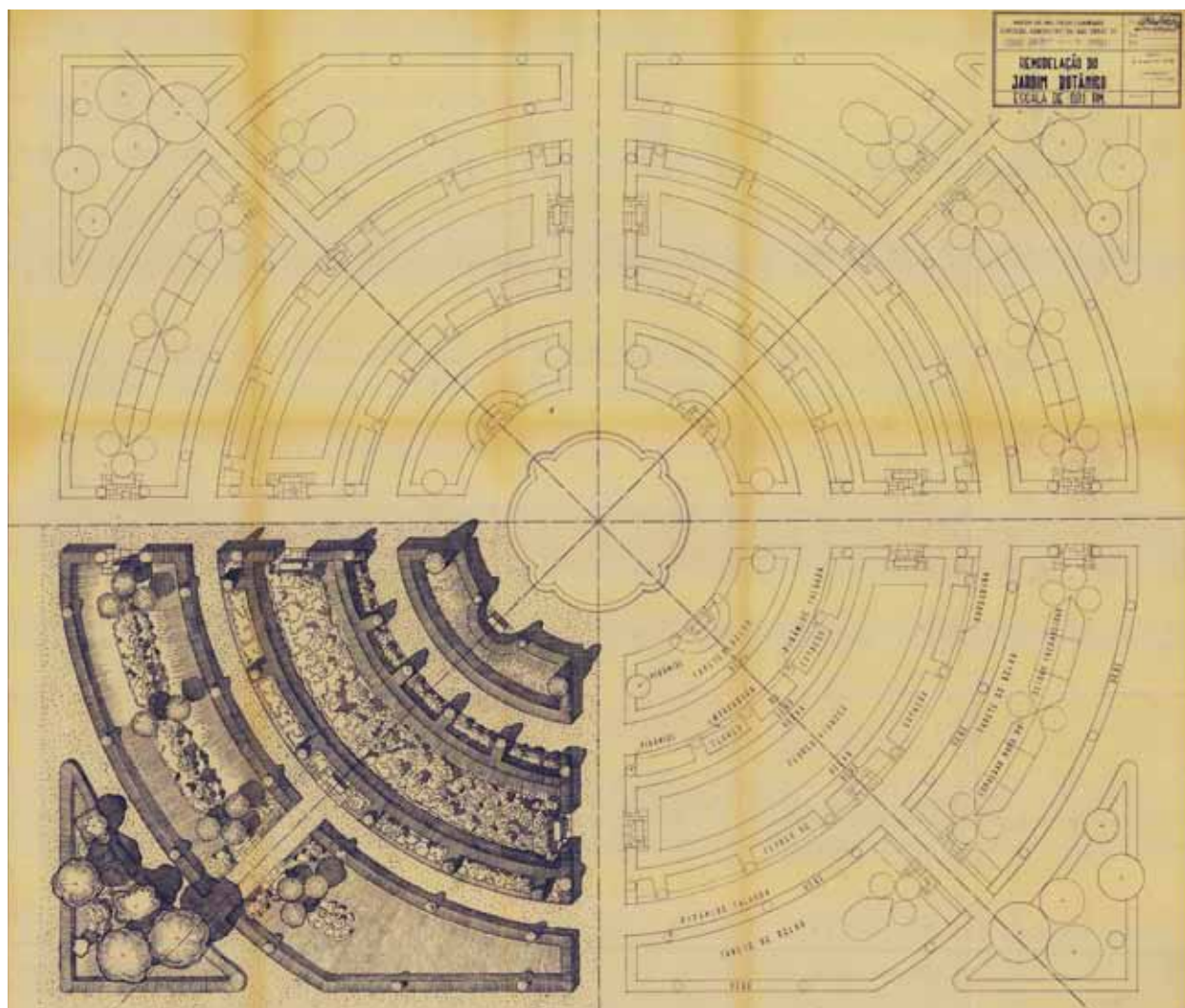
remodelação urbana em alternativa à construção de instalações novas na periferia, como seria expectável. A primeira reivindicação de uma reforma dos edifícios universitários coimbricenses partiu do seio da instituição e revestiu-se de um cunho reactivo. Ela foi endereçada pelos professores em sessão do Senado de 23 de Maio de 1934, assumindo a forma de protesto contra o arranque das obras da cidade universitária de Lisboa sem que a Universidade de Coimbra beneficiasse de iguais investimentos. Tendo embora António de Oliveira Salazar aceite o apelo, pouco se progrediu nos seis anos seguintes porque as propostas avançadas, assentes no intuito de «melhorar e desafrontar» o existente, não agradaram ao engenheiro Duarte Pacheco, Ministro das Obras Públicas e Comunicações.

Em 1941 foi criada a Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra (CAPOCUC), a qual exerceu funções até 1969. Presidida pelo então reitor Maximino Correia, contava, no cargo de Arquitecto--Chefe, com José Ângelo Cottinelli Telmo, substituído, em 1948, por Luís Cristino da Silva. Seria o plano de Cottinelli Telmo, elaborado em 1941 e 1942, a ser levado à prática, prevendo a criação, de raiz, de um complexo monumental: vastas perspectivas, simetria e ortogonalidade no desenho urbano e classicismo depurado e de grande escala na arquitectura. Ao projecto deste arquitecto, Duarte Pacheco acrescentou uma “escadaria monumental”, de modo a vincar o sentido cenográfico do conjunto e a linha principal de toda a composição – a nova Rua Larga –, que ligaria a Praça D. Dinis ao Largo da Porta Férrea. O resultado inscrevia-se no quadro das

because the submitted proposals, which aimed at “improving and restoring” the existing buildings, were not to the liking of engineer Duarte Pacheco, the Minister of Public Works and Communications.

In 1941 the Administrative Committee of the Works Plan of the Coimbra University City (CAPOCUC) was established, remaining active until 1969. It was headed by the rector Maximino Correia, and its chief architect was José Ângelo Cottinelli Telmo, who was replaced by Luís Cristino da Silva in 1948. The chosen plan, designed by Cottinelli Telmo in 1941 and 1942, entailed the construction of a monumental complex, involving broad perspectives, symmetrical and orthogonal urban design and large-scale architecture in a clean classical style. The Minister added a “monumental staircase” to the architect’s project, to stress the scenography of the ensemble and the main feature of the entire composition, the new Rua Larga (Broad Street) that was to connect King Dinis Square to the Iron Gate Square. The final result was in line with the solutions encountered at the time, and explored by authoritarian and totalitarian regimes across Europe (and elsewhere), for an “architecture of power”.

From the outset, the sheer magnitude of the project clashed with the space available. To put it into practice, therefore, much of the existing heritage had to be demolished, and there was large-scale levelling of land in order to create an artificial surface that replaced the irregular and intricate topography and urban design of the old uptown area. The pre-existing buildings that were preserved were drastically reduced in terms of scale. In some cases, the preservation was intentional (S. Bento



soluções encontradas na época para a “arquitectura do poder”, exploradas, não só mas também, pelos regimes autoritários e totalitários europeus.

A amplitude do programa colidiu, desde o primeiro momento, com a exiguidade do espaço disponível. A sua efectiva concretização implicou, pois, extensas demolições de património existente e grandes terraplanagens, de forma a estabelecer-se uma plataforma artificial que substituísse a topografia e o urbanismo irregulares e intrincados da velha Alta. Os edifícios pré-existentes preservados – quer de forma intencional (caso do Colégio de S. Bento), quer em virtude da demora verificada na construção (caso dos Colégios de S. Jerónimo e das Artes, os quais acabaram por sobreviver devido ao abandono do projecto de edificação, nesse espaço, de um Hospital) – viram a sua escala relativa drasticamente reduzida. O mesmo não se verificou com a intervenção da CAPOCUC no Jardim Botânico da Universidade e respectivo enquadramento urbano. Aqui presidiu o intuito de dignificar e engrandecer o espaço, de que são exemplo, entre outros, o arranjo do quadrado

College, for instance), while in others it was due to delays in construction (S. Jerónimo and the College of Arts survived because the project to build a hospital there had been discarded in the meantime). In contrast, in what concerned the Botanical Garden and its setting, the intervention of CAPOCUC aimed at enhancing the space and giving it grandeur, as illustrated by the design of the central square, the installation of a monumental fountain, the inclusion of statues and the demolition of the houses that were built against the S. Jerónimo Aqueduct, opposite the north façade of the Garden.

Despite the untimely death of Duarte Pacheco, in 1943, and of the architect Cottinelli Telmo, in 1948, construction work continued without significant alterations to the plan drawn in the early 1940s. It was only concluded in 1975, although the hospital, on the north side of King Dinis Square, and the portico that would connect the different buildings were not erected. In both physical and immaterial terms, the global impact of this intervention in a city like Coimbra was massive. The city was small in a country

central e a colocação de uma fonte monumental, a implantação de estátuas e a demolição do casario incrustado no Aqueduto de S. Jerónimo, frente à da fachada norte do Jardim.

A morte prematura de Duarte Pacheco, em 1943, e a do próprio arquitecto Cottinelli Telmo, autor do projecto, em 1948, não se traduziram num abandono das obras – concluídas apenas em 1975 –, nem numa modificação significativa do plano estabelecido no início da década de quarenta. Apenas ficou por erigir o Hospital, na face norte da Praça de D. Dinis, e, consequentemente, o pórtico que uniria os vários edifícios. Quer em termos físicos quer imateriais, foi vastíssimo o impacto global da intervenção numa cidade como Coimbra, a qual permanecia pequena num país que, à excepção de Lisboa e do Porto, não tinha aglomerados urbanos de dimensões comparáveis às dos centros populacionais de escala média da maioria dos países da Europa ocidental.

Os novos edifícios da Alta apresentam uma evidente unidade estilística, apenas quebrada no bloco dos Departamentos de Física e Química, o qual, projectado por Lucínio Guia da Cruz, foi o último a ser construído (1966-1975). Da feição arquitectónica do plano global, estabelecida até 1944, destaca-se a utilização sistemática de pilastras e pórticos e uma concepção rigorosamente simétrica das fachadas principais, a qual acabaria, dada a ordem seguida na construção e a demora verificada, por manifestar-se sobretudo nos imóveis que ladeiam a Praça da Porta Férrea: a Biblioteca Geral (remodelação e refuncionalização da Faculdade de Letras construída anos antes) e a nova Faculdade de Letras.

Embora privilegiando o classicismo monumental, a cidade universitária de Coimbra é bem o reflexo, tanto da variedade de soluções arquitectónicas a que o regime recorreu consoante o conteúdo e o público a que se dirigia, como da flexibilidade com que os arquitectos da época manusearam linguagens estéticas distintas e à primeira vista contraditórias. Com efeito, a par do modelo classicizante, vigente na Alta, encontramos respostas regionalistas e historicistas, nomeadamente na reforma da casa do jardineiro do Jardim Botânico ou na habitação para o Director do Observatório Astronómico.

Destaca-se, ainda, a assunção do moderno no complexo da Associação Académica, localizado no sopé da colina universitária e composto por cantinas, um teatro, salas de ensaio e um edifício para as secções culturais e desportivas dinamizadas por estudantes. Projectado pelo mesmo arquitecto que desenhara na Alta o Arquivo, a Biblioteca Geral e a Faculdade de Letras – Alberto José Pessoa (que, neste caso, fez equipa com João Abel Manta) –, foi levado à prática apesar do desagrado do Ministro

that, except for Lisbon and Oporto, didn't have urban agglomerations that could be compared in size to the mid-scale population centres of most western European countries.

The new buildings in the upper part of town clearly present a unity of style that is only interrupted by the block of the Departments of Physics and Chemistry, which was designed by Lucínio Guia da Cruz and the last to be built (1966-1975). The architectural style of the overall plan established until 1944 is characterised by a systematic use of pilasters and porticos and rigorous symmetry in the main façades. Due to the order followed in the construction and to delays, this feature is mostly visible in the buildings that surround the Iron Gate Square – the General Library (a remodelling and adaptation of the Faculty of Letters which had been built some years before) and the new Faculty of Letters.

Although favouring monumental classicism, the Coimbra University City shows the variety of architectural solutions that the regime used according to the specific purposes and the public it had in mind, as well as the flexibility of the architects of that period in handling seemingly contradictory aesthetic languages. Indeed, in addition to the classical model present in the upper part of town, we can find some regional and historic features in the renovation of the gardener's house in the Botanical Garden and in the house built for the Director of the Astronomical Observatory.

Still worth mentioning is the adoption of a modern style in the Student Union complex, located at the bottom of the University hill, which includes canteens, a theatre, rehearsal rooms and a building for the students' cultural and sport societies. Authored by the same architect that had designed the Archive, the General Library and the Faculty of Letters, Alberto José Pessoa (who in this project teamed up with João Abel Manta), it was built despite the disapproval of the Minister of Public Works and the Higher Council for Public Works.

Different art forms were used in the finishing touches of the university city. Although subordinate to architecture, they played a fundamental role, enhancing the public space, giving a stately character to the interiors and clarifying or adding substance to the message conveyed. An iconographic reading of the statues, reliefs, paintings and tapestries offers a significant ideological and artistic homogeneity. The two major themes depicted have indoctrinating purposes: nationalism, represented by Portuguese history and culture, and universalism, represented by Classical Antiquity. In what concerns style, academic sobriety, figurativism, formal restraint and naturalism prevail.

The exceptions to this pattern were added at a later stage and constitute an aesthetic, and in some cases

das Obras Públicas e do Conselho Superior de Obras Públicas.

Diversas artes plásticas foram chamadas a completar a cidade universitária e, embora subordinando-se sempre à arquitectura, não deixaram de desempenhar um papel fundamental, enobrecendo o espaço público, monumentalizando os interiores e clarificando ou acrescentando substância à mensagem a transmitir. A leitura iconográfica das estátuas, relevos, pinturas e tapeçarias oferece uma significativa homogeneidade ideológica e artística. Os dois pólos temáticos tratados revelam propósitos endoutrinadores: o nacionalismo, representado pela história e cultura portuguesas, e o universalismo, figurado pela Antiguidade Clássica. Em termos estilísticos, predomina a sobriedade académica, o figurativismo, o comedimento formal e o naturalismo.

As excepções a este quadro – os painéis de azulejos no átrio do Auditório da Reitoria e no exterior das instalações da Associação Académica; a tapeçaria da Sala do Conselho do Departamento de Matemática; os frescos de Almada Negreiros no átrio do mesmo Departamento; a escultura geométrica de Fernando Conduto no pátio interior comum aos Departamentos de Química e Física – são tardias e configuram uma ruptura estética e, nalguns casos, também política.

O mobiliário constitui uma parcela muito significativa do património móvel associado aos novos edifícios construídos na Alta. Desenhado de raiz pelos arquitectos responsáveis pelo projecto de cada imóvel, responde tanto aos parâmetros ideológicos globais, como às necessidades científico-pedagógicas específicas de cada área do saber. Na sua generalidade, reflecte o diálogo estético (modernidade vs tradição) que atravessa a cidade universitária no seu conjunto e comunga dos dois valores – ordem e poder – omnipresentes na arquitectura, no urbanismo e nas artes plásticas.

Efectivamente, ter-se-á procurado conciliar a funcionalidade, o geometrismo e a depuração característicos do mobiliário estandardizado moderno com a hierarquização dos espaços (da sala de aula à Sala do Conselho da Faculdade) e dos indivíduos (do aluno ao professor catedrático), típicos de uma Universidade e de um regime de matriz, antes de mais, corporativista e conservadora. A visibilidade do poder aparece assegurada pelo doseamento decorativo, pela graduação da complexidade formal, pela quantidade e dimensão de cada peça.

Academia, cultura e oposição ao Estado Novo

Em virtude do seu longo monopólio universitário e do prestígio que continuava a granjear, Coimbra

political, departure from it: the tile panels in the lobby of the University Auditorium and on the outside walls of the Student Union building; the tapestry in the Council Room of the Department of Mathematics; the frescoes by Almada Negreiros in the lobby of the same building; and the geometrical sculpture by Fernando Coutinho in the inner patio of the Departments of Chemistry and Physics.

The furniture is a significant part of the movable heritage linked to the new buildings in the upper part of town. It was designed by the architects in charge of the project of each building, and it responds both to the general ideological parameters and to the specific academic and pedagogical needs of each area of knowledge. Overall, it reflects the aesthetic dialogue of modernity vs. tradition that runs through the university city as a whole, and displays the values of order and power that are omnipresent in its architecture, urban design and art. Indeed, it seems that there was an attempt to combine the characteristic functionality, geometrism and simplicity of modern standard furniture with the hierarchization of spaces (from the classroom to the Faculty Council Room) and individuals (from the student to the full professor) that is typical of a University and a regime which were, first and foremost, corporatist and conservative. The visibility of power is assured by decorative restraint, gradation of formal complexity and the quantity and size of each element.

Students, Culture and Opposition to the *Estado Novo*

As a result of having been for many centuries the only university in Portugal and of the prestige it continued to garner, the University of Coimbra had (and still has) an immense symbolic weight at the time. Because of this, any event that happened within its environment was bound to have short or medium term repercussions in the country.

Coimbra's student community (locally called "Academy") was characterised, at least from the 19th century, by a "culture of power" as well as a "culture of resistance". In both cases, since we are dealing with the education of the elites, the result was the creation of a space that promoted civic intervention. Over the course of the 20th century, the transformation in the students' outlook and consciousness was reflected in a change in the demands they made. They shifted from a "corporatist" position, which was mainly concerned with their union rights, to a confrontational stance, which questioned the university institution and directly challenged the regime.

Understanding this change necessarily entails a consideration of the mutation of the university environment and its cultural patterns and expressions from the mid 1940s onwards. A new awareness about the condition of women began to emerge, albeit in an embryonic form. As the number of female students



detinha (e ainda detém) uma carga simbólica de enorme peso face à reduzida dimensão que a cidade possuía na época. Qualquer ocorrência que tivesse como epicentro o ambiente universitário coimbrão repercutia-se, por isso, a curto ou a médio prazo, na realidade nacional.

A Academia de Coimbra afirmara-se, pelo menos desde o século XIX, como um terreno marcado quer por uma «cultura de poder», quer por uma «cultura de resistência». Em ambos os casos, tratando-se da formação de elites, resultou num espaço de promoção da intervenção cívica. No decurso do século XX, assistiu-se à transformação da mentalidade e da consciência estudantis, plasmada na metamorfose da sua agenda reivindicativa: de uma postura «corporativa», preocupada sobretudo com a defesa dos direitos associativos, passar-se-á ao questionamento da instituição universitária e ao confronto directo com o regime.

A compreensão deste trajecto tem necessariamente de incluir uma reflexão sobre a mutação do ambiente universitário, bem como dos seus padrões e expressões culturais, desde meados dos anos quarenta. Ainda que de forma embrionária, assiste-se,

grew, the barriers that divided men and women in terms of social attitudes, cultural models and political behaviour began to crumble. This process had a significant impact on the structuring of the student environment and contributed to the rewriting of the relationship of the Portuguese woman with herself and with society.

A scenario of intellectual renovation and socialisation alternative to the one of the *Estado Novo* became established within the student community and the University. The restructuring, in the late 1950s and early 1960s, of *Via Latina*, the newspaper of the Coimbra Student Union since the 19th century, and the appearance in 1942 of the magazine *Vértice* – connected to the neorealist movement in literature – are just a few examples that testify to the commitment to the discussion of the real problems of the academic environment and of society in general, and to the diffusion of positions about new aesthetic paradigms. Cinema and film clubs also contributed towards the opening up that occurred at the level of aesthetic production and involvement in socio-political causes. In addition to the cinemas for the general public – the Cine-Theatre Avenida and, later on, the Gil Vicente Academic Theatre – the Centre for Cinematographic Studies, which was

nesta fase, à afirmação de uma nova consciência do feminino. A par do aumento da taxa de feminização do corpo discente, quebram-se, pouco a pouco, as barreiras que separavam, em campos antagónicos, as atitudes sociais, os modelos culturais e a conduta política protagonizados pelos homens e pelas mulheres. Este processo teve um impacto estruturante na composição do meio estudantil e contribuiu para a reescrita do relacionamento da mulher portuguesa consigo própria e com a sociedade.

Um cenário de renovação intelectual e de sociabilização alternativa à do Estado Novo instalase no seio da Academia e da Universidade. A reestruturação, na viragem da década de 1950 para a de 1960, da *Via Latina*, jornal da Associação Académica de Coimbra desde o século XIX, ou o aparecimento, em 1942, da revista *Vértice* – ligada à corrente neo-realista –, são alguns dos exemplos que atestam o empenhamento no debate acerca dos problemas concretos do meio académico e da sociedade em geral, na divulgação de posicionamentos sobre novos paradigmas estéticos. O cinema, incluindo a actividade cineclubista, contribuiu, também, para a abertura registada nos planos da produção estética e do envolvimento em causas sócio-políticas. Para além dos cinemas abertos ao grande público – em particular o Cine-Teatro Avenida e, mais tarde, o Teatro Académico Gil Vicente –, o Centro de Estudos Cinematográficos, criado como secção autónoma da Associação Académica, trouxe um importante contributo a esta área.

O Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CITAC), respectivamente fundados nas décadas de 1930 e 1950, viriam, por seu turno, a quebrar os cânones de um teatro mais convencional e a comprometer politicamente a sua programação, como esforço de resistência cultural ao Estado Novo.

Quanto aos vários grupos corais, com destaque para o Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra (fundado em 1954) e para o Coro Misto (criado em 1956), associaram-se, igualmente, à dinâmica em apreço, trazendo como mais-valia a possibilidade de o seu funcionamento contemplar frequentes deslocações e contactos com o exterior. É também de sublinhar a actuação do Grupo de Etnologia e Folclore da Universidade de Coimbra (GEFAC) que, desde 1966, desenvolveu um trabalho de pesquisa, tratamento e divulgação de manifestações (mormente musicais) das culturas populares, oferecendo, perante este fenómeno, uma via alternativa à apropriação ideológica de que foi alvo por parte do regime. Paralelamente a estes organismos que gravitam em torno da Associação Académica, as Repúblicas de estudantes (residências comunitárias) afirmaram-se como locais privilegiados de organização associativa, de debate cultural e de

created as an autonomous section of the Student Union, played an important role in this field.

The Theatre of the Students of the University of Coimbra (Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra – TEUC) and the Circle of Drama Initiation of the Coimbra Academy (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra – CITAC), founded respectively in the 1930s and the 1950s, broke with the canons of a more conventional theatre and presented politically engaged programmes that represented an act of cultural resistance to the *Estado Novo*.

As for the several choir groups, especially the Choir of the Students of the Faculty of Letters of the University of Coimbra (Coral dos Estudantes de Letras da Universidade de Coimbra), created in 1954, and the Mixed Choir (Coro Misto), created in 1956, they also participated in the ongoing dynamic, and had the advantage of frequently travelling abroad and establishing connections with foreign groups. The work developed by the Group of Ethnography and Folklore of the Coimbra Academy (Grupo de Etnologia e Folclore da Academia de Coimbra – GEFAC) should also be underlined. From 1966, it worked on the research, treatment and dissemination of musical manifestations of popular culture, offering a different view of a phenomenon that had been ideologically appropriated by the regime. In addition to these sections connected to the Student Union, the students’ “Repúblicas” (community houses) were crucial sites for associational organisation, cultural debate and political consciousness raising. Their involvement was decisive for the evolution of the student movement.

Coimbra’s delegation of the “House of the Students of the Empire” (Casa dos Estudantes do Império – CEI) was an active part of this scenario. Established in 1944 by the Government of António de Oliveira Salazar, its goal was to control the integration of the students from the Portuguese colonies into the student environment of the mother country, preventing their dispersal among other support organisations. Through the Ministry of the Colonies and the national organisations of Portuguese Youth (Mocidade Portuguesa) and Portuguese Female Youth (Mocidade Portuguesa Feminina), the regime sought to ensure the reproducing of the established imperial ideology. However, the CEI soon undermined the expectations of the *Estado Novo*. Right after the end of World War II, many students from the colonies, like other students, joined the Democratic Unity Movement and the structures of support to the opposition candidates to the presidential “election”.

From the 1950s onwards, CEI operated as a space for political elucidation, the exposure of colonialism and anti-Salazarist socialisation, regardless of the diverse political projects its members envisaged for their respective countries. Because of this, it was a

consciencialização política, tendo o seu envolvimento sido determinante na evolução do movimento estudantil.

Inscrevendo-se neste panorama e com ele interagindo, destaca-se a actuação da delegação de Coimbra da “Casa dos Estudantes do Império” (CEI). Instituída em 1944 pelo Governo de António de Oliveira Salazar, tinha por objectivo controlar a integração dos estudantes das colónias portuguesas no meio estudantil metropolitano, evitando a sua dispersão por outras estruturas de apoio e enquadramento. Através do Ministério das Colónias, da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Portuguesa Feminina, procurara garantir-se a reprodução da ideologia imperial vigente. No entanto, cedo a CEI subverteu as expectativas do Estado Novo. Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, muitos dos estudantes oriundos das colónias aderem, à semelhança de outros universitários, ao Movimento de Unidade Democrática e às estruturas de apoio aos candidatos da oposição às “eleições” para a Presidência da República.

A partir dos anos cinquenta, a CEI funcionou como um espaço de esclarecimento político, de denúncia do colonialismo e de sociabilização anti-salazarista, independentemente da diversidade de projectos políticos que os seus membros pudessem acalentar para os seus países. Constituiu, por isso, uma autêntica «escola de quadros» para os futuros movimentos de libertação. Citam-se alguns exemplos. Em 1949, Agostinho Neto foi, enquanto estudante da Universidade de Coimbra (mais tarde transferiu-se para Lisboa), membro da Direcção da CEI. Assumirá a liderança do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), ao regressar a Angola, em 1959, e tornar-se-á o primeiro Presidente daquele país em 1975.

Lúcio Barreto Lara iniciou as suas actividades políticas, a partir de 1949, na CEI de Coimbra, da qual se torna Presidente em 1952. Veio a integrar o núcleo fundador do MPLA em 1956. Eduardo Macedo dos Santos, formado em Medicina pela Universidade de Coimbra e co-fundador do MPLA, tornou-se, após a independência, Director do Centro Hospitalar Universitário e Director da Faculdade de Medicina da Universidade de Angola (mais tarde denominada Universidade Agostinho Neto). O moçambicano José Óscar Monteiro, membro da direcção da CEI em Coimbra, será dirigente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e membro do Governo de Moçambique.

Entre as manifestações culturais que emergem e caracterizam a vida da Academia nas décadas de sessenta e início da de setenta, o “canto de intervenção” ocupa um lugar ímpar, constituindo, ainda hoje, um ícone da memória colectiva nacional

real “training school” for the leaders of the future liberation movements. A few cases illustrate this point. Agostinho Neto was a member of the Board of CEI, in 1949, while attending the University of Coimbra (he later transferred to Lisbon). Upon his return to Angola, in 1959, he became the leader of the People’s Movement for the Liberation of Angola (MPLA) and afterwards the country’s first President, in 1975. Lúcio Barreto Lara began his political activity in 1949, at the CEI of Coimbra, becoming its President in 1952. He was later one of the founding members of the MPLA, in 1956. Eduardo Macedo dos Santos, a physician who graduated from the University of Coimbra and was also a founding member of the MPLA, became, after independence, Director of the University Hospital Centre and Dean of the Faculty of Medicine of the University of Angola (later renamed Agostinho Neto University). The Mozambican José Óscar Monteiro, member of the board of Coimbra’s CEI, became a leader of the Liberation Front of Mozambique (FRELIMO) and later a member of the Mozambican Government.

Among the emerging cultural manifestations that characterised student life in the 1960s and early 1970s, the “protest song” played a leading role, and to this day it stands as an icon in the country’s collective memory of resistance to the *Estado Novo*. Originating in Coimbra’s student environment, this type of popular song was called “ballad” in an attempt to distance it from the traditional Coimbra Song. Its distinctive features were political engagement and protest, often conveyed in metaphors in order to elude censorship. Two of its leading representatives – José Manuel Afonso dos Santos, commonly known as Zeca Afonso, and Adriano Correia de Oliveira – studied at Coimbra in the 1950s and 1960s. Due, on the one hand, to the development of the mass media and the record industry and, on the other, to radio broadcasting – in spite of the constraints imposed by the censorship – the “protest song” became the main “peaceful weapon” of the opposition, not just in Portugal but in the colonies as well.

The 1960s were crucial for the evolution of the student movement. Among other aspects, they were marked by two events that would change the nature of student protest practices and the methods used. These events were the beginning of the Colonial War (1961-1974), which the regime officially called “overseas campaigns”, and the emergence or strengthening of opposition movements that competed with the Portuguese Communist Party. The new movements, some of which were tolerated and others underground, covered a broad political spectrum, including liberals, Maoists and progressive Catholics.

The so-called “academic crisis of 62”, which was mainly centered in Lisbon but which reverberated throughout the country, marks the beginning of the

da resistência ao Estado Novo. Este tipo de canção popular, cujo germen se encontra no meio estudantil coimbrão, surge designado por “balada”, numa tentativa de demarcação face à tradição da Canção de Coimbra. Tem como marca distintiva o comprometimento político, a palavra contestatária, muitas vezes metaforizada para escapar ao controlo dos serviços de censura. Dois dos seus principais representantes – José Manuel Afonso dos Santos, vulgarmente conhecido por Zeca Afonso, e Adriano Correia de Oliveira – fizeram, respectivamente, a totalidade e a grande parte da sua formação universitária em Coimbra nos anos cinquenta e sessenta. Graças, por um lado, ao desenvolvimento dos *mass media* e da indústria discográfica; por outro, à divulgação assegurada, apesar das restrições que a censura impunha, por algumas estações de rádio, o “canto de intervenção” tornou-se na principal “arma pacífica” da oposição, não apenas na Metrópole mas também nos territórios coloniais.

Na evolução do movimento estudantil, a década de sessenta ocupa um lugar central. Entre outros aspectos, ela caracteriza-se por duas realidades que viriam a modificar o teor e a metodologia das práticas contestatárias estudantis: o início da Guerra Colonial (1961-1974), a que o regime oficialmente denominava “campanhas ultramarinas”, e o aparecimento ou fortalecimento de correntes oposicionistas que rivalizavam com o Partido Comunista Português. Surgiram movimentos, mais ou menos tolerados ou clandestinos, que foram desde a “ala liberal” até aos grupos maoístas, passando pelos “católicos progressistas”.

A chamada “crise académica de 62” (1962), de amplitude nacional mas centrada sobretudo em Lisboa, assinala o início do processo mediante o qual uma percentagem elevada dos estudantes universitários portugueses ganhou a noção de colectivo e passou a conceber a sua actuação, conquanto empreendida por estudantes, bem para lá dos limites do meio académico. Trata-se da primeira «crise académica» na acepção profunda do termo, pois assumiu conteúdos e métodos de luta convictos e estruturantes – manifestações, greves às aulas, choque com a polícia, greve de fome –, congregando uma grande massa de estudantes e inscrevendo-se num clima geral de crescente desafecção em relação ao Governo e às autoridades universitárias. Seguiram-se-lhe anos pautados pelo incremento da politização do movimento estudantil e pelo engrossar da sua base de apoio, a qual passou a integrar estudantes que até então se haviam mantido desvinculados de qualquer filiação político-ideológica.

As expectativas de um reformismo liberalizante, abertas com a substituição de António Oliveira Salazar por Marcelo Caetano no cargo de Presidente do Conselho (1968-1974), juntamente com a

process by which a significant percentage of Portuguese college students gained awareness of being a collective and started to see their action as being far beyond the boundaries of the academic environment. This was the first “academic crisis” in the true meaning of the term, involving forceful and decisive issues and methods of struggle – demonstrations, class boycotts, confrontations with the police, hunger strikes. It brought together a large number of students, and was both part and sign of a general atmosphere of growing alienation towards the Government and college authorities. The following years witnessed an increasing politicisation of the student movement and the growth of its support base, which began to include students who until then hadn’t had any political or ideological affiliation.

The expectations of a liberal reform that surfaced when Marcelo Caetano replaced António de Oliveira Salazar as Prime Minister (1968-1974), together with the French student strikes of May 1968, generated a new dynamic within the student community that led to the victory of the anti-regime and non-party based ticket headed by Alberto Martins in the free elections

☑
Assembleia Geral de estudantes, realizada no Pátio das Escolas a 18 de Abril de 1969, BGUC
 General Assembly of students at the University Courtyard on 18 April 1969, BGUC



☑
Zeca Afonso em manifestação de apoio ao luto académico, 1969, BGUC
 Zeca Afonso in demonstration supporting "academic mourning", 1969, BGUC



☑
Desfile militar no âmbito da inauguração do Departamento de Matemática a 17 de Abril de 1969. Ao fundo, manifestação de estudantes e populares, BGUC
 Military parade on the occasion of the inauguration of the Department of Mathematics building, on 17 April 1969. In the background, a demonstration of students and citizens, BGUC



✕
O presidente da Associação de Estudantes, Alberto Martins, toma a palavra durante a inauguração do Departamento de Matemática a 17 de Abril de 1969, após a comitiva oficial abandonar a sala, BGUC
The President of the Student Union, Alberto Martins, delivering a speech during the inauguration of the Department of Mathematics building, on 17 April 1969, after the official retinue had left the room, BGUC



influência das greves estudantis francesas de Maio de 1968, potenciaram uma nova dinâmica que conduziria à vitória de uma lista anti-regime e suprapartidária. Liderada por Alberto Martins, venceu as eleições livres para a Direcção da Associação Académica de Coimbra, em Fevereiro de 1969.

Os acontecimentos ocorridos em 17 de Abril desse ano, durante a inauguração do novo Departamento de Matemática – evento onde Alberto Martins, na presença do Presidente da República e de altas autoridades políticas, militares e académicas, pediu a palavra para se pronunciar em nome dos estudantes da Universidade de Coimbra e esta lhe foi negada –, desencadearam um forte protesto público, a que o regime respondeu com a detenção do Presidente da Associação Académica e a suspensão de alguns dos principais dirigentes académicos.

A reacção dos estudantes culminaria com o estabelecimento do “luto académico” com a consequente greve às aulas (transformadas em lugar de debate dos problemas próprios de cada Faculdade) e o cancelamento da celebração da “Queima das Fitas”. A Universidade foi temporariamente encerrada pelo Ministério da Educação Nacional, mantendo-se o calendário de exames, ao qual os estudantes decretariam

for the Board of the Coimbra Student Union in February 1969.

On 17 April 1969, during the inauguration of the new Department of Mathematics, in the presence of the President of the Republic and of high political, military and academic authorities, Alberto Martins asked for the floor to speak on behalf of the University of Coimbra students and saw his request denied. This set in motion a strong public protest, and the regime’s response was to arrest the President of the Student Union and to suspend some of the principal student leaders.

The students responded by initiating a period of “academic mourning”, boycotting classes (which became a forum for the discussion of each Faculty’s problems) and cancelling the “Queima das Fitas”. The University was temporarily closed by the Ministry of National Education, but the schedule of exams remained unaltered, and the students called for a boycott to exams. Several teachers (many of them recently hired) declared their solidarity with the students. The Student Union was closed down and its leading figures were either expelled or compulsorily drafted into the Army. Even so, the student movement carried on, despite the repressive and restrictive measures put in place by the regime.



greve. Vários docentes universitários (muitos deles recentemente contratados) solidarizam-se com os estudantes. Encerrada a Associação Académica e expulsos ou compulsivamente incorporados no Exército os seus mais destacados activistas, o movimento estudantil prosseguiu apesar das modalidades de repressão e enquadramento impostas pelo regime.

A “crise académica de 69”, designação por que ficou conhecida, configurou, pois, o mais emblemático momento de oposição estudantil coimbrã (e nacional, devido à solidariedade manifestada nas Universidades de Lisboa e Porto) à política do Estado Novo. Permaneceu, por isso, não apenas viva (e mitificada) na memória e no imaginário da Academia e da cidade, mas também “operativa”, uma vez que se converteu em património legitimador, reclamado e invocado pela generalidade das gerações posteriores de activistas estudantis até aos nossos dias.

The “academic crisis of 69”, as it became known, was thus the most emblematic moment of the Coimbra students’ opposition to the policies of the *Estado Novo*. It also had nationwide repercussions, since the Universities of Lisbon and Oporto declared their solidarity with the University of Coimbra. Thus, it has not only been preserved (and mythified) in the memory and the imaginary of the Academy and the city, but has also become an “active” event, inasmuch as it was turned into a legitimising heritage that has been invoked by every generation of student activists ever since.

a cidade da universidade
de coimbra

the city of the university
of coimbra



A cultura em Coimbra antes da fundação da Universidade Culture in Coimbra before the Founding of the University

Em 1308, na Bula de Clemente V autorizando a transferência da Universidade para Coimbra, o papa refere os conflitos entre a população de Lisboa e os estudantes como motivo que terá desencadeado o pedido régio, invocando igualmente, para justificar a escolha de Coimbra, a indicação de D. Dinis de acordo com a qual se trataria do local “magis accomodus et conveniens”. Iniciava-se, a partir de então, o confronto entre os dois centros urbanos pela captação da principal instituição cultural do território português, no qual, após uma mais prolongada estadia em Lisboa no Portugal tardo-medieval, Coimbra acabaria por se impor a partir de 1537.

A “conveniência” coimbrã pode ser medida pela importância cultural adquirida pelo burgo nos séculos XII e XIII, na sequência da sua conquista por Fernando Magno em 1064 e da restauração do respectivo bispado em 1080.

Com efeito, se até à segunda metade do século XI, o Mosteiro de Lorvão se afirmara como principal centro cultural da região, a conquista de Coimbra e a reestruturação eclesiástica da urbe deslocarão para a nova cidade fronteira do reino leonês uma dinamização cultural até então entregue aos mosteiros rurais do território. Pelos finais do século e inícios do seguinte, é sobretudo em torno da Sé, onde confluem influências culturais díspares, que se podem detectar as transformações em curso.

Num primeiro momento, parece ser a influência moçárabe que se impõe. Resultando da experiência cultural das comunidades cristãs em território muçulmano, a cultura moçárabe reflectia a pujança cultural da sociedade islâmica peninsular e havia sido já responsável, desde o século VIII, pela revitalização cultural do reino astur-leonês.

Para além da orientação sobretudo gramatical e musical presente na maioria das instituições culturais do reino leonês — aquela que se afigurava como suficiente para assegurar a oração, a leitura dos textos sagrados e as funções litúrgicas de monges e clérigos —, as comunidades moçárabes, estimuladas pelo alto nível atingido pela cultura urbana do *Al-Andalus*, tinham mantido preocupações culturais mais alargadas, apoiadas na tradição antiga de uma formação no âmbito das sete artes liberais, e que remetiam para a erudição dos círculos cristãos dos finais da Antiguidade.

In 1308, Pope Clement V’s Bull authorising the transfer of the University to Coimbra alludes to the conflicts between the populace of Lisbon and the students as being one reason behind the royal request, also invoking King Dinis’s words concerning this site as “magis accomodus et conveniens” to justify the choice of Coimbra. From then on, the two urban centres vied to attract the leading cultural institution in Portugal, and after a prolonged sojourn in Lisbon in the late Middle Ages, Coimbra ended up as the winner in 1537.

The “convenience” of Coimbra can be measured by the cultural importance that the town acquired in the 12th and 13th centuries in the wake of its conquest by Fernando Magno, in 1064, and the restoration of its bishopric in 1080. In effect, whereas until the second half of the 11th century, the monastery of Lorvão had been the chief cultural centre of the region, these two events gave the new border city of the Kingdom of León a vital role in cultural development, a role that had until then been entrusted to the territory’s rural monasteries. In the late 12th and early 13th centuries, it was mostly in the See that different cultural influences converged, and it was there that the ongoing changes could be detected.

The Mozarabic influence seems to have been predominant at first. Stemming from the cultural experience of Christian communities in Muslim territories, Mozarabic culture reflected the exuberance of Islamic society in Iberia, which had been responsible for the cultural vitality of the Kingdom of Asturias and Leon since the 8th century. In addition to the orientation, especially in terms of grammar and music, existing in most cultural institutions in the Kingdom of Leon — deemed essential for reading the holy writings, for prayer and the liturgical duties of monks and clerics — the Mozarab communities, stimulated by the high level achieved by the urban culture of *Al-Andalus*, had maintained wider cultural concerns, based on the old tradition of instruction in the seven liberal arts, which dated back to the learning of the Christian circles in late Antiquity.

It was precisely the texts coming from this stream that achieved greater visibility in Coimbra from the last quarter of the 11th century, in connection with the policy of attracting the Mozarab circles

Ora, são precisamente textos oriundos desta corrente que adquirem uma nova visibilidade em Coimbra a partir do último quartel do século XI, em ligação com a política de captação dos círculos moçárabes encetada por Sesnando, então governador da cidade. Poderão ter tido esta origem algumas obras dos Padres da Igreja — nomeadamente de Santo Agostinho e de Santo Isidoro de Sevilha, autor cujas *Etimologias*, bem conhecidas em Coimbra, constituíam uma grande enciclopédia do saber antigo —, bem como uma ou outra obra clássica e compêndios gramaticais, presentes num inventário da biblioteca da Sé de 1393, que assinala a sua antiguidade ao referir-se à letra visigótica em que estavam escritos. E teria seguramente a mesma origem moçárabe um conjunto diversificado de obras relacionadas com a medicina, a astronomia, a aritmética e outros saberes científicos, cuja projecção na cultura islâmica é bem conhecida, que se encontravam na posse de clérigos e instituições da cidade. A esta corrente se poderia igualmente dever a qualidade do latim da chancelaria da Sé, bem superior, pelos finais do século XI, à das restantes sés do território que se constituiria, pela mesma altura, como espaço do *Condado Portucalense*.

Se o que sabemos das bibliotecas coimbrãs através das doações e empréstimos de livros documentados no século XII, e mesmo posteriormente, permite continuar a seguir o trajecto desta corrente cultural de origem hispânica junto dos meios eclesiásticos do centro do território, ela foi confrontada, já a partir dos últimos anos do século XI, com tendências culturalmente mais rigoristas provenientes de além-pirinéus e que haviam conhecido um novo vigor na sequência da derrota de Afonso VI em Zalaca, frente aos Almorávidas.

À influência cultural e religiosa, que já se havia feito sentir com a difusão da reforma cluniacense no território e com a abolição dos ritos moçárabes, seguiam-se uma maior vigilância na escolha dos prelados destinados a gerir as dioceses entretanto restauradas, bem como o apoio militar na luta contra os muçulmanos, com a chegada à Península de cavaleiros da Borgonha pertencentes a poderosas linhagens relacionadas com a abadia de Cluny, e a quem estaria destinado um importante papel político nos anos subsequentes. É a um deles, D. Henrique, que Afonso VI doa o território entre o Minho e o Mondego, uma região fronteiriça do reino leonês agora mais afastada de um poder sediado em Castela, e portanto mais difícil de defender em situações de apuro como aquela que se projectava, viabilizando o aparecimento do *Condado Portucalense*.

Coimbra, a principal cidade da fronteira sul do novo território, saída há poucas décadas do domínio muçulmano, via-se assim integrada num contexto

implemented by Sesnando, the then governor of the city. Some works by the Fathers of the Church may have originated in this way, in particular those by St Augustine and St Isidore of Seville, whose *Etymologiae* was well known in Coimbra as a great encyclopaedia of ancient knowledge, not to mention some classical works and grammatical compendia which are recorded in a 1393 inventory of the See's library and whose antiquity is noted by references made to the Visigothic handwriting in which they were written. The same Mozarab origin can certainly be ascribed to a sundry collection of works on medicine, astronomy, arithmetic and other branches of science whose dissemination in Islamic culture is well known. These works were in the possession of clergymen and institutions in the city. This stream also accounts for the quality of the Latin in the chancery of the See; at the end of the 11th century it was far superior to that in the other bishoprics in the territory that made up the *Condado Portucalense* ('county of Portugal') at that time.

Whilst what we know of the Coimbra libraries from the donations and loans of books documented in the 12th century, and even later, allows us to continue following the path of this cultural stream of Hispanic origins within the ecclesiastical environment in the centre of the territory, from the closing years of 11th century it was confronted with tendencies of a more culturally rigorous bent that flowed from across the Pyrenees and which gained new life after the defeat of Alfonso VI at Zalaca at the hands of the Almoravids.

The cultural and religious influence that was already being felt with the spread of the Cluniac reforms within the territory and the abolition of the Mozarabic rites saw greater vigilance being used in the choice of prelates who were to run the dioceses that had meanwhile been restored. In addition, military support against the Muslims was provided by the arrival in the Peninsula of the knights of Burgundy, who belonged to the powerful lineages related to the Abbey of Cluny, and who were destined to play an important political role in the ensuing years. It was to one of these, D. Henrique, that Alfonso VI gave the land between the Minho and the Mondego rivers. It was a region bordering the Kingdom of Leon, more remote from the power base now established in Castile, and therefore harder to defend in situations of trouble such as the one that would soon happen, leading to the emergence of the *Condado Portucalense*.

Coimbra was the main town on the southern border of the new territory, having emerged only a few decades previously from Muslim domination. It thus became part of a political and religious context that bore little resemblance to the still pronounced Mozarab presence that had been preserved under the consulate of Sesnando, who had died in the




Paço das Escolas, GCI
 University Palace, GCI

político--religioso pouco conforme com uma presença moçárabe ainda muito vincada e que pudera ser preservada no consulado de Sesnando, entretanto falecido. Apesar da resistência da facção moçárabe, que se prolongaria até 1111, o novo enquadramento político e religioso da região acabaria por impor as tendências reformistas provenientes de França, que se integravam no movimento mais geral de reforma da Igreja iniciada na segunda metade do século anterior e que o papado pretendia estender a todo o Ocidente.

No entanto, a vivacidade religiosa e cultural que desencadeara estes acontecimentos, e tinha, então, o seu principal assento na Sé, continuaria a manifestar-se duas décadas depois com o aparecimento do Mosteiro de Santa Cruz.

Não é este o momento indicado para equacionar o porquê da fundação desta nova instituição monástica. Cumpre apenas salientar que, independentemente de, na sua origem, poder ter estado relacionada com expectativas não cumpridas de acesso ao episcopado por parte de D. Telo, então arcebispo da catedral e um dos principais instigadores da nova instituição, ela vem revelar, mais uma vez, o dinamismo que atravessava o clero catedralício da cidade que, precisamente a partir de 1131, data do aparecimento do novo mosteiro, surgia como local escolhido pelo príncipe D. Afonso Henriques para estadias mais prolongadas da corte.

meantime. Despite the resistance shown by the Mozarab faction until 1111, the new political and religious setup eventually imposed the reformist tendencies from France, which were part of the more general movement of Church reform that had had its beginnings in the second half of the previous century, and which the papacy intended to spread throughout the West.

However, the religious and cultural energy that unleashed these events was then largely based in the See, and it continued to manifest itself two decades afterwards, with the appearance of the Santa Cruz Monastery. This is not the right moment to discuss the reasons for the founding of this new monastic establishment. It is worth noting, however, that, regardless of whether its origin was related to unfulfilled expectations of acceding to the episcopate on the part of D. Telo, the then archdeacon of the cathedral and one of the leading instigators of the new institution, it is one more sign of the vigour that was exhibited by the clergy connected with the cathedral of the city which, from 1131, when the new monastery appeared, was chosen by prince D. Afonso Henriques for the lengthier sojourns of the court.

With the presence in Coimbra of the man who would shortly become king of Portugal, we see the start of the period of Coimbra's greatest projection, and this lasted for over a century. It became a centre for a new territorial expansion drive to the south, a



Com a presença em Coimbra daquele que seria pouco depois rei de Portugal iniciava-se o período de maior projecção da urbe coimbrã, que se prolongaria por mais de um século, transformando-a no centro de um novo impulso de expansão territorial para sul, impulso ao qual os monges cruzados souberam dar a necessária cobertura ideológica. Apoiado desde o início pelo príncipe Afonso, que cedeu aos fundadores o local para a sua instalação, o mosteiro impôs-se na segunda metade do século como a grande instituição cultural do território, definindo-se, através de uma pujante produção original, os principais caminhos da sua afirmação no meio clerical e junto da elite política. Ao primeiro ligam-se os relatos hagiográficos de Martinho de Soure, de Telo e de Teotónio, escritos entre 1147 e 1162, propondo retratos exemplares de um pároco rural e dos dois grandes impulsionadores da instituição, denunciando-se já no último, no entanto, uma intenção evidente de orientação da elite política na figura de Afonso Henriques, vertente que se confirma na narrativa coeva da conquista de Santarém e, mais tarde, no prolongamento dos *Annales portugalenses veteres* entretanto copiados em Coimbra, conhecido sob o nome de *Annales domni Alfonsi portugalensium regis*.

A produção de Santa Cruz é reveladora dos recursos culturais do mosteiro, visíveis ainda nos livros chegados até nós da sua importante biblioteca. Devedores, na sua organização inicial, do Mosteiro de S. Rufo de Avinhão, os cruzados trouxeram para Portugal as preocupações culturais de uma das correntes de renovação da Igreja nos séculos XI e XII, mas faziam-no no momento em que, em Paris, a lógica provocara já uma verdadeira revolução na leitura e interpretação dos textos sagrados, o que valera a Abelardo, um dos principais responsáveis pela difusão dos processos lógicos do pensamento, uma trajectória de controvérsias e de condenações.

Ora, como tem sido salientado por diferentes investigadores, Santa Cruz orientou-se ainda para uma interpretação mais tradicional dos textos sagrados, de teor simbólico e místico, como o dá a entender a respectiva biblioteca, onde abundam as obras dos Padres da Igreja, de Beda e outros autores da Alta Idade Média, ou mesmo saídas de escolas coevas, como a parisiense de S. Vítor. Mas a presença, neste domínio, junto do clero português do século XII e mesmo do seguinte, de uma orientação interpretativa idêntica, é um indicador de que as suas virtualidades não se haviam ainda esgotado num meio mais periférico como o era o português e, portanto, com dificuldades acrescidas de gestão de algumas das profundas transformações culturais saídas dos centros mais dinâmicos do Ocidente.

Os *Annales domni Alfonsi portugalensium regis* foram redigidos em Santa Cruz entre 1185-1195, num momento em que se encontrava ameaçada a

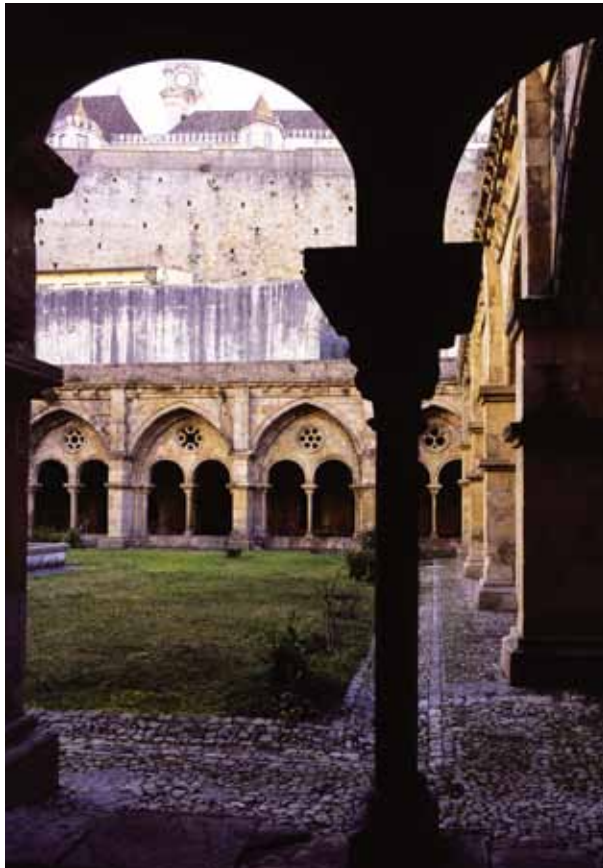


drive to which the Santa Cruz monks readily lent the necessary ideological protection. Helped from the start by Prince Afonso, who gave the founders the site where it was to be built, the monastery came to prominence in the second half of the 12th century as the leading cultural institution in the territory. Its vigorous original output was the main basis of its rise to prominence within the clerical milieu as well as among the political élite. The hagiographic accounts of Martinho de Soure, Telo and Teotónio, written between 1147 and 1162, present exemplary portraits of a rural priest and of the two chief driving forces behind the institution, but the last book shows a clear intention to direct the political elite in the person of Afonso Henriques. This is confirmed in the contemporary account of the conquest of Santarém, and later in the addition to the *Annales portugalenses veteres* (which had in the meantime been copied in Coimbra), known as the *Annales domni Alfonsi portugalensium Regis*.

The Santa Cruz output demonstrates the cultural resources of the monastery, which can likewise be seen in the books that have come down to us from its notable library. In debt to the monastery of Saint Rufus of Avignon in terms of initial organisation, the Santa Cruz monks brought to Portugal the cultural concerns of one of the 11th and 12th century currents of Church renewal, but they did so at a time when, in Paris, Logic had already given rise to a real revolution



Claustro da Sé Velha de Coimbra, LFA, 2006
Cloister of Coimbra's Old Cathedral, LFA, 2006



expansão militar para sul, cujo sucesso o mosteiro colocara sob os auspícios da sua intercessão. A presença dos Almóadas na Península obrigara a recuar a linha de fronteira ao Tejo, mantendo sob pressão a anterior fronteira até ao Mondego. Nas décadas seguintes, às preocupações com a fronteira juntava-se o renovar do velho confronto com o reino de Leão, enquanto a nível interno estalavam os conflitos entre o rei, a nobreza e os bispos, que se prolongariam até meados do século XIII. Esta nova conjuntura permite-nos enquadrar a multiplicação dos discursos sobre a figura régia, analisados já num sagaz estudo de José Mattoso.

Lembrámo-los aqui porque das “três faces de Afonso Henriques” então desenhadas, duas delas eram originárias de Coimbra. A primeira provinha de Santa Cruz e encontrava-se nos *Annales* acima mencionados; a segunda saía muito provavelmente do grupo de cavaleiros da mesma cidade que acompanhara o rei e rodeava agora o seu sucessor. De um texto para o outro Afonso Henriques transmutara-se de rei “profundamente fiel à religião católica”, em chefe de um bando guerreiro que não tratava com muita benevolência altos dignitários eclesiásticos. Afirmava-se assim, igualmente ligada a Coimbra, uma cultura nobiliárquica que, pouco depois, se iniciaria também em território português na imitação do canto trovadoresco provençal, tendo novamente como palco a região de Coimbra.

in the reading and interpretation of the sacred texts. This had led Abelard, one of the leading figures in the dissemination of logical processes of thought, to become involved in a number of controversies and to be condemned.

However, as has been noted by several researchers, Santa Cruz was also guided towards a more traditional interpretation of the sacred writings and their symbolic and mystical content, as its library shows. There are many works by the Church Fathers, Bede and other writers from the High Middle Ages, and even from contemporary schools such as the school of St Victor in Paris. The fact that there was a similar interpretative approach among the Portuguese clergy in the 12th century, and even in the following century, indicates that its virtues had not yet been exhausted in a more peripheral environment such as that of Portugal, which had greater difficulty in handling some of the sweeping cultural changes emanating from the more dynamic centres in the West.

The *Annales domni Alfonsi portugalensium regis* were composed at Santa Cruz between 1185 and 1195, at a time when the military expansion to the south was under threat. The presence of the Almohads in the Peninsula forced a withdrawal of the frontier to the River Tagus, and the previous frontier remained under pressure up to the Mondego. In the succeeding decades the anxieties about the frontier were supplemented by the resurgence of the ancient confrontation with the kingdom of León, while on the domestic front conflicts sparked between the king, the nobles and the bishops, and these went on into the mid-13th century. This new state of affairs provides a context for the multiplication of discourses on the king, which have been analysed in an insightful study by José Mattoso.

We should recall them here because two of the “three faces of Afonso Henriques” then drawn originated in Coimbra. The first came from Santa Cruz and can be found in the *Annales* mentioned earlier; the second very likely came from the group of knights from Coimbra who had accompanied the king and now flanked his successor. From one text to the other, Afonso Henriques was transformed from a king “profoundly loyal to the Catholic religion” into the head of band of warriors who did not treat the highest dignitaries of the church with too much kindness. Thus emerged an aristocratic culture, also linked to Coimbra, which would shortly afterwards take root in Portugal in imitation of the Provençal troubadour songs. The Coimbra region was once again the stage for this.

Still in the early 13th century, around 1211, the future Saint Anthony of Lisbon stayed in Coimbra

É ainda nos inícios do século XIII, por volta de 1211, que se detém na cidade, continuando a sua formação no Mosteiro de Santa Cruz, o futuro Santo António de Lisboa. Demorará aí perto de 10 anos após o que se juntará, em 1220, ao grupo de franciscanos sediado nos Olivais. Com este trajecto conduz-nos ao meio mendicante, um novo movimento de renovação religiosa de origens laicas, que se propunha seguir o exemplo de Cristo orientando o seu apostolado para a pregação junto do laicado urbano e que afirmaria rapidamente a sua importância no interior da Igreja. E ao mesmo tempo, tal como o havia feito D. Telo, como que passa o testemunho a instituições que, de algum modo, prosseguiriam a partir de então uma renovação que teria de ser feita à margem de instituições já estabilizadas, como o eram a Sé ou o Mosteiro de Santa Cruz. O que merece ser aqui destacado é, sem dúvida, a precocidade revelada por alguns mendicantes portugueses formados em Coimbra numa produção cultural directamente relacionada com a sua principal actividade. Refiro-me aos sermonários deixados por Santo António e por frei Paio de Coimbra, um dominicano seu contemporâneo. Precocidade, de algum modo, devedora da projecção cultural de Santa Cruz e que anunciava as preocupações culturais que ambas as ordens manifestariam sobretudo a partir da segunda metade do século XIII.

Sendo estas obras fruto de uma melhor preparação no âmbito das artes liberais, em particular da Gramática e da Retórica, é de crer que esta mesma formação estivesse igualmente ao alcance do clero secular coimbrão, dada a presença na Sé, a partir talvez do último quartel do século XII, de um mestre-escola. Este juntava-se, assim, ao chantre, desenvolvendo as actividades do ensino que se tinham acolhido à sombra da catedral. Mas a formação nas artes literárias não parecia já satisfazer por completo as necessidades do clero catedralício. A contas com a organização dos seus territórios diocesanos e em constante confronto com outras instituições, como o Mosteiro de Santa Cruz ou as novas ordens mendicantes, ou com o próprio poder régio, os cônegos de Coimbra, acompanhando, aliás, as preocupações do conjunto

as he continued his instruction at the Santa Cruz Monastery. He spent nearly 10 years here before joining the group of Franciscans based in Olivais in 1220. This takes us to the mendicant milieu, a new religious renewal movement of lay origin which sought to follow the example of Christ, guiding its apostolate towards preaching to the urban laity and very quickly asserted its importance within the Church. At the same time, as D. Telo had done, mendicants passed the testimony, as it were, to institutions that would somehow pursue a renewal that would have to take place on the fringes of institutions that were already stable, like the See and the Santa Cruz Monastery. Attention should be drawn to what is undoubtedly the precocity shown by some Portuguese mendicants trained in Coimbra in terms of the cultural output that was directly related to their principal activity. We refer to the books of sermons left by St Anthony and by the Dominican Friar Paio de Coimbra, his contemporary. This precocity was to some extent due to the cultural projection of Santa Cruz, and proclaimed the cultural concerns that both orders evinced, particularly from the second half of the 13th century.

As these works were the fruit of better preparation in the liberal arts, especially in grammar and rhetoric, it is likely that this training would have also been within the grasp of the secular Coimbra clergy, since there was a schoolmaster in the See from the last quarter of the 12th century. Together with the chanter (or choirmaster) he was involved in teaching activities that were carried out under the wing of the cathedral. But it seems that instruction in the literary arts was no longer enough to satisfy the needs of the cathedral clerics. Having to deal with the organisation of the diocese's lands and in constant confrontation with other institutions, like the Santa Cruz Monastery and the new mendicant orders, or even the king, the canons of Coimbra (in line, moreover, with the concerns of the body of Portuguese urban secular clergy) were directed towards greater specialisation in the area of legal science, and the Santa Cruz monks themselves were not insensitive to this orientation.

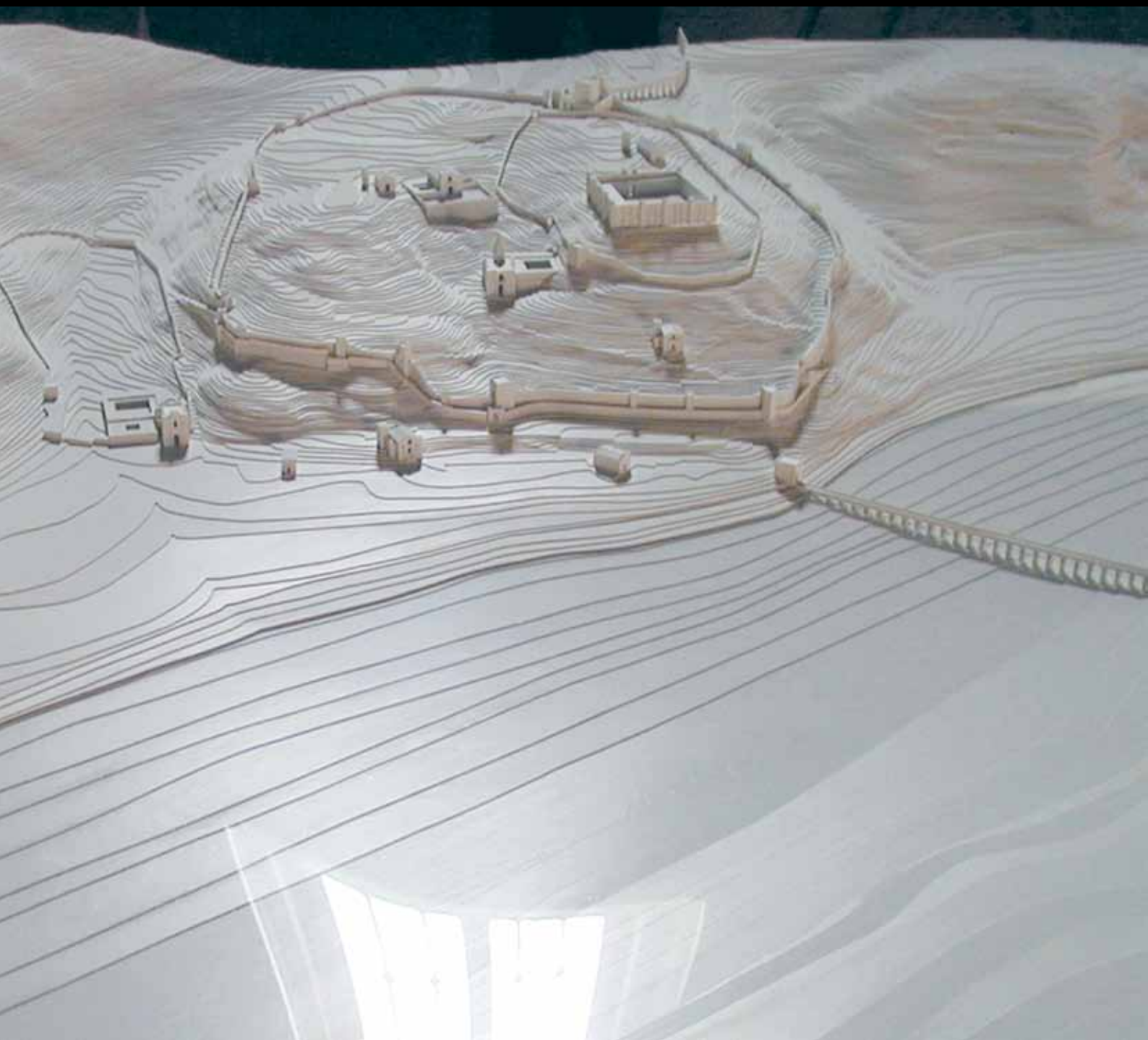
do clero secular urbano português, orientaram-se para uma maior especialização no quadro das ciências jurídicas, orientação a que não foram insensíveis os próprios cruzios.

Não sendo propriamente um eclesiástico, mas tendo tido fortes ligações à Sé, onde foi sepultado e onde foram cônegos um irmão e dois filhos, o trajecto do chanceler Julião Pais anuncia a importância que a ciência jurídica passará a ter junto das principais instituições portuguesas a partir do último quartel do século XII. Na primeira metade do século XIII salientar-se-á o canonista Vicente Hispano, filho da abadessa de Semide Sancha Martins Anaia. E na segunda metade do século as bibliotecas de D. Egas Fafes, bispo de Coimbra entre 1246 e 1267, e do cônego João Gonçalves Chancinho, então doadas à Sé, revelam poderosa atracção que as matérias jurídicas continuavam a ter neste meio eclesiástico, prenunciando a própria orientação da futura Universidade.

Em conclusão, após a sua reconquista e mercê de um conjunto de factores favoráveis, entre os quais se devem salientar a sucessiva renovação e diversificação da sua elite clerical, bem como o dinamismo resultante da presença constante da corte régia, Coimbra transformara-se no principal centro cultural do território, posição que não parecia ainda ter perdido nos finais do século XIII, momento em que Lisboa é escolhida como local de instalação da Universidade. Esta escolha devia-se, sem dúvida, ao grande crescimento do burgo lisboeta ao longo do século XIII, que o projectava já, pelos finais do século, bem à frente das restantes cidades do território. Devia-se igualmente, a uma presença mais assídua da corte na região da Estremadura, em Santarém e em Lisboa, locais que ganharam algum ascendente sobre Coimbra a partir de meados do século, após a conquista do Algarve. Mas não causará já qualquer surpresa, perante as dificuldades verificadas na acomodação da Universidade a uma cidade em constante desenvolvimento, que o rei se lembrasse sucessivamente da cidade do Mondego quando pretendia ultrapassar essas dificuldades.

Although not exactly a cleric, but having had strong ties with the cathedral (where he was buried and where one brother and two sons were canons), the path of chancellor Julião Pais foretold the importance that legal knowledge was to have in the main Portuguese institutions from the last quarter of the 12th century. In the first half of the 13th century, the canonist Vicente Hispano, the son of the abbess of Semide, Sancha Martins Anaia, came to prominence. And in the second half of the century, the libraries of D. Egas Fafes, bishop of Coimbra from 1246 to 1267, and canon João Gonçalves Chancinho, then donated to the cathedral, show the powerful attraction that legal matters continued to have in this ecclesiastical environment, foretelling the direction of the future university.

In conclusion, after it had been reconquered and thanks to a series of favourable factors (including the successive renewal and diversification of its clerical elite and the energy arising from the constant presence of the royal court), Coimbra was transformed into the territory's leading cultural centre. Furthermore, it seems to have retained this position into the closing years of the 13th century, at which point Lisbon was chosen as the place where the university was to be established. This choice was undoubtedly due to the fact that it had grown considerably during the the course of the 13th century, and was much larger than the other Portuguese cities by the end of the century. In addition, the court now spent longer periods in the region of Estremadura, in Santarém and Lisbon, and these places tended to put Coimbra in the shade from the middle of the century, after the Algarve had been conquered. But in light of the difficulties encountered in accommodating the University in a city that was in the throes of development, it was not surprising that the king should keep remembering the city on the Mondego when he sought to overcome these problems.





Maqueta da Cidade Muralhada de Coimbra, integrada na exposição permanente do “Núcleo da Cidade Muralhada -Torre de Almedina do Museu da Cidade de Coimbra”, coordenação do Professor Doutor Walter Rossa, projecto e execução dos Arquitectos Sandra Pinto e Nuno Salgueiro, SP, 2003
Scale model of the Walled City of Coimbra at the permanent exhibit of the “Walled City Centre – Municipal Museum at Almedina Tower”, organised by Professor Walter Rossa, project and execution by architects Sandra Pinto and Nuno Salgueiro, SP, 2003

A Universidade de Coimbra entre as mais antigas da Europa

The University of Coimbra: One of the Oldest in Europe

A história do saber e dos seus transmissores na Época Medieval está, obviamente, ligada à história das suas escolas. E, entre estas, merecem especial referência as universidades, que são, de facto, “o maior de todos os monumentos que nos legou a Idade Média” (Stephen d’Irsay).

Como marco do seu surgimento aponta-se já o séc. XII, mas é no decorrer de todo o século XIII que as primeiras universidades encontram uma configuração mais delineada, como Bolonha, Paris, Oxford, Salamanca, Montpellier, Cambridge e Pádua, para registar apenas algumas das mais antigas.

Precedem-nas, é certo, no seu passado histórico longínquo ou próximo, notáveis focos de cultura, como as escolas monásticas, que lhes transmitiram grande parte do saber antigo. Mas os Estudos Gerais, como evolução ou complemento, continuam sempre como “uma das criações mais sublimes do espírito medieval” (G. Braga da Cruz).

Também a Universidade de Coimbra se encontra entre as mais antigas da Europa e desde muito cedo se identificou com a única universidade portuguesa, que teve a sua sede, ora em Lisboa, ora em Coimbra, acabando por fixar-se definitivamente nesta última cidade.

Entre os documentos mais significativos sobre a sua génese, considerados tradicionalmente de notável importância, surge, em primeiro lugar, a *Súplica de 12 de Novembro 1288*, dirigida ao Pontífice romano Nicolau IV.

Este documento foi subscrito pelo abade de Alcobaça, priores de Santa Cruz de Coimbra e do Mosteiro de São Vicente de Lisboa e, ainda, pelos priores seculares das principais igrejas do Norte ao Sul do país, sendo datado de Montemor-o-Novo, onde se encontrava o rei português D. Dinis.

Tem-se perguntado por que motivo foi este pedido dirigido ao Pontífice romano e apresentado ao Rei. De facto, D. Dinis poderia ter criado a Universidade por diploma régio, a exemplo de outros monarcas da Europa, sem a aprovação ou confirmação do Papa. No entanto, o prestígio e o valor dos graus conferidos

The history of knowledge and of its transmission during the Medieval Period is obviously closely connected to the history of its schools. And, of these, it is the universities that deserve special attention as “the greatest monuments that were bequeathed to us by the Middle Ages” (Stephen d’Irsay).

The 12th century is usually given as the moment when the first universities began to appear. However, they only really started to take shape during the course of the 13th, with the formation of Bologna, Paris, Oxford, Salamanca, Montpellier, Cambridge and Padua, to mention just some of the oldest.

These were preceded, in the remote or near past, by other centres of culture, such as the monastic schools, which transmitted most of their ancient knowledge to them. But the foundation of the *Studium Generale*, as a development or complement of those, has always been seen as “one of the most sublime creations of the medieval spirit” (G. Braga da Cruz).

The University of Coimbra is also one of the oldest universities in Europe, and was identified early on as the only one in Portugal. For some years, it oscillated between Lisbon and Coimbra, before settling definitively in the latter city. Amongst its foundation documents, the most important is traditionally considered to be the *Petition of 12th November 1288* to the Roman Pope, Nicholas IV. This document was signed by the Abbot of Alcobaça, the Priors of Santa Cruz in Coimbra and the Monastery of St Vincent in Lisbon, and also by the secular priors of the main churches in the north and south of the country. It was dated from Montemor-o-Novo, where the Portuguese King Dinis was staying at the time.

Questions have been raised about why this petition was addressed to the Roman Pope and presented to the King, for King Dinis could have founded the University by royal statute, as did other monarchs in Europe, without the Pope’s approval or confirmation. However, at the end of the 13th century, the prestige and value of the degrees conferred by such establishments would not have been easily recognised beyond the borders of their respective realms; thus, approval from the one authority that

por essas escolas, nos finais do séc. XIII, dificilmente seriam reconhecidos para além das fronteiras dos respectivos reinos. Deste modo, o direito de ensinar em toda e qualquer parte (*ius ubique docendi*) ficaria melhor garantido pela aprovação da única autoridade então acatada em toda a Cristandade: o Pontífice romano. Por outro lado, como o pagamento dos honorários dos professores era feito com as rendas das igrejas e mosteiros referidos, tornava-se necessária, por serem bens eclesiásticos, a autorização do Papa, para além das várias regalias de que a Universidade poderia usufruir, como o privilégio do “foro clerical” e dos benefícios eclesiásticos para os seus membros.

Seja como for, é uma escritura digna do maior relevo. Nela se enaltece (numa clara alusão ao Direito), a necessidade de um *Studium Generale* para a sociedade portuguesa e para o Estado, uma vez que a “Alteza Real” devia estar não só ornada de armas, mas armada de “leis” para que a república fosse governada com rectidão. Exalta-se, igualmente, (talvez numa referência à Teologia), a premência dos mesmos Estudos Gerais para uma finalidade apologética, em ordem a preparar os futuros ministros da Igreja para o fortalecimento da fé e a sua defesa contra as heresias. E, num desejo de referir todas as ciências legítimas, pede-se ainda um Estudo Geral das Letras em qualquer Faculdade (*in qualibet facultate generale studium litterarum*), uma vez que muitos dos que queriam estudar não ousavam fazê-lo por falta de recursos, risco dos caminhos, perigos das pessoas e temor de se deslocarem para regiões longínquas. Por último, afirma-se que tudo foi feito com o consentimento do Rei e que os salários dos doutores e mestres seriam assegurados com os rendimentos e proventos dos mosteiros e das igrejas referidos.

Perante um tão solene compromisso dos eclesiásticos, a considerável melhoria das relações entre os bispos e a Cúria régia e, certamente, o conhecimento (pela via diplomática ou particular) de que Nicolau IV estava disposto a aprovar a instauração de uma universidade em Portugal, conforme pediam as classes mais cultas do Reino, D. Diniz cria, com sede em Lisboa, o *Studium Generale*, em 1 de Março de 1290, através de um solene diploma denominado *Scientia thesaurus mirabilis*, vulgarmente conhecido por *documento “precioso”* da própria fundação.

Por esta escritura compromete-se o rei a dotar a Universidade com abundância de doutores em todas as Artes (*omni Arte*), a outorgar os necessários privilégios à vida das Escolas e, finalmente, a conceder a segurança e plena protecção a todos os escolares vindos de qualquer parte do Reino.

A Universidade portuguesa surgia, assim, de um projecto elaborado pelos eclesiásticos signatários

was respected throughout Christendom (i.e. the Roman Pope) would guarantee degree-holders the right to teach anywhere (*ius ubique docendi*). Moreover, as the professors’ salaries were paid by the churches and monasteries, papal authorization was required, which would in turn bring other privileges to the University, such as *clerical jurisdiction* and ecclesiastical benefices for its members.

Whatever the reason, this is a document worthy of the greatest attention. Clearly alluding to Law, it emphasises the need for a *Studium Generale* for Portuguese society and for the state on the grounds that His Royal Highness should be equipped not only with arms but also with *laws*, to ensure rectitude in the government of the kingdom. It also emphasises (perhaps referring to Theology) the importance of the same *Studium Generale* for the purposes of apologetics, in order to prepare future ministers of the Church to fortify the faith and defend it against heresies. And, in reference to all the legitimate branches of knowledge, the document also requests a *Studium Generale* in Letters in any Faculty (*in qualibet facultate generale studium litterarum*), as many that wished to study did not dare do so for lack of resources, risk of the paths, exposure to harm and fear of travelling from far away. Finally, it affirms that everything had been done with the consent of the King, and that the salaries of the doctors and masters would be assured with income and revenues from the monasteries and churches aforementioned.

Thus, with such a solemn commitment from the prelates, a considerable improvement in relations between the bishops and the Royal Council, and the knowledge (certainly transmitted via diplomatic or private route) that Nicholas IV was prepared to approve the establishment of a university in Portugal, as requested by the most cultured classes in the realm, King Dinis founded the *Studium Generale* in Lisbon, on 1 March 1290, by means of a formal diploma called *Scientia thesaurus mirabilis*, commonly known as the *precious document* of the foundation of the university.

In this deed, the King pledged to endow the University with doctors in all the Arts (*omni Arte*), to grant the necessary privileges to the Schools, and finally to ensure the safety and protection of all the students coming from any part of the kingdom.

The Portuguese University thus resulted from a project drawn up by the prelates that signed the petition of 1288, in close collaboration with the King. As the first document says, it was presented to King Dinis not only so that he would become involved in the *construction* and *organization* of the project, but particularly because he nurtured it, and was ultimately responsible for putting it into practice.



da *Súplica de 1288* e da estreita colaboração do Rei. Não só porque, como diz o primeiro documento, foi apresentado a D. Dinis para que este se empenhasse na sua “construção” e “organização” mas, sobretudo, porque este o acarinhou e posteriormente lhe deu a devida execução.

Passados cinco meses após a sua fundação e, certamente, atendendo a novas diligências tanto da parte do monarca como do Clero, o Estudo Geral (expressão que designa o carácter universal das ciências e a abertura a clérigos e a leigos), é reconhecido e confirmado pelo papa Nicolau IV, pela bula *De Statu Regni Portugalliae*, datada de 9 de Agosto de 1290.

Trata-se, igualmente, de um documento de singular importância. Não só pelos privilégios concedidos, mas pelas determinações e exortações do Pontífice ao Rei, relativamente ao arrendamento das casas aos escolares por alugueres justos, à segurança e imunidade das pessoas e bens dos membros do Estudo, à dispensa de residência dos professores que possuíam benefícios e prebendas, à sujeição dos mestres, escolares e criados apenas ao juízo eclesiástico.

E, sobretudo, devido à concessão dos graus pelo novo Estudo. É que nele se determina que os

Five months after its founding, and certainly following renewed efforts on the part of the king and clergy, the *Studium Generale* (an expression which referred both to the universal nature of the subjects taught and to the fact that the institution was open to both clergy and laity) was formally recognised and confirmed by Pope Nicholas IV in his bull *De Statu Regni Portugalliae*, dated 9 August 1290.

This was also a document of great importance, not only because of the privileges granted, but also because of the Pope's exhortations to the King regarding student halls (houses were to be rented to students at fair prices); the personal safety and immunity of the members of the *Studium* and their property; the dispensation of residence for professors that had benefices or prebends, and the answerability of the masters, students and college servants only to the ecclesiastic court.

It also mentions the degrees to be awarded by the new University, stipulating that any students of the Faculties of Arts, Canon and Civil Law and Medicine deemed competent by their masters could be licensed by the Bishop of Lisbon or, the seat being vacant, by the Vicar appointed by the Lisbon Chapter to deal with spiritual matters. Moreover, all masters that had been examined in any Faculty (except Theology) in that city by the aforementioned



Paço das Escolas visto a partir da Sé Velha, LFA, 2006
University Palace viewed from the Old Cathedral, LFA, 2006



escolares de Artes, Direito Canónico e Civil e de Medicina que os mestres julgarem idóneos podem ser licenciados, no mencionado Estudo, pelo bispo que ao tempo for de Lisboa ou pelo Vigário que, em sede vacante, for constituído pelo Cabido lisbonense para as coisas espirituais. E que todo o mestre que na referida cidade, pelo Bispo ou Vigário mencionado, for examinado em qualquer faculdade (exceptuando, todavia, a de Teologia), obterá o livre poder de reger em toda a parte, sem outro exame.

Erguidas, assim, as Escolas em Lisboa, é possível que as suas aulas decorressem no campo da Pedreira, conforme se depreende da documentação. E a primeira residência universitária ou “colégio” de acolhimento de escolares, fundada por D. Domingos Jardo, bispo de Lisboa (1289-1294), talvez em resposta às exortações da bula pontifícia, é já referida em importantes documentos, entre 1291 e 1295. Assim como as primeiras bolsas de estudo, no valor de duzentas libras, igualmente instituídas pelo mesmo prelado e destinadas a seis escolares idóneos de Direito, Teologia, Gramática, Lógica ou Medicina.

Foram talvez as tensões e os conflitos entre moradores de Lisboa e os escolares que levaram D. Dinis a trasladar a Universidade para Coimbra, atendendo também, certamente, à situação privilegiada desta

Bishop or Vicar were to obtain the free right to teach anywhere, without the need for any further examination.

As can be inferred from the available sources, classes at the newly founded university probably took place in the Field of Pedreira. There are references in important documents dating from the period between 1291 and 1295 to the first university residence or *college* for lodging students, founded by D. Domingos Jardo, Bishop of Lisbon (1289-1294) (perhaps in response to the exhortations in the papal bull), and also to the first scholarships, in the amount of two hundred pounds, instituted by the same prelate and destined to six worthy students of Law, Theology, Grammar, Logic or Medicine.

It may have been tensions and conflicts between Lisbon residents and the university students that led King Dinis to transfer the University to Coimbra. However, he would also have been mindful of that city's privileged location in the centre of the country and its notable scholarly traditions.

This transition of the *Studium Generale* from Lisbon to Coimbra was recorded in two important bulls of approval from Pope Clement V, *Porrecta nuper* and *Profectibus publicis*, both dated 26 February 1308. The most important document concerning this event,

cidade no Centro do país e às suas notáveis tradições escolares.

Esta transição do *Studium Generale* de Lisboa para a cidade do Mondego consta de duas importantes bulas de aprovação da mudança pelo pontífice Clemente V, *Porrecta nuper* e *Profectibus publicis*, ambas datadas de 26 de Fevereiro de 1308, mas, sobretudo, da notável *Carta Magna de Privilégios* de D. Dinis, de 15 de Fevereiro de 1309.

Trata-se de um documento verdadeiramente solene e público, pelo qual D. Dinis funda o *Studium Generale* em Coimbra. «...Fundamos e plantamos, irradicavelmente, para utilidade pública do nosso Reino, o Estudo Geral na nossa cidade de Coimbra, que para este efeito especialmente escolhemos».

A mesma determinação e solenidade, verdadeiras características de uma autêntica escritura de Estado, transparecem de igual modo do teor de todo o documento, sobretudo quando refere cada uma das Faculdades.

Em primeiro lugar, legisla sobre a Teologia (ou *Sacra Pagina*), colocando-a como ciência-cúpula, antes de regular todas as outras ciências: o Direito Canónico, Direito Civil, Medicina, Dialéctica e a Gramática. E fá-lo com vontade determinante e autoridade, como os próprios termos, que se seguem, documentam:

«[...] Queremos que aí [em Coimbra] se ensine a Sagrada Escritura nos conventos religiosos dos Frades Pregadores e dos Menores, a fim de a Fé ficar cercada por uma inexpugnável muralha de combatentes.

Queremos que haja aí um doutor em Decretos e um mestre em Decretais, os quais, com a sua vastíssima ciência, possam ensinar aos clérigos do nosso Reino como devem eles comportar-se na Casa do Senhor [...]

Queremos, igualmente, que haja doutores e mestres nas Faculdades de Dialéctica e de Gramática [...]

No entanto, e apesar de D. Dinis ter declarado publicamente que a Universidade era fundada, para sempre, em Coimbra, D. Afonso IV, seu filho, em 1338 decidiu transferi-la para Lisboa, onde se manteve apenas dezasseis anos, isto é, até 1354, ano em que o mesmo monarca a fez regressar de novo a Coimbra. Em 1377, porém, e por ordem do rei D. Fernando, voltou novamente para Lisboa, onde se fixou até à notável reforma de D. João III, que, por sua vez, a remodelou e instalou definitivamente na cidade de Coimbra, em 1537, aqui permanecendo pelos séculos fora, rodeada de inúmeros colégios, enchendo-se do mais alto prestígio, até aos nossos dias.

however, is the famous *Great Charter of Privileges* of King Dinis, of 15 February 1309. This was the formal public deed with which King Dinis founded the *Studium Generale* in Coimbra: “We hereby found and permanently establish the *Studium Generale* in our city of Coimbra, which has been especially chosen for the purpose by us, for the public use of our Realm”.

The same formality, characteristic of an authentic deed of State, is manifested throughout the whole document, which refers to each Faculty in turn. In the first place, it legislates on Theology (the *Sacred Page*), which was the branch of knowledge considered to hold sway over all the others. Then come Canon Law, Civil Law, Medicine, Dialectic and Grammar. The tone is authoritative and decisive, as illustrated by the following translation:

...It is our wish that here [in Coimbra] the *Sacred Scripture* shall be taught in the religious monasteries of the *Preaching and Lesser Orders*, so that the Faith shall be surrounded by an invincible wall of combatants.

It is our wish that there shall be there a Doctor in Laws and a Master in Laws, who, with their vast knowledge, can instruct the clerics of our Realm how to behave in the House of the Lord....

It is also our wish that there shall be doctors and masters in the Faculties of Dialectic and Grammar....

However, although King Dinis had publicly declared the University permanently founded in Coimbra, his son, King Afonso IV, decided to transfer it back to Lisbon in 1338, where it remained for a mere sixteen years until 1354, when the same monarch returned it to Coimbra. In 1377, on the orders of King Fernando, it was once more moved to Lisbon, where it remained until the reforms of King João III, who renovated it and settled it definitively in Coimbra in 1537. Here it has stayed ever since, surrounded by numerous colleges, and gradually acquiring the great prestige that it enjoys today.



Capitalidades Coimbrãs

The Capitalities of Coimbra

Parte considerável das maiores obsessões do homem podem caracterizar-se pelo escopo, lato, de atingir um centro. Da Física, mas fundamentalmente por sensibilidade, sabemos como essa atracção é uma tendência constante de qualquer corpo, que assim visa atingir o equilíbrio, ou melhor, a estabilidade. Porém, essa relação entre as tendências humanas e as dos corpos inertes não é assim tão linear, pois enquanto pelas leis da gravidade os corpos inertes se imobilizam num fundo, por regra o homem teima em colocar-se num topo, ainda que nem sempre nele se consiga imobilizar... Plantado no território, o homem sempre tendeu a procurar o bem-estar em parcelas de espaço que ordenam maiores em redor, que se relacionam em paridade e em órbitas com outras situadas à distância, ou seja, do lado de lá de um espaço que neste quadro é essencial, mas inerte. Igual se observa no que diz respeito às relações humanas. Enfim, admitindo uma extraordinária variação de escalas e contextos, podemos dizer que a polaridade e a órbita são tanto leis físicas gerais do universo, quanto comportamentais da civilidade humana.

Aprofundando algo mais esta divagação, podemos agora intuir quanto de universal contém o centro, a polaridade. Se tudo para aí converge, tudo ali se encontra e interage, fazendo com que cada pólo de centralidade como uma mandala seja um digno representante do cosmos. Por vezes esquecemo-nos de que é esse o sentido de cosmopolita quando atribuído a um núcleo urbano e que o indivíduo cosmopolita não é mais que um homem do mundo, culto, viajado, loquaz e fugaz, enfim, um arquétipo de humanista para toda a história da civilização ocidental. Dentro dessa lógica sempre ordenámos o mundo a partir das embaixadas do universo que são as cidades, sempre as entendemos numa lógica de redes e hierarquias, ou seja, sempre lemos as outras, o território e o mundo a partir de uma delas, nunca nos posicionando no espaço intermédio para as observar e sobre elas reflectir. Isso não é um preconceito, mas sim uma matriz da nossa forma de estar e de ser. Somos uma civilização de centralidades várias e interdependentes, nas quais distinguimos cabeças, *capita*, enfim... capitais. É, pois, fácil entender quantas podem ser as escalas, as dimensões e os sentidos de uma capitalidade, bem como a significância cósmica, universal, de cada uma delas, as quais partem sempre das suas especificidades.

Many of mankind's greatest obsessions may be described in terms of a general desire to reach a centre. From Physics (and indeed common sense), we know that all bodies constantly tend towards equilibrium, or stability. However, the relationship between inert bodies and human tendencies is not quite so linear: for while inert bodies tend to fall downwards through gravity and remain immobile at the bottom, man generally tries to place himself high up, even though he is not always able to remain there. And implanted in territory, man has always tended to seek out his own wellbeing by settling on pieces of land that can order the larger units all around, and which relate in terms of parity and orbit to others located further away – that is, on the other side of a space which, in this framework, is essential but inert. The same might be said about human relations. Despite the great variation of scales and contexts, we might say that polarity and orbit are as much laws of civil human behaviour as physical laws of the universe.

Taking this even further, we might conjecture that there is something universal about polarity, about attraction to a centre. If everything converges there, meeting and interacting, then each pole can be considered as a kind of mandala, or representation of the cosmos. Sometimes we forget this is what 'cosmopolitan' means when applied to an urban centre, and that the cosmopolitan person is nothing more than a man of the world, cultured, travelled, loquacious and transitory – in effect, the archetypal humanist throughout the whole history of western civilization. From this point of view, our world has always been ordered around cities, which are the embassies of the universe, and we have always seen them according to a system of networks and hierarchies. That is to say, we interpret other cities, just as we interpret the territory and the world, from the standpoint of one particular city, never positioning ourselves in the intermediate space to observe and reflect upon them. This is not a preconception, but rather an essential feature of our way of being and acting. Our civilization consists of a network of various interdependent centres, in which certain capitals (literally 'heads', from the Latin *caputs*) may be distinguished. It is thus easy to understand the multiplicity of scales, dimensions and meanings that a particular capital may have, as well as its cosmic and universal significance, which are always derived from its specific characteristics.

Desde sempre o termo “capital”, o seu radical e variações, designaram coisas muito diversificadas, tendo, contudo, a característica comum de se referirem a algo que é o máximo, o clímax de uma série. A sua aplicação à sede de um Estado é um fenómeno relativamente recente, pois apenas se tornou corrente no século XVII, depois de consumada a reforma urbanística de Roma impulsionada por Sisto V a partir de 1588. Mas já antes as cidades com essas características eram frequentemente designadas como *caput* ou cabeça de um território, Estado, nação, etc. Em Quinhentos, por exemplo, Lisboa recebeu com alguma frequência o epíteto de *caput mundi*, ou seja, a mais completa representação do mundo, o ideal do cosmopolitismo urbano ocidental. Cedo o perderia face ao extraordinário desenvolvimento daquilo a que Giulio Carlo Argan designou como a “Europa das Capitais”, o título de uma sua bem conhecida obra.

Contudo, a capitalidade política de Portugal, se entendida enquanto o núcleo urbano onde se organiza e/ou estabelece o Poder, foi inaugurada um pouco mais a norte de Lisboa. Por trás ou sobre os mitos da historiografia romântica ou da retórica historiográfica do Estado Novo, no desenrolar das diversas acções que levaram à germinação-aglutinação, fundação e consolidação da nacionalidade portuguesa, Coimbra avulta como o mais importante pólo urbano e territorial coevo ou, pelo menos, como aquele onde mais se concentrava ou permanecia o monarca e a sua corte. Essa capitalidade, emigrada para Lisboa menos de um século depois, foi substituída por outra que só bastante mais tarde começou a ser posta em causa: a da Universidade (da universalidade) Portuguesa.

A fixação de Afonso Henriques e da sua *entourage* em Coimbra após o seu sucesso na Batalha de S. Mamede (1128) consistiu não apenas na procura de um palco neutro, distante do universo senhorial do Noroeste, mas também num posicionamento estratégico junto à marca entre Cristãos e Muçulmanos com vista ao relançamento da Reconquista. Coimbra há muito era o pólo urbano e territorial mais meridional da cristandade no Ocidente da Península, o que se reflectiu na criação do Condado de Coimbra por D. Afonso III de Leão logo após a primeira reconquista em 878. Esse estatuto foi reconfirmado após a reconquista definitiva em 1064, sendo seu titular o conhecido, senão mesmo já mítico, Sisnando Davidis. Contra ele e o que representava caberia ao pai do primeiro monarca português, Henrique, concretizar a anexação ao Condado Portucalense.

Foi com base em Coimbra que Afonso Henriques se constituiu em *rex* de Portugal. Em Coimbra logrou fundir a hegemonia dos cristãos francos e da liturgia

The term ‘capital’ (its root and variations) has always referred to very diverse things; however, what they all have in common is that they refer to the uppermost or greatest part, the climax of a series. Its application to the seat of a State is relatively recent, only becoming current in the 17th century, after the urban reform of Rome led by Sixtus V in 1588. But before this, cities with these characteristics were frequently referred to as the ‘head’ (*caput*) of a territory, state, nation, etc. In the 16th century, for example, Lisbon was often called *caput mundi* (i.e. the most complete representation of the world, or the ideal of Western urban cosmopolitanism), though it soon lost this epithet with the extraordinary development of what Giulio Carlo Argan has called the ‘Europe of Capitals’, the title of one of his well-known works.

However, Portugal’s political capital (understood as the urban centre where power is concentrated) was inaugurated a little to the north of Lisbon. If we get beneath the myths spawned by Romantic historiography and ‘New State’ rhetoric to examine the various events that actually led up to the emergence, founding and consolidation of Portuguese nationality, Coimbra clearly stands out as the most important urban and territorial centre of the period, or at least, the place where the monarch and his court spent the most time. This form of ‘capitality’, which migrated to Lisbon less than a century later, was replaced by another, which only much later began to be questioned, i.e. the ‘capitality’ (or universality) of the Portuguese University.

When Afonso Henriques and his entourage settled in Coimbra after their victory at the Battle of St Mamede (1128), they were not only seeking a neutral site that was far from the seat of power in the Northwest, but were also looking for a strategic position near the boundary between Christians and Muslims from where to re-launch the Reconquest. Coimbra had long been the southernmost Christian city in western Iberia, a fact that was reflected in the creation of the County of Coimbra by King Alfonso III of Leon soon after the first Christian Reconquest of 878. This status was confirmed after the definitive reconquest of 1064, led by the famous and somewhat legendary figure represented that Henry, the father of the first Portuguese king, annexed the County of Coimbra to the County of Portugal.

Thus, when Afonso Henriques set himself up as king of Portugal, it was Coimbra that was his base. In Coimbra, he succeeded in merging the newly arrived Frankish Christians and their Roman liturgy with the flourishing native Mozarabic culture, giving rise to important monuments such as the Monastery of the Holy Cross (where his chancellery was based) and the new Cathedral (now known as *Sé Velha*, or the ‘Old Cathedral’). These are the most visible remains



Vista da Alta da cidade, MR, 2009
View of the upper town, MR, 2009



romana recém-chegados com o mais autóctone e florescente grupo moçárabe, de que o Mosteiro de Santa Cruz (onde sediou a sua chancelaria) e a nova Catedral (hoje Sé Velha) são expoentes máximos. Ambas são também o que de mais claro e evidente resta de uma profunda reforma urbanística então empreendida, na qual todos os templos de tipo moçárabe — sete, e muitos deles de construção bem recente — foram profundamente renovados com vista a cumprirem os preceitos gregoriano-romanos. Nessa reforma, e na sequência de trabalhos anteriormente empreendidos por Sisnando Davidis, também as muralhas foram completamente actualizadas e o castelo conformado. Os escassos elementos materiais e documentais disponíveis permitem-nos, apesar de tudo, pressentir uma mudança profunda na estrutura cadastral da cidade, quanto mais não seja porque uma nobreza de corte então se instalou e/ou floresceu em Coimbra. Também despontou um comércio de âmbito territorial mais vasto, o qual catalisou a conformação urbanística da Rua dos Francos, depois das Tendas e da Calçada, hoje Ferreira Borges.

Porém, a mais importante, perene e simbólica marca da reforma urbanística a que corresponde a instalação da capitalidade em Coimbra, síncrona da fundação da nacionalidade, foi a construção em 1132 da ponte sobre o Mondego, a qual seria renovada no século XVI e apenas substituída em Oitocentos. Podendo ou não ter sido a renovação de uma hipotética ponte do período romano, a verdade é que a ponte afonsina de Coimbra pode ser considerada a primeira obra pública da jovem nação, representando funcional e simbolicamente a composição entre duas

today of what was a profound restructuring of the city, in which all Mozarabic temples (seven in all, of which many were quite recent) were remodelled in order to adapt them to the requirements of the Gregorian Roman church. In the course of that renovation, and in the wake of earlier work carried out by Sisnando Davidis, the city walls were also completely modernised and the castle redesigned. Despite the sparseness of physical evidence or documentation from this period, the character of the city appears to have changed profoundly at this time, with the establishment and flourishing of the nobility associated with the court. The reforms also stimulated trade with a much broader territorial area, which led to the restructuring of the street known as Rua dos Francos (today called ‘Rua Ferreira Borges’, after a number of other name changes).

However, the most important and enduring symbol of the urban reform that took place when Coimbra became capital of the nation that was about to be founded, was the building in 1132 of the bridge over the River Mondego, later renovated in the 16th century and eventually replaced in the 19th. Whether or not there had been an earlier bridge dating from the Roman period, the Afonsine bridge at Coimbra may be considered the first public work to be undertaken by the fledgling nation, and represented, both functionally and symbolically, the merging of two territories that were religiously and ethnically distinct. Like Coimbra herself, though in a more pronounced form, the bridge symbolised the work of *composition* through *opposition* (as José Mattoso called it in his work *Identificação de um País*) that formed and defined the character of Portugal. But



Vista da zona Sul da cidade, a partir da Torre da Universidade, LFA, 2006
View of the southern part of town from the University Tower, LFA, 2006



realidades territoriais, confessionais, étnicas, etc. Tal como Coimbra, mas mais que esta, a ponte simboliza a obra que foi a “composição” da “oposição” — como o epigrafou José Mattoso na sua *Identificação de um País* — com a qual se formou e cunhou o carácter de Portugal. No contexto deste texto, importa pois valorizar a acção reformista do primeiro monarca português no urbanismo da cidade que escolheu como sede do seu poder, ou seja, como sede da própria nacionalidade em construção. De Coimbra, mais precisamente de Santa Cruz, faria seu panteão e de sua família, emulando em símbolo, programa e forma arquitectónica o da linhagem de seus avós em San Isidoro de Leão, a sede da monarquia de que se seccionara.

Entre os actuais estados europeus, a capitalidade política de Coimbra é assim um interessante e dos mais precoces exemplos de utilização da arquitectura e do urbanismo como instrumento de afirmação e imortalização do Poder. Segundo esta perspectiva não é forçado dizer-se que, simbólica e funcionalmente, a reforma urbanística impulsionada por D. Afonso I é, não apenas instaladora da centralidade do novo território autónomo e correspondente soberania, mas um dos actos materialmente mais evidentes do desígnio de nacionalidade a que deu corpo e da síntese a que tal correspondeu.

Numa outra forma de capitalidade, após a rendição por Lisboa e apesar de vários episódios de acentuada decadência, Coimbra manteve uma relevância nacional e imperial, designadamente no domínio cultural. O que foi sendo confirmado em 1308-1338 e 1354-1377e em 1537 definitivamente instalado com a presença

what should be highlighted here is the importance of the reforms undertaken by the first Portuguese king in the urban planning of the city that he had chosen as the seat of power — that is, as the seat of the very nation that was under construction. It was in Coimbra (more precisely, in the Church of Santa Cruz) that he created a pantheon for his family, emulating in symbol, programme and architecture the pantheon of his grandparents’ lineage in San Isidoro of Leon, the seat of the monarchy from which he had seceded.

As political capital of the young nation, Coimbra was one of the earliest and most interesting examples in Europe of the use of architecture and town planning as an instrument for the affirmation and immortalization of power. Both functionally and symbolically, the urban reform instigated by King Afonso I not only gave centrality to the new autonomous territory and its sovereignty, but also represented a material embodiment of nationality and the synthesis that this involved.

After its role as political capital had been taken over by Lisbon, and despite various episodes of marked decline, Coimbra nevertheless developed another form of ‘capitality’ that enabled it to remain an important national and imperial centre in the area of culture. This was confirmed in 1308-1338 and 1354-1377, and then definitively in 1537, by the presence in the city of Portugal’s university (the only one until the advent of the Republic). This University (or *Studium Generale*, as it was then called) was the first to have specially-built premises, in Lisbon immediately after its founding (1290) and in Coimbra, 18 years later. With the appearance of the University

da única Universidade portuguesa até ao advento da República. Universidade ou Estudo Geral (como então mais se lhe chamava) que foi a primeira a ver construídas de raiz as suas instalações, em Lisboa logo à data da fundação (1290) e em Coimbra, 18 anos depois. Com a Universidade Portuguesa nasceu o tema, a linhagem e o problema tipológico e funcional dos edifícios destinados ao ensino, matéria a que não tem sido dada a necessária relevância. Desse “*edifício príncipes*” das universidades sabemos que esteve implantado no local onde hoje está a Biblioteca Geral e que é provável que o magnífico conjunto de “colunas, vazas e capiteis”, que hoje compõe duas das quatro alas do claustro do Mosteiro de Santa Maria de Celas, dele tenham provindo em 1553, na sequência da demolição desse “Palácio da Sapiência” inicial para a construção do Colégio Real de S. Paulo no mesmo local.

Mas na lógica deste texto, o que mais importa reter da presença durante a Idade Média da universidade portuguesa em Coimbra é o facto de ter substituído, por si e pelo conjunto de pessoas que consigo arrastava — uma “corte universitária” — a presença anterior da corte régia, que cada vez menos frequentava Coimbra e o Paço da Alcáçova. Pelo seu carácter único em Portugal e posteriormente no Império, Coimbra foi desde então a *capital universitária portuguesa*, por certo a que de entre todas mais território cobriu em todo e por todo o Mundo. Dessa *corte* saíram durante séculos os quadros superiores da administração colonial portuguesa e, após a Reforma Pombalina (1772), também parte importante dos correspondentes quadros técnicos. A universalidade coimbrã não é meramente cultural, mas releva dos mais diversos aspectos da História Portuguesa.

A instalação universitária medieval no topo da velha acrópole eminiense junto ao Paço, teve ainda o desígnio expresso e o condão de manter toda essa área — a *Alta* — minimamente ocupada, com bulício urbano e razoável densidade urbanística. Assim se contrariou a compreensível e genérica tendência dos núcleos urbanos portugueses (e não só) de, uma vez consubstanciada a ordem e coesão do território nacional, irem abandonando as defensivas e alcandoradas implantações iniciais por outras em planuras adjacentes mais adequadas à vida urbana, ao trato, à circulação, à implantação de cenóbios religiosos, etc. É, pelo menos, significativo que o sucesso da reforma universitária empreendida em 1537 por D. João III segundo um processo de ensanche planeado e regular da zona baixa da cidade — a Rua da Sofia — cedo tenha determinado a necessidade de regressar à *Alta*, cuja decadência a partir da última deslocação da Universidade para Lisboa em 1377 tinha libertado o espaço necessário.

A renovação urbanística da *Alta* então produzida, não tanto pela instalação no Paço, mas também

in Portugal, questions began to be asked about the kind of buildings that were functionally appropriate for education, a matter that has not been given the attention it deserves. Of that first University building, we know that it was located at the site where the General Library now stands. It is likely that the magnificent ensemble of “*columns, recesses and capitals*” that today makes up two of the four wings of the cloister of the Monastery of St Mary in Celas came in 1553 from that early ‘Palace of Wisdom’, demolished to make way for the construction of the Royal College of St Paul at the same site.

But, for our purposes here, the most important aspect of the University’s presence in Coimbra during the Middle Ages is the fact that it effectively replaced the royal court (which was spending less and less time at the Palace of Alcáçova) with a ‘university court’, and in the process, it ultimately contributed to the creation of another form of ‘capitality’. With its unique character in Portugal, and later in the Empire, Coimbra thus became the *university capital of Portugal*, with a vast catchment area that was certainly one of the most extensive in the world. Indeed, it was this ‘court’ that for centuries supplied the upper echelons of the Portuguese colonial administration and, after the Pombaline Reform of 1772, many of its technical ranks too. Thus, the universality of Coimbra is not merely cultural but results from many different aspects of Portuguese history.

The establishment of the medieval university on the top of the old acropolis of *Aeminium* next to the Palace also had the express purpose and advantage of ensuring that the whole area (of the Upper Town or ‘*Alta*’) remained occupied, with urban activity and a reasonable level of urban density. This went against the general (and understandable) trend of Portuguese towns to abandon their high-up defensive positions, after national order and territorial cohesion had been achieved, for flatter terrains that were more suitable for urban life, circulation, and the establishment of monasteries, etc. It is significant that the university reforms instigated by King John III in 1537, which involved planned regular expansion into the Lower Town (Rua da Sofia), soon revealed the need to return to the *Alta*, where there was now the necessary space (the area had entered into decline when the university was last displaced to Lisbon in 1377).

The urban renewal of the Upper Town that took place at that time, with the installation of the University in the Palace and the planning and construction *ex-novo* of the northeastern platform (Largo da Feira, College of Arts, College of Jesus, etc), consolidated the occupation of Coimbra’s foundational hill as a symbol and site of that *universal capitality* of the Portuguese university. Here too great care was

pela estruturação urbanística *ex-novo* da plataforma nordeste (Largo da Feira, Colégios das Artes e de Jesus, etc.), catalisou a consolidação da ocupação da colina fundacional de Coimbra como símbolo e lugar dessa “capitalidade universal” da Universidade Portuguesa. Também ali o cuidado posto no desenho urbano foi extremo, mas o posterior desenvolvimento do processo da reforma — a inesperada reinstalação do Colégio das Artes no local e a apropriação pela Companhia de Jesus, não só do espaço destinado à construção do edifício reservado para a Universidade propriamente dita, mas também de parte considerável do espaço público — acabou por obliterar os desígnios urbanísticos iniciais, palidamente recuperados com a reforma pombalina e depois de novo escamoteados com a intervenção do Estado Novo na década de 1940. Apesar de um menor impacto, uma vez mais o urbanismo foi usado como *media* na afirmação de uma política, sendo o resíduo actual desses planos de D. João III e da sua *entourage* para a Sofia e para a Alta os melhores testemunhos actuais, os mais tangíveis, da sua reforma.

Com efeito, a instalação definitiva da universidade em 1537 conduziu Coimbra a um processo que, sem exagero, poderemos classificar de refundação urbana e urbanística conducente a um então raro fenómeno de monofuncionalidade de uma urbe. Pela passagem de cerca de 1.500 habitantes em 1527 para 12.000 três décadas depois, a cidade foi objectivamente invadida por uma “corte universitária” que lhe modificou para sempre a face, o imaginário e a alma.

Não pode deixar de dever ser considerado premonitório ou, pelo menos, significativo, que quando na década de 1530 se programou a instalação definitiva da universidade portuguesa em Coimbra, nem a intenção inicial de o seu edifício central — o dos “gerais” ou dos “Estudos” — vir a ser erguido no local onde depois surgiu o Colégio das Artes na Baixa, nem a imediata de o fazer no local onde hoje está o Colégio de Jesus, tiveram sucesso. Só no Paço Real, a primeira sede da nacionalidade, a universidade portuguesa encontrou abrigo e condições de desenvolvimento. Definitiva a partir da sua venda em 1597 — até então funcionara em regime de arrendamento —, a instalação da universidade propriamente dita e de um dos colégios reais no Paço Real da Alcáçova, conduzindo à sua reconfiguração como Paço das Escolas, foi o corolário e o acto simbólico do processo de transmutação da já caducada capitalidade política de Coimbra em capitalidade universitária de um Império de âmbito universal. Espaço onde nenhuma outra floresceu enquanto essa realidade político-civilizacional existiu.

taken in urban design. However, later developments — the unexpected reinstallation of the College of Arts at the site and the appropriation by the Company of Jesus not only of the space destined for the construction of the building that was to be the university proper, but also of much of the public space — ended up obliterating the initial plans. These were to some extent resumed with the Pombaline Reform, but were again destroyed with the intervention of the New State in the 1940s, when town planning was once more used as a medium for the affirmation of policy. The buildings that remain in Rua da Sofia and the *Alta* are the most tangible vestiges of King John III’s reforms.

Indeed, the definitive installation of the university in Coimbra in 1537 effectively re-founded the city, causing it to become unusually mono-functional. In the space of three decades, its population rose from around 1,500 in 1527 to 12,000, as a result of the establishment of this ‘university court’, which forever changed its image, its imaginary and its soul.

It was significant, and perhaps even portentous, that the plans drawn up in the 1530s for the definitive installation of the University’s central building (the *Studium Generale*) in the Lower Town at the site which later became the College of Arts were not successful. Likewise, for the site of the College of Jesus. Only the Royal Palace, the first seat of the nation, offered the proper conditions for the development of the Portuguese university. The building was at first rented, and then finally bought in 1597. Thus, the definitive installation of the university proper, together with one of its royal colleges, in the Royal Palace of *Alcaçova* (which led to its renaming as the University Palace, or *Paço das Escolas*), was an important symbolic act, the necessary consequence of a process by means of which the long-expired political capital of Coimbra was transformed into a university capital of an Empire of universal scope. In this space, no other flourished during the existence of this particular political civilization.



tradições académicas
traditions academic



A cultura institucional da Universidade de Coimbra: O cerimonial

The Institutional Culture of the University of Coimbra: Ceremonies and Rituals

O cerimonial universitário de Coimbra e as suas origens

No artigo 73.º, n.º 1, dos Estatutos da Universidade de Coimbra, homologados por despacho normativo n.º 79/89, de 28 de Julho, publicado em *Diário da República* de 28 de Agosto de 1989, pode ler-se:

«As principais cerimónias académicas são a tomada de posse do Reitor, os doutoramentos solenes e a abertura das aulas».

Na verdade, a Universidade de Coimbra mantém cerimoniais que, com as necessárias adaptações, radicam na tradição da universidade medieval ou dos inícios da Época Moderna. Eles constituem um dos aspectos do que se pode chamar a “cultura institucional” da Universidade, cuja fundação data dos finais do século XIII (1290 ou ainda antes), em Lisboa, tendo-se transferido definitivamente para Coimbra em 1537, depois de por aqui ter passado diversas vezes no século XIV.

O primeiro documento referente à organização da Universidade, do rei D. Dinis, datado de 15 de Fevereiro de 1309 (1347 da era de César), aquando da primeira transferência do *Studium Generale* para Coimbra, documento esse, em latim, a que por vezes se tem chamado “Primeiros Estatutos” e que é conhecido por *Charta Magna Privilegiorum*¹, nada refere em relação aos cerimoniais. Já o mesmo não se dirá dos Estatutos de 16 de Julho de 1431, do tempo do rei D. João I, quando a Universidade se encontrava em Lisboa. Aí alude-se aos graus (bacharel, licenciado e doutor), e à sua forma de aquisição e atribuição, explicando o ritual como se deveria processar a *Forma doctoratus* (cerimónia de doutoramento). Este texto, cujo original se encontra, como a *Charta Magna*, no célebre cartulário do século XV, conhecido por *Livro Verde*, diz o seguinte (na transcrição do texto original feita por Maria Teresa Nobre Veloso e na tradução de José Galdes Freire):

«Em primeiro lugar, estatuímos que o doutorando, pelo menos, esteja revestido de capa e capuz de

Ceremonies of the University of Coimbra and Their Origins

Article 73, Clause 1, of the Bylaws of the University of Coimbra, ratified by Statutory Order No. 79/89, of 28 July, published in the *Diário da República* on 28 August 1989, stipulates that:

The main academic ceremonies are the Rector’s investiture, honorary doctorates and the official inauguration of the academic year.

In fact, these ceremonies, which are still performed today, date back to the Medieval or Early Modern periods, though they have undergone some adaptations over the years. As such, they may be considered part of the “institutional culture” of the University.

The University was founded at the end of the 13th century (1290 or even before) in Lisbon, and was definitively transferred to Coimbra in 1537, after a period of oscillation between Coimbra and Lisbon during the 14th century. The first document to refer to its foundation, by King Dinis, is dated 15 February 1309 (1347 in the Julian calendar), the time of the first transfer of the *Studium Generale* to Coimbra. Written in Latin, this document, which is known as *Charta Magna Privilegiorum*,¹ sometimes called the “First Bylaws”, makes no mention of the ceremonies and rituals. However, the same cannot be said about the Bylaws drawn up on 16 July 1431 during the reign of King João I, when the University was located in Lisbon. This document mentions the degrees awarded by the University (Bachelor’s, Licentiate and Doctorate) and how they were acquired and conferred, describing the ritual that was used for the doctoral proceedings (*Forma doctoratus*). This text, the original of which is preserved along with the *Charta Magna* in the famous 15th century cartulary known as the *Green Book*, reads as follows (translated into English from a modern Portuguese translation by José Galdes Freire, which is in turn based upon a transcription of the Latin original by Maria Teresa Nobre Veloso):

1

Vide este documento e os outros dois que a seguir se referem in *Os primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra*. Introdução de Manuel Augusto Rodrigues. Leitura dos textos por Maria Teresa Nobre Veloso e tradução do latim por José Galdes Freire. Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1991.

This document and the other two mentioned below are reproduced in *Os primeiros Estatutos da Universidade de Coimbra*. Introduction by Manuel Augusto Rodrigues. Transcription by Maria Teresa Nobre Veloso and translation from Latin into Portuguese by José Galdes Freire. Coimbra University Archive, 1991.

bom pano e forrados, ao menos, de pele no Inverno e, no Verão, de cendal; e do mesmo modo vista, a expensas suas, o padrinho que preside ao acto, se o houver; ofereça também ao bedel um vestuário forrado, de cor semelhante, e de pano e capuz apropriados; estes, juntamente com os doutores e outros, venham de manhã buscar o doutorando a sua casa, ao som de trombetas; e ele dará à Universidade cinco coroas de ouro; e que ele seja conduzido, com honras à igreja catedral, para ouvirem a missa solene do Espírito Santo; e então todos os doutores ou mestres daquela Faculdade subam para um cadeiral colocado num plano superior; e o doutorando fique em lugar inferior; e então sejam dados barretes a todos os doutores e mestres mesmo das outras Faculdades, tal como aos reitores e ao chanceler e vice-chanceler, bem como, a cada um, um par de luvas; e sejam dadas luvas a todos os graduados e às pessoas oficiais, mesmo as mais notáveis; feito isto, o padrinho começará por invocar o nome de Deus e por fazer um discurso de elogio das ciências e por indicar o tema da lição a que o doutorando é obrigado; argumentará contra ele um dos companheiros durante meio tempo lectivo, sem réplica; e então o doutorando fará um discurso para pedir as insígnias; e o padrinho chamá-lo-á e dar-lhe-á, com solenidade a cátedra, o barrete, o anel, o ósculo e a bênção; e o próprio novo doutor agradecerá e então seguem para o almoço; e devem almoçar com ele, pelo menos, todos os graduados, mesmo das outras Faculdades e, pelo menos, todos os oficiais da Universidade; e todos os escolares devem testemunhar-lhe as suas honras; e no castelo todos devem dar um passeio a cavalo, juntamente com o doutor, e ao longo da cidade para ouvirem as Vésperas em Santa Maria da Escada.»²

O doutor jurará deste modo, junto com os outros, a saber: Vós juraís defender sempre fielmente a fé católica, e a Igreja com os seus direitos, e o Estado, principalmente o deste Reino e desta Cidade, e fazer verdadeiras interpretações das dúvidas.

Os Estatutos de D. Manuel, de 1503, cujo original se encontra, como o *Livro Verde*, no Arquivo da Universidade de Coimbra, são ainda mais pormenorizados relativamente ao ritual do doutoramento. Neste caso, vamos nós narrar, pelas nossas palavras e no essencial, a cerimónia, seguindo o texto já escrito em português de época:

«Na manhã do dia do doutoramento os doutores e todos os da Universidade que quisessem honrar o doutorando iriam a sua casa, trazendo ele o capelo vestido e sem o barrete na cabeça. Lavá-lo-iam à

«In the first place, we hereby decree that the doctoral candidate shall be attired at the very least in a cloak and hood made of good lined cloth, leather in the winter, and sendal in the summer; and likewise is he to attire, at his own expense, the patron (if there is one) who presides over the act; and he shall also offer the beadle a lined garment and hood in a similar colour and of appropriate cloth; these, together with the doctors and others, shall go in the morning to fetch the candidate from his house, to the sound of trumpets; and he shall give the University five gold crowns; and he shall be taken, with great pomp, to the cathedral to hear the solemn Mass of the Holy Spirit; and then all the doctors or masters of that Faculty shall ascend to benches placed on a higher level; and the candidate shall remain lower down; and then all the doctors and masters, even those from other Faculties, shall be given caps, as shall the rectors and chancellor and vice-chancellor, as well as, for each one, a pair of gloves; and gloves shall also be given to all graduates and officials, even the most notable; this done, the patron shall begin by invoking the name of God and by making a speech in praise of knowledge, indicating the subject of the lesson that the candidate is obliged to give; one of the company shall then argue against him for half the time allocated, without response; and then the candidate shall make a speech requesting the insignia; and the patron shall call him and give him, with great solemnity, the chair, cap, ring, kiss and blessing; and the new doctor shall thank him and then they shall leave for lunch; at the very least, all the graduates, even those from other Faculties, and, at the very least, all the University officials shall lunch with him; and all the students shall bear witness to his honour; and at the castle, they shall all proceed on horseback, together with the doctor, through the city to hear Vespers at St Mary of the Steps.»²

The doctor shall swear, before the others: “I hereby swear that I will at all times loyally defend the Catholic faith and the rights of the Church, and the State, principally of this Kingdom and this City, and to interpret any doubts in the correct way”.

The 1503 Bylaws of King Manuel (the original of which are also kept in the *Green Book*, housed in the Coimbra University Archive) provide even more detail as to the doctorate ritual. In this case, a paraphrase is given of the gist of the text describing the ceremony (which was written in the Portuguese of the period):

«On the morning of the doctorate ceremony, all the doctors and those from the University that wish to honour the candidate, shall go to his house and bring him, wearing his hood but without his cap on his head.

²
In ob. cit., p. 23.
In op. cit., p. 23.




Biblioteca Joanina e Capela de São Miguel, MR, 2009
 Joanine Library and St. Michael's Chapel, MR, 2009

sé, à missa do Espírito Santo, no fim da qual se assentariam nos seus lugares ordenadamente, vestidos cada um com os seus “hábitos”. O cancelário ficaria no meio e o reitor à sua direita e todos os outros de um lado e de outro pela sua ordem. O doutorando sentar-se-ia em baixo, diante de uma mesa, e estariam com ele dois bacharéis ou licenciados. Lerá uma breve lição e arguirá contra ele primeiro o reitor e, depois, alguns mestres ou doutores da sua faculdade. Terminado este acto, serão dadas luvas a todos os bacharéis e licenciados, fidalgos e oficiais da Universidade, e luvas e barretes a todos doutores, chanceler e padrinho. A seguir um “homem honrado” louvará, em latim, as “letras e costumes” do graduando e, “em linguagem”, falará em tom gracioso dos seus defeitos. O escrivão tomará o juramento do candidato antes de este ir receber o grau. Então o doutorando será levado junto do padrinho e pedirá o grau através de uma “breve arenga” e o padrinho, louvando as “letras” do graduando, lho dará, com suas insígnias, ou seja, o barrete com a sua borla, o anel e o beijo na face. A seguir irão todos comer com todos os doutores e mestres da Universidade.»³

Saliente-se a simbologia das insígnias: o barrete como símbolo do saber, o anel como representando a fidelidade e o ósculo a recepção do novo doutor pelo corpo universitário. Hoje, também é concedida a “borla”, que na verdade tem o significado do “barrete” com a respectiva “borla”, ou seja, o seu

They shall take him to the cathedral to hear the Mass of the Holy Spirit, after which they shall sit in their places in ordered fashion, attired in their robes. The chancellor shall be in the centre with the rector on his right, with all the others distributed along one side and the other in their order. The candidate shall sit lower down, at a table, and with him will be two Bachelors or Licentiates. He shall read a brief lesson and first the rector, then some of the Masters or Doctors from his faculty shall argue against him. This finished, gloves shall be given to all the Bachelors, Licentiates, noblemen and officials of the University, and gloves and caps to all the doctors, the chancellor and the patron. Then, an “honourable man” shall praise the “knowledge and habits” of the candidate in Latin, and, “in language” shall graciously speak of his defects. The clerk shall take the candidate’s oath before he receives the degree. Then, the candidate shall be taken before his patron and shall request the degree through a “brief address” and the patron, praising the candidate’s “learning”, shall give it to him, with his insignia, that is, the cap with its tassel, the ring and a kiss on the cheek. Then, they shall all go to eat, with all the doctors and masters of the University.»³

The symbolism of the insignia is important. The cap was a symbol of knowledge, while the ring represented fidelity. As for the kiss, this indicated the reception of the new doctor into the collegium. Today, it is the “borla” that is presented (literally, the “tassel”, although the word now means the same as “barrete”,

³
 Cfr. in ob. cit., p. 38.
 Cfr. in ob. cit., p. 38.



Interior da Capela de São Miguel, RF, 2006
Interior of St. Michael's Chapel, RF, 2006



ornamento, e o livro como simbolizando o saber, e o anel. O abraço, que de resto é repetido por todos os doutores, sentados nos cadeirais ou “doutorais”, representa a recepção do novo graduado, que se sentará na última das cátedras da sua faculdade. É também interessante notar que nesses mesmos Estatutos se referem as cores dos capelos e barretes das faculdades então existentes: branco para a Teologia, verde para Cânones, vermelho para Leis, amarelo para Medicina e azul forte para Artes⁴. Deve dizer-se que duas destas cores continuam ainda hoje a ser cores de faculdades. Referimo-nos a Direito (que herdou a cor da Faculdade de Leis — as Faculdades de Cânones e a de Leis fundiram-se na Faculdade de Direito em 1836, pela reforma de Passos Manuel), Medicina e Letras (que em 1911, quando foi criada, adoptou a cor de Artes, área que, na sequência da reforma joanina de 1537, passou a ser ministrada num colégio próprio — o Colégio das Artes, que começou a funcionar em 1548).

Outra novidade que surge nestes Estatutos é o da eleição do reitor (dos conselheiros e dos

i.e. the cap decorated with the tassel) and a book, symbolizing knowledge, and the ring. The embrace, which is repeated by all the doctors on the doctoral benches, represents the reception of the new doctor, who will then occupy the last chair from his Faculty.

It is also interesting to note that those same Bylaws refer to the colours of the hoods and caps used by the Faculties that were in existence then. White was for Theology, green for Canon Law, red for Civil Law, yellow for Medicine and dark blue for Arts.⁴ Three of these colours are still in use today. The modern Faculty of Law inherited the colour of the old Faculty of Civil Law (following the merging of the Faculties of Canon Law and Civil Law in 1836 with the Passos Manuel reform); the Faculty of Medicine retains its traditional colour, while the Faculty of Letters adopted the colour of Arts when it was founded in 1911 (after the 1537 reform, Arts was moved to a separate institution, the College of Arts, which began functioning in 1548).

Another innovation that was introduced with these Bylaws was the election and swearing-in of the rector

⁴

Cfr. in ob. cit., p. 39.

Cfr. in ob. cit., p. 39.

“taxadores”), e o do cerimonial da sua posse, para que já apontava a *Charta Magna Privilegiorum* de 1309, que, no entanto, considerava a existência de reitores estudantes, própria duma universidade à maneira bolonhesa, de tipo “estudantil”. Os Estatutos Manuelinos referem-se, com efeito, a esses assuntos nos termos que passamos a sintetizar por palavras nossas:

«Em cada ano, na véspera de S. Martinho (dia 10 de Novembro) deve anunciar-se a todos os lentes e “ouvintes” que no outro dia (11 de Novembro) será publicada a lista do novo reitor, dos conselheiros e dos “taxadores”.

Não poderia ser eleito reitor nem vice-reitor (nem conselheiro ou vice-conselheiro) qualquer lente, nem qualquer pessoa com menos de 25 anos. O reitor eleito deverá ser “fidalgo” ou “homem constituído em dignidade”. O reitor será eleito na véspera de S. Martinho, à noite, por todo o conselho, constituído por cinco lentes deputados, cinco “pessoas honradas” que são também deputados e os seis conselheiros (eleitos pelo anterior reitor e pelos anteriores conselheiros). O anúncio do novo reitor (e demais cargos) será feito, portanto, no dia de S. Martinho e logo o reitor fará juramento perante o “velho reitor”, em presença da “universidade” (ou seja, da corporação universitária).»⁵

Como se vê, nos inícios do século XVI (o processo, na verdade, deve datar do começo da Universidade e foi evoluindo ao longo do tempo) já estavam estatuídas os rituais relativos ao doutoramento e à tomada de posse do reitor.

No entanto, neste caso da tomada de posse do reitor, serão os Estatutos de 1653, ou “Estatutos Velhos”, do tempo de D. João IV, que apresentam o “modelo” de ritual a ser essencialmente seguido, até porque os “Estatutos Novos”, os pombalinos de 1772, não se referem a este tema. A eleição seria feita no último dia de Julho de três em três anos e deveria recair em três candidatos, cuja lista seria enviada ao rei. Este escolheria, entre os três, aquele que deveria ser o próximo reitor, enviando a carta de provisão ao anterior reitor e efectuando-se o cerimonial da seguinte forma, que se transcreve com a ortografia actualizada, fazendo-se notar que ela é escrita em discurso directo pelo rei:

«[...] o Reitor mandará chamar a Claustro pleno, e lida a carta nele se elegerão dous Doutores dos mais antigos, que com o Secretário, e Mestre das cerimónias levarão recado ao novo eleito, e o trarão no meio de entre ambos, com o Secretário, e Mestre de cerimónias

(and also of the councillors and “rent controllers” [*taxadores*]). This *Charta Magna Privilegiorum* of 1309 had already made mention of this, though it allowed for the existence of student rectors, as in the Bologna-style university. The reference in the Maneline Bylaws to these matters is paraphrased below:

«Each year, on St Martin’s Eve (10 November), an announcement shall be made to all professors and “listeners” that, on the following day (11 November), a list shall be published of the new rector, councillors and “rent controllers”.

No professor or person under the age of 25 may be elected rector, vice-rector, councillor or vice-councillor. The rector should be a “nobleman” or gentleman (“man constituted in dignity”). The rector shall be elected on St Martin’s Eve, at night, by the whole council, consisting of five scholar deputies, five “honourable persons” who are also deputies and the six councillors (elected by the former rector and former councillors). The announcement of the new rector (and other posts) shall be made on St Martin’s Day and the rector shall immediately be sworn in before the outgoing rector, in the presence of the “university” (that is, the collegium).»⁵

As we can see, in the early 16th century, the rituals relating to the doctorate ceremony and swearing-in of the rector were already enshrined in the bylaws, although the process probably dated back to the very beginnings of the University and had already undergone some changes over time.

However, in the case of the rector’s investiture, it was the 1653 Bylaws, known as the “Old Bylaws” from the time of King João IV, that provided the model for the ritual that has essentially been followed since, as the “New Bylaws” of the Pombaline Reform of 1772 do not refer to this matter. The candidate was selected on the last day of July every three years from a list of three, which was sent to the king. Having made his choice, the king would then send an appointment charter to the outgoing rector, describing how the ceremony would take place (the text was written in direct speech by the king, and has been translated from a transcription in modern Portuguese).

«[...] the Rector shall summon the entire Collegium and having read the charter, it shall select two of the most senior Doctors, who, with the Secretary and Master of Ceremonies shall bear the message to the newly elected, and shall bring him between them, with the Secretary and the Master of Ceremonies going

5

In ob. cit., p. 32.

In ob. cit., p. 32.

diante; e o Reitor que acaba o seu officio, o virá com alguns Lentes esperar à porta da casa onde se fizer o Claustro, da banda de dentro, e assentando-o entre si e o Mestre Teólogo mais antigo, se lerá a provisão, ou carta minha, por que o elejo, em clara voz pelo Secretário, e receberá juramento pela ordem e formada nestes estatutos [...]; e acabado o juramento o Reitor velho sentará ao reitor novo em seu lugar, e ele ficará à mão direita; e o novo Reitor, depois de dar as graças ao Claustro, será acompanhado até sua casa do Reitor velho, e de toda a Universidade, que para este efeito o dia de antes será chamado, *sub paena Praestiti*, e nesse acompanhamento irão Bedéis com suas maças, e todos os mais oficiais, trombetas, e charamelas.»⁶ Faltam-nos, porém, elementos acerca do ritual da “abertura das aulas”, ou melhor, da “abertura solene das aulas”, que não constam dos primeiros Estatutos, de 1431. Surgem, porém, nos Estatutos que a seguir conhecemos, os de 1559, do reinado de D. Sebastião, durante a regência de D. Catarina de Áustria, dado que desapareceram os anteriores, ou seja, os de 1544, surgidos no contexto da reforma de D. João III, e os Estatutos de 1565⁷. Logo no capítulo 1 desses Estatutos fala-se do “dia do princípio das escolas”, havendo outras vagas referências nos capítulos 30 e 39, situando-se aquele dia em 1 de Outubro⁸. Os referidos “Estatutos Velhos”, de 1653, adiantam algo mais. Na verdade, depois de se referirem ao “Princípio” (livro III, título XI), dizem que se realizará depois uma “fala aos lentes e estudantes todos os anos”, proferida “pelo Secretário, acabada a oração do Princípio”.⁹

Não há dúvida, porém, que esta prática já existia antes, talvez desde o início do funcionamento do *Studium Generale*, pois no testamento do Infante D. Henrique, de 13 de Outubro de 1460, concedia-se ao lente de prima de Teologia doze marcos de prata para fazer “o princípio no Estudo” e dizer “certas missas e pregações”.¹⁰ Trata-se obviamente do que foi denominado “Oração de Sapiência” ou, mais exactamente “Oração de *Sapientia*”, de que se conhecem, de resto, algumas peças fundamentais desde o século XVI, por altura da abertura das aulas da Universidade e do Colégio das Artes.

before; and the outgoing Rector shall wait with some Professors at the door of the building wherein the Collegium is assembled, and seating him between himself and the most senior Master of Theology, the appointment, or my charter, by which I elect him, shall be read out loud by the Secretary, and he shall be sworn in according to the order and form laid down in these bylaws [...]; once the new Rector has been sworn in, the outgoing Rector shall seat the new one in his place, and he himself shall remain on his right hand side; and the new Rector, after thanking the Collegium, shall be accompanied to his house by the former Rector and the whole University, which shall be summoned for this effect *sub paena Praestiti*, and in this procession shall go the beadles with their maces, and all the other officials, trumpets and chalumeaux.»⁶

As for the official inauguration of classes, the first Bylaws of 1431 make no mention of this ceremony. However, there are references to it in the next Bylaws of which we have knowledge, namely those of 1559, which date from the reign of King Sebastian, during the regency of Catherine of Austria (the earlier ones of 1544, drawn up in the context of King João III's reforms, having disappeared) and also in the 1565⁷ Bylaws. In Chapter 1, mention is made of the “first day of lessons”, and there are other vague references in Chapters 30 and 39. That day is identified as 1 October.⁸ The “Old Bylaws” of 1653 give us a little more information. In fact, after referring to the “Start” (Book III, Title XI), they say that this will take place following a “speech to the professors and students every year”, pronounced “by the Secretary, after the inaugural lecture”.⁹

However, there is no doubt that this practice existed before. It may even date from the very start of the *Studium Generale*, as the will of Prince Henry the Navigator, from 13 October 1460, grants the most senior Professor of Theology twelve silver marks to hold the “start of Studies” and to say “certain masses and sermons”.¹⁰ This is obviously what became known as the “Oração de Sapiência” (sapience speech) or, more accurately the “Oração de *Sapientia*”, about which more information exists from the 16th century, at

⁶ *Estatutos da Universidade de Coimbra (1653)*. Edição fac-similada. Prefácio de Aníbal Pinto de Castro. Coimbra. Por ordem da Universidade. 1987, lib. II, tit. IV, pp. 44-45.

Estatutos da Universidade de Coimbra (1653). Facsimile edition. Preface by Aníbal Pinto de Castro. Coimbra. Upon the order of the University. 1987, Bk II, tit. IV, pp. 44-45.

⁷ Cfr. Joaquim Ferreira Gomes, *Oração de Sapiência. Os Estatutos da Universidade*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1987.

Cf. Joaquim Ferreira Gomes, *Oração de Sapiência. Os Estatutos da Universidade*. Coimbra, Coimbra University, 1987.

⁸ fr. Estatutos da Universidade de Coimbra (1559). Com introdução e notas históricas e críticas de Serafim Leite. Coimbra. Por ordem da Universidade. 1963, pp. 13, 98 e 110.

Cf. *Estatutos da Universidade de Coimbra (1559)*. With introduction and historical/critical notes by Serafim Leite. Coimbra. Upon the order of the University. 1963, pp. 13, 98 and 110.

⁹ Cfr. *Estatutos da Universidade de Coimbra (1653)*, pp. 164 e 167.

Cf. *Estatutos da Universidade de Coimbra (1653)*, 164 and 167.

¹⁰ Cfr. Introdução de Serafim Leite à obra citada, p. 32*.

Cf. Introduction by Serafim Leite to cited work, p. 32*.



Os Estatutos seguintes repetem sensivelmente essa referência ao “princípio”, havendo, porém, uma informação formalmente mais completa nos Estatutos Pombalinos de 1772, logo no livro I, título II, capítulo IV, no que concerne à Faculdade de Teologia, mas que dizia respeito a toda a Universidade:

«No primeiro de Outubro se abrirão as Escolas com a Oração de Sapientia, e no dia seguinte começarão a ler os Professores, e continuarão as suas lições até o último de Maio.»¹¹

Por sua vez estes Estatutos, entregues em mão à Universidade pelo próprio Marquês de Pombal, também nos descrevem de forma pormenorizada a cerimónia de doutoramento (liv. I, tit. IV, cap. VII), apresentando um “modelo”, naturalmente alterado, para as gerações que se seguiram. Apesar da extensão do texto, vamos por isso transcrevê-lo no essencial, com a ortografia actualizada:

«No dia do Doutoramento virá o Doutorando acompanhado solenemente na forma do costume do terreiro de Santa Cruz até à Capela da Universidade. Nela será o mesmo Doutorando a ter pronta uma

the time of the official opening of the academic year in the University and College of Arts.

The following Bylaws also refer to the “official opening”. However, the information in the Pombaline Bylaws of 1772 is more complete. The following quotation is taken from Book I, Title II, Chapter IV, about the Faculty of Theology, though it concerns the whole University:

«On the first of October the Schools shall open with the Sapience Speech, and on the following day, the Professors shall begin to lecture, and shall continue up to the last day of May.»¹¹

In these Bylaws, which were delivered by hand to the University by the Marquis of Pombal himself, the doctorate ceremony is also described in some detail (Bk II, Tit. IV, ch. VII), presenting a model for generations to come (though naturally with some alterations). Although the text is long, most is reproduced here, from a modern Portuguese transcription:

«On the day of the Doctorate ceremony, the Candidate shall come from the courtyard of Santa

11

Estatutos da Universidade de Coimbra (1772). Coimbra. Por ordem da Universidade, 1972, livro I, p. 21.

Estatutos da Universidade de Coimbra (1772). Coimbra. Upon the order of the University, 1972, Book I, p. 21.

Missa, que se há-de dizer antes de se partir daí para a Sala grande dos Paços. Na qual Mando se confira este Grau [...].

Neste acompanhamento solene se ajuntarão o Reitor, o Padrinho, Lentes, e Doutores com as suas insígnias, e as mais Pessoas da Universidade. [...]

A ordem, que se deve guardar nestes acompanhamentos, será a seguinte: o Doutorando virá com Capelo de veludo [da cor da Faculdade], e com a cabeça descoberta, à mão esquerda do Reitor, e da outra parte o Padrinho. Diante deles irão os Bedéis com suas Maças aos ombros. Além dos Bedéis o Pagem do Doutorando, o qual trará em uma salva o Barrete, e a Borla. Logo irão os Lentes, e os Doutores de dous em dous por suas precedências, e antiguidades, aos quais o Meirinho com seus Oficiais irá fazendo caminho. Nenhuma outra pessoa de qualquer qualidade que seja, que não levar insígnias se incorporará na ordem dos ditos Doutores, e Mestres. O conservador, não sendo Doutor, irá detrás do Reitor. Se o for, irá no lugar do seu Grau com a sua Vara, e insígnias. E o mesmo praticarão o Corregedor, e mais Magistrados, que quiserem achar-se neste acompanhamento. Se porém o Doutorando for regular [monge ou frade] não levará o dito Capelo.

O Mestre de Cerimónias irá com a insígnia do seu Ofício, dirigindo, e ordenando o acompanhamento, para que vá com toda a decência, e gravidade devida [...]

Ouvida a Missa, sairá o Doutorando da Capela da Universidade com o mesmo acompanhamento solene [...]

Estará na Sala, na parte mais conveniente, uma Mesa bem ornada com duas Cadeiras de espaldas: uma para o Doutorando, outra para a Pessoa nobre, que o acompanhar. E assim estarão outras duas Cadeiras uma defronte da outra, em que se assentarão dous Doutores, que hão-de Orar em louvor do Doutorando.

Tanto que o dito acompanhamento for recolhido na Sala, e nela se tiverem ocupado os assentos segundo a ordem do Cerimonial Académico, o Cancelário fará sinal ao Doutorando para que peça o Grau de Doutor. O que Ele executará em uma breve, e elegante Oração. E feita esta súplica, fará o Cancelário o mesmo sinal aos Oradores, para que recomendem o merecimento do Doutorando.

Nem poderão ser Oradores em semelhantes Actos senão os Doutores da mesma Faculdade de que for o Doutorando, nem será livre a este eleger para seus Oradores aqueles Doutores, que mais quiserem. Pelo contrário serão distribuídas as ditas Orações a todos os Doutores da Faculdade pela ordem das suas antiguidades, exceptuando somente os Lentes,

Cruz to the University Chapel accompanied solemnly in accordance with the custom. There, that same Candidate shall attend a Mass, which shall be said before leaving for the Great Hall of the University. In which I Command that this Degree be conferred [...]

In this procession, the Candidate shall be solemnly accompanied by the Rector, the Patron, Professors, Doctors, with their insignia, and the other Members of the University. [...]

The order of the procession shall be as follows: the Candidate shall come with his velvet hood [in the colour of his Faculty] and with his head uncovered on the left hand side of the Rector and on the right of his Patron. Before them shall go the Beadles with their Maces on their shoulders. With the Beadles shall go the Candidate's Page, bearing on a platter the Cap and Tassel. Thereafter shall go the Professors and the Doctors, two by two, in order of precedence and seniority, who shall be led by the Bailiff with his Officers. No other persons of any kind, who do not bear the respective insignia, may join the procession of Doctors and Masters. The conservator, if he is not a Doctor, shall proceed behind the Rector, and if he is a Doctor, he shall occupy the place corresponding to his Degree with his Staff and insignia. The same shall apply to the Corregidor and other Magistrates, who may if they wish take part in this procession. If, however, the Candidate is a member of a religious order [monk or friar], he shall not wear the aforementioned Hood.

The Master of Ceremonies shall bear the insignia of his Office, directing and ordering the procession, to ensure that it proceeds with due decency and dignity [...] Having heard Mass, the Candidate shall leave the University Chapel with the same solemn procession [...]

In the Hall, at the most convenient spot, shall be placed an ornate Table with two high-backed Chairs: one for the Candidate, the other for the noble person that accompanies him. There shall also be two other Chairs, one in front of the other, where shall sit two Doctors, who shall speak in praise of the Candidate

When the aforementioned procession has arrived in the Hall, and occupied their places in the order established for Academic Ceremonies, the Chancellor shall indicate to the Candidate that the moment has come to formally request the Degree of Doctor. This he shall do in a brief and elegant speech. When this petition is complete, the Chancellor shall signal to the Speakers that it is their turn to speak in praise of the Candidate.

Only Doctors from the same Faculty as the Candidate may speak in such proceedings, and the Candidate is not free to select the Doctors that will be his Speakers, however much he should wish to do so. On the contrary, this task shall be

e Substitutos, para que possam cuidar com mais desembaraço no cumprimento das suas obrigações.

Sucedendo em um ano ficarem alguns Doutores livres desta obrigação pela falta de Doutoramentos, não principiará o turno do ano seguinte no mais antigo da Faculdade, mas sim naquele que ficou sem Orar; e deste correrá até o fim da Faculdade, de sorte que nunca suba ao princípio, sem que todos os Doutores se tenham ocupado neste exercício. [...]

Ditas que sejam as Orações, sairá o Doutorando da Cadeira, onde estiver, e virá para defronte do lugar do Cancelário, sendo precedido do Mestre de Cerimônias, e Bedéis com suas Maças. O Cancelário lhe mandará tomar o juramento costumado, e fazer de joelhos em um Missal aberto, que terá no seu grêmio, a Profissão da Fé da Bula de Pio IV, que irá escrita no fim destes Estatutos. E ficando assim de joelhos, lhe dará o Grau de Doutor pela Fórmula, que também irá escrita no fim dos mesmos Estatutos. Tendo-lhe conferido o Grau de Doutor, fará comissão ao Padrinho, para que o orne das insígnias doutorais.

Logo o Padrinho fará uma breve, e elegante Oração, que terá três partes. Na Primeira encomendará a faculdade, e Autoridade do Grau. Na Segunda exortará ao novo Doutor para prosseguimento das Letras, e obrigações delas. Na Terceira dará graças ao Reitor, Cancelário, e Doutores por usarem de tanta benignidade com o Doutorando, e o admitirem, e receberem na sua Congregação. Por fim porá na cabeça do Doutorando o Barrete com a Borla, dar-lhe-á a Bíblia aberta, e meter-lhe-á um anel no dedo, depois do que seguir-se-á o ósculo da paz, abraçando-o o mesmo Padrinho, e levando-os ao Reitor, ao Cancelário, e a cada um dos Lentes, e Doutores, que o receberão com os mesmos abraços de paz. E na volta se assentará o novo Doutor entre o Reitor, e o Padrinho, tocando-se em todo o tempo destes abraços, e paz, os instrumentos, de que a Universidade usa, os quais deverão sempre ser acomodados à seriedade, e gravidade das funções Acadêmicas.

Concluídas que sejam estas cerimônias, dará graças o novo Doutor a Nosso Senhor, e aos presentes, que o honraram com a sua assistência. E daí tornará para sua casa com o mesmo acompanhamento solene acima referido.»¹²

É interessante ainda salientar — dado que os capelos e as borlas reproduzem hoje as suas cores numa das actuais faculdades — que foram então criadas,

distributed amongst all the Doctors of the Faculty in order of seniority, excepting only the Professors and their Substitutes, who have other more pressing obligations to fulfil.

Should it happen that, in a given year, some Doctors are freed from this obligation due to a lack of Doctorate ceremonies, the first oration of the following year shall not be pronounced by the most senior member of the Faculty, but by those that did not speak; thus it shall proceed through to the most junior member of the Faculty, without starting again at the beginning until all Doctors have taken their turn. [...]

After these speeches have been made, the Candidate shall leave his Chair and come before the Chancellor, preceded by the Master of Ceremonies and the Beadles with their Maces. The Chancellor shall order him to kneel to take the usual oath on an open Missal, uttering the Profession of Faith from the Bull of Pope Pius IV, which shall be written at the end of these Bylaws. And remaining on his knees, he shall be awarded the Degree of Doctor, using the formula that shall also be written at the end of these same Bylaws. When the Degree of Doctor has been conferred, the Candidate shall ask his Patron to decorate him with the doctoral insignia.

Then the Patron shall make a brief and elegant speech in three parts. In the first part, he shall commend the Faculty and the Authority of the Degree. In the second, he shall exhort the new Doctor to proceed with his scholarship and with the obligations arising from it. In the third part, he shall give thanks to the Rector, Chancellor and Doctors for their graciousness towards the Candidate, by admitting and receiving him to their Congregation. Finally, he shall place the Cap with the Tassel on the Candidate's head, present him with an open Bible, and place a ring on his finger, after which he shall give him the kiss of peace. Thus shall the Patron embrace him, and then take him to the Rector and Chancellor and to all of the Professors and Doctors, who shall receive him with the same embrace of peace. Returning, the new Doctor shall be seated between the Rector and his Patron. Throughout the embraces, those musical instruments as are used by the University shall play with the seriousness and dignity that befits Academic functions.

When these ceremonies are completed, the new Doctor shall give thanks to Our Lord and to all present, who have honoured him with their attendance. From there, he shall proceed to his home with the same aforementioned solemn procession.»¹²

12

Ob. e lug. cites, pp. 223-226. Apesar da actualização da grafia, não se actualizou a pontuação, salvo em situações excepcionais. Foram eliminados os números que precedem cada parágrafo. A narrativa do cerimonial transcrito diz respeito à Faculdade de Teologia, mas o estatuído para outras faculdades, em livros seguintes, remete para esta descrição.

Ob. e lug. cites, pp. 223-226. The Portuguese transcription on which this translation is based uses modern spelling, though the punctuation mostly remains unchanged. The numbers preceding each paragraph have been eliminated. The ceremony described in this transcription concerns the Faculty of Theology, although the proceedings laid down for other faculties, in subsequent books, follow the same pattern.



pela reforma pombalina, duas novas faculdades com as respectivas cores simbólicas. Referimo-nos à Faculdade de Matemática, azul claro e branco, e à Faculdade de Filosofia (“filosofia natural”, entenda-se, ou seja, basicamente, os estudos de Botânica, Zoologia, Mineralogia, Física e Química), azul claro. Estas cores vieram, pois, a ser adoptadas, na Faculdade de Ciências, que surgiu da fusão das anteriores faculdades, em 1911: o azul claro para a generalidade dos cursos e o azul claro e branco para Matemática, cores que foram também adoptadas em Engenharia Geográfica, o primeiro curso tecnológico que se criou em Coimbra, em 1922, e, mais tarde, nos outros cursos de Engenharia, depois criados, razão por que esta faculdade passou a ser designada por Faculdade de Ciências e Tecnologia em 1972.

A manutenção e a alteração das cerimónias

Como é evidente, foram-se alterando até hoje as práticas rituais, conservando-se, porém, a essência das suas fórmulas.

A tomada de posse do Reitor

A tomada de posse do Reitor — que desde 1834 acumulou as funções do cancelário, cargo que foi de grande importância na Universidade, pois cabia-lhe por direito conceder os graus, e que era

As the hoods and caps used today reproduce the colours of the former faculties, it is of interest to point out here that two new faculties were created by the Pombaline reforms. These were the Faculty of Mathematics, whose colours were light blue and white, and the Faculty of Philosophy (i.e., “Natural Philosophy”, basically involving the study of Botany, Zoology, Mineralogy, Physics and Chemistry), which was symbolized by light blue. These colours were later adopted by the Faculty of Science, which resulted from the merging of those other two in 1911. Light blue is still used for most of the courses in that Faculty, but light blue and white is used by Mathematics. These colours were also adopted by Geographical Engineering, the first technological course created in Coimbra, in 1922, and later by the other Engineering courses (the faculty was renamed the Faculty of Science and Technology, in 1972).

Maintenance and Alteration of the Ceremonies and Rituals

Obviously, the rituals have undergone some alteration over the years, although the essential formulas have mostly been maintained.

The Rector’s Investiture

In 1834, the Rector assumed the functions of the Chancellor, a position of great importance in the

desempenhado desde 1539 pelo prior do Mosteiro de Santa Cruz — manteve a sua simplicidade ao longo do tempo. A posse é dada pelo professor decano, na “sala grande dos actos”, mais conhecida por “sala dos capelos”, perante a corporação (“claustro pleno”, na terminologia estatutária), estando os doutores nos cadeirais, com traje talar mas sem insígnias e colocando o novo reitor a borla mas não o capelo, interpretando nós a ausência desta indumentária, neste cerimonial e ao longo do seu mandato, pelo facto de o capelo representar mais directamente a faculdade de origem do professor, que deixará a sua ligação privilegiada à sua escola e passará a assumir as funções de “Magnífico Reitor Cancelário” de toda a Universidade.

O que variou, para além de pormenores de rito, foi o processo de escolha. Considerado como símbolo da autonomia da Universidade, nem sempre, porém, se verificou um processo de eleição, nem na Monarquia liberal, nem mesmo na Primeira República, já para não falar do Estado Novo, assumidamente autoritarista, pese embora seu alegado corporativismo (inclusive com a bandeira do corporativismo universitário, como “comunidade de professores e estudantes”), que poderia supor a eleição do reitor. Se esta foi praticada, episodicamente, em 1926, depois da “Revolução de Maio”, que, não tendo propriamente fundado o Estado Novo, abriu as portas à sua formação, deixou imediatamente de se realizar. O centralismo, manifestado nos regimes demo--liberais, não permitiu também que tal se verificasse e, assim, quase sempre o reitor foi simplesmente nomeado pelo governo, sendo considerado como representante do Estado junto da Universidade. Aliás, no tempo da Primeira República — depois de se ter iniciado, com o liberalismo e só a partir de 1850, o desempenho de funções apenas por professores da Universidade de Coimbra, salvo nalgumas excepções — o lugar de reitor, depois de um breve período de afirmação de autonomia universitária, com a eleição de reitores entre professores de Coimbra, passou a ser desempenhado por personalidades de confiança dos vários governos que se sucederam. No Estado Novo, todos os reitores foram exclusivamente nomeados pelo governo, embora dentro do corpo universitário de Coimbra. Só depois do 25 de Abril, depois de um período de nomeação governamental, se verificou a eleição, dentro de uma certa fórmula de autonomia, primeiro através de uma prática criada para o efeito e depois por um sistema formalizado nos Estatutos de 1989.

Os “doutoramentos solenes”

Quanto aos “doutoramentos” (“doutoramentos solenes”, de que se tem estado fundamentalmente a falar), importa esclarecer que se tratou mais de uma colação ritual de grau do que da aquisição de um

University, since it was he that was legally entitled to award the degrees (the role had been occupied from 1539 by the Prior of the Monastery of Santa Cruz). The investiture ceremony has maintained its simplicity over time. It is presided over by the most senior Professor in the University and takes place in the Great Hall, before the whole Collegium. All the doctors are present in their respective seats, wearing their academic gowns, though without the insignia, while the new rector wears his cap but not the hood. The absence of this garment during the ceremony and throughout his mandate is probably due to the fact that the hood most directly represents the Faculty to which he belongs, but which he will effectively leave behind when he assumes the functions of “Magnificent Rector and Chancellor” of the whole University.

Aside from details of the ritual, the aspect that has most varied over the years is the selection process. Although the Rector is considered to be a symbol of the University's autonomy, the position has not always been elected democratically. This was the case during the liberal Monarchy and the First Republic, not to mention the 20th century dictatorship known as the “New State” (*Estado Novo*), which was assumedly authoritarian, despite its alleged corporativism (which included university corporativism, as a “community of professors and students”). Elections took place once, in 1926, after the May Revolution which paved the way for the *Estado Novo*, but they were immediately discontinued after that. The centralism typical of demoliberal regimes also meant that the rector was in most cases simply appointed by the government, and considered a representative of the State in the University. During the First Republic, following a brief period of affirmation of university autonomy, when rectors were elected from amongst the Coimbra professors, the post began to be occupied by figures trusted by successive governments (indeed, it was only after 1850, with liberalism, that the role was largely reserved for professors of the University of Coimbra). During the *Estado Novo*, all rectors were exclusively appointed by the government, although from within the Collegium. The election process was only reintroduced after the Carnation Revolution of 25th April 1974 (after a period of government appointment), with the creation of a special practice for the purpose, followed by the formal enshrinement in the Bylaws of 1989.

Honorary Doctorates

As for the doctoral ceremonies that we have been discussing (“*doutoramentos solenes*”), it is important to point out that these did not so much concern the acquisition of a degree through examination but rather the ritual awarding of an honorific title. That is

grau através de uma prova. Ou seja, desde sempre, apesar de haver algum conteúdo “literário” (ou “científico”, termo mais actual, mas por certo menos ajustado), o doutoramento foi essencialmente “uma cerimónia”, aliás muito cara para quem queria aceder a essa “honra”. Pode ver-se, na realidade, através do ritual descrito nos Estatutos Pombalinos, que era então “uma cerimónia”, sendo a “licenciatura” o verdadeiro grau superior, conseguido através da “repetição” (ou seja, a frequência, outra vez, de certas cadeiras) e da realização de “actos grandes”. No entanto, o doutoramento passou a ter uma “autonomia científica” pelo regulamento de 1871 (decreto de 11 de Julho), no reitorado do Visconde de Vila Maior, reforçada pela legislação de 1901, a qual constitui propriamente a formalização de “novos estatutos”, embora não tivessem sido abolidos os célebres Estatutos Pombalinos.

O artigo 59.º e seguintes do decreto n.º 4, de 24 de Dezembro de 1901, especifica as condições e as provas necessárias para se concorrer ao grau de doutor, ou seja, ser licenciado com “a qualificação de *bom* em mérito literário” e “apresentar uma dissertação inaugural e uma colecção de teses sobre as diferentes cadeiras da sua faculdade”, provas essas que, no acto da sua realização, constituíam as “conclusões magnas”. Só depois se realizaria a colação de grau, que é referida nos artigos 70.º e 71.º. Este último artigo circunstanciava, embora genericamente, as fases da cerimónia, que, ao contrário da colação da licenciatura, se realizaria na “sala dos actos grandes” e não na capela:

«No dia aprazado para a colação do grau de doutor o corpo docente reúne-se em uma das salas do andar nobre do Paço das Escolas, e segue daí em préstito, para a Real Capela, pela ordem e com o cerimonial do estilo. Ouvida a missa para esse fim preparada, o préstito seguirá, como é costume, para a sala grande dos actos, onde a colação se efectuará; e terminada esta, voltará novamente para o andar nobre do Paço das Escolas, a fim de se lavrar o termo do grau, que será assinado pelo reitor, pelo representante, pelo patrono, pelas duas testemunhas e pelo novo doutor.»

Haverá, naturalmente, uma tentativa para simplificar o cerimonial, ainda que continue a verificar-se uma ligação clara e muito discutida a um cerimonial eclesiástico, que marcou, de resto, sempre a lógica dos rituais e das vestes da Unniversidade. A própria legislação que estamos a analisar observava, embora de forma genérica, que havia algo a mudar na cerimónia, dizendo no seu artigo 73.º:

«O reitor da Universidade mandará codificar, o mais breve possível, o que existe do cerimonial académico relativo à colação do grau de doutor, e, apurando escrupulosamente o que é abusivo, anacrónico ou por qualquer modo inconveniente, e completando

to say, despite there being some academic content to the proceedings, the doctorate ceremony was essentially a ritual, which could be very expensive for anyone that wanted to acquire the honour. The description of the ritual in the Pombaline Bylaws shows that it was really an honorific occasion, and that the licentiate was the higher degree in academic terms, as it was achieved through the “repetition” of certain courses and the performance of “great acts”. However, the doctorate acquired “academic autonomy” in the 1871 regulations (Decree of 11th July) while the Viscount of Vila Maior was rector, and was reinforced by legislation in 1901. These constituted the “new bylaws”, although the famous Pombaline Bylaws had not been formally abolished.

Articles 59 and onwards of Decree No. 4 of 24th December 1901 specify the conditions and examinations necessary to apply for the degree of doctor. Candidates had to have been awarded a ‘good in academic merit’ in the licentiate degree and to “present an inaugural dissertation and a collection of theses on the different subjects offered in their faculty”. The formal examination of these works would constitute the “great conclusions”, and the degree would only be awarded after this examination had taken place, as stipulated in Articles 70 and 71. This last article describes the phases of the ceremony in general terms. Unlike the ceremony for the awarding of the licentiate degree, it was to take place in the Great Hall of the University and not in the chapel.

«On the day established for the award of the doctoral degree, the teaching body shall assemble in one of the rooms on the noble floor of the University, and from there will proceed in procession to the Royal Chapel in the customary order and with all the due ceremony. After the mass has been heard, the procession shall then make its way, as is usual, to the Great Hall, where the award ceremony shall take place; this over, it shall again return to the noble floor of the University Palace, in order to draw up the official degree document, which shall be signed by the rector, the representative, the patron, two witnesses and the new doctor.»

There were, of course, attempts to simplify the proceedings, although the connection with ecclesiastical ceremonies, which has always marked University rituals and vestments, is still in evidence today, and much discussed. Indeed, this legislation observed, in general terms, that there were things that needed to be changed in the ceremony. Article 73 reads:

«The University rector shall order, as briefly as possible, the codification of the procedure used in the academic ceremony for the award of the doctorate degree, scrupulously removing anything that is abusive, anachronistic or in any way inconvenient,

o que deve conservar-se com as modificações que forem absolutamente indispensáveis, o mandará imprimir em volume na Imprensa da Universidade.»

Com a instauração da República em 5 de Outubro de 1910, acaba por ser nomeado reitor o republicano histórico Manuel de Arriaga, que apresentou uma proposta de decreto nas congregações das faculdades, a qual defendia a supressão dos “ofícios divinos e todo o mais cerimonial religioso e civil que acompanhava a imposição dos graus académicos, atendendo a que a solenidade destes graus augustos para as Ciências e para o professorado deriva da sua própria natureza”. Era a lógica laicista republicana que impunha novas regras. E, ao mesmo tempo, propunha Manuel de Arriaga um exame para se obter o grau de doutor. Foi isso que adoptou o governo provisório da República, sendo ministro do Interior, com poderes no campo da Instrução Pública, António José de Almeida, em decreto com força de lei de 21 de Janeiro de 1921. Assim, o doutoramento reduzia-se à sua acepção científica, sendo o grau concedido, *ipso facto*, pelas provas prestadas.

Mas, em breve voltaria a surgir o doutoramento na sua forma complementar e ritual, ou seja, a colação solene de grau, primeiro na sala do Senado, no caso da imposição das insígnias doutorais ao Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira, em 30 de Janeiro de 1918, e depois ao Doutor Aristides Amorim Girão, em 28 de Maio de 1922. É então afinal que surge, verdadeiramente, o conceito de “doutoramento solene”, que prolonga afinal, de certa forma, uma tradição cerimonial que vem dos inícios da Universidade. A concessão do doutoramento aos generais aliados vencedores da guerra, marechal Joffre, de França, generalíssimo Díaz, de Itália, e general Smith Dorrien, do Reino Unido, em 15 de Abril de 1921, cria por sua vez uma outra variante que se tornava comum nas velhas universidades, o doutoramento *honoris causa*.

Este tipo de “doutoramento”, intitulado, pois, “doutoramento solene”, com as duas versões, continua a praticar-se na Universidade de Coimbra, seguindo um protocolo que tem como modelo os rituais antigos, se bem que o mais possível actualizado e desprovido de fórmulas de tipo religioso, que estiveram na sua origem, bem como do pagamento de “luvas” ao corpo universitário, apenas simbolizado na oferta de doces de ovos aos principais intervenientes na cerimónia. Trata-se, todavia, de uma cerimónia voluntária que cada um assume, ou não assume, e que, em qualquer circunstância, independentemente de algumas considerações críticas que possam ser feitas — ao ritual, às despesas efectuadas pelo novo doutor (pelo menos no que diz respeito à compra da borla e do capelo), à escolha dos doutorados *honoris causa*...

and complementing those aspects that should be conserved with modifications that are absolutely indispensable. He shall then order this to be printed in a volume at the University Press.»

With the proclamation of the Republic, on 5 October 1910, the historic Republican Manuel de Arriaga was appointed rector. He submitted a proposal at the congregation of faculties for the suppression of “divine offices and all other religious and civil ceremonies accompanying the conferment of academic degrees, given that the solemnity that these venerable degrees have for Knowledge and for the professoriate derives from their very nature”. It was this secular Republican logic that imposed new rules. At the same time, Manuel de Arriaga proposed an examination for the obtention of the degree of doctor. This was adopted by the provisional government of the Republic, which issued a decree on 21 January 1921, under the Minister of the Interior, António José de Almeida, who had powers in the field of Public Education. Thus, the doctorate acquired its present academic status as a degree awarded *ipso facto* by examination.

However, the honorific ritualistic dimension was to return soon after, when the doctoral insignia were conferred upon, first, Doctor Manuel Gonçalves Cerejeira on 30 January 1918 in solemn proceedings held in the Senate Hall, and then upon Doctor Aristides Amorim Girão on 28 May 1922. Thus the concept of the ‘Honorary Doctorate’ arose (*doutoramento solene*), thereby continuing a ceremonial tradition that dates back to the University’s beginnings. The granting of doctorates to the allied generals that had won the First World War (Marshal Joffre of France, General Diaz of Italy and General Smith-Dorrien of the United Kingdom), on 15 April 1921, created another variant that has become common in old universities, the doctorate *honoris causa*.

These two types of honorary doctorate continue to be awarded at the University of Coimbra, following a protocol modelled upon the ancient rituals. However, these have been updated and no longer contain the religious-type formulas that were used in the past. It is also no longer necessary to pay “gloves” for the collegium; instead, these are symbolized through the gift of sweets (*doces de ovos*) to the main protagonists in the ceremony. It is also a voluntary ceremony, which each person may agree to or otherwise. And despite the criticisms that could be made — of the ritual, the expenses incurred by the new doctor (at least as regards the purchase of the cap and hood), the choice of candidates for the *honoris causa* degree, etc. — it nevertheless constitutes a valuable aspect of the heritage of the University of Coimbra.

—, constitui, em si mesma, um valor patrimonial da Universidade de Coimbra.

A “abertura solene das aulas”

Como se viu, o “princípio do estudo” verificava-se em 1 de Outubro, era constituído essencialmente por uma oração inaugural *de Sapientia*, seguida da leitura de um relatório, e precedia a abertura das aulas, que se realizaria no dia seguinte. O formulário religioso — juramento tridentino de Pio IV e, depois de 1646, durante cerca de dois séculos, até ser fixado o dogma pela Santa Sé (1854), o juramento da Imaculada Conceição, consagrada como “padroeira da Universidade” — veio, porém, tornar a cerimónia mais pesada e cada vez mais discutível num tempo de afirmação de laicismo e de laicização das instituições de ensino. O decreto de 1901 mantinha ainda todo esse cerimonial. No artigo 4.^o podia ler-se:

«O ano escolar principia para todas as faculdades no dia 16 de Outubro com a cerimónia do juramento dos lentes, prestado na Real Capela, com a solenidade e pela forma que se encontra estabelecida. Em seguida dirige-se todo o corpo universitário para a sala grande dos actos, onde será recitada a oração inaugural De Sapientia por um lente eleito previamente pela faculdade, a que este serviço for pertencendo por turno.»

Esta carga religiosa inspirou, curiosamente, a própria crítica — que teve, no entanto, um sentido mais amplo e profundo — dos oradores nas “aberturas solenes” do início do século XX, nomeadamente do lente de Matemática Sidónio Pais, em “oração *de Sapientia*” realizada em 16 de Outubro de 1908. Ali o professor republicano tomou posição contra a sobreposição da Universidade e da Igreja com estas palavras bem significativas dirigidas ao auditório: “Refiro-me, Senhores, às obrigações de carácter religioso que são impostas aos alunos e professores da Universidade e a esta mistura do serviço de Deus e de Minerva que me deixa perplexo sobre se foi a Escola que se instalou na Igreja ou se foi a Igreja que invadiu a Escola”. E, com efeito, uma das primeiras medidas assumidas pelo governo provisório da República foi o decreto com força de lei de 23 de Outubro de 1910, menos de quinze dias depois da revolução que fez cair a Monarquia, no sentido de abolir os juramentos de todo o corpo universitário.

Mas, quanto à abertura solene da Universidade, se ela não foi abolida legalmente (antes pelo contrário), foi interrompida durante alguns anos. Com efeito, as Bases da Nova Constituição Universitária (decreto com força de lei de 19 de Abril de 1911) — que não se aplicavam apenas à Universidade de Coimbra, nas também às recém-criadas Universidades de Lisboa

The Official Inauguration of the Academic Year

As we have seen, the start of the academic year was formally marked on 1st October by a ceremony consisting of an inaugural lecture (*oração de sapientia*) followed by the reading of a report. Classes would then begin the following day. However, there was a religious dimension to the ceremony (namely, the swearing of the Tridentine oath instituted by Pope Pius IV, and from 1646 to 1854, when the dogma was fixed by the Holy See, the oath of the Immaculate Conception, who was the patron saint of the University), which became increasingly controversial at a time of affirmation of secularism and the secularization of educational institutions. The decree of 1901 still maintained the ceremony in its entirety. Article 4 reads:

«The academic year shall begin for all Faculties on 16 October with the ceremony at the Royal Chapel, whereby the professors swear their allegiance with due solemnity and according to established form. Then, the entire teaching body of the university shall proceed to the Great Hall to hear the inaugural lecture, pronounced by a Professor previously elected by the Faculty whose turn it is to provide this service.»

This religious duty curiously inspired criticism from the very speakers that took part in these inaugural ceremonies at the beginning of the 20th century, though in a much broader and deeper sense. For example, the Republican Mathematics professor Sidónio Pais, in his inaugural lecture on 16 October 1908, took a stand against the identification of University and Church, addressing the following words to the auditorium: “I refer, Gentlemen, to the obligations of a religious nature that are imposed upon students and professors of the University. This mixture of service to God and to Minerva leaves me perplexed as to whether the University has installed itself in the Church or whether the Church has invaded the University”. In fact, one of the first measures to be passed by the provisional government of the Republic was to issue a decree with force of law (on 23 October 1910, less than fifteen days after the revolution that overturned the Monarchy) abolishing the swearing of oaths by the whole collegium.

As for the official inauguration ceremony, it was not legally abolished (quite the contrary), although it was interrupted for some years. In fact, the principles of the New University Constitution (a decree with force of law, issued on 19 April 1911, which not only applied to the University of Coimbra, but also to the recently created Universities of Lisbon and Oporto) considered this ceremony to be an intrinsic part of academic life. Let us look at the text of that decree:



e do Porto — consideravam, e de uma forma muito mais complexa, esse cerimonial como fazendo parte da vida da escola. Assim vejamos o seu texto:

«Artigo 68.º Os trabalhos escolares serão inaugurados solenemente, no princípio de cada ano lectivo, sob a presidência do Reitor e com assistência do Senado, professores e assistentes, representantes das corporações locais e regionais.

Artigo 69.º Na sessão inaugural, o Reitor fará a crónica universitária do ano findo, e terão a palavra, além de outros oradores, um membro do Senado pela Universidade, um representante das corporações pela região, o representante do ministro, em nome do Estado, e um estudante, em nome da Academia.

§ único. Nesse mesmo dia, um professor, eleito por turno pelas diferentes Faculdades, proferirá uma oração de sapiência, num dos Institutos Universitários.»

Mas, como se disse, deixou de se praticar por algum tempo a cerimónia da abertura, apesar das sugestões para que tal se verificasse da parte do reitor e de professores desde, pelo menos, 1914. Só em 30 de Novembro de 1918 se realizou a cerimónia e ela teve um papel, por assim dizer, simbólico na reposição das tradições. Esteve presente o “ditador” Sidónio Pais, já em tempo de tentativa de reorganização da República segundo uma fórmula presidencialista, que foi aclamado pela Academia e que envergou as insígnias de Matemática, de que era lente. Para além do discurso do reitor, Mendes dos Remédios, e da oração *de Sapiencia*, proferida por José Alberto

«Article 68. Academic work shall be solemnly inaugurated at the beginning of each academic year, in a ceremony presided over by the Rector and in the presence of the Senate, professors and lecturers, representatives of local and regional corporations.

Article 69. In that inaugural session, the Rector shall chronicle the events of the previous year, and speeches shall be made by, among others, a member of the Senate of the University, a representative of the corporations of the region, the representative of the Minister, on behalf of the State, and a student, on behalf of the student body.

§ only. On that same day, one professor, elected by each of the different Faculties in turn, shall deliver the inaugural lecture at one of the University Institutes.»

However, as has already been mentioned, the official ceremony marking the start of the academic year was interrupted for some time, despite suggestions to reinstate it from the Rector and some professors after 1914 at least. It was only revived on 30 November 1918, with a symbolic role within a broader process to reinstate tradition. Present at the ceremony was Sidónio Pais, now a ‘dictator’, who was trying to reorganise the Republic in order to centralise power on the presidential role. He was acclaimed by the Academy and wore the insignia of the Mathematics Faculty, of which he was professor. Following the speech made by the Rector, Mendes dos Remédios, and the inaugural lecture pronounced by José Alberto dos Reis, from the Faculty of Law, he formally closed the session as President of the Republic. He again spoke of Tradition, and although his words

dos Reis, da Faculdade de Direito, encerrou a sessão o Presidente da República. Nela também falou da Tradição, embora com palavras que, embora impregnadas de um certo saudosismo coimbrão, não poderão ser encaradas exactamente como contraditórias em relação à sua oração *de Sapientia* de 1908. Dirigindo-se aos universitários presentes, afirmou: “Aproveitai da tradição as pedras que possam servir de alicerces às construções modernas e, firmando sobre elas, caminhai para a frente, olhos fitos no ressurgimento da Pátria e no progresso da Humanidade”. O lente republicano do tempo da Monarquia em crise transformara-se no presidente musculado de uma República também em crise e em busca de soluções de estabilidade, que morriam, todavia, no mês seguinte com o seu assassinato na estação do Rossio em 14 de Dezembro. Cerca de um ano mais tarde, em 1 de Dezembro de 1919, outro presidente, António José de Almeida, antigo estudante de Coimbra, onde se formara em Medicina, que também combatera o tradicionalismo da Universidade, esteve igualmente presente numa cerimónia de abertura solene das aulas, que, como se pode deduzir, já não coincidia verdadeiramente com o início do ano lectivo.

O que importa salientar, como se disse, é que a Universidade reiniciara, assim, os seus cerimoniais, que, como vimos, tiveram sequência nos doutoramentos solenes na “sala dos capelos”, que em breve se iriam realizar.

Mais tarde também, depois do 25 de Abril de 1974 também as cerimónias universitárias foram interrompidas, com a iconoclastia que normalmente acompanha os processos revolucionários. Mas, em breve se reiniciariam os cerimoniais, nos inícios dos anos oitenta, agora adaptados às novas circunstâncias.

Quanto ao ritual da “abertura solene das aulas”, não foi formalizado, ao contrário do que sucedeu com as outras cerimónias. No entanto, pode dizer-se que se seguiu, fundamentalmente, a “tradição”, iniciando-se hoje com a leitura do relatório pelo reitor, com o discurso do presidente da Associação Académica de Coimbra e terminando com a Oração *De Sapientia*. É, pois, a mais complexa e longa cerimónia da Universidade de Coimbra, mesmo que nunca se tivesse posto em prática o que ficou estatuído na referida Constituição Universitária de 19 de Abril de 1911.

Quanto à data, até certa altura, ela oscilou em função de circunstâncias de ordem diversa, vindo por vezes a realizar-se muito depois do início das aulas. No entanto, por decisão do Senado, passou a efectuar-se na quarta feira mais próxima do dia 16 de Outubro, dia que, pelo menos, no último século, era o dia marcado para a cerimónia. Em todo o caso, ela já não

were impregnated with the characteristic Coimbra nostalgia, they were not very different from those that he had said in his inaugural lecture of 1908. Addressing the students present he said: “Avail yourselves those stones of tradition that can serve as foundations for modern constructions, and securing yourself on them, march forward, your eyes fixed on the resurgence of the Fatherland and on the progress of Humanity”. The Republican professor from the time of the Monarchy in crisis had become a muscular president of a Republic that was also in crisis, in search of solutions that could bring stability. However, the following month, he died, assassinated at Rossio station on 14 December.

A year or so later, on 1 December 1919, another president, António José de Almeida, a former Coimbra student of Medicine, who had also fought against the University’s traditionalism, was also present at an Inaugural Ceremony, which, as can be deduced, did not coincide with the real beginning of the academic year. What is important here is the fact that these ceremonies had been reintroduced. They were soon to be followed by the return of formal doctoral ceremonies held in the Great Hall.

Much later, after the Revolution of 25 April 1974, the university ceremonies were once again suppressed, with the iconoclasm that normally accompanies revolutionary processes. But they soon began again, in the early 1980s, now adapted to new circumstances.

The ceremony marking the official start of the academic year was not formalized, unlike the others that are described here. However, “tradition” was broadly followed, and today it begins with the reading of a report by the Rector, followed by a speech by the president of the Student Union, and finally the Inaugural Lecture. It is, therefore, the longest and most complex of the ceremonies held at the University of Coimbra, even if the procedures stipulated in the University Constitution of 19 April 1911 were never properly put into practice.

As for the date, this has tended to oscillate in accordance with circumstances, and as a result, the ceremony has often been held long after the *de facto* start of classes. However, upon the decision of the Senate, it is now held on the Wednesday closest to the 16th October, the day that was reserved for the ceremony in the last century. In any case, it does not really mark the “beginning” of the academic year, which now starts in the month of September.

Ceremonies and Rituals as Heritage of the University of Coimbra

Let us conclude this brief historical overview by

registra propriamente o “princípio” do ano lectivo, que se inicia agora no mês de Setembro.

O cerimonial como património da Universidade de Coimbra

Pode, portanto, dizer-se, como conclusão lógica desta breve reflexão histórica, que as cerimónias universitárias, com a praxe estudantil, que se radica também em séculos bem recuados, constitui um património da Universidade de Coimbra.

Não se trata de uma afirmação tradicionalista da velha escola, cuja fundação data dos finais do século XIII e que teve uma presença sempre constante em Coimbra a partir de 1537. Trata-se sim de uma Tradição que, se contém em si restos de uma herança já hoje ultrapassada, tem uma vivacidade e potencialidades criativas e polémicas que não podem ser esquecidas. A própria crítica ao cerimonial e até a sua eventual suspensão ou recusa, por parte de certos membros da Universidade, é prova dessas características e do tom dialéctico que deve informar uma escola de ensino superior. Só assim, de resto, a Tradição pode constituir um património histórico, sempre em constante evolução, embora mantendo algumas das suas linhas essenciais.

É, deste modo, que se entende as cerimónias como mais um elemento que dá sentido à candidatura da Universidade de Coimbra a “património da humanidade”.

Cerimónia de Investidura do Reitor da Universidade de Coimbra

O Professor Decano convocará o Claustro Pleno (todos os Doutores) para se reunirem na Sala dos Capelos.

Depois de estarem aí reunidos, o Professor Decano é conduzido ao seu lugar pelo Secretário-Geral da Universidade e, depois de se sentarem no lugar próprio, diz:

«Conhecido o despacho que nomeia Reitor o Doutor [...], mandei chamar os Doutores ao Claustro Pleno para, nos termos dos Estatutos Velhos, se proceder à cerimónia da sua investidura.

Peço aos Doutores [...] e [...] [presidentes dos Conselhos Directivos das Faculdades de Letras e de Direito, por serem as primeiras da hierarquia universitária] que, acompanhados do Secretário-Geral, tragam à nossa presença o novo Reitor».

O Secretário-Geral pede vénia e vai buscar os Doutores designados. Sobem à Reitoria e descem depois, arceiros à frente, seguidos do Secretário-Geral e dos dois Doutores, trazendo no meio deles o novo Reitor.

affirming that the university ceremonies, like the student rituals, have their roots in the remote past and therefore may be unequivocally considered a heritage of the University of Coimbra.

This does not imply the traditionalism of the old school, founded at the end of the 13th century and permanently established in Coimbra from 1537. Rather, this is a Tradition which, while containing vestiges of a legacy that today has been superseded, nevertheless has a vivacity and a creative and controversial potential that should not be overlooked. The criticisms that these ceremonies have attracted, which have led on occasions to their suspension or rejection by certain members of the University, is proof of this, and of the dialectic proper to an institution of higher education. Indeed, tradition may only be considered historic patrimony when it is in constant development, retaining its essential features while modifying others.

Thus, these ceremonies may be understood as yet another facet of the University of Coimbra's application for “world heritage” status.

The Investiture Ceremony of the Rector of the University of Coimbra

The most senior professor shall convoke the Collegium (all the Doctors) to assemble in the Great Hall. When they are all gathered, that professor is led to his place by the Secretary-General of the University, and all are seated. He then says:

«In accordance with the order appointing Dr [...] as Rector, I have summoned the Doctors of the Collegium to proceed, under the terms of the Old Bylaws, with the ceremony of his investiture.

I hereby ask Doctors [...] and [...] [Presidents of the Governing Boards of the Faculties of Letters and Law, as the first in the university hierarchy], accompanied by the Secretary-General, to bring the new Rector into our presence».

The Secretary-General requests permission to fetch the designated Doctors. They proceed to the Rector's Office and then return in procession, with the halberdiers going before, followed by the Secretary-General, and the new Rector flanked by the two Doctors. Behind them follows the Chief Guard, with the beadles and attendants.

Meanwhile the most senior professor invites the Doctors ... [Presidents of the Governing Boards of the other Faculties] to accompany him to the door of the Great Hall where they await the arrival of the new Rector. Upon their arrival in the Great Hall, the Doctors of Letters and Law present the new Rector to

Atrás seguem o Guarda-Mor, com os bedéis e contínuos.

Entretanto o Professor Decano convida os Doutores... [Presidentes dos Conselhos Directivos das outras Faculdades] para o acompanharem à porta da Sala dos Capelos, onde aguardam a chegada do novo Reitor.

Os Doutores que subiram à Reitoria entregam [já na sala dos capelos] o novo Reitor ao Professor Decano, subindo ambos [ao estrado reitoral], atrás do Secretário-Geral, seguidos dos oito Doutores escolhidos.

Sentam-se, o Professor Decano no meio e à direita o novo Reitor. Os Doutores tomam o seu lugar próprio.

Abrem-se as portas para entrar o público.

Depois de se fazer silêncio, o Secretário-Geral pede vénia ao Professor Decano, que manda ler o despacho de nomeação.

Depois da leitura, o Secretário-Geral convida o Professor Decano e o nomeado a virem ao pé da Mesa.

O novo Reitor lê o compromisso, o Secretário-Geral lê o termo e assinam todos.

Findo este acto, o Professor Decano deixa a borla na mesa e convida o novo Reitor a pegar na sua (que deve estar já em cima da mesa) e a sentar-se na cadeira ao centro, ficando ele à direita.

Passados momentos, o Professor Decano faz a sua saudação ao novo Reitor.

Depois, o Secretário-Geral faz sinal ao Presidente da Associação Académica de Coimbra para fazer o seu discurso.

Finalmente, ainda por indicação do Secretário-Geral, e após alguns momentos de pausa, o novo Reitor faz a sua alocução.

Findo este discurso e depois de uns momentos de pausa, estando todos sentados, o novo Reitor levanta-se, organizando-se então um cortejo para a Reitoria, onde terão lugar os cumprimentos.

Este cortejo é pela ordem do costume, os mais novos à frente e atrás o Reitor, ladeado pelo Professor Decano.

Doutoramento Solene

No dia designado, são os Doutores e Estudantes convocados a capelo pelo toque do sino grande da

the most senior Professor, and both mount onto the dais, behind the Secretary-General and followed by the eight selected Doctors. They sit, with the most senior professor in the middle and the new Rector on the right. The Doctors all take their places.

The doors are then opened to admit the public.

After a brief silence, the Secretary-General requests permission from the most senior Professor to read aloud the appointment order. After the reading, the Secretary-General invites the most senior Professor and the appointee to approach the table. The new Rector reads the oath, and the Secretary-General reads the official document, which all sign. Then, the most senior Professor leaves his cap on the table and invites the new Rector to pick up his own (which should already be on the table) and to sit down on the central seat, he himself remaining on the right.

After some moments, the most senior Professor welcomes the new Rector. Then the Secretary-General signals to the President of the Coimbra Student Union to make his speech. Finally, also upon indication from the Secretary-General, and after some moments of pause, the new Rector makes his address.

After this, and following some moments' pause, while all remain seated, the new Rector rises, and makes his way, in procession, to the Rector's Office, where he will be congratulated. This procession proceeds in the customary order, with the most junior at the front, and at the back the Rector, with the most senior Professor at his side.

Honorary Doctorate

On the appointed day, the Doctors and Students are summoned by the ringing of the University bell, which will already have announced the solemn occasion the day before. The procession is organised in the Joane Library, and then proceeds to the Great Hall in the following order: first the musicians, playing an appropriate march; then the Academic Guards (halberdiers) in full regalia with their halberds raised; next the Doctors, two by two, in reverse hierarchical order of Faculties, and within that, in order of seniority, with the most junior at the front. All wear their academic gowns and their doctoral insignia, with their caps on their heads. The order is as follows: first comes the Faculty of Sports Science and Physical Education; then, Psychology and Education Science; Economics; Pharmacy; Science and Technology; Medicine, Law and Letters. Behind the Doctors come the speakers, with the Proponent (or Patron) among them, then the beadles in their traditional costume, and amongst them, the Page, bearing on a silver platter the cap, ring and book to be presented to the Candidate. Then comes the Secretary of the

☑
Cerimónia de Imposição de Insígnias, GCI, 2009
Conferring of insignia, GCI, 2009



☑
Cerimónia de Imposição de Insígnias, GCI, 2009
Conferring of insignia, GCI, 2009





Torre da Universidade, que já na véspera anunciara a solenidade.

Organiza-se o préstito na Biblioteca Joanina e dirige-se à Sala Grande dos Actos por esta ordem: abre caminho a charamela, tocando uma marcha apropriada; a seguir a guarda dos Archeiros, em grande uniforme, de alabardas erguidas; depois os Doutores, alinhados dois a dois, segundo a hierarquia das faculdades, e, dentro de cada, respeitando as precedências de antiguidade, os mais modernos à frente, todos de hábito talar e insígnias doutorais, a borla na cabeça : - Ciências do Desporto e Educação Física, Psicologia e Ciências da Educação, Economia, Farmácia, Ciências, Medicina, Direito e Letras; atrás dos Doutores seguem os Oradores, caminhando entre eles o Apresentante; vêm depois os Bedéis, com o traje tradicional e, entre eles o Pajem, conduzindo em salva de prata a borla, o anel e o livro para o Doutorando. Segue-se o Secretário da Universidade, de hábito talar e bastão distintivo das suas funções. Após ele, seguem o Reitor, o Doutorando e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade a que o Doutorando pertence (o Doutorando vai entre o Reitor, à direita, e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade à esquerda, trajando de capa e batina, capelo pelos ombros, mas sem borla, pois só no decorrer da cerimónia lhe será imposta); atrás do prelado seguem os convidados especiais; vem por fim o Guarda-Mor à frente dos Contínuos, todos com o traje tradicional.

Atravessando o pátio da Universidade, sobe o préstito à Via Latina, previamente ornamentada com festões de louro, e dá entrada na Sala Grande dos Actos, vulgarmente conhecida por Sala dos Capelos.

Avança o préstito através da teia, na direcção dos degraus do estrado de honra; chegado aí, os Doutores abrem alas para o Reitor e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade subirem e ocuparem as suas cadeiras de espaldar, estofadas de cor verde (detrás delas a armação das sanefas é de cor igual à da Faculdade). O Doutorando e o Apresentante [ou Padrinho] instalam-se em baixo, na teia, dando o Apresentante a direita ao Doutorando; os Oradores sobem ao estrado, para ocuparem as suas cadeiras; os Doutores, ainda com borla na cabeça, sobem aos doutorais, de um lado e de outro na sala, e dirigem-se aos seus lugares pela ordem tradicional das Faculdades e respeitando precedências de antiguidade entre si: à direita do Reitor, Letras, Medicina, Farmácia, Ciências do Desporto e Educação Física, Psicologia e Ciências da Educação; à esquerda, Direito, Ciências e Economia. Ajustados todos os lugares, o Reitor senta-se, tirando a borla, no que é imitado por todos os Doutores. Logo o Secretário pede vénia ao Reitor, toma o seu lugar e, depois de acomodado o público, manda calar a charamela; a seguir pede vénia ao Reitor, e dirige-se ao Doutorando que, convidado, se levanta, caminhando



University, in academic attire and with his distinctive staff, followed by the Rector, the Candidate and the President of the Governing Board of the Faculty to which he belongs (the Candidate goes in the middle, with the Rector on his right and the President of the Faculty's Governing Board on the left, wearing cape and gown with the hood but without the cap, as this will be formally donned during the ceremony). Behind the prelate come the special guests, with the Chief Guard and attendants bringing up the rear, all in traditional attire.

Crossing the University courtyard, the procession climbs the steps of the Via Latina, previously festooned with laurels, and enters the Great Hall. It then makes its way towards the steps leading up to the main dais. Upon its arrival there, the Doctors open ranks to allow the Rector and President of the Governing Board to mount and occupy their seats (high-backed chairs with green upholstery, against a backdrop in the Faculty's colour). The Candidate and his Patron then take their places at a lower level, with the Candidate sitting on the Patron's right. The speakers mount the dais to occupy their seats, while the Doctors, still wearing their caps, proceed to the doctoral benches on either side of the room, sitting in the traditional order of the Faculties and, within that, in order of rank. To the right of the Rector is Letters, Medicine, Pharmacy, Sports Science and Physical Education, and Psychology and Education Science; to his left, Law, Science and Technology, and Economics. When all have taken their places, the Rector sits and removes his cap, a gesture that is imitated by all the Doctors. Then the Secretary requests permission from the Rector to take his place, and when the public is seated, he asks the musicians to stop playing. Then he bows to the Rector, and turns to the Candidate, bidding him rise and move forward to the first step of the main dais. The Candidate bows to the Rector and returns to his place. There, he remains standing to read a "brief and elegant speech". When this is finished, he again approaches the dais and



até ao primeiro degrau do estrado reitoral, faz uma inclinação perante o Reitor e regressa ao seu lugar. Aí de pé, lê, uma “breve e elegante oração”.

Terminada ela, aproxima-se de novo do estrado, fazendo nova inclinação perante o Reitor e vai sentar-se (toca a charamela).

O Secretário, passados breves instantes, manda calar a charamela, dirige-se ao Reitor, pede vénia e convida o Orador mais antigo a usar da palavra. No final do discurso toca a charamela. Repete-se pela mesma forma o convite ao segundo Orador, tocando igualmente a charamela no fim do discurso. (Os Oradores, ao iniciarem os discursos e no termo deles, sempre que se dirijam especialmente ao Reitor, devem levantar-se e descobrir-se: de resto, devem falar sentados e cobertos).

O Secretário, depois de mandar calar a charamela, pede vénia ao Reitor e convida o Doutorando e o Apresentante a aproximarem-se do primeiro degrau do estrado reitoral. Aproximam-se também os Bedéis e formam em semicírculo.

O Secretário, o Apresentante, o Doutorando e os Bedéis fazem uma vénia ao Reitor, subindo o Secretário, o Apresentante e o Doutorando os degraus do estrado.

O Pajem vai postar-se à esquerda do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade.

O Doutorando coloca-se em frente do Reitor e o Apresentante fica à direita do Reitor, de pé. O Reitor levanta-se e cobre-se, bem como todos os Doutores, permanecendo cobertos enquanto é conferido o grau. O Secretário vai buscar o livro com o formulário, que abre perante o Reitor. Este pergunta: “*Quid petis?*”, respondendo-lhe o Doutorando: “*Gradum doctoratus in praeclara* [a

bows once more to the Rector and goes back and sits down (the musicians play).

After some moments, the Secretary orders the musicians to be silent and requests permission from the Rector to invite the most senior speaker to take the floor. At the end of the speech, the band plays again. The same process is repeated for the second speaker, with the band again playing at the end of the speech. (At the start and end of their speeches, and whenever they are addressing the Rector in particular, the speakers should rise and remove their caps; otherwise, they remain seated with their caps on).

The Secretary orders the band to be silent, requests permission from the Rector to invite the Candidate and his Patron to approach the first step of the dais. The Beadles also approach and form a semicircle. The Secretary, Patron, Candidate and Beadles all bow to the Rector, and the first three then mount the steps to the dais. The Page positions himself to the left of the President of the Faculty’s Governing Board, and the Candidate stands before the Rector, with the Patron to the right of the Rector, standing.

The Rector gets up and puts on his cap, as do all the Doctors. They keep their caps on while the degree is awarded. The Secretary brings the book containing the ceremonial forms, and opens it before the Rector. The Rector asks, “*Quid petis?*” to which the Candidate replies, “*Gradum doctoratus in praeclara* [the respective Faculty]”. The Rector then places his hands on the head of the Candidate and pronounces “*Ego.... Hujus almae Conimbrigensis Academiae Rector, creo te doctorem praeclarae... Facultatis in nomine et auctoritate ejusdem Academie. Et committo clarissimo domino Doctori ..., Patrono tuo, ut te insigniis doctoralibus decoret*”.

The new Doctor, accompanied by the Secretary, then approaches the President of the Faculty’s Governing

Faculdade respectiva]”. O Reitor, então, impondo as mãos sobre a cabeça do Doutorando, pronuncia “*Ego ... hujus almae Conimbrigensis Academiae Rector, creo te doctorem praeclarae ... Facultatis in nomine et auctoritate ejusdem Academiae. Et committo clarissimo domino Doctori ..., Patrono tuo, ut te insigniis doctoralibus decoret*”.

O novo Doutor, acompanhado do Secretário, aproxima-se então do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade. O Presidente do Conselho Directivo explica, numa ligeira oração, o simbolismo da borla, do anel e do livro, e coloca a borla na cabeça do novo Doutor, entrega-lhe o livro, aberto, e põe-lhe o anel no dedo próprio da mão esquerda. Em seguida abraça o novo Doutor. Nesta altura todos se descobrem. Começa a tocar a charamela.

Os Oradores vão ocupar os seus lugares nos doutorais. O Apresentante, se é Doutor, vai também para o lugar que lhe compete na respectiva Faculdade; caso contrário, senta-se nos bancos que ficam no topo da Sala, à direita e à esquerda do Reitor. Os Bedéis retomam os seus lugares, com excepção do Bedel da Faculdade em que se realiza o Doutoramento; este sobe ao estrado e acompanha o Secretário, o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade e o novo Doutor durante a cerimónia dos abraços.

O Presidente do Conselho Directivo da Faculdade apresenta o novo Doutor ao Reitor, que o abraça.

Em seguida, o novo Doutor, precedido do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, do Secretário e do Bedel, dirige-se à bancada dos convidados especiais, que fica à direita do Reitor, abraçando os que ali se encontrarem, e passa ao doutoral desse lado, e dá o abraço a todos os Doutores. Descem os quatro ao fundo do doutoral, voltam pelo meio da Sala, indo à direita do novo Doutor e Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, à esquerda o Secretário e à frente o Bedel, sobem ao estrado, fazem uma vénia ao Reitor, e o novo Doutor, sempre acompanhado, vai então abraçar as pessoas que se encontram na bancada da esquerda e no doutoral desse lado. (Quando se aproximam de cada uma das Faculdades devem os respectivos Doutores erguer-se em conjunto, e sentar-se só depois de dado o abraço a todos. Nessa altura, o Presidente do Conselho Directivo, voltando-se para trás, faz uma vénia de agradecimento).

Terminados os abraços nos doutorais, o Secretário convida então o novo Doutor a sentar-se na cadeira que fica entre a do Reitor e a do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, a qual até este momento se conservou vaga. O novo Doutor senta-se e cobre-se. (Cala-se em seguida a charamela, que está a tocar desde o início da cerimónia dos abraços).

Board, who briefly explains the symbolism of the cap, ring and book, and places the cap on the head of the new Doctor, hands him the book, open, and puts the ring on the ring finger of his left hand. He then embraces the new Doctor. At this point all remove their caps. The musicians begin to play.

The Speakers go to their places on the doctoral benches. The Patron, if he is a Doctor, also goes to his place in the respective Faculty; if not, he sits on the benches at the top of the Hall, to the right and left of the Rector. The Beadles return to their places, with the exception of the Beadle from the Faculty that is holding the ceremony. He mounts the dais and accompanies the Secretary, the President of the Faculty's Governing Board and the new Doctor during the embracing ceremony.

The President of the Faculty's Governing Board then presents the new Doctor to the Rector, who embraces him. Next, the new Doctor, preceded by the President of his Faculty's Governing Body, the Secretary and the Beadle, turns to the special guests, seated to the right of the Rector, and embraces them. They then move on to the doctoral benches on that side, embracing all the Doctors in turn. When they arrive at the end of the doctoral benches on that side, they make their way back up the middle of the Hall, with the President of the Faculty's Governing Body on the right of the new Doctor and the Secretary on his left and the Beadle going in front. They mount the dais, bow to the Rector, and then proceed to embrace all the people seated on the left hand side and on the doctoral benches there. (When each Faculty is approached, the respective Doctors should rise together and only sit down after all have been embraced. At this point, the President of the Governing Body, returning, bows in thanks).

After the embraces, the Secretary invites the new Doctor to be seated in the chair between the Rector and the President of his Faculty's Governing Board, which has been kept vacant up to this point. The new Doctor sits down and dons his cap. (The band, which has been playing since the beginning of the embracing ceremony, now stops).

The new Doctor, rising and removing his cap, utters the formulaic words of thanks (“Nunc restat mihi agere gratias protot tantisque beneficiis erga me collatis”) and then sits down.

The band starts playing again, and the new Doctor – preceded by the President of his Faculty's Governing Board, the Secretary and the Beadle – takes his place in among the members of his faculty (the last). This done, the President of the Governing Board also takes his place on the doctoral benches. The Secretary and the Beadle return to their places.

O novo Doutor, levantando-se e tirando a borla da cabeça, profere a fórmula de agradecimento “*Nunc restat mihi agere gratias pro tot tantisque beneficiis erga me collatis*”. Acabada ela, senta-se.

Volta a charamela a fazer-se ouvir, e o novo Doutor, precedido do Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, do Secretário e do Bedel, vai tomar o seu lugar na respectiva Faculdade (o último). Feito isto, o Presidente do Conselho Directivo senta-se também no lugar dos doutorais que lhe compete. O Secretário e o Bedel regressam aos seus lugares.

Chegado ao seu lugar, manda o Secretário calar a charamela; e logo a seguir, manda tocar o Hino Académico, ouvido de pé. Terminado este, todos se sentam. Momentos depois, o Secretário dirige-se ao Reitor, pede-lhe vénia e coloca-se-lhe à esquerda, um pouco atrás. O Reitor levanta-se e põe a borla, no que é imitado pelos Doutores, e, com simples gesto, indica o fim da cerimónia.

Reorganiza-se o préstito com as seguintes modificações: o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade, os Oradores, o novo Doutor e o Apresentante, se for Doutor, tomam os seus lugares nas respectivas Faculdades; O Reitor vai entre o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Letras, à direita, e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Direito, à esquerda; o Apresentante, se não for Doutor, segue atrás do Reitor.

No estrado reitoral são colocadas as cadeiras necessárias, com a seguinte disposição :

1 2 3
4 5

1 – Reitor;
2 – Doutorando;
3 – Presidente do Conselho Directivo da Faculdade;
4 e 5 – Oradores.

Os estofos das cadeiras 2, 4 e 5 são da cor da Faculdade em que se realiza o Doutoramento.

Os Oradores nos seus discursos devem fazer o elogio do Doutorando e do Apresentante, terminando pela petição do grau. O mais antigo elogia especialmente o Doutorando; o outro o Apresentante.

The Secretary then orders the band to be silent. Immediately afterwards, all rise to hear the Academic Hymn. When this is over, everyone is seated once more. Moments later, the Secretary turns to the Rector, bows and moves to his left, a little behind. The Rector rises, dons his cap, as do all the Doctors and, with a simple gesture, indicates that the ceremony has come to an end.

The procession reorganises, but with the following modifications: the President of the Governing Board of the Candidate's Faculty, the Speakers, the new Doctor and his Patron, if he is a Doctor, take their places in their respective Faculties; the Rector goes between the President of the Governing Board of the Faculty of Letters, who is on his right, and the President of the Governing Board of the Faculty of Law, on his left; the Patron, if he is not a Doctor, follows the Rector.

On the main dais, the chairs are arranged as follows:

1 2 3
4 5

1 – Rector;
2 – Candidate;
3 – President of the Governing Board of the Candidate's Faculty;
4 and 5 – Speakers.

The upholstery of chairs 2, 4 and 5 are the colour of the Faculty to which the Candidate belongs.

The Speakers, in their speeches, should praise the Candidate and the Patron, and end by requesting that the degree be duly conferred. The most senior speaker praises the Candidate, while the other praises the Patron.



Loba e Mantéu, Hábito Talar, Capa e Batina... Do vestir dos estudantes da Universidade de Coimbra

Cassock and Cape, Full-length Habit, Cloak and Tailcoat... On the Traditional Dress of the University of Coimbra Students

As velhas universidades ibéricas de Coimbra e Salamanca cominaram aos seus estudantes o porte de uniformes de austera feição eclesiástica, espelhando o compromisso ideológico da Contra-Reforma. Ao longo do Antigo Regime, o uniforme estudantil das duas universidades peninsulares era praticamente idêntico em cores, no figurino e nas sucessivas regulamentações restritivas.

Em Salamanca, os estudantes eram obrigados ao uso de Loba negra, Mantéu talar negro, meias-calças escuras, calções e camisas bem disfarçados, barretes armados e apenas redondos, com aba ou de cantos. O traço sumariamente descrito esteve em vigor entre o século XVI e a abolição oficial de 1834.

A partir das disposições do rei D. João III, os estudantes da Universidade de Coimbra, incluindo os do Real Colégio das Artes, deveriam trajar Loba escura pela meia perna, Mantéu negro pelo artelho e coberturas à base de chapéus abeiros e barretes armados com copa redonda e de cantos. Sujeito a substanciais reformas laicizadoras entre a Revolução de 1820 e a Greve Académica de 1907, o Traço Académico de uso quotidiano obrigatório seria oficialmente abolido pelo Governo Provisório Republicano, por Decreto de 23/10/1910.

Do figurino conimbricense mais recuado escasseia a iconografia, ressaltando-se o *croquis* de Georg Hoefnagel, em *Civitates Orbis Terrarum*, 1572, onde se inscrevem dois escolares de lobas eclesiásticas e mantéus, um com o “chapéu de alguidar”, outro com o famoso barrete de cantos. Com mais pormenores cromáticos, o idêntico modelo salmantino aparece fixado pelo pincel caprichoso de Martín de Cervera, nas portas da Biblioteca General de la Universidad de Salamanca, pelo ano de 1614.

The old universities of Iberia, those of Coimbra and Salamanca, compelled their students to wear uniforms with an austere ecclesiastic look that reflected the ideological compromise of the Counter-Reformation. Throughout the Ancien Régime, the student uniforms of the Iberian universities were practically identical in colour and model, and they were also the object of successive restrictive regulations.

In Salamanca, the students had to wear a black cassock, a full-length black cape, dark hose, well-concealed breeches and shirts, stiff birettas (which had to be round), with a brim or corners. The dress briefly described here was in use from the 16th century until it was officially abolished in 1834.

From the time of King João III (mid-1500s), the University of Coimbra students, including the Royal College of Arts (*Real Colégio das Artes*), had to wear the calf-length black cassock, black cape to the ankles, and brimmed hats or stiff, round-domed birettas with a round crown and corners. Between the Revolution of 1820 and the Academic Strike of 1907, the ecclesiastical features of the academic dress were substantially toned down, and in 1910 the first Republican Provisional Government abolished by decree its compulsory daily use.

Iconography has no record of the oldest Coimbra model apart from the sketch by Georg Hoefnagel in *Civitates Orbis Terrarum* (1572), which contains two students in ecclesiastical cassocks and capes, one with a “wash-basin hat”, the other with the famous cornered biretta. With more colour in the details, the Salamanca model is portrayed by the whimsical brush of Martín de Cervera on the doors of the University of Salamanca’s General Library around 1614.

As mais antigas tentativas de regulamentação do vestir estudantil remontam aos “Estatutos de D. João I”, jurados na Sé de Lisboa em 1431, quando se procurou impor a bainha das vestes pela meia perna. Não sendo legítimo inferir que em tal data já existia “um uniforme estudantil”, as restrições de D. João I pretendiam suavizar o escândalo provocado pela moda das meias-calças multicores que enfatizavam coxas e nádegas, e o gibão de bainha muito rodada e curta pela pelve, com cintura estreita e ombreiras de chumaços. Clérigos, juristas, lentes, estudantes, deveriam optar gravemente pelo uso de vestes longas, fazendo orelhas moucas ao apelo do erótico Gibão X.

Um dos documentos fundadores, importante para a história do traje estudantil, é a “Ordenança para os Estudantes da Universidade de Coimbra”, dada por D. João III em 14/01/1539 e mandada aplicar com as mesmas proibições aos alunos do Real Colégio das Artes por Provisão de 8/11/1549. Este documento passa a integrar quase em jeito de transcrição literal os posteriores “Estatutos” da Universidade de Coimbra de 1559, 1592, 1598 e 1653, tendo vigorado com actualizações pelo menos até ao Edital de 10/10/1863 nas partes omissas nos Estatutos Pombalinos de 1772.

Na longa listagem de interdições, sucessivamente reavivada entre a segunda metade do século XVI e a Revolução Liberal de 1820, figuram cores vistosas, rendas e fitilhos visíveis, armas e padrões de tecidos como a seda. As peças nucleares do Hábito Talar Estudantil adoptam a severidade monótona e austera do negro, omnipresente nas cortes católicas ibéricas, compondo-se dos seguintes elementos: Mantéu talar (capa), com bandas abertas sobre o peito, gola entretelada pendente pelas costas, abotoando com cordões de borlas franjadas, mas sem capelo; Loba de duas peças, constituída por Sotaina “de baixo” (interior) talar, abotoando com cordéis entre o fundo das costas e o pescoço, com mangas incorporadas, fiada de botões na frente, e Beca de sobrepor (“vestido de fora”) sem mangas, fendida frontalmente; Chapéu, podendo as coberturas de cabeça ter forma de abeiro preto de feltro, ou ainda barretes redondos e armados com cantos. O calçado, as meias, os calções, deveriam condizer com a gravidade do uniforme, não podendo sobressair as camisas, golas de canudos, punhos rendados e peças de roupa interior como a franja das ceroulas. O figurino descrito era quase idêntico ao que eram obrigados a trazer os alunos do Colégio dos Nazarenos e do Colégio dos Escoceses que estudavam Teologia em Roma.

The oldest attempts at regulating student dress go back to the Bylaws of King João I, solemnly declared in the See of Lisbon in 1431, when the length of the garments was set at calf level. As it would not be legitimate to say that there was a “student uniform” at that time, the king’s restrictions were intended to mollify the scandal caused by the fashion of multi-coloured hose that emphasised the thighs and buttocks, and the doublet with a very wide hem, at pelvis level, with a narrow waist and padded shoulders. Clerics, jurists, teachers and students should gravely choose to wear long gowns, and keep a deaf ear to the appeal of that erotic doublet.

One of the founding documents of importance to the history of student dress is the *Ordenança para os Estudantes da Universidade de Coimbra* (Ordinance for the Students of the University of Coimbra), enacted by King João III on 14 January 1539. The prohibitions it established were extended to the Royal College of Arts students by an order issued on 8 November 1549. The subsequent bylaws of the University of Coimbra (1559, 1592, 1598 and 1653) transcribed almost word for word this document, which remained in force, with updates, at least until the proclamation of 10 October 1863.

On the long list of prohibitions, successively renewed between the second half of the 16th century and the Liberal Revolution of 1820, we find bright colours, lace and visible ribbons, and types of fabric like silk, as well as arms. The core items of the student dress adopted the monotonous, austere severity of black which was omnipresent in the Catholic Iberian courts. It consisted of the following: ankle-length cape (cloak) with open sashes over the chest, stiffened collar draped over the shoulders, fastened with fringed tasselled cords, but without a cowl; two-piece cassock comprising an inner full length soutane, fastened with strings from the lower back to the neck, with sleeves, a row of small buttons on the front, and a sleeveless over-gown split down the front; a hat, with the options being black felt with a brim or stiff round birettas with corners. The shoes, hose and breeches were to match the sobriety of the uniform, and shirts, piped collars, lace at the wrists and underwear (such as the fringe of long-johns) must not be seen. The model described was almost identical to the uniform that the pupils of the Nazarene College and the Collège des Ecossais, who studied Theology in Rome, were obliged to wear.

The memoirs of the former student of Medicine António Ribeiro Sanches tell us that the students from the Baroque period were particularly sensitive to court fashion and novelties from Paris, such as



Gravura de Coimbra em meados do século XVI, publicada por George Braun, 1599, obra *Civitates Orbis Terrarum*, MNMC
Engraving of Coimbra in the mid-16th century, published by George Braun, 1599, in the work *Civitates Orbis Terrarum*, MNMC



Pelas memórias do antigo estudante de Medicina António Ribeiro Sanches se fica a saber que os estudantes do período barroco eram particularmente sensíveis à moda de corte e às novidades oriundas de Paris, como meias, fivelas de prata, luvas, punhos rendados e perucas. Em 1718 divulgou-se entre os estudantes a moda da Loba-Abatina que diferia da antiga devido à peculiaridade de a Beca exterior conter mangas incorporadas. Quando sobreposta sobre a Sotaina, com as suas duas fiadas de botõezinhos em carcela fingida, e estando esta vaidosamente cintada com faixa pendente, fazia belo efeito.

Na centúria de Setecentos os estudantes abandonam as antigas coberturas de cabeça, adoptando um gorro comprido, não conformista, semelhante ao trazido por pescadores e camponeses. Torna-se obrigatório o uso de Cabeção Eclesiástico preto, adornado com Volta branca retesada. A este figurino se referem com algum rigor descritivo viajantes estrangeiros como Henrich Link (1797-1799) e Breton (1815). Corresponde com ínfimas diferenças de pormenor de mangas, de cor e de chapelaria, aos uniformes dos estudantes clérigos do Colégio dos Gregos, Colégio da Saúde e Colégio de S. Mateus da cidade de Roma.

hosiery, silver buckles, gloves, wrist lace and wigs. In 1718, a cassock-soutane fashion that differed from the old one spread among the students in that the over-gown had sleeves. When worn over the inner cassock, which had two rows of small buttons on fake buttonholes and was elegantly belted with a dangling sash, it looked very good.

In the seventeen hundreds, the students gave up the old-style headgear and adopted a long, non-conformist, beret like those worn by fishermen and farm labourers. The black clerical tippet became mandatory, adorned with white, stiffened neckband. Foreign travellers like Henrich Link (1797-1799) and Breton (1815) mention this model with a certain amount of descriptive rigour. Excepting a few small differences in the details of the sleeves, colour and headgear, this is identical to the uniforms of the clerical students of the Greek College, College of Health and College of St Matthew in the city of Rome. The simplification and steady laicisation of clothing that ensued with the French Revolution also had an influence on student dress. A letter from the rector dated 25 May 1804 bitterly condemned the changes the students made to the cassocks, in defiance



A simplificação e progressiva laicização do vestuário trazida pela Revolução Francesa não deixou de influenciar os costumes estudantis. Um ofício reitoral de 25/05/1804 condenava asperamente as alterações introduzidas nas batinas pelos estudantes ao arrepio da Reitoria. Uma portaria reitoral de 27/09/1843 mandava reprimir os estudantes que fossem encontrados com “lobas” “curtas e indecorosas”, isto é, que tendiam a subir a altura da bainha da meia-perna para o joelho e em vez da antiga Loba de duas peças apresentava um modelo unificado de batininha eclesiástica. A própria Capa estava em evolução, perdendo golas peitorais e cordão. Os transgressores mais temerários optavam pelo porte de coletes coloridos, camisas de época, laçarotes, luzidios relógios de bolso, num jogo de provocação aos arceiros e à Reitoria, quando o Regulamento da Polícia Académica, de 25/11/1839, fazia subentender que na categoria de “Vestido Talar Académico, limpo e decente” cabiam a Loba, a Capa, o Cabeção, a Volta, e os Calções.

Na transição para a década de 1860, além da clandestina introdução do laçarote, colete e camisa, os estudantes tinham passado a usar regularmente calças compridas de alçapão, com as costuras fendidas até ao joelho. A própria Batina tinha muito pouco de Batina. Era agora feita de uma só peça, mantendo na frente um ar de Batina eclesiástica, com colarinho sem gola, carcela e fiada vertical de botões. Porém, as partes correspondentes às mangas, ombros, omoplatas e nádegas, eram já autenticamente moldadas no figurino do redingote liberal-burguês.

O reitor Basílio Sousa Pinto endureceu as represálias contra os transgressores, legislando em violentos editais de 1859 e 1862 prisão imediata para quem fosse encontrado sem sapato de fivela estilo Império,

of the rectory. An order from the rectory dated 27 September 1843 instructed that students found wearing “short and indecorous” “cassocks” should be reprimanded, indicating that they were tending to raise the height of the hem from the calf to the knee, and instead of the old-style cassock composed of two items there had appeared a unified model of an ecclesiastical gown. The cloak was undergoing changes, too, with the loss of chest collars and cord. The bravest transgressors were choosing to wear coloured waistcoats, shirts of the period, fancy bows and pocket watches to provoke the halberdiers and the rectory, when the Academic Police Regulations of 25 November 1839 made it understood that the category of *Vestido Talar Académico, limpo e decente* (full length, clean and decent academic dress) included the Cassock, the Cloak, the Tippet, the Neck band and the Breeches.

As the 1850s gave way to the 1860s, besides the clandestine introduction of the bow, waistcoat and shirt, the students started to wear trap-door trousers, with split seams to the knee. The cassock itself had very little of cassock about it. It now consisted of a single item in which the front remained much like the clerical cassock, with a collar without a neckband, vertical buttonhole tape and row of buttons. But the sleeves, shoulders, shoulder blades and buttocks were definitely moulded on the model of the liberal-bourgeois redingote.

Rector Basílio Sousa Pinto toughened the sanctions for transgressors with vehement proclamations issued in 1859 and 1862 imposing immediate imprisonment on anyone found not to be wearing shoes with the empire style buckle, black woollen hose, black trap-door breeches buttoned to the knee, old-style cassock composed of an under and over

meias calças pretas de lã, calções pretos de alçapão abotoados pelo joelho, Loba à antiga composta por Sotaina e Beca, Volta branca, Cabeção e Capa talar. A reacção estudantil, liderada pelo estudante de Direito Antero de Quental, foi violentíssima. O incidente motivou a demissão do Reitor, tendo morrido a odiada Loba eclesiástica.

O reitor Vicente Ferrer, conotado com a ala liberal, mediante aplaudido Edital de 10/10/1863, veio satisfazer as pretensões laicizantes da Academia, tendo instaurado o uniforme à antiga como traje cerimonial para festividades e rituais académicos, ao mesmo tempo que abria as portas a um autêntico uniforme de serviço diário, composto por Capa talar simplificada, Batina-Casaca de corte burguês, calça comprida preta, camisa branca, colete preto, gravata escura, meia preta e sapatos ou botins ao gosto da época.

Na década de 1880 os estudantes progressistas haviam suprimido o gorro, autêntica revolução vanguardista se considerarmos que os chapéus masculinos só deixaram de usar-se no mundo ocidental pela década de 1950. A “batina” fora transformada em mal disfarçada casaca burguesa, com golas apostas ao colarinho, e abotoadura de tipo dólmen militar em carcela. Imperavam as batinas frontalmente desabotoadas, os coletes provocatoriamente garridos, os laçarotes farfalhudos multicolores, os reluzentes relógios de bolso, polainas coloridas sobre os botins e sapatos. Dândis, republicanos, socialistas e anarquistas vociferavam contra o uniforme “monárquico” e antipedagógico que parecia conferir aos estudantes um ar de seminaristas católicos. Literatos como Ramalho Ortigão (1888) protestaram contra o caos em que mergulhara o uniforme estudantil. Diversos docentes reclamavam ao governo central a abolição do porte da Capa e Batina, cuja obrigatoriedade era considerada fonte de indisciplina.

Quando os estudantes da Greve Académica de 1907 se deslocaram a Lisboa, em protesto contra a governação de João Franco, as reportagens fotográficas mostram que o uniforme deixara de existir, conforme bem notara anos antes a pena arguta do jornalista Joaquim Martins de Carvalho, em artigo estampado em “O Conimbricense” de 15/10/1898. O Edital reitoral de 21/09/1907 representou o canto do cisne da infrutífera regulamentação institucional da Capa e Batina no crepúsculo da Monarquia Constitucional. Condenavam-se, sem sucesso, calças, coletes, sapatos e gravatas garridas. Insistia-se na “decência” do vestir.

Oficializada a abolição do uniforme estudantil em 1910, verificou-se a partir do movimento restauracionista de 1916 uma tendência crescente

garment, white neck-band, tippet and full length cloak. The students reacted with the utmost violence, led by Law student Antero de Quental. This incident led to the resignation of the rector, and the loathed ecclesiastical cassock finally died its death.

Rector Vicente Ferrer, linked to the liberal wing, published the acclaimed proclamation of 10 October 1863, which satisfied the laicising aspirations of the students. It established the old-style uniform as ceremonial dress reserved for academic celebrations and rituals, and at the same time paved the way for a real uniform for everyday use. This comprised a plainer full length cloak, a cassock/frock-coat of regular cut, long black trousers, white shirt, black waistcoat, dark tie, black stockings and shoes or half-boots, depending on the season.

In the 1880s, the progressive students did away with the beret, and this really was an avant-garde revolutionary step if we consider that men’s hats only ceased to be worn in the Western world in the 1950s. The “cassock” was turned into a poorly disguised bourgeois tailcoat, with neckbands vying with the collar, and buttoning of the military dolman type, on a tape. Gowns open at the front were the order of the day, with showy waistcoats, multi-coloured gaudy bows, shining pocket watches, coloured gaiters over half boots and shoes. Dandies, republicans, socialists and anarchists spoke out against the “monarchical” and anti-pedagogical uniform that seemed to lend the students the character of Catholic seminarists. Men of letters like Ramalho Ortigão (1888) protested about the chaos into which the student uniform had become embroiled. Various lecturers appealed to the central government to abolish the wearing of the cloak and cassock/tailcoat (*Capa e Batina*), the mandatory use of which was seen as a source of indiscipline.

When the students striking in 1907 went to Lisbon to protest against the government of João Franco, photographic reports show that the uniform had ceased to exist, as the witty pen of journalist Joaquim Martins de Carvalho had noted some years earlier in an article printed in *O Conimbricense* of 15 October 1898. The rector’s proclamation of 21 September 1907 was in fact the swan song of the fruitless institutional regulation of the cloak and cassock/tailcoat (*Capa e Batina*) in the twilight years of the constitutional monarchy. It insisted upon “decency” in dress, but its condemnation of showy trousers, waistcoats, shoes and ties met with failure.

The student uniform was officially abolished in 1910, though a growing tendency was observed after the 1916 restoration movement to bring back the academic dress code, on an optional basis. But the use of the cloak and cassock/tailcoat was kept up practically without any disruptions in many district secondary schools (*lyceums*). It all started in

para o regresso ao trajo, agora de porte facultativo. Porém, o uso da Capa e Batina manteve-se praticamente sem sobressaltos em muitos liceus distritais. Tudo começara em 1839 com os alunos do Liceu Nacional de Coimbra, seguindo-se a Portaria de 27/10/1860 que tornou o porte extensivo aos alunos do Liceu de Évora, ou a de 1899 relativa ao Liceu do Funchal. Entre as décadas de 1870-1890 grande parte dos alunos matriculados nos Liceus das capitais de distrito continentais e insulares passara a enverggar regularmente Capa e Batina de figurino conimbricense, sobretudo nos estabelecimentos onde haviam surgido tunas académicas, para tanto bastando uma portaria do Ministro do Reino, comunicada aos reitores liceais por ofício da Direcção Geral de Instrução Pública. Mais ou menos no mesmo período sucederam-se adesões à Capa e Batina na Academia Politécnica do Porto e na Academia Politécnica de Lisboa. Em Março de 1916 os alunos da Universidade do Porto começam a trajar Capa e Batina, rivalizando com o Liceu local, com manifesto desagrado da Academia de Coimbra. Com muito pouca expressão numérica também se viam alguns estudantes trajados pela década de 1920, no Campo de Santana, onde se concentravam os edifícios de Direito e de Medicina da Universidade (Clássica) de Lisboa.

Em Coimbra, o trajo estudantil, com mais ou menos transgressões, ia sendo usado por elementos da Tuna Académica, Orfeon Académico, grupos de serenateiros e, com bastante rigor, pelos associados do Centro Académico da Democracia Cristã (CADC). Pode dizer-se que o modelo de “Capa e Batina” que se impôs após a Revolução de 1910 resultou da persistência dos estudantes associados do CADC, só tendo vingado plenamente na década de 1920.

Foi num período marcado pelo restauracionismo das praxes e tradições estudantis em Coimbra, mas ainda de clara indefinição do modelo masculino de uniforme a adoptar – oscilando entre a Capa talar simplificada, a calça comprida preta, a gravata preta, a camisa branca, a casaca burguesa liberal e as transgressões mais ou menos “escandalosas” de cores e padrões, onde também iam aparecendo trajos inteiramente eclesiásticos nos alunos ligados à vida sacerdotal – que o governo fez publicar o Decreto-Lei Nº 10.290, de 12/11/1924. Este diploma procedia à nacionalização da Capa e Batina de “modelo tradicional” junto dos alunos de ambos os sexos dos liceus, escolas superiores e universidades portuguesas.

A partir de 1910, a Reitoria da Universidade de Coimbra não mais regulamentou a Capa e Batina, exigindo apenas que fossem cumpridos os ancestrais costumes de estar com a Capa colocada sobre os ombros nas salas de aulas, Reitoria, Sala dos Actos Grandes, Capela e demais situações protocolares. A

1839 with the pupils of Coimbra’s National Lyceum, following the Ministerial Order of 27 October 1860 which extended the use of the academic dress code to the Évora Lyceum, and that of 1899 in relation to the Funchal Lyceum. Between the 1870s and 1890s, most pupils matriculated in the district capitals of mainland Portugal and the archipelagos regularly wore the cloak and cassock/tailcoat of the Coimbra model, especially in establishments where school bands had been formed, for which an order from the kingdom’s minister was required, communicated to the principals of the schools in a letter from the Directorate General for Public Instruction. At around the same time, the Polytechnic Academies of Porto and Lisbon decided to adopt the cloak and cassock/tailcoat. In March 1916, students from the University of Porto began to wear the cloak and cassock/tailcoat in competition with the local lyceum, something that did not please the Academy of Coimbra. A few, but not very many, students could also be seen in academic dress in the 1920s in Campo de Santana, which was where the Faculties of Law and Medicine of the University of Lisbon were located.

In Coimbra, student dress, not entirely in strict compliance, was being worn by members of the Tuna Académica (Academic Band) and Orfeon Académico (Academic Choir) and serenade groups, and, with very strict compliance, by members of the Academic Centre for Christian Democracy (CADC). It can be said that the “cloak and cassock/tailcoat” model which became established after the 1910 revolution was the outcome of the persistence of the students belonging to the CADC, and was only fully achieved in the 1920s.

This was a period marked by the revival of the Coimbra students’ customs (*praxe*) and traditions, although there was an obvious lack of definition regarding the model to be adopted for the men’s uniform. This fluctuated between the simpler full-length cloak, long black trousers, black tie, white shirt and tailcoat, and the relatively “scandalous” transgressions of colours and patterns. It was in this period that the government published Decree-Law 10.290, on 12 November 1924, which nationalised the “traditional model” of cloak and tailcoat (*capa e batina*) for both male and female students in lyceums, colleges and universities in Portugal.

After 1910, the rector of the University of Coimbra no longer regulated the cloak and tailcoat, and only required that the ancient customs should be respected, i.e. of having the cloak draped over the shoulders in the classrooms, the rector, the Great Hall, the chapel and on certain formal occasions. The control of the academic dress passed to the hands of the Council of Veterans of the Students of Coimbra which, on the pretext of the practice of rituals that might require the wearing of the cloak and tailcoat,



Estudantes durante a Latada, MR, 2009
Students during the *Latada*, MR, 2009



gestão do Trajo Académico transitou para as mãos do Conselho de Veteranos da Academia de Coimbra que, a pretexto da prática de rituais que exigissem o porte da Capa e Batina, positivou o que se entendia por “estar na praxe” (trajado correctamente para participar em cerimónias, rituais e praxes estudantis). É neste sentido que a Capa e Batina de modelo masculino surge apropriada e descrita no artigo 73º do “Código da Praxe de 1957” e no artigo 75º do “Código da Praxe da Universidade de Coimbra de 2001”.

Não se conhecem quaisquer adesões femininas em Coimbra à proposta governamental de 1924. Só verdadeiramente em finais da década de 1940 surgem localmente as primeiras tentativas de aproximação femininas, com alunas ligadas à Faculdade de Letras e ao Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), a envergarem o modelo masculino de Batina/Capa com saia preta, blusa branca e laço. No Verão de 1951, a pretexto da digressão artística do TEUC ao Brasil, as sócias amadoras daquele organismo dramático optaram pelo uso generalizado de um Fato/Saia/Casaco preto curto, conjunto complementado com Capa, laço e blusa branca. Após alguma indecisão inicial, vingaria “o *tailleur à TEUC*” na Academia de Coimbra, quando em Maio de 1954 o Conselho de Veteranos liderado pelo *Dux* João Nata votou a sua institucionalização

confirmed what would be understood by “keeping to the *praxe*” (dressed correctly to take part in ceremonies, student rituals and customs). And this is how the cloak and tailcoat for men was adopted, as described in Article 73 of the 1957 *Código da Praxe* (Code of Customs) and Article 75 of the 2001 *Código da Praxe* of the University of Coimbra.

It is not known how many women in Coimbra signed up to the government’s 1924 proposal. In fact, it is only at the end of the 1940s that we find the first, local, attempts to include females, with some female students linked to the Faculty of Letters and the University of Coimbra Student Theatre (TEUC) taking up the men’s version of the tailcoat/cloak but with a black skirt, white blouse and bow tie. In the summer of 1951, on the occasion of a TEUC tour of Brazil, all the women members of this drama group chose to wear a short black suit (with skirt and jacket) complemented with a cloak, bow tie and white blouse. After a certain amount of hesitation, the *tailleur à TEUC* won the day when in May 1954 the Council of Veterans, under *Dux* João Nata, voted to institutionalise this dress code as the female academic dress. This was reported by the Portuguese press, especially on the occasion of the student festivals of *Imposição de Insígnias* (bestowal of insignia) and *Latadas* (homecoming ritual), held in November 1954 (see cover of *Flama* magazine, Year

como Trajo Académico Feminino. A imprensa portuguesa noticiou o acontecimento, sobretudo na Imposição de Insígnias e Latadas estudantis de Novembro 1954 (Cf. destaque de capa da revista *Flama*, Ano XI, Nº 353, 10/12/1954). Como tal, surge no Código da Praxe de 1957 e, sem quaisquer alterações, no Código da Praxe de 2001.

Algumas fontes sugerem que o “tailleur” que vingou na Academia de Coimbra na década de 1950, com vasta generalização no TEUC, Coral da Faculdade de Letras (CELUC) e Coro Misto, já se tinha começado a utilizar de forma espontânea na Universidade do Porto pela década de 1940, no interior do Orfeon misto. Parece confirmar-se esta origem, embora faltem documentos aptos a comprovar contactos entre as duas academias. De acordo com os testemunhos recolhidos, a iniciativa coimbrã surgiu como resposta ao problema dos vestidos de gala na digressão brasileira de 1951, e não como fenómeno de imitação/importação de vivências observadas na Academia portuense. No caso de Coimbra os protestos de alguns sectores femininos não ficaram registados. A Reitoria liderada por Maximino Correia não se pronunciou sobre esta “iniciativa” fruto da “autonomia” corporativa dos estudantes, dado que a proposta parecia vir reforçar o gosto pelos uniformes e refrescar a imagem de união entre discentes.

Com os modelos descritos, masculino e feminino, se viveu a revolucionária década de 1960, em particular as Crises Estudantis de 1962, 1965 e 1969. O Luto Académico decretado pelos estudantes em 1969 fez radicalizar as posições entre os defensores do “luto” contra o regime ditatorial e os adeptos dos valores conservantistas instaurados em 1926. Entre a Crise Académica de 1969 e a Revolução de 1974, a Capa e Batina quase se extinguiu na Academia de Coimbra. Odiada e vituperada na fase violenta do restauracionismo vivido entre 1974-1980, a Capa e Batina vingou como uniforme facultativo, festivo e de luxo, usado pela generalidade dos estudantes apenas em cerimónias, rituais, digressões artísticas e momentos festivos, sem que as novas significações tenham comportado qualquer reforma dos figurinos herdados de antes de 1969.

Enquanto a Academia de Coimbra recuperava os seus uniformes, registou-se em Portugal Continental e Insular uma autêntica corrida aos “trajos para estudantes” nas novas universidades estatais, universidades privadas e institutos politécnicos. Por um lado, manteve-se o modelo conimbricense quase sem alterações no Liceu de Évora (Tuna), na Universidade do Porto, bem como nas universidades privadas e institutos politécnicos públicos e particulares da Área Metropolitana do Porto. Em Universidades com Beira Interior (Covilhã), Aveiro, Minho (Braga), Algarve (Faro), Açores, e nalgumas Escolas Superiores Agrárias, procedeu-se à

XI, No. 353, 10 December 1954). This model was included in the 1957 *Código da Praxe*, and again in the 2001 Code, without any changes.

Some sources suggest that the *tailleur* that was adopted in the Academy of Coimbra in the 1950s, and was widespread in the TEUC, the Faculty of Letters Choir (CELUC) and the Mixed Choir (Coro Misto), was already beginning to be used spontaneously in the University of Porto in the 1940s, in the Orfeon Misto (mixed choral society). This seems to have been the case, though there are no documents that can prove there were contacts between the two academies. According to evidence that has been gathered, the Coimbra initiative arose in response to the problem of gala dress code on the 1951 tour of Brazil and not in imitation of the practices observed in the Porto academy. In Coimbra, the protests of some female groups were not recorded. The rector, under Maximino Correia, did not state its view of this “initiative”, stemming from the corporate “autonomy” of the students, given that the proposal seemed to be bolstering the taste for uniforms and stimulating the image of student unity.

Male and female students continued to wear the above models during the revolutionary decade of the 1960s, marked especially by the student crises of 1962, 1965 and 1969. The so-called “academic mourning” declared by the students in 1969 radicalised the positions of the defenders of the struggle against the dictatorship and the supporters of the traditionalist values established in 1926. Between the academic crisis of 1969 and the revolution of 1974, the cloak and tailcoat practically ceased to be worn by the Coimbra students. Detested and vilified in the violent revivalist phase from 1974 to 1980, the cloak and tailcoat became an optional uniform, regarded as festive and a luxury, only worn by students for ceremonies, rituals, festivals and tours, without any changes in the models inherited from the pre-1969 days.

While the Academy of Coimbra was reviving the use of its uniforms, mainland Portugal and its archipelagos (Madeira and the Azores) were witnessing a race for “student academic dress” in the new public and private universities and polytechnics. The Coimbra model persisted more or less unchanged in the Évora Lyceum (school band), the University of Porto, and in the private universities and public and private polytechnic institutes in the metropolitan area of Porto. But in the universities of Beira Interior (Covilhã), Aveiro, Minho (Braga), Algarve (Faro) and Azores, and in some Agricultural Colleges, for instance, uniforms that differed somewhat from the Coimbra model were developed. The only comparable elements between the Cloak and Tailcoat and the many new academic dress codes appear to stem from the desire to have a distinctive uniform in terms



invenção de uniformes distanciados do paradigma conimbricense. Os únicos elementos comparativos entre a Capa e Batina e o fenómeno de invenção dos múltiplos trajos parecem radicar na vontade de possuir um uniforme distintivo em figurino, cor e ornamentação simbólica, imperando como elemento dominante diversificadas capas, capotes e gabões.

Símbolo de um estatuto social provisório (ser-se estudante, ser-se jovem em Coimbra), a Capa e Batina representou em diferentes contextos a Contra-Reforma Católica Tridentina, a xenofobia do Santo Ofício, o marasmo científico da Universidade de Coimbra, o espírito ditatorial e iluminista da Reforma Pombalina, o amor aos ideais da Revolução Francesa e ao vintismo, a ofensiva laicizadora liberal e republicana, as esperanças dos católicos conservadores e ceadecistas, os choques entre integralistas, salazaristas e revilharistas, a imparável feminilização da Universidade de Coimbra, os violentos recontros entre conservadores e opositores ao salazarismo na década de 1960, e por último a alegria de trazer Capa e Batina em democracia.

of model, colour and symbolic ornaments, with the dominant element being the variety of cloaks and capes.

Symbol of a temporary social status (being a student, being a young person in Coimbra), the cloak and cassock/tailcoat represented, in different contexts, the Catholic Tridentine Counter-Reformation, the xenophobia of the Holy Inquisition, the scientific apathy of the University of Coimbra, the dictatorial and enlightened spirit of the Pombaline reforms, the attachment to the ideals of the French Revolution and the liberal revolution of the 1820s (*vintismo*), the liberal and republican laicisation offensive, the hopes of conservative Catholics and Christian democrats, the conflicts between integralists, Salazarists and revolutionaries, the unstoppable feminisation of the University of Coimbra, the violent clashes between conservatives and opponents of Salazarism in the 1960s and, finally, the joy of bringing the cloak and tailcoat into the democratic era.





A Canção de Coimbra no imaginário estudantil da Universidade de Coimbra The Song of Coimbra in the Student Imaginary of the University of Coimbra

A Universidade de Coimbra, fundada no século XIII, é das poucas instituições universitárias europeias oriundas dos tempos medievais que viu o seu corpo discente desenvolver o “filão académico” de uma Canção fortemente influenciada pela música tradicional da cidade. Ao longo dos séculos, fruto de uma sociabilidade urbana própria de uma cidade universitária, a população e os estudantes souberam criar uma individualidade musical regional e local específica: a “Canção de Coimbra”.

Naquilo que a envolve em termos de vivência humana, “escolas” de execução e interpretação, poesia, valores de solidariedade e de fraternidade, a Canção de Coimbra continua a sustentar na “oralidade” a sua forma tradicional de transmissão e de aprendizagem. Fruto da troca de sensibilidades musicais entre actuais e antigos estudantes, esta Canção vive de uma constante improvisação em torno do seu “imaginário”. Deste modo ela é permanentemente recriada pelos seus executantes, que a reconhecem como seu património, fundamentando assim a sua “imaterialidade” no valor da memória musical identitária de uma comunidade académica.

A ligação do Cantar Coimbra ao Fado é sustentada em publicações referentes à cultura popular de Lisboa e a este último género musical, afirmando-se que o “Fado de Coimbra” nasceu do Fado de Lisboa. Contudo, a Canção de Coimbra já existia muito antes do Fado ter surgido em Portugal. Todavia, a designação de “Fado de Coimbra” foi sendo aceite, não só por comodismo, mas por uma questão de moda, pois o Fado surgiu em Lisboa no primeiro quartel do século XIX, e como novidade difundiu-se por todo o País.

Founded in the 13th century, the University of Coimbra is one of the few European universities with medieval origins where students developed an *academic stream* of a type of song clearly influenced by the city’s traditional music. Throughout the centuries, as a result of the characteristic type of sociability of a college town, the population and the students managed to create a distinctive regional and local musical form of expression: the *Song of Coimbra*.

In terms of human experience, “schools” of performance and interpretation, poetry, solidarity and fraternity, the Song of Coimbra continues to rely on traditional oral forms of transmission and learning. As a result of the exchange of different musical trends between current and former students, this type of song thrives on permanent improvisation as regards its *imaginary*. Thus, it is constantly re-created by its performers, who consider it as their heritage. Its *immateriality* is therefore founded on the identity-defining value of the musical memory of a student community.

Publications on Lisbon folk culture and Fado that have addressed the connection between this musical genre and the Coimbra Song argue that the “Coimbra Fado” derived from the Lisbon Fado. However, the Song of Coimbra arose much before the emergence of Fado in Portugal. Nevertheless, “Coimbra Fado” gradually became the accepted term, not only because of expediency, but also because of fashion, given that Fado emerged in Lisbon in the first quarter of the 19th century and quickly spread throughout the whole country as a novelty.

De verdade, “Fado de Coimbra” começou por ser o título de uma canção popular de meados da década de 40/50 do século XIX, que tem muito mais a ver com a toada regional e local da Música Tradicional de Coimbra do que com o Fado. O facto de nessa altura ser designado de “Fado de Coimbra” um só tema, não permite referência a um Fado como música autóctone, tradicional e enraizada nas gentes da cidade. É que, em título, igualmente existe o “Fado de Aveiro”, o “Fado da Figueira”, ou o “Fado de Guimarães”, entre outros, e nessas localidades não existe a tradição de um Fado próprio e genuíno. Não quer dizer que não se tenha cantado Fado em Coimbra. Precisamente o Fado de Lisboa. Ou que a Canção de Coimbra em períodos de fraca criatividade não tenha andado muito próxima do Fado de Lisboa. Mas, antes do Fado chegar a Portugal, já em Coimbra existia uma entidade musical muito própria, assente numa forte componente popular e na presença de uma comunidade estudantil que, de origem predominantemente aristocrática e burguesa, era detentora de um interesse musical e de uma exigência estética que nada tinham a ver com a vindoura filosofia de vida dos executantes do Fado de Lisboa.

A Canção de Coimbra como fenómeno social

Se, por um lado, a Música Tradicional de Coimbra compreende um conjunto de “danças” e “cantares das fogueiras”, as “cantigas de trabalho”, os “cânticos de embalar”, as “canções de amor” e as “serenatas”, que constituem o repertório do seu filão popular, nada tendo a ver com o Fado; por outro lado, no filão académico, no século XVI (trezentos anos antes do surgimento do Fado em Portugal) era hábito os estudantes de Coimbra cantarem e tocarem noite dentro pelas ruas da cidade; e no século XVIII (cerca de cem anos antes do Fado), os estudantes cantavam *milles trovas*, *quitollis* e *amphiguris*.

Através de festividades várias e de um convívio urbano-estudantil profícuo, uma “população futrica” ligada a profissões como as de barbeiro, alfaiate, sapateiro e encadernador, fazia a síntese de toda a oralidade musical que até ela chegava; e ao relacionar-se com gente ligada às repúblicas e às casas onde habitavam estudantes, (cozinheiras, engomadeiras, lavadeiras, serventes), as ricas canções locais foram sendo difundidas entre todos aqueles que partilhavam tal sociabilidade. Este intercâmbio cultural conduziu à retenção de formas mais eruditas e mais elaboradas de interpretação por parte do filão popular, reforçando-se um distanciamento salutar da Canção de Coimbra em relação ao Fado de Lisboa. Veja-se que ao nível da vocalização, esta Canção – sob o ponto de vista da projecção de voz, da dicção, do “dizer” os versos – tem alguma influência operática (reminiscências da “modinha” italiana, pela qual o filão académico foi fortemente influenciado), mas sofrendo tal diluição

In fact, “Coimbra Fado” started out as the title of a popular song from the mid-1840s, which is much more related to the regional and local melody of the Traditional Music of Coimbra than to Fado. The fact that the term was applied then to one theme cannot be used as an argument for the existence of Fado as an autochthonous traditional music, with deep roots among the city’s people. Indeed, similar titles appeared in other places (such as *Aveiro Fado*, *Figueira Fado* and *Guimarães Fado*, among others) where there is no tradition of a distinctive and genuine Fado. This does not mean that Fado was not sung in Coimbra, or that the Coimbra Song did not become closer to Lisbon Fado in periods of low creativity. Before Fado arose in Portugal, there was already a very distinctive form of musical expression in Coimbra that was based on a strong folk component and on a predominantly aristocratic and bourgeois student community whose musical interests and aesthetic standards were far removed from what would become the lifestyle of the performers of Lisbon Fado.

The Song of Coimbra as a Social Phenomenon

If, on the one hand, the folk repertoire of the traditional music of Coimbra, which has nothing to do with Fado, includes *bonfire songs and dances*, *work songs*, *lullabies*, *love songs* and *serenades*, on the other hand, its academic stream was developed by students who, in the 16th century (300 years before the emergence of Fado in Portugal), used to sing and play all night long throughout the streets of the city; and, in the 18th century (100 years before Fado appeared), they sang *milles trovas*, *quitollis* and *amphiguris*.

The different festivities and the rich conviviality between the students and the city led the non-student population (the so-called *futricas*) to synthesize all the different musical forms that reached them. And the relationship between the people connected to the so-called *républicas* (communal student houses) and the homes where students lived (such as cooks, washerwomen and servants) contributed to the dissemination of these local songs among all those that shared such sociability. This cultural interchange led to the retention of more erudite and elaborate forms of interpretation in the folk stream of the Song of Coimbra, reinforcing its distance from the Lisbon Fado. At the level of vocalization – i.e., projection of voice, diction and “articulation” – the Coimbra Song displays some operatic influences, being reminiscent of the Italian popular song, which strongly influenced the academic stream. However, this was toned down by contact with the popular style of singing, to such an extent that the operatic style is barely perceptible, and instead



Sala dedicada à Canção de Coimbra no Museu Académico, RF, 2006
Room dedicated to the Song of Coimbra at the Academic Museum, RF, 2006



em contacto com o cantar popular, releva-se o cunho regional e local da tradição musical coimbrã, e o estilo operático acaba despercebido. Ora, estas reminiscências vocais operáticas não se encontram no Fado de Lisboa. Um Fado que, partindo das camadas mais baixas da população lisboeta, não tinha condições culturais para qualquer ligação à música erudita, clássica e dramática, enquanto a Canção de Coimbra, com a presença dos estudantes ganhou sempre um cariz erudito, mas sem nunca perder as suas raízes populares regionais e locais.

Evolução da Canção de Coimbra

Fruto da sua “oralidade” como forma tradicional de transmissão, esta Canção difunde-se através da troca de sensibilidades musicais entre novos e antigos cultores, populares e académicos, num ensaio, numa tertúlia, numa qualquer demonstração despreocupada do que se sabe e se cria. Mais do que escolas profissionais de Canto e Guitarra ou Conservatórios de Música, a “vivência humana” do Cantar Coimbrão, naquilo que o envolve em termos de memória histórica, “escolas” de interpretação, poesia,

the regional and local features of the Coimbra musical tradition assert themselves. These vocal reminiscences of opera are not at all found in the Lisbon Fado, which arose from the lower classes of the city’s population and developed in a cultural context where it could not establish connections with erudite music, both classical and theatrical. In contrast, students gave the Song of Coimbra erudite features without making it lose its regional and local popular roots.

The Evolution of the Song of Coimbra

As a product of *oral* transmission, this song is disseminated by the exchange of musical trends between new and old performers in rehearsals and social gatherings where they openly share what they know and create. Rather than relying on singing and guitar schools or conservatories of music, the learning of this musical tradition is still fundamentally based on the *human experience* that the Coimbra Song involves in terms of historical memory, ‘schools’ of interpretation, poetry, and the values of solidarity and fraternity. Indeed, the Song of Coimbra

valores de solidariedade e fraternidade, continua a ser uma forma de aprendizagem por excelência desta tradição musical. É que a Canção de Coimbra vive de uma constante “improvisação” em torno de tudo o que constitui o seu “imaginário”.

Em suma: o “Fado de Coimbra” não existe. O que existe é uma Canção Tradicional, regional e local, com um duplo filão (o popular e o académico) enraizada nesta cidade, que tem a “Serenata” (expressão musical para concerto tocado e/ou cantado e não apenas ritual de cortejamento), como a sua manifestação artística mais genuína, embora esta Canção esteja aberta a outras formas de divulgação.

A Canção de Coimbra é um género musical de grande singularidade e especificidade, pois os seus principais intervenientes são estudantes e antigos estudantes da Universidade de Coimbra que, não descurando a sua formação académica em diferentes áreas do conhecimento mas longe de saberem música ou serem músicos profissionais, continuam a interpretá-la numa execução que assenta, essencialmente, na aplicação de fórmulas de digitação da guitarra e de interpretação vocal profundamente enraizadas na transmissão “oral”. Aspecto que reforça a sua “imaterialidade”.

Por outro lado, estando a Canção de Coimbra actualmente envolvida numa fase de experimentalismos musicais vários – fruto do hibridismo musical que a própria globalização cultural permite – bem visível na utilização de novos instrumentos na sua forma de acompanhamento, como por exemplo, o saxofone, o violoncelo e o acordeão, assim como o recurso a orquestra e uma tentativa de fusão com outros géneros musicais, nomeadamente o jazz ou o barroco musical, esta Canção sofre hoje um preocupante processo de descaracterização e abandono de práticas identitárias e diferenciadoras em relação a outros géneros musicais. Daí o risco de desaparecimento das suas formas mais tradicionais, adulterando-se a sua vivência humana, o seu “imaginário” e o seu ritual. E embora não se pretenda transformar a Canção de Coimbra num “artefacto musical museológico” é necessário contrapor a todo um artificialismo que se vai instalando em Coimbra como forma de divulgação da sua Canção, as suas representações mais tradicionais de difusão. Isto porque a sua renovação não deve implicar a adulteração da sua memória identitária rumo a um novo-riquismo musical como forma de mais facilmente ser integrada na cultura turística da cidade para dar resposta a qualquer tipo de consumo global imediato.

No fundo, o processo de globalização cultural aplicado à Canção de Coimbra transmite-lhe uma tal vulnerabilidade que obriga a repensá-la sob o ponto de vista da sua preservação, da sua valorização, da sua revitalização e difusão.

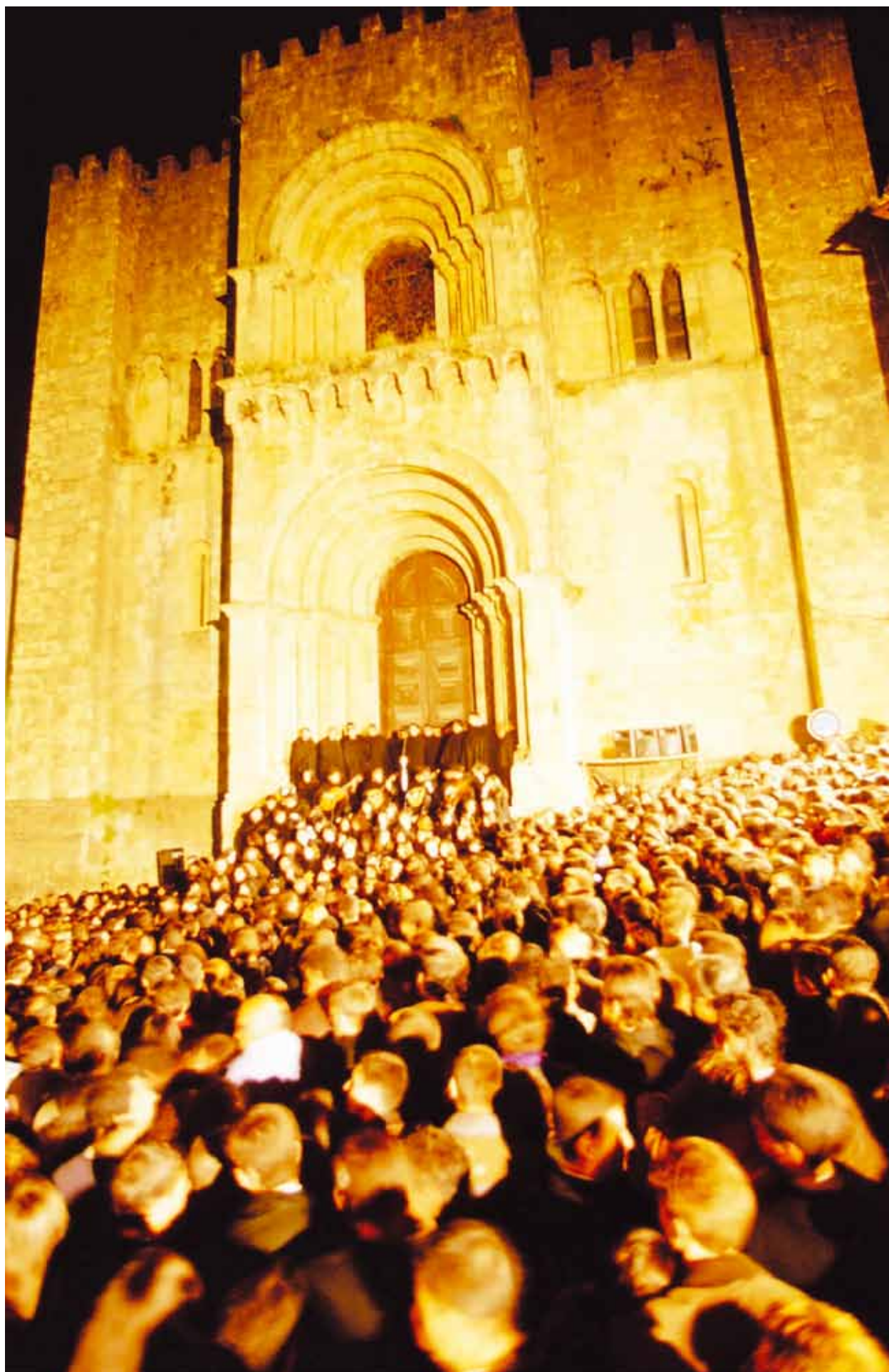
is nourished by constant *improvisation* in all the aspects that constitute its *imaginary*.

In sum, the “Coimbra Fado” does not exist. What does exist is a deeply rooted regional and local traditional song with a dual stream, which finds in the Serenade (a musical expression for a concert with or without singing, and not just a courting ritual) its most genuine artistic expression, although it is open to other forms of dissemination.

The Coimbra Song is a very distinctive and specific musical genre since its principal interpreters are University of Coimbra students or alumni, who, although pursuing their studies or professions in different fields, are not professional musicians. Their performance of the Coimbra Song is essentially based on the application of guitar fingering formulas and styles of vocal interpretation that are deeply embedded in oral transmission, an aspect that reinforces the *immateriality* of this musical genre.

However, the Song of Coimbra is currently going through a period of musical experimentation as a result of the hybridity stimulated by cultural globalization. This is visible in the use of new instruments, such as the saxophone, the cello and the accordion, as well as in the use of orchestras and in the attempt to fuse with other musical genres, notably jazz and baroque music. Thus, the Coimbra Song is currently losing its distinctive features and abandoning the identity-defining practices that set it apart from other musical genres. There is the risk that its most traditional forms will disappear, entailing changes in the human experience that it involves as well as in its imaginary and its rituals. Although the idea is not to transform the Song of Coimbra into a “museum musical artefact”, it is necessary to set its most traditional forms of dissemination against the artificiality of the new forms that are gaining ground in Coimbra. Renovation should not entail adulteration of its musical memory, making it more easily palatable to the city’s tourist culture in order to meet the immediate demands of global consumption.

Essentially, the process of cultural globalization has made the Song of Coimbra vulnerable, and this requires reconsideration of its preservation, enhancement, revitalization and dissemination.





Tradições universitárias e patrimonialização University Traditions and Patrimonialization

Por uma tradição inovadora

O título deste texto pode fazer supor um impulso conservador. Não é, de todo, esse ímpeto que subjaz às linhas que se seguem. Muito pelo contrário. O argumento que aqui é defendido, e o repto que com ele é lançado, assentam na ideia de que as tradições e o reconhecimento formal do seu valor patrimonial podem ser a base de um progresso socialmente valorizado e desejado. No caso concreto das tradições universitárias que este texto aborda, sustenta-se que elas – se sujeitas a um processo criterioso de patrimonialização – são o suporte inevitável para assegurar a sustentabilidade cultural de uma comunidade singular e a identidade de uma cidade em busca de auto-estima. Por isso, o sentido prioritário da patrimonialização que se propõe não é o da monumentalização, da musealização ou da folclorização, mas antes o da ancoragem das tradições nas práticas quotidianas. Desse modo, pretende-se que as tradições encontrem condições para se regenerarem, para que se tornem operativas no campo da transformação do presente e para que se constituam como a base que sustenta uma comunidade no tempo longo.

É tão nefasto o progresso poder ser um obstáculo intransponível e fatal para as tradições como estas poderem constituir um entrave à modernização. Para as tradições universitárias analisadas, esta última vertente evidenciou durante muito tempo o peso anestesiante de um passado simbolicamente dominador e recorrentemente acusado de ser avesso ao progresso de Coimbra. Face ao duplo risco assinalado, a patrimonialização apresenta-se como uma solução desejável para vencer um dilema paralisante. A patrimonialização pode permitir ultrapassar uma situação em que não tenha forçosamente de se fazer uma opção entre o tradicional e o novo. Porque escolher a tradição contra o novo, sacrificando o progresso em seu nome, pode hipotecar o futuro. Mas escolher o novo contra a tradição, fazendo da tradição o preço a pagar pelo progresso, é colocarmo-nos no mesmo plano daqueles que não conseguiram aprender com o passado. E quem não retira ensinamentos do passado está condenado a repeti-lo incessantemente sem grandes benefícios.

A patrimonialização das tradições universitárias, quer se faça através de formas de musealização

Towards an Innovative Tradition

The title of this text might suggest that it was motivated by a conservative impulse. However, this is not the case. On the contrary, the argument presented here, and the challenge which it proposes, derive from the idea that traditions and the formal recognition of their heritage value may form the basis of a desirable and socially valued form of progress. In the particular case of the university traditions that are the subject of this text, it is argued that, if subjected to a careful process of patrimonialization, these may provide the support necessary to culturally sustain a particular community and the identity of a city in search of self-esteem. Therefore, 'patrimonialization' is used here not primarily in the sense of 'monumentalization', 'musealization' or 'folklorization', but rather as a way of anchoring traditions in daily practices. It is hoped that this will provide the conditions to enable those traditions to regenerate, so that they can actively participate in the transformation of the present and become a base that will sustain the community over the long term.

It is tragic when progress brings about the demise of tradition, but no less so when traditions impede the process of modernization. In the case of the university traditions under discussion here, the second of these situations was for a long time in evidence, as Coimbra laboured under the dead weight of a symbolically dominant past, which was often accused of holding up all progress. Given this double risk, patrimonialization would seem to be a desirable way of overcoming a paralysing dilemma. Patrimonialization enables this situation to be transcended, as it does not force us to decide between the traditional and the new. If we choose tradition above what is new and sacrifice progress, we risk mortgaging the future. But if we choose what is new over tradition – making tradition the price to pay for progress, as it were – we rank ourselves alongside all those that have been unable to learn from the past. And whoever does not take lessons from the past is condemned to repeat the same mistakes over and over again, reaping no rewards.

Whether the patrimonialization of university traditions takes place through organised and recognised forms of 'musealization', or through more or less spontaneous or frivolous forms of reification, such as 'folklorization', in an attempt to

mais ou menos organizadas e reconhecidas, quer através de formas de reificação folclórica mais ou menos espontâneas ou frívolas, tendo em vista a valorização dessas tradições como símbolo da identificação colectiva, pode traduzir pouco mais que uma relação estética que, nas sociedades modernas e na cultura do consumo, se tende a estabelecer entre tradições e cultura. É desejável que um processo de patrimonialização não se fique por aí e que a relação entre tradição e cultura adquira não só um valor estético, mas também um valor de uso. Numa cidade que expandiu significativamente a sua área urbana nas últimas décadas, o espaço nobre das tradições universitárias viu desenvolver-se novas centralidades e novas dinâmicas sociais que tendem a encarar a tradição como um campo que já está à margem das práticas quotidianas, mas com o qual é forçoso manter uma determinada relação. Inserida num espaço manifestamente mais amplo, uma comunidade onde a tradição universitária foi encarada, durante muito tempo, como a mais insigne das regras, como base de legitimidade, como princípio estruturante da organização social e como signo de representação exterior, pode, perante a necessidade de se pensar e de se reconhecer a si própria enquanto outra, ser tentada a adoptar uma postura tradicionalista marcada por uma nostalgia romântica, por uma mera lógica de comemoração ou por uma veneração estética em relação à ruína.

Mas a postura das novas dinâmicas face às velhas dinâmicas pode, ao invés, basear-se numa relação de desdém ou de repugnância, levando a que as tradições universitárias sejam alvo de crítica, de esquecimento deliberado, ou de uma estratégia de extinção. Nenhuma destas duas opções se afigura como desejável. Mas o conflito, não negligenciável, que uma acção de patrimonialização das tradições universitárias se arrisca a fazer emergir poderá ser, em última instância, balizado por estas duas posturas extremas. A primeira fechada e ensimesmada. A segunda dominada pela crença vã de ser capaz de construir um futuro risonho a partir de uma solução de “tábua rasa”. A patrimonialização das tradições universitárias, para ser socialmente profícua, deve fugir à mera valorização estética dessas tradições, não se confinando à opção mais fácil de querer ver reconhecido o valor patrimonial das componentes mais emblemáticas dessas tradições. Assim como deve esforçar-se por ladear os impulsos que pretendam desligar as dinâmicas que fazem o presente e que moldam o futuro da cidade das tradições que as enquadram. É esse o desafio presente da patrimonialização das tradições universitárias em Coimbra.

Vale a pena recordar a fórmula amplamente difundida que afirma que o futuro sem passado é cego e que o passado sem futuro é estéril, na medida em que ela revela que patrimonializar é um acto essencial mas

value those traditions as a symbol of the collective identity, little is likely to survive beyond the aesthetic relationship which modern consumer societies tend to establish between traditions and culture. The patrimonialization process should aim to go beyond this, creating a relationship between tradition and culture that has not only an aesthetic value but also a use value. In a city whose urban area has significantly expanded in recent decades, new centralities and social dynamics have developed with regard to the ‘noble’ space of university traditions, which tend to be viewed as something that is on the margin of daily practices, but with which it is necessary to maintain a particular relationship. Within the broader context of a community in which university tradition has long been viewed as a distinguished rule, the basis of legitimacy, the structuring principle of social organization and sign of its external representation, there may be the temptation – given the need to see itself as distinctive – to adopt a traditionalist posture marked by romantic nostalgia, by the mere logic of commemoration or aesthetic veneration of a ‘ruin’.

But the attitude of the new dynamics towards the old dynamics may, on the contrary, be one of disdain or repugnance, leading the university traditions to become the target of criticism, of deliberate oblivion or of a strategy of extinction. Neither of these alternatives is desirable. But the not-inconsiderable conflict that may emerge from the patrimonialization of university traditions may ultimately be marked by these two extreme postures – the first closed and self-absorbed, and the second dominated by the mistaken belief that it is possible to build a rosy future upon a blank slate. To be socially advantageous, the patrimonialization of university traditions should go beyond the mere aesthetic enhancement of those traditions, and not be confined to the easy option of wanting to see the most emblematic components of those traditions recognised as heritage. Similarly, efforts must be made to avoid disconnecting the present and the future of the city from the traditions that contextualise it. That is the challenge inherent in the patrimonialization of Coimbra’s university traditions.

It is worth recalling the popular saying that the future without the past is blind and that the past without a future is sterile. Thus, patrimonialization is essential, but can never be an end in itself, nor, much less, a way of assuaging one’s conscience with regard to the past. The traditions that we here call university traditions concern a space and social practices that are very sensitive to transformation. Therefore, what is at stake is the social utility of patrimonialization for a community of varying size and composition, which can never be reduced to the merely local scale. The ultimate aim of patrimonialization is to permit the collective appropriation of what is useful from the



que não pode nunca ser um fim em si mesmo nem, muito menos uma forma de viver em boa consciência com o passado. As tradições a que aqui nos referimos como tradições universitárias remetem para um espaço e para práticas sociais muito sensíveis à transformação desse espaço. Por isso, o que está em causa é a utilidade social da patrimonialização para uma comunidade de geometria e de composição variáveis, nunca redutível a uma escala meramente local. O objectivo último da patrimonialização que se advoga é permitir a apropriação colectiva do que de útil tem o legado de um passado mais ou menos longínquo, mais ou menos extraordinário, mais ou menos palpável. A mera obtenção de um estatuto patrimonial, o reconhecimento formal vazio de conteúdo e de alcance, tem um interesse muito limitado se não se revestir de um carácter de utilidade para a vida quotidiana e para o futuro da cidade. A patrimonialização que se analisa tem a ver com o domínio de uma cultura vivida por uma comunidade e com o desafio da sua sustentabilidade cultural e não com o domínio de uma cultura exibida para o mercado do lazer e do turismo.

Dois perguntas breves e simples permitem-nos explicar os argumentos que acabam de ser aduzidos. O que são tradições universitárias? Porque devem essas tradições ser patrimonializadas?

Por uma tradição reveladora

Nas sociedades em que vivemos, as tradições tendem a ser resumidas aos seus aspectos mais mediáticos, mais celebrativos, mais fugazes, ou mais folclóricos. No concorrido mercado das tradições

legacy of a past that is more or less remote, more or less extraordinary, more or less tangible. The mere acquisition of heritage status – that is to say, formal recognition, empty of content and purpose – is of very limited interest if it is not endowed with some utility for daily life and for the future of the city. The kind of patrimonialization discussed here is concerned with culture as experienced by a community and the challenges involved in sustaining it, rather than with the kind of culture that is put on display for the benefit of the leisure and tourism market.

This argument may be summed up with two short simple questions. What in fact are university traditions? Why should these traditions be subjected to a process of patrimonialization?

Towards a Revealing Tradition

In modern societies, there is a tendency to reduce traditions to their more sensational, celebratory, transitory or folkloric aspects. In the competitive traditions market that has been developing in consumer societies, where different kinds of cultural manifestation vie for status as the most authentic and exuberant, the risk of ‘folklorization’ and debasement is considerable. This can lead to even greater risks – instrumental trivialization, staged revivalism, and even the development of negative connotations. University traditions, like others, are not immune to these risks. The patrimonialization of university traditions involves, above all, ridding ourselves of the simplistic and naïve fixation with the past, so that our notion of these traditions is not confined to student rituals or monumental aspects.



Doutorados em cortejo académico no Paço das Escolas, GCI, 2008
Doctors in academic procession at the University Palace, GCI, 2008



que se tem vindo a constituir nas sociedades de consumo, onde cada forma de manifestação cultural se procura apresentar como a mais autêntica e a mais exuberante, a folclorização e a vulgarização das tradições são riscos eminentes. Daí pode resultar um risco maior, seja o da banalização instrumental, seja o do revivalismo encenado ou ainda o da conotação negativa das tradições. As tradições universitárias, como outras tradições, não estão imunes a estes riscos. Para equacionar a patrimonialização das tradições universitárias, é preciso, desde logo, exorcizar uma visão redutora, passadista ou encantadora desse tipo de tradições, de modo a que elas não se vejam confinadas às praxes académicas ou aos aspectos monumentais.

As tradições universitárias, na imensa vastidão das formas em que se manifestam, agrupam modos partilhados de pensar e de agir mais ou menos padronizados e perceptíveis, mas também, e sobretudo, os referentes espaciais que enquadram esses hábitos e costumes colectivos. Esses princípios tradicionais mantêm-se durante várias décadas como estruturantes da vida quotidiana e tendem a ser tão mais tradicionais quão imperceptível – de tão trivializada – é a sua manifestação. E é a esses princípios, a maior parte dos quais não estão normalizados, que os indivíduos de diferentes gerações, muitas vezes inconscientemente,

University traditions, in their multiple manifestations, not only involve shared modes of thinking and acting that are more or less standardized and perceptible, but also the spatial referents that contextualise those collective habits and customs. Those traditional principles are maintained for decades as elements that structure daily life, and tend to be all the more traditional when their manifestations are imperceptible (because they've become commonplace). They are the unwritten principles that (often unconsciously) govern the conduct, careers and imaginations of generations of individuals. Therefore, tradition results from the relationship between a cultural and spatial reality and the construction of its identity over time. It is a phenomenon through which consolidated cultural practices and values nourish the promise to continue to confer meaning and relevance to a way of life or a community. In an ancient city with a centuries-old university, this is a very relevant aspect. Tradition is a kind of collective memory, as Maurice Halbwachs pointed out. It enables us to maintain a continuous and uninterrupted relationship with the past. The urban space is the support for the transmission of that collective memory, as the features that give it shape and which distinguish the community from others are transmitted by living, rather than learned, memory.

Rituals, such as the various procedures used for the initiation of freshmen (*praxes de curso*; *praxes*

conformam as suas condutas, os seus percursos e os seus imaginários. A tradição resulta, por isso, da relação entre uma realidade cultural e espacial e a fabricação da sua identidade num tempo longo. Nessa medida, a tradição é um fenómeno através do qual práticas e valores culturais consolidados alimentam a promessa de continuar a conferir sentido e relevância a um modo de vida ou a uma comunidade. Numa cidade milenar com uma universidade de séculos, este é um aspecto relevante. A tradição é uma espécie de memória colectiva de que falava Maurice Halbwachs. Ela permite manter com o passado uma relação contínua e ininterrupta. O espaço urbano é o suporte de transmissão dessa memória colectiva, na medida em que as características que lhe dão forma e que tornam uma comunidade distinta de outra comunidade são transmitidas por uma memória viva e não por uma memória erudita.

Rituais, como as praxes de curso, as praxes de trupe, as cerimónias de doutoramento; festas, como a Queima das Fitas ou o Cortejo da Latada; cerimónias imponentes, como a Abertura Solene das Aulas ou os Doutoramentos *Honoris Causa*; edifícios, como a Biblioteca Joanina, a Capela de S. Miguel, a Sala dos Actos ou as Repúblicas; todos, e cada um à sua maneira, nos remetem para o vasto campo das tradições universitárias. Mas esta dimensão mais oficial das tradições universitárias, com todas as simpatias ou aversões que possa suscitar, com todos os consensos ou discordâncias que possa gerar, não deixa de ser uma versão estereotipada dessas tradições. Se quisermos encontrar aspectos vivos de um passado longínquo moldado por tradições universitárias, não temos de procurá-los forçosa e preferencialmente nos monumentos, nem tão-somente nos lugares, nem tão-pouco apenas nos grandes momentos, mas também em aspectos singelos e banais dos modos de vida. Naquilo que, de uma maneira ou de outra, configura uma tradição, muitas vezes intangível.

Aceitando o preceito de Jean Lefèvre, segundo o qual a tradição é um progresso que teve êxito (na versão de Chesterton, a tradição é a democracia dos mortos) e que, por isso, a mais sublime das tarefas da tradição é a de devolver ao progresso a cortesia que ela lhe deve, permitindo que o progresso desponte da tradição tal como a tradição irrompeu do progresso, vale a pena destacar dois aspectos que nos revelam o que são tradições universitárias. E que nos dão simultaneamente conta da relação que um estatuto patrimonial pode e deve manter com essas tradições.

Por um lado, a tradição é um saber que só é útil se souber ajustar-se a cada geração e a cada momento da história. Perdendo a sua capacidade de adaptação, a tradição destrói parte do seu valor instrumental e criador, ficando condenada a sair da esfera do vivido para a esfera do exibido com evidentes derivas folclorizantes. Mas ainda que grande parte dos princípios tradicionais se vá ajustando às mudanças,

de trupe); festivals like the famous Ribbon-Burning ceremony (*Queima das Fitas*) or the Tin-Can Parade (*Latada*); formal ceremonials, such as the Official Inauguration of Classes, or the Honorary Doctorate ceremony; buildings, like the Joanne Library, St Michael's Chapel, the Great Hall and the student fraternities (*repúblicas*); each of these, in its own way, leads us into that vast field that is university tradition. But this official dimension – with all the support and aversion that it arouses, the agreement and discord that it generates – is nonetheless a stereotyped version of those traditions. If we wish to encounter living aspects of a remote past, moulded by university traditions, it is not necessary to search out the monuments or the historic sites, or even the great festivals, for they can be found in the simplest, most banal ways of life. It is these things that, in one way or another, configure a tradition, often in quite intangible ways.

According to Jean Lefèvre, tradition is a form of progress that has been successful (in Chesterton's version, tradition is the democracy of the dead). If so, its most sublime task is to devolve to progress the courtesy that it owes to it, enabling progress to emerge from tradition just as tradition emerged out of progress. In this context, it is worth highlighting two aspects that reveal what the university traditions are, and that simultaneously illustrate the relationship that a heritage status can and should maintain with those traditions.

On the one hand, tradition is a kind of knowledge that is only useful if it can be adapted to each generation and to each moment of history. When it has lost its capacity to adapt, tradition loses part of its own instrumental and creative value, and becomes fossilised, leaving the sphere of vital experience to become something that is merely placed on display. But even when most of the main traditions adjust to change, certain aspects will inevitably cease to play a part in daily practices. In those cases, more conventional forms of patrimonialization, such as musealization, are both possible and desirable, so as to reinforce the sense of continuity. Instruments and objects used for teaching and learning; artefacts related to formal and informal academic practices; diverse forms of expression of an identity and collective spirit; spaces linked to the organization and manifestation of social practices of agents of the academy, but which no longer form part of the daily life of university traditions – all these are essential for the consolidation of a sense of cultural sustainability of a community. However, in order for these traditions to adjust and continue to mould daily practices (which is their sublime mission), they have to stay faithful to themselves, while remaining open to the dynamics of changing times.

On the other hand, we should not lose sight of the fact that Jean Lefèvre's notion of progress, and indeed progress in general, has its price, and that Chesterton's democracy has its sordid aspects as

a verdade é que certos aspectos tradicionais estão inevitavelmente condenados a deixar de fazer parte das práticas quotidianas. Nesses casos, formas mais convencionais de patrimonialização, como a musealização, por exemplo, são possíveis e desejáveis, de modo a reforçar o sentido de continuidade. Instrumentos e objectos de ensino e de aprendizagem, artefactos das práticas académicas formais e informais, formas diversas de expressão de uma identidade e de um espírito de colectividade, espaços ligados à organização e manifestação das práticas sociais dos agentes da Academia, não fazendo já parte do quotidiano das tradições universitárias, são essenciais para consolidar o sentimento de sustentabilidade cultural de uma comunidade. Porém, porque é essa a sua missão sublime, para se adequarem e continuarem a moldar as práticas quotidianas é necessário que as tradições saibam ser fiéis a elas próprias, sem deixarem de ser permeáveis às dinâmicas dos tempos que correm.

Por outro lado, é conveniente não perder de vista que o progresso de Jean Lefèvre, e todo o progresso em geral, tem o seu preço. Assim como a democracia de Chesterton tem os seus aspectos sórdidos. Nesse sentido, é forçoso reconhecer que a tradição não é apenas feita de esperanças activas e contumazes; mas que, nas acções de depuração que permitem a sua consolidação, as tradições são também feitas de lutas e de violências. As tradições são uma espécie de memória colectiva exactamente na medida em que se apresentam como a matéria-prima necessária para que se possa fazer do futuro algo de menos cruel que o passado. Neste aspecto, as acções de patrimonialização devem dirigir-se especificamente ao espaço urbano. Porque é sobretudo aí que a memória colectiva está inscrita. É aí que ela, glorificando certos episódios ou permitindo lembrar outros menos dignificantes, se mantém viva, funcionando como consciência crítica do passado e como uma promessa de futuro.

Patrimonializar para assegurar a sustentabilidade cultural

Recorrendo de novo a um preceito de Jean Lefèvre, poder-se-á dizer que a patrimonialização das tradições universitárias tem de basear-se no princípio de que não há um único grande projecto que não manifeste antes de tudo fidelidade ao passado, assim como não há uma única grande recordação que não transporte consigo uma promessa qualquer. Uma cidade como Coimbra não pode viver de grandes recordações se elas não forem simultaneamente um ingrediente de um projecto que transporte consigo uma promessa. Patrimonializar as tradições universitárias é um projecto maior na medida em que permite reconhecer a importância de um legado ancestral para a sustentabilidade cultural de uma comunidade, mas também porque esse reconhecimento transporta com ele a esperança de reconciliar a cidade com ela própria e com o seu passado.

well. In this sense, it is important to recognise that tradition is not only made up of stubbornly active expectations, but also (through acts of purification that enable its consolidation) of struggle and violence. Traditions are a kind of collective memory exactly in the sense that they are the raw material needed to build a future that is less cruel than the past. In this respect, patrimonialization should be specifically directed at the urban space, because that is where the collective memory is inscribed. And it is there that it remains alive, glorifying certain episodes or permitting the remembrance of other less ennobling ones, functioning as the critical conscience of the past and as a promise of the future.

Patrimonialization as Guarantee of Cultural Sustainability

Returning to another of Jean Lefèvre's precepts, we might say that the patrimonialization of university traditions should be based upon the principle that there is not one single grand project that does not, first and foremost, manifest fidelity to the past, just as there is no single great memory that does not bring with it some promise or another. A city like Coimbra cannot live off great memories if these are not simultaneously an ingredient in a project that brings some promise. The patrimonialization of university traditions is a major project in the sense that it enables us to recognise the importance of an ancestral legacy for the cultural sustainability of a community, but also because that recognition brings with it the hope of reconciling the city with itself and with its past.

The image that Coimbra projects to the world is predominantly that of a city divided and dual. It is divided between the scholarly Upper Town (tied to the academy, with the University occupying the top of the hill and the fraternities reinforcing the dominant symbolic power) and the Lower Town of the common folk, whose lives are organised around trade and services. It is divided by the River Mondego, with its right bank and left bank. It is socially divided between town and gown (*doutores* and *futricas*), with obvious consequences in terms of the city's organisation and the segregation of space. It is divided between a historic centre that extends from the Upper to the Lower Town, and the recent urban areas created as a result of the city's constant rapid expansion. It is divided and dispersed across new university campuses that have developed with the growth of the urban fabric. It is also divided by the very view that it is a city that divides, in the sense that it is a place of passage, where many remain only until they have completed their studies. Coimbra, which (as the song goes) is at her most enchanting when we are about to leave her, nourishes a multitude of individual memories, which nevertheless fail to congeal into a collective personality that can be converted into an unequivocal base for cultural sustainability. The patrimonialization of university traditions may



Coimbra dá de si própria uma imagem de cidade dual e dividida. Dividida entre a Alta erudita amarrada à Academia, com a Universidade a ocupar o topo da colina e as Repúblicas a reforçarem o poder simbólico dominante, e a Baixa popular alicerçada no comércio e nos serviços. Dividida, pelo Mondego, entre a margem direita e margem esquerda. Dividida socialmente entre doutores e futricas com consequências evidentes na cadência da cidade e na segregação dos seus espaços. Dividida entre um centro histórico que se estende da Alta à Baixa e as áreas urbanas recentes em constante e rápida expansão. Dividida e dispersa em pólos universitários que acompanham o crescimento da malha urbana. Dividida por ser muitas vezes encarada como cidade que divide, na medida em que se converte num local de passagem onde se fica uns anos até os estudos acabarem. Na sua marca de cidade que tem mais encanto na hora da despedida, Coimbra alimenta um sem-número de memórias individuais sem que o somatório delas seja capaz de dar forma a uma personalidade colectiva que se converta numa base inequívoca de sustentabilidade cultural.

Patrimonializar as tradições universitárias pode ser a pedra de toque para avivar e consolidar essa personalidade colectiva e para ajudar a cidade dividida a tornar-se uma cidade unida. Um processo de patrimonialização torna-se necessário para evitar um relacionamento fugaz e inoperante com as tradições e para construir uma relação funcional e criativa entre

be the way to revive and consolidate that collective personality and help the divided city become united. Patrimonialization is necessary to avoid a transitory and inoperative relationship with tradition and to construct a functional and creative relationship between traditions and culture. Above all, in order for traditions to become a catalyst of local community, they have to be understood as a process, rather than as isolated, localised events or objects that have emerged *ex nihilo*. As Coimbra is a centre for the diffusion of knowledge throughout the country and the world, through which have passed so many of the greatest figures of Portuguese history, she needs to be able to offer those that live here or who come here to receive their higher education, the feeling that they belong, or could belong, to a cultural community with deep historical roots. Without that possibility, the university traditions will be no more than a moment, a form without content, or a merely personal project susceptible to all kinds of trivialization.

For this, it is necessary that the process of patrimonialization of university traditions extends to the urban space, particularly to the *Alta*, or Upper Town. This is not, as happens in many cases, so that heritage recognition can effectively consecrate a non-place and a margin that has already enjoyed central importance in the past, but so that this recognition may have relevance for the present and future of the city. The *Alta* is much more than a place or centre awaiting tribute. On the contrary, it should



tradições e cultura. As tradições, acima de tudo, para se tornarem um catalisador da comunidade local, têm de ser percebidas como um processo e não como acontecimentos ou objectos quase isolados e localizados que emergem como que *ex nihilo*. Sendo um centro de difusão do saber que se estende ao país e ao mundo, por onde passaram grandes vultos da história portuguesa, Coimbra tem de oferecer a quem nela habita e a quem aí busca uma formação de nível superior o sentimento e a possibilidade de se tornar parte efectiva de uma comunidade cultural secular. Sem essa possibilidade, as tradições universitárias não serão mais que um momento, uma forma sem conteúdo ou um projecto meramente pessoal passível de todas as formas de banalização.

Por isso é necessário que uma acção de patrimonialização das tradições universitárias se estenda ao espaço urbano, designadamente à Alta da cidade. Não, como acontece em muitos casos, para que o reconhecimento patrimonial venha consagrar um não-lugar e uma margem que já teve uma importância elevada e central no passado, mas pela relevância que esse reconhecimento pode ter para o presente e para o futuro da cidade. A Alta não é apenas um lugar nem um centro à espera que lhe seja prestado um tributo. Deve, pelo contrário, ser encarada como um hiperlugar e um hipercentro, na medida em que tem de aspirar a ser simultaneamente um lugar, uma apropriação e uma prática colectiva de práticas sociais extraordinárias que assumam uma certa dimensão venerável e espectacular. Mais do que remeter para a esfera íntima ou para práticas

be perceived as a hyper-place and a hyper-centre, in the sense that it has to aspire to be simultaneously a place, an appropriation and a collection of extraordinary social practices which assume a venerable and spectacular dimension. Rather than deferring to the intimate sphere or to ordinary daily practices which bring it closer to other centres of the city, the *Alta* must be able to generate a collective investment.

The patrimonialization of university traditions must lead to the recognition of the *Alta* as both shell and core of those traditions, in the sense of affirming it as the necessary base for ensuring Coimbra's cultural sustainability. This kind of patrimonialization should be able to convert the Upper Town into a prototype of urban life and make it an exemplary place, so that it can symbolise a promise of a different future for the city. This way, the *Alta*, 'patrimonialized' into a support for the transmission of memory and collective personality, will participate in the broader purposes of a cultural community, that is to say, able to create and maintain places of centrality which may be held up to the local people and to strangers as places to admire and venerate.

Moreover, these hyper-places should seek to become a reference not only for the local community but also for humanity, since that is a necessary condition for the local emergence of self-esteem, which animates every cultural community. Therefore, the patrimonialization of university traditions should be oriented towards ensuring the sustainability of the urban space that frames and shapes those traditions.

quotidianas ordinárias que a aproximassem de outros centros da cidade, a Alta deve ser capaz de suscitar um investimento colectivo.

Um projecto de patrimonialização das tradições universitárias deve levar ao reconhecimento da Alta como invólucro e como cerne dessas tradições, no sentido de a afirmar como base necessária para assegurar a sustentabilidade cultural de Coimbra. Uma patrimonialização desta natureza é passível de converter a Alta em protótipo da vida urbana e de a tornar um lugar exemplar, de modo a que possa simbolizar uma promessa de futuro diferente para a cidade. Por essa via, patrimonializada enquanto suporte de transmissão de uma memória e de uma personalidade colectiva, a Alta participa no desígnio maior de uma comunidade cultural. Ou seja, a capacidade de uma comunidade em criar e em manter lugares de centralidade que possam ser propostos aos locais e aos estranhos como lugares a admirar e a venerar.

Além disso, os hiperlugares devem procurar tornar-se uma referência não só para a comunidade local mas também para a humanidade, porque essa é uma condição necessária para fazer emergir localmente a auto-estima que anima toda e qualquer comunidade cultural. Por isso, um projecto de patrimonialização das tradições universitárias deve estar orientado para assegurar a sustentabilidade do espaço urbano que enquadra e dá forma a essas tradições.

Nesta perspectiva, o rumo recente da Alta, previsivelmente agravado num futuro próximo pela deslocalização de faculdades e de estudantes, configura uma situação de risco passível de impedir a germinação de uma relação simbiótica forte entre patrimonialização e tradições universitárias. A promessa de um futuro diferente, que um projecto baseado na patrimonialização de uma grande recordação do passado pode transportar consigo, é a promessa de confirmar a sustentabilidade cultural da Alta. Acções que assegurem um equilíbrio entre a função residencial e a função de lazer, que concretizem uma possibilidade de gestão integrada de equipamentos turísticos e culturais, que permitam que a Alta funcione como espaço de criatividade artística, que conduzam ao seu desenvolvimento como centro de florescimento empresarial para jovens, que tornem possível a disponibilização de serviços altamente competitivos para a comunidade académica, que facilitem a mobilidade e o acesso à Alta, afiguram-se como prioritárias para que os laços entre as tradições universitárias e uma cultura viva e sentida não definham.

Porque a Alta transporta e simboliza os signos de uma recordação maior é desejável que ela transporte também os germes de uma esperança audaz. Restamos, por isso, formular o desejo de que se cumpra o sentimento expresso por Jean Jaurès a respeito do poder criador das tradições. “Ser fiel à tradição, é ser fiel à chama e não à cinza”.

In this perspective, the *Alta* is at risk from recent developments, which undermine the gestation of a strong symbiotic relationship between patrimonialization and university traditions. This situation is likely to be exacerbated in the near future by the displacement of faculties and students. The promise of a different future, as conveyed by a project based upon the patrimonialization of remembrance of the past, is also the promise to confirm the cultural sustainability of the *Alta*. Actions designed to ensure a balance between the residential and leisure functions, and to fulfil the potential for integrated management of tourist and cultural facilities, will enable the Upper Town to function as a space of artistic creativity, to develop as a centre of entrepreneurial activity for young people, to provide highly competitive services for the academic community, and to facilitate mobility and access to the Upper Town – these are priorities to ensure that the bonds that link the university traditions to the vital living culture do not wither away.

As the *Alta* represents remembrance, it is desirable that it should also bring the seeds of audacious hope. Let us hope, therefore, for the fulfilment of the sentiment expressed by Jean Jaurès, with respect to the creative power of tradition: “To be faithful to tradition, we have to be faithful to the flame and not the ashes”.



Perspectiva histórica da República de Coimbra A History of Coimbra “Repúblicas”

A “República de Coimbra” é, talvez, a mais antiga e genuína das instituições universitárias portuguesas, reportando-se as suas raízes à época medieval e ao acto de estabelecimento de “Estudo Geral” em Coimbra.

Do diploma régio de 15 de Fevereiro de 1309, inspirado na *Charta Magna Privilegiorum* que consagra os vastos privilégios e regalias concedidos aos escolares, ressalta a sentida preocupação de D. Dinis em prover o alojamento e o abastecimento em víveres aos estudantes e mestres da Universidade.

Em Coimbra, como em grande parte dos centros universitários da Europa Medieval, à escassez de casas para arrendar acrescia a relutância dos proprietários em arrendá-las aos estudantes por uma “renda justa”.

A solicitude dos monarcas para obviar a tais carências está bem patente nos muitos diplomas e cartas régios que ao assunto se referem. O próprio D. Dinis, por diploma de 1309, promove a construção de casas na zona de Almedina destinadas a serem arrendadas a estudantes e, de igual modo, incentiva os proprietários de casas a arrendá-las e a reconstruírem ou repararem as que estão ruínas, com o mesmo fim.

Ora, face a tal insuficiência de alojamento e, também, face à proverbial magra bolsa do estudante, mandam a lógica e a razão admitir que tais casas, uma vez dadas de renda, seriam partilhadas, todas e cada uma, por vários escolares.

Por outro lado, se, de acordo com o estabelecido pelos diplomas régios, os estudantes tinham acesso privilegiado à aquisição de mantimentos – carne, pescado, pão e outros bens de primeira necessidade – acreditamos que aproveitariam bem tais privilégios. E, se partilhavam uma mesma morada com outros condiscípulos, mais fácil e menos oneroso seria partilharem também as refeições confeccionadas com os mantimentos adquiridos individual ou colectivamente.

Se tais aspectos de ordem económica são fundamentais na génese incipiente destas pequenas células comunitárias de estudantes, não o serão menos os aspectos de ordem psicológica, cultural, social e moral.

The Coimbra *Repúblicas* (student communal houses) are perhaps the oldest and most genuine of all Portuguese university institutions, their origins going as far back as the medieval period and the beginning of the *Studium Generale* in Coimbra.

The royal charter dating from 15 February 1309 and inspired by another charter, the “*Charta Magna Privilegiorum*”, which sanctioned the many privileges and benefits conceded to students and scholars, clearly indicates King Dinis’s wish to provide accommodation and provisions for them.

Just like in the majority of medieval European university centres, it was difficult for students to rent accommodation in Coimbra as there were not many houses available and few owners were prepared to let properties at a “fair rent”. The numerous royal charters referring to this matter demonstrate the monarchs’ concern to alleviate these shortages. In 1309, King Dinis himself sponsored the building of rented student accommodation in the area of Almedina, and also encouraged house owners to rebuild or repair any ruined buildings for the same purpose.

Given the general lack of accommodation and the students’ lack of money, it made sense for what little housing was available to be shared by a number of students. As they had privileged access to provisions – meat, fish, bread and other staples as a result of the royal charters – it was much easier and less costly to share such individually or collectively obtained provisions with other students in the same accommodation in order to provide collective meals.

If such economic factors were fundamental to the origins of these small student communities, no less important were other psychological, cultural, social and moral aspects. Far from their family and original social environment, Coimbra students considered that the best and most logical way to minimise the inconveniences caused by this fact was a communal life, which was advantageous in many different aspects. Community living provided a companionship, group solidarity and interdependence that offered better protection against any external threats to their rights, or physical or moral integrity. It also enabled members of such communities to share knowledge and experiences.

Desenraizados do ambiente familiar e do seu meio social de origem, os escolares de Coimbra pensariam na melhor fórmula para minorar tais inconvenientes e, de acordo com a lógica, terão aderido de forma espontânea ao viver comunitário, compensatório a todos os níveis. A vida em comum atenua a situação de desenraizamento, torna-se mais agradável pelo convívio que possibilita, cria laços de solidariedade e interdependência que conduzem à defesa de direitos e da integridade física e moral, contra intrusões externas e adversas e, ainda, permite a troca de conhecimentos e experiências entre os membros da comunidade.

É esta a nossa perspectiva acerca da génese das “Repúblicas”. E, se é verdade que o apelativo “República” é recente, remontando aos primórdios do Século XIX, não é menos verdade que esta singular maneira de viver comunitária, com toda a evolução de séculos, chegou, desde o tempo do primitivo “Estudo Geral”, aos nossos dias.

Quando D. João III assumiu o propósito de estabelecer definitivamente a Universidade em Coimbra, tomou, também ele, todas as providências no sentido de que fossem dados aos escolares a necessária moradia e os mantimentos bastantes, para que a sua vida em Coimbra, sem outras preocupações, pudesse ser votada aos estudos e à reflexão. Acerca das medidas tomadas com tal propósito, são bem elucidativos os alvarás régios de 12 de Julho, de 25 de Outubro, de 8 de Novembro de 1537 e de 18 de Julho de 1541.

O monarca não só incentiva a construção de casas concedendo largas isenções de foros, taxas e tributos, mas, ele próprio tomou a iniciativa de mandar construir doze moradas naquela que viria a ser a rua nova de S. Sebastião. Ora, a arquitectura de tais casas, com onze divisões (incluindo uma sala comum) distribuídas por dois pisos, possuindo um pequeno quintal com cisterna, em anexo, evidencia a preocupação de providenciar moradas do tipo comunitário, onde seria possível alojar de oito a dez estudantes. E não foi esquecida a sala para usos comunitários como as refeições e o convívio dos inquilinos, aquela que ainda hoje é a parte mais importante da casa, nas actuais “Repúblicas”.

Se a fase embrionária das “Repúblicas” remonta aos tempos dionisinos, é D. João III quem, de alguma forma, com estas edificações, vai instituir as “primeiras repúblicas”, isto é, comunidades de estudantes que partilham a mesma casa, fruindo de igualdade de condições e comungando, eventualmente, de uma mesma refeição.

É, também, com D. João III, que surgem em Coimbra novas possibilidades de alojamento e de vida comunitária. Falamos dos colégios que, sempre

In our view, these are the origins of the student communities known as *Repúblicas*. Even if the designation “República” is recent, dating from the early 19th century, it is also true that this particular form of communal living, with all its developments over the centuries, has survived from the time of the *Studium Generale* to the present day.

When King João III definitively decided to establish the university in Coimbra, he also took all the necessary measures to provide the students with sufficient accommodation and provisions so that they might exclusively dedicate their time to their studies. The royal charters dated 12 July, 25 October and the 8 November 1537 and 18 July 1541, are quite clear in this regard. The king not only encouraged the construction of houses by creating significant exemptions from charges, duties and taxes for those who did so, but he also personally ordered the construction of twelve residences in what would become the new street of S. Sebastião. The very architecture of these houses, with 11 rooms (including a communal room) built on two floors, plus a small garden with a water tank, clearly show the desire to provide communal buildings capable of housing between eight and ten students. There was a communal room used for meals and socialising, which is still the most important room in the *Repúblicas* of today. Thus, although the initial phase of the *Repúblicas* goes back to the times of King Dinis, it was King João III who, to a certain extent, created the first genuine *Repúblicas* with this construction work – i.e., a community of students sharing the same house and meals and enjoying the same living conditions.

It was also because of King João III that an alternative form of community life, known as a college, began to proliferate during this time. Although most colleges belonged to religious orders and were established so that their members might study at the university, there were also others that belonged to military orders, as well as colleges for poor clergymen and laymen. Apart from their own members, the colleges also took in many other students who did not have the sufficient means to finance their own studies.

If tradition is created by habits and customs over a long period of time, and habits and customs themselves originate in the repetition of certain acts, then it was with the founding of the colleges that many of the practices relating to the administration of the *Républicas* began.

From the times of King Dinis, some students had fulfilled the role of “rent controllers” (*taxadores*), who evaluated whether or not a fair rent was being practised. Many students with limited financial resources were admitted to the colleges in order to provide services to that college community (they



acompanhados da solicitude régia, começam a proliferar na cidade, nesta época.

Se, na generalidade, eram propriedade de Ordens Religiosas, para que os seus membros viessem estudar na Universidade, havia também os Colégios das Ordens Militares e os Colégios para clérigos pobres e para seculares.

Os colégios absorveram, para além dos seus próprios membros, muitos outros estudantes que, em boa parte, não tinham recursos bastantes para estudar.

Se a tradição é construída por usos e costumes que se enraízam ao longo dos tempos e se o uso e o costume radicam na repetição de certas acções, foi com o advento dos colégios que nasceram muitas das práticas da administração de uma “República”.

Desde os tempos dionisinos que alguns estudantes exerciam a actividade de taxadores de moradas que visavam a renda justa. Ora, muitos estudantes com poucos recursos foram admitidos nos colégios para prestar serviços à comunidade colegial onde eram designados por familiares. Viviam, regra geral, nos piores alojamentos e desempenhariam múltiplas tarefas, em regime de rotatividade e a par de outros escolares mais novos, como servir à mesa, arrumar a louça, acender as velas, fazer camas, varrer a casa,

were called *familiares*, meaning “family members” or “relatives”). They usually lived in the worst lodgings and took turns with other younger students to carry out many household tasks. This work included waiting on the table at meal times, putting away the dishes, lighting candles, making the beds, sweeping the house, tidying up the rooms and baking bread, etc. It is also likely that they were responsible for the kitchen pantry, shopping for provisions, the refectory and kitchen, etc. as aides to the other students. All these responsibilities and tasks greatly influenced the way of organising, managing, distributing tasks and running these self-managing student communities.

If we progress in time to 1763, the physician Ribeiro Sanches refers to the following in his memoirs: “Each group of two or three students has a ‘governess’, one and, sometimes, three servants; (...)”. These were obviously smaller communities of better off students, as there would have been other communities where the number of students was much higher. A careful study of the enrolment records of that time reveals that there was an average of five residents per habitation, in the case of shared accommodation. But what is significant is that Ribeiro Sanches refers for the first time to the “governess”, who

arrumar quartos, cozer pão, etc.. Possivelmente geririam também a dispensa, as compras, o refeitório, a cozinha, etc., como auxiliares dos colegiais.

Todas estas incumbências e atribuições terão influenciado, em muito, o modo de organizar, gerir, distribuir tarefas e fazer funcionar as comunidades de estudantes autogeridas

Acerca deste assunto, e avançando no tempo, Ribeiro Sanches, em 1763, traça-nos o seguinte quadro: “Cada dois ou três estudantes têm uma ama, um e, às vezes, três criados;(...)”.

Este autor estará a referir-se a pequenas comunidades de escolares com certo poder económico, porque outras comunidades haveria em que o número de estudantes seria bem superior. Uma análise cuidada dos registos de matrículas dá-nos, para esta época, um número médio de cinco residentes, nos casos de habitação partilhada.

Todavia, Ribeiro Sanches introduz um novo elemento, a figura da “ama” que estará muito próxima da serviçal ou “servente” das “Repúblicas” do Século XX.

São vários os autores que apontam o surgimento das “Repúblicas Coimbrãs” para o início do Século XIX;

played a very similar role to the maids or servants of the 20th century *Repúblicas*.

There are various Portuguese writers, including Teófilo Braga, Borges de Figueiredo and Amílcar Ferreira de Castro, who state that these specific Coimbra *Repúblicas* emerged in the early 19th century. Indeed, if we consider the name “República”, it only appeared in this period, during the liberal revolution of the 1820s and, more specifically, the implementation of Joaquim de António de Aguiar’s decree of 28 May 1834, which dissolved the religious orders.

As a matter of fact, the extinction of the university colleges and other religious institutions was a severe blow to academic accommodation and resulted in a significant reduction in the lodgings available for students and teachers, as the decree ordering their extinction was not accompanied by any re-housing policy nor any alternatives for those who had been made homeless. Thus, the number of students looking for accommodation grew exponentially just as, simultaneously, did the number of houses rented out to students, and particularly the number of students per house (between eight and eleven in some cases). It should be no surprise, then, that the researchers who have focused on this period argue



República universitária: República dos Kágados, FF, 2008
University *república*: República dos Kágados, FF, 2008



entre eles estão Teófilo Braga, Borges de Figueiredo e Amílcar Ferreira de Castro.

Ora, efectivamente, se pensarmos apenas no apelativo “República”, ele terá surgido naquela época, remontando à revolução vintista e, mais particularmente, à implementação do Decreto de 28 de Maio de 1834, de Joaquim de António de Aguiar.

Na verdade, com a extinção dos colégios universitários e outras instituições de inspiração religiosa, foi vibrado um rude golpe no alojamento académico, reduzindo-se significativamente a oferta de morada para estudantes e professores, pois o decreto de extinção não foi acompanhado de qualquer política de realojamento ou oferta de alternativas. Deste modo, cresceu exponencialmente o número de estudantes à procura de alojamento e cresceu também, com isso, não só o número de casas arrendadas a estudantes, mas também, muito particularmente, o número de escolares por casa. Algumas destas comunidades integraram de oito a onze elementos.

Não é, pois, de admirar que seja esta a época sobre a qual mais se debruçam os investigadores que apontam este período como o do nascimento das “Repúblicas”, para minorar a crise de alojamento.



República universitária: Solar dos Symbas, FF, 2008
University *república*: Solar dos Symbas, FF, 2008



that the Repúblicas emerged at that time as a way of minimising the effects of the housing crisis.

However, it is unreasonable to consider that these student communities were spontaneously generated in one specific period and as a result of only one particular event. All aspects of the internal organisation of a *República*, including the team spirit, the kind of household economy adopted and all the other particularities of such communities did not appear overnight but, rather, were the consequence of centuries of habits, customs and traditions. Elements related to the times of King Dinis and his successors, the period of King João III, and so on, are essential to our understanding of the evolution of these student “families” up to the 19th century.

But one might say that the early 19th century was a time of new developments concerning the evolution of *Repúblicas*. With the decrease in the availability of suitable housing, the number of students sharing rented houses increased, as did the number of members in each community. Their internal organisation adapted to the changing times, and the very name “República” was adopted then, which was perfectly fitting to the times due to the fact that these communities were organised in much the same way as republics.

Todavia, manda o bom-senso pensar que estas comunidades de estudantes não podem ter sido geradas espontaneamente numa dada época e pelo motivo específico que a marcou. Toda a organização interna de uma “República”, o espírito de grupo, o tipo de economia doméstica comunitária e todas as outras especificidades inerentes às “Repúblicas” não surgem por geração espontânea mas pelo acumular de experiências alicerçadas no uso, no costume e na tradição construídos ao longo de séculos.

O que se disse dos tempos de D. Dinis e seus sucessores, da época de D. João III, etc., é fundamental para compreender toda a evolução que se verificou até ao Século XIX, no âmbito destas células familiares estudantis.

Digamos que esta época tem a marcá-la alguns novos elementos na evolução das “Repúblicas”: com a diminuição da oferta de alojamento, aumenta o número de comunidades de escolares a residir em casas arrendadas; o número de elementos de cada comunidade tem também um aumento tendencial; a organização interna sofre alguns reajustamentos derivados dos novos tempos; surge o nome de “República”, muito apropriado também à época, e que deverá provir do facto de estas comunidades familiares terem um governo semelhante ao dos estados republicanos.

Nos seus aspectos essenciais pode dizer-se que, apesar de toda a evolução da sociedade portuguesa e, concomitantemente, da sociedade tradicional académica de Coimbra, as “Repúblicas Coimbrãs” mantiveram as características que presidiram às suas origens e, pelos séculos fora, outras adquiriram, frutos do uso, do costume e da tradição, constituindo, no seu todo, um edifício assente na organização, no funcionamento, na particularidade e na pluralidade.

É toda esta ambiência de “Vida em República” que vimos encontrar já no Século XX e que vem ser perturbada na sua existência em finais da década de quarenta. Um novo e rude golpe se abate sobre o alojamento estudantil nesta época.

A demolição de grande parte da “Alta” para construção dos novos edifícios da “Cidade Universitária” transformou--se numa situação tão grave que, em Fevereiro de 1948, foi mandada suspender a ordem que determinava o despejo urgente de todas as casas da “Alta” onde residiam estudantes. É que, sem alternativas imediatas, como poderiam os estudantes, em meio do ano, encontrar novas casas para onde pudessem transferir-se. Já o mesmo acontecera com o Decreto de Joaquim

In essence, what may be said is that, despite the evolution of Portuguese society in general, and thus also the traditional academic society in Coimbra, the *Repúblicas* maintained many of their original characteristics. Further, throughout the centuries they acquired other customs, habits and traditions which resulted in a unique community based on organisation, functionality and pluralism. This whole environment of “Life in a República” continued to exist in the 20th century, but it suffered alterations at the end of the 1940s, when once again student accommodation took a severe blow.

The demolition of much of the upper town (known as *Alta*) in order to construct the new buildings of the “University City” caused such a serious problem that the eviction orders relative to the houses occupied by students were suspended in February of 1948. The fact is that there were no immediate alternatives for the students, and they couldn’t possibly find somewhere else to live in the middle of the school year. The same had happened with Joaquim António de Aguiar’s decree. There was no surfeit of accommodation; on the contrary, there was a distinct lack of it.

It was in this context that the “Council of the Repúblicas” was created. This was not so much



República universitária: Solar do 44, FF, 2008
University *república*: Solar do 44, FF, 2008



António de Aguiar. O parque habitacional não primava pelo excesso. Pelo contrário, as carências eram bem visíveis.

Foi neste contexto e face aos graves problemas com que os estudantes se depararam, que nasceu o “Conselho das Repúblicas”, um organismo, não de tutela, mas de aglutinação em torno do “Ideal Repúblico”, o qual procuraria responder às dificuldades das “Repúblicas”, no seu conjunto.

Mas, do camartelo da “Alta” e de alguma dispersão por ele provocada, o ideal repúblico prevaleceu e, quase direi, reforçou-se. Depois de passada a tormenta, novas “Repúblicas” vieram a ser fundadas, ou não fosse este o mais tradicional modo da vida académica e o mais seguro baluarte das suas tradições.

Actualmente são cerca de trinta as “Repúblicas” existentes em Coimbra. E, se os tempos mudaram e a sociedade portuguesa sofreu grandes transformações, estas comunidades académicas, evoluindo embora, mantiveram-se idênticas a si mesmas, constituindo uma espécie de classe dentro da classe académica, com os seus problemas próprios, o seu espírito próprio e os seus interesses específicos.



República universitária: República do Kuarenta, FF, 2008
University *república*: República do Kuarenta, FF, 2008

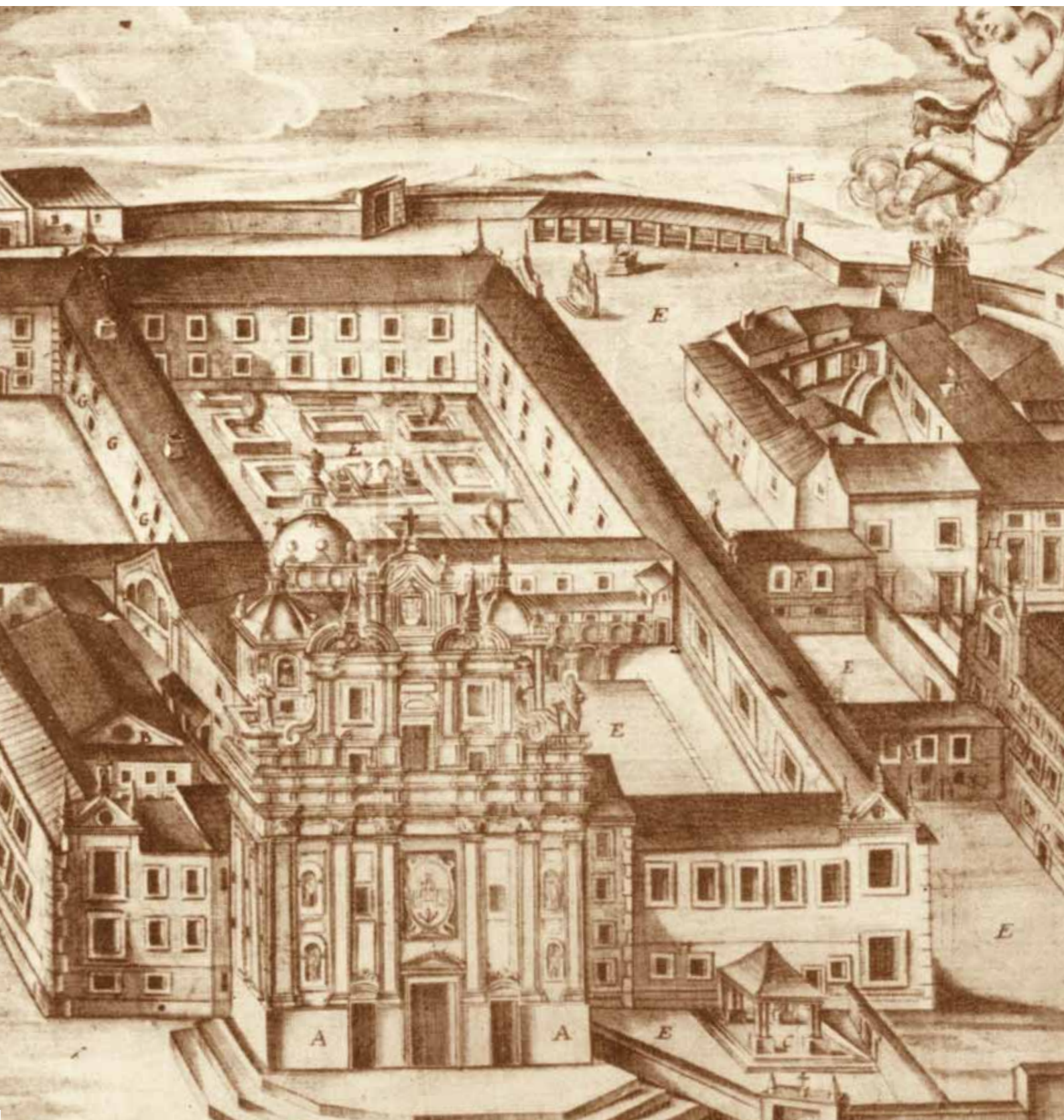


a ruling body, but rather a union of the various communities around the “Republican Ideal”, representing a joint effort to resolve the shared difficulties they were confronted with. Despite the demolition of the houses in the upper town and the exodus it provoked, the Republican ideal prevailed, and one might even say that it became stronger. Once this dark period had passed, new *Repúblicas* were founded, which is not surprising, given that they are the most traditional form of academic life, and the safest stronghold of academic traditions.

Nowadays, there are about thirty *Repúblicas* in Coimbra. Portuguese society has changed greatly, and these academic communities have also evolved while remaining true to themselves. They constitute a distinctive type of community, with its own problems, team spirit and specific interests, within the larger student community.

produção e expansão científica,
cultural e da língua

production and expansion in science,
culture and language



A acção do Colégio de Jesus e dos *Conimbricenses*

The Achievements of the College of Jesus and the *Conimbricenses*

A fundação do Colégio de Jesus em Coimbra integra-se na acção reformadora da Universidade por parte do rei D. João III. Mas a ideia dessa fundação terá ocorrido em primeiro lugar aos jesuítas Simão Rodrigues e Francisco Xavier, com o intuito de ministrar formação espiritual e literária aos membros da Ordem. Fundado em 1541, este colégio foi o primeiro e um dos mais célebres de quantos a Companhia de Jesus iria fundar por toda a parte. Por carta régia de D. Sebastião de 1561, foi incorporado, juntamente com o Colégio das Artes, na Universidade, de modo que «os reitores, padres e colegiais deles e seus criados, familiares e pessoas que os servirem e deles tiverem mantimento e ordenado em cada ano gozem e usem daqui em diante» de todos os privilégios, liberdades, graças e franquezas de que ela gozar.

O Colégio de Jesus tornou-se notabilíssimo, quer pelo número de alunos que mantinha e educava, quer pela cultura literária e científica que os distinguia, quer pelas virtudes e zelo com que os Jesuítas serviam a causa de Deus e da civilização e ainda pelos altos cargos que exerceram com distinção na sociedade portuguesa. Na intenção do rei fundador, ele devia ser um viveiro de operários para o País e as possessões ultramarinas. Foi esta a principal vocação dos membros da Companhia de Jesus. Por isso, eles apostolizaram no Oriente e no Ocidente, entre infieis e entre selvagens, a fé católica e proclamaram o nome de Portugal, ao mesmo tempo que aumentaram com descobertas e aquisições científicas e literárias o pecúlio da civilização ocidental.

De facto, desde 1542, os Jesuítas disseminaram-se pelas várias províncias da Índia até Malaca; em 1546, adiantaram-se até às Molucas; em 1549, apareciam no Japão; em 1557, entravam na Etiópia; em 1560, evangelizavam a África Oriental até ao território do Monomopata; em Macau, estabeleciam-se no ano de 1565; na Mongólia, lidavam desde 1579; em 1583, tomavam domicílio no interior do império da China; em 1598, abriam missões no Pegu e em Bengala; em 1613, tentaram a cristianização de Madagáscar; em 1615, insinuaram-se na Cochinchina; em 1616, passaram ao Camboja; em 1624, penetraram através de dificuldades sem conta no Tibete; em 1626, espalharam-se pelo Sião e em 1642 visitavam o reino do Laos; para o Congo, partiam em 1547, para o Brasil navegavam em 1549, para Angola em 1560 e em 1604 exerciam laborioso apostolado nas regiões de Cabo Verde e Guiné.

The foundation of the College of Jesus in Coimbra was part of the reform of the University by King João III. But the idea had first occurred to the Jesuits Simão Rodrigues and Francisco Xavier, with the aim of providing spiritual and literary training to members of the Order. Founded in 1541, this college was the first and one of the most famous of the many that the Society of Jesus was to establish worldwide. By royal charter of King Sebastião, 1561, it was incorporated, together with the Colégio das Artes (College of Arts) into the University, so that “their rectors, priests and students, and their servants, relatives and those who shall attend them and receive from them maintenance and payment each year, shall enjoy and use hereafter” all the privileges, freedoms, favours and licences enjoyed by the university.

The College of Jesus was remarkable for the number of students that it maintained and educated, for its distinguished literary and scientific culture, and for the virtue and zeal with which the Jesuits served the cause of God and civilisation, as well as for the high positions which they exercised with distinction in Portuguese society. The intention of the founder king was that it should be a seedbed of workers for the country and its overseas possessions: this was the main vocation of the members of the Society of Jesus. Thus they preached the Catholic faith and proclaimed the name of Portugal in the Orient and the Occident, amongst infidels and native peoples, at the same time increasing the wealth of Western civilization with discoveries and scientific and literary acquisitions.

In fact, from 1542, the Jesuits spread throughout the various provinces from India to Malacca; in 1546 they advanced to the Moluccas; in 1549 they appeared in Japan; in 1557 they entered Ethiopia; in 1560 they preached the gospel to East Africa as far as the territory of Monomopata (Mutapa); in 1565 they established themselves in Macau; from 1579 they had dealings with Mongolia; in 1583 they settled in the Chinese empire; in 1598, they opened missions in Pegu (Bagu) and Bengal; in 1613 they attempted the Christianisation of Madagascar; in 1615 they entered Cochinchina; in 1616 they arrived in Cambodia; in 1624 they penetrated Tibet despite countless difficulties; in 1626 they spread through Siam and in 1642 they visited the Kingdom of Laos; they departed for the Congo in 1547, sailed to Brazil in 1549, to Angola in 1560, and in 1604 they carried out energetic missionary work in the regions of Cape Verde and Guinea.

Mas era mais vasto o âmbito da sua obra: entregaram-se ao ensino da juventude em numerosos colégios; cultivaram com proficiência o estudo das línguas indígenas; exploraram geograficamente as terras que percorriam; acresceram consideravelmente os conhecimentos etnológicos sobre os povos que evangelizavam; contribuíram para o progresso dos estudos históricos; e em todos estes ramos do saber produziram tesouros de literatura que ou já foram divulgados ou dormem no sossego das bibliotecas. A este respeito, são de salientar os três grossos volumes de manuscritos que se conservam na biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, em que foram trasladadas as cartas que ano a ano enviavam para a Europa os missionários jesuítas. Porém, de maior valor, pela vastidão e rareza dos documentos, são os 61 volumes, também manuscritos, que se conservam na biblioteca da Ajuda sob o título comum de «Jesuítas na Ásia».

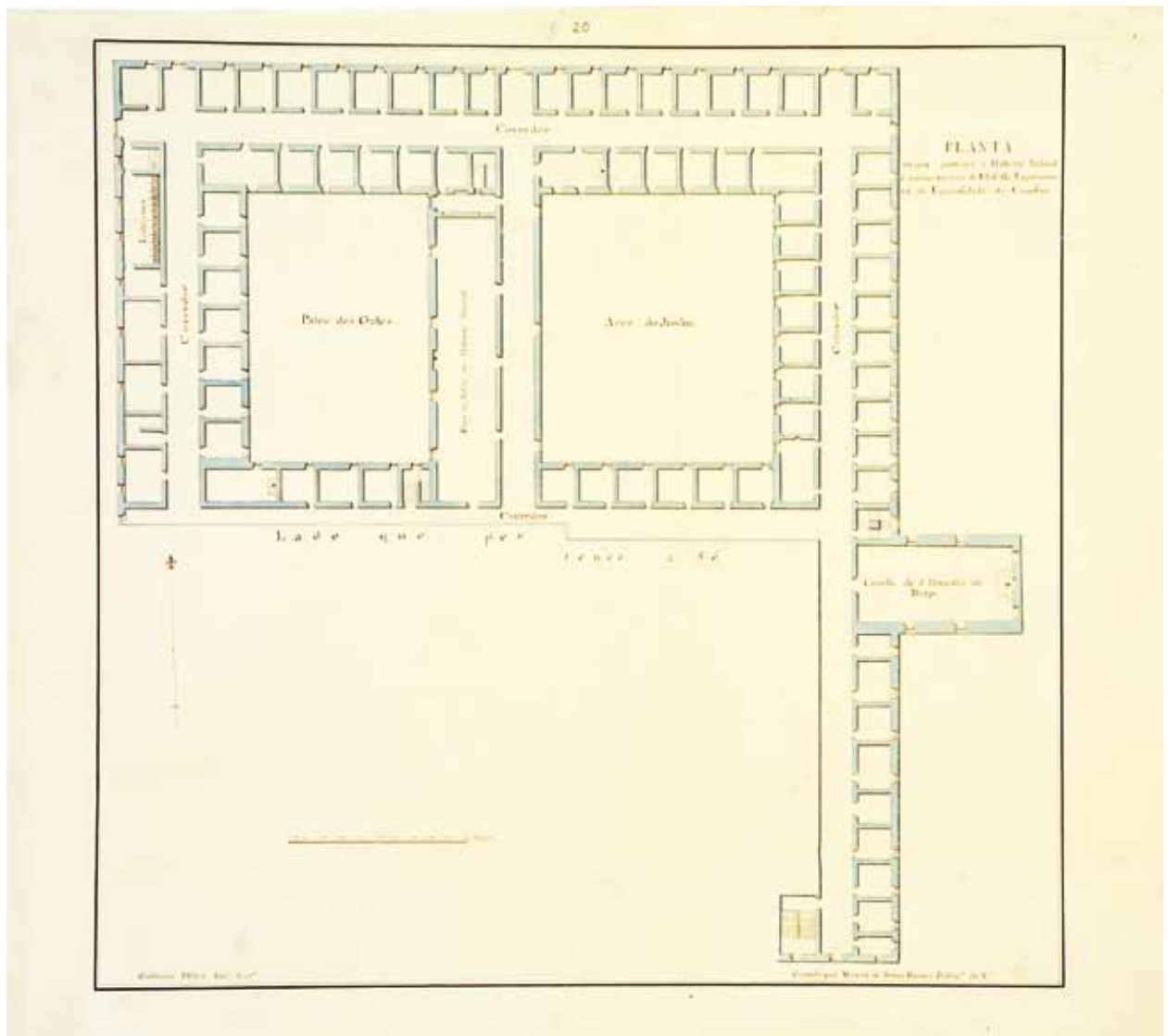
Falando agora dos *Conimbricenses*, designam-se por este nome, em sentido lato, todos os professores que leccionaram filosofia no Colégio das Artes de Coimbra desde que este centro de ensino foi confiado à Companhia de Jesus (1555) até à expulsão dos Inacianos no século XVIII. Na acepção restrita e mais comum, os *Conimbricenses* são os redactores do célebre *Curso Conimbricense* (Manuel de Góis, Baltasar Álvares, Cosme de Magalhães e Sebastião do Couto), cujos tratados, quanto às primeiras edições no nosso país, vieram a lume entre 1592 e 1606. A realização destes tratados (os *Commentarii*), na linha do movimento de restauração da filosofia aristotélico-escolástica em Portugal, baseou-se, em regra, no aproveitamento das lições manuscritas que constituíam o corpo substancial da doutrina filosófica do Colégio, que aqueles redactores alteraram e ordenaram com o recurso a cortes, aditamentos e variantes. O *Curso* consta de oito comentários a obras de Aristóteles dos domínios da filosofia natural, da ética e da lógica, ainda que só por vezes eles incidam sobre o texto integral das obras do Perípatos. A expressão uniforme latina com que principia cada um deles, excepto num caso, é a seguinte: *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu*, com uma especificação ulterior do objecto concreto de cada tratado, isto é, da obra correspondente de Aristóteles: a *Física*, o tratado sobre *O Céu*, os *Meteoros*, os *Pequenos Naturais*, a *Ética*, o tratado *A Geração e a Corrupção*, o tratado *A Alma* e a *Lógica (Universa dialectica)*. Falta o comentário à *Metafísica*, mas esta lacuna explica-se pela publicação, que já tinha sido iniciada, da obra de Fonseca sobre o mesmo assunto. Quase todos os tratados são da responsabilidade de Manuel de Góis. Exceptuam-se os apêndices ao tratado sobre *A Alma*, designadamente: *A Alma Separada* (composto por Baltasar Álvares) e *Problemas sobre os Cinco Sentidos* (de que é responsável Cosme de Magalhães). Por último, o comentário sobre a *Lógica* foi redigido por Sebastião do Couto.

But the context of their work was much wider: they dedicated themselves to the education of youth in many colleges; became proficient in the study of indigenous languages; explored the geography of the lands they crossed; considerably increased ethnological knowledge about the peoples they evangelised; contributed to the progress of historical studies; and in all these branches of knowledge produced treasures of literature that have either been published, or slumber in the quiet of libraries. In this respect, it should be noted that there are three thick volumes of manuscripts preserved in the library of the Lisbon Academy of Sciences, containing letters sent to Europe each year by Jesuit missionaries. However, of greater value, for the extent and rarity of the documents, are the 61 volumes, also manuscripts, preserved in the Ajuda Library in Lisbon, under the title “Jesuítas na Ásia” (Jesuits in Asia).

We shall now discuss the *Conimbricenses*, the term which was used, in the widest sense, to denote the teachers of Philosophy at the College of Arts in Coimbra from the time that it was given to the Jesuits (1555) until the Society’s expulsion from Portugal in the 18th century. In both the more common and the stricter sense, the *Conimbricenses* are the authors of the famous *Curso Conimbricense*: Manuel de Góis, Baltasar Álvares, Cosme de Magalhães and Sebastião do Couto; the first editions of their treatises were published in Portugal between 1592 and 1606. The completion of these treatises (the *Commentarii*), in line with the restoration movement of Aristotelian-Scholastic philosophy in Portugal, was based as a rule on the use of transcribed lessons that formed the substantial body of the philosophical doctrine of the College, which the authors edited by cutting, adding and modifying. The *Curso* consists of eight commentaries on Aristotle’s works in the fields of natural philosophy, ethics and logic, even though they only sometimes relate to the full text of the works. Except in one case, each of them begins with the same expression in Latin – *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu* – followed by a reference to the actual matter of each treatise, i.e. the corresponding work of Aristotle: the *Physics*, the treatise *De Caelo*, *Meteorologica*, *Parvae Naturalae*, *Ethics*, the treatise *De Generatione e Corruptione*, *De Anima* and *Logic (Universa dialectica Aristotelis)*. The commentary on *Metaphysics* is missing, but this gap is explained by the publication, which had already been started, of Fonseca’s work on the same subject. Almost all the treatises were written by Manuel de Góis. Exceptions are the appendices to the treatise *De Anima*, including *A Alma Separada* (written by Baltasar Álvares) and *Problemas sobre os Cinco Sentidos* (by Cosme de Magalhães). Finally, the commentary on *Logic* was composed by Sebastião do Couto. Taken together, there are more than a hundred editions of these commentaries (112, according to



«Planta do que pertence à Historia Natural e acómodações da Filosofia Experimental da Universidade de Coimbra», Guilherme Elsdén e Manuel de Souza Ramos, 1772-1773, levantamento pombalino de parte do Colégio de Jesus, antes das intervenções, BGUC, NF
«Planta do que pertence à Historia Natural e acómodações da Filosofia Experimental da Universidade de Coimbra», William Elsdén and Manuel de Souza Ramos, 1772-1773, Pombaline survey of part of Jesus College before works, BGUC, NF



No seu conjunto, estes comentários obtiveram mais de uma centena de edições (112, a acreditar em António Alberto de Andrade), a maior parte no estrangeiro. Por isso, é legítimo afirmar terem sido os professores de filosofia do Colégio das Artes dos fins do século XVI muito apreciados na Europa nos centros universitários da Companhia de Jesus e também possivelmente nalguns centros de estudo de diversas confissões da Reforma. Aliás, o conhecimento do *Curso* está mesmo presente em Descartes no que respeita a alguns tratados de filosofia natural, como demonstram os oitenta paralelismos textuais, pelo menos, referidos por Étienne Gilson. Tal divulgação ficou a dever-se a diversos factores: à excelência do método com que o *Curso* está organizado, segundo um ideal que privilegia a ordem e a integração unitária e sistemática dos diferentes ramos do saber filosófico, estando por este motivo em consonância com o espírito renascentista no aspecto pedagógico-didático; à clareza e muitas vezes à elegância da

António Alberto de Andrade), most of them found abroad. It is therefore fair to say that in the late 16th century the Philosophy teachers at the College of Arts were much appreciated in Europe, not only in the university colleges of the Society of Jesus, but also possibly in some colleges belonging to the various Reformation confessions. Moreover, knowledge of the *Curso* is even present in some of Descartes's treatises of natural philosophy, as demonstrated by the more than eighty textual parallels found by Étienne Gilson. Such dissemination was due to several factors. One was the excellence of the *Curso*'s organisational method, according to an ideal that privileges order and unified, systematic integration of the various branches of philosophical knowledge (and was thus in keeping with the Renaissance spirit in education). Another was the clarity and, often, the elegance whereby the doctrines are expounded, and also the rigorous linguistic and hermeneutic



exposição das doutrinas; à rigorosa análise filológica e hermenêutica do texto aristotélico; ao facto de o Curso ir ao encontro de certas exigências intelectuais de uma época que aspirava a recuperar a serenidade do espírito após a Reforma, pois o princípio do livre exame e a atitude crítica face à autoridade tinham introduzido, mesmo nos círculos católicos, a persuasão, que se desejava ultrapassar (e o Curso Conimbricense ia ao encontro desse anseio), de que todos os sistemas filosóficos têm um valor muito relativo; e talvez sobretudo devido à multiplicidade e à discrepância de doutrinas alternativas à Escolástica medieval, nascidas no seio do Humanismo.

Estes Conimbricenses têm sido objecto de investigação desde há bastantes anos por um professor de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que acaba de publicar uma colectânea de estudos em que a maior parte deles lhes diz respeito, incidindo os outros (excepto um) sobre o pensamento de Pedro da Fonseca (também um conimbricense, em sentido lato). (Ver Amândio Coxito, *Estudos sobre Filosofia em Portugal no Século XVI*, Lisboa, INCM, 2005, 445 pp.). Actualmente, há dois professores da mesma Faculdade que se dedicam a essa tarefa, estando também em curso (dentro do projecto «Linguagem, Interpretação e Filosofia – LIF») uma edição «on line» dos *Commentarii*, que se espera vir a servir de base a uma edição crítica (se para tal houver condições humanas e materiais). Quanto a outros Conimbricenses dos séculos XVII e XVIII, são dignos de estudo, entre outros: Cristóvão Borri (*Collecta astronomica [...] de tribus caelis, aereo, sydereo, empyreo*, Lisboa, 1631), Baltasar

analysis of the Aristotelian text. There was, too, the fact that the *Curso* met certain intellectual demands of an age which sought to recover serenity of spirit after the Reformation, since the principle of free inquiry and the critical attitude to authority had introduced, even in Catholic circles, the view that all philosophical systems have a very relative value (there was a desire to avoid this attitude, and the *Curso Conimbricense* sought to satisfy it). Perhaps, above all, it was due to the multiplicity and divergence of Humanist doctrines offering alternatives to medieval scholasticism.

The *Conimbricenses* have been investigated over many years by a Philosophy professor at the Faculty of Letters, University of Coimbra, who has published a collection of studies mainly related to them, as well as Pedro da Fonseca (also a Conimbricense, in the broadest sense). (See Amândio Coxito, *Estudos sobre Filosofia em Portugal no Século XVI*, Lisboa, INCM, 2005, 445 pp.). Currently there are two professors in the same Faculty who are working on this, and there is also an online edition of the Commentaries in progress, (in the *Linguagem, Interpretação e Filosofia – LIF* project), which is expected to serve as a basis for a critical edition (personnel and material resources permitting).

As to other *Conimbricenses* of the 17th and 18th centuries who are worthy of study there are, amongst others, the following: Cristóvão Borri (*Collecta astronomica [...] de tribus caelis, aereo, sydereo, empyreo*, Lisboa, 1631), Baltasar Teles (*Summa universae philosophiae*, Lisbon, 1642), Francisco Soares Lusitano (*Cursus philosophicus in*



Teles (*Summa universae philosophiae*, Lisboa, 1642), Francisco Soares Lusitano (*Cursus philosophicus in quattuor tomos distributus*, Coimbra, 1651), António Cordeiro (*Cursus philosophicus conimbricensis*, Lisboa, 1714), Silvestre Aranha (*Disputationes metaphysicae*, Coimbra, 1740; *Disputationum physicarum adversus atomisticum systema [...] pars prima*, Coimbra, 1747). No entanto, como a experiência ensina, é frágil a expectativa de virem a aparecer investigadores verdadeiramente interessados a dedicarem-se a estas matérias, quer pela sua relativa aridez, quer por se julgarem destituídas de interesse, quer pelo geral desconhecimento do Latim.

De todos os *Commentarii* dos Conimbricenses, os mais ricos de conteúdo são os referentes à *Lógica*, incidindo não apenas sobre a lógica propriamente dita, mas também sobre a filosofia geral do conhecimento, sobre a semiótica, sobre a filosofia da ciência e sobre a metodologia

Se destacarmos em primeiro lugar a problemática da semiótica, temos de reconhecer que o conimbricense Sebastião do Couto revela sobre este tema uma assinalável originalidade, por ter explorado, ainda que com naturais limitações, a função pragmática da linguagem (a sua função externa), em contraste com os autores medievais, que não tinham ultrapassado o estudo da função semântica (a interna), pois eles interpretaram a linguagem apenas como um sistema de representações que facilita o conhecimento, possibilitando informações acerca do mundo, do próprio pensamento e do das outras pessoas. Neste caso, ela assimila-se ao domínio do conhecimento

quattuor tomos distributus, Coimbra, 1651), António Cordeiro (*Cursus philosophicus conimbricensis*, Lisbon, 1714), Silvestre Aranha (*Disputationes metaphysicae*, Coimbra, 1740; *Disputationum physicarum adversus atomisticum systema [...] pars prima*, Coimbra, 1747). However, there is only a fragile hope that genuinely interested researchers will appear to engage with these materials, perhaps because of their relative dryness, or because they are seen as uninteresting, or because of the general ignorance of Latin.

Of all the *Conimbricenses' Commentarii*, the richest in content are concerned with *Logic*, focusing not only on logic itself, but also on the general philosophy of knowledge, on semiotics, on the philosophy of science and on methodology.

First, the area of semiotics: Sebastião do Couto reveals a remarkable originality in this subject, exploring, though with natural limitations, the pragmatic function of language (its external function) in contrast to medieval authors, who did not venture beyond the study of semantics (the internal function), since they interpreted language merely as a system of representation that facilitates knowledge, providing information about the world, about their own thought and that of other people. With them, it is assimilated into the field of knowledge in general: words and expressions direct the mind to the objects that they signify. But for Sebastião do Couto, the fact that to avail ourselves of these words immediately signifies our concepts, means that the intention of the sender is mainly to communicate his thoughts to others, as required by the relationships of individuals as social

em geral: palavras e expressões dirigem o espírito para objectos que elas significam. Mas para aquele nosso filósofo, o facto de, segundo ele, ao servirmo-nos das palavras estas significarem imediatamente os nossos conceitos quer dizer que a intenção do emissor é sobretudo a de comunicar aos outros os seus pensamentos, como o exigem as relações dos indivíduos enquanto seres sociais. Neste caso, a linguagem pode ser assimilada ao domínio da acção humana em geral.

É certo que para além de conceitos as palavras significam também directamente coisas (estamos aqui perante uma atitude ecléctica, propondo-se conjugar duas tradições diferentes, respectivamente a tomista e a escotista). Na verdade, a significação é uma consequência da imposição (da *impositio nominis*), que visa simultaneamente as *res* e os *conceptus*. Mas há uma diferença: o primeiro caso está explícito em cada uma das palavras, pois em última instância são sempre as coisas o que elas dão a conhecer; o segundo caso verifica-se de um modo virtual e implícito, mas a referida imposição é igualmente irrecusável, dado que os homens pretenderam antes de mais manifestar os seus conteúdos cognitivos ao falarem sobre as coisas: «Quando ouvimos as palavras, imediatamente o nosso espírito é impelido para a percepção de coisas determinadas, certificando-se ao mesmo tempo dos conhecimentos dos falantes [cuja primeira intenção foi a de comunicar tais conhecimentos]; deste modo, ouvidas as palavras, apercebemo-nos dos juízos e das apreensões das pessoas acerca das coisas». Para se compreender melhor o estatuto de uma e de outra imposição, o Conimbricense raciocina desta maneira: na obtenção dos meios em função de um fim (o de comunicar pensamentos), embora se exija expressamente a volição dos meios (a imposição das palavras às coisas), é suficiente a volição implícita dos fins (isto é, do acto de comunicar e, por conseguinte, da imposição das palavras aos conceitos).

Pelo que ficou exposto, percebe-se que o Conimbricense, pese embora a insuficiência das suas análises, atendeu (como, aliás, ninguém antes o tinha feito) à dimensão pragmática do sinal linguístico. O acento tónico que ele põe na linguagem como instrumento de comunicação (e não apenas como sistema semântico de representações) é de facto uma surpresa muito positiva. Por esse motivo, a sua análise dos sinais linguísticos está predominantemente orientada para o ponto de vista do emissor. Sendo assim, a questão para ele não deveria ser apenas: «O que significa um sinal linguístico?». Mas também: «O que é que um emissor pretende significar com um sinal?».

beings. In this case, language can be assimilated into the field of human action in general.

It is true that besides concepts, words also mean things directly (we are dealing here with an eclectic approach, aiming to combine two different traditions, the Thomist and the Scotist). In fact, meaning is a consequence of imposition (the “*impositio nominis*”), which serves as both the “*res*” and the “*conceptus*”. But there is a difference: the first case is explicit in each word, because ultimately, it is always the things that they reveal; the second case is seen in a virtual and implicit form, but the imposition certainly also exists, since humans want above all to express cognitive content when talking about things: “When we hear the words, our mind is immediately drawn to the perception of certain things, at the same time verifying the knowledge of the speakers [whose first intention was to communicate this knowledge], so that hearing the words, we are aware of the judgments and the concerns of people about things.” To better understand the status of each of the impositions, Couto reasons thus: in providing the means according to a purpose (to communicate thoughts), although it expressly requires the volition of the means (the imposition of words on things), implicit volition is sufficient for the purposes (i.e. the act of communicating, and therefore the imposition of words on concepts).

From the above, it can be seen that, despite inadequate analysis, Couto attended to the pragmatic dimension of the linguistic sign (as, indeed, no one had done before). The emphasis he places on language as a communicative tool (and not just as a system of semantic representation) is in fact a very positive surprise. For this reason, his analysis of linguistic signs is predominantly oriented towards the point of view of the sender. Therefore, the question for him is not only “What does a linguistic sign mean?”, but also “What does a sender wish to signify by a sign?”

A fascinating subject, also treated in the *Logic*, relates to the origin and knowledge of the first principles of science as indemonstrable propositions (because if they had been demonstrable, they would not be absolutely first principles and would only have been known from others; it is impossible to go back to infinity, otherwise there would be no demonstration). A preliminary problem for Couto here is whether the “habits” of the first principles exist in us by nature. A first view (attributed to Durando and Domingos de Soto, and with which some *Recentiores* philosophers would agree, all claiming they were based on St. Thomas Aquinas), asserted that this habit was in fact natural and not acquired; as such, it does not “add” to the intellectual faculty but is the same as it – meaning that the intellect has, by its very

☒ *Commentarii Collegii Conimbricensis Societate Iesv, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritae. Typis et expensis Antonij à Mariz Vniuersitatis Typographi, Conimbricae, 1592, BGUC*
Commentarii Collegii Conimbricensis Societate Iesv, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritae. Typis et expensis Antonij à Mariz Vniuersitatis Typographi, Conimbricae, 1592, BGUC



☒ *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv, In quatuor libros de coelo Aristotelis Stagiritae. Ex officina Simonis Lopefij, Olisipone, 1593, BGUC*
Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv, In quatuor libros de coelo Aristotelis Stagiritae. Ex officina Simonis Lopefij, Olisipone, 1593, BGUC



Num outro domínio, um assunto deveras interessante, tratado ainda na *Lógica*, diz respeito à gênese e ao conhecimento dos primeiros princípios das ciências, enquanto proposições indemonstráveis (pois, se fossem demonstráveis, não seriam absolutamente primeiras e só seriam conhecidas a partir de outras; ora, não é possível remontar ao infinito, de contrário não haveria demonstração). Um problema preliminar que o nosso pensador coloca sobre esta questão é se os “hábitos” dos primeiros princípios existem em nós por natureza. Uma primeira opinião (atribuída a Durando e a Domingos de Soto e com a qual estariam de acordo alguns filósofos “recentiores”, pretendendo todos eles basear-se em S. Tomás) assevera ser tal hábito de facto natural e, portanto, não adquirido; enquanto tal, não se “acrescenta” à faculdade intelectual, mas é a mesma coisa que ela, significando ter o intelecto, pela sua própria natureza, facilidade em captar os primeiros princípios (pelo menos os mais evidentes) e em dar-lhes assentimento.

Outro ponto de vista (que teria sido o de Capreolo) sustenta ser aquele hábito uma qualidade “acrescentada” à faculdade, sendo, assim, distinta dela. Rejeita, no entanto, que seja adquirido pela

nature, the facility to grasp the first principles (at least the most obvious ones) and assent to them.

Another view (that of Capreolus) holds that habit is a quality “added” to the faculty, and is thus distinct from it. It rejects, however, the idea that it is acquired by the repetition of many acts, saying rather that it was instilled in us at the time of the creation of the soul, and is therefore innate, as demonstrated by the fact that the most universal principles are the foundation of all sciences. But the “most common and true” opinion (and therefore supported by Couto) is the recognition that habits are really distinct from intellect and are acquired through continuous mental training. That habits in general are considered to be “added” to the intellectual faculty and distinct from it (thus not natural) is justified by daily experience, which shows that when one contemplates issues of morality, science or art, one is more disposed to think or act in a certain way. Now, the same is true with regard to the habits of the principles, for the same experience proves that acquiring the knowledge of them becomes easier and more solid the more often we think about them. In conclusion, habit does not precede the act of affirmation of the principles

repetição de muitos actos; ao contrário, foi incutido em nós no momento da criação da alma, pelo que é inato, como o exige o facto de os princípios mais universais serem o fundamento de todas as ciências. Mas a opinião “mais comum e mais verídica” (e, portanto, a que é apoiada pelo Conimbricense) é a que reconhece serem os hábitos realmente distintos do intelecto e, por outro lado, adquiridos através de um exercício mental continuado. Que os hábitos considerados na sua generalidade sejam «“acrescentados” à faculdade intelectual e distintos dela (não sendo por isso naturais) justifica-se pela experiência quotidiana ao ensinar que, quando alguém se exercita sobre questões de moral, de ciência ou de arte, se dispõe mais facilmente a pensar ou a agir num determinado sentido. Ora, o mesmo sucede no que respeita aos hábitos dos princípios, pois a mesma experiência comprova ser o seu conhecimento mais fácil e sólido se reflectirmos sobre eles muitas vezes. Em conclusão, o hábito não precede o acto de afirmação dos princípios (isso seria inatismo), mas acompanha-o, «predispondo o espírito para actos semelhantes ao primeiro».

Na sequência desta sua tese, o Conimbricense põe o problema de saber se a origem do conhecimento dos primeiros princípios se situa na experiência (quer dizer, na indução) ou, diversamente, no “*lumen intellectus*” com a percepção clara dos termos. Esta questão é algo complexa, e as soluções a seu respeito não são concordantes, divergindo segundo as tendências das escolas filosóficas, designadamente da tomista e da escotista. Diz-nos o Conimbricense que o argumento invocado por muitos para explicar a génese indutiva dos primeiros princípios é o facto de o nosso intelecto estar intimamente dependente dos sentidos, motivo por que sem perigo de erro não podemos dar anuência a uma proposição se ela não estiver estribada na percepção de casos singulares. Seria então a partir destes que o espírito descobriria os princípios universais, indutivamente. A principal justificação deste processo indutivo aparece no último capítulo dos *Segundos Analíticos* de Aristóteles, que contém, segundo Le Blond, «a mais firme solução apresentada por Aristóteles para o problema do conhecimento dos princípios» e no qual, como refere Hamelin, o Peripato disse sobre ele «a última palavra». No entanto, como depois iremos ver, esta última palavra não se restringe à defesa daquele processo. Acrescente-se que na peugada de Aristóteles também em S. Tomás, na *Exposição sobre os Segundos Analíticos*, a indução é invocada expressamente como condição da génese e do conhecimento daqueles princípios.

Quanto à doutrina do Conimbricense, no mesmo texto em que ele expõe o argumento dos partidários da indução declara também os motivos do seu desacordo em relação a ela. Antes de mais, uma das

(which would be Innatism), but accompanies it, “predisposing the mind to acts similar to the first.”

Following this thesis, Couto asks whether the source of knowledge of first principles lies in experience (i.e. induction), or rather in the *lumen intellectus* with the clear understanding of the terms. This question is somewhat complex, and solutions to it are not consistent, diverging according to trends in philosophical schools, particularly the Thomist and the Scotist. According to Couto, the argument put forward by many to explain the inductive genesis of first principles is that our intellect is closely dependent on the senses, which is why we cannot reliably agree to a proposition if it is not anchored in the perception of individual cases. It would then be from these that the mind would discover the universal principles inductively. The main justification for this inductive process appears in the last chapter of Aristotle’s *Posterior Analytics*, which contains, according to Le Blond, “the firmest solution by Aristotle to the problem of knowledge of principles”, and on which, as Hamelin stated, Aristotle had “the last word”. However, as we shall see later, this last word is not restricted to the defence of that process: Aquinas’s *Commentary on the Posterior Analytics* also follows in Aristotle’s footsteps, for here too, induction is specifically invoked as a condition of the origin and knowledge of those principles.

As to the doctrine of Sebastião do Couto, in the same text in which he expounds on the argument of the supporters of induction, he also states the reasons for his disagreement with it. Firstly, one reason for the failure of the inductive method is that the experience on which it is based is contingent and often deceptive, while the principles are necessary and evident. The knowledge of them constitutes science *par excellence*. Moreover, from experience it is only possible to prove the conjunction of subject and predicate of judgments in individual cases, but not to discover their contingency or necessity (their necessary connection); yet, the latter always accompanies the principles. It is not through the sensory perception of a few concrete things together with their respective parts that the judgment “the whole is greater than the part” is conceived as necessary, but for another reason. Hence, experience is not the reason for assenting to the principles: it is merely supports them, preparing the intellect to be brought more promptly to assent.

We should go a little deeper into the thought of Couto here. The exercise of the senses is essential, of course, in the apprehension of objects, whose simple concepts, products of mental abstraction, are the elements of judgments and, in the case that we now take, judgments concerning principles. But the source of the knowledge of these does not require experiential awareness of facts or complex cognitions

Δ Est. 2. n. 7.

COMMENTARII
COLLEGII
CONIMBRICENSIS
E SOCIETATE IESV.
IN VNIVERSAM DIALECTICAM
Aristotelis Stagirita.



Mano. 2. Mexu
Do Collegio de S. I. e.
de Carmelitas de S. I. e.

CONIMBRICA,
Ex Officina **Didaci Gomez Loureyro** Vniuersitatis Ar-
chitypographi. Anno Domini **MDCVI.**
Cum Privilegio Regis, & Facultate Superiorum.

razões da incapacidade do método indutivo está em que a experiência em que ele se funda é contingente e muitas vezes falaz, ao passo que os princípios são necessários e evidentes, constituindo o seu conhecimento a ciência por excelência. Para além disso, pela experiência só é possível comprovar a conjunção do sujeito e do predicado dos juízos em casos particulares, mas não descobrir nem a sua contingência nem a sua necessidade (a sua conexão necessária); ora, esta última acompanha sempre os princípios. Não é pela percepção sensível de alguns todos concretos conjuntamente com as respectivas partes que o juízo «um todo é maior que a sua parte» é pensado como necessário, mas por outra razão. Daí que a experiência não seja a causa do assentimento aos princípios: ela é meramente coadjuvante, preparando o intelecto para que com maior presteza seja levado a assentir.

Importa desenvolver um pouco mais o pensamento do nosso filósofo sobre este ponto. O exercício dos sentidos é indispensável, como é óbvio, na apreensão dos objectos, cujos conceitos simples, produtos da abstracção mental, são os elementos dos juízos e, no caso a que agora importa atender, dos juízos acerca dos princípios. Porém, a origem do conhecimento destes não exige a percepção experiencial de factos ou de complexos *a parte rei* que o intelecto abstraísse, formando os correspondentes complexos mentais, que são os princípios enquanto conhecidos (por exemplo, quanto ao princípio de causalidade, não é exigida a percepção de um efeito actualmente produzido por uma causa). O que se passa é o seguinte: apreendendo pelo sensorio, v. g., um todo e também a sua parte, o intelecto abstrai as respectivas noções incomplexas e, reflectindo reiteradamente sobre elas, estabelece o princípio «o todo é maior que a parte», que é conhecido por um acto de intuição (pelo “*lumen intellectus*”) com base na simples análise dos termos ou da sua significação e não por virtude da experiência de um todo conjuntamente com a das suas partes. Para além do papel secundário antes mencionado, a experiência só intervém aqui de uma maneira remota, dada a necessidade de conhecer previamente os objectos sobre os quais recai a abstracção das noções.

É interessante verificar ser esta também a opinião de António Andreas, discípulo de Escoto, para quem o Conimbricense remete. Aliás, já o próprio Escoto tinha inculcado este ponto de vista. Diferente deste foi o parecer de alguns tomistas (designadamente do Ferrariense e de Caetano), segundo os quais os princípios se originam na abstracção imediata e repetida de complexos dados na experiência ou de nexos objectivos, não bastando o conhecimento dos termos incomplexos obtido por abstracção do sensível e a sua análise e comparação. Neste caso, conhecer experiencialmente a complexão significa conhecer os factos em que se baseia a indução. Segundo esta doutrina, o estabelecimento dos princípios faz-se, pois, por um processo discursivo ou

a parte rei, abstracted by the intellect and forming the corresponding propositions, which are known as the principles (for example, regarding the principle of causality, the perception of an effect actually produced by a cause is not required). What happens is this: apprehended by the sensorium, e.g. a whole and its part, the intellect abstracts the respective incomplex ideas and, reflecting on them repeatedly, establishes the principle that “the whole is greater than the part”, which is known as an act of intuition (the *lumen intellectus*) based on simple analysis of the terms or their meaning, and not by virtue of the experience of a whole together with its parts. In addition to the secondary role mentioned above, experience is only remotely involved here, given the need to know in advance the objects on which the abstraction of ideas is based.

It is interesting to note that this is also the opinion of Antonius Andreas, a disciple of Scotus, to whom Sebastião de Couto refers; this was a view already propounded by Duns Scotus himself. The opinion of some Thomists was different, especially Ferrariensis and Thomas Cardinal Cajetan (Gaetanus). According to them, principles originate in the immediate and repeated abstraction of complex data in experience or objective connections – the knowledge of incomplex terms obtained by abstraction from the senses, analysis and comparison is not enough. Thus, to know the complex whole experientially, means to know the facts on which the induction is based. According to this doctrine, the establishment of principles therefore becomes a process of discourse or reasoning. But, Couto objects, “knowledge of the principles (...) is not discursive”, as it is not obtained by induction. “True discourse requires that previous knowledge is the cause *per se* and the basis of assenting to the conclusion, but that is not what occurs in the knowledge of principles.” In fact, awareness of the principle “the whole is greater than the part” does not suppose several individual cases being seen beforehand as causes where a determined whole is greater than its parts. When assent is given to well-known principles, the truth is intuited “as absolute and independent”; in his view, we do not know them from previous truths, since they are absolutely the first, endowed with an immediate and infallible certainty, which would not occur if they were derived from propositions concerning the facts of experience. Experience, in addition to its necessity in the formation of concepts, has only the secondary function of “removing the fear of the intellect in formulating its judgments”, in that it predisposes the intellect to do this; but it is the intellect that “by its own light and analysis of the terms, decides in a satisfactory manner to assent”. It should be understood, however, that the purpose of the Thomists in requiring the intervention of intellectual knowledge of the complex *a parte rei* is to better ensure the objectivity of the principles, the basis of their absolute value.

por raciocínio. Mas – objecta o Conimbricense – «o conhecimento dos princípios (...) não é discursivo», na medida em que não é obtido por indução. «O verdadeiro discurso exige que o conhecimento antecedente seja a causa *per se* e o fundamento da anuência à conclusão; mas não é isso que se verifica no conhecimento dos princípios». De facto, a apreensão do princípio «o todo é maior que a parte» não supõe que se percebam previamente, como causas, diversos casos singulares em que se verifique ser um determinado todo maior que a sua parte. Quando se dá assentimento aos princípios perfeitamente conhecidos, intui-se a sua verdade «como absoluta e independente»: não os conhecemos a partir de verdades anteriores, uma vez que eles são absolutamente primeiros e dotados de uma certeza imediata e infalível, o que não se verificaria – escreve o Conimbricense – se derivassem de proposições referentes a factos da experiência. Esta, para além da sua necessidade na formação dos conceitos, tem unicamente a função secundária de «remover o receio do intelecto na formulação dos seus juízos», na medida em que o predispõe para isso; mas é o intelecto que «pela sua própria luz e pela análise dos termos se determina de um modo suficiente a assentir». Deve, porém, compreender-se o propósito dos tomistas ao exigirem a intervenção do conhecimento intelectual do complexo *a parte rei*: ele visa garantir melhor a objectividade dos princípios, base do seu valor absoluto.

É agora o momento de apresentar a segunda parte da «última palavra» de Aristóteles sobre este assunto. No fim do último capítulo dos *Segundos Analíticos*, o Perípato passa bruscamente para outro plano de pensamento segundo o qual «é uma intuição que apreenderá os princípios». O problema está então em conciliar intuição e indução, o que parece difícil, uma vez que a segunda significa um caminho para qualquer coisa, e a actividade intuitiva (o *nous*) reveste um carácter quase instantâneo. Por isso, o relacionamento que faz Aristóteles destas duas funções não pode deixar de ser uma fonte de profundo embaraço, como o atestam os diferentes pontos de vista dos intérpretes. O mesmo problema sobressai em S. Tomás, que num passo da *Exposição sobre a Metafísica* (e também noutros) expõe uma doutrina diferente da que se depara na obra anteriormente mencionada. Por esta razão, deve realçar-se o esforço do Conimbricense no sentido de ultrapassar uma dificuldade que se colocou a muitos dos seus antecessores medievais. No entanto, a noção de “intuição” a que ele recorre é necessariamente imperfeita e o seu mecanismo algo misterioso. E apresentá-la como alternativa para explicar o conhecimento dos primeiros princípios parece uma solução demasiado fácil.

Tendo a ver com uma preocupação aracteristicamente renascentista, Sebastião do Couto tem em conta de um modo especial a problemática do método. No entanto, este tema não é estudado

We should now consider the second part of Aristotle’s “last word” on this subject. At the end of the last chapter of the *Posterior Analytics*, Aristotle passes abruptly to another plane of thought, according to which “it will be intuition that apprehends primary premisses”. The problem is then to reconcile intuition and induction, which seems difficult, since the latter means a path leading to something and intuitive reason (the *nous*) is almost instantaneous by nature. Consequently, the relationship that Aristotle draws between these two functions never ceases to be a source of deep embarrassment, as evidenced by the views of the different interpreters. The same problem emerges in Aquinas, who, in a passage of his *Commentary on Metaphysics* (and elsewhere), expounds a different doctrine from that proffered in the work mentioned above. For this reason, the effort of Couto to overcome a difficulty that arose for many of his medieval predecessors should be noted. However, the concept of “intuition” to which he refers is necessarily imperfect and its mechanism somewhat mysterious; presenting it as an alternative to explain the knowledge of first principles seems too easy a solution.

With a characteristically Renaissance concern, Sebastião do Couto pays special attention to the problem of method. However, this issue is not studied systematically in any of the treatises that constitute the *Curso Conimbricense*. There are only sporadic references to the “doctrinal method” or the explanatory process and organisation of teaching materials, in which we find a greater consistency of methodological processes than in Pedro da Fonseca, with the selection of a principle of economy inspired by a passage in Aristotle’s *De Partibus Animalium*, according to which the transmission of knowledge should always move from the most general to the most particular, thus avoiding constant repetition of the same data. But the methodology of the *Conimbricenses* should be studied, especially in what concerns the way it is applied to the preparation of the *Curso*: the structuring of the various treatises and the discussion of problems.

From this point of view, the most important facts are as follows: a) the general introductions to all the treatises, including the comments on *Physics* and *Logic*, can to some extent be considered as true introductions to philosophy in general; b) the summaries that precede the various books that comprise each treatise and also, in the comments on *Logic*, the abstracts which precede each chapter, are a model of clarity and conciseness, placing before the reader the essence of the chapters and the books of Aristotle; c) the presentation of Aristotle’s text before each chapter, at the centre of the page (translated into Latin in Portuguese editions and also in the original Greek in foreign editions), with the respective *explanatio* or clarification, which accompanies, broadly, the Aristotelian doctrine present in the text (exceptions to this rule are the *Commentarii in libros*

sistematicamente em qualquer dos tratados que constituem o Curso Conimbricense. Existem apenas referências esporádicas ao «método de doutrina» ou ao processo de exposição e ordenação dos materiais de ensino, em que deparamos com uma maior uniformidade do que em Pedro da Fonseca dos processos metodológicos, com a opção por um princípio de economia inspirado num passo de *As Partes dos Animais* de Aristóteles, segundo o qual na transmissão do saber deve caminhar-se sempre do mais geral para o mais particular, evitando, assim, a repetição constante dos mesmos dados. Mas a metodologia dos Conimbricenses deve ser estudada sobretudo nas suas aplicações à elaboração do Curso no que respeita à estruturação dos diversos tratados e à discussão dos problemas.

Dentro desta óptica, os factos de maior relevância são os seguintes: a) as introduções gerais a todos os tratados, entre as quais as dos comentários à *Física* e à *Lógica* podem considerar-se, até certo ponto, verdadeiras introduções a toda a filosofia; b) as sínteses que antecedem em cada tratado os diversos livros que o constituem e ainda, nos comentários à *Lógica*, as sumas que precedem a explanação de cada capítulo: umas e outras são um modelo de clareza e concisão, pondo perante o leitor o essencial dos capítulos e dos livros de Aristóteles; c) a apresentação antes de cada capítulo do próprio texto do Perípatos, ao centro da página (traduzido para Latim nas edições portuguesas e também no original grego nas edições estrangeiras), envolvido pela respectiva «explanatio» ou esclarecimento, em traços gerais, da doutrina aristotélica presente no texto (são excepções a esta regra os *Commentarii in libros Meteororum*, os *Commentarii in Parva Naturalia* e as *Disputationes in libros Ethicorum ad Nicomachum*; mas este facto é ainda motivado por razões pedagógicas, concretamente por razões de concisão, «necessária aos ouvintes de Filosofia, que devem realizar o seu currículo de Artes em tempo prefixado»); d) a estrutura da «quaestio», progredindo mediante posições, contraposições, dúvidas e conclusão final, segundo um processo dinâmico de transmissão de conhecimentos. Estes procedimentos obedecem ao princípio de que «na transmissão do saber deve existir uma determinada ordem, tratando-se em primeiro lugar aqueles assuntos que são os mais gerais e expondo seguidamente os aspectos parcelares, uns após outros e na devida altura».

Poder-se-ia ainda tomar como exemplo elucidativo a «quaestio» V do Proémio da *Lógica*. Segundo a ordem mencionada, os «*articuli*» tratam sucessivamente: do objecto em geral de qualquer ciência; das opiniões inaceitáveis sobre o tema e da sua refutação; da apresentação do ponto de vista próprio; e, finalmente, do esclarecimento das objecções que contra ele possam aduzir-se. Mas

Meteororum, *Commentarii in Parva naturalia* and the *Disputationes in libros Ethicorum ad Nicomachum*; but this is also motivated by academic reasons, specifically the brevity “necessary for the students of Philosophy to finish the Arts course within the prescribed time limit”); d) the structure of the *quaestio*, which progresses through positions, oppositions, questions and final conclusion, according to a dynamic process of knowledge transmission. These procedures follow the principle that “the transmission of knowledge must be in a certain order, in the first place dealing with the more general issues, and then expounding on the particular points, one by one and at the appropriate time”.

Quaestio V of the Proem to *Logic* can be taken as an illustrative example. In the order mentioned above, the *articuli* successively deal with: the general object of any science; inadmissible opinions on the subject and their refutation; presentation of one’s own view; and finally, clarification of any objections that may be adduced to it. But each *articulus* also has an ordered structure, beginning with the broader aspects, presenting historical data and clarifying questions of terminology when necessary, followed by a list of arguments to support or refute the doctrine under discussion, and a final synthesis.

From all the foregoing evidence, it emerges that the conceptions and especially the practice of the *Conimbricenses* are committed to the problem of teaching the “arts”. In this they show an attitude common to all the dialectics of the time. Thus, method and teaching are inseparable concepts from the perspective of the Coimbra teachers; or rather, the absence of method can only result in confusion, of both the mind and the subject of each science. However, it should be recognized that this ideal of order was not unique to the Renaissance mind. What happened was that the Renaissance emphasized a *forma mentis*, originally medieval, in the field of the content of knowledge, reflected in the cosmological conception of perfection and harmony of the Universe. Hence, in practice, the study programme and teaching method aimed to shape the mind of the student, making him aware that a fragmented and confused knowledge is a transgression of the natural order of things. As Manuel de Góis writes in the commentaries on *Physics*, “Just as in the Universe nothing is more divine or more beautiful to the sight than order, this is also the case with the doctrines, on which nothing bestows more splendour and dignity than the order and the disposition of the matters that are the subject of education. Failing this, everything will fall prostrate like joints without nerves and connection, dissolving in a frivolous and hazy confusion”.

Finally, it is important to note a problem in the penultimate book of the *Logic* (the *Topics*). The study

☑
Sé Nova, Colégio de Jesus, LFA, IGESPAR, 2006
New Cathedral, Jesus College, LFA, IGESPAR, 2006





também cada “*articulus*” possui uma estrutura ordenada, principiando pelos aspectos mais genéricos, com a apresentação dos dados históricos e o esclarecimento de questões de terminologia, quando necessário, a que se segue a enumeração dos argumentos que possam apoiar ou infirmar a doutrina em discussão, com uma síntese final.

De tudo o que ficou dito transparece com evidência que as concepções e sobretudo a prática dos Conimbricenses estão comprometidas com o problema da pedagogia das «artes». Nisso eles revelam uma atitude comum a todos os dialéticos do seu tempo. Assim, método e ensino são conceitos inseparáveis na perspectiva dos professores de Coimbra; ao contrário, da ausência de método só pode resultar a confusão, tanto ao nível dos espíritos como do objecto de cada ciência. Deve, porém, reconhecer-se que este ideal de ordem não era exclusivo da mentalidade renascentista. O que aconteceu foi que o Renascimento acentuou no campo dos conteúdos do saber uma *forma mentis* originariamente medieval, reflectida na concepção cosmológica da perfeição e da harmonia do Universo. Nesta base, a prática do método nos planos de estudo e no ensino tinha como finalidade formar o espírito do aluno, dando-lhe a consciência de que um saber disperso e confuso é uma transgressão da ordem natural das coisas, tal como escreve Manuel de Góis nos comentários à *Física*: «Do mesmo modo que no Universo nada há mais divino nem mais belo para a vista do que a ordem, outro tanto sucede com as doutrinas, às quais nada outorga maior esplendor e dignidade que a ordem e a disposição dos assuntos que são objecto de ensino. Se isto faltar, tudo cairá

of this matter, or of dialectical syllogism (as a tool of probable knowledge), occupies scarcely 9 pages in the *Curso Conimbricense*, nearly all filled with the Latin translation of Aristotle’s text and its *explanatio*, without any allusion to the theory of dialectical *places* (topics), so much in vogue in the Renaissance. In contrast, the doctrine of the *Posterior Analytics*, which contains the theory of scientific demonstration, is developed over 160 compact and densely written pages. It is true that at the end of the exposition of the topics the reader is referred to the work of Fonseca (*Instituições Dialécticas*), if he is interested in knowing the theory of *places*. But reading between the lines, this means that in the view of the writer of *Logic* (and indeed, the authorities of the Society of Jesus) that theory was already irrelevant. This might be related to the movement of the Counter-Reformation, and more directly to the letter and spirit of the *Ratio Studiorum*, issued in the final version for the whole Society of Jesus in 1599, ordering the teachers of Philosophy not to depart from Aristotle (i.e. what was believed to be genuine Aristotle).

The rules of conservatism imposed on religious speculation were extended to philosophical speculation itself; and Aristotle, the inspiration of medieval philosophy and science, became a kind of Father of the Church. Thus, the new tendencies revealed by the Renaissance spirit attracted growing suspicion from the defenders of orthodoxy in the countries that remained faithful to the Church of Rome after the Reformation. The defence of Catholic dogma required the strengthening of the Aristotelian concept of science expressed in the *Analytics*, and defeat of the probabilism inherent in the

prostrado como articulações sem nervos e sem ligação, dissolvendo-se numa confusão frívola e torva».

Por fim, é importante assinalar o sentido de uma problemática relativa ao penúltimo livro da *Lógica* (os *Tópicos*). O estudo desta matéria ou do silogismo dialéctico (como instrumento do conhecimento provável) ocupa no Conimbricense umas escassas 9 páginas, quase todas ocupadas com a tradução latina do texto de Aristóteles e respectiva “*explanatio*”, sem qualquer alusão à teoria dos “lugares” dialécticos, tão em voga na época renascentista. Em contrapartida, a doutrina dos *Segundos Analíticos*, que contém a teoria da demonstração científica, aparece desenvolvida ao longo de 160 páginas compactas e densas. É certo que no fim da exposição dos tópicos se remete o leitor para a obra de Fonseca (*Instituições Dialécticas*), no caso de ele estar interessado em conhecer a teoria dos “lugares”. Mas, lendo nas entrelinhas, isso significa que na perspectiva do redactor da *Lógica* (e certamente dos responsáveis da Companhia de Jesus) aquela teoria era já destituída de interesse. Este facto parece dever ser interpretado em consonância com o movimento da Contra-Reforma e mais directamente com a letra e o espírito do *Ratio studiorum*, promulgado em versão definitiva para toda a Companhia de Jesus em 1599, que ordenava não deverem os professores de Filosofia apartar-se de Aristóteles (isto é, do que se pensava ser o Aristóteles genuíno).

As normas de conservantismo impostas à especulação religiosa são estendidas à própria especulação filosófica; e o Perípato, o inspirador da filosofia e da ciência medievais, torna-se uma espécie de Padre da Igreja. Por esse motivo, as novas tendências reveladas pelo espírito renascentista atraem cada vez mais sobre si as suspeitas dos defensores da ortodoxia nos países que se mantiveram fiéis à Igreja de Roma após a Reforma. A defesa do dogma católico exigia o reforço da concepção aristotélica da ciência expressa nos *Analíticos* e a superação do probabilismo inerente ao cultivo da lógica tópica. O pensamento problemático que este tipo de lógica pressupõe cede perante a acentuação do pensamento sistemático e dogmático. Daí que tempos depois a Escolástica entre nós tenda a voltar-se sobre si mesma, repisando as antigas doutrinas e recusando as lufadas de ar fresco das novas ideias. O espírito indagador e crítico expresso ainda na doutrina lógica de Fonseca ficou, assim, como um facto isolado dentro da Escolástica portuguesa, pelo menos até finais do século XVII.

encouragement of topical logic. The problematising thought which this kind of logic presupposes gave way to an emphasis on systematic and dogmatic thinking. It was because of this that Scholasticism in Portugal later tended to turn in on itself, repeating old doctrines and retreating from the fresh winds of new ideas. The spirit of critical questioning expressed in the doctrine of Fonseca remained, therefore, an isolated event in Portuguese Scholasticism, at least until the late 17th century.



Tradição & Dissidência: Coimbra na Literatura Moderna e Contemporânea

Tradition & Dissent: Coimbra in Modern and Contemporary Literature

Um potencial ambivalente

Haverá sempre, por todo o lado, um espírito do lugar?

Certo é que só nalguns casos o *genius loci* alcança fortuna história de catalisador das sensibilidades e de polarizador das representações artísticas. Certo é que só em poucos desses casos essa fortuna ganha as dimensões e as variáveis que Coimbra conquistou na cultura e no imaginário portugueses, em especial na modernidade romântica e pós-romântica.

Paisagem física e humana, sítios e tipos, referências históricas e culturais, elaborações lendárias e mitográficas sobre figuras hagiológicas e passionais (Isabel de Aragão, Rainha Santa; Pedro e Inês), escritores e cantores, boémios e tribunos (de Camões a Antero, de João de Deus a António Nobre, de Hilário a Zeca Afonso) – de tudo isso se tem feito o relevo ímpar de Coimbra e do seu meio circum-universitário, como nenhuma outra cidade e nenhum outro centro académico convertidos em tema literário e mito cultural.

Esse fascínio coimbrão constituiu-se em tradição simbólica e discursiva. E nessa tradição, por um efeito de *mise en abyme*, um dos vectores configurantes do perfil de Coimbra e sua academia é também o de espírito tradicionalista.

Associadas a esse pendor transgeracional de tradicionalismo surgem quase sempre as vivências de melancolia e de nostalgia, contrapontadas pela experiência ou evocação de compensações boémias, no quadro de uma paisagem de doce perfil e matizada luz, burgo enluarado e panoramas bucólicos. Daí, num megaperíodo estético-literário atravessado pelas metamorfoses da *Sehnsucht* e da convicção (caucionada por E. A. Poe) de que a melancolia é o mais legítimo tom poético, o predomínio da expressão em elegia e balada, de algum modo determinando a persistência de uma configuração de matriz romântica através das alterações geracionais de sensibilidade e de mentalidade – o que não será indissociável da primazia temática e mítica de Coimbra na geografia electiva de uma literatura como a moderna literatura portuguesa, cujos estudiosos hoje reconhecem ser atravessada pela metamorfose continuada dos valores românticos.

Naturalmente justificada como escrita ligada ou substituída por vivências de reencontro, de

An Ambivalent Potential

Does every place have a *genius loci*?

It is surely not everywhere that the spirit of place has become a historic catalyst for sensibilities and artistic representations. And there are certainly very few places that have acquired the significance and influence that Coimbra has exerted in the culture and collective imagination of the Portuguese, particularly in Romantic and post-Romantic modernity.

In fact, Coimbra and its university have enjoyed an unrivalled mythical and literary status in Portugal. It has acquired its aura from many sources: from its physical and human landscape, and the various places and characters that figure in it; from the numerous historical and cultural references; its legends and myths (such as those surrounding Queen Isabel of Aragon, the city's patron saint, and the famous lovers, Pedro and Inês); from the many writers and singers, both bohemian and political, that have been based in Coimbra or made it the subject of their verse (ranging from the canonical figures of Luís de Camões through Antero de Quental, João de Deus and António Nobre to the musical legends, Augusto Hilário and José Afonso).

Indeed, this fascination with Coimbra has become something of a symbolic and discursive tradition. And within that tradition, one aspect that has shaped the profile of the city and its academy, through a *mise en abyme* effect, is its traditionalist spirit.

Associated to this transgenerational inclination for traditionalism are the almost inevitable references to melancholy and nostalgia (known in Portuguese as “*saudade*”), countered by evocations of bohemian pleasures within a gently undulating landscape bathed in iridescent light, a moonlit town and bucolic vistas. It was this setting that gave rise to an extended period of artistic and literary activity, marked by the metamorphoses of *Sehnsucht* and the conviction (subscribed by Edgar Allen Poe) that melancholy is the most legitimate of the poetic tones. Hence, the elegy and the ballad became the predominant modes of expression, configuring a Romantic mindset that persisted through generations, despite changes in sensibility and mentality. And this was largely indistinguishable from the thematic and mythical role played by Coimbra in the elective geography of modern Portuguese

celebração evocativa, de memória afectiva, tendo por ponto de referência a experiência existencial de juventude (ora ainda na abertura projectiva dos “sonhos” e “ideais” de vida, ora já na contraluz das derivas e desenganos trazidos pela vida), essa imagem melancólica ou nostálgica, boémia ou elegíaca, evasiva ou compensatória, acentua-se em períodos literários de orientação estética mais consentânea com a matriz romântica ou mais tocada por uma poética dos afectos (e é curioso, por exemplo, que seja na Universidade de Coimbra, com Sílvio Lima, que se estuda J. M. Guyau, filósofo e poeta malgrado de uma estética da ternura).

Essa imagem típica do espaço/tempo de Coimbra está também naturalmente sujeita aos riscos de reexploração previsível, e mesmo de trivialização estereotipada, em grupos literários e em autores mais propensos ao academismo artístico ou ao arrastamento convencional. Talvez por isso essa imagem de matriz romântica e as suas degradações em tópicos pitorescos e sentimentalistas só se viu consistentemente ironizada ou parodiada com o advento do Modernismo e sua posteridade.

A Universidade e, por metonímia não muito abusiva, Coimbra prestaram-se por vezes à imagem desfocada de casulo da larva anquilosante. Porém, se mesmo lá onde nos ameaça esse gérmen nocivo também nos espera o *thesaurus* propiciatório, mais importa ter presente que nas imagens representativas de Coimbra e do seu meio circum-universitário o vector de tradicionalismo ora coabita com um vector de irreverência e descoberta, ora se vê suplantado por um vector de inconformismo e inovação. Não se trata apenas da reacção juvenil de cada nova geração de estudantes perante o conservadorismo intelectual e a estreiteza praxista que lhe parece envolver a instituição universitária. Trata-se também de periódicos movimentos de renovação, que nos planos do pensamento e do desejo, da imaginação simbólica e de expressão formal impõem uma atitude de mudança e deixam um legado de dissidência. Significativamente, a mais marcante viragem na nossa moderna história da cultura e da literatura foi protagonizada por uma geração que se tornou conhecida como “Escola de Coimbra”/ “Escola Nova”/ “Dissidentes de Coimbra”...

Graças a esse potencial ambivalente de tradição e dissidência, só em duas das dominantes estilístico-periodológicas da literatura portuguesa pós-romântica (Naturalismo e Primeiro Modernismo) é que não coube a Coimbra e ao seu meio académico o papel de bandeirantes e, quase sempre, de realizadores por excelência de cada novo movimento estético-literário.

literature, which, as is widely acknowledged today, is permeated by Romantic values in constant metamorphosis.

This melancholic or nostalgic vein, whether bohemian or elegiac, escapist or compensatory, is most marked in literary periods that are aesthetically oriented towards Romanticism or influenced by a poetics of the emotions (and it is curious that the philosopher and ill-fated poet Jean-Marie Guyau, proponent of an aesthetic of affection and tenderness, was studied at the University of Coimbra under Sílvio Lima). Usually connected with experiences of re-encounter, evocative celebration and affective memory, this kind of writing focuses particularly on the existential experience of youth – the projection of dreams and ideals, and the disillusionments resulting from the vagaries of life.

However, this typical image of the space/time that is Coimbra has also run the risk of being over-exploited, stereotyped and trivialized by literary groups and authors given to artistic academicism or a slavish adherence to convention. This is perhaps why the Romantic image of Coimbra, and its debasement into the picturesque and sentimental, has been constantly parodied and lampooned from the advent of Modernism onwards.

A metaphor that has sometimes been used to describe the University, and indeed Coimbra itself, is that of the cocoon that nurtures and forms the larva within. However, the traditionalism that has given rise to such stereotypical images has been consistently offset over the years by a spirit of irreverence, discovery, non-conformism and innovation that has sometimes cohabited with it and at other times supplanted it. This is not merely a question of juvenile reaction on the part of successive generations of students to the intellectual conservatism and narrow ritualism of the university as an institution. It also represents the periodic impulse for renewal that stimulates attitudes of dissidence and encourages a desire for change, spilling over into the symbolic imagination and formal modes of expression. In fact, the most significant turning-point in Portugal's modern cultural and literary history was protagonised by a generation that became known variously as the ‘Coimbra School’, ‘New School’ or ‘Coimbra Dissidents’.

Thanks to the ambivalent potential inherent in this tension between tradition and dissidence, Coimbra and its academic circle have occupied the vanguard of all but two of the stylistic and aesthetic movements that have marked post-Romantic Portuguese literature.



Garrett e o advento do Romantismo

Embora gerado em boa parte nas errâncias da emigração política (sobretudo nos exílios dos liberais, mas também nalguns desterrados legitimistas), bem como nas deslocções da Guerra Civil e nas preponderâncias administrativas de Lisboa e Porto, o Romantismo português muito deve a Coimbra.

Perante os dois grandes vultos da implantação do Romantismo em Portugal, vemos que no caso de Alexandre Herculano apenas passam episodicamente por Coimbra os caminhos da sua acção cívico-cultural (arquivos, bibliotecas), passos do seu labor historiográfico e o imaginário de narrativas ficcionais como «O Bispo Negro» (com seu desagravo ao abandono da Sé Velha). Quanto a Garrett, em Coimbra faz os estudos universitários, entre 1816 e 1821; e aqui começa a matizar a educação recebida nos Açores do sábio tio, o bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Família, e a alterar a formação neoclássica, juntando à orientação mental libertina e à alegorese revolucionária da sua dramaturgia a sensibilidade proto-romântica. Embora Garrett se mostre severo para a «rotina velha e rançosa» de que julga enfermar a Universidade, não é despidendo reter quanto Coimbra e o viver académico contribuíram para a evolução da sua personalidade cultural e da sua obra literária.

Assim se tornou caudilho estudantil (que recita na Sala dos Actos o hino «Ao Corpo Académico»), membro da maçonaria, cultor da literatura militante, actor e autor de teatro de intervenção; ao mesmo tempo que participa em actividades académicas que preparam ou, depois, celebram a revolução vintista,

Almeida Garrett and the Advent of Romanticism

Although Portuguese Romanticism was largely generated by the tumult of political emigration (particularly the exile of liberals and migrations caused by the Civil War) in the administrative capitals of Lisbon and Oporto, it also owed a great deal to Coimbra.

Of the two great figures of Romanticism in Portugal, Alexandre Herculano only passed through Coimbra occasionally during the course of his civic and cultural duties, mostly to visit archives and libraries, and few episodes of his historiography and fiction are set in the city (though the historical narrative *O Bispo Negro* is concerned with the Old Cathedral). Almeida Garrett, on the other hand, studied in Coimbra between 1816 and 1821, and it was here that he developed the proto-Romantic sensibility that was to inform his drama. He had been educated in the Azores by his uncle, Bishop Alexandre of Angra, but this early neoclassical training soon became contaminated by a new libertarian and revolutionary spirit. Although Garrett was harsh on the University of Coimbra, which he believed to be closed up in its “musty old rancid routines”, this academic experience nevertheless contributed a great deal to the development of his cultural personality and literary oeuvre.

He became a student activist (reciting his hymn ‘Ao Corpo Académico’ to the Collegium in the Great Hall of the University) and a freemason, and cultivated militant literature, writing and performing in interventionist theatre, while at the same time participating in academic activities that prepared for and later celebrated the Revolution of 1820. He produced many odes, included in the collection *Lírica*

produz muitas das odes que inserirá na *Lírica de João Mínimo* (1829), as tragédias *Catão e Mérope*, as farsas *O corcunda por Amor* e *Os Namorados Extravagantes*, os poemas alegórico-narrativos *O Roubo das Sabinas* e *O Retrato de Vénus* (por cujos laivos de impiedade será processado) – obras em que se reflecte o novo liberal, congraçando emancipação com religiosidade, antidespotismo e antiobscurantismo com cristianismo humanitário e sensível (à maneira de Chateaubriand, de cuja *Atala* enceta uma adaptação teatral), o Deus providente da magnífica Criação e o Homem rousseauiano. Pouco mais tarde, já figura de relevo entre os emigrados e pioneiro da mudança estético-literária, Garrett situa em Coimbra o episódio inesiano do seu *Camões* (1825) e de Coimbra se lembra bem (poeta de circunstância, vicissitudes da bela Sé Velha) na insólita prosa, em estilo digressivo e apelativo, do prefácio à *Lírica de João Mínimo*.

O lirismo situado d'O Trovador e d'O Novo Trovador

É certo que saem no Porto e em Lisboa as duas primeiras grandes revistas da nossa cultura romântica, *O Repositório Literário* e *O Panorama*. Mas já a segunda e terceira gerações românticas, embora patrocinadas por António Feliciano de Castilho da *Revista Universal Lisbonense*, se partilham por Coimbra e Porto, com seus órgãos próprios; e é em Coimbra que têm lugar rituais de consagração da ambígua poética de Castilho, aliás transpostos na colectânea colectiva *Na Lapa dos Esteios* (24.VI.1844).

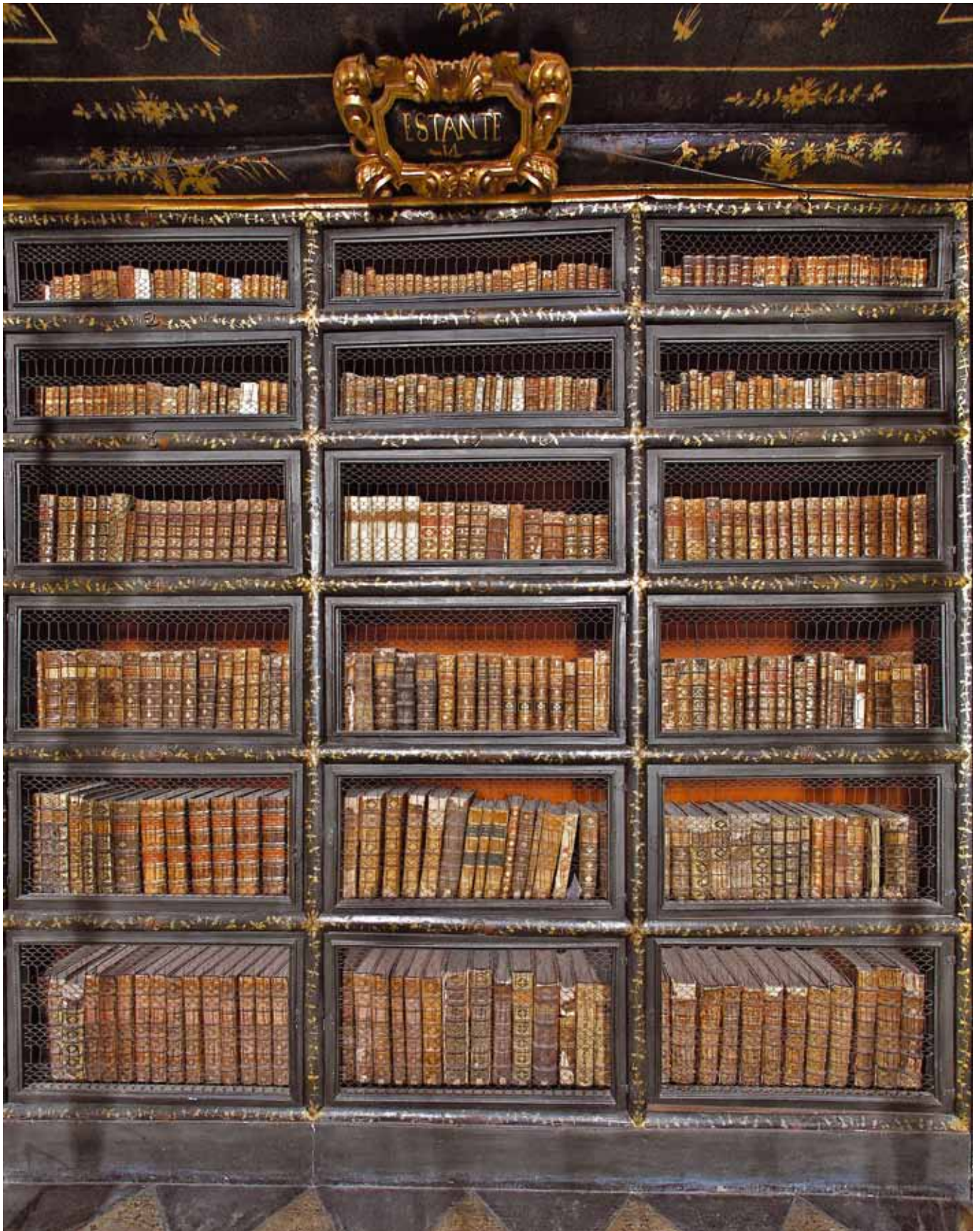
Filho de lente da Universalidade de Coimbra, nesta se licencia em Direito Canónico o lisboeta Castilho (1800-1875) apesar de cego desde os 6 anos. Poeta precoce, desde os 16 anos publica opúsculos com epicédios e colaboração no *Jornal de Coimbra* de teor neoclássico; já então primava por aquele passadismo e purismo vernacular que em 1841 ainda doutrinará n'O *Panorama* («o estudo e o amor do antigo» em «sempre limpa e castiça» língua nacional) e que será ainda *casus belli* na polémica da Questão Coimbrã, por 1865. Em Coimbra funda Castilho a Sociedade dos Poetas Amigos da Primavera e organiza a Festa de Maio – espécie de miscigenação de idílios arcádicos e poemas pré-românticos à Natureza. Nesses anos juvenis de Coimbra, onde publica por 1821 a 1ª parte de *Cartas de Eco e Narciso*, caldeia-se o papel de elo entre o Primeiro e o Segundo Romantismo (sintonizado pelo convencionalismo decorativo dos «poemas românticos» de 1836,

de *João Mínimo* (1829); tragedies (*Catão* and *Mérope*); farces (*O Corcunda por Amor* and *Os Namorados Extravagantes*), and the allegorical-romantic poems *O Roubo das Sabinas* and *O Retrato de Vénus* (for which he was prosecuted for impiety), all of which reflected the new liberal attitude. His works reconciled emancipation with religiosity, and anti-despotism and anti-obscurantism with a humanitarian and sensitive form of Christianity (in the style of Chateaubriand, whose *Atala* he adapted for theatre), and invoked both a providential God presiding over a magnificent creation and Rousseauian man. Before long, he had become a key figure amongst the émigrés and pioneers of aesthetic and literary change. As regards Coimbra, the Inês episode of his *Camões* (1825) is set here, while the city itself is recalled (particularly the vicissitudes of the beautiful Old Cathedral) in the loose attractive prose of his preface to *Lírica de João Mínimo*.

The Situated Lyricism of O Trovador and O Novo Trovador

Although the first two great journals of Portuguese Romantic culture (*O Repositório Literário* and *O Panorama*) came out of Oporto and Lisbon, the second and third generations of Romanticism were distributed between Coimbra and Oporto, which had their own publications. However, these writers continued under the patronage of António Feliciano de Castilho of the *Revista Universal Lisbonense*; indeed, it was in Coimbra that Castilho's ambiguous poetics were effectively consecrated and transposed with the publication of the anthology *Na Lapa dos Esteios* (24.VI.1844).

Though born in Lisbon, Castilho (1800-1875) was the son of a Coimbra University professor, and took his degree in Canon Law at that university, despite having been blind from the age of 6. He developed early as a poet and by the age of 16 was publishing pamphlets of funeral odes and contributing to the neoclassical-style publication *Jornal de Coimbra*. His fascination with the past and vernacular purism, which he was still expounding in the literary journal *O Panorama* in 1841 ("the study and love of all that is ancient" expressed in the national language that is "always clean and chaste") brought him prominence, but became the subject of controversy in the 'Coimbra Question' of 1865. In Coimbra, Castilho founded a society of poets known as the 'Friends of Springtime' and organized a May Festival (a mixture of arcadian idylls and Pre-Romantic poems to Nature). During his early years in Coimbra, when he published the first part of his



A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo); e não surpreende que as *Novas Escavações Poéticas* retomem o canto enternecido «À Fonte dos Amores em Coimbra».

A primeira vaga do nosso Segundo Romantismo ergue--se em Coimbra com o grupo das «folhas de poesia» *O Trovador* (1844), que cultiva um lirismo de melancolia e paisagem revolta, de religiosidade vaga e patriotismo grandiloquente, de erótica idealizada e estereotipada em torno da mulher-anjo. Destacam-se João de Lemos, troveiro da «mimosa melancolia» de Coimbra, autor da famosa «Lua de Londres» (fruto autêntico do exílio de miguelista) e de três volumes de *Cancioneiro*, Luís Augusto Palmeirim, com suas xácaras e seus versos aos marginais sublimes, A. X. Rodrigues Cordeiro (que no vol. I de *Esparsos* recolhe «A Tomada de Coimbra» e outros poemas de motivação local), Augusto Lima, etc. Coimbra também não fica alheia à voga dos poemets medievalistas, enquanto correm mais pelas empresas editoriais e cénicas de Lisboa e Porto a maré cheia da novelística historicista e o surto do dramalhão, com as variantes do drama íntimo ou do drama histórico.

A segunda vaga do impropriamente chamado “Ultra-Romantismo”, que se dirige a um público alargado e diversificado, revela-se, desde a juventude vivida na academia de Coimbra, partilhada entre um sentimento de segurança com aderências conservadoras (que a estabilização burguesa suscitava) e uma combatividade humanitarista ou já de socialismo utópico (que se alimentava tanto da tradição patuleia, quanto dos ecos europeus da Revolução de 1848). Sempre retoricista, essa literatura que passa a atentar mais no V. Hugo panfletário, em Balzac e Dickens, mas mantém o apreço máximo por Lamartine, Byron e Espronceda, tem os seus epicentros n’*O Novo Trovador* (1851) de Coimbra e nas revistas portuenses *O Bardo* e *A Grinalda*.

Em Coimbra estudam e poetam então mesmo aqueles que vêm de outras paragens e a essas retornam, talvez fazendo frutificar o gosto estudantil da novidade em rasgos que matizam o seu tradicionalismo romântico (tais como a criação de versões de H. Heine). Assim acontece com o portuense Soares de Passos, célebre pela balada «Noivado do Sepulcro» e pelo lirismo metafísico de «O Firmamento»; também ele volta a cantar «A Fonte dos Amores» e compõe o seu único soneto para saudar «Num Álbum» uma despedida de bacharel de Coimbra.

Cartas de Eco e Narciso (1921), the link was forged between the first and second phases of Romanticism (harmonized by the decorative conventionalism of his “Romantic poems” of 1836, *A Noite do Castelo* and *Os Ciúmes do Bardo*). It is therefore not surprising that his *Novas Escavações Poéticas* should once more take up the Pedro and Inês theme in his tender lyric “À Fonte dos Amores em Coimbra”.

The first wave of Portugal’s Second Romanticism appeared in Coimbra with the launch of the poetry journal *O Trovador* in 1844. This cultivated a lyricism of melancholy, turbulent landscapes, vague religiosity, grandiloquent patriotism and a somewhat stereotyped eroticism centring upon the ideal of the angelic woman. Figures that stand out from this period are João de Lemos, famed for his “exquisite melancholy” and author of a three-volumed songbook (*Cancioneiro*) and the famous poem “Lua de Londres” (“London Moon”), the result of political exile as supporter of the absolutist Miguelist cause; Luís Augusto Palmeirim, who wrote verse narratives and poems exalting social rebels and outcasts; António Xavier Rodrigues Cordeiro, whose collection *Esparsos* Vol. I contains poems on Coimbra themes such as “A Tomada de Coimbra” (“The Taking of Coimbra”); Augusto Lima, etc. There was also a vogue for medievalist poems at this time, to which Coimbra was not immune, while the publishing houses and theatres of Lisbon and Oporto were inundated with historical novels and melodrama (with variants, such as the intimate and historical drama).

The second wave, inappropriately called ‘Ultra-Romanticism’, addressed a much broader and more diverse public. As expressed by the youth of the Coimbra academy, this was split between a feeling of security with conservative overtones (aroused by the stabilization of the bourgeoisie) and a humanitarian or even socialist-utopian contentiousness (nourished both by the national ‘patuleia’ tradition and by revolutionary reverberations from Europe in 1848). This highly rhetorist literature was modelled not only upon the politically-engaged works of Victor Hugo, on Balzac and Dickens, but was also influenced by Lamartine, Byron and Espronceda. Its epicentre was the Coimbra-based poetry journal *O Novo Trovador* (1851) and the Oporto journals *O Bardo* and *Grinalda*.

Coimbra also played host to students and poets from other parts, who would stay in the city for a while before returning. This may have helped to tone down the romantic traditionalism of the era by encouraging the student taste for novelty (as in the creation of versions of Heinrich Heine). This was what happened with the Oporto-born Soares de Passos, who gained fame with the ballad “Noivado do Sepulcro” and the metaphysical lyricism of “O Firmamento”. He too returned to the Pedro and Inês theme in “A Fonte dos Amores” (“Fountain of Love”), while his only sonnet (“Num Album”) was composed in honour of a Coimbra graduate who was about to take leave of the city.



Retrato de António Feliciano de Castilho, BGUC
Portrait of António Feliciano de Castilho, BGUC



Um «grande tumulto» para um novo Romantismo

Em Coimbra parcialmente se gera e em Coimbra se manifesta, antes de recrudescer em Lisboa, um Terceiro Romantismo, tal como em Coimbra se continuam a formar bardos que, sem embargo de alguma sensibilização aos novos rumos, tomarão o partido da continuidade nas próximas refregas.

Com efeito, em Coimbra na juventude se abebera, embora em trânsito para a carreira político-administrativa em Lisboa, o estro de Tomás Ribeiro, autor de celebradas novelas em verso (*D. Jaime*, *A Delfina do Mal*, cuja acção também toca Coimbra) e dos *Sons que Passam* (onde em 1868 recolhe o seu poema «O Penedo da Meditação»), e que, ao lado de Bulhão Pato e de M. Pinheiro Chagas, conduz o poema narrativo para o *hinterland* das emoções convencionais e das tentativas de estética da naturalidade.

Mas, ao mesmo tempo, nesse inigualável espaço de debate de ideias e de estímulos criativos que é então Coimbra, robustece-se, com espírito inovador e irridente, outra facção da juventude académica e das novas hostes literárias. Os seus representantes comprometem-se em actividades subversivas da ordem institucional; e irão intervir na dinâmica do

A “Great Tumult” for a New Romanticism

The third generation of Romanticism was partly generated and manifested in Coimbra, before resurfacing in Lisbon. At the same time, Coimbra continued to produce bards that supported continuity in the tussles that were to follow (though without being completely insensitive to the new routes that were opening up).

In fact, it was Coimbra that nourished the creative impulse of Tomás Ribeiro, who, along with Bulhão Pato and Manuel Pinheiro Chagas, drove the narrative poem into a hinterland of conventional emotion and naturalistic aesthetics. Ribeiro had spent part of his youth in the city, en route for a political and administrative career in Lisbon, and evokes it in his works; some of the scenes in his famous verse novels *D. Jaime* and *A Delfina do Mal* are set in Coimbra, while his 1868 poetry collection *Sons que Passam* contains a poem entitled “O Penedo da Meditação” (a famous viewing spot in the city).

But Coimbra, that hotbed of creative ideas and stimuli, was at the same time nurturing another faction of academic youth which had a quite different spirit, one that was more innovative and ironic, and which was cultivating literary enemies. These young

campo literário, não mais com estratégia de adesão ao poder simbólico de Castilho e seu círculo, mas sim com estratégia de rebeldia e contestação.

Quando se processava a evidência dessa falange geracional, Coimbra vivia num grande tumulto mental, segundo hiperbolizará Eça de Queirós. «Pelos caminhos de ferro, que tinham aberto a Península, rompiam cada dia, descendo da França e da Alemanha (através da França), torrentes de coisas novas, ideias, sistemas, estéticas, formas, sentimentos, interesses humanitários... cada manhã trazia a sua revelação, como um sol que fosse novo. Era Michelet que surgia, e Hegel, e Vico, e Proudhon; e Hugo, tornado profeta e justiceiro de reis; e Balzac, com o seu mundo perverso e lânguido; e Goethe, vasto como o Universo; e Poe, e Heine, e creio que já Darwin, e quantos outros! Naquela geração nervosa, sensível e “pálida” como a de Musset (por ter sido talvez como essa concebida durante as guerras civis), todas estas maravilhas caíam à maneira de achas numa fogueira, fazendo uma vasta crepitação e uma vasta fumaça! E ao mesmo tempo nos chegavam, por cima dos Pirenéus moralmente arrasados, largos entusiasmos europeus que logo adoptávamos como nossos e próprios: o culto de Garibaldi e da Itália redimida, a violenta compaixão da Polónia retalhada, o amor à Irlanda, a verde Erin, a esmeralda céltica, mãe dos santos e dos bardos, pisada pelo Saxónio!...

Nesse mundo novo que o Norte nos arremessava aos pacotes, fazíamos por vezes achados bem singulares: – e ainda recordo o meu deslumbramento quando descobri esta imensa novidade – a BÍBLIA! Mas a nossa descoberta suprema foi a da Humanidade. Coimbra de repente teve a visão e a consciência adorável da Humanidade. Que encanto e que orgulho! [...] Outra das ocupações espirituais a que nos entregávamos, era interpelar Deus. Não O deixávamos sossegar no seu adormecido infinito.

people were committed to subverting the institutional order, and intervened in the literary scene by rebelling against the symbolic power of Castilho and his circle and contesting it.

When this generation began to emerge, Coimbra was undergoing great intellectual tumult. Eça de Queiroz described it in rather hyperbolic terms:

Each day, torrents of new things, ideas, systems, aesthetics, forms, sentiments, humanitarian interests poured into the country from France and Germany, brought by the railways which had opened up the Iberian Peninsula... each morning would bring a revelation, as if the sun itself were new. There was Michelet, Hegel, Vico, and Proudhon; Hugo, turned prophet and judge of kings; the perverse languid world of Balzac; and Goethe, vast as the universe; and Poe, Heine, and I believe also Darwin, and many more! For that nervy generation, which was as sensitive and pallid as Musset's (perhaps because it too had been conceived during civil wars), all these marvels fell like kindling onto a bonfire, creating a great crackling and a prodigious amount of smoke! And at the same time, there arrived from over the morally-flattened Pyrenees, European fervours which we quickly adopted as our own: the cult of Garibaldi and a unified Italy, a violent sympathy for partitioned Poland, a love of Ireland – true Erin, Celtic emerald, mother of saints and bards, trampled by Saxons!

In this new world which the north sent to us in packages, we sometimes came across unusual findings: – and I still recall my astonishment when I discovered that great novelty – the BIBLE! But the greatest discovery of all was of Humanity. Coimbra suddenly had a vision and an adoring awareness of Humanity. What enchantment and what pride! [...] We also gave ourselves over to other spiritual occupations, including calling upon God. We would



Às horas mais inconvenientes, às três, quatro da madrugada, sobre a Ponte Velha, no Penedo da Saudade, berrávamos por Ele, só pelo prazer transcendente de atirar um pouco do nosso ser para as alturas, quando não fosse senão em berros.»

Dessa facção geracional, em que se dava invulgar confluência de talentos – poetas, ensaístas e oradores, depois grandes escritores, historiadores, professores e políticos: Antero de Quental e Teófilo Braga, Alberto Sampaio e Vieira de Castro, Manuel de Arriaga e José Falcão, Anselmo de Andrade e Eça de Queirós... –, surge por 1861 uma associação secreta, a Sociedade do Raio, que estará por detrás de virulentos ataques ao reitor da Universidade e das manifestações garibaldinas de 1862, em plena recepção oficial ao príncipe Umberto de Sabóia, bem como da greve às aulas e do êxodo estudantil para o Porto em Abril de 1964.

Antero de Quental afirmou-se como o «grão-capitão» das três sucessivas revoltas geracionais que Eça gostava de evocar. A primeira, contra «um czar de borla e capelo», o reitor Basílio de Sousa Pinto, rígido aplicador dos estatutos universitários, desfeitoado em 8 de Dezembro de 1862 em plena Sala dos Actos

not leave Him alone to the peace of his infinite sleep. At the most inconvenient hours, at three, four in the morning, on the Old Bridge, at Penedo da Saudade, we called for Him, if only for the transcendent pleasure of throwing a piece of ourselves up into the heights, even if it were just by bellowing.

This generation included many remarkable talents – poets, essayists and orators, as well as great writers, historians, professors and politicians (Antero de Quental, Teófilo Braga, Alberto Sampaio, Vieira de Castro, Manuel de Arriaga, José Falcão, Anselmo de Andrade and Eça de Queirós, etc). In around 1861, it spawned a secret association, known as the Thunderbolt Club (Sociedade do Raio), which was behind the virulent attacks on the Rector of the University, the Garibaldian demonstrations of 1862, during the official reception for Prince Umberto of Savoy, and the student strike and exodus for Oporto in April 1864.

Antero de Quental assumed the role of ‘grand captain’ of these three revolts, which Eça enjoyed evoking. The first was directed against the rector Basílio de Sousa Pinto (“a tsar in a mortarboard”), who applied the University Statutes very strictly. Having been publicly insulted on 8th December in the Great

e depois na Via Latina, levado a demitir-se no fim do ano lectivo pela contestação que se prolongara a partir de um «Manifesto dos Estudantes da Universidade de Coimbra à opinião ilustrada do país» (redigido por Antero e subscrito por Teófilo, por Eça e por centenas de colegas). A segunda, a *Rolinada* de 1864, contra o governo do Duque de Loulé: dando-se por ofendida pela forma como lhe fora negado um «perdão de acto» (tradicional em efemérides como a do nascimento do príncipe D. Carlos), a academia coimbrã provoca tumultos, trava confrontos com tropas e segue Antero na ideia de abandonar a cidade e retirar-se para o Porto, «entre archotes, ganindo a Marselhesa». A terceira revolta, «contra outro e bem estranho despotismo, o da Literatura Oficial», foi a famosa polémica que ficou justamente conhecida por Questão Coimbrã.

Ética e estética na Questão Coimbrã

O motivo imediato dessa polémica está no choque que nesta efervescente intelectualidade, dominante em Coimbra, provocam referências de irónica depreciação que às suas novas criações poéticas faz Castilho em texto, por acirrantante contraste, de descompassado louvor ao talento literário de Pinheiro Chagas. Com efeito, em carta-posfácio ao *Poema da Mocidade* que este publica em 1865, Castilho reincide nos juízos críticos que em 1862 manifestara enfaticamente na longa «Conservação preambular» ao *D. Jaime* de Tomás Ribeiro. Antero de Quental e Teófilo Braga, que já então se tinham destacado com a nova índole da sua poesia (nas *Odes Modernas*, de 1865, e na *Visão dos Tempos* e nas *Tempestades Sonoras* de 1864, respectivamente) vão ser os principais despoletadores de uma controvérsia literária com sérias implicações sócio-culturais que alastrará, durante os anos subsequentes, não só por Lisboa e Porto, mas pela imprensa de todo o país (desde Beja, com João de Deus, até Penafiel, com Germano Meireles). Antero celebra-se com os opúsculos *Bom-Senso e Bom-Gosto* (1865) e *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais* (1865). Teófilo com o panfleto *As Teocracias Literárias* (1866).

Como Teófilo Braga sublinhava, o inconformismo cultural contra os mecanismos institucionais da vida

Hall and afterwards on Via Latina, he was forced to resign at the end of the academic year, in the wake of protests laid out in the “Coimbra University Students’ Manifesto” (drawn up by Antero de Quental and subscribed by Teófilo Braga, Eça de Queiroz and hundreds of colleagues). The second, the *Rolinada* of 1864, was against the government of the Duke of Loulé. Annoyed at being refused dispensation from their final examinations in honour of the birth of Prince Charles (in accordance with the so-called ‘perdão de actos’, which had traditionally been granted on such occasions), the Coimbra academy caused disorder and confrontations with troops, eventually following Antero out of the city to Oporto “with torches, barking out the Marseillaise”. The third revolt “against that other strange despotism of Official Literature” was the famous controversy that has since been known as the ‘Coimbra Question’.

Ethics and Aesthetics in the ‘Coimbra Question’

The immediate motive for this controversy was a series of depreciative and ironic comments made by Castilho about the poetic work of this effervescent intellectual group (by now in the ascendancy in Coimbra), by contrasting them with the literary talent of Pinheiro Chagas, on whom he lavished disproportionate praise. In fact, in a postface letter to Chagas’s *Poema da Mocidade* of 1865, Castilho repeated the critical judgements he had emphatically manifested in 1862 in his long preamble to Tomás Ribeiro’s *D. Jaime*. Antero Quental and Teófilo Braga, who had already achieved a certain prominence with their poetry (*Odes Modernas*, of 1865, and *Visão dos Tempos* and *Tempestades Sonoras* of 1864, respectively) were the main protagonists in this literary controversy, which had serious sociocultural repercussions, subsequently spreading not only to Lisbon and Oporto, but, via the press, throughout the whole country (from Beja, with João de Deus, to Penafiel, with Germano Meireles). Antero responded with his leaflets *Bom-Senso e Bom-Gosto* (1865) and *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais* (1865), while Teófilo Braga did the same with his pamphlet *As Teocracias Literárias* (1866).

As Teófilo Braga pointed out, this cultural non-conformism against the institutional mechanisms of



Gazeta Illustrada: revista semanal de vulgarização científica, artística e literária, Ano 1, nº8 (20 Julho 1901), Coimbra, José Joaquim de Almeida, 1901, BGUC

Na capa deste número, retrato de Antero de Quental por Columbano Bordalo Pinheiro

Cover of *Gazeta Illustrada: revista semanal de vulgarização científica, artística e literária*, with portrait of Antero de Quental by Columbano Bordalo Pinheiro, Year 1, no. 8 (20 July 1901), Coimbra, José Joaquim de Almeida, 1901, BGUC



literária portuguesa alimentava-se de uma convicção, afinal romântica, contra o academicismo artístico: «Compreendeu-se que não era o modelo académico, mas o sentimento puro que nos havia de elevar à perfeição, dar-nos a percepção imediata das formas que traduzem o belo na vida.» Além disso, como Antero de Quental reclamava, impunha-se remover o prestígio e o poder de uma literatura inócua, verbalista e evasiva, sentimentalista e passadista, sobrepondo-lhe uma literatura de actualidade, em equação problemática e crítica com o seu contexto, interventiva e profética.

A razão que assistia a Eça para um dia considerar que o cerne da Questão Coimbrã residira para Antero numa reivindicação ética, entendemo-la hoje no sentido de que «o príncipe da mocidade de Coimbra» se insurge sobretudo contra um duplo processo de instrumentalização e de trivialização da literatura, com aviltamento do estatuto do escritor. Antero protesta perante o facto de a literatura, que Teófilo virá estigmatizar como «ultra-romântica», se haver tornado peça de convívio convencional e de entretenimento frívolo para a sociedade burguesa e, por outro lado, meio de evidênciação de jovens bacharéis em busca de notoriedade social e de promoção na carreira administrativo-política. Consequentemente, Antero insurge-se contra a tática de subordinação epigonal que esses novéis escritores adoptavam, ou a que se submetiam, para penetrarem no campo literário e para nele progredirem do apagamento da periferia para a hegemonia do centro. Todavia, isso mesmo implicava o litígio entre duas concepções da literatura e da missão do escritor. Logo, Antero, Teófilo e a

Portuguese literary life was nourished by a conviction (ultimately Romantic) against artistic academicism: “We realised that it was not the academic model but pure sentiment that had to be raised to perfection, that would give us the immediate perception of the forms that translate the beautiful in life”. Moreover, as Antero de Quental argued, it was necessary to remove prestige and power from a literature that was innocuous, verbalistic, escapist, sentimentalist and passé, replacing it with an up-to-date literature that would engage critically with its context and that was interventionist and prophetic.

Eça considered that the heart of the Coimbra Question, for Antero, lay in an ethical claim, which we can today understand as “the principle of Coimbra youth” rising up against the instrumentalization and trivialization of literature, with the consequent demeaning of the writer’s status. Antero argued that this literature, which Teófilo later stigmatized as ‘ultra-Romantic’, had become conventionalised, little more than frivolous entertainment for bourgeois society or a form of showing-off for young graduates seeking social fame and promotion in an administrative or political career. Consequently, Antero protested against the strategy of imitation and subordination adopted by these novice writers, or to which they submitted, in order to penetrate the literary field, thereby extinguishing the periphery by reinforcing the hegemony of the centre. However, this resulted in a conflict between two quite different conceptions of literature and of the writer’s mission. Antero, Teófilo and the Coimbra faction denounced the escapist artful vacuity of the popular sentimental and historical themes, the emotional



facção coimbrã denunciam a vacuidade escapista e artificiosa da temática afectiva e histórica, o derrame afectado da poesia de confiança ou de circunstância mundana, a extrapolação mecânica da vertente depressiva do *mal du siècle*, a estereotipização das imagens, do verso, da linguagem. Contra essa literatura “ultra-romântica”, guindada a “literatura oficial”, o ambiente cultural de Coimbra, circum-universitário, potenciava uma literatura nova, mobilizadora e emancipadora pelo compromisso com uma visão progressista da Vida e da História, movida pelo desejo de apropriação da realidade envolvente e dirigida à acção transformadora dessa mesma realidade.

Antero, Teófilo e a “Escola de Coimbra”

Na sequência da Questão Coimbrã – em que, segundo as leituras desde então hegemónicas, se dera o reencontro da poesia e da arte com o “movimento filosófico do século” – impõe-se um conjunto de tendências estéticas e ideológicas, de iniciativas grupais e de obras singulares, que quase sempre surgirão designadas globalmente por “Escola

overspill of confessional or circumstantial poetry, the mechanical extrapolation of the depressive aspect of the *mal du siècle*, the stereotyping of images, verse and language. Against this ‘ultra-Romantic’ literature, which had acquired the status of ‘official literature’, the potential was unleashed in the cultural environment of Coimbra and its university for a new emancipatory literature that was committed to a more progressive vision of life and history, and was moved by the desire to appropriate surrounding reality and become involved in action designed to transform it.

Antero, Teófilo and the “Coimbra School”

In the wake of the Coimbra Question – which, according to now dominant interpretations, brought about the reconciliation of poetry and art with the “philosophical movement of the century” – a series of aesthetic and ideological trends developed, upon the initiative of groups and individual works, which almost always arose under the auspices of the ‘Coimbra School’. This term, which was still used by Fernando Pessoa, also included the authors of the 1870s Generation who had studied at Coimbra (Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, etc). In an 1887

de Coimbra” – termo e conceito que ainda se revelará operatório em Fernando Pessoa... Nela são inseridos até autores da Geração de 70 que não se formam em Coimbra (Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, etc.). Em retrospectiva de 1887, Antero poderá dizer: «Dos 10 ou 12 primeiros nomes da literatura de hoje saíram todos (salvo 2 ou 3) da Escola de Coimbra ou da influência dela». Comum a todos eles, como aliás ao Terceiro Romantismo e ao Realismo, lavrava a dissidência contra o «convencionalismo retórico sentimental», avançava a «Literatura de combate que dissolveu o Ultra-Romantismo, procurando inspirar-se na realidade natural e social», dizia Teófilo Braga na sua sistematização de *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa* (1892); em todos se manifestava, como legado da Escola de Coimbra, «uma maior liberdade na inspiração e uma maior consciência científica na reflexão», ajuizará o ensaísta Moniz Barreto, seu arguto sucessor escorado numa assimilação crítica de Taine.

As Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, em 1870, marcam já novo estádio geracional, mais adentrado no Cientismo e na sociocracia, mas afinal dando lógica prossecução à Questão Coimbrã na medida em que ela constituía «uma reivindicação de espírito crítico», como já então pretendia Teófilo Braga. Mas até meados da década de 70, enquanto se dá a penetração difusa do Positivismo e do Cientismo, não se consuma a agonia do Romantismo às mãos de outros sistemas estético-literários: o espírito da “Escola de Coimbra”, conquistando os intelectuais e escritores em Lisboa e no Porto, manifesta-se ainda nas formas problematizantes e críticas do Terceiro Romantismo, em que os *Versos* satânicos do baudelaireano heterónimo colectivo Carlos Fradique Mendes, os afins folhetins queirosianos das *Prosas Bárbaras*, etc., se juntam às obras coimbrãs de Antero e Teófilo.

Frequentando a Faculdade de Direito desde Setembro de 1858, e até abandonar, bacharel formado, a sua «encantada e quase fantástica Coimbra», Antero de Quental torna-se conhecido pela assídua publicação de poemas nos jornais literários da cidade (*O Fósforo*, *Prelúdios Literários*, *Tira-Teimas*, *O Cisne do Mondego*, mais *O Académico* que fundou com João de Deus e Alberto Sampaio) e pela edição em 1861 dos *Sonetos de Antero*, renunciando as *Odes Modernas* de 1865, tal como preludia a Questão Coimbrã ao escrever uma apologia de João de Deus na *Revista Literária*, contra «aqueles que se arrogam o direito de legislar para o mundo da inteligência e da inspiração». Após as suas *Primeiras Românticas* (entoadas como a balada coimbrã «A guitarra»), e a partir do fecundo estádio coimbrão das suas leituras e reflexões, das suas alocuções e prosas, Antero desenvolverá o seu pensamento idealista em torno da Evolução ascensional, dialéctica e teleológica (em ordem à «Santidade» na plenitude cognitiva,

retrospective, Antero was able to say: “Of the 10 or 12 most prominent names in contemporary literature, all (with the exception of 2 or 3) are from the Coimbra School or have been influenced by it”. What they all had in common (like indeed the third generation of Romanticism and Realism) was dissent against “sentimental rhetorical conventionalism”. According to Teófilo Braga in *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa* (1892), the aim was to create a “literature of combat, which dissolved Ultra-Romanticism and sought inspiration from nature and social reality”; while his successor, the shrewd essayist Moniz Barreto (attempting a critical assimilation of Taine), claimed that the legacy of the Coimbra School was manifested as “a greater freedom in inspiration and greater scientific conscience in reflection”.

The 1870 Democratic Conferences in the Lisbon Casino marked the coming-of-age of the new generation. Though more focused upon scientism and sociocracy, it was nevertheless the logical outcome of the Coimbra Question, in the sense that it constituted an “assertion of the critical spirit”, in the words of Teófilo Braga. But until the mid 1870s, when positivism and scientism had more fully penetrated society, Romanticism had not yet given way to other aesthetic literary systems. The spirit of the ‘Coimbra School’, which by this time had infected intellectuals and writers in Lisbon and Oporto, was still being manifested primarily as a critique of the Third Romanticism, in such works as the Baudelairean *Versos* by Carlos Fradique Mendes (a collective pseudonym) and Eça’s *Prosas Bárbaras*, alongside the Coimbra works of Antero and Teófilo.

Antero de Quental began studying at the Coimbra Law Faculty in September 1858, and by the time he left the “enchanted almost fantasy-city of Coimbra” as a graduate, he had become well-known for his regular poetic contributions to the city’s literary magazines (*O Fósforo*, *Prelúdios Literários*, *Tira-Teimas*, *O Cisne do Mondego*, and also *O Académico*, which he formed with João de Deus and Alberto Sampaio). His famous poetry collection *Odes Modernas*, of 1865, was preceded in 1861 by a collection of sonnets (*Sonetos de Antero*), just as he anticipated the Coimbra Question in a piece published in the *Revista Literária* in defence of João de Deus, in which he took issue with “those that feel they have the right to legislate on the world of intelligence and inspiration”. After his juvenile phase, later collected in *Primaveras Românticas* (sung to the Coimbra ballad “A guitarra” [The Guitar]), and his very fertile Coimbra period, Antero’s idealism developed to embrace the notion of dialectic, teleological and ascensional evolution (the “sanctity” of consciousness, in the full cognitive, moral and aesthetic sense of the term). His Proudhonian sympathies were manifested in his poem *Mater Justitia*, while the opinions and conflicts expressed in his philosophical and sociological



moral e estética, da Consciência), o seu apostolado proudhoniano em prol da *Mater Justitia* e o lirismo ético-metafísico com que dá expressão simbólica às teses e aos conflitos que também animam o seu ensaísmo filosófico e sociológico.

Quanto a Teófilo Braga, é no período de frequência da Universidade de Coimbra, entre 1861 e 1868 (mas com doutoramento em 1868 e exclusão no concurso para professor da Faculdade de Direito em 1871), que não só se revela já a sua assombrosa capacidade de leitura, de erudição e de escrita, mas também se definem quer o desdobramento entre a pesquisa e o ensaio, por um lado, e a criação poética, por outro, quer os principais vectores dessa múltipla actividade mental. No seu opúsculo contra *As Teocracias Literárias* emerge a palavra de ordem «a obra de Garrett deve ser continuada por uma geração moderna», decerto de acordo com a primazia do sentimento (entendido como factor dinâmico, tendente a actuar perenemente num sentido de renovação e actualização). Desde pelo menos 1863 – ano em que publica o poemeto *Stella Matutina* e a partir do qual vive exclusivamente do que ganha com artigos, livros e trabalhos académicos –, define, com *O Génio da Poesia Popular*, o fulcro de toda a sua imensa produção histórico-literária, por sua vez fundamental na perspectiva de que só através da literatura, mormente na poesia, se manifesta o

essays were animated by an ethical-metaphysical lyricism.

As for Teófilo Braga, it was during his period at the University of Coimbra, between 1861 and 1868 (he was awarded his doctorate degree there in 1868 but was turned down for the post of law professor in 1871) that he revealed his remarkable capacity for reading, writing and scholarship, and developed his multifarious talents in the fields of research, essay writing and poetic creation. In his piece condemning literary theocracies (*As Teocracias Literárias*), he claims that “the work of Garrett should be continued by a modern generation”, thereby asserting the primacy of sentiment (understood as a dynamic force that constantly tends towards renewal and modernisation). After 1863, when he published his poem *Stella Matutina*, he was able to live exclusively from his earnings from articles, books and academic works. It was around this time that the fundamental principle underlying his immense literary and historical production was defined (in *O Génio da Poesia Popular*), namely that it is only through literature, particularly poetry, that the Portuguese spirit is manifested, and that literature is one of the moral forces sustaining the nation and its autonomy.

It was in Coimbra, in 1864, that Teófilo published *Visão dos Tempos*, which was an unprecedented

peculiar gênio português, e de que a literatura é uma das forças morais que sustentam a nacionalidade e a autonomia de Portugal.

Em Coimbra, por 1864 publica Teófilo a *Visão dos Tempos*, êxito literário inegável (2ª edição aclamada no mesmo ano), decerto incapaz de consumir o intento de superar o V. Hugo da *Légende des Siècles* na epopeia da Humanidade, mas capaz, por exemplo com o «Diálogo da Lágrima», de dar a essência da poesia do amor e da dor; e apronta a torrente poética das *Tempestades Sonoras* e «um livro de história do Direito no estado de sentimento, intitulado *Poesia do Direito*», que sai em 1865, a par do volume de *Contos Fantásticos* e pouco antes da lírica *Ondina do Lago* (1886). Criador literário de intenção filosófica, visando por via romântica-positivista a «síntese subjectiva», Teófilo Braga evoluirá da pretensão universalista no período coimbrão para um lirismo histórico-etnográfico, culminante na identitária *Alma Portuguesa*; e, além do seu proselitismo republicano (em que inserirá a exploração dos centenários de figuras gradas como «Síntese afectiva») e do seu voluntarismo directivo no «Programa de trabalhos para a Geração Moderna», exposto com *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, Teófilo dará o melhor de si à posteridade no carrear de documentos e dados eruditos, onde, ao lado da sempre reelaborada e sempre vulneravelmente estruturada *História da Literatura Portuguesa*, se destacará justamente o largo empreendimento da *História da Universidade de Coimbra*.

Trânsito por Coimbra em tempos de “Werther peninsular” na transição para o Realismo

Na transição do Romantismo para o Realismo, passam por Coimbra protagonistas da ficção de Júlio Dinis; e a figura lendária de João de Deus, que desempenha idêntico papel transaccional no domínio da poesia, na Lusa Atenas cumpre, em espírito de *lazzarone* sensível, dez anos de estudantado... qual boémia guerra de Tróia, dizia, em que se populariza como improvisador à guitarra e canta os temas da Rainha Santa e de Inês de Castro e os *loca sancta* de Coimbra («Bendita», «Penedo da Saudade»). Imorredoiamente associado à cidade (onde, por 1910, se erguerá o primeiro Jardim-Escola com o seu nome e sua pedagogia de *Cartilha Maternal*), João de Deus reabilita o soneto antes de Antero, que lho louvará como «forma de lirismo puro», e distingue-se pela oralidade lírica, tocada pelas coisas simples e pelo amor-adoração, às vezes erguida à contemplação elegíaca de «A Vida». As suas prosas de temática coimbrã ora intervêm com intenção progressista nos debates literário-culturais, ora ganham o tom desenvolto da troça, aparentado ao da parte satírica da sua obra poética (que ensaia nos versos «A um Lente»).

literary success (the 2nd edition came out in the same year), though clearly unable to fulfil his intention of exceeding Victor Hugo's *Légende des Siècles* as an epic of Humanity; in “Diálogo da Lágrima”, however, he showed himself capable of capturing the essence of the poetry of love and pain. In the same year, he completed the poetic torrent that was *Tempestades Sonoras*, and also “a book about the history of Law in the state of sentiment, entitled *Poesia do Direito*”, which came out in 1865, alongside a volume of short stories (*Contos Fantásticos*), shortly followed by the lyric poem *Ondina do Lago* (1886). Teófilo Braga was a literary creator of philosophical bent, who aimed to achieve a “subjective synthesis” of positivism and Romanticism. His work developed from the universalist pretensions of his Coimbra period to a historical-ethnographic lyricism, culminating in the identity-defining work *Alma Portuguesa* (Portuguese Soul). In addition to his Republican proselytising (which included an exploration of the centenaries of famous figures, presented as an “affective synthesis”) and the directive voluntarism of his “Programa de trabalhos para a Geração Moderna” (“Work Programme for the Modern Generation”), expounded with *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa* (Modern Ideas in Portuguese Literature). Teófilo's best work was probably in the field of academic scholarship, such as his massive *History of the University of Coimbra*, and the much-reworked though poorly-structured *History of Portuguese Literature*.

The “Iberian Werther” in the Transition to Realism

Many of the main figures in the transition from Romanticism to Realism had connections with Coimbra. The protagonists of Júlio Dinis's fiction often passed through the city, and then of course there was the legendary figure of João de Deus, who played a similar role in the domain of poetry. He spent some ten years in Coimbra living the life of the sensitive *lazzarone* (his “bohemian Trojan War”, as he called it), during which time he became popular as a composer of improvised songs on the guitar on Coimbra-related subjects, such as the mythical figures of the Queen Isabel and Inês de Castro, and the places of the city (“Bendita”, “Penedo da Saudade”). Indeed, João de Deus is immortally associated with the city, having founded there in 1910 the first nursery school bearing his name, which used teaching methods laid out in his *Cartilha Maternal*. In poetry, he rehabilitated the sonnet before Antero, who praised it as “pure lyricism”, and distinguished himself with his lyrical orality and touching attention to simple things, and by an adoration that was sometimes elevated into elegiac contemplation, as in “A Vida”. In his prose works on the Coimbra theme, he participated in the literary and cultural debates of the time from a progressive

Figura maior no entrelaçar de Romantismo e Realismo – vida aventurosa, destino doloroso, sensibilidade convulsa, espírito inquieto (ética e metafísica da culpa e da justificação), polígrafo assombroso, gênio novelístico, poeta e dramaturgo sofrível –, Camilo Castelo Branco tem múltiplas ligações biográficas e ficcionais com Coimbra e com a vida da cidade em torno da academia. Além de frustrados estudos por 1846 – como lembra no *Cancioneiro Alegre* (a propósito da poesia de Donas Boto), nas *Memórias do Cárcere*, nas *Noites de Insônia*, etc. –, Camilo passa por Coimbra em 1867 e 1868 (para acompanhar «o filho do coração» Manuel Plácido, interno no seminário diocesano) e em Coimbra vive em 1875-76 (para acompanhar os estudos dos filhos Jorge e Nuno); nesse período, dá-se com os poetas Gonçalves Crespo e Macedo Papança, futuro Conde de Monsaraz, com o romancista Teixeira de Queirós e com um paradigmático jornalista de Coimbra e Joaquim Martins de Carvalho, enquanto no Teatro Académico, onde assiste à récita dos finalistas de Direito, peças suas são representadas e ovacionadas.

Camilo não se entendeu com o Instituto de Coimbra (1861, 1862) e não poupou a cidade e a Universidade à sua veia sarcástica e polêmica (lembre-se o confronto, recolhido na *Boémia do Espírito*, com Avelino Calisto e José Maria Rodrigues a propósito da Questão da Sebenta, em 1883). Mas nem por isso fugiu ao romântico fascínio perante a «muito linda cidade» em páginas de ficção narrativa, travadas de ironia e nostalgia, com enredos e personagens a entrecruzarem-se em Coimbra sempre sob o signo do idealismo psicológico-moral e do inconformismo social. Assim acontece não só nesse «*Werther* peninsular» que (Antero dixit) é *Amor de Perdição*, mas também em *A Mulher Fatal*, *O Bem e o Mal*, *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, *O Olho de Vidro*, *O Retrato de Ricardina*. Talvez sugestionado pela voga de Eugène Sue e levado pelo relativo sucesso dos *Mistérios de Lisboa*, antes de optar pelos *Mistérios de Fafe* Camilo pensou mesmo consagrar idênticos folhetins de peripécias aos *Mistérios de Coimbra*...

Idênticas interferências de Coimbra na orientação de sensibilidade e inteligência e na constituição da obra literária verificam-se em Bento Moreno/Teixeira de Queirós e noutros que como ele pretenderão, por meio de impositões naturalistas sobre o inofensível lastro romântico dos seus ciclos romanescos, impor-se como émulo de Eça de Queirós em sucessivas tentativas de “Cenas da Vida Portuguesa/Contemporânea”.

perspective, sometimes in an ironic vein not unlike the satirical part of his poetic oeuvre (as in the verse “A um Lente” [“To a Professor”]).

A major figure in the transition between Romanticism and Realism was Camilo Castelo Branco, who with his adventurous lifestyle, tragic destiny, convulsive sensitivity and restless spirit (embroiled in the ethics and metaphysics of guilt and justification), had many biographical and fictional connections with Coimbra and with the life of the city revolving around its academy. He was a prodigious polymath, novelistic genius, poet and reasonable playwright. Although his 1846 studies were frustrated (as he recalls in *Cancioneiro Alegre* on the poetry of Donas Boto, *Memórias do Cárcere*, *Noites de Insônia*, etc.), he returned to Coimbra in 1867 and 1868 to accompany his “son of the heart”, Manuel Plácido, a boarder at the diocesan seminary, and lived in Coimbra in 1875-76 (to keep an eye on his sons Jorge and Nuno who were studying there). While he was in the city, he met the poets Gonçalves Crespo and Macedo Papança (the future Count of Monsaraz), the novelist Teixeira de Queirós and the paradigmatic journalist Joaquim Martins de Carvalho, at the Academic Theatre, where he was attending a performance of some of his own plays put on by final-year Law students.

Camilo was not on good terms with the Coimbra Institute (1861, 1862), and so the city and university were not spared his sarcasm and belligerence (as in the confrontation, described in *Boémia do Espírito*, with Avelino Calisto and José Maria Rodrigues on the ‘Sebenta’ Question of 1883). But this did not mean that he was immune to the Romantic fascination with Coimbra. On the contrary, he describes the “very beautiful city” in his narrative fiction in terms that are both ironic and nostalgic, and his plots and characters often intersect in Coimbra, always imbued with moral-psychological idealism and social non-conformism. This was the case not only in his most famous work, *Amor de Perdição* (described by Antero as the “Iberian *Werther*”), but also in *A Mulher Fatal*, *O Bem e o Mal*, *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado*, *O Olho de Vidro* and *O Retrato de Ricardina*. Perhaps inspired by the vogue for Eugène Sue, and the relative success of his *Mistérios de Lisboa*, Camilo considered creating a similar *roman-feuilleton* about Coimbra (*Mistérios de Coimbra*), before finally settling upon his *Mistérios de Fafe*.

Similar references to Coimbra are found in the work of Bento Moreno/Teixeira de Queirós and others, whose successive attempts at “Scenes from Portuguese/Contemporary Life” imitate Eça de Queiroz, by imposing naturalistic detail upon the unsophisticated raw material of their Romantic novel cycles.



Rua na Baixa, LFA, 2006
Street in the lower town, LFA, 2006



Vista da cidade, RF, 2006
View of the city, RF, 2006



Coimbra e o fundo queirosiano de fantasia e ironia

À experiência de Coimbra se conecta em Eça de Queirós o imaginário do insólito Romantismo (pansiquista e satânico, fantástico e baudelaireano) que caracteriza os folhetins da sua primeira fase; e ao longo da carreira subsequente, em que o Naturalismo da segunda versão d'*O Crime do Padre Amaro* e de alguns aspectos d'*O Primo Basílio* cede em geral ao equilíbrio do Realismo (conjugado com tragédia romântica na obra-prima *Os Maias* e com valores finiseculares na última fase, na atmosfera mental dos *Vencidos da Vida*), Coimbra e a Universidade tornam-se motivos recorrentes para – sempre com o sortilégio da prosa queirosiana (recriação sintática e vocabular, finura estilística protagonizada pela hipálage e pela metáfora, pelo adjetivo e pelo advérbio) – cristalizar a compensação nostálgica ou tornar-se objecto de sátira anticonvencional e antipassadista.

Enquanto estudante de Coimbra, gorado o intuito de fundar uma revista com Anselmo de Andrade, Eça de Queirós não tem intervenção relevante na agitação mental e na renovação literária que então aqui se desenvolve. Todavia, além de as acompanhar com vivo interesse e proveito, Eça participa noutras formas de vida cultural da academia e nos rasgos irridentes da efervescência ideológica estudantil.

Coimbra and Queiroz: Fantasy and Irony

In the writings of Eça de Queiroz, the Coimbra experience is connected to the Romantic imagination (panpsychist, satanic, fantastic and Baudelairean) characteristic of the serialized stories of his early phase. But the city and its university remain recurrent motifs in his subsequent work in order to crystallise the nostalgic element or make it the object of unconventional anti-traditional satire, always in captivating prose marked by syntactic and lexical recreations, and stylistic finesse (with much use of hypallage, metaphor, adjectives and adverbs). This became particularly evident as the Naturalism of the second version of *O Crime do Padre Amaro* and some aspects of *O Primo Basílio* gradually gave way to a more balanced Realism —combined with Romantic tragedy in his masterpiece *Os Maias*, and with *fin-de-siècle* overtones in his last phase, in the intellectual atmosphere of the group that was known as the *Vencidos da Vida* (Life's Defeated).

During his student years in Coimbra, Eça de Queiroz did not really play an active role in the ideological ferment and drive for literary renewal that was going on at the time, preoccupied instead with the failure of his project to start a journal with Anselmo de Andrade. However, he followed events with a lively interest, and took part in other aspects of cultural life

Destaca-se, com efeito, como actor no Teatro Académico – experiência sobre a qual ele próprio testemunha com humor nostálgico, mas sobre cujas motivações e consequências Teófilo Braga quis ir mais longe: «A circunstância de Eça de Queirós ter começado a sua carreira universitária pela *coelheira* [«liga de *cábulas* e *trocistas*» constituída pelos estudantes das últimas bancadas], costumando-o a seguir os sopradores, fez com que entrasse para o Teatro Académico, onde representou alguns anos, e onde adquiriu esse conhecimento profundo dos efeitos do diálogo, que é o lado superior e quase shakespeariano dos seus romances, e dos lances cénicos, que lhe ensinaram a produzir as situações e o modo de sair da colisão moral em que revela o seu grande poder de artista.» Aliás, segundo o Teófilo de *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa* e vários outros intelectuais de extracção coimbrã, o próprio ambiente da Universidade – tão negativa e desfocadamente julgada – actua como estímulo reactivo com bons efeitos artísticos: «Neste terrível meio académico uns sucumbem e adaptam-se a tudo, outros reagem com pujança, como aconteceu a Antero de Quental e a José Falcão, mas em geral adquire-se no meio desta perversão intelectual hábitos profundos de ironia, e fica-se com uma tendência para o sarcasmo, com uma hostilidade contra tudo o que é medíocre, vulgar e chato. É esse o carácter de Eça de Queirós, e um dos seus poderes de estilo.»

Eça cedo flagelará a Universidade, desde um folhetim das *Farpas* por 1872, em contraste com a Coimbra «de tão lavados e doces ares»; e mais de uma vez Eça falará das «três revoluções» estudantis dos seus tempos de Coimbra – até nas páginas dirigidas «Aos Estudantes do Brasil» nos seus *Bilhetes de Paris*. Em passos como esses pode sempre irromper o enlevo por Coimbra (aí, por exemplo, a Ponte Velha é lembrada como «talvez o mais doce, e poético e encantado lugar da terra»). Mas os aspectos mais sortilégos da experiência geracional em Coimbra transpõem-se para alguns passos da sua obra ficcional, para «Uma Carta (A Carlos Mayer)» das *Prosas Bárbaras* e sobretudo para a evocação de «Antero – Um génio que era um santo».

Miguel Torga traçará este incomparável diaporama da Coimbra queirosiana: «o seu mundo ficou para sempre toldado de bacharéis medíocres, de beatas da Sé Nova e de serventes da Alta. O Gouveia Ledesma de *O Crime do Padre Amaro* representa no Teatro Académico (...); o José Fernandes de *A Cidade e as Serras* dá uma coça num mestre e queixa-se, mais tarde, «da espessa crosta de ignorância» com que saíra do ventre de Coimbra, sua mãe espiritual; o Raposo de *A Relíquia* é comensal de um professor de teologia [e faz amor com a Teresa do Quinze no Terreiro da Erva]; o Gonçalo Mendes Ramires de *A Ilustre Casa* é proclamado na Rua da Matemática «o

in the academy, especially the light-hearted outbursts of ideological student effervescence. For example, he participated in the Academic Theatre as an actor – an experience that he himself recalls with nostalgic humour. However, Teófilo Braga went further in describing the motivations and consequences:

As Eça de Queiroz began his university career amongst the *coelheira* [the students sitting in the back rows who would fool around and cheat], he got used to following the whisperers, which meant that he entered the Academic Theatre, where he acted for some years. That was where he acquired his in-depth knowledge of dialogue (which is the best aspect of his novels – almost Shakespearean) and of scene-setting, and it taught him how to produce situations and resolve moral conflicts, which reveal his great power as an artist.

Indeed, according to Teófilo in *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, and various other intellectuals from Coimbra, the University atmosphere itself – viewed as negative and unfocused – acted as a stimulus, producing reactions that had good artistic effects.

In this terrible academic environment, some succumb and adapt to everything, while others react forcefully, which was the case with Antero de Quental and José Falcão. However, in the midst of such intellectual perversion, one tends to acquire a deep-rooted irony, and develop a tendency for sarcasm, showing hostility towards everything that is mediocre, ordinary and boring. That is the character of Eça de Queirós, and one of the most powerful aspects of his style.

Eça did not waste much time in attacking the University. In an 1872 issue of his monthly chronicle, *Farpas*, he compared the real Coimbra with the mythical one “of sweet clean airs”; and more than once spoke of the “three student revolutions” that took place during his time at Coimbra – even in the pages of his *Bilhetes de Paris* addressed to students from Brazil. But even in passages like these, his attachment to Coimbra often breaks out (for example, the Old Bridge is remembered as “possibly the sweetest, most poetic enchanted place on earth”). But the most bewitching aspects of this generation’s experience in Coimbra are transported into his writings, as can be seen in certain passages of his fiction, such as “A Letter (to Carlos Mayer)” from *Prosas Bárbaras*, and above all in his evocation of “Antero – a genius who was a saint”.

Miguel Torga later captured Queiroz’s Coimbra in the following matchless description: ...his world was always overshadowed by mediocre graduates, sanctimonious bigots from the New Cathedral and servants from the Upper Town. Gouveia Ledesma in *O Crime do Padre Amaro* acts in the Academic Theatre [...]; and José Fernandes from *A Cidade e as Serras* gives a thrashing to one of the masters, and



Vista da cidade a partir da Torre da Universidade, LFA, 2006
View of the city from the University Tower, LFA, 2006



nosso Walter Scott»; o Carlos da Maia e o João da Ega lêem Proudhon, Comte e Spencer num quarto de Celas; o Teodoro de *O Mandarin* corcova «de muito vergar o espinhaço na Universidade, recuando como uma pega assustada diante dos senhores lentes»; o Artur, o Damião e o Teodósio de *A Capital* fundam em Coimbra «um respirador de publicidade – *O Pensamento*»; Carlos Fradigue Mendes encharca-se de carrascão na tasca das Camelas e publica na *Ideia* sonetos ascéticos; Pacheco, o «imenso talento», assegura temerariamente na aula de direito natural que «o século era um século de progresso e de luz»; e o conselheiro Acácio, (...) o bacharel dos bacharéis, (...) quando quer dar uma ideia da importância do trabalho em que o seu génio se consome, lê uma grotesca descrição desta terra».

Novos interesses na senda dos “Dissidentes de Coimbra”

Em Coimbra se forma logo após o reinado de Antero, e para se tornar voz ressonante da “Escola de Coimbra” (ou “Escola Nova”, na terminologia do escrutínio crítico de Oliveira Martins) e membro mais jovem do “Grupo dos Cinco” na Geração de 70, o bardo litânico e vate tribunício Guerra Junqueiro. Sob os ventos do novo ambiente mental que capta durante os estudos de Direito em Coimbra, cedo inflecte do seu lirismo tradicional para uma poesia de eloquência panfletária,

later complains of the “thick crust of ignorance” that enveloped him when he left the womb of Coimbra, his spiritual mother; in *A Relíquia*, Raposo eats at table with a professor of Theology [and makes love with Teresa do Quinze in Terreiro da Erva]; Gonçalo Mendes Ramires from *A Ilustre Casa de Ramires* is proclaimed “our Walter Scott” in Rua da Matemática; Carlos da Maia and João da Ega read Proudhon, Comte and Spencer in a room in Celas; in *O Mandarin*, Teodoro is hunched over “from so much bowing at the University, retreating like a scared whore before the honourable professors”; Artur, Damião and Teodósio in *A Capital* start up a journal in Coimbra that is to be a “publicity respirator – *O Pensamento*”; Carlos Fradigue Mendes gets soaked on cheap wine at the Camelas tavern and publishes his ascetic sonnets in *Ideia*; Pacheco, an “immense talent”, recklessly claims in a lesson on natural law that theirs was a century “of progress and enlightenment”; and counsellor Acácio, [...] the graduate of graduates, [...] when he wants to give an idea of the importance of the work that consumes his genius, reads a grotesque description of this city.

New Interests in the Wake of the ‘Coimbra Dissidents’

Soon after the reign of Antero de Quental, a new personality appeared in Coimbra, becoming the resonant voice of the Coimbra School (or the ‘New

antibrigantina e anticlerical, ou de ambição cíclica e pretensões realistas (*A Morte de D. João*, 1874, *A Velhice do Padre Eterno*, 1885) – aliás, com uma facúndia satírica que curiosamente os seus insólitos versos de despedida de Coimbra indiciam (soneto «Na formatura»). No fim-de-século, Junqueiro passa a oscilar entre o canto agónico, sedicioso e profético, da crise nacional (*Finis Patriae*, 1890, *Pátria*, 1896) e a panaceia rústico-patriarcal (*Os Simples*, 1892), a caminho do deísmo evolutivo e dolorista no dealbar do século XX (*Oração ao Pão*, *Oração à Luz*). O émulo de Junqueiro na popularidade da musa interventiva, o lisboeta Gomes Leal, assinala com *Serenata de Hilário no Céu* a reorientação finissecular no sentido de abandonar a «Estética da Revolta» e tornar-se diácono da «Estética do Mistério»; e liga a Coimbra, episodicamente, a sua fase atribulada no fim de vida – devendo assinalar-se a interacção com círculos da juventude académica, quer quando por 1905, ainda em fase de latência da reconversão espiritual, recita em festa de recepção aos caloios o poema *À Mocidade* (no ano seguinte publicado pelo grande editor conimbricense F. França Amado, o Léon Vanier português), quer quando na década seguinte colabora com a reacção do CADC (Centro Académico de Democracia Cristã) contra o laicismo da República jacobina.

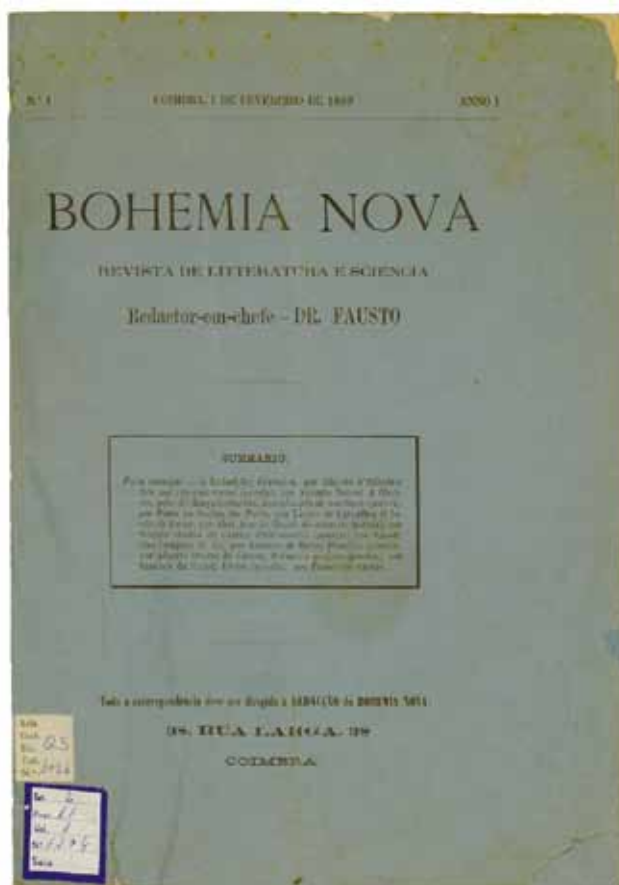
Enquanto pelos outros centros culturais do país se espalha a estética do Realismo e a sua pedagogia social, em Coimbra germinava o nosso ambíguo Parnasianismo. Por si mesmas, ou conotando apenas outras modalidades de desromantização, as tendências parnasianas inoculam na juventude literária, polarizada pela vida académica de Coimbra, uma mais vigiada emoção poética e uma dignificação do mester escritural. Fâ-lo através das gerações de João Penha – que ali dirige *A Folha* (1868-1873) e cujas *Rimas* em boa parte se limitam à rectificação humorística e prosaica dos convencionalismos românticos –, de Gonçalves Crespo – mais hábil na discursividade e na arte descritiva dos versos de *Nocturnos* (onde não falta uma amorosa «Estudantina») –, de Fernando Leal (que em verso evocou episódios de convívio de Antero e Eça), de Macedo Papança, Cristóvão Aires, Coelho do Carvalho (mais tarde reitor da Universidade), etc. O inconfundível meio cultural da Coimbra desse tempo, que João Penha lembrará em *Por Montes e Vales* (1899), distingue-se também pela evoluída orientação da *Revista Literária e Científica*, pela receptividade de Luís de Magalhães («Passava-se do romantismo grandiloquente e hiperbólico de Hugg, da apaixonada e veemente sensibilidade de Musset, do satanismo artificial e elegante de Baudelaire, para a arte plástica, escultural e rutilante do parnasianismo») e do bom poeta menor que é António Feijó (cujo humorismo, com a modernidade

School’, in the critical terminology of Oliveira Martins) and the youngest member of the ‘Group of Five’ from the 1870s Generation. This was the eloquent bard and tribune Guerra Junqueiro. Inspired by the new perspective that he acquired during his law studies in Coimbra, he soon abandoned his traditional lyricism for a more impassioned brand of poetry that was ideologically committed and anticlerical, or cyclical and realist (*A Morte de D. João*, 1874, *A Velhice do Padre Eterno*, 1885) – indeed, displaying a satirical eloquence that, curiously enough, was hinted at in his farewell poem to Coimbra (sonnet “Na formatura”). At the end of the century, Junqueiro oscillated between agonistic, mutinous, prophetic songs about the national crisis (*Finis Patriae*, 1890; *Pátria*, 1896) and a rustic-patriarchal panacea (*Os Simples*, 1892), en route to an evolving sorrowful deism at the dawn of the 20th century (*Oração ao Pão*, *Oração à Luz*).

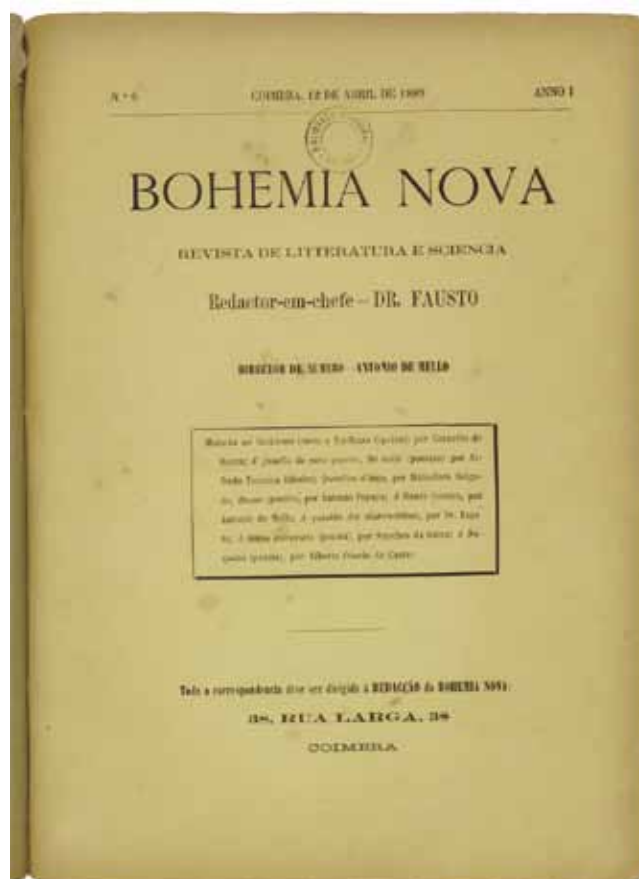
The Lisbon writer Gomes Leal, who emulated Junqueiro’s interventionist style, marked the *fin-de-siècle* with a reorientation (manifested in his *Serenadas de Hilário no Céu*), abandoning the ‘Aesthetics of Revolt’ for the ‘Aesthetics of Mystery’. During the turbulent phase at the end of his life, there were episodic links with Coimbra, often involving interactions with the youth of the academy: in 1905, for example, still in the latent phase of spiritual reconversion, he recited the poem *À Mocidade* (To Youth) at a freshmen’s party (published the following year by the great Coimbra publisher França Amado, considered to be the Léon Vanier of Portugal); and in the following decade, he collaborated with the CADC (Academic Centre for Christian Democracy) in its reaction against the secularism of the Jacobin Republic.

While the aesthetics of Realism and its social pedagogy were spreading around the rest of the country, Coimbra was developing its own ambiguous brand of Parnassianism. On its own account, or because of its connotations with other forms of de-romantization, Parnassianism encouraged a more controlled poetic emotion and dignified style of writing amongst the literary youth. The movement was led by the generation that included João Penha (who directed *A Folha* between 1868 and 1873, and whose *Rimas* were largely limited to the humoristic and prosaic rectification of Romantic conventionalisms); Gonçalves Crespo (who was more adept in discursivity and descriptive art, as shown by his *Nocturnos*, containing an amorous “Estudantina”); Fernando Leal (who used his verse to evoke episodes from the time of Antero and Eça); Macedo Papança, Cristóvão Aires and Coelho do Carvalho (who later became University rector). At that time, Coimbra’s cultural environment (which João

❑
Capa da revista *Bohemia Nova: revista de litteratura e sciência*, Ano 1, nº1 (1 Fevereiro 1889) Coimbra, 1889, BGUC
Cover of magazine *Bohemia Nova: revista de litteratura e sciência*, Year 1, no. 1 (1 February 1889) Coimbra, 1889, BGUC



❑
Capa da revista *Bohemia Nova: revista de litteratura e sciência*, Ano 1, nº6 (12 Abril 1889) Coimbra, 1889, BGUC
Cover of magazine *Bohemia Nova: revista de litteratura e sciência*, Year 1, no. 6 (12 April 1889) Coimbra, 1889, BGUC



quase heteronímica das *Bailatas* atribuídas a Inácio de Abreu Lima, vela a nostalgia de «Conimbrica»). Ao mesmo tempo, o gosto ecrástico, notório na revista *O Mosaico*, ia preparando o terreno para os esteticismos finiseculares, numa caminhada que então também começa a fazer Trindade Coelho, memorialista típico (*In Illo Tempore*) da Coimbra estudantil, onde se afeiçoa culturalmente a sensibilidade do contista de *Os Meus Amores* com a vocação jurisperdente e forense, com o culto patrimonial e etnográfico do cronista de *O Senhor Sete*, com a abertura crítica e programática que na *Revista Nova* e na *Autobiografia* favorecerá o nacionalismo literário. Vindo das mesmas gerações intervalares, seguirá rumo paralelo Manuel da Silva Gaio (jornalista e depois Secretário da Universidade) que, além de servir de elo entre a Geração de 70 e a de 90 (mormente na *Revista de Portugal* de Eça de Queirós e na *Arte* de Eugénio de Castro), se torna poeta e doutrinador do «novolusismo»; nesse quadro, irá do pitoresco de «A vizinha» e outras *Canções do Mondego* (1891) até à proposição alegórico-bucólica dessa corrente neo-romântica com *Mondego* (1900); depois, após oscilações ficcionais entre o modelo camiliano de novela e o modelo queirosiano de romance, e após certa sintonização da pedagogia literária da acção pela corrente vitalista (*Novos Poemas*, 1905), recai no descritivo de arte,

Penha would remember in his 1899 work *Por Montes e Vales*), was also distinguished by the *Revista Literária e Científica*, with its new orientation; the receptivity of Luís de Magalhães (“We moved on from the grandiloquent hyperbolic Romanticism of Hugo, the impassioned vehement sensitivity of Musset, from the artificial and elegant satanism of Baudelaire, to the splendid sculptural artistry of Parnassianism”); and the good minor poet António Feijó (whose humour, in the almost heteronymic modernity of the *Bailatas*, written under the pseudonym of Inácio de Abreu Lima, veils a nostalgia for ‘Conimbrica’). At the same time, a taste for ekphrasis, particularly marked in the journal *O Mosaico*, was preparing the ground for *fin-de-siècle* aesthetics. This trajectory began with Trindade Coelho’s memoirs of student life in Coimbra (*In Illo Tempore*), where he learned to blend the story-telling sensitivity of his earlier work, *Os Meus Amores*, with a vocation for forensics and jurisprudence, with the chronicler’s attention to heritage and ethnography (in *O Senhor Sete*), and with the critical awareness that in *Revista Nova* and *Autobiografia* would favour literary nationalism. That transitional generation also produced Manuel da Silva Gaio (journalist and later Secretary of the University) who followed a similar path. As well as serving as link between the 1870s and ‘90s generations (collaborating in Eça de Queiroz’s *Revista de Portugal*,

casas e paisagens com o opúsculo *Pela Ribeira do Mondego* (1922).

Entretanto, por via das relações de amizade com Macedo Papança e Coelho de Carvalho, bem como da penetração por periódicos locais («Deslumbramento» na *Mosaico* em 1875, «A débil» na *Evolução* em 1876, «Cristalizações» na *Revista de Coimbra* em 1879), liga-se intermitentemente a Coimbra a excelente e então incompreendida obra poética de Cesário Verde, na qual a técnica impressionista subserve a fenomenologia deambulatória, mas de molde a que a interação de sujeito e objecto pode recorrer já à transfiguração expressionista do entorno. Pelos órgãos de Coimbra se manifesta, pois, e chega a ser atacado, este inédito programa de Realismo não – mecanicista, onde a ironia transcendental vinda do Romantismo se inscreve na sombra da morte e a *Sehnsucht* se metamorfoseia na demanda da «perfeição das coisas».

Ao mesmo tempo, com figuras como Amélia Janny e Simões Dias, filhas da cidade ou da região, em todo o caso a ela estreitamente ligadas por vida e obra lírica, Coimbra não deixava de alimentar uma linha de continuidade poética, que ia contaminando a tradição sub-romântica com perfunctórias aquisições de sucessivas alternativas estético-literárias. Embora o epicentro da vaga de Romantismo tardio, protagonizado por meteórica linhagem de bardos “malditos”, seja o microcosmos camiliano do Porto, em breve matéria dos *Nefelibatas* esotéricos, Coimbra acolhe sempre, como espaço mítico propiciatório, essa linhagem romântica, pronta a servir de lastro a novas aventuras temático-formais e a acalantar a aura dos seus bardos malogrados – de que, nos anos 80, António Fogaça é o caso mais afamado, só superado pela aura do fadista Hilário (tão bem evocado no *Livro de Memórias* de Teixeira de Pascoaes e enaltecido por tantos, em verso e prosa).

Novo modo coimbrão de inconformismo (o esteticismo do fim-de-século)

O fim-de-século, porém, é época em que nem o encanto de «Todos os sítios consagrados pela emoção dos milhares de adolescentes que aí [Coimbra] passaram», nem as cantigas canónicas («umas são do António Nobre, outras do Fogaça, outras da Amélia Janny»), nem os provincianismos do meio e os compromissos institucionais, enfim nem o sublime nem o grotesco de Coimbra escapam ao génio expressionista de Fialho de Almeida (*Os Gatos, À Esquina*) e de Raul Brandão, ao mesmo tempo que «a mais gentil, poética e embevecedora cidade portuguesa» deixava lastro existencial (para além do artístico, do lírico e do lendário) no esteticismo hedonista de M. Teixeira Gomes para os seus posteriores *Regressos*.

and then in Eugénio de Castro’s *Arte*), he became poet and prophet of ‘Novolusismo’ (a new form of literary nationalism). Within this current, he moved away from the picturesque style of “A vizinha” and *Canções do Mondego* (“Songs of the Mondego”, 1891) to the allegorical-bucolic neoromanticism of *Mondego* (1900); then, after fictional oscillations between the Camilian novella and the Queirosian novel, and after flirting with Vitalism and the literary pedagogy of action (*Novos Poemas*, 1905), he turned to a description of art, houses and landscapes in his short work *Pela Ribeira do Mondego* (Along the Banks of the Mondego, 1922).

In the meantime, Coimbra was occasionally figuring in the excellent though misunderstood poetry of Cesário Verde (characterised by an ambulatory phenomenology and impressionistic technique, which often leads to expressionistic transfiguration). This connection with Coimbra was mostly due to the friendships that the poet maintained with Macedo Papança and Coelho de Carvalho, and his contributions to local periodicals (“Deslumbramento” in *Mosaico* in 1875, “A débil” in *Evolução* in 1876, “Cristalizações” in *Revista de Coimbra* in 1879). Indeed, it was in Coimbra publications that this particular brand of Realism was first manifested and indeed attacked. This was a non-mechanistic Realism, in which a transcendental irony deriving from Romanticism is inscribed in the shadow of death, with *Sehnsucht* now transformed into the quest for the “perfection of things”.

At the same time, with figures like Amélia Janny and José Simões Dias (natives of the city and region, who remained attached to it in their lives and lyrical work), Coimbra continued to nourish a line of poetic continuity which gradually contaminated the sub-romantic tradition with perfunctory acquisitions of successive aesthetic-literary alternatives. Although Oporto was the epicentre of the Late Romantic wave, a Camilian microcosm that nurtured the esoteric *Nephelibates*, Coimbra, with its mythical status, always attracted Romantic-style poets, ready to provide ballast for new thematic-formal adventures and warm the halo of its ill-starred bards. Of these, the most famous, in the 1880s, was António Fogaça, overshadowed only by the aura accruing to the fado-singer Hilário (so well evoked in Teixeira de Pascoaes’s *Book of Memoirs* and exalted by others in verse and prose).

The New Coimbra Mode of Non-Conformism (*Fin-de-siècle* Aestheticism)

During the *fin-de-siècle*, nothing – not even the charm of “those places consecrated by the emotion of the thousands of adolescents that have passed through here [Coimbra]”, nor the canonical songs of António Nobre, Fogaça and Amélia Janny, nor the



É nesse fim-de-século que, com as cosmopolitas tendências decadentistas e simbolistas ou com as primeiras reacções neo-românticas à sua realização (ora mórbida, ora iniciática) da modernidade artística de matriz baudelairiana, Coimbra reassume com indisputado fulgor a primazia na dinâmica do campo literário português.

São quase todas de Coimbra as revistas que lançam (*Boémia Nova* e *Os Insubmisos*, 1889), consolidam (*Revista Nova*, 1893, *Os Novos*, 1893-94), cristalizam (*O Instituto*, 1895, *Arte*, 1895-96) e prolongam matizadamente (*Argus*, 1897, e a extensão viseense na *Ave-Azul*, 1899-1900) a renovação literária entre os finais dos anos 80 e os alvares do século XX. Dos três poetas mais importantes nessa viragem do fim-de-século, dois (Camilo Pessanha e Eugénio de Castro) são naturais de Coimbra e o outro (António Nobre) em Coimbra projecta o seu mito pessoal. A Coimbra se prende a trajetória existencial, cultural e literária de grande parte dos bons poetas menores que os circundam – escolares da *Alma Mater* conimbricense quase todos e alguns, depois, seus professores (caso, por exemplo, de Carlos de Mesquita e Eugénio de Castro).

provincialism of the institutional environment and rituals, not even the sublime or grotesque aspects of Coimbra – escaped the expressionistic genius of Fialho de Almeida (*Os Gatos*, *À Esquina*) and Raul Brandão. At the same time, that “most charming, poetic, bewitching of Portuguese cities” left an existential mark (that went beyond its artistic, lyrical and legendary aura) upon the hedonistic aestheticism of Manuel Teixeira Gomes, as can be seen in his later *Regressos* (Returns).

During this *fin-de-siècle*, with its cosmopolitan tendency towards Decadence and Symbolism, and the first Neo-Romantic reactions (both morbid and initiatory) to the artistic modernity of the Baudelairean model, Coimbra once more regained undisputed primacy in the field of Portuguese literature.

Almost all the magazines involved in this literary renaissance were from Coimbra (such as the *Boémia Nova* and *Os Insubmisos*, which launched the movement in 1889; the *Revista Nova* of 1893 and *Os Novos* of 1893-94, which consolidated it; *O Instituto* of 1895 and *Arte* of 1895-96, which crystallized it, and *Argus* of 1897, which extended it, indeed as far

Em Coimbra, pois, se centra, em conexão com anúncios de irradiação parisiense (Xavier de Carvalho e *A Ilustração* de Mariano Pina), a vertente literária da reacção idealista e religiosa contra o Positivismo e o Cientismo e contra a estética naturalista, bem como da alternativa cosmopolita que atinge o ponto culminante na revista internacional que a *Arte* pretende ser (e onde efectivamente colaboram Paul Verlaine, Remy de Gourmont e Gustave Kahn, Stuart Merrill, E. Raynaud e Saint-Pol-Roux, Pierre Louys, Charles Morice, F. Viélé-Griffin, Emile Verhaeren e Ferdinand Herold, Arthur Symons e Henri de Régnier).

A dominante cabe ao Decadentismo, com sua poética de crise e sua estesia tão opulenta quanto mórbida. Por vezes, como acontece modelarmente em Camilo Pessanha, vê-se superado pelo Simbolismo, que com ele partilha a atitude esteticista, aristocrática e cosmopolita, mas que se move para um plano de placidez originária ou de optimismo esotérico, enquanto atribui à arte suprema função de conhecimento transracional; só essa arte (música, poesia) pode corresponder à constituição analógica do real com a imaginação simbólica e a estruturação musical do texto. Outras vezes, como acontece exemplarmente no *Só* de A. Nobre, a estesia de crise decadentista vê-se associada a manifestações evasivas e nacionalizantes de um Neo-Romantismo todavia poligenésico (e com algumas raízes anteriores, de húmus coimbrão).

Inconformista esteta saído de família de lentes e autor de saboroso *Guia de Coimbra*, Eugénio de Castro destaca-se como introdutor programático (*Oaristos*, 1890, *Horas*, 1891, e seus antelóquios) e bom executante da poesia de tensão decadentista-simbolista (*Silva*, *Salomé*, *Sagramor*, etc.), grande criador de imagens e sábio artista do verso e da reconversão mitográfica (particularmente no poema dramático *Constança*, reversa perspetivação da história de Pedro e Inês, mas também em «O enterro de Inês de Castro» de *Cravos de Papel*); nas primeiras décadas do século XX cede ao revivalismo de formas classicizantes e ao tradicionalismo neo-romântico (favorável, naturalmente, à sedução da «doce Coimbra» e à nostalgia dos «Palácios Confusos» em *Descendo a Encosta*). Entre as origens minhotas e a carreira diplomática, é efémero mas digno émulo de Eugénio de Castro durante os estudos em Coimbra o poeta António de Oliveira-Soares (*Azul*, *Exame de Consciência*, *Paraíso Perdido*); numa linha afim, mas com personalidades literárias distintas, também em Coimbra se formam e evidenciam Henrique de Vasconcelos (*Flores Cinzentas*, *Os Esotéricos*, *A Harpa de Vanádio*), Alberto Osório de Castro (que faz reviver ao «Luar de Coimbra» figuras gradas da vida académica na excelente colectânea *Exiladas* de 1895 e tardiamente, na deriva neo-romântica de magistrado ultramarino, volverá ao encanto da colina universitária e do «vale bruxo» do Mondego

as Viseu in the form of *Ave-Azul* of 1899-1900). Of the three most important poets in this turn of the century, two (Camilo Pessanha and Eugénio de Castro) were from Coimbra, while the third (António Nobre) projected his own personal myth upon the city. As for the good minor poets that moved in the orbit of these three, most of them had personal, cultural and literary links with Coimbra; indeed, the majority were students at Coimbra University and some (such as Carlos de Mesquita and Eugénio de Castro) later became professors at that institution.

Indeed, Coimbra was the literary centre of the idealistic and religious reaction against Positivism, Scientism and naturalist aesthetics that were emanating from Paris (via figures such as Xavier de Carvalho and *A Ilustração* de Mariano Pina), and of the cosmopolitan alternative that achieved its main expression in the international magazine *Arte* (which published contributions from Paul Verlaine, Remy de Gourmont, Gustave Kahn, Stuart Merrill, E. Raynaud, Saint-Pol-Roux, Pierre Louys, Charles Morice, F. Viélé-Griffin, Emile Verhaeren, Ferdinand Herold, Arthur Symons and Henri de Régnier).

The emphasis was on Decadence, with its poetics of crisis and aesthesia, as opulent as it was morbid. Sometimes, as happened particularly with Camilo Pessanha, this was overtaken by Symbolism, which shared its aristocratic, cosmopolitan and aestheticist attitude, but moved towards a primitive placidity and esoteric optimism, while attributing to art the supreme function of trans-rational knowledge (according to which only art – music or poetry – was capable of analogically constituting reality through the symbolic imagination and musical structuring of the text). On other occasions, as in *Só* by António Nobre, the aesthesia of Decadence was associated to ambiguous and nationalizing manifestations of a rather eclectic brand of Neo-Romanticism (with some of its roots in Coimbra).

As for Eugénio de Castro, a non-conformist aesthete from a family of professors, and author of a *Guide to Coimbra*, he stands out as an innovator (see, for example, *Oaristos*, 1890, *Horas*, 1891, and his prefaces) and a good manipulator of Decadentist-Symbolist tension (*Silva*, *Salomé*, *Sagramor*, etc.). He was also a great creator of images and a clever artist of verse and mythographic reconversion (particularly in the dramatic poem *Constança*, which reverses the perspective on the story of Pedro and Inês, but also in “The Burial of Inês de Castro”, in *Cravos de Papel*). However, in the first decades of the 20th century, he returned to classical forms and Neo-Romantic traditionalism, which naturally favoured evocations of “sweet Coimbra” and nostalgia – as in “Palácios Confusos”, from *Descendo a Encosta*). An ephemeral but worthy emulator of Eugénio de Castro during his studies in Coimbra was the Minho poet António de



a seus pés), como mais tarde o algarvio João Lúcio (*Descendo, Na Asa do Sonho*) e, dispersamente, o açoriano Carlos de Mesquita, que aos periódicos conimbricenses também encaminha a produção poética de seu irmão Roberto de Mesquita. Superiores, sem dúvida, se erguem, sobre um fundo de desengano, o mitogénésico *Só* de António Nobre e a sortílega sugestão da *Clepsidra* de Camilo Pessanha (filho da Alta coimbrã, que em periódicos locais se inicia e em crítica juvenil aos *Versos da Mocidade* de A. Fogaça define já vectores fundamentais da sua estética construtivista, ao mesmo tempo que evoca com melancolia lírica o «alegre conventinho abandonado» de Celas). Finalmente, é em periódicos de Coimbra que de preferência se manifestam os melhores representantes – Armando Navarro, Carlos de Mesquita, Silva Gaio – da consciência crítica deste movimento finissecular de renovação literária, que irradia para todo o país e se torna muito influente até no Brasil.

O mito de Anto na “Coimbra-sem-par”

Coimbra é elemento especial na equação que António Nobre estabelece entre vocação, projecto e destino, na inspirada e elaborada criação de um mito pessoal e de uma obra que, sobre um lastro

Oliveira-Soares (*Azul, Exame de Consciência, Paraíso Perdido*), who went on to follow a diplomatic career. Other writers that spent their formative years in Coimbra and wrote along similar lines, though with different literary personalities, were Henrique de Vasconcelos (*Flores Cinzentas, Os Esotéricos, A Harpa de Vanádio*); Alberto Osório de Castro (who revived some of the great figures of academic life in his poem “Luar de Coimbra”, from the excellent 1895 collection *Exiladas*, and, later, as a magistrate posted overseas, returned in Neo-Romantic mode to the charm of the university hill with the “bewitching valley” of the Mondego at its feet); the Algarvian poet João Lúcio (*Descendo, Na Asa do Sonho*); and the Azorean poet Carlos de Mesquita, who also sent the poetic works of his brother, Roberto de Mesquita, to be published in Coimbra journals.

Greater works, projected onto a backdrop of disillusionment, were undoubtedly the mythogenic *Só*, by António Nobre, and *Clepsidra*, by Camilo Pessanha (who was born on the University hill in Coimbra, and began his career by publishing in local periodicals, defining the main outlines of his constructivist aesthetics in juvenile criticism of António Fogaça’s *Versos da Mocidade*, while at the same time evoking with lyrical melancholy the “gay abandoned monastery” of Celas). Finally,

de tradicionalidade, inscreve a inovação, por vezes chocantemente insólita (dos motivemas às imagens, dos registos linguísticos às soluções prosódico-versificatórias) e introduz num fundo de casticismo a importação cultural, combina a evasão nostálgica, a diversão pitoresca e a compensação fantasista com a actualidade literária e a integração na modernidade, enfim instaura o estatuto profético de uma poesia paradoxalmente de confiança lírica e de épica deceptiva sobre a mais funda autenticidade da sua personalidade literária (e que porventura lavrava, à época, no litígio entre a modernidade científico-sociológica e a modernidade estética): a inquietação enigmática sob a máscara, controlada e irónica, do dandismo melancólico.

Tudo isso fere e cresce quando A. Nobre desce, com a sua juvenil tensão entre existência e mitogenia do seu “reino” nortenho para a contrastada experiência da «fútil coimbrice» e da «Coimbra-sem-par» onde, desde o Outono de 1888 ao Verão de 1890, faz mal sucedidos estudos de Direito e, sem dúvida, apura a imagem futuramente associada à Torre de Anto, em Sub-Ripas – a atitude byroniana, os olhos cismáticos, a recitação toada «de ausência e de remoto», o vestuário original, a apresentação excêntrica, os tiques bizarros, o gosto da solidão e o inexequível amor ideal à «Purinha» (no sério, mas malogrado, noivado com Margarida de Lucena)...

A medievalite da cidade e da Universidade, os ritos brutais da praxe estudantil e a fatuidade ou vulgaridade dos meios académicos começam por provocar-lhe forte constrangimento e mesmo desgostosas reacções e até certa pretensão de algolagnia («de tal modo me habituei já a sofrer que me sinto mal quando não soffro»). É o desencanto que no *Só* se estadeará ao longo da primeira parte da «Carta a Manuel». Mas depois vem a progressiva conciliação com o meio, o estreitar de relações com amigos do Porto (sobretudo o precoce Alberto d’Oliveira) e com novos amigos (António Homem de Melo, Agostinho de Campos, etc.) que cercam de idolatria o seu postulado génio poético. No convívio do grupo, arreigam-se o enamoramento pelo perfil da cidade dominada pelo rio e pela colina lendária, a amorosa devassa da paisagem das cercamias (como reflecte a segunda parte da «Carta a Manuel»); da mesma dinâmica de grupo decorrerá a iniciativa de uma revista que marcará o fim-de-século (a *Boémia Nova*), o seu confronto com *Os Insubmissos* (onde pontificavam João de Meneses, Francisco Bastos e, já sobranceiro, Eugénio de Castro) e a participação de António Nobre nesse episódio da nossa história

it was Coimbra periodicals that published the best representatives of the critical consciousness emerging from this *fin-de-siècle* movement of literary renewal (names such as Armando Navarro, Carlos de Mesquita and Silva Gaio), radiating out from there across the whole country, as far as Brazil, where it became very influential.

The Myth of Anto in “Coimbra Beyond Compare”

Coimbra has a special role to play in the complex interaction of vocation, project and destiny that form the elaborate personal myth created by António Nobre. His work, though ballasted by traditionalism, is often shockingly innovative (in its motifs, imagery, linguistic register and prosodic verse), and introduces cultural importations against a background of purity, combining nostalgic escapism, picturesque diversion and fantasy with literary modernity. This gives prophetic status to a poetry that is both lyrically intimate and deceptively epic (and which also focuses on the topical conflict between scientific-sociological modernity and aesthetic modernity), cultivated by the profound authenticity of his literary personality – enigmatic restlessness beneath the controlled ironic mask of the melancholy dandy.

All this developed when António Nobre came down from the north in the autumn of 1888 to study law in Coimbra, which he pursued rather unsuccessfully until the following summer. The juvenile tension between real existence and the mythogeny that he had created about his northern ‘realm’ was brought to bear upon his Coimbra experience, as he contrasted the ‘futility’ that he found there with the myth of ‘Coimbra beyond compare’ (*Coimbra-sem-par*). Until the summer of 1889, he lived in the medieval tower in Sub-Ripas that eventually came to bear his name (*Torre de Anto* or ‘Anto’s Tower’). This no doubt fuelled his image as a somewhat eccentric Byronic figure with dreamy eyes and strange tics, an original style of dress and love of solitude, who would intone his poems with a remote, absent air, and proclaim undying ideal love for his ‘Purinha’ (reflecting a serious but frustrated attachment to Margarida de Lucena).

The medievality of Coimbra and its university, the brutality of the freshmen initiation rituals, the fatuousness and vulgarity of its academic circles – all this caused him great stress and grief, even to the point of professed algolagnia (“I have got

☒ Capa da *Gazeta Illustrada: revista semanal de vulgarização científica, artística e litteraria*, Ano 1, nº1 (29 Maio 1901), Coimbra, José Joaquim de Almeida, 1901, BGUC
 Cover of *Gazeta Illustrada: revista semanal de vulgarização científica, artística e litteraria*, Year 1, no. 1 (29 May 1901), Coimbra, José Joaquim de Almeida, 1901, BGUC



☒ Página da *Gazeta Illustrada: revista semanal de vulgarização científica, artística e litteraria*, Ano 1, nº1 (29 Maio 1901), Coimbra, José Joaquim de Almeida, 1901, BGUC
 Artigo de Teixeira de Carvalho, “Habitação Portuguesa”, com desenhos de pormenores arquitectónicos da cidade
 Page of *Gazeta Illustrada: revista semanal de vulgarização científica, artística e litteraria*, Year 1, no. 1 (29 May 1901), Coimbra, José Joaquim de Almeida, 1901, BGUC
 Article by Teixeira de Carvalho, “Habitação Portuguesa”, with drawings of architectural features of the city



literária (em que, aliás, cede o plano de evidência a Alberto Osório de Castro e a Alberto d'Oliveira nas disputas de precedência em torno das inovações artísticas, tributárias do Decadentismo e do Simbolismo franco-belga).

De entre 1889 e 1890, tempo de Anto em Coimbra, datam importantes poemas do *Só* – «Carta a Manuel», «O meu cachimbo», «Para as raparigas de Coimbra», vários sonetos e até «Os figos pretos», onde se revelava um poeta exímio não apenas na reiteração litânica (tal como em «Febre vermelha», «Fala ao coração», etc.) mas também na construção intra-dialogante ou ironicamente contrapontada. Aliás, António Nobre colaborou noutros periódicos conimbricenses, como a *Via Latina* onde em Março de 1890 sai «Pobre física», novo produto do sortilégio que o espectáculo da dor e o anúncio da morte exercem sobre o poeta e típica composição decadentista no irracionalismo mórbido, na progressão ominosa, na estesia baudelairiana do nosológico e do macabro.

No ano escolar de 1889-90, antes da abalada melancólica e do domingo lafargueano em que o «lusíada coitado» desembarca em Paris para viver

so used to suffering that I feel bad even when I'm not suffering"). This is the disillusionment that is displayed in his most famous collection, *Só* (Alone) throughout the first part of "Letter to Manuel" (*Carta a Manuel*). However, he gradually became reconciled with his environment, and formed close ties with friends from Oporto (particularly Alberto d'Oliveira) and new friends (António Homem de Melo, Agostinho de Campos, etc), who idolised his supposed poetic genius. Within the conviviality of the group, he gradually developed an affection for the city dominated by its river and legendary hill, and a taste for excursions into the surrounding countryside (as reflected in the second part of the poem "Letter to Manuel"). It was the same group dynamic that also gave rise to the journal that marked the *fin-de-siècle* (the *Boémia Nova*), its rivalry with that other journal, *Os Insubmissos* (led by João de Meneses, Francisco Bastos and the already prominent Eugénio de Castro), and indeed António Nobre's participation this episode of Portugal's literary history (although he is usually overshadowed by Alberto Osório de Castro and Alberto d'Oliveira in disputes concerning artistic innovations arising from Decadentism and Franco-Belgian Symbolism).

«Lusitânia no Bairro Latino», ainda o enamoramento por «a virgem-de-ao-pé-do – Mondego» reactivará o universo mítico de Anto, para sempre integrando a Coimbra fantasmática, elegíaca, idílica... Depois, em Paris, a evocação dorida de Coimbra alastra por «Na Estrada da Beira»; e ainda em 1896, já na *via crucis* de tuberculoso em busca de ares tonificantes, A. Nobre procura reconforto na lembrança de «Coimbra sem par, flor das Cidades!» (soneto das *Despedidas*: «Todas as tardes, vou Léman acima/ (E leve o tempo passa nessas tardes)/ A pensar em Coimbra. Que saudades! /...»)

A «Musa de Portugal» e as energias neo-românticas

Refractário ao esteticismo mórbido, mas compreensivo em relação ao significado do movimento decadentista e simbolista no plano das motivações ideológicas, o crítico e poeta Carlos de Lemos arvora o seu anterianismo, antes e depois de digirir a *Ave-Azul*. Nos seus tempos de Coimbra, Carlos de Lemos destaca-se pelos esforços para promover a alternativa neo-romântica representada por Fausto Guedes Teixeira, sobretudo, e por Augusto Gil. Este, em breve quase tão popular como Guerra Junqueiro, começa no entanto por reflectir, com *Musa Cérula* e *Versos*, o contexto cultural e literário da Coimbra *fin-de-siècle*; e guardará sempre o encantamento por essa «Coimbra» que revisita com *Avena Rústica* – tal como ela surgia cantada na sua geografia sentimental («No Penedo da Saudade», por exemplo) e nas suas figuras tutelares («Rainha Santa – Em Santa Clara»). Quanto a Fausto Guedes Teixeira, sonetista afamado, em «Coimbra» exalta um território primacial do seu *Livro d'Amor*; mas a revisitação, com *Alma Triste*, da Coimbra da juventude académica e do prestígio do bardo neo-romântico não consegue apaziguar em «Penedo da Saudade» a inquietação predestinada do «grande desgraçado»; mais eufórica virá a evasão nostálgica de «Coimbra» no *Fogo do Céu*, onde a revisão lírica de vida implica a confluência dos trovadores universitários com as *dramatis personae* que a fantasia reanima nos “velhos temas” (Santa Isabel, Inês e Pedro).

Parcialmente herdeiro do Simbolismo, cujas exigências de estética da sugestão concilia com pendores neo-românticos (vitalistas, primeiro, saudosistas e lusitanistas, depois), o poeta e contista (*Serão Inquieto*, 1910) António Patrício radica na insinuante paisagem de Coimbra e na sua tradição histórico-lendária o mais alto momento da sua mitográfica dramaturgia (*Pedro o Cru*, 1918).

Em Coimbra, aliás, haviam germinado já no fim-de-século as várias tendências neo-românticas que se refractam na poliédrica obra de António Patrício e que se tornam hegemónicas no primeiro quartel

Many of the important poems from *Só* date from 1889 and 1890 when the poet was in Coimbra (“Carta a Manuel”, “O meu cachimbo”, “Para as raparigas de Coimbra”, various sonnets and even “Os figos pretos”). It was in this collection that he revealed his true talents as a poet, not only in the repetitive invocations of “Febre vermelha”, “Fala ao coração”, etc., but also in the use of internal dialogue and ironic counterpoint. António Nobre also contributed to other Coimbra periodicals, such as *Via Latina*, which in March 1890 published his poem “Pobre física” (a reflection upon a scene of suffering and imminent death typical of the Decadent movement, with its morbid irrationalism, ominous progression and Baudelairean sensitivity to the diseased and macabre).

In the academic year of 1889-90, before that melancholic Laforguean Sunday when António Nobre left for Paris to experience “Lusitania in the Latin Quarter”, his mythical universe was still being activated by the “virgin by the Mondego”, transforming Coimbra into a phantom place, elegiac and idyllic. Coimbra is again evoked in his Paris poem “Na Estrada da Beira”; and even in 1896, when he was suffering from tuberculosis and travelling around in search of invigorating airs, the poet found comfort in the memory of “Coimbra beyond compare, that flower of cities!” In a sonnet from *Despedidas*, he says: “Each afternoon, as I go up the Léman/ (And lightly time passes on those afternoons)/ Thinking of Coimbra. How I miss her”.

The “Muse of Portugal” and Neo-Romantic Energies

The critic and poet Carlos de Lemos, who was intolerant of morbid aestheticism, though sympathetic to the ideological motivations underlying the Decadent and Symbolist movements, was a devotee of Antero de Quental (as displayed in the cult known as ‘Anterianism’) both before and after directing *Ave-Azul*. During his time at Coimbra, Carlos de Lemos stood out for his efforts to promote the Neo-Romantic alternative represented by Fausto Guedes Teixeira, and above all Augusto Gil. Indeed, Gil, who soon became almost as popular as Guerra Junqueiro, began by reflecting (in *Musa Cérula* and *Versos*) upon the cultural and literary context of *fin-de-siècle* Coimbra, and always retained a delight in the city, evoking its sentimental geography and tutelary figures in his poetry (as in “No Penedo da Saudade” and “Rainha Santa – Em Santa Clara”, for example), and later revisiting it in *Avena Rústica*. As for the celebrated sonnet writer Fausto Guedes Teixeira, he extols Coimbra as a city above all others in his *Livro d'Amor* (Book of Love). However, when, in a later collection (*Alma Triste*), he revisits the city associated with his studenthood and early prestige as Neo-Romantic bard, he is unable, in the poem

☒
 Capa da revista *A Farça*, Ano 1, nº1 (20 Dezembro 1909), Coimbra, T. Alvim, 1909, BGUC
 Cover of magazine *A Farça*, Year 1, no. 1 (20 December 1909), Coimbra, T. Alvim, 1909, BGUC



☒
 Capa da revista *A Rajada: revista de crítica, arte e letras*, Série 1, nº2 (Abril 1912), Coimbra, M. Deus, 1912, BGUC
 Cover of magazine *A Rajada: revista de crítica, arte e letras*, Series 1, no. 2 (April 1912), Coimbra, M. Deus, 1912, BGUC



do século XX. A mais forte afluência à corrente lusitanista é a do neo-garrettismo, doutrinado e praticado por Alberto de Oliveira, menino prodígio à entrada para a Faculdade de Direito, «Doutor Fausto» na *Boémia Nova*, em Coimbra editando as suas retumbantes *Palavras Loucas* (1894) e cantando Coimbra desde as *Poesias* de 1891, passando por *Prosa e Verso* de 1919 e por *Vida, Poesia e Morte* de 1926 até *Coimbra Amada* (1930): sítios («No Jardim Botânico», v.g.), tipos («A Violeteira», v.g.), mitos («Anto na Torre»), toques e tiques da *Alma Mater* («O Sino da Universidade», «O Lente», etc.).

O melhor fruto da simbiose do esteticismo decadentista e simbolista com o tradicionalismo neo-romântico surge na obra de um apaixonado por Coimbra («Ao som deste nome a minha alma estremece e o meu coração palpita-me.»): estruturalmente franciscano e ruskiniano, inconformista nas incursões ideológicas e literárias para a prossecução do lema «Reaportuguesar Portugal tornando-o europeu» e para educar o espírito e o gosto pelo culto da natureza e da beleza, Afonso Lopes Vieira enaltece em Coimbra a nobreza da tradição intelectual e a riqueza do património artístico, mas vibra sobretudo com a vivência de Coimbra como «o próprio Lirismo português posto em ambiente, em ritmos, em árvores e um rio». Por isso, no seu entender, Coimbra dotara Portugal

“Penedo da Saudade”, to calm an anxious sense of predestined wretchedness. Later would come a more euphoric nostalgic evocation of “Coimbra” in *Fogo do Céu*, in which the university troubadours join the *dramatis personae* of legend (St Isabel, Inês and Pedro) in a lyrical review of life.

As for the poet and short-story writer António Patrício (*Serão Inquieto*, 1910), he managed to reconcile something of the aesthetic of suggestion inherited from Symbolism with certain Neo-Romantic tendencies (firstly Vitalism, and then the specifically Portuguese movements of *Saudosismo* and Lusitanianism). The high point of his dramatic mythography (*Pedro o Cru*, 1918) is rooted in the meandering landscape of Coimbra and its historical and legendary tradition.

Indeed, it was in Coimbra that the various Neo-Romantic trends refracted in António Patrício’s multi-faceted work first sprouted, to become dominant in the first quarter of the 20th century. The strongest tributary flowing into the Lusitanianist current was Neo-Garrettism, as preached and practised by Alberto de Oliveira, who was something of a child prodigy when he started at the Faculty of Law. He was the ‘Doctor Faustus’ behind the journal *Boémia Nova*, also publishing in Coimbra his resoundingly successful *Palavras Loucas* (1894). Coimbra figured

com o imprescindível sentimento estético, graças à «saude incantatória das suas legendas de amor» e «sobretudo pela magia da sua Paisagem criadora e afinadora do espírito» (nos termos da conferência «Coimbra e o sentimento da Beleza», 1911).

Tendo cursado Direito entre 1894 e 1900, em Coimbra gerou e publicou as colectâneas líricas do seu primeiro ciclo literário («Foi em Coimbra que desabrochei. Lá sofri, e para sempre, a encantação espiritual daquela Paisagem.»). Ao deslocar-se para Lisboa, iniciando a vida profissional, dá especial relevo num volume *Poesias Escolhidas* aos poemas de várias colectâneas que agrega em louvor de «Coimbra, nobre cidade». Mais tarde, antes e após se ter feito compilador de um antológico *Cancioneiro de Coimbra* (1917, com textos vindos desde as origens medievais até à contemporaneidade), Afonso Lopes Vieira exprimirá em sucessivos poemas o seu enamoramento e o seu fecundo culto pelo burgo do Mondego e da *Alma Mater*. A Coimbra dos doces e rituais recolhimentos, da luz velada, dos sons amortecidos, das cores delidas, em tudo propícia à melancolia, insinua-se nas *Canções do Vento e do Sol* (1911). Em *Ilhas de Bruma* (1917), graças ao poema «Sombras» acentua-se a recriação coimbrã da vivência lusitanista do amor. Em *País Lilás, Desterro Azul* (1922) Coimbra e o Mondego dão corpo à relação amorosa, de acordo com o imaginário trovadoresco ou com o mito ofélico («Tal Santa Iria no Tejo,/ já Coimbra dorme em sossego,/ sorrindo, no eterno beijo,/ no sepulcro do Mondego.//...// À volta da Morta brilha/ no fundo, entre choupos finos,/ o burgo de maravilha/ – conventos e claustros, sinos...»). Aliás, de acordo com a sua reescrita do cânone identitário da literatura portuguesa, Afonso Lopes Vieira conexiona a afirmação de Coimbra como transecular «Musa de Portugal» e como «mais linda, mais espiritual, mais portuguesa das terras portuguesas».

Já em parceria com Afonso Lopes Vieira (1901, anti-britânica *Profecia por dous Poetas*), e em conexão com João Lúcio, adensa-se em Coimbra o génio oracular de Teixeira de Pascoaes. É certo que, aqui, um incidente grave da vida familiar e académica (o suicídio de um irmão após injusta reprovação) motivará a revolta ético-social de *Para a Luz* (1904), a meio do período de maturação do seu Saudosismo. Mas já outras colectâneas (*Sempre, Terra Proibida*, etc.) vinham mostrando como Coimbra, cujos estudantes em 1951 hão-de homenagear com emoção o velho bardo druídico, ganhou lugar de relevo na experiência sensível e intelectual de Pascoaes, na sua recriação poética da biografia exemplar: com «A Minha História», na *Terra Proibida* de 1899, confessa: «.../ Sofri, ao ver Coimbra, um dolorido espanto...»); e depois, no roteiro afectivo e

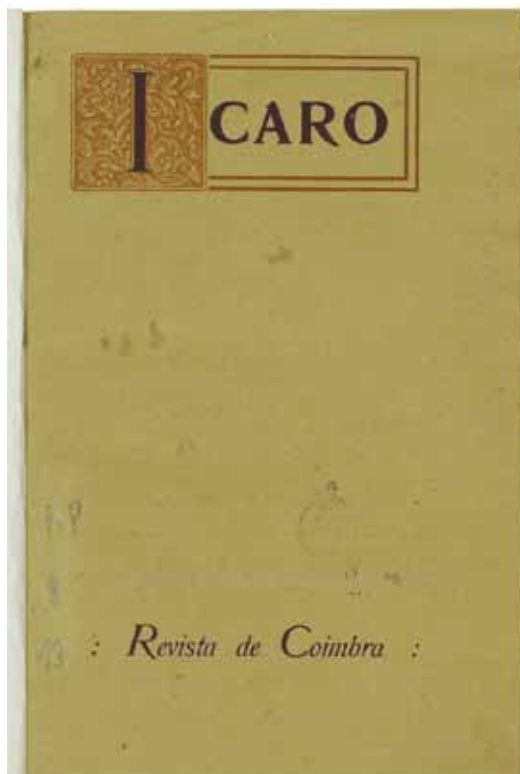
heavily in his verse from the *Poesias* of 1891, through the *Prosa e Verso* of 1919 and *Vida, Poesia e Morte* of 1926, right up to *Coimbra Amada* (1930), visiting places (“In the Botanical Gardens”), characters (“The Violet Seller”), myths (“Anto in his Tower”), and aspects of the *Alma Mater* (“The University Clock”, “The Professor”, etc).

This symbiosis of Decadent and Symbolist aestheticism with Neo-Romantic traditionalism bore its most interesting fruit in the work of Afonso Lopes Vieira, who was passionate about Coimbra (“At the sound of that name my soul trembles and my heart palpitates”). His poetry, which is Franciscan and Ruskinian in structure, non-conformist in its literary and ideological incursions (his motto was to “Re-Portugalise Portugal, making it European”, while fostering a taste for the cult of nature and beauty) exalts the noble intellectual tradition of Coimbra and the wealth of her artistic heritage. However, it is the experience of the city herself that most moves his soul, as if “Portuguese lyricism had transformed into atmosphere, rhythms, trees and river”. Indeed, he believed that Coimbra had endowed Portugal with an essential aesthetic sentiment, thanks to the “incantatory nostalgia of her legends of love” and, above all, “the magic of her creative landscape, which so refines the spirit” (from a 1911 lecture entitled “Coimbra and the Feeling for Beauty”).

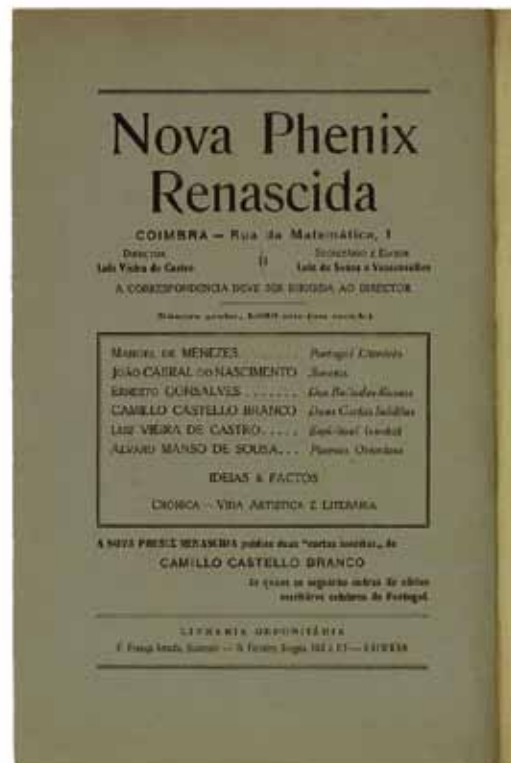
After completing his law degree between 1894 and 1900, Lopes Vieira composed and published his first cycle of lyrical poems in Coimbra (“It was in Coimbra that I bloomed. There I experienced – and would do so forever – the spiritual enchantment of that landscape”). When he moved to Lisbon to begin his professional life, he published a volume of *Selected Poems*, which gave pride of place to the various poems he had written about “Coimbra, that noble city”. Later, before and after compiling the 1917 anthology called *Cancioneiro de Coimbra* (Coimbra Songbook), which included texts taken from the medieval period to the present day, Afonso Lopes Vieira expressed his great affection for Coimbra and his *Alma Mater* in successive poems. His 1911 work, *Canções do Vento e do Sol*, evokes the Coimbra of sweet ritualistic meditation – her velvety light, soft sounds, hazy colours, all propitious to melancholy. In *Ilhas de Bruma* (1917), his poem “Sombras” recreates Coimbra within the Lusitanianist experience of love. In *País Lilás, Desterro Azul* (1922), Coimbra and the Mondego embody a love relation, in line with the minstrel tradition and the Ophelia myth:

Like Santa Iria on the Tagus,
Coimbra already sleeps quietly,
smiling, in an eternal kiss,
in the tomb of the Mondego.

❑ Capa da revista *Ícaro* : revista de Coimbra, Ano 1, nº1 (Julho 1919), Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919, BGUC
Cover of magazine *Ícaro*: revista de Coimbra, Year 1, no. 1 (July 1919), Coimbra, University Press, 1919, BGUC



❑ Capa da revista *Nova Phenix Renascida*, nº1 (Julho 1921), Coimbra, Tipografia F. França Amado, 1921, BGUC
Cover of magazine *Nova Phenix Renascida*, no. 1 (July 1921), Coimbra, Tipografia F. França Amado, 1921, BGUC



visionário de *Painel* (1935), conclui: «E nunca mais vi nada, em minha vida,/ Que tão doce impressão de mágoa me causasse!»

Entretanto, em Coimbra consolida-se no dealbar do século XX a primeira hegemonia neo-romântica – a corrente do vitalismo emancipalista, dominante na primeira década. O seu principal órgão é a revista conimbricense *Arte & Vida* (1904-1906), preparada ou secundada em periódicos como *Gazeta Ilustrada* e *Resistência*; o seu principal paladino e poeta é João de Barros, originário desta região (Figueira da Foz) e escolar de Direito. Centrada a Norte, nos territórios da associação cívico-cultural Renascença Portuguesa, a segunda hegemonia neo-romântica – a corrente saudosista, dominante desde os inícios da República até à I Guerra Mundial – não deixa de ter entre os mais chegados discípulos de Pascoaes um poeta do Campo do Mondego, Jaime Cortesão, depois notabilizado por largos empreendimentos de cultura histórica e cívica, e que, desde *Os Factores Democráticos da Formação de Portugal* até *Portugal – A Terra e o Homem* distinguirá Coimbra, «a cheia de graça e de mistério do passado (...) entre as cidades portuguesas a mais estratificada pela corrente dos séculos em vasa de memórias e ruínas, de lendas e poesia». Com idênticas contaminações do estro saudosista por valores vitalistas ficará também a poesia do algarvio Cândido Guerreiro, justamente durante a sua tarda estadia de estudante de Coimbra, em cujas revistas colabora e onde publica o primeiro livro dos *Sonetos* (1904) e a plaquete *Eros!* (1907).

...

Around the dead maiden,
in the background, amongst the delicate poplars,
gleams the burg of marvels – convents and cloisters,
bells....

Indeed, in his rewriting of the literary canon that had defined Portuguese identity over the years, Afonso Lopes Vieira reaffirms Coimbra's role as the ancient "Muse of Portugal", and as the "most beautiful, most spiritual, most Portuguese of all Portuguese lands".

It was also in Coimbra that Teixeira de Pascoaes consolidated his oracular genius, working in partnership with Afonso Lopes Vieira (in the 1901 anti-British "Prophecy by Two Poets") and João Lúcio. The ethical and social revolt manifested in his 1904 collection *Para a Luz* will certainly have been motivated by a serious incident in his family and academic life (the suicide of a brother after he had been unfairly failed), during the period that his *Saudosismo* was maturing. But other collections (such as *Sempre*, *Terra Proibida*, etc.) showed how Coimbra had earned an important place in the emotional and intellectual experience of this poet. In "A Minha História", from *Terra Proibida* of 1899, he confesses: "I felt, when I saw Coimbra, a most painful amazement..."; and later, in the affective and visionary trajectory of *Painel* (1935), he concludes: "Never in my life did I see anything/ That caused me such a sweet impression of pain!"

❑
Capa da revista *A Galera* : revista quinzenal d'arte e sciencia, Ano 1, nº1 (28 Novembro 1914), Coimbra, José E. da Costa Cabral, 1914, BGUC
Cover of magazine *A Galera*: revista quinzenal d'arte e sciencia, Year 1, no. 1 (28 November 1914), Coimbra, José E. da Costa Cabral, 1914, BGUC



❑
Capa da revista *Bysancio* : revista coimbrã : arte e letras, nº1 (Março 1923), Coimbra, Imprensa Académica, 1923, BGUC
Cover of magazine *Bysancio*: revista coimbrã: arte e letras, no. 1 (March 1923), Coimbra, University Press, 1923, BGUC



Parcialmente tocada por afinidades com o Saudosismo será a poesia de Alfredo Brochado (a quem o presencista António de Sousa dirigirá uma «Carta...» em soneto evocativo do sentimento partilhado perante o *genius loci* coimbrão). O mesmo acontece com a primeira fase da obra de outra figura maior de trajectória coimbrocêntrica que, com tertúlia na Baixa, interagirá com sucessivas gerações literárias, até ao movimento neo-realista dos anos 40: trata-se de Afonso Duarte, que rende preito à sua íntima relação com a cidade desde *Romanceiro das Águas* e *Ritual do Amor* («Quando Coimbra, às tardes de alma, arde/ ...») até ao *Post-Scriptum de um Combatente* (onde retoma um diaporama lírico de flagrantes de «Coimbra»). De resto, com participação de Afonso Duarte, na Coimbra dos anos 10 não faltarão revistas neo-românticas que acompanham *A Águia* portuense no espírito de palingenesia cultural e de lirismo misterioso – merecendo destaque *A Rajada* e *Dionysos*.

Entre o primeiro e o segundo decénios do século XX, em Coimbra se revela o mais wagneriano dos prosadores impressionistas e o melhor crítico literário da época – o Veiga Simões de *A Nova Geração* (1911), de *Nitokris* (1908) e de *Sombras* (1912), que dirige a efémera revista *A Farsa* (1909) e como «estudante que foi na cidade de Coimbra» lhe consagra a *Elegia da Lenda-Livro das Saudades* (1912). Mas, ao mesmo tempo, em torno do grupo dos «Esotéricos» Coimbra vai dando origem ao que virá a ser o movimento

Meanwhile, the first wave of Neo-Romanticism was consolidating in Coimbra – the emancipatory current of Vitalism, which was dominant in the first decade of the 20th century. Its main organ was the Coimbra journal *Arte & Vida* (1904-1906), reinforced by periodicals such as *Gazeta Ilustrada* and *Resistência*. Its main proponent was the poet João de Barros, a law student, who was originally from this region (Figueira da Foz). As for the second wave of Neo-Romanticism, this was centred further north, in the civic-cultural association called *Renascença Portuguesa* (Portuguese Renaissance). This was the current known as *Saudosismo* (the cult of nostalgia, or ‘saudade’), which was dominant from the beginning of the Republic to the First World War. The movement also included a number of Pascoaes’s disciples, the most successful of whom was a poet from the Mondego area, Jaime Cortesão, who later made a name for himself in the fields of history and civic culture. From the time of his *Factores Democráticos da Formação de Portugal* (Democratic Factors in the Formation of Portugal) up to *Portugal – A Terra e o Homem* (Portugal: The Land and the People), he had distinguished Coimbra as “replete with grace and past mystery (...), of Portuguese cities, the most stratified by the current of the centuries, in the deposits of memories and ruins, legends and poetry”. The poetry of the Algarvian poet Cândido Guerreiro was also influenced by the Vitalist spirit emanating from the current of *Saudosismo*, particularly during his extended sojourn in Coimbra as a student. Indeed,

político-cultural do Integralismo Lusitano (cuja revista principal, *Nação Portuguesa*, começará por publicar-se em Coimbra, 1914). Com efeito, pela academia coimbrã passam – ainda agnósticos e republicanos (como António Sardinha) ou já acolhidos às certezas da Fé católica e da Tradição monárquica (o Hipólito Raposo de *Coimbra Doutora*, o Alberto Monsaraz de *Coimbra Cheia de Graça*, etc.) – os que virão a ser também os seus melhores representantes na criação literária. Não surpreende, pois, que Coimbra se mostre permeável, nas revistas *A Galera* (1914), *Ícaro* (1919), *A Tradição* (1920), *Nova Phenix Renascida* (1921), e *Conimbriga* (1923), à terceira hegemonia neo-romântica e, por seu turno, fique estreitamente associada à sua temática e ao seu imaginário.

Com efeito, é na corrente lusitanista que mais sobressai a primazia de Coimbra na geografia electiva do Neo-Romantismo português. Se até um poeta ainda intersectado pelo Saudosismo como o Mário Beirão de *O Último Lusíada* (1913) exalta «Coimbra» em longo e impressivo poema dedicado a Jaime Cortesão, não admira que a mesma Coimbra interfira na maturação do poeta António de Monforte/ António Sardinha de *Tronco Reverdecido* (1910), antes de se refractar na sua *Epopeia da Planície* (1915). Logo ao *Romper d'Alva* (1909) a poesia de Alberto Monsaraz prende-se com enlevo e paixão a Coimbra; e o seu *Sol Criador* (1911) rompe com sequência de sonetos rendidos à mesma «Terra de encantos», aos seus sítios e motivos de pitoresco histórico, aos seus recursos de devaneio impressionista e de evasão nostálgica. Vicente Arnoso, memorialista de *Coimbra nobre Cidade*, dedica-lhe a evocação dramática *Coimbra Terra d'Amores*, com caloroso «Prólogo» lírico. A contaminação do sortilégio de Coimbra pelo prestígio convencional da sua boémia, do seu fado, do diversor modelo erótico estudante/ tricana, patenteia-se bem n'As *minhas Cantigas* de José Bruges d'Oliveira, nos *Lírios* de Carlos Cochofel, na *Boa Nova* de Ângelo César, nas *Canções da Terra* de José Coelho da Cunha, etc. Em todas essas colectâneas de versos, e noutras ainda (a *Chave Dourada* de M. Silva Gaio e *O Sinal da Sombra* de A. Osório de Castro, a *Pequena Casa Lusitana* de A. Sardinha e *Raiz* de António Corrêa d'Oliveira, *Da Terra e do Mar* de José Bruges e *Roteiro das Saudades* de Carlos Lobo d'Oliveira, *Serões Alentejanos* de Silva Tavares e *Apaixonadamente* de Virgínia Vitorino, em Duarte de Viveiros e nas primícias de João de Castro Osório, etc.), os tópicos de Dinis e Isabel, Rainha Santa, ou de Pedro e Inês, nossos Tristão e Isolda, ganham primazia consentânea com o espírito do lugar conimbricense.

Ao contrário do que acontecerá com Aquilino Ribeiro (que, no entanto, faz cruzar Coimbra pelos protagonistas das suas biografias romanceadas –

it was in Coimbra that he published his first book of *Sonnets* (1904) and the slim volume *Eros* (1907), as well as contributing to a number of local journals.

Some affinities with *Saudosismo* are also evident in the poetry of Alfredo Brochado (to whom the Modernist António de Sousa addressed a “Letter” in sonnet form, evoking their shared sentiment for the *genius loci* of Coimbra). The same may be said of the first phase of the oeuvre of another major figure of Coimbra, Afonso Duarte, who would participate in literary gatherings in the Lower Town, interacting with successive literary generations right up to the Neo-Realist movement of the 1940s. Afonso Duarte paid homage to the city in many works ranging from *Romanceiro das Águas* and *Ritual do Amor* (“When Coimbra burns, in the evenings of the soul/ ...”) to *Post-Scriptum de um Combatente* (in which he returns to a lyrical succession of stills in the poem “Coimbra”). In fact, with Afonso Duarte’s participation, there was no lack of Neo-Romantic journals in Coimbra in the 1910s to accompany the famous Oporto journal *A Águia* in its spirit of cultural rebirth and mysterious lyricism; of these, the most important were perhaps *A Rajada* and *Dionysos*.

It was also in Coimbra that Veiga Simões, that most Wagnerian of impressionistic prose writers and the best literary critic of the period, appeared on the scene. During the first and second decades of the 20th century, he directed the short-lived journal *A Farsa* (1909), published *A Nova Geração* (1911), *Nitokris* (1908) and *Sombras* (1912), and as a former student at Coimbra, he dedicated to that city his *Elegia da Lenda – Livro das Saudades* of 1912. However, at the same time, the cultural-political movement known as Lusitanian Integralism (*Integralismo Lusitano*) was beginning to form around a group known as the ‘Esotéricos’, and it was in Coimbra, in 1914, that their main journal, *Nação Portuguesa*, began to be published. In fact, all kinds of people passed through the Coimbra academy at this time, ranging from agnostics and Republicans (like António Sardinha) to hardcore Catholics and Monarchists (such as Hipólito Raposo and Alberto Monsaraz, who wrote *Coimbra Doutora* and *Coimbra Cheia de Graça*, respectively). Many of these would go on to become some of its best representatives in the field of literary creation. It is not surprising, then, that a third wave of Neo-Romanticism should have developed in Coimbra, closely connected to the themes and symbolism associated with the city. This was manifested in journals such as *A Galera* (1914), *Ícaro* (1919), *A Tradição* (1920), *Nova Phenix Renascida* (1921), and *Conimbriga* (1923).

In fact, Coimbra had a particularly important role to play in the elective geography of Portuguese Neo-

Luís de Camões, Fabuloso, Verdadeiro e Anastácio da Cunha, o Lente Penitenciado —, mas também dos seus romances de actualidade — v.g. *Volfrânio* — e das suas digressões pessoais — v.g. *Arcas Encoiradas*), uma das melhores promessas, semi-malogradas, de sucessão queirosiana no domínio da ficção narrativa, o Aníbal Soares de *O Ambrósio das Mercês* (1902), em Coimbra começa a distinguir-se como orador e jornalista de mérito (que depois se confirmará ao serviço da política monárquico-liberal). Outra dessas promessas, Antero de Figueiredo, que virá a gozar sua hora de celebridade pela via de prosador religioso com mestria previsível, em Coimbra situa passos importantes do seu romancear do «Grande Desvairo» de *D. Pedro e D. Inês* (1913), tal como ocorre nas narrativas do seu émulo em academismo literário e sucesso epocal, o Júlio Dantas de *Pátria Portuguesa* (1914).

A presença de Coimbra na aventura modernista

Factos histórico-literários a que hoje se reconhece alcance revolucionário, mas que à época (1915 e anos seguintes) ficaram bastante limitados, quer em grau de implantação no campo literário, quer nos índices de sociologia da edição e da leitura, a erupção do Primeiro Modernismo e as tentativas de Vanguarda (futurista, cubista) foram fenómenos quase exclusivamente lisboetas. Em Lisboa actuava a força polarizadora e catalítica de Fernando Pessoa; a Lisboa revertiam as movimentações cosmopolitas de Sá-Carneiro e de Almada Negreiros (bem como de Santa-Rita Pintor e de Amadeo Souza-Cardoso, etc.); só Lisboa apresentava então, no contexto nacional, aspectos de modernidade técnico-sociológica propícios ao coenvolvimento e ao litígio de uma radicalizada modernidade artística. Coimbra, tal como o Porto e todo o país (à excepção de Faro...), quase fica à margem dessa dinâmica modernista e vanguardista de provocação cultural. Apenas se intromete ocasionalmente nas reacções epidérmicas — mas é sintomático da conaturalidade do espírito irreverente às movimentações literárias do meio universitário coimbrão o facto de ser aqui que irrompe a paródia ao Modernismo orfaico, com os poemas *I Assim* (1916) de Francisco Levita. Em contrapartida, Coimbra torna-se alvo táctico da sátira de Almada, no quadro mais amplo da sua estratégia anti-académica e iconoclasta.

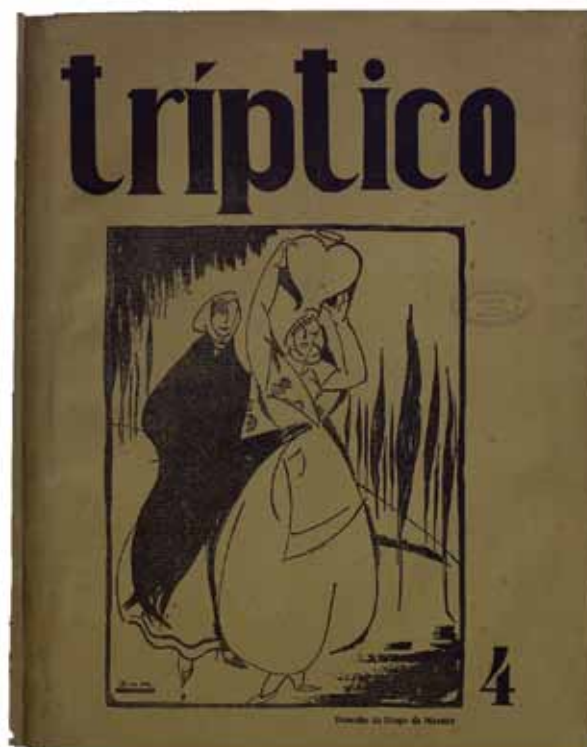
É importante, todavia, não só lembrar que os poetas de *Orpheu*, com F. Pessoa e Sá-Carneiro à cabeça, colaboram em periódicos de Coimbra (com destaque para o número de *A Galera* celebrando António Nobre em 1915), mas sobretudo valorizar que, tendo o campo literário português ostracizado de imediato as manifestações circunscritas desse

Romanticism, especially in the Lusitanianist current. If a poet such as Mário Beirão, still influenced by *Saudosismo*, could extol Coimbra in a long and impressive poem dedicated to Jaime Cortesão (*O Último Lusíada*, of 1913), it is scarcely surprising that the city should play a role in the mature work of the poet António de Monforte/António Sardinha (*Tronco Reverdecido* of 1910), before refracting in his *Epopéia da Planície* (1915). The poet Alberto Monsaraz also displays a passion and delight for Coimbra right from the start in his first collection, *Romper d'Alva* (1909), while his later work, *Sol Criador* (1911), begins with a sonnet sequence devoted to that “land of enchantments”, its sites and picturesque historical motifs, and resources of impressionistic reverie and nostalgic escapism. Vicente Arnoso, author of the memoir *Coimbra nobre Cidade* (Coimbra, Noble City), also dedicates a dramatic evocation to the city, with *Coimbra Terra d'Amores* (Coimbra, Land of Loves), with its warm lyrical Prologue. The influence of more conventional Coimbra themes, such as its bohemian lifestyle, *fado*, erotism involving students and local girls, are evident in works such as *As minhas Cantigas* by José Bruges d'Oliveira, *Lírios* by Carlos Cochofel, *Boa Nova* by Ângelo César and *Canções da Terra* by José Coelho da Cunha. Similarly, the Coimbra themes of Dinis and the Queen-Saint Isabel, and Pedro and Inês (the Portuguese Tristan and Isolde) are prominent in these verse collections, and many others (such as *A Chave Dourada* by Silva Gaio; *O Sinal da Sombra* by Osório de Castro; *Pequena Casa Lusitana* by António Sardinha; *Raiz* by António Corrêa d'Oliveira; *Da Terra e do Mar* by José Bruges; *Roteiro das Saudades* by Carlos Lobo d'Oliveira; *Serões Alentejanos* by Silva Tavares; *Apaixonadamente* by Virgínia Vitorino; and in Duarte de Viveiros and the early works of João de Castro Osório, etc.).

Aquilino Ribeiro also used Coimbra as a backdrop not only for his fictionalised biographies (*Luís de Camões, Fabuloso, Verdadeiro* and *Anastácio da Cunha, o Lente Penitenciado*), but also for his contemporary novels (such as *Volfrânio*) and personal digressions (eg. *Arcas Encoiradas*). In Coimbra, Aníbal Soares, one of the most promising but only partly successful names in the Queirozian tradition of narrative fiction with *O Ambrósio das Mercês* (1902), began to distinguish himself as an orator and journalist of merit (later confirmed in the service of liberal monarchism). Among other promising names, Antero de Figueiredo, who earned fame mostly as a religious proselytizer, also used Coimbra as the setting for certain important scenes of his fictionalised version of the ‘great passion’ of *D. Pedro e D. Inês* (1913). A similar strategy was used by works that emulated his literary academism and enjoyed similar success in the period, such as Júlio Dantas’s *Pátria Portuguesa* (1914).



Capa da revista *Tríptico* : arte, poesia, crítica, Série 1, nº4 (15 Novembro 1924), Coimbra, A. Duarte, 1924, BGUC
Cover of magazine *Tríptico*: arte, poesia, crítica, Series 1, no. 4 (15 November 1924), Coimbra, A. Duarte, 1924, BGUC



Capa da revista *Manifesto* : revista mensal de arte e crítica, nº1 (Janeiro 1936), Coimbra, Livraria Gonçalves, 1936, BGUC
Cover of magazine *Manifesto*: revista mensal de arte e crítica, no. 1 (January 1936), Coimbra, Livraria Gonçalves, 1936, BGUC



Primeiro Modernismo lisboeta, este só passará a ser reconhecido quando encontra uma segunda existência em Coimbra, a partir dos finais dos anos 20, através da *Presença*, que publica e enaltece Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, Raul Leal, Mário Saa (que entretanto se encontra com Coimbra no soneto «Ali à Sé Velha», 1929), etc. É, aliás, em Coimbra que Fernando Pessoa publica a *Antologia dos Poemas Portugueses Modernos*, organizada com António Botto; e no prefácio se diz: «Entendemos por poemas portugueses modernos os dos poetas que têm data literária desde a escola de Coimbra, e incluindo essa Escola», isto é, partindo da «Dissidência de Coimbra» encabeçada por Antero de Quental.

Entretanto, ao longo dos anos 20, Coimbra retoma o comando da evolução da literatura portuguesa através de revistas efêmeras – sobretudo *Bysancio* (1923) e *Tríptico* (1924) – que, com as suas miscigenações da novidade modernista com envolverias neo-românticas, vão preparando o advento da grande revista *Presença* e vão evidenciando nova geração de escritores e críticos que depois, desde 1927 e ao longo dos anos 30, na *Presença* ou em órgãos dissidentes (*Sinal*, 1930; *Manifesto*, 1936-38) hão-de justamente dominar o campo literário com o seu Segundo Modernismo.

Coimbra's Presence in the Modernist Venture

Although Modernism and the Avant-Garde (Futurism, Cubism, etc.) are today recognised as revolutionary historical and cultural events, when they first appeared in Portugal, they were quite limited in scope, as regards both their literary influence and sociological implications in the world of publishing and reading. Moreover, the phenomenon was almost exclusively restricted to Lisbon. This was due partly to the influence of Fernando Pessoa, who acted as a kind of catalyst for the movement, but also to the return to Lisbon of Mário Sá-Carneiro and Almada Negreiros (as well as Santa-Rita Pintor and Amadeo Souza-Cardoso, etc.), and to the fact that, within the national context, only Lisbon had the requisite technological and sociological modernity propitious for the development of such a radical artistic modernity. Coimbra, like Oporto and the rest of the country (with the exception of Faro), largely remained on the margin of these events. Its involvement was occasional and superficial – though it is symptomatic of the irreverent spirit cultivated by Coimbra university's literary movements that it gave rise to a parody of the Modernism of *Orfeu*, in poems such as *Assim* (1916) by Francisco Levita. On the other hand, Coimbra itself became the target of satire at the hands of Almada, within the broader framework of his anti-academic iconoclasm.

O movimento presencista começa por distinguir-se por assinalável trabalho doutrinário e crítico (indicador, mais uma vez, do ímpar espaço de leituras e debates que a Coimbra circum-universitária continuava a ser), como se vê em José Régio e em João Gaspar Simões. Este figueirense, também ficcionista e dramaturgo, em Coimbra termina o curso liceal e arrasta, com interrupções, de 1922 a 1932 o curso de Direito, em Coimbra sobrevive como revisor de provas na Imprensa da Universidade, em Coimbra se desdobra por conferências e ensaios, em revistas e jornais, e cedo também em livros: *Temas* (1929), *O Mistério da Poesia* (1931), *Tendências do Romance Contemporâneo* (1933), *Novos Temas* (1938), etc.

Depois, o Segundo Modernismo realiza-se principalmente na poesia de José Régio (*Poemas de Deus e do Diabo*, *Biografia*, *As Encruzilhadas de Deus*, etc.) e de Miguel Torga (*Orfeu Rebelde*, *Poemas Ibéricos*, belos dispersos nos muitos volumes do *Diário*, etc.), bem como na de outros autores que ora apostam na componente mais insólita – Adolfo Casais Monteiro (*Poemas do Tempo Incerto*, por exemplo, que também não escapam ao sortilégio do «Fado» coimbrão, mas tentam aderir-lhe como «ansiedade por um clima diferente») ou Edmundo Bettencourt (que chega a ser surrealizante nos *Poemas Surdos*, mas também é indispensável colaborador na antologia *Poetas de Coimbra*, de 1939, com uma «Velha Canção de Coimbra» e antes disso se torna intérprete extraordinário dessa canção de Coimbra: «Ai choro com que o Paredes,/ Vibrando os dedos em garra,/ Despedaçava a guitarra,/ Punha os bordões a estalar,// Gritos de cristal e de oiro/ Que o Bettencourt alto erguia,/...», dirá por tantos o Régio de «Balada de Coimbra», no livro *Fado* de 1941) ou o primeiro António de Navarro, etc. –, ora optam por um tom discreto e por vezes mais conciliado com a tradição lírica nacional – Alberto de Serpa (de *Varanda a Fonte*), Saul Dias (o pintor Júlio, irmão de Régio), Francisco Bugalho (revelando o substrato subjectivo do que virá a ser o seu moderno neo-bucolismo na contrapolaridade das «Horas de Coimbra» que identificam «o feminino encanto da cidade» com o «mais puro que tem quem por lá passa» e do magoado nocturno com que «Coimbra» sela as suas *Canções de entre Céu e Terra*, 1940), António de Sousa (que, após suas primícias neo-românticas como António de Portucale, adquire novas modulações na Coimbra que no seu *Livro de Bordo*, 1950, permaneceu o mais envolvente ancoradouro do «choro branco de guitarras», numa «Serenata fora de moda», e que lhe pagou, e ainda lhe paga, o afecto cantando as suas «Trovias de Coimbra», cujas redondilhas finais ganharam a aura do canto anónimo e imemorial: «...// Oh Coimbra do Mondego/ e dos amores que lá tive!/ Quem te não viu anda cego:/ quem te não ama nem vive!// Do Choupal até à Lapa/ foi Coimbra os meus amores,/ a sombra da minha capa/ deu no chão, abriu em flores.»), Fausto José, João Campos, etc.

However, we should not overlook the fact that the poets of *Orpheu*, led by Fernando Pessoa and Sá-Carneiro, also contributed to Coimbra periodicals (particularly the issue of *A Galera* celebrating António Nobre in 1915). Moreover, that first Lisbon-based Modernism was initially sidelined by Portuguese literary circles in general, and only really achieved recognition after it was given a second life in Coimbra, at the end of the 1920s, with the launch of the literary journal *Presença*, which published and extolled the poetry of Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, Raul Leal and Mário Saa (one of whose poems is set in Coimbra – the 1929 sonnet “Ali à Sé Velha”). Indeed, it was in Coimbra that Fernando Pessoa published his *Anthology of Modern Portuguese Poems*, co-edited with António Botto, whose preface states: “By ‘modern Portuguese poems’ we mean those written by poets that have emerged since the Coimbra School, including those of that school” (i.e. since the Coimbra Dissidence led by Antero de Quental).

Throughout the 1920s, Coimbra resumed leadership in the development of Portuguese literature with a series of short-lived journals, such as *Bysancio* (1923) and *Tríptico* (1924), which, with their eclectic mixtures of Modernist innovation and Neo-Romantic traditionalism, paved the way for the appearance of the great journal *Presença*. They brought to public attention a generation of writers and critics who, from 1927 and throughout the 1930s, dominated the literary scene as the Second Wave of Modernism, publishing in *Presença* and in dissident publications such as *Sinal* (1930) and *Manifesto* (1936-38).

The movement centred around *Presença* started out by distinguishing itself through theoretical and critical work (indicative, once more, of the unrivalled position that Coimbra continued to hold in the sphere of reading and debate) with figures such as José Régio and João Gaspar Simões. The latter, originally from Figueira da Foz, also a fiction writer and playwright, completed his high school in Coimbra and then took ten years to finish his law degree (1922 to 1932), surviving by working as a proof reader for Coimbra University Press while at the same time giving talks and publishing essays in magazines and newspapers. He also began publishing books quite early, including *Temas* (1929), *O Mistério da Poesia* (1931), *Tendências do Romance Contemporâneo* (1933), *Novos Temas* (1938), etc.

The second wave of Modernism was manifested chiefly through the poetry of José Régio (*Poemas de Deus e do Diabo*, *Biografia*, *As Encruzilhadas de Deus*, etc.) and Miguel Torga (*Orfeu Rebelde*, *Poemas Ibéricos*, dispersed throughout the many volumes of his *Diário*, etc.). Other names from the period included António de Navarro, Adolfo Casais Monteiro (whose *Poemas do Tempo Incerto* did not escape the spell cast by Coimbra *fado*, while trying to approach it as



Rua do Norte, RF, 2006
Norte Street, RF, 2006

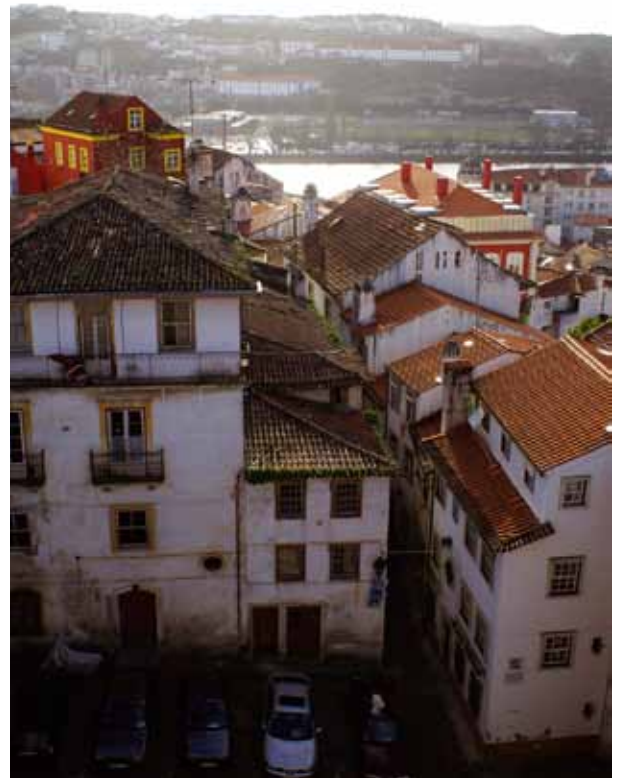


A estes poetas de Coimbra se vêm associar o pós-simbolista Carlos Queirós, António Botto (pós-decadentista que revê Coimbra em canção «Romântica», porque «Tudo nela canta no alto silêncio/ Das coisas divinas que falam do amor») e outros; com musa eclética e serenadamente moderna, confluem também o conimbrincense Campos de Figueiredo (naturalmente um dos momentos de *Poemas do Instante e do Eterno*, em 1934, é «O Milagre das Rosas») e Cabral do Nascimento (que, logo no Simbolismo tardio de *As três Princesas mortas num Palácio em ruínas*, através do tópico inesiano prenunciara o seu devir neo-romântico e lusitanista com que comparece nas revistas coimbrãs dos anos 10 e 20). Cabral do Nascimento há-de volver à «Fonte dos Amores», retocando esse soneto em *Descaminho*, 1969, trinta anos após a sua integração na referida antologia *Poetas de Coimbra* que, organizada por Silvina Gomes e Celestino Gomes (o pintor João Carlos), como que marca um findar de ciclo.

Por outro lado, na não menos vultosa e inovadora ficção narrativa presenciada ou aparentada, de índole psicológica, alegórica e outra, desde o romance (José Régio, *O Príncipe com Orelhas de Burro* e o ciclo *A Velha Casa*; João Gaspar Simões, *Elói*, o díptico *Uma História de Província*, etc.) a excelentes novelas e contos (*O Barão de Branquinho da Fonseca*, *A Unha*



Largo da Sé Velha, RF, 2006
Old Cathedral Square, RF, 2006

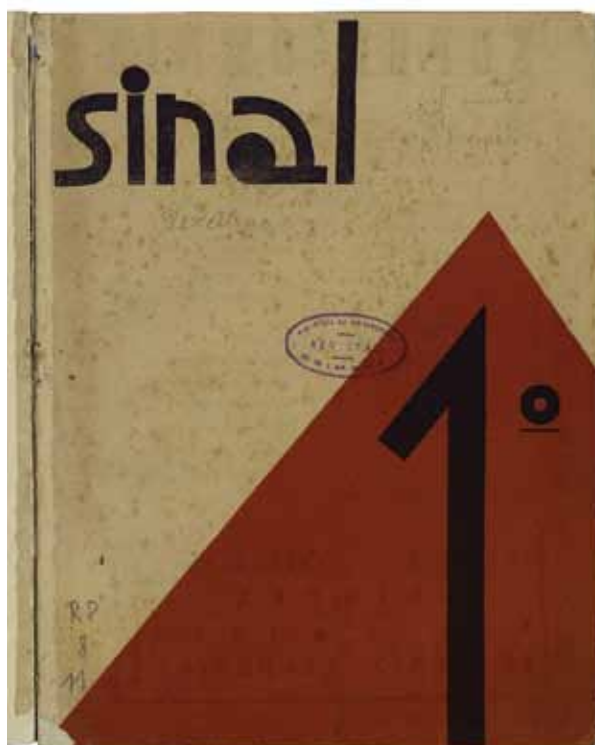


a “yearning for a different climate”) and Edmundo Bettencourt, who became almost surrealistic in his *Poemas Surdos*, though he was an important contributor to the 1939 anthology *Coimbra Poets*, with his “Velha Canção de Coimbra” [Old Coimbra Song], which he would also perform. Indeed, Régio’s “Ballad of Coimbra” (included in the 1941 book *Fado*) makes reference to his famous rendering of Coimbra *Fado*:

Oh, the plaintiveness with which Paredes,
Vibrating his fingers like claws,
Would tear at his guitar,
Snapping the bass strings raw,
Those cries of crystal and gold
That Bettencourt would throw to the skies...,

Others would adopt a discreet tone, more in keeping with the national lyrical tradition. These included, Alberto de Serpa (from *Varanda* to *Fonte*), Saul Dias (the painter Júlio, brother of Régio) and Francisco Bugalho (revealing the subjective substratum of what would become his modern neobucolicism, providing a counterpoint to his “Coimbra Hours” which identifies ‘the feminine charms of the city’ with the “purest of whosoever passes through there” and the pained nocturne with which “Coimbra” seals his *Canções de entre Céu e Terra*, 19??). Then there was Fausto José, João Campos and António de Sousa, who after an early Neo-Romantic phase, when he went under

❏ Capa da revista *Sinal* : publicação literária, nº1 (Julho 1930), Coimbra, Imprensa Acadêmica, 1930, BGUC
Cover of magazine *Sinal*: publicação literária, no. 1 (July 1930), Coimbra, University Press, 1930, BGUC



Quebrada de J. Gaspar Simões, *O Senhor Ventura*, *Bichos*, *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha* de Miguel Torga, *Há Mais Mundos* e *Histórias de Mulheres* de José Régio, etc.), ressalta a importância que nesse domínio da «imaginação simbólica» do Segundo Modernismo ganha o espaço físico e humano, histórico e lendário, de Coimbra. Na verdade, a essa Coimbra surgem placentariamente ligadas não só algumas das narrativas citadas, mas sobretudo o romance paradigmático *Jogo da Cabra Cega* (de J. Régio) e as sucessivas incursões no *Bildungsroman* ou na novela de aprendizagem juvenil – que marcam a área da dinâmica introduzida pela *Presença* na literatura portuguesa e que, tal como na poesia se estende a autores como Pedro Homem de Melo, na narrativa e na crônica abrange autores como Irene Lisboa/ João Falco, José Rodrigues Miguéis, Domingos Monteiro, Marmelo e Silva, além de duas superiores personalidades literárias, fortemente individualizadas, que em Coimbra estudam e em parte aí se enraizam: Vitorino Nemésio e Tomaz de Figueiredo (o narrador ímpar de *A Toca do Lobo*, do *Monólogo em Elsenor*, dos contos de *Vida de Cão*, etc., mas também o memorialista latejante de *Conversa com o silêncio*). Naquele vector da narrativa de formação umbilicalmente vinculada a Coimbra vão surgindo *Os Avisos do Destino* de José Régio, a *Porta de Minerva* de Branquinho da Fonseca, o *Nó Cego* de Tomaz de Figueiredo, e outros ainda, depois prolongados, com a emergência do Neo-Realismo, por *Fogo na Noite Escura* de Fernando Namora, *Livro das Sombras* de Mário Braga, etc.

❏ Capa do jornal *Humanidade* : jornal de estudantes de Coimbra, Ano 1, nº2 (1 Abril 1925), Coimbra, Carlos Soares de Oliveira, 1925, BGUC
Cover of magazine *Humanidade*: jornal de estudantes de Coimbra, Year 1, no. 2 (1 April 1925), Coimbra, Carlos Soares de Oliveira, 1925, BGUC



the name of António de Portucale, acquired new modulations in Coimbra with his *Livro de Bordo* of 1950. Since then he has remained eloquent testimony to the “white cry of guitars” with his “old-fashioned serenade”; indeed, his “Ballads of Coimbra” are still sung today, having gained the aura of anonymous songs from time immemorial:

Oh, Coimbra of the Mondego
And the loves that I had there!
Blind is he who has not seen you:
He who has not loved ne’er does live!
From Choupal across to Lapa
‘Twas in Coimbra my loves’ hour
The shade of my gown cast on the ground
Made it all burst into flower.

These Coimbra poets were joined by the post-Symbolist Carlos Queirós, and António Botto (a post Decadentist who reinvented Coimbra in the song “Romântica”, because “Everything in her sings in high silence/ Of the divine things that speak of love”); the Coimbra poet Campos de Figueiredo, with his eclectic and serenely modern muse (the “Miracle of Roses” naturally appears in his 1934 work *Instante e do Eterno*); Cabral do Nascimento (who, in the late Symbolism of *As três Princesas mortas num Palácio em ruínas*, uses the theme of Inês de Castro to herald the Neo-Romantic and Lusitanianist turn that would appear in the Coimbra journals of the 1910s and ‘20s). Cabral do Nascimento also picked up the theme of the “Fountain of Love”, retouching this

Régio, Torga, Nemésio – «Coimbra, minha madrinha!»

Foi por opção pessoal que, em boa hora, o jovem nortenho José Maria dos Reis Pereira preteriu o Porto para cursar Filologia Românica em 1920: «Eu, porém, queria ir para Coimbra. Sonhava com a minha Coimbra de António Nobre, com a boémia de Coimbra, com a paisagem de Coimbra, com o romantismo e todos os mitos mais ou menos poéticos de Coimbra... não podia, não podia deixar de ir para Coimbra! Até este nome cantava – e ainda hoje canta – aos meus ouvidos.» (registará na *Confissão dum Homem Religioso*). E desde esse Outono de 1920, em que a sua chegada coincide com a insurreição estudantil da “Tomada da Bastilha”, descobrirá motivos de encanto e viverá confrontos com a pasmaceira («- Mortos do adro, de pé!./ Que os vivos é só dormir...») com a sua inquietação de nervoso introvertido e com o seu verbo inteligente e eloquente, de modo a justificar o balanço final: «Uma coisa, porém, sei de certeza. Que nunca me arrependi de ter ido para Coimbra. Lá ganhei novos amigos. De lá saiu a *presença*. Lá passei pelo menos alguns dos anos mais felizes da minha vida. E creio que a minha criação literária lucrou com a ida para Coimbra, pois lá achei elementos para um fecundo ambiente literário.»

Com efeito, não só projectará a experiência pessoal e relacional no seu *Diário*, e em poemas e nos romances *Jogo da Cabra Cega* e *Os Avisos do Destino*, como nesses e noutros textos (sobretudo em *As Monstruosidades Vulgares*, romance do ciclo *A Velha Casa*) reflectirá o ambiente coimbrão dos anos 20. E, antes disso mesmo, em meio do trabalho de estudante da Faculdade de Letras e de vivências desencontradas (além da morte de um filho, fruto de ligação ecoante em poemas de *Mas Deus é grande*, «Neurastenias, cansaços, desânimos, dias de abandono, instantes de aturdido, esquecimentos de mim mesmo, recaídas em mim mesmo, alegrias de histérico, melancolias dulçorosas, versos do Anto, do Duro, do Cesário, do Antero, e os meus versos, os versos de José Régio...»), o génio voluntarioso deste pequeno tímido impor-se-á como condutor de uma nova geração moderna e acorrerá a solicitações dos mais variados periódicos – desde a crónica «Fantasia do Poente» no quinzenário maçónico *A Revolta*, em 1923, até à crítica «Cinematógrafo» no jornal integralista *A Vanguarda*, em 1928 – e sobretudo abrirá caminho, por revistas e movimentações literárias, para a criação em 1927 do grande órgão do Segundo Modernismo português.

Assim, colabora regularmente na *Bysancio*, no mesmo ano de 1923 em que redige para folheto dos seus colegas fitados um típico poema de

sonnet in *Descaminho* (1969), thirty years after its inclusion in the *Coimbra Poets* anthology, edited by Silvina Gomes and Celestino Gomes (the painter João Carlos), as if marking the end of the cycle.

On the other hand, Coimbra also had an important role to play in the physical, human, historical and legendary dimensions of the “symbolic imagination” that characterised the narrative fiction of the Second Modernism. This tended to be of a psychological, allegorical or similar character, and was no less important and innovative than the poetry. It included novels (such as José Régio’s *O Príncipe com Orelhas de Burro* and the cycle *A Velha Casa*; João Gaspar Simões’ *Elói* and *Uma História de Província*, etc.), excellent novellas, and short stories (*O Barão* by Branquinho da Fonseca; *A Unha Quebrada* by João Gaspar Simões; *O Senhor Ventura*, *Bichos*, *Contos da Montanha* and *Novos Contos da Montanha* by Miguel Torga; *Há Mais Mundos* and *Histórias de Mulheres* by José Régio, etc.). In fact, many works of this period had an umbilical attachment to Coimbra. In addition to those mentioned above, there was also the paradigmatic novel *Jogo da Cabra Cega* by José Régio, and successive incursions into the genre of *Bildungsroman* or the ‘coming-of-age’ tale, which marked the dynamic introduced by *Presença* into Portuguese literature and which, in narrative and chronicle, to authors such as Pedro Homem de Melo, Irene Lisboa/João Falco, José Rodrigues Miguéis, Domingos Monteiro and Marmelo e Silva. Two much bigger literary names, each with a very individualized identity, also studied in Coimbra and partly put down roots there: Vitorino Nemésio and Tomaz de Figueiredo (the unrivalled narrator of *A Toca do Lobo*, *Monólogo em Elsenor*, the tales of *Vida de Cão*, etc., but also the palpitating memorialist of *Conversa com o silêncio*). Other works with strong attachments to Coimbra are *Os Avisos do Destino* by José Régio, *Porta de Minerva* by Branquinho da Fonseca, *Nó Cego* by Tomaz de Figueiredo, and still others, later prolonged with the emergence of Neo-Realism, such as *Fogo na Noite Escura* by Fernando Namora, *Livro das Sombras* by Mário Braga, etc.

Régio, Torga, Nemésio: “Coimbra, my godmother!”

It was personal preference that compelled the young writer from the north José Maria dos Reis Pereira, otherwise known as José Régio, to choose not to do his degree in Romance Philology at his local university of Oporto.

I ... wanted to go to Coimbra. I dreamed of my Coimbra, the Coimbra of António Nobre, the bohemian lifestyle of Coimbra, the landscape of Coimbra, the romanticism and all the poetic myths associated with Coimbra... I absolutely couldn’t not

enraizamento literário e existencial em Coimbra («...// E adeus, Outonos de Anto, o médium de olhar fundos,/ Que em sua Torre, só, dá audiência aos mortos!/ E adeus, noites de Antero, o louco de outros mundos,/ Que grita a sua angústia aos mudos céus abertos!// E adeus, Coimbra velha e sempre tão menina,/ Onde estudou Camões, e foi a flor dos moços!/ E adeus, boémia alegre, e vós, capa e batina,/ ...»). Em 1924, por três vezes colabora na *Tríptico* (desde a prosa de «Monólogo nas Trevas»); e segunda a tentativa (protagonizada por António de Navarro, João Carlos Celestino Gomes, Mário Coutinho, etc.) para retomar, em registo pretensamente «futurista», o Modernismo de *Orpheu* e «mostrar que Coimbra não morreu, que ainda é um centro artístico» contra a «pressão conselheiral»: Régio escreve o artigo «O movimento de arte modernista em Coimbra: Sobre um manifesto e uma conferência» no jornal *Humanidade*, tentando reagir contra a falta de irradiação da Universidade em termos do desejável predomínio de «a cultura intelectual, a disciplina crítica, a elegância moral» e contra o estíolar entre a mocidade de «a generosidade natural, a camaradagem ampla, a ânsia de inédito» que deveriam ser seu apanágio. Em 1925, além de se destacar no meio universitário com a dissertação de licenciatura *As Correntes e as Individualidades na Moderna Poesia Portuguesa*, mostrando já o crítico excepcional que seria e tão insólito no seu objecto formal que vinha até à geração de *Orpheu*, José Régio provoca perplexidade e descontraídas valorações com a sua obra-prima lírica *Poemas de Deus e do Diabo* (própria, diria então o romancista Ferreira de Castro, de jovem que, «sem estar abertamente situado sobre os cubos ultraístas, é, contudo, um poeta moderno – um temperamento que procura, inquietamente, as novas formas»; e se, desse modo, se confirmava a iconoclastia da «Última Página» apocalíptica na *Bysancio*, revelava-se plenamente «o poeta trágico», dizia o filósofo Sant’Ana Dionísio); depois, enquanto frequenta a Escola Normal Superior, revela-se como «desenhador exímio no 1º Salão de Arte de Estudantes da Universidade de Coimbra (de forma a que o jornal académico *Mocidade* julgue que «Caracteriza um gosto modernista, que o faz enfileirar ao lado dos mais avançados em arte») e finalmente lança a «Folha de arte e crítica» que será, durante mais de um decénio, a revista por excelência do Segundo Modernismo, a partir do artigo programático «Literatura Viva» subscrito justamente por José Régio. Mesmo depois de iniciar a vida de professor liceal fora de Coimbra, continuará a ser, ao longo dos anos 30, o principal doutrinador, crítico e poeta da *Presença*; por Coimbra continuará a passar nas regulares viagens para férias («melancólico (são horas da Central)», «Mas Portalegre tem a vantagem de à ida ou à vinda de férias me permitir demorar em Coimbra»), em Coimbra continuará a publicar os seus livros (*Biografia*, 1929, *Jogo da Cabra Cega*, 1934,

go to Coimbra! Its very name rang in my ears – and still does today.

(from *Confissão dum Homem Religioso*)

His arrival in October 1920 coincided with the student uprising known as the “Taking of the Bastille”. He soon discovered things to delight him, though also experienced moments of melancholy (“Churchyard dead, stand up!/ Because the living just sleep...”) and restlessness typical of the nervy introvert. However, with his intelligent eloquent discourse, he was able to justify the final balance: “One thing, though, is certain. I have never regretted going to Coimbra. There I made new friends. It was there that *Presença* appeared. There I spent at least some of the happiest years of my life. And I believe that my literary creativity benefited from my stay in Coimbra, where I found a most fertile literary environment”.

In fact, his *Diary*, poems and novels (such as *Jogo da Cabra Cega* and *Os Avisos do Destino*) include not only projections of his personal experiences and relationships, but also reflections upon the atmosphere of Coimbra of the 1920s (particularly evident in *As Monstruosidades Vulgares*, a novel from the cycle *A Velha Casa*). And even before this, as a student at the Faculty of Letters, amidst all the diverse experiences that this brought (as well as the death of a child, fruit of an amorous liaison that is echoed in the poems of *Mas Deus é grande*: “Lassitude, apathy, disillusionment, days of bereftment, moments of perplexity, forgetting myself, slipping back into myself, hysterical elation, sweet melancholy, the verses of Anto, of Duro, of Cesário, of Antero, and my own verses, the verses of José Régio...”), this shy little genius began to assert himself as the leader of a new modern generation. He received requests for contributions from a number of different periodicals, ranging from the chronicle “Fantasia do Poente” in the fortnightly Masonic journal *A Revolta* (in 1923), to the critical review “Cinematógrafo” in the integralist journal *A Vanguarda* (in 1928). Above all, he paved the way, through literary movements and journals, for the creation in 1927 of the journal that was to become the great organ of the Second Wave of Portuguese Modernism.

He contributed regularly to *Bysancio*, and in the same year (1923) wrote a poem for a final-year student booklet expressing typical sentiments of literary and existential attachment to Coimbra:

So Adieu, autumns of Anto, medium of the profound gaze,
Who, in your Tower, alone, attends only corpses!
And Adieu, nights of Antero, madman from other worlds,
Who shouts out his anguish to the mute open skies!
And Adieu, ancient Coimbra, always so girlish,
Where Camões once studied, and was the flower of the youth!
And Adieu, gay bohemia, and you, my student gown.



Vista da cidade, RF, 2006
View of the city, RF, 2006



As Encruzilhadas de Deus, 1936, *Jacob e o Anjo* na nemesiana *Revista de Portugal*, *Fado*, 1941, etc. No Outono de 1929 publica José Régio «Poesia» no 3º e último número do jornal literário *Coimbra* e dá-se conta que ali também comparece, com o poema «Rampa», «um poeta que talvez venha a dar – Adolfo Rocha». De facto, Coimbra é o destino desse jovem emigrante no Brasil, de torna-viagem em 1925 para completar a marchas forçadas o curso liceal e matricular-se em 1928 na Faculdade de Medicina, enquanto na sua crisálida de imatura criação poética ia crescendo Miguel Torga, eterónimo que verá a luz em 1934 no preâmbulo à novela *A Terceira Voz*. Subindo da Rua do Brasil à Ladeira do Seminário, vive na “república” estudantil Estrela do Norte, onde se forjam, na diversidade de temperamentos e educações, amizades fortes, relações fecundas. Com a secular Universidade estabelece então e manterá sempre uma relação desapegada, feita de préstimos e de reservas, como deixa transparecer no volume inaugural do *Diário*: «Passo por esta Universidade como cão por vinha vindimada. Nem eu reparo nela, nem ela repara em mim.» Mas é em torno da vida académica de Coimbra e em editoras locais que se manifesta a vocação literária por sucessivos volumes de versos tributários da tradição neo-romântica de matriz junqueiriana e anterior (*Ansiedade*, 1928, *Rampa*, 1930, *Tributo*, 1931, *Abismo*, 1932), pelos contos com tom satânico de *Pão Azimo* (1931), e pela colaboração, de 1928 a 1930, na *Presença*,

In 1924, he contributed three times to *Tríptico* (starting with the prose of “Monólogo nas Trevas”); and supported the attempt (led by António de Navarro, João Carlos Celestino Gomes, Mário Coutinho, etc.) to reactivate the Modernism of *Orpheu*, though this time in a supposedly ‘Futuristic’ register, to “show that Coimbra has not died, that it is still an artistic centre” against the “pressure of advice”: Régio wrote the article “The Modernist Art Movement in Coimbra: On a Manifesto and a Lecture” in the journal *Humanidade*, which was a reaction against the University’s lack of influence in terms of “intellectual culture, critical discipline, moral elegance” and against the insipidness of a young generation that ought to be brimming with “natural generosity, large-hearted camaraderie, and an eagerness for the unknown”. In 1925, Régio distinguished himself academically with his licentiate thesis on *The Currents and Individualities of Modern Portuguese Poetry*, which not only displayed his exceptional talent for criticism, but also, unusually, included the *Orpheu* generation in its span. In the same year, he caused perplexity and controversy with his lyrical masterpiece *Poems of God and the Devil*, which, according to the novelist Ferreira de Castro, was typical of the young man who, “without openly acknowledging himself as a member of the avant-garde”, was nevertheless a modern poet “with a temperament that urged him to restlessly seek out new forms” (for the philosopher Sant’Ana Dionísio, the work not only confirmed the



como pela dissidência partilhada em 1930 com Edmundo de Bettencourt e Branquinho da Fonseca, que levará ao lançamento da revista *Sinal*. Quando inicia o seu tirocínio aldeão de médico principiante, Coimbra atrai-o magneticamente, fazendo-o pernoitar ao fim-de-semana na Associação Cristã de Estudantes (hoje A.C.M.) para acorrer sofregamente ao cinema e aos livros, mais esquivamente às tertúlias literárias – mas mesmo assim com o convívio cultural na pastelaria Central a servir de crisol para nova revista, *Manifesto*, que Torga funda em 1936 com o crítico e ensaísta Albano Nogueira (futuro diplomata, como o também crítico e ensaísta Guilherme de Castilho). Identicamente, quando após a especialização como otorrinolaringologista tenta a sorte de clínico em Leiria, na escolha dessa cidade foi determinante a proximidade de Coimbra, aonde continuava a ir todas as semanas – até por aí estar sediada a tipografia onde passa a imprimir os seus livros e a aproveitar a revisão de provas para recompor com denodo novas versões textuais, numa altura em que começa a publicar a série do *Diário* e a recriar o trajecto biográfico na narrativa emblematicamente intitulada *A Criação do Mundo*. E não descansa enquanto não decide, já casado com a jovem professora belga Andrée Crabbé (que em Coimbra conhecera, na casa de V. Nemésio, aos Casaréus do Tovim), voltar à cidade que, no fundo,

iconoclasm of the apocalyptic “Última Página” of *Bysancio*, but also fully revealed the “tragic poet” lurking within him). Régio later went on to Teacher Training College, and participated in the 1st Art Salon of the Coimbra University Students, where he proved himself to be an “excellent draughtsman” (in fact, the academic journal *Mocidade* said of his work that “it displays a modern taste, which ranks him alongside some of the most advanced figures in art”). Finally, with the programmatic article “Literatura Viva”, he launched the journal *Folha de arte e crítica*, which ultimately turned out to be the main organ of the Second Modernism. Even after beginning work as a high school teacher outside Coimbra, he continued to be the main theorist, critic and poet of *Presença* throughout the 1930s. He would visit Coimbra regularly during the holidays (“melancholic are the hours spent in the Café Central”, “But the advantage of Portalegre is that it allows me to spend some time in Coimbra on my way to or from my holidays”). Indeed, it was in Coimbra that he continued to publish his books (*Biografia*, 1929; *Jogo da Cabra Cega*, 1934; *As Encruzilhadas de Deus*, 1936; *Fado*, 1941; *Jacob e o Anjo*, 1949, etc.) as well as contributing to Nemésio’s *Revista de Portugal*.

In the autumn of 1929, José Régio published “Poesia” in the 3rd and last issue of the literary

assim reconhecia primacial: «Coimbra, como não podia deixar de ser. Era ela, quer eu quisesse quer não, a minha Agarez alfabetada, o húmus pavimentado que os meus pés pisavam com mais amor.» Assim poderá aprofundar no meio intelectual coimbrão as relações de cordial afinidade literária (António de Sousa, Afonso Duarte, V. Nemésio) e as amizades fundamentais (Paulo Quintela, Alberto Martins de Carvalho). E quando em Coimbra surge, como espécie de complemento matizante da *Presença*, a excelente *Revista de Portugal*, Miguel Torga nela colabora com os textos de vária ordem que então já o vão singularizando – lírica, conto, ficção autobiográfica, diarística... A residência familiar à Estrada da Beira oferece-lhe vistas traseiras para a paisagem inspiradora do Mondego e dos laranjais ribeirinhos; e torna-se local de visita para intelectuais, poetas e amigos (agora também Eugénio de Andrade, Ruben A., o brasileiro Ribeiro Couto, etc.). Por seu turno, o austero consultório médico, no Largo da Portagem, torna-se também lugar mítico de experiência humana e de escrita colaça, bem como lugar de romagem para leitores, críticos e discípulos; constitui-se, na verdade, em espaço ritual de missão e celebração laicas, de confiança e revelação, ao mesmo tempo que, pela localização, será ao longo da décadas motivo quotidiano de interacção sócio-cultural (propiciando a deslocação a pé ou de carro eléctrico, a visita às livrarias e a passagem por tertúlias) e mirante sobre a vida em trânsito pela baixa da cidade. De ambos os modos favorece uma relação aberta com o mundo e com as gentes de Coimbra – cidade de envolvimento e implicação irrecusáveis, tal como Torga a retratará ou a ela reagirá nas páginas de *Portugal*, em intercipientes entradas do *Diário* e em poemas esparsos: com o seu perfil de «irrealidade poética» e o seu potencial de «Cenário para um perpétuo renascimento do espírito», mas onde tudo, até a realidade física, se acanha no «ópio sentimentalista», segundo Torga, afecta atingir a atmosfera mental portuguesa. Enfim, dessa interacção ficará esta «Memória»: «De todos os cilícios, um, apenas,/ Me foi grato sofrer:/ Cinquenta anos de desassossego/ A ver correr,/ Serenas,/ As águas do Mondego.»

Em desassossego de espírito especulativo, criativo e interventivo, mas também de jovem em dificuldades económicas, é como chega a Coimbra pelos finais de 1921 Vitorino Nemésio – para se enraizar e desenraizar pela Alta (entre o Bico das Cruzes e os Palácios Confusos, entre a Casa da Mariquinhas do Leite Morno e o Largo da Feira, entre o Liceu Central de José Falcão, aos Arcos do Jardim, e as Faculdades de Direito e de Letras (onde, após derivas pelos estudos jurídicos e histórico-geográficos, se fixará em Filologia Românica), entre a Imprensa da Universidade (onde Joaquim de Carvalho, depois seu mestre, lhe arranja um lugar de revisor de provas) e o Orfeon Académico (de que virá a ser director e com o

journal *Coimbra*, and noted that the appearance in the same issue of the poem “Rampa” by “a poet that might become something one day – Adolfo Rocha”. This young man, who at the time was still poetically immature, would later develop into Miguel Torga, a pseudonym that was first used in 1934 in the preamble to the novella *A Terceira Voz*. He had returned to Portugal from Brazil in 1925 to complete his high school education, and matriculated in the Faculty of Medicine at Coimbra in 1928. He lived in the student fraternity known as the ‘Estrela do Norte’, located on the Ladeira do Seminário off Rua da Brasil, where he forged strong friendships with people of diverse backgrounds and temperaments. His attitude to the ancient University was one of detachment and reserve, as is clear in the first volume of his *Diary*: “I pass through this University like a dog wandering through a vineyard whose grapes are all gathered. I don’t even notice it, nor does it notice me”.

But it was in the academic world of Coimbra and with local publishers that his literary vocation manifested itself. He published successive volumes of verse in a Neo-Romantic vein inspired by Guerra Junqueiro and Antero da Quental (*Ansiedade*, 1928; *Rampa*, 1930; *Tributo*, 1931; *Abismo*, 1932), and some satanic short stories (such as *Pão Azimado*, 1931). Then between 1928 and 1930, he contributed to *Presença*, breaking away from it in 1930 along with Edmundo de Bettencourt and Branquinho da Fonseca to launch *Sinal*. When he started his career as a young doctor, posted to remote villages, Coimbra exerted a powerful magnetic attraction for him. At weekends, he would return and stay at the Christian Students’ Association (today the Young People’s Christian Association, or A.C.M.), avidly rushing about between cinemas, bookshops and literary gatherings; indeed, the cultural and social encounters at the Café Central served as a crucible for the new journal *Manifesto*, which Torga founded in 1936 with the critic, essay writer and future diplomat Albano Nogueira, as well as the critic and essayist Guilherme de Castilho. Similarly, when he began practising as an Ear, Nose and Throat specialist, he chose to work in Leiria because it was near Coimbra and he could go there every week. One reason was that this was where his printers were based, and he could take advantage of those weekends to revise proofs and introduce new versions of the texts. It was at this time that he was beginning to publish his *Diary* series and recreate his autobiography in the narrative emblematically entitled *A Criação do Mundo* (The Creation of the World). In fact, he did not rest until he had decided to return to the city he now recognised as crucial to his identity (by which time he was married to the young Belgian teacher, Andrée Crabbé, whom he had met at the house of Vitorino Nemésio, in Casaréus do Tovim, just outside Coimbra): “Coimbra, as it could only be. Whether I wanted it or not, it was she, my literate Agarez, whose paved soil my feet trod with the most love”.

qual viajará até Salamanca, onde conhece Unamuno, e até Paris), entre a Associação Cristã de Estudantes e o Centro Republicano Académico ou a loja maçônica “Revolta”... Coimbra foi para o jovem V. Nemésio um espaço de solicitação contínua para a intervenção pública de ordem cultural e cívica, a que o estudante e já escritor (que logo completará a publicação do seu ciclo de primícias com a edição de *Nave Etérea*) corresponde pela colaboração assídua em jornais e revistas e por frequentes alocações ou conferências. Redactor do órgão estudantil *A Academia*, logo no seu primeiro número (Janeiro de 1923) publica sintomática proposta de «Universidade Nova»; com o mesmo espírito escreve sobre «A Geração Nova» na *Vida Nova*, órgão da A.C.E.. Paralelamente, no campo literário tanto colabora no ecletismo conservador da revista *Conimbriga* (com a sua largueza de interesses a denunciar-se, todavia, em artigo sobre a pintura de Vásquez Díaz), como participa no contributo renovador da *Bysancio* e da *Tríptico*. Em Coimbra sai o seu livro de contos *Paço do Milhafre*, a caminho já da obra grande da maturidade.

Por 1925, torna-se director do efémero jornal *Humanidade*, com um núcleo de escritores onde se intersectam os destinos da consolidada *Seara Nova* (cujo 4º ano é devidamente saudado) e da germinante *Presença*. Redige, por 1925-26, o romance *Varanda de Pilatos*, que em 1927 sai já datado da Quintas das Albergarias, ao Largo de Celas, onde entretanto passara a morar após casar-se.

Na viragem da República demo-liberal para o Estado Novo, V. Nemésio intensifica a sua intervenção cívico-cultural, liderando o grupo que lança o jornal republicano académico *Gente Nova* e polemizando nas páginas da *Seara Nova* com os integralistas de Coimbra e com o Prof. Cabral Moncada. É o candidato dos estudantes republicanos ao lugar de representação discente no Senado da Universidade. Ao mesmo tempo, desenvolve n' *O Instituto* o tema «A Arte de Escrever (Composição, Sensibilidade, Atitude Crítica)». Ainda festeja a Queima das Fitas tipicamente coimbrã como quartanista da FLUC; e, se resolve terminar a licenciatura em Lisboa, continuam a fortalecer-se as ligações a Coimbra, «sua madrinha», onde entretanto os primeiros filhos lhe nasciam. Mesmo depois de se tornar docente da FLUL, mantém a casa familiar em Coimbra e para ela se retira em várias oportunidades, sobretudo nas férias (em especial quando prepara a tese de doutoramento sobre *A Mocidade de Herculano até à volta do exílio*).

Tão forte foi o significado de Coimbra para V. Nemésio que aqui quererá ficar sepultado. Mas muito antes disso, em Coimbra colaborará na *Presença*, por 1930; na Imprensa da Universidade de Coimbra editará o

Thus, in the intellectual circles of Coimbra, he was able to cultivate cordial literary acquaintances (such as António de Sousa, Afonso Duarte, Vitorino Nemésio) and develop some important friendships (Paulo Quintela, Alberto Martins de Carvalho). Thus, when the journal *Revista de Portugal* appeared in Coimbra, as a kind of complement to *Presença*, Miguel Torga contributed texts of all kinds, ranging from lyrical poetry to short stories, autobiographical fiction and diary episodes. His family residence on the Estrada da Beira, with its marvellous views over the inspirational landscape of the Mondego with the orange trees along its banks, became a meeting point for intellectuals, poets and friends (now including Eugénio de Andrade, Ruben A., the Brazilian Ribeiro Couto, etc.). Moreover, his austere surgery in Portagem Square also acquired mythical status – a site of human experience and intimate writing, and place of pilgrimage for readers, critics and disciples, who saw it as a ritual space of secular mission and celebration, confidences and revelations. Its convenient location (easily accessible on foot or by tram, and close to the bookshops and cafés that hosted the famous literary gatherings known as “tertúlias”), with its view over the bustle of life in downtown Coimbra, made it for decades a daily centre for sociocultural interaction. Both modes favoured an open relation with the world and people of Coimbra – and indeed Torga portrayed the city (in the pages of *Portugal*, in intermittent entries in his *Diary* and in occasional poems) as one that it was impossible not to get involved in. For him, it had a “poetic unreality” and the potential to bring about “a perpetual rebirth of the spirit”, although everything, even physical reality, could be dragged down by the “opium of sentimentalism” that affected the Portuguese mindset. This interaction is described in “Memória”:

Of all my penances, one alone
I was grateful for suffering:
Fifty years of disquietude
Watching
The waters of the Mondego
Serenely flowing by.

When Vitorino Nemésio first arrived in Coimbra at the the end of 1921, he came with the speculative restless spirit of a young man eager to create and participate in everything, though handicapped by financial hardships. He moved from place to place, trying out a succession of different abodes in the Upper Town (Beco das Cruzes, Palácios Confusos, the Casa da Mariquinhas do Leite Morno, the Largo da Feira, the José Falcão High School, Arcos do Jardim), and also changed course several times, switching from the Faculty of Law to the Faculty of Letters, and drifting about between legal and historical-



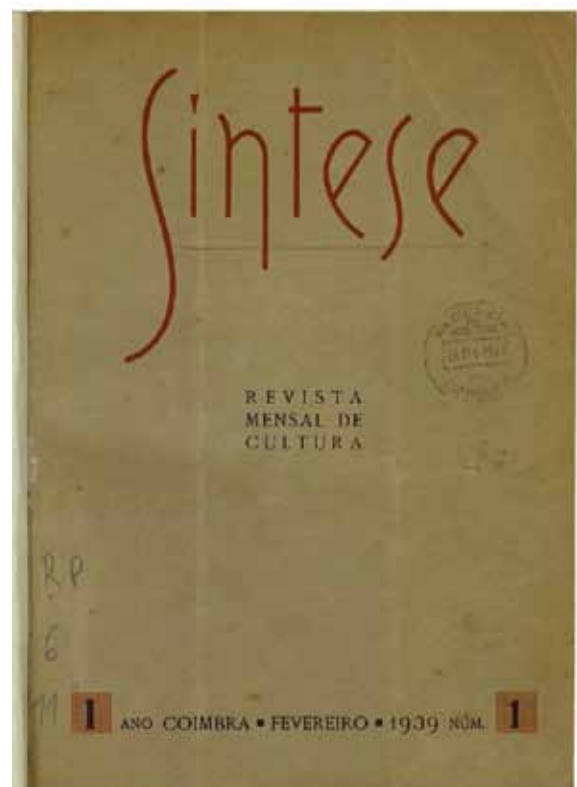
Capa da revista *Conimbriga* : revista mensal de arte, letras, ciências e crítica, Ano 1, nº1 (17 Março 1923), Coimbra, António Gomes d'Oliveira, 1923, BGUC

Cover of magazine *Conimbriga*: revista mensal de arte, letras, ciências e crítica, Year 1, no. 1 (17 March 1923), Coimbra, António Gomes d'Oliveira, 1923, BGUC



Capa da revista *Síntese* : revista mensal de cultura, Ano 1, nº1 (Fevereiro 1939), J. Saramago, Coimbra, 1939, BGUC

Cover of magazine *Síntese*: revista mensal de cultura, Year 1, no. 1 (February 1939), J. Saramago, Coimbra, 1939, BGUC



seu primeiro livro de ensaios, *Sob os Signos de Agora* (1932) e é a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra que lhe publica em 1936 o volume *Relações Francesas do Romantismo Português*; em Coimbra sediará em 1937 a sua *Revista de Portugal* que, no entender de Paulo Quintela, «foi a mais europeia de todas as publicações literárias que viram a luz nas últimas décadas em Portugal»; no mesmo ano, um editor conimbricense publica-lhe a magnífica colectânea de novelas *A Casa Fechada*, enquanto em 1938 sai com chancela editorial da própria *Revista de Portugal* a não menos excelente colectânea lírica *O Bicho Harmonioso*. Por outro lado, à padroeira de Coimbra (e figura emblemática da cultura medieval portuguesa) dedica V. Nemésio o estudo/narrativa *Isabel de Aragão, Rainha Santa*; e a sua experiência existencial dos lugares e das pessoas de Coimbra transfunde-se para poemas de *Nem Toda a Noite a Vida*: «Cantiga de Coimbra» («Rio que corres tão fundo,/ Erva e choupos corcovados,/ Nem toda a água do mundo/ Faz os meus versos lavados!// Coimbra, minha madrinha!/ ...»), «Soneto coimbrão», «Campos do Mondego», etc.

geographical studies before eventually settling down with Romance Philology. He worked as proofreader for the University Press, thanks to the intervention of his teacher Joaquim de Carvalho, and took part in the University Choral Society (*Orfeon Académico*), later becoming its director and travelling with it to Salamanca (where he made the acquaintance of Miguel Unamuno) and Paris. He also vacillated between the Christian Students' Association and the Academic Republican Centre or the Masonic lodge "Revolta". Coimbra was for the young Nemésio a place of constant solicitations. He was frequently called upon to intervene publicly in the cultural and civic sphere, which he did by contributing to newspapers and magazines and giving public talks and lectures (the young student was already a writer, having published his first works with *Nave Etérea*). He became editor of the student paper *A Academia*, and in its very first issue (January 1923) published a proposal for a "New University". This was followed by an article in the same spirit about "The New Generation" in *Vida Nova*, the organ of the Christian Students' Association. At the same time, in the literary field, he contributed to the eclectic but conservative journal *Conimbriga* (revealing his breadth of interests particularly in an article about the painting of Vázquez Díaz), and to *Bysancio* and *Tríptico*. It was also in Coimbra that he published his book of short stories *Paço do Milhafre*, which already showed signs of the greatness that would

Missão neo-realista e o abalo outro de «um timbre de guitarra» (Carlos de Oliveira, F. Namora, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade)

Sem subestimar o papel de núcleos de Lisboa e Porto, nem o contributo da *Seara Nova*, por um lado, e de novos periódicos de intervenção cívico-cultural como *Sol Nascente* ou *O Diabo*, cabe a Coimbra de novo a condução da mudança estético-ideológica que se traduz, desde os finais dos anos 30, pela implantação (reactiva, primeiro, pautadora, depois) do programa neo-realista e da sua literatura militante – poesia e ficção sociais em função da directriz marxista para transformar o mundo.

Desde os prenúncios em revistas como *Cadernos da Juventude* (1937) ou *Altitude e Síntese* (1939) até à hegemonia com as séries editoriais *Novo Cancioneiro* e *Novos Prosadores* e com as revistas *Nova Luz* («Revista académica mensal» de 1942) e sobretudo a longeva *Vértice* (1942), é Coimbra que se constitui no centro do campo literário português. Prevalece então a dinâmica de grupo e a primeira fase da obra de Fernando Namora e Carlos de Oliveira, de Joaquim Namorado e João José Cochofel, de Álvaro Feijó e do malogrado Políbio Gomes dos Santos (*Voz que escuta*). Reeditando um fenómeno cultural cíclico na Coimbra circulo-universitária, na mansão familiar de Cochofel, à rua do Loureiro (presente também na sua obra poética, tal como a visão anticonvencional e empolgante dos «Campos de Coimbra»: «Não me venham dizer/ que os choupos despidos lembram mágoas,/ .../ Nas ínsuas correm em liberdade os potros,/ ...»), encontravam os amigos acesso privilegiado à música, às artes e às novidades literárias estrangeiras, com destaque para os nordestinos brasileiros, os neo-realistas americanos e os franceses marxizantes.

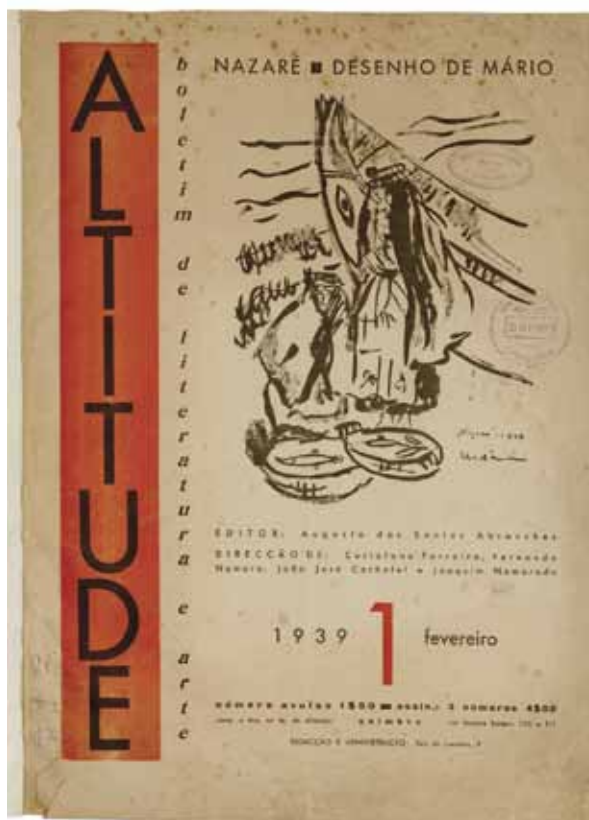
Em contraste com a *Cidade Nova* (1949), grande «Revista de Cultura» católica e neo-integralista (onde ao ensaísmo de H. Barrilero Ruas, Afonso Botelho, e Álvaro Ribeiro, dos professores Miranda Barbosa e Costa Pimpão, se juntam as criações de Almada Negreiros e os poemas religiosos de Ruy Cinatti) e, em parte, com os *Estudos* do CADC – Centro Académico de Democracia Cristã (donde chegará ao grupo da *Vértice* o reforço ensaístico do jovem Eduardo Lourenço e que desde os anos 30, em diálogo com Régio e a *Presença*, e até aos dias de hoje, presta atenção interpretativa à literatura portuguesa e mundial), por Coimbra passará ainda, com marcos grupais como a revista *Pan* (1958), a colecção *Poemas Livres* (1962) e a revista *A Poesia Útil* (1962), a maturação de autores das gerações seguintes, ao mesmo tempo tributários do projecto neo-realista (como aliás o sulista Urbano Tavares Rodrigues, que tão bem representa o corpo de Coimbra nos seus *Contos da Solidão*, 1970), mas

characterise his mature work. In 1925, he became director of the short-lived journal *Humanidade*, with a group of writers that were also involved in the already famous *Seara Nova* (now in its 4th year) and the seminal *Presença*. In 1925-26, he wrote the novel *Varanda de Pilatos*, which came out in 1927 bearing the address of Quintas das Albergarias in Largo de Celas, where he had been living since he had got married.

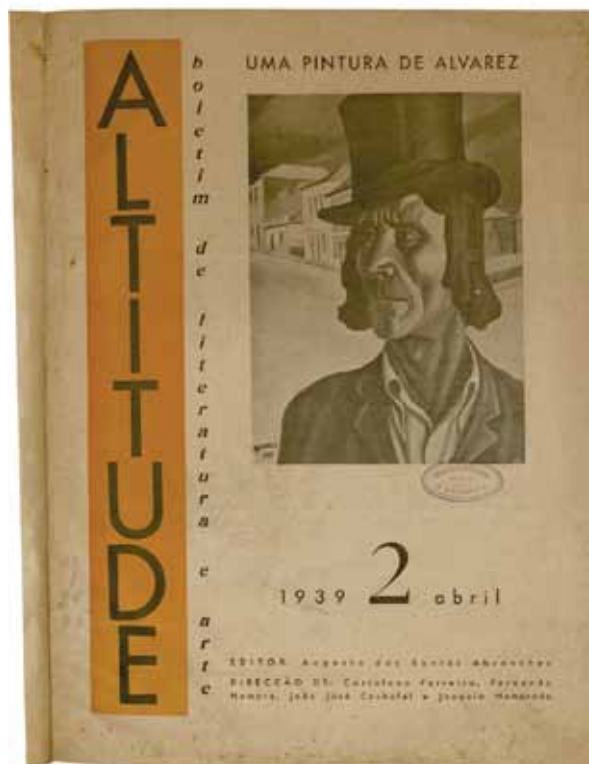
When the Republic gave way to the *Estado Novo*, Nemésio intensified his civic and cultural intervention, leading the group that launched the academic republican journal *Gente Nova*, and involving himself in controversies on the pages of *Seara Nova* with the integralists of Coimbra and with Prof. Cabral Moncada. He also stood as the Republican students' candidate for the University Senate. At the same time, he expounded on the subject of "The Art of Writing (Composition, Sensibility, Critical Attitude)" in *O Instituto*. He participated in the famous ribbon-burning ceremony of *Queima das Fitas* in the typical Coimbra manner in his 4th year at the Faculty of Letters; and although he then decided to finish his degree in Lisbon, he nevertheless maintained connections with Coimbra (which he called "his godmother"), and it was there his first children were born. Even after becoming a lecturer at the Faculty of Letters in Lisbon, he maintained a family home in Coimbra and would return there whenever he had the chance, particularly during holidays (and especially when he was preparing his doctorate dissertation on *The Youth of Alexandre Herculano up to his Return from Exile*).

Indeed, Coimbra was so significant for Nemésio that he wanted to be buried there. But much before that, he participated in Coimbra life by contributing to *Presença* in 1930, and publishing his first book of essays, *Sob os Signos de Agora* (1932), with the Coimbra University Press, and his volume *Relações Francesas do Romantismo Português* with Coimbra University General Library (1936). His journal *Revista de Portugal* (1937) was also based in Coimbra, though, according to Paulo Quintela, it was "the most European of all literary publications that have appeared in Portugal in recent decades". In the same year, a Coimbra publisher brought out his magnificent collection of novellas *A Casa Fechada*, while in 1938 his no less excellent lyrical collection *O Bicho Harmonioso* was published by the *Revista de Portugal* itself. Nemésio also produced a narrative study of Coimbra's patron saint (*Isabel of Aragon, Queen and Saint*) and transformed his experience of the places and people of Coimbra into the poems of *Nem Toda a Noite a Vida* ("Ballad of Coimbra", "Coimbra Sonnet", "Fields of the Mondego", etc.)

❑ Capa da revista *Altitude : boletim de literatura e arte*, nº1 (Fevereiro 1939), Coimbra, Augusto dos Santos Abranches, 1939, BGUC
Cover of magazine *Altitude: boletim de literatura e arte*, no. 1 (February 1939), Coimbra, Augusto dos Santos Abranches, 1939, BGUC



❑ Capa da revista *Altitude : boletim de literatura e arte*, nº2 (Abril 1939), Coimbra, Augusto dos Santos Abranches, 1939, BGUC
Cover of magazine *Altitude: boletim de literatura e arte*, no. 2 (April 1939), Coimbra, Augusto dos Santos Abranches, 1939, BGUC



empenhados na sua reactualização e que concederão a elementos da cidade papel de relevo na sua obra. Assim acontecerá na evolução divergente de um dos pioneiros, destinado a tornar-se nome cimeiro da literatura portuguesa na segunda metade do século XX – Vergílio Ferreira. Assim acontecerá, de modo diferente, com Fernando Assis Pacheco e Manuel Alegre, com António Arnaut e Cristóvão de Aguiar, com Vasco Pereira da Costa e Rui Namorado...

Vindo para Coimbra completar o curso liceal, em Coimbra permanecerá Carlos de Oliveira até 1948, fazendo aí a formação intelectual e ideológica, e aí publicando boa parte da sua obra de escritor. Coimbra será o cenário e o ambiente sócio-cultural de um trajecto de quinze anos que deixará marcas indeléveis na personalidade e na existência do escritor, na sua afectividade e nas suas relações interpessoais, nas suas convicções ideológicas e nas suas opções ético-políticas, na definição matricial das suas afinidades e cooperações na dinâmica do campo literário português, enfim no imaginário e no estilo (tendencialmente elegíaco) da sua poesia e da sua ficção narrativa.

Para Coimbra vem estudar o jovem Hilário de *Casa na Duna*, que o pai traz para o Colégio de S. Pedro, «convento salitroso expropriado durante o liberalismo». Em Coimbra estudou o administrador de *Alcateia*, tal como ali estuda seu filho Fernando,

River, you flow so deep,
Grass and rugged poplars,
All the water in the world
Could not wash my verses clean!
Coimbra, my godmother!
(from *Cantiga de Coimbra*)

Neo-realism and the 'Tone of a Guitar' (Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Vergílio Ferreira, Eugénio de Andrade)

Without underestimating the role played by groups from Lisbon and Oporto, and the important contributions made by the journal *Seara Nova* and the new periodicals of civic-cultural intervention, such as *Sol Nascente* and *O Diabo*, it was Coimbra that once more took the lead in the ideological-aesthetic shift that took place in the late 1930s with the establishment of Neo-Realism. This militant form of social literature, involving Marxist-inspired poetry and fiction that aimed to transform the world, was at first reactive, only becoming more methodical later on.

Coimbra was the centre of this literary movement from its early presages in journals like *Cadernos da Juventude* (1937) and *Altitude e Síntese* (1939), through the ascendancy of the series *Novo Cancioneiro* and *Novos Prosadores*, the journals *Nova Luz* ("Monthly Academic Review" in 1942) and above all, the

vivendo em «quarto de uma velha pensão da alta, a dois passos do liceu» e onde tanto contempla a cidade emergindo (encantada e encantadora) do tempo invernos, como trava conhecimento marcante com o médico Dr. Seabra. Em *Pequenos Burgueses*, de novo vem para Coimbra a personagem colegial, e a Coimbra vão fazer compras as famílias gandraes de posses. Em *Uma Abelha na Chuva*, Coimbra é termo de comparação para as vilas do interior.

A impressão da paisagem de Coimbra aprofundar-se-á em imaginação fantasmática e em colação linguagem, a lembrar o admirado Raul Brandão, pelos textos fora de Carlos de Oliveira (como «Chuva» de 1947, depois inserto no volume *O Aprendiz de Feiticeiro*). Mas a memória afectiva de Coimbra é também, facetada, a das suas gentes e maneiras de viver, com destaque para a «Dádiva suprema» do encontro com figuras como Afonso Duarte e sua tertúlia na pastelaria Central. Dessa memória ficará, depurada, a «Elegia de Coimbra» na colectânea *Mãe Pobre*.

Também para Fernando Namora, como Carlos de Oliveira estudante do liceu de Coimbra e como ele desde então colaborador e director de periódicos culturais (do jornal *Alvorada* aos *Cadernos da Juventude* e à revista *Altitude*), a nostalgia lírica, nele muito vigiada, não contemplará as imagens e vivências tradicionais da Coimbra estudantil, como se constata desde o primeiro romance publicado, *As Sete Partidas do Mundo*. Coimbra ficará antes, na trajectória cívica e literária e na própria memória afectiva, como espaço e tempo de formação empenhada no «novo humanismo» da intervenção marxizante e de irrupção da multifacetada criatividade artística (poesia e ficção narrativa, desenho e pintura): «a expressão dos meus inconformismos começava a ser predominantemente a arte, com uma ou outra ousadia cívica no clima académico», recordará um dia; e, de facto, até à poesia de *Relevos* e à narrativa de *As Sete Partidas do Mundo*, a senda do psicologismo presencista ia inflectindo sob o anseio de um romper de limites, cujo horizonte em Coimbra ainda se indefinia, mas que logo seria visado pela nova orientação protestatária e emancipalista do Neo-Realismo, nos anos de frequência do curso universitário. F. Namora distingue-se na dinâmica que conduz ao lançamento em 1941 do *Novo Cancioneiro* (coleção poética inaugurada pelo seu livro *Terra*, que se destaca, na comum intencionalidade social, pela insólita rasura da retórica da subjectividade); nessa coleção, como lembrará em *Um Sino na Montanha*, «o que interessava era depurar a linguagem artística de freios, torná-la sincera e ousada, ofender os ouvidos melindrosos...», para com ela construir as criações literárias em «obediência a uma dialéctica social». Também a coleção ficcional *Novos Prosadores* abrirá em 1943 com um romance coimbrão de F. Namora: *Fogo na Noite Escura*

longlasting *Vértice* (1942–). A group dynamic prevailed, with the early work of Fernando Namora and Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado and João José Cochofel, Álvaro Feijó and the unfortunate Políbio Gomes dos Santos (*Voz que escuta*). These friends had privileged access to music, the arts and new literary novelties from abroad, particularly from the northeast of Brazil, the American Neo-Realists and French Marxists, as they relived a cyclical cultural phenomenon so typical of the Coimbra academic circles in Cochofel's family mansion on Loureiro Street. Indeed, the same cyclical pattern is evident in Cochofel's own work, as in the exciting anti-conventional vision of "Campos de Coimbra": "Don't tell me/ that the naked poplars remember sorrows/ (...) / On the river islands the colts run free."

All kinds of ideological positions made their mark in Coimbra at this time, ranging from the great Catholic neo-integralist 'culture magazine' *Cidade Nova* of 1949 (which published essays by Barrilero Ruas, Afonso Botelho, Álvaro Ribeiro and the professors Miranda Barbosa and Costa Pimpão, alongside the creations of Almada Negreiros and the religious poems of Ruy Cinatti) and the *Estudos* of the Academic Centre for Christian Democracy (where the young Eduardo Lourenço started out, before joining the group at *Vértice* and entering into dialogue with José Régio and *Presença*), through to journals like *Pan* (1958) and *A Poesia Útil* (1962), and the collection *Poemas Livres* (1962), which nurtured the authors of the next generations, many of whom were offshoots of the Neo-Realist project. Indeed, in updating that movement, many of these authors granted an important role to the city (such as the southerner Urbano Tavares Rodrigues, who described Coimbra vividly in his *Contos da Solidão*, 1970). A similar pattern can be seen in the work of Virgílio Ferreiro (who followed a very different though pioneering trajectory, and was destined to become a top name in Portuguese literature in the second half of the 20th century), Fernando Assis Pacheco, Manuel Alegre, António Arnaut, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa and Rui Namorado. As for Carlos de Oliveira, he came to Coimbra in 1948 to complete his high school education, and ended up staying for fifteen years; indeed, it was here that he acquired his intellectual and ideological training, and where he published most of his literary output. That experience had a profound effect upon the writer, marking not only his affections and interpersonal relations, ideological convictions and political and ethical choices, but also his basic affinities in the field of Portuguese letters, ultimately influencing the imagery and style (tendentially elegiacal) of his poetry and narrative fiction.

The young Hilário of *Casa na Duna* also comes to study in Coimbra, when his father brings him to the S. Pedro boarding school ("a mouldy old monastery, that had been appropriated during Liberalism"). The administrator of *Alcateia* also studied in Coimbra,



Coimbra à noite, RF, 2006
Coimbra by night, RF, 2006



surge atempadamente como *Bildungsroman* que transpõe a experiência juvenil na Coimbra dos anos 30, mas diferenciando-se já de *As Sete Partidas do Mundo* pelo interesse em captar as tensões sociais e políticas de que se ressentia o universo estudantil, bem como em investir de esperança emancipalista a inquietação juvenil. Enquanto avançava a frente de contestação, no confronto com a Universidade, ao edifício do Saber oficial e à sua função político-social, avançava também a provocação às convenções do moralismo através da «aragem de independência, de tédio e ostentação» trazida por figuras femininas de libertação cidadina (neste caso, Irene); e, no dizer de Eduardo Lourenço n' *O Tempo e o Modo*, o romance coimbrão de F. Namora constitui «a primeira tentativa de um comportamento *não-burguês* em matéria de relações entre rapaz e rapariga, de uma vontade de recriar um mundo diferente daquele donde eles mesmos procedem e que ainda os cerca».

Ligado, mais tarde, por amizade a F. Namora, mais do que ele faz Vergílio Ferreira, a partir do arranque neo-realista da sua ficção nos tempos escolares de Coimbra, numa evolução temático-formal para a narrativa de problemática existencial(ista) e, depois, para o romance lírico de interrogação metafísica. Os anos de estudos clássicos na Universidade, que um dia o fará seu Doutor *Honoris Causa*, proporcionam-lhe grandes amizades para toda a vida e o

as does his son Fernando, living in “a room in an old boarding house in the Upper Town, a few minutes’ walk from the high school” from where he could contemplate the city emerging from winter (both enchanted and enchanting), as he makes friends with Dr. Seabra. In *Pequenos Burgueses*, the central character again comes to Coimbra, and it is also to this city that the affluent families go to do their shopping. In *Uma Abelha na Chuva*, Coimbra is used as a term of comparison with towns in the interior of the country.

The impression made by Coimbra’s landscape is expressed through phantasmagoric imagery and intimate language (reminiscent of Raul Brandão) throughout the writing of Carlos de Oliveira (such as “Chuva” of 1947, later inserted into the volume *O Aprendiz de Feiticeiro*). But the affective memory of Coimbra is also reflected in its people and lifestyle, such as the “marvellous experience” of encountering figures like Afonso Duarte at his literary gathering in the Café Central. This memory is refined in “Elegy of Coimbra” included in the collection *Mãe Pobre*.

As for Fernando Namora, who, like Carlos de Oliveira, had attended high school in Coimbra and like him contributed to and edited cultural journals (such as *Alvorada*, *Cadernos da Juventude* and *Altitude*), his controlled lyrical nostalgia does not make use

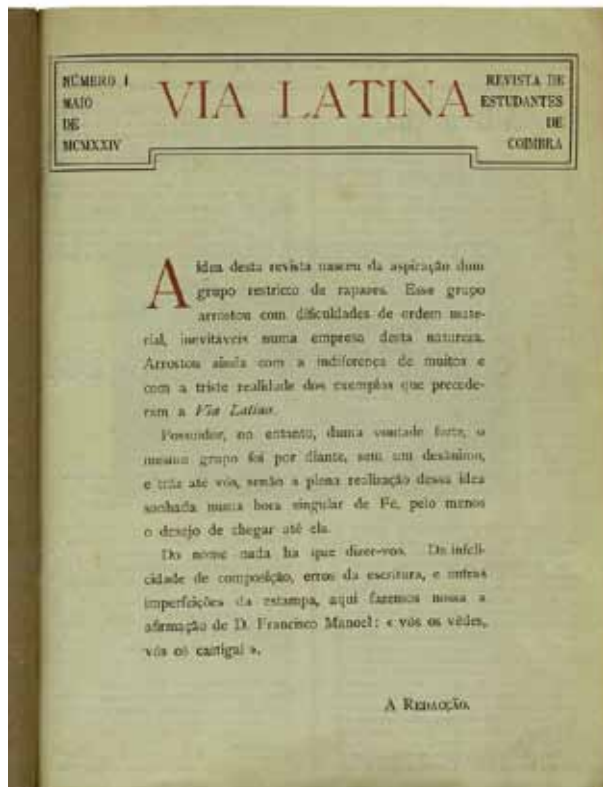
relacionamento com a colega Regina Kasprzykowsky, depois sua mulher, e oferecem-lhe oportunidade para as primeiras publicações (sobre Camões e sobre Eça) no domínio do ensaio em que viria a notabilizar-se. Espaço habitável em atmosfera provincial (ao contrário do que lhe será Lisboa), Coimbra manterá lugar de honra no campo da construção da identidade do escritor; habitáculo de cultura, assim Coimbra se transpõe para os livros de Vergílio Ferreira e, em particular, para o enquadramento de protagonistas de vários romances seus. Coimbra ficará como lugar de evocação das saudades do escritor, metonimicamente associada a um «timbre de guitarra», e como lugar onde se programa a abortada acção revolucionária de juventude em *Apelo da Noite* e onde se vive o (des)encontro amoroso entre os narradores e as personagens femininas mais importantes de *Para Sempre* (Sandra), de *Até ao Fim* (Oriana), de *Na Tua Face* (Ângela e Bárbara).

Como condensará o diário *Conta-Corrente*, Coimbra significa em Vergílio Ferreira «a alegria do que nem foi alegre, a imagem do que passou e levou a vida consigo e a conserva irreal no absoluto da sua irreabilidade». Talvez por isso, na narrativa ficcional vergiliana as vivências de Coimbra pressionam no seu querer fazer-se texto; transfigurada «em legenda», Coimbra dá origem a belas descrições líricas. Todavia, em lugar do tradicional esquema de imagens pitorescas da boémia de capa e batina, Coimbra figura, na vivência de cada protagonista (o Paulo de *Para Sempre* ou o Cláudio de *Até ao Fim*, por exemplo), o lugar de passagem do Homem e vale como factor de determinação do seu destino. No remate do magnífico devir do romance problemático e lírico de Vergílio Ferreira, Coimbra reaparece com *Na Tua Face* como motivo propiciatório da reflexão sobre a arte, sem que, como em precedentes ficções, o narrador deixe de localizar a acção em ruas conhecidas ou deixe de evidenciar pontos de referência na topologia da cidade (a Universidade e sua colina, o Penedo da Saudade, a Estação Nova...)

Tendo visitado Torga no dealbar dos anos 40, Eugénio de Andrade associa o gosto de com ele estreitar amizade a motivações de outra índole – o afastamento dos efeitos da Grande Guerra no ambiente de Lisboa, a retoma dos estudos liceais a fim de poder ingressar no curso universitário de Filosofia – quando por 1943 decide viver nos arredores de Coimbra (Quinta da Urgeiriça), em casa que pertencera ao editor F. França Amado e que por tradição era frequentada por homens de letras e artistas. Efectivamente, além da amizade e do diálogo cultural com Miguel Torga (foi este que o levou à leitura fascinada de Oliveira Martins, por exemplo), a estadia em Coimbra até 1946 (com serviço militar de permeio) propicia a Eugénio de Andrade estabelecer idênticas e duradouras relações com figuras de sucessivas gerações de extracção coimbrã,

of the traditional images and student experiences of Coimbra, as we can see in his first published novel, *As Sete Partidas do Mundo*. Rather, Coimbra is now, in both the civic and literary sphere and in affective memory, a space for committed training in the ‘new humanism’ of Marxist intervention, offering an opportunity for the development of multifaceted artistic creativity (poetry, narrative fiction, drawing and painting). “My nonconformism was first expressed predominantly through art, with one or two daring civil outlets in the academic climate,” he recalled one day; and in fact, until the poetry of *Relevos* and the narrative of *As Sete Partidas do Mundo*, the psychologism of *Presença* would be inflected by a yearning to break free of limits. At that time, the new horizons were still undefined in Coimbra, though they would soon come into sight with the climate of protest and emancipation surrounding Neo-Realism in the years when Namora attended university. Namora was a distinguished figure in the dynamics that led to the launch in 1941 of the *Novo Cancioneiro* (a poetry collection inaugurated by his book *Terra*, which was distinguished from the common social intentions by the unusual absence of the rhetoric of subjectivity); in that collection, as he recalls in *Um Sino na Montanha*, “what counted was to unfetter the artistic language, make it sincere and daring, offend sensitive ears...”, in order to use it to construct literary creations that would “obey a social dialectic”. The fiction collection *Novos Prosadores* also opened in 1943 with a novel by Namora set in Coimbra. This was *Fogo na Noite Escura*, an opportune *Bildungsroman* about the experience of youth in Coimbra during the 1930s. It differentiated itself from *As Sete Partidas do Mundo* by the interest in capturing social and political tensions that were shaking the student environment, as well as investing the hope of emancipation in the youthful unrest. It not only contested the social and political function of the University, as home of official knowledge, but also challenged moral conventions by offering the emancipated female characters of the city (in this case, Irene) a “whiff of independence, boredom and ostentation”. According to Eduardo Lourenço in *O Tempo e o Modo*, Namora’s Coimbra novel was “the first attempt at non-bourgeois behaviour in matters of the relationship between boy and girl, a desire to recreate a world that was different from the one in which they lived and which still surrounded them”.

Virgílio Ferreira, who was linked to Namora through friendship, takes this even further. From a Neo-Realist starting point, his fiction about his university days in Coimbra develops thematically and formally into an existential narrative, and later, into the lyrical novel of metaphysical pondering. His years of classical studies at the University (which later awarded him an Honorary Doctorate) brought him many life-long



desde Afonso Duarte ao presencista António de Sousa, desde Paulo Quintela a Eduardo Lourenço e Carlos de Oliveira. Até a necessidade de recuperar na habilitação em matemática se revela via convergente com a paixão da poesia: Eugénio de Andrade tem por explicador Joaquim Namorado, aliás um dos corifeus coimbricenses do movimento neo-realista, com o qual convive então; e, nesse contacto, sem perda da inconfundível autonomia da sua personalidade literária, reforça a orientação da consciência política.

Na tonalidade variada desses relacionamentos coimbrãos pôde também Eugénio de Andrade alargar o conhecimento da poesia estrangeira coeva, desde os surrealistas *engagés* sob a pressão da Guerra (Aragon, Eluard, etc.) até outras modulações mais descomprometidas mas que a sua própria poesia iria assimilar por sintonia congenial.

Quando, em 1970/71, organizar excelente antologia de verso e prosa (desde a *Crónica de Cinco Reis* até Fernando Echevarria) num magnífico volume ilustrado com que explicitamente se prestava homenagem à cidade de Coimbra nas comemorações do centenário da Geração de 70, Eugénio de Andrade dá-lhe o título emblemático de *Memórias de Alegria* e antepõe-lhe belo prefácio de digressão cultural e de evocação poética da sua descoberta da paisagem de Coimbra (que, «na terminologia de Unamuno (...) é mais musical que pictórica») e do seu encontro com valores da cultura em Coimbra: «Como toda a gente, também

friendships, not to mention the relationship with his colleague Regina Kasprzykowsky, who later became his wife; it also offered him the opportunity for his first publications (essays on Camões and Eça). For Virgílio Ferreira, Coimbra was provincial, compared to Lisbon; nevertheless, it occupied a place of honour in his works, not only as regards the construction of the writer's identity, but also as the setting for many of his novels. Coimbra remained a place for the evocation of nostalgia, metonymically associated with the "sound of the guitar". In *Apelo da Noite*, it is the place where the aborted revolutionary action is planned, and in other works, it is the scene of romantic encounters and disappointments between narrators and female characters (such as Sandra in *Para Sempre*, Oriana in *Até ao Fim*, and Ângela and Barbara in *Na Tua Face*).

In his diary *Conta-Corrente*, Coimbra signified, for Vergílio Ferreira, "the joy of what was not even joyful, the image of what had passed and taken life with it, and the unreal conservation of the absolute in its unreality". Perhaps for this reason, the Coimbra experiences exert pressure on this author to become text, to be transfigured "into legend", giving rise to beautiful lyrical descriptions. However, instead of the traditional picturesque images of bohemian students in their gowns, Coimbra figures as a place of passage for these protagonists (for Paulo in *Para Sempre*, for example, or Cláudio in *Até ao Fim*) with an important role to play in the destiny of each one. In one of his last lyrical novels, *Na Tua Face*, Coimbra reappears as a pretext for a reflection about art, although the narrator continues, as in previous works, to set the action in well-known streets and use reference points from the city's topology (such as the University and its hill, Penedo da Saudade and the City Station).

Eugénio de Andrade, who visited Torga at the beginning of the 1940s, associates the pleasure of that friendship with other motivations – the desire to distance himself from the effects that the war was having in Lisbon, and the return of high school students to enter the university Philosophy course. Then, in 1943, he decided to go to live in the outskirts of Coimbra (Quinta da Urgeiriça), in a house belonging to the publisher França Amado which was traditionally frequented by artists and literati. In fact, in addition to his friendship and cultural dialogue with Miguel Torga (who introduced him to the work of Oliveira Martins, for example), his stay in Coimbra until 1946 (with military service in the midst) enabled him to establish similar lasting relations with various generations of Coimbra figures, such as Afonso Duarte, António de Sousa, Paulo Quintela, Eduardo Lourenço and Carlos de Oliveira. Even his need to retake mathematics overlapped with his passion for poetry: his tutor was Joaquim Namorado, one of the most important leaders of the Neo-Realist

eu passei por Coimbra. (...) Mete-se por Santa Clara, Lajes, Conraria. Aqui, quem tiver olhos na cara fica deslumbrado. Olhando à direita, avista-se a Casa das Lapas, «alcandorada sobre um abismo surpreendente de mágica e de cujos terraços se domina todo o fértil e risonho vale de Ceira». As referências são de Eugénio de Castro e correm impressas no seu *Guia de Coimbra*. Ele frequentara muito a casa, e ouvi dizer que nas paredes escrevera alguns ditirambos a Baco. (...) Penso em Coimbra e é este o rumor que me chega: um amanhecer de pássaros, o coaxar das rãs pela noite fora. Entre uma coisa e outra, os noticiários da B.B.C., os Quartetos de Beethoven, a comovida e tão desenganada poesia de Oliveira Martins, e as discussões intermináveis, só possíveis quando a juventude é excessiva, e não nos cabe nas mãos um tal ardor. (...) e tudo servia de pretexto: um verso do Ungaretti, a cor dum seixo, um desenho de Matisse. Havia também as lições de matemática (com poemas de Neruda e Maiakovski à mistura) com o Joaquim Namorado três vezes por semana. Às nove da manhã batia-lhe à porta e às vezes ficava o resto do dia na cidade. Dava então um salto ao consultório do Miguel Torga ou procurava o Eduardo Lourenço ou o Carlos de Oliveira.»

Na sua própria obra poética, Coimbra tem presença ambivalente: por um lado, seu perfil de cidade «bonita, mas tão provinciana», com estigmas de «vulgaridade e sonolência»; por outro lado, seu dom propiciatório («e na memória que bem que cheira») de lembrança convival e cultural («éramos jovens e mais jovens que nós/era a poesia que nos acompanhava./ Holderlin, Keats, Pessanha e o Pessoa/...»).

Coimbra e a vocação vanguardista de «alvoroço e início»

Os caminhos do nosso tardio Surrealismo, do Neomodernismo dos anos 50, das Neonanguardas formalistas ou experimentais dos anos 60 e do Pós-Modernismo das últimas décadas não passam prevalecentemente por Coimbra. Mas, além de continuar a atrair temporariamente e a seduzir para sempre grandes autores dessa modernidade cambiante – do que é bom exemplo Eugénio de Andrade, como vimos –, Coimbra continuou também a responder às solicitações dos tempos com iniciativas de grupo (para além das já referidas, outras de orientação vária: a revista *Sísifo*, em parte réplica local da *Távola Redonda* em 1951, as inconformistas *Cidadela*, 1959, e *Commedia*, 1966, de Artur Anselmo e José Valle de Figueiredo, a tradicional *Itinerário*, 1965-69, de João Conde Veiga (e com uma «Ode ao Anjo de Coimbra» por António Quadros), a *Êxodo* de 1961 em que colabora Herberto Helder, a «magazine frenética» *Fenda* que em 1979 se assume como «um discurso sensual» para a subversão, etc.). Coimbra, a Universidade e o meio estudantil continuaram a contribuir para a formação

movement in Coimbra, and that contact strengthened his political orientation and consciousness, though without any loss of literary autonomy.

Through these Coimbra acquaintances, Eugénio de Andrade also extended his knowledge of contemporary foreign poetry, such as the politically engaged surrealists, operating under pressure of war (Aragon, Eluard, etc.) as well as other work of other less committed authors, all of which were assimilated smoothly into his own poetry.

In 1970/71, Eugénio de Andrade edited a magnificent illustrated anthology of verse and prose (ranging from the *Crónica de Cinco Reis* to Fernando Echevarría), which explicitly paid homage to the city of Coimbra in the context of the commemorations of the 1870s Generation. He entitled it emblematically *Memórias de Alegria* (Memories of Joy), and prefaced it with a poetic evocation of his own discovery of the landscape of Coimbra (which “in the words of Unamuno (...) is more musical than pictorial”) and his encounter with the city’s cultural values:

Like everyone, I too passed through Coimbra. (...) Go visit Santa Clara, Lajes, Conraria. There, if you have eyes in your face, you will be dazzled. Looking to the right, you can see the House of Lapas, “perched over a surprisingly magical abyss, with terraces that overlook the cheerful fertile valley of Ceira”. These references are from Eugénio de Castro and are printed in his *Guia de Coimbra*. He often visited the house, and I have heard that he wrote some dithyrambs to Bacchus on its walls.... I think of Coimbra, and these are the sounds that I hear: a dawn chorus of birds, a croaking of frogs through the night. Between one thing and another, the BBC news, Beethoven’s Quartets, the frank moving poetry of Oliveira Martins, and our endless discussions, only possible when we are very young, and we cannot contain such ardour. ... everything becomes a pretext: a verse by Ungaretti, the colour of a flint, a drawing by Matisse. There were also mathematics lessons (with poems by Neruda and Mayakovsky mixed in) with Joaquim Namorado three times a week. At nine in the morning I would knock on his door, and would sometimes stay the rest of the day in the city. I would then go over to Miguel Torga’s surgery or would seek out Eduardo Lourenço or Carlos de Oliveira.

In his own poetic oeuvre, Coimbra has an ambivalent presence. On the one hand, we get the profile of a city that is “pretty, but so provincial”, stigmatised by “ordinariness and somnolence”; on the other, its propitiatory gift (“it is in the memory that it smells so good”) of convival and cultural memory: “we were young and younger than us/ was the poetry that accompanied us./ Holderlin, Keats, Pessanha and Pessoa...”



Largo da Portagem, RF, 2006
Portagem Square, RF, 2006



de alguns dos grandes escritores contemporâneos (de Fernando Guimarães a Ruy Belo, de Mário Cláudio a Alberto Pimenta, de Joaquim Manuel Magalhães a João Miguel Fernandes Jorge, etc.); e continuaram a motivar bons textos não só a escritores de feição mais tradicional – como João de Araújo Correia, um dos maiores contistas de Novecentos, que nos atrai pelos seus *Passos Perdidos* (1967) até «Coimbra, Coimbra... És uma ilha de mansidão no mar bravo da fereza contemporânea. Quem for delicado de seu natural deve viver em Coimbra...» –, mas também escritores que nela não estadearam e de rasgo inovador e cosmopolita: a Agustina Bessa Luís de *Os Super Homens* (1950), os tavoleiros David Mourão-Ferreira (com tratamento reverso do velho tema da Rainha Santa numa «Fala apócrifa de Dom Dinis» de *Tempestade de Verão*, 1954) e Sebastião da Gama («Romance do comboio», *Campo Aberto*, 1951), os surrealizantes António Pedro, Natália Correia (que tanto renova o «Romance de D. Pedro e Dona Inês» como exalta «Zeca Afonso: Trovador da Voz d'Ouro Insubmisso») e Ruben A.

Quando, no Outono de 1942, aportou a Coimbra, apenas porque a Faculdade de Letras de Lisboa lhe fechara as portas com sucessivas reprovações a Psicologia, não imaginava Ruben A. como a sua personalidade desempoeiradamente aristocrática e cosmopolita, desenvoltamente inquiridora e

Coimbra and the Avant-Garde Vocation of “Agitation and Initiation”

Most of Portugal's belated Surrealism, the Neo-Modernism of the 1950s, the formalist or experimental Neo-Avant-garde of the 1960s and the Postmodernism of recent decades were not predominantly centred upon Coimbra. However, while continuing to temporarily attract and permanently seduce great authors of this ever-changing modernity (of which a good example is Eugénio de Andrade, as we have seen), Coimbra also continued to respond to the demands of the times with various group initiatives. In addition to those already mentioned, there were others of different orientation, such as the journal *Sísifo*, partly a local replica of the *Távola Redonda*, in 1951; the nonconformist *Cidadela* of 1959 and *Commedia* of 1966, by Artur Anselmo and José Valle de Figueiredo; the traditional *Itinerário* (1965-69) of João Conde Veiga (which includes an “Ode to the Angel of Coimbra” by António Quadros); *Êxodo* of 1961, with contributions from Herberto Helder; the “frantic” *Fenda*, which in 1979 adopted a “a sensual discourse” for the purpose of subversion, etc. Coimbra, its University and student circles continued to contribute to the development of great contemporary writers (including Fernando Guimarães, Ruy Belo, Mário Cláudio, Alberto Pimenta, Joaquim Manuel Magalhães, João Miguel Fernandes Jorge, etc.), and to motivate good texts, not only from



Vista da cidade, LFA, 2006
View of the city, LFA, 2006



humorista, dada à imaginação inconformada e ao relacionamento lúdico, se prenderia à cidade e seu termo. É certo que também fez por isso, reagindo aos aspectos menos agradáveis do meio e tomando a iniciativa de afeiçoar o seu próprio *habitat*. Peça fundamental dessa estratégia foi a organização de uma inédita “república” estudantil, a *Babaou*, «maison surréaliste», extravagante e ao mesmo tempo natural novidade (de higiene, bom gosto, diversão e cultura). Outro modo de realização em Coimbra virá pela via literária, reagindo à hegemonia (e ao novo conformismo) do Neo-Realismo com o pendor surrealista dos seus «gritos coloridos» e com os princípios de «independência do pensamento individual estético» (defendidos no jornal *Via Latina*). Sadiamente enfrentadas, a Faculdade de Letras dar-lhe-á justa aprovação em Histórico-Filosóficas (defesa de tese em 1945), gratas e cordiais relações com mestres e colegas, fecundas orientações para o posterior trabalho intelectual, enquanto a cidade de Coimbra acalentava o livre dinamismo pessoal: «Quem não esteve em Coimbra não percebe o que Coimbra representa na formação do indivíduo que passa a adulto. Carta de alforria, sebenta suja, mas livre leitura e livre discussão. Ali tem de se aguentar firme.(...) A minha euforia estoitava total, de uma

more traditional authors, such as João de Araújo Correia, one of the best storytellers of the 1990s (see his *Passos Perdidos* [1967] and even “Coimbra, Coimbra... You are an island of gentleness in today’s wild sea. Anyone of a delicate nature should live in Coimbra...”), but also innovative and cosmopolitan writers who had not stayed in the city. These include Agustina Bessa Luís of *Os Super Homens* (1950); from *Távola Redonda*, David Mourão-Ferreira (who inverts the ‘Rainha Santa’ theme in “Apocryphal Speech by King Dinis” in *Tempestade de Verão*, 1954) and Sebastião da Gama (“Train Romance”, *Campo Aberto*, 1951), the surrealist António Pedro, Natália Correia (who renovated the “Romance of Dom Pedro and Dona Inês” and paid homage to “Zeca Afonso: Troubador with the Insubordinate Voice of Gold”) and Ruben A.

Ruben A came to Coimbra in the autumn of 1942, after the Faculty of Letters in Lisbon had closed its doors to him following his repeated failures in Psychology. With his breezily aristocratic and cosmopolitan manner, humorous inquiring wit, nonconformist imagination and playfulness, he could not initially imagine how he could possibly become attached to this city and see his course through. Indeed he played up to this, reacting to

boa disposição absoluta», «E Coimbra, apesar do seu academismo, de cheirar a lente, foi quem melhor acolheu a liberdade que nós buscávamos e que até então era sempre corrompida pelos encardidos do medo. Sai-se de Coimbra sem medo, apto a enfrentar a vida, com a coragem de quem esteve só, de quem estabelece uma liga de isolamento, e de amizades ao mesmo tempo». Conhecer Torga e fazer incursões pela região (a pé, de bicicleta, de barca...), ouvir música e discutir arte, namorar e escrever – são tudo formas de alimentar e exprimir a mesma força de vida e criatividade.

Na Faculdade de Letras de Coimbra, publica Ruben Andresen Leitão o seu primeiro estudo, *O método e o pensamento religioso nas “Pensées” de Pascal*; nela inicia, com a dissertação *Cartas de D. Pedro V ao Conde de Lavradio*, a persistente e notável pesquisa em torno do malogrado rei, olhado como «primeiro homem moderno» de Portugal. Em Coimbra se estreia o escritor Ruben A., publicando na Coimbra Editora os volumes I e II de *Páginas* (1949, 1950); depois, viriam os intermitentes reencontros com a cidade e com Torga, com a editora e a Baixa... e os desencontros com a transtornada Alta universitária. Uma e outra vez reavivando as marcas que a experiência ímpar de juventude deixara em *O Mundo à Minha Procura*, nimbando-a da aura do *genius loci* («Pisei a correr as memórias do passado – fui a Sub-Ripas e à Torre de Anto (...) Era um azul-neblina que torna inúteis as paletas dos pintores – e em Coimbra fui ver aquele pôr do Sol que faz desmaios de salmão pela espinha dorsal abaixo.»), Ruben A. vincula a Coimbra, antonomasicamente, a melhor aura contemporânea daquela vocação de «alvorço e início» que a palavra lapidar de Sophia de Mello Breyner Andresen nele exalta.

As súbitas permanências na actualidade de Coimbra

Se um dos nomes cimeiros da poesia portuguesa de hoje nos diz que «Sobre o Mondego só há/ coração para as palavras.» (Fernando Echevarria, *Tréguas para o Amor*, 1958), não poderiam faltar poemas para continuar a cantar os motivos conimbricenses. Os “velhos temas” lusitanistas de Santa Isabel e de Inês de Castro encontram novas modulações (desde *A Cidade Destruída durante o Eclipse*, 1957, de Eduíno de Jesus, até às *Imagias*, 2002, de Ana Luísa Amaral, passando por José Bento, Nuno Júdice e outros); e o mito inesiano subjaz mesmo a uma das maiores criações poéticas da segunda metade do século XX: *A Margem da Alegria* (1974) de Ruy Belo, com todo o seu dom de espraio discursivo sustentado por cativante imagística e impregnado de potencial reflexivo.

Por outro lado, enquanto o humor percepcionante e alusivo de Cristóvão de Aguiar (v.g. «Os cães das Letras») não ilude que Coimbra lhe forneceu

the less pleasant aspects of the environment and taking the initiative to perfect his own *habitat*. A crucial aspect of this strategy was the organization of an unprecedented student fraternity, the *Babaou*, a “surrealist house”, which was extravagant and at the same time innovative, in terms of hygiene, good taste, entertainment and culture. He also found literary fulfilment in Coimbra, reacting to the hegemony (and new conformism) of Neo-Realism with the surrealist tendency of his “colourful shrieks” and with his principles of “independence of individual aesthetic thought” (as argued in the journal *Via Latina*). He managed to graduate from the Faculty of Letters in Historical and Philosophical Studies (defending his thesis in 1945), and enjoyed cordial relations with masters and colleagues there, who provided fertile orientations for subsequent intellectual work. Similarly, the city of Coimbra flattered his freewheeling personal dynamism:

Whoever has not been in Coimbra does not understand what Coimbra represents for someone who is just becoming an adult. It is a charter of freedom, a grubby set of student notes, but for free reading and free discussion. There you have to remain firm. (...) I was bursting with euphoria and high spirits.

And Coimbra, despite its academism and smell of professor, nurtured the freedom that we sought and which till then had always been corroded by the grime of fear. When you leave Coimbra, you are fearless, ready to confront life, with the courage of one that has been alone, who has established a link with isolation and made friendships at the same time.

Knowing Torga and making trips around the region (on foot, on bicycle, by boat, etc), listening to music and discussing art, flirting and writing – these were all ways of nourishing and expressing the same creative life force.

In the Faculty of Letters at Coimbra, Ruben Andresen Leitão published his first study, *Method and Religious Thought in Pascal’s ‘Pensées’*. Then, with his dissertation (*Letters of King Peter V to the Count of Lavradio*), he initiated a course of persistent and notable research into that unfortunate king, whom he perceived as “the first modern man” in Portugal. In Coimbra, he also launched his career as the writer Ruben A, publishing Volumes I and II of *Páginas* (1949, 1950) with Coimbra Editora. Later, there would be intermittent re-encounters with the city and with Torga, with his publisher and the Lower Town, and a disgruntlement with the changes that had taken place at the university hill. Repeatedly reviving the marks that the unparalleled experience of youth had left in *O Mundo à Minha Procura*, and glorifying it with the aura of the *genius loci* (“I ran over the memories of the past – I went to Sub-Ripas and Anto’s Tower (...) It

“a ferramenta sem a qual não poderia carpintear a escrita nem ordenar o seu desordenado pensamento», impondo-se-lhe talvez «de tal sorte que tenha de escrevê-la», a vida da cidade continuou a refratar-se em diversos prismas poéticos, desde os tipos populares da «Rua» n’*As Noites Afluentes* de António Arnaut e a vivência de espaços, actividades e lares urbanos, reconfigurada por referências históricas e literárias em *Coimbra Nunca Vista* (1995) de Manuel Alegre e em *Sobre-Ripas Sobre-Rimas* (1994) de Vasco Pereira da Costa, até ao quotidiano pré-moderno que subsiste na visão pós-moderna em *À Porta de Námia*, de Isabel Cristina Pires, e em *Calafrio*, de Manuel Silva-Terra. E a inconfundível tensão criadora de reencontro e distanciamento que Coimbra e o meio circum-universitário propiciam encontra mediação pós-moderna (por exemplo, com a «Elegia de Coimbra» n’*A Cinza do Último Cigarro*, 2000, de Fernando Pinto Amaral).

O próprio corpo docente da Universidade continua a oferecer criadores literários de indiscutível valor, desde Vítor de Matos e Sá até Luís Quintais, passando pelo experimentalista Manuel Portela, etc. E novas iniciativas de vida cultural suscitam, nos que nelas participam ou a Coimbra por isso acorrem, reacções que requerem transposição estético-literária – como constatamos, por exemplo, perante «Coimbra, Encontros de Fotografia» na obra poética

was a cloudy blue that defies the palettes of artists – and in Coimbra I went to see that sunset that sends salmon pink shudders down your spine”), Ruben A links Coimbra with the best contemporary aura of that vocation for “agitation and initiation” – Sophia de Mello Breyner Andresen’s epitaph for him.

Sudden Permanences in Contemporary Coimbra

One of the top names in contemporary Portuguese poetry has claimed that “Over the Mondego there is only/the heart for words” (Fernando Echevarria, *Tréguas para o Amor*, 1958), and indeed, there is no lack of poems on Coimbra themes. The old Portuguese subjects of Saint Isabel and Inês de Castro have been given new modulations, from *A Cidade Destruída durante o Eclipse* (1957) by Eduíno de Jesus to *Imagias* (2002) by Ana Luísa Amaral, not forgetting work by José Bento, Nuno Júdice and others. Indeed, the Inês myth also underlies one of the greatest poetic creations of the second half of the 20th century, *A Margem da Alegria* (1974) by Ruy Belo, with its sprawling discourse sustained by captivating imagery and suffused with reflective potential.

On the other hand, while the perceptively humorous Cristóvão de Aguiar (eg. “Os cães das Letras”) does



de José Manuel Teixeira da Silva, paradigmaticamente intitulada *As Súbitas Permanências* (2001).

Um registo irreverente se viabiliza pela viragem que constituiu o confronto de Fernando Assis Pacheco com a sua cidade e a sua universidade. Renovando a experiência queirosiana da “coelheira” («Senhora dos Estudantes vós sempre velastes por mim/ e eu muito vo-lo agradecia sentado lá atrás/ num banco da última fila/...») e entendendo que «a melancolia é uma doença nefasta», a poesia de F. Assis Pacheco, sobretudo com *Variações em Sousa* (1987), desdobra-se no regime paródico do «canto paralelo» ou «contracanto». Bem pode assegurar: «Não tive nunca nada a ver com as/ guitarras estudantes: eu vivia/ num lento bairro da periferia»; nem por isso rasura «que miserável/ saudade se me entorna em tudo isto». No fundo, Coimbra permanece referência pessoal de vida, no periódico e desenganado reencontro consigo mesmo: «...saudando-te caro Fernando Assis Pacheco/ filho pródigo destes quintais floridos/ .../ consta que desde então/ não fazes mais do que perder».

Mas nesse registo novas energias de fenomenologia lírica se libertam: «Às nove da manhã, um homem/ subia as escadas monumentais com uma/ borboleta poisada no ombro./ Nunca vi ciência mais exacta.», diz o *Calafrio* de Silva-Terra.

not pretend that Coimbra provided him with “the tool without which I would not have been able to carve out my writing or order my disordered thought”, imposing on him perhaps “such a destiny that I had to write it”, the life of the city continued to be refracted through various poetic prisms. These include the working-class characters of António Arnaut’s “Rua” (in *As Noites Afluentes*); the experience of urban places and leisure activities, reconfigured by historical and literary references, in *Coimbra Nunca Vista* (1995) by Manuel Alegre and *Sobre-Ripas Sobre-Rimas* (1994) by Vasco Pereira da Costa; even in the premodern lifestyle that subsists in the postmodern visions of *À Porta de Nárnia* by Isabel Cristina Pires and *Calafrio* by Manuel Silva-Terra. The unmistakable creative tension between re-encounter and distancing to which Coimbra and its university atmosphere lend themselves are subjected to postmodern mediation (for example, the “Elegy for Coimbra” in *A Cinza do Último Cigarro*, 2000, by Fernando Pinto Amaral).

The University teaching body has also continued to turn out creative writers of undeniable value, such as Vítor de Matos e Sá, Luís Quintais and the experimentalist Manuel Portela. And new initiatives in the city’s cultural life have stimulated reactions that require aesthetic-literary transposition, such as “Coimbra, Encontros de Fotografia” in the 2001 poetic work of José Manuel Teixeira da Silva,



Colégio de São Pedro no
Paço das Escolas, JA, 2008

São Pedro College, University Palace, JA, 2008



Rua da Alegria, LFA, 2006

Alegria Street, LFA, 2006

paradigmatically entitled *As Súbitas Permanências* (Sudden Permanences).

An irreverent register is evident in Fernando Assis Pacheco's confrontation with his city and university. Reviving Queiroz's notion of the "coelheira" ("Madonna of Students, You always looked out for me/ and I was grateful for it, sitting back there/ on a seat in the last row/...") and understanding that "melancholy is a deadly disease", Pacheco's poetry also contains parodies (in the sense of para- or counter-song), above all in *Variações em Sousa* (1987). He might well insist: "I never had anything to do with the/ student guitars: I lived/ in a slow-moving neighbourhood on the edge of town"; nor does he deny "what wretched/ nostalgia if I squandered myself on all that". Ultimately, Coimbra remains a personal reference of life, in the occasional frank re-encounter with oneself: "...saluting you, dear Fernando Assis Pacheco/ prodigal son of these florid farms/ .../ note that since then/ you have done nothing but lose".

But in that register, a new lyrical voice makes itself heard:

At nine in the morning, a man
climbed the university steps with a
butterfly perched on his shoulder.
Never had I seen a more exact science.
(from *Calafrio* by Silva-Terra).





A língua como património histórico e cultural – A importância de Coimbra na constituição do Português

Language as Historical and Cultural Heritage – The Importance of Coimbra in the Development of the Portuguese Language

A língua contém a nossa história

No longo caminho do português, desde as suas remotas origens no extremo Noroeste da Península Ibérica até à sua extraordinária projecção presente em vários continentes, a região centro-litoral de Portugal constituiu uma zona nevrálgica no processo de constituição histórica da língua literária e da língua nacional e na sedimentação da norma da língua.

O português, língua secular e com variada geografia, tem o seu berço no Noroeste hispânico, tendo-se formado a partir do latim implantado na “Gallaecia”, mas é na zona central de Portugal que adquire a sua fisionomia definitiva. Há fundamentos históricos que justificam as diferenças linguísticas entre o romance galego-português e os primitivos dialectos nascidos a partir do latim da Lusitânia.

A delimitação no Ocidente peninsular de duas regiões bem diferenciadas é muito antiga, embora só tenha tido pleno reconhecimento oficial com a divisão administrativa levada a cabo pelo Imperador Caracala que, no ano de 216, constituiu no Noroeste hispânico a província “Gallaecia et Asturica” (que abrangia os actuais territórios da Galiza, grande parte das Astúrias e o território compreendido entre o rio Minho e o rio Douro), diferenciada da região a sul deste rio que estava integrada na Lusitânia. Contrastando com esta região, intensamente romanizada, caracterizava-se a primeira por uma romanização tardia e pouco profunda e por um enorme conservadorismo linguístico e cultural.

Durante o período visigótico e a dominação árabe, a zona situada a sul do Douro não parece oferecer traços dialectais relevantes, mas é sobretudo na sua parte setentrional, situada entre o Mondego e o Tejo, que vai produzir-se mais tarde, com a Reconquista, o contacto entre as variedades dialectais nortenhas do galego-português e os dialectos provenientes do latim lusitânico, menos diversificados e, além disso, menos evolucionados, em virtude, por um lado, do tipo de latim que lhes serviu de base, e, por outro, das condições sociolinguísticas em que sobreviveram sob o domínio muçulmano. É indiscutível que também na região de Coimbra se verificaram esses contactos entre

Language contains our history

In the long journey of the Portuguese language, from its remote origins in the far northwest of the Iberian Peninsula to its current prominence in several continents, the central coastal region of Portugal was a nerve-centre in the process of the historical construction of the language – both the literary and the national – and in establishing its norms.

Portuguese, an ancient language with geographical variants, arose in the northwest of the Peninsula, based on the Latin of the province of *Gallaecia*, but it was in the central area of Portugal that it became distinctive. There are historical reasons for the linguistic differences between the Romance Galician-Portuguese language and the early dialects that emerged from the Latin of Lusitania.

The division of the west of the Peninsula into two distinct regions is very ancient, but it only received full official recognition with the administrative division carried out in 216 CE by the Emperor Caracala. This created the province of *Gallaecia et Asturica* (consisting of the present Galicia, most of the Asturias, and the land between the Rivers Minho and Douro), and the region to the south of the Douro, which was part of Lusitania. In contrast to the intensively Romanised Lusitania, the former region was characterised by late and superficial Roman influence, and by great linguistic and cultural conservatism.

During the Visigothic period and the time of Arab domination, the area south of the Douro does not seem to show any significant indications as to dialects. Later, however, at the time of the Reconquest from the Moors, it was especially the northern part, between the Rivers Mondego and Tagus, that saw contact between the northern dialects of Galaico-Portuguese and those deriving from Lusitanian Latin. The latter were less diverse and evolved, due partly to the type of Latin they were based on and also to the sociolinguistic conditions in which they had survived under Muslim rule.

In the Coimbra region, too, there were certainly such contacts between the dialects of the northern forces



Vista aérea da cidade, FJ, 2003
Aerial view of the city, FJ, 2003



os dialectos dos reconquistadores do Norte e os das populações de raiz hispano-goda que sobreviveram durante o período muçulmano e constituíam um importante e persistente foco de moçarabia, como pode deduzir-se dos vestígios, ainda hoje verificáveis, de topónimos moçárabes a sul do Mondego, nos concelhos de Coimbra e Condeixa. Aliás, como já foi posto em relevo, «o mosteiro de Lorvão atravessou incólume, durante cerca de dois séculos, os redemoinhos da Reconquista» (Orlando Ribeiro, *A propósito de áreas lexicais em território português. (Algumas reflexões acerca do seu condicionamento)*. Sep. do *Boletim de Filologia*, tomo XXI, 1965, p. 190). Com a ocupação definitiva da cidade de Coimbra em 1064, Fernando Magno, de Leão, entrega o governo da cidade a Sisnando Davides, confiando-lhe, ao mesmo tempo, o governo de todo o território ao sul do Douro, ou seja, o que anteriormente tinha constituído o condado de Coimbra. Com o auxílio de outros moçárabes, Sisnando governou o território e promoveu a reorganização da cidade, tanto sob o ponto de vista civil como eclesiástico.

Na região conimbricense e no próprio núcleo urbano verifica-se, tal como noutras zonas onde permaneceram importantes moçarabias, uma nivelação de dialectos, em consequência do contacto

of the Reconquest and those of the Hispano-Gothic populations that had lived under Arab rule. They formed an important and lasting focus of Mozarabic culture, as can be seen even today in the traces of Mozarabic toponyms south of the Mondego in the districts of Coimbra and Condeixa. Furthermore, it has been shown that nearby, “the monastery of Lorvão, for almost two centuries, passed intact through the turmoil of the Reconquest” (Orlando Ribeiro, *A propósito de áreas lexicais em território português. (Algumas reflexões acerca do seu condicionamento)*. Sup. *Boletim de Filologia*, vol. XXI, 1965, p. 190). With the final occupation of Coimbra, in 1064, Ferdinand the Great of Leon gave to Sisnando Davides the governorship of the city as well as of all the land south of the Douro, that is, what had previously been the County of Coimbra (condado de Coimbra). With the help of other Mozarabs, Sisnando governed this territory and reorganised the city at civil and ecclesiastical levels. In the region of Coimbra and in the city itself, as in other areas where significant centres of Mozarabic culture survived, there was a levelling of dialects, a consequence of the contact between northern varieties and Mozarabic dialects.

In 1096, Alfonso VI of Leon created the County of Portugal and granted it to Count Henrique, a

entre as variedades setentrionais e os dialectos moçárabes.

Com a criação do Condado de Portugal por Afonso VI, de Leão, em 1096 e a sua entrega ao Conde D. Henrique, um dos filhos do duque de Borgonha, casado com sua filha D^a. Teresa, e com a independência do reino de Portugal na primeira metade do século seguinte, rompe-se a secular comunidade linguística e cultural galego-portuguesa: Portugal separa-se do reino de Leão, separando-se também da Galiza: cria-se, assim, no século XII, uma fronteira que viria a tornar-se definitiva.

Pela sua posição geográfica, Coimbra, cidade milenária, foi fronteira entre a Cristandade e o Islão, e a região que acompanha o curso do Mondego palco de vaivéns de população no período da Reconquista. Assim se vai conformando uma variedade linguisticamente nivelada de localismos e de particularismos regionais.

Com a Reconquista, iniciada pelos reis de Leão e, mais tarde, continuada pelos reis de Portugal, provocam-se importantes movimentos populacionais que têm como consequência, por um lado, o apagamento na zona central e meridional das primitivas divisões linguísticas e, por outro, o contacto de dialectos, sobretudo do galego-português com os dialectos moçárabes, de cuja combinação resultaram dialectos mais nivelados.

A transformação do galego-português em português não é uma questão estritamente linguística: nesse processo intervieram circunstâncias histórico-culturais. À deslocação para a região centro-meridional do centro de gravidade do novo reino independente graças à transferência dos centros de decisão política e económica e dos centros culturais corresponde a “portugalização” linguística, o afastamento da língua da Galiza e dos dialectos nortenhos. Esse processo partiu certamente de Coimbra, embora, a partir da reconquista de Santarém e Lisboa, estas três cidades tenham desempenhado um importante papel na aglutinação do estado e da nação nos séculos XIII e XIV. É em torno desses núcleos que se forjará o Portugal moderno, pela língua, pela cultura, pela economia e pela política. Este espaço centro-litoral, entre Coimbra e Lisboa, converte-se no eixo fundamental da vida do País, sendo em torno dessas cidades que, nos últimos séculos da Idade Média, gravitou a vida nacional.

Coube, porém, a Coimbra um importante papel linguístico na Reconquista e nos séculos subsequentes. Quando, em 1131, D. Afonso Henriques decide abandonar Guimarães, antiga sede dos condes de Portucale, e fixar-se em Coimbra, esse gesto reveste-se de grande transcendência política e cultural. A cidade, situada na fronteira com o mundo

son of the Duke of Burgundy married to Alfonso's daughter Teresa, and in the first half of the following century Portugal was established as an independent kingdom. These events led to the split of the ancient Galaico-Portuguese linguistic and cultural community, since Portugal became separated from the kingdom of Leon and from Galicia. Thus, in the 12th century, a frontier was created, which was to become definitive.

Because of its geographical position, the ancient city of Coimbra was the frontier between Christianity and Islam, and the region centred on the River Mondego witnessed considerable movements of population at the time of the Reconquest. Thus a variety was formed, which was linguistically levelled in terms of localisms and regional peculiarities.

The Reconquest, begun by the kings of Leon and continued later by the kings of Portugal, caused significant displacement of populations, which gave rise on the one hand to the extinction of the early linguistic divisions in the central and southern zone, and on the other, to contact of dialects, particularly Galaico-Portuguese with Mozarabic dialects; this combination resulted in further levelling of dialects.

The transformation of Galaico-Portuguese into Portuguese is not a strictly linguistic question: historical and cultural circumstances also played a part in this process. The movement of the newly independent kingdom's centre of gravity to the central-southern region – a consequence of the transference of the centres of culture and of economic and political decision-making – coincided with a linguistic ‘Portugalisation’, with distancing from the language of Galicia and the northern dialects. This process certainly started from Coimbra, although after the capture of Santarém and Lisbon all three cities played an important part in unifying the state and the nation in the 13th and 14th centuries. It was around these centres that modern Portugal was forged, linguistically, culturally, economically and politically. This central-coastal area, between Coimbra and Lisbon, became the fundamental axis of the life of the country, for it was to these cities that national life gravitated in the final centuries of the Middle Ages.

In the Reconquest and the following centuries, however, Coimbra itself had an important role to play in terms of the language. When in 1131 Dom Afonso Henriques decided to leave Guimarães, the former seat of the Counts of Portucale, and settle in Coimbra, his action was imbued with considerable political and cultural significance. The city, on the frontier of the Islamic world, was in a predominant position, becoming the centre of the soon-to-be established monarchy. Furthermore, by putting an end to the separation between the Counties of Portucale and of Coimbra, the negative effects of the ‘colonisation’ of the Centre-

islâmico, tomava uma posição prevalecente, vindo a tornar-se o centro da monarquia que em breve se estabelecerá. Além disso, ao superar a separação entre o condado de Portucale e o de Coimbra, atenua os efeitos negativos da “colonização” do Centro-Sul pelo Norte e integra-os numa unidade que virá a ser a base da nova nação independente. O apoio concedido ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra contribuiu para que essa escola monástica se tornasse um pujante centro cultural que irradiava a sua influência a todo o País, tendo vindo a desempenhar um relevante papel na cultura portuguesa da Idade Média.

A partir de então, Coimbra será não só o lugar onde Afonso Henriques residirá, como se tornará um dos principais centros onde a corte dos primeiros reis da monarquia se estabelecerá por mais tempo, antes de Lisboa ter passado a ser definitivamente a capital do reino, no reinado de Afonso III (1248-1278). Importante papel cultural foi também desempenhado pela Universidade, que, fundada em Lisboa em 1290, foi depois transferida para Coimbra, em 1308, tendo permanecido nesta cidade durante dois períodos do século XIV (1308-1338 e 1354-1377), antes de para cá se transferir definitivamente em 1537, no reinado de D. João III.

A convergência das várias circunstâncias apresentadas contribuiu para que, desde a época antiga, Coimbra tenha sido um dos mais importantes centros de irradiação linguística. A análise de alguns mapas onde se apresenta a distribuição de algumas áreas lexicais e etnográficas em território português revela que Coimbra deve ter sido um dos mais importantes centros antigos de inovação e irradiação linguísticas. A importância desempenhada pela região conimbricense ressalta também claramente da oposição que, num documento do século X, se estabelece entre *Colimbria* e *Galecia*. A cidade é, aliás, o único centro referido pelo geógrafo árabe Edrisi, morto por volta de 1164.

Um outro expressivo indício dessa capacidade de expansão cultural e linguística é constituído pela irradiação de Coimbra na toponímia peninsular: com efeito, o nome da cidade ou seus derivados (*Coimbrões*, *Coimbró*, *Cumbras* e *Cumbráns*) encontram-se representados em vários distritos da metade setentrional de Portugal (Viseu, Porto, Braga, Vila Real) e em Espanha, na Galiza (Pontevedra, Lugo e La Coruña).

Deve sublinhar-se, além disso, a influência da língua da corte e do ambiente universitário sobre a língua portuguesa corrente, não só da cidade e da região mas, muitas vezes, de todo o País. Como sede da Universidade, Coimbra tornou-se, ao longo dos séculos, um importante centro cultural, tendo a norma culta desta cidade exercido grande influência no saber linguístico dos estudantes de todo o País, os

South by the North were mitigated, and both were integrated into what was to become the base of the newly independent nation. The support granted to Coimbra's Monastery of Santa Cruz made this monastic school a vibrant cultural centre whose influence was felt throughout the country, playing a significant role in Portuguese culture in the Middle Ages.

From this point on, the city became more than just Afonso Henriques's residence: before Lisbon finally became the nation's capital under Afonso III (1248-1278), Coimbra was one of the centres where the Court of the first kings spent most time. An important cultural role was also played by the University, which, founded in Lisbon in 1290, was transferred to Coimbra in 1308, staying in the city for two periods in the 14th century (1308-1338 and 1354-1377) before being finally transferred in 1537 under João III.

The convergence of these various circumstances has meant that, since early times, Coimbra has been one of the country's most important centres of linguistic diffusion. Analysis of maps showing the distribution of lexical and ethnographic areas in Portugal indicates that Coimbra must have been a highly significant centre of innovation and dissemination of the language. The importance of the region is also clearly seen in a 10th-century document which establishes a contrast between *Colimbria* and *Galecia*. Furthermore, Coimbra is the only town mentioned by the Arab geographer Idrisi (died c. 1164).

A further indication of this cultural and linguistic relevance is seen in the distribution of *Coimbra* among Iberian place-names. The name of the city, or its derivatives (*Coimbrões*, *Coimbró*, *Cumbras*, *Cumbráns*), are found in several districts in the northern half of Portugal (Viseu, Porto, Braga, Vila Real) as well as in Spain, in Galicia (Pontevedra, Lugo and La Coruña).

We must further emphasise the influence of the language of the Court and of the University on modern Portuguese, not only in Coimbra and its region, but throughout the country. As the seat of the University, Coimbra became over the centuries an important centre of culture, and the educated linguistic norm of the city exercised enormous influence on the language of students, who, coming from all over the country, later acted as agents of linguistic change in many ways.

It is clear from what has been said that the cultural and political circumstances outlined above made a significant contribution to the historical formation of the Portuguese language. In Coimbra and its region, and later on the Coimbra-Lisbon axis, they encouraged the development of a particular linguistic model of Portuguese – its standard form and



quais funcionaram depois, sob vários aspectos, como verdadeiros “multiplicadores linguísticos”. Depreende-se de tudo o que ficou dito que as circunstâncias culturais e políticas evocadas contribuíram para a constituição histórica do português e favoreceram o desenvolvimento em Coimbra e sua região – e depois no eixo Coimbra-Lisboa – de um modelo linguístico do português, a norma padronizada e padronizadora, e para a elaboração da língua literária, nos séculos XV e XVI, e da própria língua nacional.

Como fruto da convergência das condições evocadas, sedimentou-se ao longo dos séculos a variedade culta coimbricense, que, na consciência colectiva dos falantes de outras regiões do País, representa a “melhor” forma do português (continental), isto é, considera-se um modelo linguístico prestigioso. Para a construção e consolidação do prestígio atribuído a essa variedade urbana devem seguramente ter contribuído algumas das suas mais significativas características: a ausência de traços regionais (incluindo a nível prosódico) que permitam identificar os seus falantes quanto à sua proveniência geográfica e a sua escassa diferenciação diastrática não comparável à de qualquer outra cidade portuguesa.

standardizing norm – as well as the shaping of the literary language, in the 15th and 16th centuries, and of the national language itself.

As a result of the convergence of these conditions, over the centuries the educated Coimbra variety of the language became established in the collective consciousness of speakers in other regions as the ‘best’ form of (continental) Portuguese – that is, it is seen as a prestigious linguistic model. Some of its most obvious characteristics would surely have contributed to the construction and consolidation of the prestige attributed to it: the absence of obvious regional signs, including at the prosodic level, so that a speaker’s origin cannot be identified geographically, and the lack of social class differentiation, in comparison with the speech of other Portuguese cities.



A Universidade de Coimbra e a formação das elites para um espaço pluricontinental, ao longo dos tempos

A Historical Overview of the Role of the University of Coimbra in the Formation of Elites for a Multi-continental World

A formação das elites inscreve-se na história das universidades como um dos principais elementos caracterizadores da sua função social. A natureza e o nível dos saberes que ministram e o reconhecimento das qualificações que conferem fazem delas o alfofre dos quadros dirigentes da Sociedade, na administração, na direcção ideológica e científica, na reprodução de modelos, na produção normativa... De forma lapidar, os reformadores de 1772, exprimiram esta ideia ao afirmarem que os graus universitários superiores não apenas conferem “testemunho público, e significação authentica da habilitação para o Magisterio”, mas igualmente são o critério utilizado pelos “Supremos Poderes, Espiritual e Temporal, para se governarem e regerem por elles no provimento das Dignidades, Benefícios, Ministerios e Empregos, que pela sua maior gravidade e importancia só se costumam conferir aos que com elles se acham graduados, na supposição de serem elles os mais sabios e idoneos para bem servirem à Igreja e ao Estado”¹.

Historicamente, esta que afirmamos ser uma característica comum concretiza-se de modos diferentes, dependendo da estrutura curricular de cada instituição universitária, da predominância de determinados saberes, da sua capacidade de projecção e captação, da sua implantação num espaço definido e, dentro dele, da sua articulação com outras instituições subordinadas, paralelas ou concorrentes.

Elite formation is central to the history of universities and represents one of the main aspects of their social role. The nature and level of the knowledge they teach and the recognition of the qualifications they confer make them an incubator for the ruling classes in a society, in administration, in terms of ideological and scientific leadership, the reproduction of models and normative production. In 1772 the reformers clearly expressed this when they stated that university degrees not only conferred “public proof and a genuine qualification for the scholastic profession”, but they were also the criteria used by the “Supreme powers, both Spiritual and Temporal, to grant Dignities, Benefices, Ministries and other Offices which, because of their seriousness and importance, are only usually given to graduates, based on the assumption that they are the most knowledgeable and competent to serve the Church and State”¹.

Historically, what we state here as being a common feature of universities has assumed different forms, depending on the curricular programme of each institution, the predominance of certain kinds of knowledge, its prominence and ability to attract students, how well it is implanted in a particular region and, within it, the links it establishes with other subordinate, equal or competing institutions.

1

Estatutos da Universidade de Coimbra (1772), liv. I, tít. IV, cap. VI, § 2.

Estatutos da Universidade de Coimbra (1772), Bk. I, Title IV, ch. VI, § 2.



Neste contexto, a Universidade de Coimbra apresenta traços peculiares cujo conhecimento é indispensável à compreensão do seu papel específico: o principal será, sem dúvida, a exclusividade de que gozou, por um largo período temporal e tendo em conta todo o espaço continental e ultramarino, de proporcionar formação e conferir graus em áreas como o Direito (Canónico e Civil) e a Medicina; a que poderemos agregar, após a reforma de 1772, as disciplinas científicas das faculdades de Matemática e de Filosofia. De 1537, ano da transferência definitiva para Coimbra, até à implantação da República, a Universidade de Coimbra representou uma oportunidade única, sem paralelo institucional, de formação e aquisição de competências com forte incidência no exercício de tarefas dirigentes e governativas.

A circunstância de, ao longo do período mencionado, se terem verificado mudanças estruturais, quer no *curriculum* dos saberes – sendo a reforma pombalina de 1772 a mais relevante – quer na organização política e social do país – com a Revolução Liberal e a independência do Brasil – vai matizar, sem o diminuir, o papel central da Universidade de Coimbra na formação das elites intelectuais e governativas.

No período que precede a reforma de 1772, o acento terá de ser colocado na formação jurídica, não só

In this context, the University of Coimbra has certain specific characteristics which must be identified in order to fully understand its role: the most important is, without a doubt, the long period of exclusivity it had, both in continental Portugal and overseas, in providing a university education and qualifications in such areas as Law (Canon and Civil) and Medicine, as well as, after the 1772 reform, in the different fields of the Faculties of Mathematics and Natural Philosophy. Between 1537, the year the university was transferred definitively to Coimbra, and the establishment of the Republic, the University of Coimbra was the only opportunity anyone had of acquiring university training and skills, with a particular emphasis in the areas of administration and governance.

The fact that, during this long period, there were structural changes, both in terms of curricula (the most important being the reform of 1772) and the political and social organisation of the country (such as the Liberal Revolution and the independence of Brazil), did not diminish the central role that the University of Coimbra had in the formation of the intellectual and ruling elites, rather it diversified it.

In the period preceding the 1772 Reform, emphasis was given to legal education, which was not only in

a mais procurada – com cerca de 87% do total das matrículas – como a que proporcionava as melhores oportunidades de carreira.

É bem conhecida a ambivalência da formação em Direito Canónico, como qualificação necessária ou preferencial para as administrações eclesiástica e régia. A primeira, fortemente apoiada no sistema de remunerações constituído pelo regime beneficional – a um cargo estava anexada uma dotação cujo rendimento, não sendo fixo, era normalmente apreciável – incluía não apenas os benefícios paroquiais (que faziam dos seus detentores líderes das comunidades locais e elos privilegiados de ligação com as autoridades superiores, tanto eclesiásticas como civis), mas igualmente as posições mais eminentes da hierarquia do clero: um sem-número de funções ligadas ao aparelho judicial eclesiástico (cúrias e tribunais diocesanos e metropolitanos, o tribunal da Legacia, os tribunais da Inquisição), os canonicatos e as cátedras episcopais. A Universidade, como instituição, dispunha mesmo da prerrogativa de apresentação nos canonicatos magistrais (destinados a teólogos) e doutorais (para canonistas) na quase totalidade das dioceses do país, assim como em cerca de duas dezenas e meia de benefícios paroquiais: de uns e outros destes benefícios eclesiásticos usufruíram largamente muitos dos que ela própria graduava ou que a serviam como professores.

great demand (with about 87% of total enrolments), but also offered the best career opportunities.

The dual importance of a training in Canon Law as a necessary or preferred qualification for ecclesiastical and royal administrators is well known. The former, supported by a remuneration system based on endowments (meaning that positions were attached to endowments, and the income derived from them, although variable, was usually considerable), included not only parochial benefices (making their holders the leaders of local communities and key links to both ecclesiastical and civil higher authorities), but also the most important positions in the church hierarchy – countless offices related to the ecclesiastical judicial apparatus (curiae, diocesan and metropolitan tribunals, the Apostolic Nunciature and the Inquisition tribunals), the canonries and the bishoprics. As an institution, the University even had the prerogative of granting magistral canonries (intended for theologians) and doctoral canonries (intended for canonists) in nearly all the dioceses of the country as well as in a group of about twenty-five parochial benefices, and many of its graduates and teachers enjoyed these privileges.

The royal administration and magistracy were largely dependent on the contingent of students who graduated from Coimbra, and naturally preferred

A administração e a magistratura régias bebiam largamente no contingente dos graduados por Coimbra, dando naturalmente preferência aos legistas (mas não excluindo, como dissemos, os canonistas). Um primeiro nível, constituído pela magistratura periférica ao serviço da Coroa (juizes de fora, corregedores, provedores) tinha como limiar obrigatório um exame de estado (a “leitura”), realizada sob a alçada do Desembargo do Paço: mas a admissão a este exame dependia do juízo formulado pelo corpo de professores das faculdades jurídicas de Coimbra que classificavam o contingente anual de graduados juristas – do medíocre ao muito bom, passando pelo suficiente e bom (informações da Universidade, transmitidas ao Desembargo do Paço). Só eram admitidos à “leitura” os bons ou muito bons.

O nível superior do *cursus honorum* – que, simplificando, poderíamos designar como a carreira dos desembargadores, “a elite dos funcionários régios”² – tinha vias de acesso distintas: só uma minoria (cerca de 10%) provinha da magistratura periférica (a “via militante”); um número maior acedia à posição por via do parentesco com os anteriores detentores dos cargos (a sua nomeação remunerava os serviços prestados pelos seus familiares); mais frequentemente, contudo (42% dos casos entre 1750 e 1826), através de uma “faculdade inerente aos direitos de doutor ou lente, com exercício de magistério, da Universidade de Coimbra”, nas faculdades de Leis e Cânones³. O percurso iniciava-se normalmente no tribunal da Relação do Porto – muitas vezes concomitantemente com o exercício da docência universitária – subindo até ao cargo de desembargador dos agravos da Casa da Suplicação. A carreira docente universitária, já de si prestigiante, era então também a via de acesso a outras carreiras e honras, etapas de percursos sociais ascendentes que muitas vezes conduziam à entrada formal na elite nobiliárquica.

A competência técnica dos juristas ultrapassava, contudo, a judicatura e a docência para se exercer em tarefas tipicamente governativas – no Desembargo do Paço, na Mesa da Consciência, em Conselhos e Juntas – ou diplomáticas: sirva de exemplo a diplomacia da Restauração, conjugando o estatuto nobre dos chefes de missão (a quem cabiam sobretudo funções de representação) e a formação universitária jurídica de grande parte dos secretários e negociadores. Neste contexto, importa pôr em destaque o papel

legistas, though canonists were not excluded. A first level was constituted by the peripheral magistracy in the Crown’s service (judges, corregidores, ombudsmen) and implied a compulsory entrance examination (the “reading”) taken under the supervision of the *Desembargo do Paço* (roughly corresponding to a supreme court). However, admittance to this exam was dependent on the evaluation of the Law professors at Coimbra, who classified the annual contingent of graduating jurists as mediocre, satisfactory, good or very good, and the University conveyed the information to the court. Only the students classified as good or very good were allowed to sit for the “reading”.

The higher level of the *cursus honorum*, which in simple terms could be called the career of *desembargadores* (judges in appellate courts), “the elite of the royal officials”,² could be accessed in several ways. The magistrates who had risen to this rank from the lower levels were in the minority (about 10%). A larger number ascended to the position by reasons of consanguinity with prior holders of the office (their appointment served as remuneration for the services rendered by their relatives). More frequently, however, in almost half of the cases (42% between 1750 and 1826), access to the position was part of the inherent rights of doctors or professors who taught at the faculties of Civil Law and Canon Law of the University of Coimbra.³ Their trajectory usually began at the Court of Appeals of Porto (often while still teaching at the University), and then they rose to the position of *desembargador* of the Crown Court (*Casa da Suplicação*). The career of a university professor not only conferred prestige by itself, but also opened the door to other offices and honours, in an ascending social trajectory that very often led to formal entrance into the aristocracy.

Moreover, the technical skills of jurists were not confined to the magistracy and teaching. They were also required in government (in the Crown Court, the Board of Conscience, and different councils and boards) and diplomacy, where the high status of mission chiefs (who acted mainly as government representatives) was combined with the legal training of the majority of secretaries and negotiators.

Within this context, it is important to stress the role played by the secular colleges of S. Pedro and S. Paulo, which were essential elements in a “protective complex” intended to receive and

2
José Subtil, *O Desembargo do Paço, 1750-1833* (policopiado), Lisboa, 1994, vol. I, p.398

José Subtil, *O Desembargo do Paço, 1750-1833* (mimeo), Lisbon, 1994, vol. I, p.398.

3
Ibidem, p. 404.
Ibidem, p. 404.



dos colégios seculares de S. Pedro e de S. Paulo, elementos fundamentais de um “complexo protector” destinado a acolher e promover uma elite intelectual, enquadrando-a e conformatando-a normativamente: deles saiu a quase totalidade dos professores das faculdades jurídicas (no período que aqui consideramos); mas os percursos biográficos dos colegiais conjugam maioritariamente a universidade e os cargos públicos, a universidade e a carreira eclesiástica, ou as três componentes em conjunto⁴. Os porcionistas, por seu lado, poderão fornecer-nos um exemplo de ‘consolidação das elites’, uma vez que, sendo oriundos da alta nobreza, vêm à universidade adquirir uma qualificação que potencia o seu estatuto originário no acesso aos cargos públicos e sobretudo aos benefícios eclesiásticos⁵.

promote an intellectual elite, giving it frames of reference and shaping it in normative terms. Almost all the professors of the legal faculties in this period received their education there. But the trajectories of the college graduates usually involved the university and public offices, the university and the ecclesiastical career, or all three components.⁴ The portionists, in turn, provide an example of “consolidation of the elites”, since they were from the high nobility and took a university degree to enhance their access to public office, and especially to ecclesiastical benefices.⁵

⁴ Cristóvão José Pinto Correia de Oliveira, *O Saber e o Poder: o Colégio Real de S. Pedro da Universidade de Coimbra, 1700-1834* (policopiado), Coimbra, 1996, p. 117.
Cristóvão José Pinto Correia de Oliveira, *O Saber e o Poder: o Colégio Real de S. Pedro da Universidade de Coimbra, 1700-1834* (mimeo), Coimbra, 1996, p. 117.

⁵ *Ibidem*, p. 124.
Ibidem, p. 124.

A compreensão da dimensão efectiva desta capacidade criadora e transformadora da formação universitária exige a elaboração de uma prosopografia ampla, apenas em parte elaborada⁶. De facto, confrontando a listagem dos graduados por Coimbra⁷ com aqueles de que conhecemos o destino posterior verificamos o muito que ainda há por elucidar: sobretudo o percurso pós-universitário daqueles que rumaram de novo ao seu local de origem (os percursos ‘fechados’) e que terão possivelmente desempenhado um papel de relevo no seio das comunidades locais.

As notícias de dispomos não são de molde a poder traçar ainda um quadro generalizado.

Uma aproximação, contudo, pode ser tentada precisamente tendo em conta a origem geográfica dos graduados por Coimbra (aceitando o pressuposto de que a formação universitária terá representado para eles uma aquisição qualitativa que modificou ou, pelo menos, consolidou o seu estatuto social). Neste aspecto, podemos afirmar que a exclusividade de Coimbra se traduziu em captação generalizada em todo o espaço continental – atingindo os centros urbanos e o mundo rural em proporções semelhantes – e tocando significativamente também os espaços insulares e ultramarinos, nomeadamente o Brasil. Como indicadores da generalização da procura universitária poderemos mencionar a estreita correlação que se verificava entre os contingentes de graduados e a densidade populacional das diferentes regiões do continente, assim como o progressivo alargamento da área de captação, no Brasil, à medida da progressiva ocupação do espaço, com particular destaque para a região de Minas Gerais.

A corrente originária da colónia americana, ténue nos inícios de Seiscentos, engrossa notavelmente depois da descoberta do ouro. Se tivermos em conta as primeiras entradas nas faculdades jurídicas, o contingente brasileiro atinge uma proporção considerável (7,52% em 1760-1770; 16,5% em 1772-

The full understanding of the effective dimension of the creative and transforming power of a university education requires a broad prosopography that has only partially been made.⁶ Indeed, if we compare the list of Coimbra graduates⁷ with the cases where their later destiny is known, it is clear that there is still much to clarify, in particular concerning the post-university career of those who returned to their place of origin and who probably had a significant role within their local communities. The information available at present does not permit generalisations.

Nevertheless, we can draw some inferences from the geographical origins of the students who graduated from Coimbra (admitting that their university education represented a qualitative achievement that changed, or at least consolidated, their social status). In this respect, it may be said that, because Coimbra was the only university in the country, it recruited students from every part of the continental territory, as well as a significant number from the islands and the overseas territories, especially from Brazil. The intimate correlation between the contingents of graduates and the population density of the different continental areas as well as the gradual expansion of the recruiting area in Brazil as the progressive occupation of the territory took place, with particular emphasis on the region of Minas Gerais, may be mentioned as indicators of the growth of demand for a university education.

The number of students from Brazil was quite small in the 1600s but increased considerably after the discovery of gold in the colony. If we take into account the first entrants to the law faculties, the Brazilian contingent represented a significant percentage (7.52% in 1760-1770; 16.5% in 1772-1788). An active exchange of professionals was then established between both sides of the Atlantic (Brazilian graduates became prominent in the metropolis, Portuguese graduates began their careers in the

6

Para além de referências dispersas em biografias individuais, dispomos de algumas recolhas sistemáticas mas parciais, de que são exemplo os trabalhos atrás citados de José Subtil (para os desembargadores do Paço) e Cristóvão Oliveira (para os colegiais de S. Pedro, entre 1700 e 1834). Para o mesmo período cronológico, Ana Paula Félix Rocha fez idêntica recolha respeitante aos colegiais de S. Paulo. Os trabalhos de Cristóvão Oliveira e Ana Paula Rocha são teses de mestrado, ainda inéditas. *No meu próprio trabalho, A Universidade de Coimbra, 1700-1771* (editado em 1995), incluí alguns dados prosopográficos (quadro A. V.3.). No caso específico dos professores foram recentemente publicados pelo Arquivo da Universidade os dois volumes da *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis*. Besides scattered references in individual biographies, some systematic but partial studies have been made, namely by José Subtil, cited previously (on supreme court judges), and Cristóvão Oliveira (on students and graduates of the College of S. Pedro, between 1700 and 1834). For the same chronological period, Ana Paula Félix Rocha made an identical study of the members of S. Paulo College. Cristóvão Oliveira and Ana Paula Rocha's studies are unpublished Master's theses. *My own work A Universidade de Coimbra, 1700-1771* (published in 1995) includes some prosopographic data (Table A. V.3.). The two volumes of *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis* published by the University Archives in 1992 concern the specific case of the professors.



Pormenor escultórico das Escadas de Minerva e Biblioteca Joanina, MR, 2009
Sculptural detail of Minerva Stairs and Joanine Library, MR, 2009



1788). Entre as duas margens do Atlântico gerou-se então uma activa circulação de quadros (graduados brasileiros que se notabilizam na metrópole, reinóis que iniciavam a sua carreira de letrados – em alguns casos para ‘limpar’ uma origem social menos honrada – nos espaços ultramarinos), circulação que se intensificou após a reforma pombalina de 1772.

A reforma trouxe uma nova matriz formativa que autonomizava a formação nas ciências experimentais, e criava a simbiose entre esta e os outros saberes, ao impor aos estudantes das diversas faculdades a

overseas territories, in some cases to ‘wash out’ a less honourable social origin). This movement increased following the reform of the university carried out by the Marquis of Pombal in 1772.

The reform heralded a new academic paradigm that established the autonomy of experimental science, and also created a symbiosis between this and other fields of knowledge by requiring students of all the faculties to take courses in science (as a minimum, the disciplines of Geometry and Natural History). At the same time, the foundations of Law had also

7

O elenco dos graduados nos dois Direitos pode ser obtido com bastante segurança a partir das Informações da Universidade. Elas estão já sistematicamente recolhidas, em suporte informático, para os períodos de 1700-1771 e 1632-1660 (1632 sendo a data a partir da qual há registos regulares), estando em projecto completar os anos de 1661 a 1699 e prosseguir o elenco a partir de 1782 (ano em que foram reactivadas as Informações depois de terem sido suprimidas em 1772). Para as outras faculdades, foi possível obter uma aproximação fiável com base nos registos de *Actos e Graus*, apesar embora as lacunas que se verificam, sobretudo a partir de 1730.

The list of graduates in Civil and Canon Law may be obtained from a university publication (Informações da Universidade). They already exist in digital form for the periods 1700-1771 and 1632-1660 (1632 was the year when systematic records began being kept), and there is a project to complete the records from 1661 to 1699 as well as from 1782 onwards (which was when record keeping was resumed after it had been suspended in 1772). It was possible to obtain a reliable estimate for the other faculties from the records of *Actos e Graus* (Acts and Degrees), even though there are gaps, particularly after 1730.

obrigatoriedade de cursarem disciplinas científicas (no mínimo, as cadeiras de Geometria e História Natural), num contexto em que as próprias bases do Direito se haviam modificado (racionalismo e jusnaturalismo). A Universidade, reformada por via da sua autoridade máxima que era o monarca protector, vai tornar-se a matriz de transmissão deste novo saber. Outras instituições (tais como, por exemplo, a Academia das Ciências de Lisboa, fundada em 1779) potenciavam ou ampliavam esta competência, mas a formação recebida em Coimbra permaneceu como o dado original e incoativo. Toma então corpo uma geração de viajantes naturalistas (com vincado protagonismo dos ‘brasileiros’ quer no seu próprio espaço quer nos domínios africanos), de intendentos e superintendentes zelando pelos recursos naturais, de juizes e oficiais demarcantes. Em síntese, terão sido estes os protagonistas de uma tomada de consciência do corpo físico do continente e dos seus domínios, com uma natural consequência na tomada de consciência do corpo moral e político.

A dimensão política desta formação foi mais visível na evolução dos destinos do Brasil: ao comentar a malograda Inconfidência Mineira de 1789, o Visconde de Barbacena afirma ter sempre achado “muito arriscados os sentimentos, opiniões e influências dos bacharéis brasileiros que têm voltado à sua pátria, especialmente depois que se julgam instruídos nos direitos públicos e das gentes, nos interesses da Europa e no conhecimento das produções da natureza”⁸. Na primeira fila dos protagonistas da independência estão graduados por Coimbra.

Sobretudo, porém, importa salientar, a implantação de uma armadura científica e pedagógica que a dependência colonial impedira de florescer mas cujos fautores e modelos, em boa parte, são também referenciáveis a Coimbra: para além das academias, onde se cultivaram as letras, mas, cada vez mais, as ciências e os sentimentos nativistas, os jardins botânicos (Belém do Pará – 1796; Rio de Janeiro – 1810; Pernambuco – 1811; Caiena), a Escola de Anatomia e Cirurgia da Baía (1808, por iniciativa de José Correia Picanço que fora professor em Coimbra), a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro (1808), a Academia Militar e a Academia dos Guardas Marinhas, no Rio de Janeiro (1810). O plano para a organização do ensino no Brasil (de 1821), incluindo a criação de uma universidade, é da autoria de José Bonifácio de Andrada e Silva, de seu irmão Martim Francisco e de João Ferreira de Oliveira Bueno, todos graduados por Coimbra: como

changed (Rationalism and Jusnaturalism). Reformed on the orders of its patron, the king himself, the university became the instrument of transmission of this new knowledge. Other institutions (such as the Science Academy in Lisbon, founded in 1779) reinforced or broadened this role, but the academic training offered by Coimbra remained as a reference. Thus began a generation of travelling naturalists (with a particularly large percentage of ‘Brazilians’, both in their home country and African dominions), intendants and superintendents managing natural resources, judges and land surveyors. In short, they were the protagonists of a growing awareness of the physical reality of the continent and dominions, with a consequent awareness of political and moral reality.

The political aspect of this academic training was more evident in developments in Brazil: the Viscount of Barbacena, when commenting on the frustrated 1789 Minas Conspiracy (an independence movement led by intellectuals), stated that he had always thought that “the feelings, opinions and influence of the Brazilian graduates who [had] returned to their homeland [from Coimbra] very dangerous, particularly as they consider[ed] themselves qualified in public rights, European interests and the workings of nature”⁸. Right in the front line of those responsible for the independence of Brazil were Coimbra graduates.

What should be stressed here, however, is that fundamental scientific and educational institutions in Brazil were established, in most cases, by individuals connected to the University of Coimbra, and based on its models. Apart from the academies which cultivated the arts and increasingly the sciences, as well as a certain nationalism, there were several botanical gardens (Belém do Pará – 1796; Rio de Janeiro – 1810; Pernambuco – 1811; Caiena), the School of Anatomy and Surgery of Bahia (1808, on the initiative of José Correia Picanço, who had been a Coimbra professor), the School of Anatomy, Surgery and Medicine of Rio de Janeiro (1808), and the Military Academy and the Naval Academy, in Rio de Janeiro (1810). The plan for the organisation of the education system in Brazil (1821), which included the creation of a university, was drawn up by José Bonifácio de Andrada e Silva, his brother Martim Francisco and João Ferreira de Oliveira Bueno, all of them Coimbra graduates. So too were the sponsors of the first law degrees in S. Paulo and Olinda (1827) and a large part of the twenty-seven founders of the Brazilian Historical and Geographical Institute (12



o são os fautores dos primeiros cursos jurídicos, em S. Paulo e Olinda (1827) e uma boa parte dos vinte e sete fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838 (dos 16 que haviam feito a sua formação acadêmica em Portugal, 12 haviam frequentado Coimbra). Deste modo, a primeira grande leitura da história do Brasil, a *História Geral do Brasil* (1854-1857) de Francisco Adolfo Varnhagen, incluía a antiga colônia entre as nações civilizadas, encarando assim a colonização portuguesa como “tarefa civilizadora”. Não é uma perspectiva inocente – contradizia uma outra baseada no nativismo – mas dá conta da força de que gozava uma liderança intelectual e política que bebera em fontes do outro lado do Atlântico, com claro predomínio de Coimbra.

Mais conhecida é a importância da elite intelectual e política – para a qual se abriria um largo capítulo – que, ao longo do século XIX, faz a sua formação na Universidade de Coimbra (que mantém, até 1911, a matriz formativa da reforma pombalina): embora inicialmente contestada como símbolo de um Antigo Regime que se pretendia abolir e coexistindo, depois de consolidada a Revolução Liberal, com outras instituições de Ensino Superior (que ocupam campos específicos), continuou a ser uma referência fundamental.

of the 16 who had studied in Portugal had received their academic education at Coimbra). The first major historical study of Brazil, *História Geral do Brasil* (1854-1857), by Francisco Adolfo Varnhagen, included the former colony among the civilised nations, thus conveying the idea that Portuguese colonisation had accomplished a “civilising mission”. This was hardly a neutral point of view, since it contradicted another perspective, rooted in nativism. However, it shows the power detained by the political and intellectual leadership of the time, which was much influenced by the other side of the Atlantic, and particularly by the University of Coimbra.

Better known is the importance of the intellectual and political elite that, throughout the 19th century, was trained at the University of Coimbra (which maintained the reforms of the Marquis of Pombal until 1911). Although it was initially contested as a symbol of the *Ancien Régime* that the liberals wanted to abolish, and after the consolidation of the Liberal Revolution it coexisted with other higher education institutions (established in specific fields), the University of Coimbra continued to be of fundamental importance.





O relevante património biológico da Universidade de Coimbra The Important Biological Heritage of the University of Coimbra

Com a reestruturação pombalina da Universidade, na segunda metade do século XVIII, iniciou-se um extraordinário enriquecimento do Património Biológico (particularmente fitológico) da Universidade de Coimbra mediante a fundação do Jardim Botânico, inicialmente destinado, particularmente, ao cultivo de plantas medicinais, como, aliás, é referido numa carta que o Marquês de Pombal dirigiu ao Reitor da Universidade de Coimbra (Francisco de Lemos) em 15 de Outubro de 1773: «...Debaixo destas regulares medidas deve delinear outro plano, reduzido somente ao número de ervas medicinais que são indispensáveis para os exercícios botânicos, e necessárias para se darem aos estudantes as instruções precisas para que não ignorem esta parte da medicina...»

Em 1774, o Marquês de Pombal enviou a Coimbra o jardineiro do Real Jardim da Ajuda (Lisboa), Julio Mattiazi, como responsável pelo cultivo das plantas no Jardim Botânico. As primeiras plantas vieram do Real Jardim da Ajuda, tendo sido enviadas para Coimbra por via marítima e acompanhadas pelo que seria o primeiro jardineiro do Jardim Botânico de Coimbra, João Rodrigues Vilar.

Iniciou-se, assim, a relevante fitodiversidade do Jardim Botânico de Coimbra, que implicou, por razões óbvias, um enriquecimento da zoodiversidade não só na área do Jardim, como também em toda a zona circundante.

The Pombaline restructuring of the University of Coimbra in the second half of the 18th century ushered in a period of extraordinary enrichment of its biological heritage with the founding of the Botanical Garden. It was initially intended to be used to grow medicinal plants, as alluded to in a letter sent by the Marquis of Pombal to the rector of the University of Coimbra (Francisco de Lemos) on 15 October 1773: “...Beneath these regular measures there should be another level, including only the number of medicinal herbs that are essential for botanical exercises and necessary to give students exact instruction so that they do not disregard this part of medicine...”

In 1774 the Marquis of Pombal sent the gardener from the Real Jardim da Ajuda (Royal Garden of Ajuda, in Lisbon) to Coimbra. The first plants came from the Royal Garden of Ajuda and they were sent to Coimbra by sea, accompanied by João Rodrigues Vilar who was to be the first gardener in the Coimbra Botanical Garden. This is how the important botanical diversity of the Botanical Garden started, and for obvious reasons it led not only to the development of zoodiversity in the area around the Garden, but also in the Garden itself.

The Botanical Garden covers a huge area (±12 ha) of the Valley of Ursulinas, where there runs a small brook that springs in Celas. It consists of two basic areas: a landscaped area in the upper part of the valley, and a wooded area in the lower part.

O Jardim Botânico ocupa uma vasta área (±12 ha.) do Vale das Ursulinas, onde corre uma pequeno regato que nasce em Celas, e é constituído por duas zonas fundamentais: uma, na parte superior do vale, ajardinada e outra na parte inferior do vale, mais arborizada.

A primeira é pública e consiste na área mais formal do Jardim, sendo constituída por alguns terraços em socalco. No socalco inferior está o designado “Quadrado Grande”, que constitui a parte mais primitiva do Jardim. Aqui, existem três relevantes árvores que datam dos primórdios do Jardim, do tempo em que Félix de Avellar Brotero (1744-1828) foi director do Jardim (1791-1811), portanto com cerca de 200 anos. São a *Cunninghamia lanceolata* (Lamb.) Hook. f.; a *Cryptomeria japonica* D. Don e a *Erythrina crista-galli* L. Estão ainda em ótimo estado e, por isso, constituem um valiosíssimo património Biológico da Universidade. Há ainda outras espécies de árvores centenárias e outras de enorme volume de biomassa nesta zona do Jardim, como: um exemplar bicentenário de *Cupressus macrocarpa* Hartw. ex Gordon, junto ao refeitório; uma belíssima sequóia [*Sequoia sempervirens* (D. Don) Endl.] logo à entrada do Portão Principal; o eucalipto mais alto (ca. 50 m) e de maior biomassa do Jardim (*Eucalyptus obliqua* L’Hér.), ao lado das escadas que dão para o Portão do Seminário e, do outro lado destas escadas, um extraordinário exemplar de outra espécie de eucalipto (*Eucalyptus viminalis* Labill.); outro enorme eucalipto (*Eucalyptus cornuta* Labill.) no canto junto à confluência da Alameda Júlio Henriques com os Arcos do Jardim e, muito próximo deste, o eucalipto de maior diâmetro do Jardim (*Eucalyptus globulus* Labill.); os belíssimos, odoríferos e altos eucaliptos de casca cinzenta e com cheiro a limonete (*Eucalyptus citriodora* Hook.); a grande variedade e número de araucárias [*Araucaria bidwillii* Hook., *Araucaria hetrophylla* (Salisb.) Franco, *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze, *Araucaria cunninghamii* D. Don, *Araucaria columnaris* (G. Forst.) Hook. e a *Araucaria araucana* (Molina) K. Koch]; a valiosa coleção de coníferas, particularmente plantadas no socalco mais alto ajardinado, paralelo à Alameda Júlio Henriques e que conferem uma extraordinária beleza ao Jardim, entre as quais se encontra o teixo (*Taxus baccata* L.), planta produtora de uma substância química (taxina) da qual se sintetizam medicamentos (taxol, taxitere, etc.) de extraordinária relevância no tratamento de cânceros do aparelho genital humano; as enormes estrelíztias arbóreas (*Strelitzia nicolai* Reg. & Körn) do recanto tropical; os vários exemplares do “fóssil vivo” *Ginkgo biloba* L. (duas, uma de cada lado, ladeiam a estátua de Brotero, junto ao Portão Principal), de onde se extraem substâncias de grande eficácia sobre a microcirculação cerebral e periférica; os enormes exemplares de palmeiras, entre as quais destacamos, pela raridade e enorme biomassa a

The first area is open to the public and is the more formal zone, consisting of several terraces. The so-called *Quadrado Grande* (Large Square), which is the oldest part of the Garden, is on the lower terrace. There are three large trees here that date from the earliest days of the Garden, when Félix de Avellar Brotero (1744-1828) was its director (1791-1811), that is, about 200 years ago. They are the *Cunninghamia lanceolata* (Lamb.) Hook. f., the *Cryptomeria japonica* D. Don and the *Erythrina crista-galli* L. What is more, they are in fine condition and so constitute a truly precious biological asset of the University. There are other century-old trees and still others of enormous biomass volume in this area of the garden, including the following: a two-hundred year old specimen of *Cupressus macrocarpa* Hartw. ex Gordon, close to the refectory; a splendid sequoia [*Sequoia sempervirens* (D. Don) Endl.] just inside the main gate; the tallest eucalyptus (ca. 50 m) with the largest biomass in the Garden (*Eucalyptus obliqua* L’Hér.), at the side of the steps leading to the gate of the Seminary; and, on the other side of these steps, an exceptional example of another eucalyptus (*Eucalyptus viminalis* Labill.); another huge eucalyptus (*Eucalyptus cornuta* Labill.) in the corner next to the junction of Alameda Júlio Henriques and the Aqueduct (Arcos do Jardim) and, very close to it, the eucalyptus with the largest diameter of all those in the Garden (*Eucalyptus globulus* Labill.); several beautiful, aromatic and tall eucalyptus trees with grey bark and a scent of lemon verbena (*Eucalyptus citriodora* Hook.); a huge variety and number of araucarias [*Araucaria bidwillii* Hook., *Araucaria hetrophylla* (Salisb.) Franco, *Araucaria angustifolia* (Bertol.) Kuntze, *Araucaria cunninghamii* D. Don, *Araucaria columnaris* (G. Forst.) Hook. and the *Araucaria araucana* (Molina) K. Koch]; a valuable collection of conifers, particularly those on the highest terrace of the landscaped area parallel to Alameda Júlio Henriques, which make the Garden especially lovely, and among which we find the yew (*Taxus baccata* L.), which produces a chemical (taxine) used to produce drugs (taxol, taxotere, etc.) of immense relevance in the treatment of cancers of the genital tract; the enormous arboreal strelitzias (*Strelitzia nicolai* Regel & Körn) in the tropical corner; several specimens of the “living fossil” *Ginkgo biloba* L. (two of them are near the main gate, on either side of the statue of Brotero), extracts of which have an effect on peripheral and cerebral microcirculation; several huge palm trees, among which the very rare Chilean wine palm [*Jubaea chilensis* (Molina) Baill.] stands out; skyscraping Washington fan palms [*Washingtonia robusta* H. Wendl. and *Washingtonia filifera* (Lindl. ex André) H. Wendl.], edible coconut palms from Brazil [*Butia capitata* (Mart.) Becc. and *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc.], Australian palms [*Archontophoenix cunninghamiana* H. Wendl. and *Livistona australis* (R. Br.) Mart.], the queen palm from Brazil [*Syagrus*



palmeira-do-chile [*Jubaea chilensis* (Molina) Baill.]; as altíssimas palmeiras americanas [*Washingtonia robusta* H. Wendl. e *Washingtonia filifera* (Lindl. ex André) H. Wendl.], as brasileiras e de cocos comestíveis [*Butia capitata* (Mart.) Becc. e *Butia eriospatha* (Mart. ex Drude) Becc.], as palmeiras australianas [*Archontophoenix cunninghamiana* H. Wendl. e *Livistona australis* (R. Br.) Mart.], a palmeira-real do Brasil [*Syagrus romanzoffianum* (Cham.) Glassm.], a palmeira das Canárias (*Phoenix canariensis* Hort. ex Chabaud), a tamareira (*Phoenix dactylifera* L.) e os altos exemplares da nossa única espécie de palmeira nativa (Algarve), a palmeira-das-vassouras (*Chamaeropsis humilis* L.); o frondoso exemplar do raro castanheiro-do-canadá [*Aesculus californica* (Spach) Nutt.], junto à palmeira-do-chile; o raro pinheiro-da-áfrica-do-sul [*Afrocarpus falcata* (Thunb.) Page], junto ao muro, cerca dos laboratórios; o tulipeiro-da-argélia (*Liriodendron tulipifera* L.) em frente do Portão Principal, mais conhecidos em Coimbra como as árvores-do-ponto, pois, “*in illo tempore*” (quando as disciplinas eram anuais), tradicionalmente, os estudantes só começavam a estudar para os pontos dos exames finais da época de Junho, quando a árvore-do-ponto floria; o volumoso exemplar da figueira-da-austrália (*Ficus*

romanzoffianum (Cham.) Glassm.], the Canary Island date palm (*Phoenix canariensis* Hort. ex Chabaud), the date palm (*Phoenix dactylifera* L.) and tall specimens of Portugal's only native palm species (Algarve), the fan palm (*Chamaeropsis humilis* L.); a leafy example of the rare California horse-chestnut [*Aesculus californica* (Spach) Nutt.], next to the Chilean wine palm; the rare Outeniqua yellowwood [*Afrocarpus falcata* (Thunb.) Page], beside the wall, near the laboratories; the tulip tree (*Liriodendron tulipifera* L.) in front of the main entrance, better known in Coimbra as the *árvore-do-ponto*, since *in illo tempore* (when courses lasted a full year), the students would traditionally begin to study for their final exams (*pontos*) in June, when the tulip tree was in flower; the sprawling Moreton Bay fig (*Ficus macrophylla* Desf. ex Pers.), the tree with maybe the largest biomass volume in the Garden, infelicitously planted close to the large hothouse; a fine collection of Japanese and American maples in the Large Square [*Acer palmarum* Thunb. and *Acer japonicum* Thunb. (Japanese); *Acer negundo* L. and *Acer macrophyllum* Pursh (American), and their cultivars] and the huge specimens of oleander (*Nerium oleander* L.) in this square, which are so important in cleaning the air of pollution from vehicle exhausts since it accumulates

macrophylla Desf. ex Pers.), talvez a árvore de maior volume de biomassa do Jardim, infelizmente plantado junto à estufa-grande; a lindíssima coleção de áceres japoneses e americanos do Quadrado Grande [*Acer palmarum* Thunb. e *Acer japonicum* Thunb. (japoneses); *Acer negundo* L. e *Acer macrophyllum* Pursh (americanos), assim como os respectivos cultivares] e os enormes exemplares da sevadilha (*Nerium oleander* L.) que estão neste quadrado e que são tão importantes na despoluição do ar provocada pelos vapores dos escapes dos automóveis, pois é uma planta plumbio-acumuladora; as frondosas tileiras (*Tilia x vulgaris* Hayne) da Avenida das Tílias, assim como outros belos exemplares de outras espécies de tileiras (*Tilia x euchlora* K. Koch, *Tilia platyphyllos* Scop. e *Tilia tomentosa* Moench); e, para finalizar esta área, os belos exemplares da sumaomeira (*Chorisia speciosa* A. St.-Hil.), a odorífica oliveira-do-japão (*Osmanthus fragrans* Lour.), descrita pelo Padre Jesuíta João de Loureiro (1717-1791), a bonita Malvacea arbórea da Austrália [*Lagunaria patersonii* (Andersson) G. Don], a frondosa Solanácea arbórea do Chile (*Fabiana imbricata* Ruiz & Pav.) e da rara escrofulariácea arbórea do Sudoeste da China [*Paulownia tomentosa* (Thunb.) Steud.].

Nesta parte do Jardim, situam-se as estufas, onde se cultivam plantas raríssimas, como o maior nenúfar do Pantanal, a *Victoria cruziana* Orb., na estufa pequena; uma ótima coleção de plantas “carnívoras”, orquídeas tropicais epífitas ou trepadeiras, como a baunilha (*Vanilla planifolia* Andrews); plantas úteis tropicais como cafeeiros (*Coffea arabica* L.), bananeiras (*Musa x paradisiaca* L.), abacateiros (*Persea americana* Mill.), anoneiras (*Annona cherimolia* Mill.), cana-do-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) e o papiro (*Cyperus papyrus* L.); uma variada coleção de fetos, sendo alguns arbóreos, e outras plantas extraordinariamente raras, como a cicas da Micronésia, Madagáscar e África Oriental (*Cycas rumphii* Miq.) na estufa grande e, finalmente, a bela coleção da estufa fria, com enormes exemplares de uma liana das florestas tropicais da América Central (*Monstera deliciosa* Liebm.), produtora de frutos deliciosíssimos.

A Mata, que ocupa maioritariamente a parte inferior do Vale das Ursulinas, é constituída por um riquíssimo arboreto, com uma grande variedade de eucaliptos. Aliás, além das várias dezenas de eucaliptos espalhados por toda a Mata e parte ajardinada, o Jardim Botânico de Coimbra é muito rico e diversificado em plantas australianas, pois o Prof. Júlio Augusto Henriques (1838-1928), enquanto Director do Jardim (1873-1918), correspondia-se com o Barão Ferdinand Jacob Heinrich von Müller (1825-1896), Director do Jardim Botânico de Melbourne, que lhe enviava muitas sementes de plantas australianas. Assim, na Mata e no Jardim, além de várias espécies de eucaliptos, alguns de grande porte

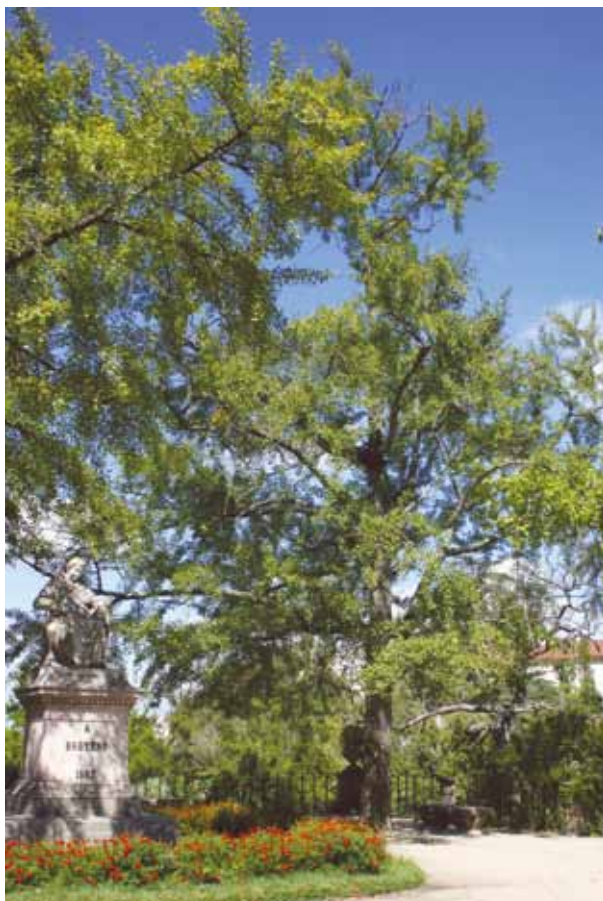
lead; leafy lime trees (*Tilia x vulgaris* Hayne) on the Avenida das Tílias (Lime Avenue), and some fine examples of other species (*Tilia x euchlora* K. Koch, *Tilia platyphyllos* Scop. and *Tilia tomentosa* Moench); and, coming to the end of this area, the lovely silk floss trees (*Chorisia speciosa* A. St.-Hil.), the fragrant sweet olive (*Osmanthus fragrans* Lour.), described by the Jesuit priest João de Loureiro (1717-1791), the pretty primrose (or cow-itch) tree from Australia [*Lagunaria patersonii* (Andersson) G. Don], the leafy medicinal shrub from Chile (*Fabiana imbricata* Ruiz & Pav.), and the unusual princess tree from southwest China [*Paulownia tomentosa* (Thunb.) Steud.].

The greenhouses are in this part of the Garden, for the cultivation of very rare plants such as the giant water-lily from Pantanal (Brazil), *Victoria cruziana* Orb., in the small hothouse; a wonderful collection of “carnivorous” plants, epiphyte or creeping tropical orchids like vanilla (*Vanilla planifolia* Andrews); useful tropical plants like coffee (*Coffea arabica* L.), banana (*Musa x paradisiaca* L.), avocado pear (*Persea americana* Mill.), custard apple (*Annona cherimolia* Mill.), sugar cane (*Saccharum officinarum* L.) and papyrus sedge (*Cyperus papyrus* L.); a varied collection of ferns, some of which are arboreal, and other extremely rare plants, like the cycads from Micronesia (*Cycas rumphii* Miq.) in the large hothouse and, finally, the fine collection in the shade house with gigantic specimens of a creeper from the tropical forests of Central America (*Monstera deliciosa* Liebm.), which produces delicious fruit.

The woods, which occupy most of the lower part of the Valley of Ursulinas, are a magnificent arboretum in which there is a great variety of eucalyptus. In addition to the several dozens of eucalyptus scattered around the woods and the landscaped areas, Coimbra’s Botanical Garden has a rich variety of Australian plants, since when Prof. Júlio Augusto Henriques (1838-1928) was director of the Garden (1873-1918), he corresponded with Baron Ferdinand Jacob Heinrich von Müller (1825-1896) who was director of the Melbourne Botanical Garden and who sent him a great many Australian seeds and plants. In the woods and gardens, therefore, besides the various species of eucalyptus, some of which are very big indeed [e.g. *Eucalyptus camaldulensis* Dehnh., *Eucalyptus calophylla* R. Br. ex Lindl., *Eucalyptus crebra* F. Muell., *Eucalyptus euginioides* Sieber ex Spreng., *Eucalyptus goniocalyx* F. Muell. ex . Miq., *Eucalyptus maculata* Hook., *Eucalyptus paniculata* Smith., *Eucalyptus viminalis* Labill., etc.], and others in the public part and already mentioned, there are many other Australian plants, such as acacias [*Acacia auriculiformis* Cunn. ex Benth., *Acacia cultriformis* Cunn. ex G. Don, *Acacia melanoxylon* R. Br., *Acacia retinodes* Schldl. and *Acacia saligna* (Labill.) H. Wendl.]. In addition, we have some African acacias in the woods [*Acacia brevispica* Harms, *Acacia*



Ginkgo biloba, Jardim Botânico, FF, 2009
Ginkgo biloba, Botanical Garden, FF, 2009



Ficus macrophylla, Jardim Botânico, FF, 2009
Ficus macrophylla, Botanical Garden, FF, 2009



[ex.: *Eucalyptus camaldulensis* Dehnh., *Eucalyptus calophylla* R. Br. ex Lindl., *Eucalyptus crebra* F. Muell., *Eucalyptus euginioides* Sieber ex Spreng., *Eucalyptus goniocalyx* F. Muell. ex. Miq., *Eucalyptus maculata* Hook., *Eucalyptus paniculata* Smith., *Eucalyptus viminalis* Labill., etc.] e outros na parte pública e já mencionados, existem muitas plantas australianas, algumas já referidas, como as acácias australianas [*Acacia auriculiformis* Cunn. ex Benth., *Acacia cultriformis* Cunn. ex G. Don, *Acacia melanoxylon* R. Br., *Acacia retinodes* Schldl. e *Acacia saligna* (Labill.) H. Wendl.]. Além destas acácias há também na Mata acácias africanas [*Acacia brevispica* Harms, *Acacia farnesiana* (L.) Willd. e *Acacia karroo* Hayne]. Ainda na Mata, além das plantas australianas já citadas e outras [*Brachychiton populneus* (Schott & Endl.) R. Br., *Pittosporum phillyreoides* DC., *Casuarina equisetifolia* Forst. & Forst. f.], existem muitas árvores de outras regiões do Globo, algumas de porte excepcional, como alguns pinheiros [o pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.), o pinheiro-das-canárias (*Pinus canariensis* C. Sm.), o pinheiro-de-montezuma (*Pinus montzuma* Hort.), o pinheiro-de-monterey (*Pinus radiata* D. Don) e o pinheiro-de-halepo (*Pinus halepensis* Mill.), outras raras, como o carvalho-urso (*Quercus imbricaria* Michx.), o *Podocarpus nerifolius* D. Don, da Ásia, o *Schinus longifolius* (Lindl.) Speg. da América do Sul, o *Afrocarpus mannii* (Hook. f.) Page, uma árvore endêmica do Pico da Ilha de São

farnesiana (L.) Willd. and *Acacia karroo* Hayne]. Also in the woods, besides the Australian plants already listed and others [*Brachychiton populneus* (Schott & Endl.) R. Br., *Pittosporum phillyreoides* DC., *Casuarina equisetifolia* Forst. & Forst. f.], there are many trees from around the globe, some of exceptional size, like a number of pines [the stone pine (*Pinus pinea* L.), the Canary Island pine (*Pinus canariensis* C. Sm.), the Montezuma pine (*Pinus montzuma* Hort.), the Monterey pine (*Pinus radiata* D. Don) and the Aleppo pine (*Pinus halepensis* Mill.), others unusual like the shingle oak (*Quercus imbricaria* Michx.), the thong tree *Podocarpus nerifolius* D. Don, from Asia, the *Schinus longifolius* (Lindl.) Speg. from South America, the *Afrocarpus mannii* (Hook. f.) Page, a tree endemic from Pico on the Island of São Tomé, the *Hovenia dulcis* Thunb. from East Asia, the bottle brush [*Firmiana simplex* (L.) W. Wight], the rare papaya *Carica quercifolia* Benth. & Hook. ex Hieron. and, to conclude, the Brazilian cherry and boxleaf stopper (*Eugenia uniflora* L. *Eugenia foetida* Pers.).

But the Botanical Garden is also home to a great many animals, such as red squirrels (*Sciurus vulgaris* L.), moles (*Talpa europaea* L.), bats, and small rodents; a fox (*Vulpes vulpes* L.), a weasel (*Mustela nivalis*) and wild rabbits (*Oryctolagus cuniculus* L.) have been spotted; and there are of course a great many birds. Of the four dozen or so birds observed,

Tomé, a *Hovenia dulcis* Thunb. da Ásia Oriental, a árvore-garrafa [*Firmiana simplex* (L.) W. Wight], a rara papaia *Carica quercifolia* Benth. & Hook. ex Hieron. e, para finalizar, as pitangas (*Eugenia uniflora* L. *Eugenia foetida* Pers.).

Além deste Patrimônio Vegetal, no Jardim Botânico habitam muitos animais, como os esquilos europeus (*Sciurus vulgaris* L.), toupeiras (*Talpa europaea* L.), morcegos, pequenos roedores, tendo já sido vista uma raposa (*Vulpes vulpes* L.), uma doninha (*Mustela nivalis*), coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus* L.) e muitas aves. Das cerca de quatro dezenas de aves assinaladas, umas são sedentárias, outras invernantes e algumas nidificantes. Muitas delas são comuns, como, por exemplo, o melro (*Turdus merula* L.), o pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula* L.), as alvéolas [2 espécies, a alvéola-cinzenta (*Motacilla cinerea* Tunst.) e a alvéola-branca (*Motacilla alba* L.)], os chapins [4 espécies, o chapim-real (*Parus major* L.), o chapim-azul (*Parus caeruleus* L.), o chapim-preto (*Parus ater* L.), o chapim-rabilongo (*Aegithalos caudatus* L.)], as andorinhas [3 espécies, a andorinha-das-rochas (*Hirundo rupestris* Scop.), a andorinha-das-chaminés (*Hirundo rustica* L.) e a andorinha-dos-beiras (*Delichon urbica* L.)] e, como não podia deixar

some are resident, others are winter visitors and some nest there. A lot of them are common, like the blackbird (*Turdus merula* L.), robin (*Erithacus rubecula* L.), wagtails [2 species, the grey wagtail (*Motacilla cinerea* Tunst.) and white wagtail (*Motacilla alba* L.)], tits [4 species, the great tit (*Parus major* L.), blue tit (*Parus caeruleus* L.), coal tit (*Parus ater* L.), and long-tailed tit (*Aegithalos caudatus* L.)], swifts [3 species, the crag martin (*Hirundo rupestris* Scop.), swallow (*Hirundo rustica* L.) and house martin (*Delichon urbica* L.)], and we must not forget the house sparrows (*Passer domesticus* L.). Some rare and protected species live in the Botanical Garden, too; among them are nocturnal raptors [eagle owl (*Bubo bubo* L.); tawny owl (*Strix aluco* L.); barn owl (*Tyto alba* Scop.)], daytime raptor [black kite (*Milvus migrans* Bodd.)], wood pigeon (*Columba palumbus* L.); grey heron (*Alcedo athys* L.); jay (*Garrulus glandarius* L.); hawfinch (*Coccothraustes coccothraustes* L.) and, finally, the extremely rare bullfinch (*Pyrrhula pyrrhula* L.); in addition, red-legged partridges (*Alectoris rufa* L.) have been spotted in the nurseries. There are also amphibians – frogs, toads and newts – and reptiles [lizards and snakes, including the huge ladder snake (*Elaphe scalaris* Schinz)].



de ser, os pardais (*Passer domesticus* L.). Algumas das que habitam o Jardim Botânico, são espécies raras e protegidas, como as rapinas nocturnas [búfo-real (*Bubo bubo* L.); coruja-do-mato (*Strix aluco* L.); coruja-das-torres (*Tyto alba* Scop.)], a rapina diurna [milhafre-preto (*Milvus migrans* Bodd.)], o pombo-torcaz (*Columba palumbus* L.); o guarda-rios (*Alcedo atthis* L.); o gaio (*Garrulus glandarius* L.); o bico-grossudo (*Coccothraustes coccothraustes* L.) e, para finalizar, o raríssimo dom-fafe (*Pyrrhula pyrrhula* L.), tendo já sido vistas, nos viveiros, perdizes (*Alectoris rufa* L.).

Além destes animais, há também anfíbios (rãs, sapos e salamandras) e répteis [lagartos e cobras, entre as quais, a enorme cobra-escada (*Elaphe scalaris* Schinz)].

Além deste património Biológico do Jardim Botânico, dentro do espaço universitário há a assinalar um enorme exemplar de canforeira [*Cinnamomum camphora* (L.) Sieb.], no jardim do Instituto de Coimbra (a integrar, futuramente, na Faculdade de Direito); o grande exemplar de uma cica feminina (*Cycas revoluta* Thunb.) no átrio da entrada da Faculdade de Farmácia; grandes exemplares de

In addition to the biological wealth of the Botanical Garden, property held by the university accommodates a huge specimen of a camphor tree [*Cinnamomum camphora* (L.) Sieb.], in the gardens of the Coimbra Institute (which in the future will be incorporated into the Faculty of Law); a large example of a sago cycad (or sago palm) (*Cycas revoluta* Thunb.) in the courtyard of the Faculty of Pharmacy; huge Mexican cypress trees (*Cupressus lusitanica* Mill.) and a beautiful date palm (*Phoenix dactylifera* L.) in the gardens of the Geophysics Institute; the arboretum of the Astronomy Observatory, where the Mexican cypress predominates, along with the Aleppo pine (*Pinus halepensis* Mill.) and large specimens of the stone pine (*Pinus pinea* L.), while in terms of shrubs and undergrowth it is rich in red (or sea) squills [*Urginea maritima* (L.) Bak.], whose bulb yields an excellent heart stimulant; the dendrology heritage of Campus II, with some majestic stone pines (*Pinus pinea* L.), Mexican pines (*Cupressus lusitanica* Mill.) and plenty of cork oaks (*Quercus suber* L.); and, to round off, the park area around the Estate of S. Marcos (±17 ha.), with an avenue of splendid London plane trees (*Platanus x hispanica* Münchh) leading from the main gate of the Estate; there are other trees, too, some planted recently

cedro-do-bussaco (*Cupressus lusitanica* Mill.) e uma bela tamareira (*Phoenix dactylifera* L.) no jardim do Instituto Geofísico; o arboreto do Observatório Astronômico, onde predomina o cedro-do-bussaco (*Cupressus lusitanica* Mill.), o pinheiro-de-alepo (*Pinus halepensis* Mill.) e grandes exemplares de pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.), sendo o estrato herbáceo muito rico em cebola-albarrã [*Urginea maritima* (L.) Bak.], de cujo bolbo se extrai um excelente tonificante cardíaco; o patrimônio dendrológico da área verde do Polo II, com alguns exemplares majestosos de pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.), de cedro-do-bussaco (*Cupressus lusitanica* Mill.) e muitos sobreiros (*Quercus suber* L.); e, para finalizar, a grande área verde da Quinta de S. Marcos (±17 ha.), com uma área de volumosos plátanos (*Platanus x hispanica* Münchh) logo à entrada da Quinta, tendo também outras árvores, algumas de introdução recente e outras que já ali vegetam há muitos anos, como grande quantidade de cedro-do-bussaco (*Cupressus lusitanica* Mill.), pinheiro-bravo (*Pinus pinaster* Ait.), pinheiro-manso (*Pinus pinea* L.) e alguns freixos (*Fraxinus angustifolia* Vahl) e carvalho-cerquinho (*Quercus faginea* Lam.).

É evidente que, em toda esta área verde do Polo II e da Quinta de S. Marcos, vive uma diversa e numerosa comunidade animal semelhante à que habita o Jardim Botânico. Como não é de estranhar, na Quinta de S. Marcos, não só há muito mais aves, como coelhos-bravos (*Oryctolagus cuniculus* L.) e raposas (*Vulpes vulpes* L.). Além disso, nesta quinta há veados (*Cervus elaphus* L.), embora introduzidos.

and others established there for many years, with a lot of Mexican cypresses (*Cupressus lusitanica* Mill.), maritime pines (*Pinus pinaster* Ait.), stone pines (*Pinus pinea* L.) and some ash trees (*Fraxinus angustifolia* Vahl) and Portuguese oaks (*Quercus faginea* Lam.).

The large green areas of Campus II and the Estate of S. Marcos are, of course, inhabited by a varied and numerous animal community, similar to that found in the Botanical Garden. And unsurprisingly there are not only many more birds in S. Marcos, but also plenty of rabbits (*Oryctolagus cuniculus* L.) and foxes (*Vulpes vulpes* L.) too. A herd of red deer (*Cervus elaphus* L.) also roam the grounds of the estate, though these have been introduced.



Erythrina crista-galli L., Jardim Botânico, FF, 2009
Erythrina crista-galli L., Botanical Garden, FF, 2009





Vista da cidade, LFA, 2006
View of the city, LFA, 2006





Ficha técnica

Copyright Information

Coordenação do Volume Volume Editors	Cátia Marques Nuno Ribeiro Lopes Sandra Pinto
Autoria Authors	Amândio Coxito António Filipe Pimentel António Resende de Oliveira António Nunes Artur Ribeiro Clarinda Maia Fernando Seabra Santos Fernando Taveira da Fonseca Helena Freitas Joana Brites Jorge Cravo Jorge Paiva José Carlos Seabra Pereira Luís Reis Torgal Milton Pacheco Nuno Ribeiro Lopes Paulo Peixoto Walter Rossa
Fotografia Photography	Emanuel Brás (EB) Filipe Jorge (FJ) José Meneses (JM) Luís Ferreira Alves (LFA) Manuel Ribeiro (MR) Nuno Fevereiro (NF) Pedro Medeiros (PM) Gabinete de Candidatura à UNESCO: UNESCO Nomination Office: Cátia Marques (CM) Filipa Figueiredo (FF) Joana Abrantes (JA) Sandra Pinto (SP) Rogério Figueira (RF)
Design gráfico Graphic Design	Mário Oliveira
Revisão científica Scientific revision	Sebastião Tavares de Pinho
Tradução Translation	Centro de Línguas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Revisão e secretariado executivo Copyediting and editorial assistance	Cátia Marques Cátia Santos João Marujo Sandra Pinto
Edição Published by	Universidade de Coimbra

Créditos de Imagens
Image Credits

Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC) | Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) | Gabinete de Candidatura à UNESCO da Universidade de Coimbra (GCU) | Gabinete de Comunicação e Identidade da Universidade de Coimbra (GCI) | Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR) | Instituto Nacional de Museus – Museu Nacional Machado de Castro (MNMC) | Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC) | Serviço de Documentação da Força Aérea – Arquivo Histórico (FAP) | Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV)

Impressão
Produced at

Milideias, Lda.

Agradecimentos
Acknowledgments

Dr. Alexandre Ramires | Professor Doutor Alfredo Rasteiro | Professor Doutor Amadeu Carvalho Homem | Doutor Aníbal Frias | Professor Doutor Décio Ruivo Martins | Professor Doutor Fernando Catroga | Professor Doutor João Paulo Avelãs Nunes | Professor Doutor Luís Reis Torgal | Professor Doutor Mário Alberto Pedrosa Reis Marques | Professor Doutor Walter Rossa | Arquivo da Universidade de Coimbra | Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra | Gabinete de Comunicação e Identidade da Universidade de Coimbra | Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico | Instituto Nacional de Museus – Museu Nacional Machado de Castro (MNMC) | Museu da Ciência da Universidade de Coimbra | Serviço de Documentação da Força Aérea – Arquivo Histórico | Teatro Académico de Gil Vicente

